

MEMÓRIAS FORMATIVAS

UM PERCURSO AUTOBIOGRÁFICO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nednaldo Dantas dos Santos
Sayonara Fernandes da Silva
Maria Tereza Penha de Araújo Silva
Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral
(Organizadores)



MEMÓRIAS FORMATIVAS

Um percurso autobiográfico no processo de formação de professores

1ª EDIÇÃO

Nednaldo Dantas dos Santos
Sayonara Fernandes da Silva
Maria Tereza Penha de Araújo Silva
Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral
(Organizadores)

DOI: http://dx.doi.org/10.47538/AC-2024.39

ISBN: 978-6-58992-894-2

Ano 2025



MEMÓRIAS FORMATIVAS

Um percurso autobiográfico no processo de formação de professores

1ª EDIÇÃO

Catalogação da publicação na fonte

Memórias Formativas: Um percurso autobiográfico no processo de formação de professores/ Organização de Nednaldo Dantas dos Santos … [et al.], organizadores. ─ 1. ed. ─ Natal : Editora Amplamente, 2024.
PDF.
Bibliografia.
ISBN: 978-65-89928-94-2
DOI: http://dx.doi.org/10.47538/AC-2024.39

1. Memorial. 2. Formação. 3. Professores. 4. Licenciatura I. Silva, Sayonara Fernandes da. II. Silva, Maria Tereza Penha de Araújo. III. Cabral, Elisângela Ribeiro de Oliveira.

CDU 37(813.2)
P474

Elaborada por Mônica Karina Santos Reis CRB-15/393
Direitos para esta edição cedidos pelos autores à Editora Amplamente.

Editora Amplamente
Empresarial Amplamente Ltda.
CNPJ: 35.719.570/0001-10
E-mail: publicacoes@editoraamplamente.com.br
www.amplamentecursos.com
Telefone: (84) 999707-2900
Caixa Postal: 3402
CEP: 59082-971
Natal- Rio Grande do Norte – Brasil

Copyright do Texto © 2024 Os autores
Copyright da Edição © 2024 Editora Amplamente
Declaração dos autores/ Declaração da Editora: disponível em
https://www.amplamentecursos.com/politicas-editoriais

Editora-Chefe: Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas
Assistentes Editoriais: Caroline Rodrigues de F. Fernandes; Margarete Freitas Baptista
Bibliotecária: Mônica Karina Santos Reis CRB-15/393
Projeto Gráfico, Edição de Arte e Diagramação: Luciano Luan Gomes Paiva; Caroline Rodrigues de F. Fernandes
Capa: Canva®/Freepik®
Parecer e Revisão por pares: Revisores

Secretária de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer: Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro da Silva Batista
Diretora Geral do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy: Profª Dra. Márcia Maria Alves de Assis
Coordenadora Pedagógica: Profª Ma. Ilsa Fernandes de Queiróz
Coordenador Administrativo: Prof. Dr. José Paulino Filho
Comissão Organizadora do e-book: Dr. Nednaldo Dantas dos Santos; Dra. Sayonara Fernandes da Silva; Ma. Maria Tereza Penha de Araújo Silva e Ma. Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral

NOTA DOS ORGANIZADORES: Todos os textos publicados neste e-book foram reproduzidos de cópias fornecidas pelos autores. O conteúdo dos mesmos é de exclusiva responsabilidade de seus autores. Os organizadores não se responsabilizam por consequências decorrentes de uso de quaisquer dados, afirmações e opiniões inexatas (ou que conduzam a erros) publicados neste e-book.

Creative Commons. Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC-BY-NC-ND

Ano 2025



CONSELHO EDITORIAL

Dra. Andreia Rodrigues de Andrade
Dra. Camila de Freitas Moraes
Ms. Caroline Rodrigues de Freitas Fernandes
Dra. Claudia Maria Pinto da Costa
Dr. Damião Carlos Freires de Azevedo
Me. Danilo Sobral de Oliveira
Dra. Danyelle Andrade Mota
Dra. Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas
Dra. Elane da Silva Barbosa
Dra. Eliana Campêlo Lago
Dr. Elias Rocha Gonçalves
Dr. Everaldo Nery de Andrade
Dra. Fernanda Miguel de Andrade
Dr. Izael Oliveira Silva
Me. Luciano Luan Gomes Paiva
Dra. Mariana Amaral Terra
Dr. Máximo Luiz Veríssimo de Melo
Dra. Mayana Matildes da Silva Souza
Dr. Maykon dos Santos Marinho
Dr. Milson dos Santos Barbosa
Dra. Mônica Aparecida Bortoletti
Dra. Mônica Karina Santos Reis
Dr. Raimundo Alexandre Tavares de Lima
Dr. Romulo Alves de Oliveira
Dra. Rosangela Couras Del Vecchio
Dra. Smalyanna Sgren da Costa Andrade
Dra. Viviane Cristhyne Bini Conte
Dr. Wanderley Azevedo de Brito
Dr. Weberson Ferreira Dias

CONSELHO TÉCNICO CIENTÍFICO

Ma. Ana Claudia Silva Lima
Me. Carlos Eduardo Krüger
Ma. Carolina Pessoa Wanderley
Ma. Daniele Eduardo Rocha
Me. Francisco Odécio Sales
Me. Fydel Souza Santiago
Me. Gilvan da Silva Ferreira
Ma. Iany Bessa da Silva Menezes
Me. João Antônio de Sousa Lira
Me. José Flôr de Medeiros Júnior
Me. José Henrique de Lacerda Furtado
Ma. Josicleide de Oliveira Freire
Ma. Luana Mayara de Souza Brandão
Ma. Luma Mirely de Souza Brandão
Me. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa
Me. Márcio Bonini Notari
Ma. Maria Antônia Ramos Costa
Me. Maria Aurélia da Silveira Assoni
Ma. Maria Inês Branquinho da Costa Neves
Ma. Maria Vandia Guedes Lima
Me. Marlon Nunes Silva
Me. Paulo Roberto Meloni Monteiro Bressan
Ma. Sandy Aparecida Pereira
Ma. Sirlei de Melo Milani
Me. Vanilo Cunha de Carvalho Filho
Ma. Viviane Cordeiro de Queiroz
Me. Wildeson de Sousa Caetano
Me. William Roslindo Paranhos

EDITORA AMPLAMENTE

Ano 2025



PREFÁCIO

Nos últimos trinta anos experimentamos e sistematizamos nos cursos de graduação do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), denominado Memorial de Formação. Inventamos esse formato de trabalho sob a orientação do professor francês Michel Brault, que nos idos dos anos 90 nos assessorou na criação do então Instituto de Formação de Professores Presidente Kennedy, criado, dentre outros objetivos, na tentativa de 'sanar' uma defasagem existente, à época, na rede pública de ensino, na qual muitos de seus professores e professoras não possuíam curso superior para exercerem à docência. Estava em construção uma nova legislação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96, que trazia em seu artigo Art. 62 a indicação de que a partir de então o curso superior passaria a ser exigência prioritária para se lecionar na Educação Básica.

Desafio posto, caímos em campo para a criação de um curso que habilitasse os docentes da rede pública estadual para exercerem uma ação docente em uma perspectiva crítica e reflexiva, na qual as suas práticas pedagógicas seriam referência em seus processos formativos. Criado o projeto pedagógico do curso, que incluía como TCC o Memorial de Formação, era hora de arregaçar as mangas e aprendermos junto com quem ensinaríamos.

No tocante ao Memorial de Formação, recorte que aqui faço ao prefaciar esta coletânea, tratava-se naquele momento de um gênero textual inédito, especialmente como TCC de curso de graduação. Nele, aqueles que realizavam seu curso superior em Pedagogia, deveriam refletir acerca de seu próprio processo de formação. As experiências vivenciadas, as descobertas, a ressignificação do seu próprio fazer nos aspectos pessoal e profissional.

Naquele momento não tínhamos referências teóricas acerca daquele tipo de trabalho que estávamos ousando fazer. Sim, aquele era um ato de ousadia. Gerar algo novo no mundo arcaico e tradicional do ensino superior é um gigantesco ato de ousadia, ou, por que não dizer, de rebeldia.



O Memorial, como estávamos gerando, era transgressor. Transgredia as normas pré-estabelecidas de um Trabalho de Conclusão de Curso em cursos de licenciatura. O que já existia, que mais se aproximava e, talvez, só no nome, era o memorial acadêmico, esse sim, velho amigo e companheiro do mundo acadêmico. Portanto, fomos buscar no livro Metamemória, Memórias: travessia de uma educadora de Magda Soares algo que nos servisse de farol. Entretanto, também não era aquilo que queríamos.

No início, o Memorial de Formação poderia trazer as reflexões realizadas pelos professores e pelas professoras, sempre de forma narrativa e reflexiva, por meio de vários gêneros, tais como em verso, em prosa, ou como mais se quisesse escrever, como é possível encontrar nos arquivos de nossa biblioteca. Não existia, naquele momento uma fôrma, um formato linear, ele era o retrato de uma educação transdisciplinar, envolvia ciência, arte, sentimentos e emoções, de forma livre, não engessado.

Com o passar do tempo essa liberdade passou a incomodar demais, era preciso por na fôrma, enquadrar o Memorial de Formação. Regras, padrões, rigidez passaram a imperar, era preciso tornar esse texto ‘decente’. Como era possível tamanha liberdade por parte de um trabalho acadêmico, sério?

A jovialidade já não existia, o romantismo também não. No nosso mundo acadêmico impera a formalidade sisuda para dar mais ‘robustez’ a produção. Isso é realmente necessário? Não é possível existir uma forma menos cartesiana de se contar uma história de vida em formação?

Bem, o fato é que com todas essas mudanças, o valor formativo do Memorial de Formação, como coroamento dos cursos de licenciatura do IFESP, é inegável, uma vez que provoca em quem escreve, muitas vezes, verdadeira catarse, um autodescobrir-se, um auto entender-se, um auto revelar-se. Um mergulho em seu próprio processo de existir.

Assim sendo, convido o caro leitor a se deleitar em alguns Memoriais de Formação desses novos tempos com a compreensão de que aqui estão recortes feitos por pessoas que se permitiram desnudar-se e expor fatos significativos do seu existir. A essas pessoas somos gratos pelas aprendizagens contidas em seus escritos.

Profª. Ma. Tereza Cristina Bernardo da Câmara



SUMÁRIO

A METAMORFOSE DO PROCESSO PEDAGÓGICO PARA A VIDA: UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO 9
Senhorinha Barbosa do Nascimento Pessoa
Nednaldo Dantas dos Santos

A PROFESSORA DE ONTEM E A PROFESSORA DE HOJE: DIÁLOGO ENTRE A BIOLOGIA E A PEDAGOGIA 32
Ana Katarina Nascimento de Azevedo
Rafael da Silva Pereira Roseno

DE UM PENSAMENTO DE SONHO IMPOSSÍVEL A UMA REALIZAÇÃO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA 55
Josilene Soares Costa Moreira
Ana Paula Leão Maia Fonseca

EM BUSCA DE UM SONHO E RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA CONQUISTA: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA 85
Márcio Targino da Silva
Ana Paula Leão Maia Fonseca

ENTRE PERCALÇOS E VITÓRIAS: NARRANDO MEMÓRIAS DE UM SONHO REAL 109
Maria Gilvania Herculano Silva
Nednaldo Dantas dos Santos

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: DE UM ESPAÇO DESAFIADOR A UM LUGAR CONQUISTADO 132
Kátia Celina Moura do Nascimento
Nednaldo Dantas dos Santos

MEMÓRIAS E CONQUISTAS DE UM SONHO ADORMECIDO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA 148
Edilma Maria de Lima
Ana Paula Leão Maia Fonseca

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: UM ENCONTRO DO PASSADO COM O PRESENTE NA PERSPECTIVA DO FUTURO 171
Iara Lúcia Barbosa Santos do Nascimento
Nednaldo Dantas dos Santos



MEMORIAL DE FORMAÇÃO: REMEMORANDO MEUS PROCESSOS FORMATIVOS DESCOBRI A MULHER FORTE QUE HABITA EM MIM 194
Francineide Avelino de Souza
Tereza Cristina Bernardo da Câmara

MEMÓRIAS DE MINHAS VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS EM MEIO SÉCULO DE VIDA.....219
Maria do Socorro Guedes Lima de Mello
Dayanne Chianca de Moura

MEMÓRIAS E NARRATIVAS: CAMINHOS QUE ME LEVARAM AO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA NO IFESP.....253
Anny Caroline Freire da Silva
Wguineuma Pereira Avelino Cardoso

MEMÓRIAS QUE EDIFICAM A FUTURA PRÁTICA EDUCATIVA.....286
Daniel Gomes de Oliveira
Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MULHER, MÃE E PEDAGOGA: UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO 317
Luciana de Farias Pereira
Nednaldo Dantas dos Santos

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PERFIL FORMADOR: UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO.....333
Breno Cristian Celestino Lopes
Nednaldo Dantas dos Santos

OS DESAFIOS NA CONQUISTA DE UM SONHO: UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO 354
Ana Erika Pereira Barreto Lourenço
Nednaldo Dantas dos Santos

PERSISTÊNCIA, RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA: MEMÓRIAS DA MENINA LOUCA.....370
Elizabete Nogueira da Silva
Anne Charlyenne Saraiva Campos

UMA JORNADA DE TALENTOS CONTINUADOS: REFLEXÕES COM BASE EM UMA PEDAGOGIA RENOVADA 392
Ana Paula Dias da Câmara
Rafael da Silva Pereira Roseno



UMA TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO ACADÊMICA: DESAFIOS E CONQUISTAS.....410
Geane Miranda do Nascimento Santana
Ana Paula Leão Maia Fonseca

POSFÁCIO 446

INFORMAÇÕES SOBRE OS ORGANIZADORES 448



A METAMORFOSE DO PROCESSO PEDAGÓGICO PARA A VIDA: UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Senhorinha Barbosa do Nascimento Pessoa
Nednaldo Dantas dos Santos

Esse capítulo é uma narrativa que transcende a simples descrição de fatos, mergulhando nas profundezas da alma de uma professora em formação. Este memorial autobiográfico é uma celebração da transformação que ocorre quando uma educadora revisita suas memórias, revendo cada passo dado no caminho da docência, desde a infância até os desafios enfrentados na educação básica. A metáfora da metamorfose, presente no título, reflete perfeitamente o processo de evolução, de crescimento e de superação que permeia a trajetória profissional da autora.

Neste capítulo, Senhorinha Barbosa do Nascimento Pessoa, nos conduzirá por sua jornada de formação com uma sensibilidade poética, onde as memórias se transformam em combustível para o desenvolvimento profissional. A autora revela, com delicadeza e profundidade, as dificuldades enfrentadas, as inseguranças que precisaram ser vencidas, e o amadurecimento que, tal como a lagarta se transforma em borboleta, ocorre de forma gradual e profunda. Cada experiência, cada desafio superado, cada aprendizado se soma a uma construção maior: a de uma educadora comprometida com a transformação social através da educação.

Ao longo de suas reflexões, a autora não apenas descreve sua própria metamorfose, mas também convida o leitor a refletir sobre o papel formativo da educação e da memória no processo de construção da identidade docente. A **Metamorfose do Processo Pedagógico para a Vida** nos mostra que a educação é um caminho de descobertas, de desafios e de conquistas, onde cada etapa da formação contribui para a formação de um educador consciente, empático e engajado. Este relato motivador é um tributo ao poder transformador da educação e uma inspiração para todos aqueles que, assim como Senhorinha Barbosa, dedicam suas vidas ao ofício de ensinar.

Nesta obra, a autora, descreve, analisa e reflete acerca de fatos de momentos de sua trajetória de vida, desde a infância até os dias atuais. Nas seções serão apresentadas a



função social da família, através dos ensinamentos, aprendizagens e histórias, para o início da sua metamorfose; em seguida será possível visitar o trajeto que percorridos para a docência e os encontros com as memórias escolares; e assim, neste relatar, continuaremos com a apresentação da seção que discorrerá sobre a metamorfose nas várias dimensões da minha vida, dentre elas, o processo de formação superior. A retomada das vivências no formato escrito estará inserida no contexto histórico e social à luz de concepções teóricas e pedagógicas (Peres, 2014).

FAMÍLIA: ENSINAMENTOS, APRENDIZAGENS E AS HISTÓRIAS

Nesta seção, apresento ao leitor momentos vivenciados com a minha família, os quais me possibilitaram mediante histórias vividas e ensinamentos aprender e me desenvolver na dimensão pessoal.

A família desempenha um papel fundamental na formação inicial de um indivíduo, se constituindo como o primeiro ambiente de aprendizagem e socialização. Os ensinamentos e histórias compartilhados no seio familiar não apenas formam valores, respeito, ética e comportamentos, mas também influenciam profundamente o desenvolvimento intelectual, afetivo e emocional. De acordo com Harkonen (2001), o ambiente familiar é crucial na formação das bases cognitivas e afetivas, onde as interações diárias entre pais e filhos promovem a construção de sentidos e significados em relação à leitura de mundo. Além, da diversidade de experiências e narrativas familiares que contribuem para a formação de um repertório cultural, essencial para a compreensão e aceitação da pluralidade social.

Nesse sentido, nessas relações me constitui como pessoa, base importante para a minha formação acadêmica e profissional. Compreendo que para a atuação em qualquer profissão, neste caso, a pedagogia, os futuros pedagogos devem reconhecer a importância do contexto familiar como um dos elementos centrais na prática educativa, entendendo que cada estudante traz consigo um conjunto único de vivências e aprendizagens internalizadas em seu núcleo familiar.

No âmbito da formação em pedagogia, a compreensão das dinâmicas familiares e de como os ensinamentos e histórias impactam as aprendizagens e o desenvolvimento é crucial para a elaboração de estratégias educativas que estejam de acordo com as



necessidades formativas dos estudantes. Vygotsky (1978) argumenta que o desenvolvimento cognitivo das crianças é amplamente mediado pelo ambiente social, mediante signos, símbolos e instrumentos e a família é o primeiro e mais influente desses ambientes, agindo como mediatizadores.

Os pedagogos, portanto, devem estar aptos a valorizar e integrar as histórias familiares nas práticas pedagógicas, utilizando-as como ferramentas para promover uma educação que tenha sentido e significados para os estudantes, valorizando o contexto de vivência desses sujeitos. Ao estabelecer uma conexão entre a vida familiar e o ambiente escolar, os educadores podem criar um espaço de aprendizagens mais inclusivo e receptivo, onde as experiências e conhecimentos prévios dos estudantes são respeitados e potencializados. Dessa forma, a valorização das histórias e ensinamentos familiares, não só enriquece o processo educativo, mas fortalece a relação entre escola e a comunidade, promovendo um desenvolvimento integral e harmônico dos estudantes.

Diante desse contexto, apresentarei uma reflexão sobre a função social da família, através dos ensinamentos, aprendizagens e histórias, que foram essenciais em meu processo inicial de metamorfose formativa. Sou fruto de uma família cristã de cinco irmãos, originária da comunidade da Praia de Zumbi, interior do Rio Grande do Norte/RN, que na década de 1980 pertencia à cidade de Maxaranguape/RN, hoje pertencente à cidade de Rio do fogo/RN, e que teve seu desmembramento pela Lei Nº 6842, de 21 de dezembro de 1997.

Na década de oitenta, essa praia, não apenas se destacava pela sua beleza natural estonteante, mas também pela sua função crítica como um laboratório vivo para a pesquisa e a educação ambiental. Nesse período, marcado por um crescente reconhecimento global da necessidade de práticas sustentáveis, a praia servia como um espaço fundamental para estudos sobre ecossistemas costeiros e marinhos. Segundo estudos da época, a região era um dos poucos *habitats* no Nordeste brasileiro que ainda mantinha suas características ecológicas intactas, permitindo aos pesquisadores observar e documentar a interação entre espécies nativas e o ambiente sem as perturbações intensas vistas em áreas mais desenvolvidas (Alvarez et al., 2010).

Nasci em uma região privilegiada, em um contexto ambiental, filha de Francisco Galdêncio do Nascimento (*in memoriam*), que não conhecia as letras do alfabeto, mas,



sabia realizar a leitura de mundo, e Maria Lindalva Barbosa do Nascimento, alfabetizada. O senhor Francisco Galdêncio, meu pai, era um homem pescador e com a ajuda de dona Maria Lindalva, minha mãe, marisqueira, sustentavam a casa com seu exercício laboral de forma artesanal na praia de Zumbi. Esse formato tem sido, ao longo dos anos, o "fator econômico e social para a comunidade de Zumbi, onde a pesca ainda é uma das principais opções de renda para diversas famílias que vivem do meio pesqueiro" (Silva, 2015, p. 09).

É comum, entre os pescadores em comunidades da região litorânea do Nordeste brasileiro, a presença de pessoas que ainda não conheciam os códigos linguísticos brasileiros. Essa realidade representava uma das muitas faces da desigualdade social e educacional no Brasil. De acordo com as informações coletadas por instituições locais e estudos da época, a prevalência de analfabetismo entre adultos em comunidades de pesca era notavelmente alta, refletindo as limitações de acesso à educação básica nas áreas rurais e costeiras do país (Costa; Monteiro, 2015). Este cenário em muitos momentos restringia os pescadores em termos de oportunidades econômicas e sociais.

Em meio aos cuidados dos meus pais, no meu ceio familiar, crescia e se desenvolvia, como um sujeito que partilhava suas dores, aprendendo a suportar, respeitar, ajudar e a conviver, entendo que, nesse ambiente familiar se inicia a socialização primária. Segundo o Papa Francisco (2016, p. 227), "os momentos difíceis e duros da vida familiar são educativos".

Nessa etapa, da minha infância, brincava com meus amigos de pular corda, esconde-esconde, fazer casinha dentro do mato, tomar banho dentro do rio Barbosa, subir e pular nas árvores quando visitava a casa de meus avós. Essa vivência, da fase da minha infância, foi de fundamental importância para construção da relação social e conexão com o outrem, pois o "brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade" (Corsino, 2009).

Cresci em um ambiente familiar enriquecido por tradições e contos populares, particularmente nas residências dos meus avós maternos. Meu avô, Antônio Barbosa (*in memoriam*), costumava compartilhar relatos folclóricos conhecidos como "histórias de trancoso" durante as noites, enquanto minha avó, Antônia de Paiva (*in memoriam*), engajava-se em brincadeiras lúdicas que incluíam derrubar pequenas construções que eu



e minhas primas erguíamos, simulando ser um espírito entre os coqueiros do sítio Barbosa, para nos surpreender. Essas construções eram feitas enquanto transportávamos ingredientes como farinha, açúcar e café. Vygotsky (2005), revela que esse brincar é de fundamental importância para as aprendizagens e desenvolvimento da criança.

As atividades recreativas se estendiam às brincadeiras com bonecas de pano, confeccionadas por minha mãe. Na ausência dessas, criávamos bonecas a partir de espigas de milho, ou seja, a minha infância foi marcada por momentos felizes ao lado de primos próximos, sob o olhar atento dos meus avós maternos. Ainda contávamos com a presença de uma tia extremamente querida, Maria de Lourdes (*in memoriam*), que desde cedo demonstrava uma compreensão profunda das particularidades de cada sobrinho.

Além do âmbito lúdico e familiar, a vida cotidiana também envolvia ajudar meus pais nas atividades econômicas da família, que incluíam a pesca na praia local e o trabalho no roçado, onde cultivávamos milho e feijão. Essas atividades não apenas contribuíam para o sustento familiar, mas também fortaleciam os laços comunitários e a transmissão de valores e habilidades.

O trabalho infantil na roça e na pesca, frequentemente justificado pela necessidade de complementar a renda familiar, apresenta um impacto significativo na vida e formação das crianças envolvidas. Estudos indicam que, embora essas atividades possam fornecer habilidades práticas e contribuir para a subsistência familiar, elas também trazem desafios consideráveis para o desenvolvimento educacional e psicológico dos jovens trabalhadores.

Segundo Kassouf (2001), o envolvimento precoce no trabalho agrícola e pesqueiro geralmente resulta em menor desempenho escolar e reduzidas oportunidades de continuidade nos estudos, perpetuando ciclos de pobreza e exclusão social. Além disso, a exposição a condições laborais adversas pode afetar negativamente a saúde física e mental das crianças (Barz, 2020).

Durante a adolescência, aos onze anos, enfrentei uma significativa transição pessoal e educacional ao deixar minha casa, na comunidade Praia de Zumbi, uma localidade pouco desenvolvida na época, descrita frequentemente como uma vila de pescadores, em busca de oportunidades educacionais que a minha comunidade de origem não oferecia.



Assim, mudei-me para Ceará-Mirim, município do Rio Grande do Norte, com o objetivo de cursar a 5ª série do 1º grau[1], estrutura curricular prevista pela Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Essa etapa escolar tinha como objetivo proporcionar ao estudante a formação necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autor realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania (Brasil, 1971).

A ausência de uma estrutura educacional que atendesse dignamente a comunidade, revela que o acesso à educação em comunidades de pescadores no litoral do Rio Grande do Norte (RN) enfrenta significativas dificuldades, exacerbando as disparidades socioeducativas e limitando o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes dessas regiões. A precariedade das infraestruturas escolares locais, aliada à falta de recursos e à carência de professores qualificados, obrigava muitos jovens a se deslocarem para grandes centros urbanos em busca de uma formação mais robusta e diversificada.

Este deslocamento, embora necessário para uma melhor qualidade educacional, traz consigo desafios adicionais, como o aumento dos custos com transporte e moradia, além do afastamento familiar, que pode afetar o rendimento e o bem-estar emocional dos estudantes (Saraiva et al., 2023). Conforme evidenciado por Garcia (2018), a falta de escolas adequadas nas comunidades costeiras não só compromete o direito à educação, mas também perpetua a marginalização social e econômica desses grupos.

Durante minha estadia em Ceará-Mirim, em casa de amigos da família, desenvolvi um vínculo especial com a biblioteca municipal, onde ficava alguns minutos antes do início das aulas. Lá, eu me encantava com os livros disponíveis, especialmente aqueles ilustrados, pois a leitura de textos extensos me provocava fadiga. Esses momentos na biblioteca constituíam experiências enriquecedoras, nas quais a literatura se apresentava como um refúgio e uma fonte mágica de aprendizagens.

[1] Constata-se um interesse crescente no Brasil em aumentar o número de anos do ensino obrigatório. A Lei nº 4.024, de 1961, estabelecia quatro anos; pelo Acordo de Punta Del Este e Santiago, o governo brasileiro assumiu a obrigação de estabelecer a duração de seis anos de ensino primário para todos os brasileiros, prevendo cumpri-la até 1976. Em 1971, a Lei nº 5.692 estendeu a obrigatoriedade para oito anos. Já em 1996, a LDB sinalizou para um ensino obrigatório de nove anos, a iniciar-se aos seis anos de idade. Este se tornou meta da educação nacional pela Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que aprovou o PNE. (Brasil, 2004, p. 4)



Esse episódio da minha vida ilustra não apenas a busca por educação em um contexto de recursos limitados, mas também a importância de políticas educacionais que garantam o acesso à educação básica de qualidade, independentemente das barreiras geográficas ou socioeconômicas (Soares, 2023).

Nesse período de transição e adaptação, comum entre os adolescentes, marcado por conflitos decorrentes da minha personalidade determinada, retornei ao lar e me deparei com a rotina desafiadora de acordar às três da manhã para, sem qualquer alimentação matinal, pegar o transporte escolar. Na escola, durante os intervalos, enfrentava a fome, pois, constrangida pela situação financeira, economizava o escasso dinheiro que meu pai me fornecia. Esses recursos, ainda que limitados, eram destinados à compra de produtos de higiene pessoal, essenciais durante a adolescência.

A oferta de alimentação escolar na educação básica é uma questão fundamental que vai além da mera provisão de alimento; trata-se de uma estratégia educacional e de saúde pública conforme enfatizado por documentos normativos, como o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

O PNAE estabelece que “a alimentação escolar deve garantir, pelo menos, 20 (vinte) porcento das necessidades nutricionais diárias durante o período letivo”, apontando para a importância de uma nutrição adequada como suporte ao desenvolvimento físico, mental e ao aprendizado dos estudantes (Ferreira; Alves; Mello, 2019). Além desses argumentos, a alimentação escolar é reconhecida como um direito dos estudantes pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que sublinha a responsabilidade do Estado em garantir esse direito como parte da oferta de uma educação de qualidade (Brasil, 1996).

Estudos indicam que, programas bem implementados de alimentação escolar podem contribuir para a redução da desnutrição, aumento das taxas de frequência e desempenho escolar, além de promover hábitos alimentares saudáveis (Cervato-Mancuso, 2013). Portanto, a integração efetiva da alimentação escolar nas políticas educacionais não apenas cumpre um mandato legal, mas também atua como um catalisador para o desenvolvimento educacional e social dos alunos.



Em meio aos desafios, com o horário do transporte escolar, a minha mãe, preocupada com meu bem-estar – notando que eu chegava em casa, almoçava, tomava banho e dormia até o dia seguinte, sem jantar – dialogou com uma amiga veranista. Essa interlocução levou à oportunidade de eu morar em Natal/RN, onde, em troca de hospedagem, eu cuidaria de duas crianças, permitindo-me prosseguir com meus estudos. Residi nesta nova casa por dois anos, completando assim a 6ª e a 7ª série do 1º grau. Contudo, a saudade da família, tornou-se insuportável, motivando meu retorno ao lar. De volta à minha cidade natal, retomei a rotina de madrugar, agora com uma maturidade adquirida. Segui com a escolaridade e concluí o 8º ano do 1º grau.

Esse relato ilustra os sacrifícios e desafios enfrentados por estudantes em regiões com acesso restrito à educação de qualidade. A necessidade de deslocamentos extensivos e as trocas familiares por oportunidades educacionais refletem disparidades socioeconômicas que exigem atenção. Este caso enfatiza a importância de políticas públicas que visem a redução dessas barreiras, garantindo a todos os jovens o direito a uma educação acessível e de qualidade, sem que para isso tenham que renunciar do convívio familiar e de condições básicas de bem-estar. Determinação expressa na Constituição Federal do Brasil de 1988, ou seja, educação acessível e de qualidade para todos.

Na busca pela continuidade dos meus estudos, cursar o segundo grau, atualmente, o Ensino Médio, tornou-se um desafio, enfrentei uma significativa barreira familiar. Essa etapa do processo de formação escolar era ofertada apenas no turno da noite, opção que meu pai rejeitou categoricamente, considerando as condições noturnas ainda mais perigosas do que as diurnas, às quais ele já manifestava preocupações. Diante desse impasse, um novo capítulo se iniciou em minha vida educacional quando, em 1997, meus avós se mudaram para Lagoa de Pedras/RN e me oportunizaram ir com eles, possibilitando assim que eu iniciasse a 1º ano do segundo grau, atualmente, a 1ª série do Ensino Médio, que passa por modificações e passa a ser denominado de o Novo Ensino Médio[2].

[2] A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta



No final do século XX, as jovens mulheres que buscavam prosseguir com seus estudos no período da noite, enfrentavam uma série de desafios sociais, culturais e de segurança, os quais refletem a interseção complexa entre gênero e acesso à educação. Embora a legislação brasileira da época já reconhecesse a igualdade de direitos educacionais entre gêneros, às barreiras práticas eram significativas (Knippel e Aeschlimann, 2017).

As preocupações com a segurança noturna eram preponderantes, já que a violência urbana e o assédio eram riscos aumentados durante a noite, especialmente para mulheres jovens (Mesquita, 2010). Além disso, a persistência de normas culturais tradicionais frequentemente restringia a mobilidade das mulheres, atribuindo-lhes responsabilidades domésticas que limitavam suas oportunidades de educação (Prá; Cegatti, 2016). Portanto, embora com os avanços nas legislações, as jovens mulheres da década de 1980 e 1990 enfrentavam múltiplos obstáculos que refletiam as desigualdades de gênero ainda profundamente enraizadas na sociedade, desafiando a plena realização de seus direitos educacionais.

Nesse período, aos 17 anos, conheci aquele que viria a ser meu cônjuge. Nossas conversas sobre vida e desafios culminaram em um casamento no ano seguinte. Embora jovem e sem a plena maturidade para assumir tal responsabilidade - a ponto de não poder assinar legalmente os documentos do matrimônio, necessitando que meus pais o fizessem por mim -, continuei minha trajetória acadêmica e concluí o segundo grau já como uma pessoa casada.

Nessa época, casada e morando em Lagoa de Pedras/RN, comecei a refletir sobre a dinâmica socioeconômica do município em um contexto de final dos anos 1990. Era possível perceber a situação desafiadora, para a população local, em termos de empregabilidade.

A economia municipal carecia de uma produção agrícola significativa que pudesse gerar renda e arrecadação de impostos, resultando em uma dependência predominante de empregos públicos e pequenos comércios para a sustentação econômica da população. Naquele momento, socioeconômico, a ausência de uma produção agrícola voltada para

---

de educação de qualidade à todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade. (Brasil, s/ano)



obtenção de renda, comprometia a arrecadação dos impostos das atividades no setor público e pequenos comércios.

Em pequenos municípios é comum, na ausência de uma produção local, o comércio se manter com a circulação do dinheiro originado dos servidores municipais e estaduais (Emidio, 2023). Diante dessa realidade, minha inquietude pessoal em busca de emprego refletia a situação de muitos outros cidadãos que, apesar das adversidades, procuravam oportunidades para sobreviver.

Nesse contexto, a criação do Projeto Piloto de Alfabetização Solidária, voltado para jovens e adultos, surgiu como uma iniciativa relevante para mitigar as lacunas educacionais, especialmente para aqueles “que se encontravam na faixa etária entre 15 e 24 anos, que não tiveram acesso ao ensino fundamental ou não conseguiram concluir a etapa escolar na idade prevista” (Silva, 2008, p. 127). Essa experiência, além de proporcionar uma valiosa contribuição social, representou uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, culminando com minha aprovação em um concurso municipal no ano de 2002.

O TRAJETO PARA A DOCÊNCIA: REENCONTRO COM AS MEMÓRIAS ESCOLARES

O trajeto para a docência, frequentemente envolve um reencontro com as memórias escolares, que se tornam um instrumento basilar para relacionar a vida pessoal e a formação profissional. Essas memórias, muitas vezes repletas de desafios e superações, conformam a compreensão do educador sobre o processo de ensino-aprendizagem e a importância da empatia e da resiliência (Nóvoa, 1992). Ao revisitar essas experiências, os futuros docentes conseguem identificar as metodologias que responderam à realidade e aquelas que não contribuíram, permitindo reflexão crítica sobre suas próprias práticas pedagógicas. Além disso, essas memórias oferecem uma visão mais humana e contextualizada dos desafios enfrentados pelos estudantes, promovendo uma abordagem mais inclusiva e compreensiva na sala de aula.

Esse reencontro com o passado escolar não só enriquece a prática docente, mas fortalece a formação contínua do professor (Tardif, 2002). Ao integrar suas memórias escolares à formação acadêmica, os professores podem desenvolver uma pedagogia mais



reflexiva e adaptativa, que leva em conta as diversidades e as complexidades do ambiente educativo. Portanto, o trajeto para a docência, iluminado pelas memórias escolares, não apenas reforça a identidade profissional, mas também contribui para a construção de um ensino que faça sentido e tenha significado, e seja transformador, alinhado às necessidades formativas e expectativas dos estudantes.

É conhecido que a Educação Básica possui várias etapas e modalidades de ensino. Começo, neste ponto, percorrendo as minhas memórias da época em que o processo de internalização do conhecimento e (re)construção dos saberes começou a introduzir-se em minha vida formalmente. Nesse sentido, o início da Educação Básica se deu aos sete anos de idade, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, o estudante deveria ter a idade mínima de sete anos. No entanto, a escola em que estudei da 1ª à 4ª série funcionava com um pequeno quadro de professores, e era uma instituição estadual isolada. Nesse período, as metodologias usadas pela professora para alfabetização incluíam ditados de palavras, tabuada e processos mnemônicos. Gostava de sentar-se na frente para prestar mais atenção na explicação do conteúdo, mas a professora muitas vezes, me colocava nas carteiras de trás, e o porquê era um mistério para mim, já que sempre fui disciplinada.

No período em que ingressei na primeira série, década de noventa, o uso de ditados e tabuadas foi amplamente adotado como métodos tradicionais[3] no processo de alfabetização, desempenhando um papel crucial na formação das habilidades básicas de leitura, escrita e matemática das crianças. Essas práticas pedagógicas, baseadas na repetição e memorização, eram consideradas eficazes para fixar o conhecimento e garantir a precisão e fluência nos cálculos e na ortografia. Estudos da época, como os de Freire (1997), indicavam que a repetição sistemática podia consolidar o aprendizado inicial, proporcionando uma base sólida sobre a qual outras competências poderiam ser construídas.

No entanto, apesar de seus benefícios, essas metodologias também foram criticadas por sua abordagem mecânica, muitas vezes desconsiderando o contexto cultural e as experiências de vida dos alunos (Melo-Silva, 2004). Ao focar exclusivamente na

[3] São aqueles, cujo ensino era centrado no professor, cabia ao estudante ficar em silencio, ouvi o professor e realizar as atividades de estudo.



memorização, essas práticas poderiam negligenciar a compreensão e o desenvolvimento do pensamento crítico, fundamentais para uma educação mais holística. Portanto, enquanto os ditados e tabuadas contribuíram significativamente para a alfabetização, a evolução pedagógica requer a integração dessas técnicas com métodos que valorizem a compreensão contextual e o engajamento ativo dos estudantes, promovendo uma formação mais completa e significativa.

No segundo ano, a professora, sem formação adequada, mas com conexões políticas, possui uma prática que não priorizava o ensino, eventualmente por falta de competências, e encaminhava para fazermos atividades, sem uma associação com o processo de aprendizagem, como o brincar de queimada, pular corda, elástico, ir à praia ou fazer piqueniques. Esse contexto remonta à ausência de concursos públicos em algumas regiões do estado, realidade que permitia a muitos governantes utilizarem o processo de indicação para preencher cargos docentes, uma cultura política viva do personalismo (Bauer; Cassettari; Oliveira, 2017).

Embora, a docente não sendo habilitada para tal função, reconheço que ela utilizava metodologias atrativas e lúdicas que contribuía para a aprendizagem, mas essas atividades não tinham objetivos de aprendizagem claros. Na terceira série, uma professora recém-formada, sem experiência em sala de aula, lecionava e, às vezes, destratava estudantes com dificuldades, refletindo um ensino pautado em didáticas tradicionalista, uma tendência pedagógica de ensino em evidência até os dias atuais, que influenciou a prática educacional formal e serviu como norteador para outras que sucederam (Leão, 1999).

Essa etapa escolar foi marcada por diversas vivências de aprendizagens. Entre tantas memorias, recordo-me da utilização da “cola”, cujo procedimento consistia no momento da avaliação, buscar recursos com os colegas que garantiu, em um momento, minha aprovação, mas deixou deficiências conceituais. Essa prática, comum nas escolas durante a década de noventa, representa um fator significativamente negativo para o processo de ensino-aprendizagem, comprometendo tanto a formação acadêmica quanto ética dos estudantes.

Esse comportamento, frequentemente motivado pela pressão por desempenho e pela falta de estratégias pedagógicas eficazes, reflete uma deficiência na internalização



do conhecimento e no desenvolvimento de habilidades críticas. Segundo Morgue-la (2018), a cola não apenas impede a assimilação real dos conteúdos, mas também prejudica a confiança e a autonomia do estudante, uma vez que este passa a depender de recursos externos para demonstrar competência. Além disso, a normalização dessa prática pode criar um ambiente escolar permissivo à desonestidade, minando valores essenciais como a integridade e a responsabilidade (Rodrigues; Lopes, 2019).

Em um contexto educacional que visa preparar indivíduos para uma vida cidadã e profissional íntegra, a prática da cola se revela contraproducente, exigindo uma abordagem pedagógica que promova a valorização do aprendizado autêntico, a motivação intrínseca e a adoção de métodos avaliativos mais justos e construtivos.

A transição para o Ensino Médio trouxe novos desafios e adaptações, como a mudança para a Escola Estadual João Tomás Neto. Nesse período, o contexto social, político e cultural da década de 1990 influenciou diretamente minha trajetória. O Brasil consolidava a democracia e buscava melhorias na educação pública, reflexo das políticas educacionais implementadas após anos de regime autoritário. Essa busca por uma educação de qualidade se refletia nas escolas que frequentei, onde, apesar das dificuldades e das lacunas na aprendizagem, especialmente em matemática, cada experiência contribuiu para minha formação, reinvenção e reconstrução da identidade pessoal e profissional que hoje me encontro (De Lucas, 2018).

TRAJETÓRIA PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO: RESSIGNIFICAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

O trajeto para a profissionalização[4] na educação é marcado por reencontros constantes com a prática educativa, que atuam como poderosos instrumentos de integração entre a vida pessoal e a formação profissional. Esse processo é fundamental para a construção de uma identidade docente sólida, uma vez que permite aos educadores revisitarem e refletir sobre suas experiências de aprendizado, tanto como estudantes quanto como professores, uma identidade edificada no prisma da trajetória de vida (Bessutti; Redante e Fávero, 2017). Ao refletirem sobre suas próprias trajetórias

[4] Segundo Ramalho, Núñez e Gauthier (2004) a profissionalização (profissionalidade = competência técnico-científica para ensinar; profissionalismo = status de ser professor).



educativas, os educadores podem identificar as práticas que mais contribuíram para o seu desenvolvimento e, assim, aprimorar suas metodologias de ensino.

Além disso, os reencontros com a educação durante o processo de profissionalização promovem um aprofundamento do compromisso com a prática educativa e com a formação contínua (Tardif, 2002). Portanto, ao revisitar suas experiências e confrontá-las com novas teorias e práticas pedagógicas, os educadores desenvolvem uma visão mais crítica e reflexiva sobre seu papel e suas responsabilidades. Esse processo de reflexão contínua é vital para a evolução da prática docente, pois permite a incorporação de inovações e adaptações que melhor atendam às dinâmicas educativas contemporâneas. Assim, o trajeto para a profissionalização na educação, iluminado pelos reencontros com as experiências educativas, é essencial para a construção de um ensino de qualidade, que valoriza tanto a formação do educador quanto o desenvolvimento integral dos estudantes.

O processo de profissionalização, na área da educação, em minha jornada enquanto mediatizadora de conhecimentos, teve um começo através de minha experiência em uma instituição de ensino privado no interior de Natal/RN, na Educação Infantil. Essa experiência teve uma sustentação em minha formação no Ensino Médio, assegurando um alicerce à “construção de habilidades, competências e conhecimentos técnicos necessários à formação do novo trabalhador” (Carvalho, 2010). Em seguida, através da minha aprovação no processo seletivo para atuar como professora no programa Alfabetização Solidária, destinado a jovens e adultos, tive a oportunidade de vivenciar a experiência do trabalho na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos - EJA. Essa experiência foi marcada por inseguranças e limitações, mas com determinação, consegui alfabetizar alguns estudantes, que posteriormente continuaram seus estudos. Nessa experiência, um dos desafios enfrentados, foi propor a metodologia que inserisse os estudantes com suas experiências e particularidades de suas vivências, sem impor-lhes conteúdos, atentando as diferenças regionais (Lourenço; Piunti, Cordeiro, 2022).

Os desafios enfrentados na educação de jovens e adultos (EJA) foram múltiplos e complexos, especialmente quando se busca garantir o uso de atividades contextualizadas. A EJA exige não apenas a transmissão de conteúdos acadêmicos, mas também a valorização das experiências de vida dos estudantes, que muitas vezes retornam ao



ambiente escolar após longos períodos de afastamento e com uma bagagem rica e diversificada.

Freire (1987), argumenta que a educação deve ser um ato de conhecimento e transformação, onde o contexto de vida dos estudantes é central para a construção do aprendizado. Para uma professora iniciante, integrar essas vivências às práticas pedagógicas requer habilidades específicas de escuta ativa, adaptação curricular e criatividade na elaboração de atividades que façam sentido para os estudantes. Além disso, a inexperiência pode ser um obstáculo, pois a gestão de sala de aula em um ambiente tão heterogêneo demanda uma compreensão profunda das dinâmicas sociais e emocionais. Segundo Arroyo (2006), a formação continuada e o suporte institucional são cruciais para capacitar professores a enfrentarem esses desafios de maneira eficaz.

No ano 2002, fui aprovada em um concurso público e comecei a trabalhar como técnica de informática na área de saúde, lidando com sistemas como *Hiperdia e* Bolsa Família. Embora inicialmente me sentisse deslocada, lutei por melhorias, como a instalação de *internet* discada, e desenvolvi habilidades importantes ao longo de 16 anos nesse setor, apesar das dificuldades impostas pela política partidária e pelas transferências administrativas.

Ao ser transferida para a Secretaria de Educação do município de Lagoa de Pedra/RN, enfrentei novos desafios, mas também oportunidades de crescimento. Minha trajetória na Secretaria de Saúde e em outras repartições me ensinou a importância da resiliência e do compromisso com o serviço público. Apesar dos obstáculos, continuei a desempenhar minhas funções com dedicação, sempre buscando melhorias para a educação. Através dessas experiências, aprendi que o trabalho realizado com amor, honestidade e respeito pelo próximo é fundamental para a construção de um mundo melhor.

A jornada profissional, marcada por desafios e superações, foi essencial para minha formação como educadora, evidenciando a importância da educação básica e do serviço público no desenvolvimento de uma carreira docente sólida e comprometida com a transformação social (Moura, 2022).

Compreendo que a formação de um perfil profissional consciente para atuar como professora é amplamente enriquecida por experiências diversificadas na Educação



Infantil, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e em secretarias que prestam serviço ao público. Essas experiências permitem uma compreensão mais ampla das necessidades e realidades dos alunos, proporcionando uma base sólida para práticas pedagógicas inclusivas e contextualizadas. Segundo Freire (1996), a educação deve ser um processo de diálogo e construção conjunta, onde o educador reconhece e valoriza as diferentes trajetórias de vida dos estudantes. Atuar na educação infantil desenvolve habilidades em planejar atividades lúdicas e interativas, essenciais para engajar os alunos desde cedo.

A experiência na EJA, por sua vez, capacita o profissional a lidar com a heterogeneidade, adaptando estratégias de ensino que respeitem o conhecimento prévio e as vivências dos adultos. Trabalhar em secretarias de saúde municipais, por outro lado, oferece uma perspectiva holística sobre as condições de vida e saúde da comunidade, essencial para promover uma educação que considera o bem-estar integral dos alunos. Segundo Arroyo (2007), essa combinação de experiências contribui para a formação de um educador mais sensível e preparado para enfrentar os desafios do ambiente escolar contemporâneo, promovendo uma educação que não apenas transmite conhecimento, mas transforma vidas.

METAMORFOSE E O PROCESSO DE FORMAÇÃO SUPERIOR

A metáfora da metamorfose é especialmente pertinente ao processo de formação superior, refletindo as transformações profundas que ocorrem ao longo de um curso. Assim como a lagarta se transforma em borboleta, os estudantes passam por um processo de desenvolvimento que envolve a aquisição de novos conhecimentos, habilidades e valores. Segundo Mezirow (1991), a transformação é um aspecto central da educação, onde a aprendizagem significativa resulta em mudanças na maneira como os indivíduos percebem e interpretam o mundo.

No contexto de um curso de Pedagogia, em especial o ofertado pelo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, essa metamorfose é facilitada por um currículo que promove a reflexão crítica, a prática pedagógica inovadora e o engajamento com a diversidade cultural e social. As experiências acadêmicas e práticas proporcionam aos futuros educadores a capacidade de questionar pressupostos, reavaliar suas crenças e adotar perspectivas pedagógicas que favorecem a inclusão e a equidade.



O processo de formação superior, especialmente em pedagogia, também implica uma metamorfose identitária, onde os estudantes não apenas adquirem competências profissionais, mas também desenvolvem uma nova compreensão de si mesmos como educadores. Beard (2018) enfatiza a importância da experiência educacional como um contínuo de crescimento, onde cada experiência se conecta e contribui para a formação de uma identidade profissional sólida e reflexiva.

A interação com colegas, professores e a comunidade escolar durante a formação propicia um ambiente rico para essa transformação, permitindo que os futuros pedagogos construam uma prática baseada em teorias educacionais contemporâneas e na realidade das salas de aula. Portanto, a metamorfose no processo de formação superior é um instrumento vital que relaciona a vida e a formação, preparando os educadores para desempenharem seu papel com competência, sensibilidade e comprometimento com a transformação social.

No processo de formação acadêmica, ao ingressar em um curso do Ensino Superior, pude sentir a profundidade dos conhecimentos adquiridos, cada um com sua importância para meu desenvolvimento intelectual, pessoal e profissional. Esta etapa foi marcada por reflexões essenciais sobre minha identidade e objetivos: “Quem sou eu? O que quero? Para onde vou? Por que estou estudando Pedagogia?”. Esses questionamentos serviram como base para a autoavaliação e o autoconhecimento, contribuindo significativamente para minha formação e prática pedagógica.

Em meio a essa reflexão, retomo as vivências do componente curricular de Fundamentos Teóricos e Metodológicos de Filosofia I, ministradas pelo professor formador Me. Márcio de Assis Fabrício, que experimentei um verdadeiro despertar filosófico, saindo da ignorância para uma nova compreensão do mundo e de mim mesma. Esse percurso formativo é irreversível, pois me ensinou a apreciar a vida e as inúmeras possibilidades de aprendizado que ela oferece. A educação, assim como a metamorfose da borboleta, envolve um processo contínuo de transformação e autodescoberta. Entendi que os conhecimentos não dependem apenas da transmissão dos docentes, mas também do meu engajamento como discente.

Essa descoberta fez com que despertasse um desejo de continuar explorando as profundezas do conhecimento, compreendendo que a educação salva vidas e que meu



papel como educadora é servir com amor, dedicação e uma compreensão contínua e crescente de minha própria identidade profissional. Como afirma Cury (2015), “conviver em sociedade exige gestão da emoção”, destacando a importância do equilíbrio emocional na formação docente.

A formação no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, em Natal/RN, foi enriquecida por diversos componentes curriculares e experiências práticas, como os Estágios Curriculares Supervisionados. Nesses, foi possível experimentar a aproximação das teorias com a realidade profissional e revelaram minha capacidade de ser uma pedagoga criativa e inovadora, conforme destacado por Lima e Pimenta (2006), que afirmam que o estágio permite ao estudante compreender a realidade na qual irá atuar.

Durante o Estágio Curricular Supervisionado I - Educação Infantil, pude desenvolver planos de aula, elaborar materiais didáticos e incentivar a reflexão dos estudantes através de atividades práticas e investigação científica. A orientação recebida dos orientadores, desse componente curricular, Dr. Nednaldo Dantas dos Santos e Dra. Mariza Silva de Araújo, foi crucial para superar desafios e desbloquear meu potencial, demonstrando a importância da troca de experiências e saberes entre educadores.

Ao ingressar no IFESP em 2019, através de um processo seletivo rigoroso, enfrentei desafios organizacionais e pessoais, como a necessidade de conciliar trabalho e estudos. O apoio dos professores formadores e a motivação interna foram fundamentais para minha adaptação e sucesso. Durante a pandemia de COVID-19, as aulas remotas apresentaram novas dificuldades, mas também oportunidades de crescimento.

Professores como o Me. Márcio de Assis Fabrício e o Dr. Nednaldo Dantas dos Santos inspiraram e orientaram meu percurso acadêmico, proporcionando um ambiente de aprendizado reflexivo e participativo. A professora formadora Dra. Ana Paula Leão Maia Fonseca e outros docentes também contribuíram significativamente para minha formação, incentivando a imersão em diferentes culturas e práticas pedagógicas.

A formação no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy foi essencial para minha evolução como educadora. A combinação de teoria e prática, aliada ao apoio de professores dedicados, permitiu-me desenvolver uma compreensão profunda da pedagogia e suas aplicações.



Com minha vivência compreendi que a influência de uma instituição como o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy no processo de formação em pedagogia é substancial, atuando como um catalisador para o desenvolvimento profissional e pessoal. Este instituto, reconhecido pela sua excelência acadêmica e compromisso com a formação de educadores, oferece um ambiente rico em recursos didáticos e oportunidades de aprendizado prático.

De acordo com Freire (1996), a educação deve ser um processo de diálogo e transformação, e uma instituição de qualidade promove essa abordagem ao proporcionar experiências que conectam teoria e prática. Em minha jornada acadêmica pude vivenciar experiências com metodologias inovadoras, estágios supervisionados e um currículo que valoriza a diversidade e a inclusão. Essas experiências não apenas aprimoraram minhas competências pedagógicas, mas também fomentam uma compreensão crítica das realidades sociais e educativas. Além disso, o apoio institucional e o engajamento com a comunidade educativa contribuem para a construção de uma identidade profissional sólida, preparada para enfrentar os desafios da sala de aula contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar as memórias de cada fase da minha vida, é notável perceber o processo de metamorfose proporcionado pela pedagogia aplicada à vida. Nesse contexto, pude reconstruir minha identidade pessoal e profissional, utilizando a resiliência para ressignificar minha trajetória no mundo. As brincadeiras com amigos e primos desempenharam um papel fundamental no meu desenvolvimento, instigando minha curiosidade e o desejo de buscar respostas, características intrínsecas a toda criança, que possui um pouco do espírito de cientista. Essas lembranças me transportam no tempo e me fazem recordar os brinquedos que construímos juntos e as brincadeiras que inventamos para nos divertir.

Ao refletir sobre essa trajetória, lembro-me do amor e apoio que recebi dos meus familiares, o que me ajudou a enfrentar diversos desafios. Esse amor me tornou uma pessoa capaz de se reinventar e superar adversidades, sempre buscando possibilidades e meios de gerir a mente. Embora o caminho não seja fácil, ele se torna viável quando fazemos uma autorreflexão e adquirimos autoconhecimento. A pedagogia foi um dos



caminhos que possibilitou esse processo em minha vida. Cada componente estudado me ajudou a encontrar respostas para muitas dúvidas relacionadas às lacunas no processo de aprendizagem. A constante movimentação entre cidades, o distanciamento familiar e a adaptação a novas escolas influenciaram significativamente o desenvolvimento das habilidades e competências que possuo hoje.

Ingressar no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy proporcionou oportunidades de crescimento pessoal e profissional. A instituição revelou déficits de aprendizagens que eu possuía e me colocou em contato com profissionais que não se limitam a ensinar os conteúdos programáticos, mas buscam trabalhar o ser humano de forma integral – corpo, mente e espírito. Este tripé é fundamental para a construção de um ser humano harmonioso, essencial para qualquer profissional, especialmente para os professores que precisam estar equilibrados para desempenhar suas funções com eficiência e eficácia. Em tempos de aceleramento e ansiedade, o educador deve estar preparado para lidar com o imediatismo e outros desafios contemporâneos.

Assim, o docente assume a sala de aula não apenas com a responsabilidade de ensinar, mas de educar para a vida, transformando os alunos em cidadãos conscientes, críticos e reflexivos. Conforme Cury (2008) argumenta, a educação deve preparar os indivíduos para a paz, o consumo consciente e a convivência no trânsito, promovendo a ética e a capacidade de respeitar opiniões alheias sem comprometer sua própria identidade. A educação, nesse sentido, é um processo de transformação contínua que forma cidadãos aptos a trafegar em diferentes contextos com responsabilidade e sabedoria.

REFERÊNCIAS

ALLIPRANDINI, Paula Mariza Zedu; DOS SANTOS, Deivid Alex; RUFINI, Sueli Édi. **Autorregulação da aprendizagem e da motivação em diferentes contextos educativos: teoria, aprendizagem e intervenção**. EDUEL, 2023.

ALVAREZ, Albino Rodrigues Coordenador et al. **Sustentabilidade ambiental no Brasil: biodiversidade, economia e bem-estar humano**. 2010.

ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. **Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica**, p. 17-32, 2006.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores (as) do campo. **Cadernos Cedes**, v. 27, p. 157-176, 2007.



BARZ, Gabriela Azevedo. O trabalho infantil na américa latina e caribe: aspectos teóricos e desafios ao desenvolvimento social e democrático de nossa região desigual. **Revista Orbis Latina-Racionalidades, Desenvolvimento e Fronteiras-ISSN: 2237-6976**, v. 10, n. 2, p. 106-134, 2020.

BAUER, Adriana; CASSETTARI, Nathalia; OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Políticas docentes e qualidade da educação: uma revisão da literatura e indicações de política. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 25, n. 97, p. 943-970, 2017.

BESUTTI, Jussara; REDANTE, Roberta Cristina; FÁVERO, Altair Alberto. Formação e construção da identidade docente a partir da narrativa de histórias de vida. **Educação por Escrito**, v. 8, n. 2, p. 260-277, 2017.

BEARD, Colin. Dewey no mundo da educação experiencial. **Novas direções para a educação de adultos e continuada**, v. 2018, n. 158, p. 27-37, 2018.

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de Nove Anos – Orientações Gerais** –. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, Celso. Conhecimento e profissionalização no ensino médio: a lógica da naturalização e da adaptação social. **EccoS Revista Científica**, v. 12, n. 2, p. 289-306, 2010.

CURY, Augusto. **Gestão da emoção**. São Paulo: Saraiva, 2015.

COSTA, Jose Claudio dos Santos; MONTEIRO, Maria do Socorro. ANALFABETISMO: Um entrave histórico para a cidadania no Brasil. **InterEspaço**, v. 1, n. 2, p. 368-379, 2015.

CORSINO, Patrícia. Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. **Coleção educação contemporânea**.

CERVATO-MANCUSO, Ana Maria et al. O papel da alimentação escolar na formação dos hábitos alimentares. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 31, p. 324-330, 2013.

DE LUCAS, Gilmar Afonso; ROSITO, Margaréte May Berkenbrock. Experiência estética e Educação Matemática: reflexões sobre a formação docente. **Revista@ mbienteeducação**, v. 11, n. 1, p. 163-179, 2018.

EMIDIO, Thiago Miguel. **A trajetória da economia de Santo Antônio/RN no período de 2010/2020**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal - **Amoris Laetitia: Sobre o amor na família**. Paulinas. Liberia Editrice Vaticana. Pias Sociedade de São Paulo/SP, 2016.



FERREIRA, Helen Gonçalves Romeiro; ALVES, Rodrigo Gomes; MELLO, Silvia Conceição Reis Pereira. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE): alimentação e aprendizagem. **Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro**, v. 22, n. 44, p. 90-113, 2019.

FREIRE, Paulo. **A alfabetização como elemento de formação da cidadania**. 1987.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. **Cartas a quem ousa ensinar**, v. 10, p. 27, 1997.

GARCIA, Teise. A gestão escolar no contexto da privatização na educação básica. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p. 1355-1376, 2018.

HÄRKÖNEN, Ulla. **A teoria dos sistemas ecológicos de Bronfenbrenner do desenvolvimento humano**. 2001.

KASSOUF, Ana Lúcia et al. Trabalho infantil: escolaridade x emprego. **Economia**, v. 2, n. 2, p. 549-586, 2001.

KNIPPEL, Edson Luz; AESCHLIMANN, Maria Carolina de Assis Nogueira. Educação e equidade de gêneros. **THEMIS: Revista da Esmec**, v. 15, n. 2, p. 59-85, 2017.

LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. **Cadernos de pesquisa**, n. 107, p. 187-206, 1999.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

LOURENÇO, Elzafran Santos Sousa; PIUNTI, Juliana Cristina Perlotti; CORDEIRO, Maria Beatriz Gameiro. Reflexões a partir de Arroyo: trajetórias humanas e inumanas na EJA. **EJA em Debate**, v. 11, n. 19, 2022.

MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. 2022.

MELO-SILVA, Lucy Leal; LASSANCE, Maria Célia Pacheco; SOARES, Dulce Helena Penna. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 5, n. 2, p. 31-52, 2004.

MESQUITA, Maria Cristina das Graças Dutra et al. **O trabalhador estudante do ensino superior noturno: possibilidades de acesso, permanência com sucesso e formação**. 2010.

MEZIROW, Jack. **Dimensões transformadoras da aprendizagem de adultos**. Jossey-Bass, 350 Sansome Street, San Francisco, CA 94104-1310, 1991.

MONGUELA, Gisela Fernando. **Fraude académica: compreensão da influência da fraude académica no processo de ensino e aprendizagem estudo de caso-Escola secundaria Josina Machel**. 2018.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memorial de formação**. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancela; VIEIRA, Lívia Maria Fraga. Dicionário: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.



PERES, Cristiane Martins et al. Abordagens pedagógicas e sua relação com as teorias de aprendizagem. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 47, n. 3, p. 249-255, 2014.

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda Carolina. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. **Retratos da escola**, v. 10, n. 18, 2016.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea**, v. 1, p. 47-62, 2007.

RAMALHO, Betânia L.; NUNËZ, Isauro B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 208.

RODRIGUES, Sirlene; LOPES, Carlos. **Plágio na educação: reflexões em torno da literatura internacional e nacional**. 2019.

SARAIVA, Raphael et al. Análise descritiva dos microdados do Censo da Educação Superior do INEP para cursos de Tecnologia da Informação e Comunicação no Brasil-Um panorama 2015-2021. In: **Anais do XXXI Workshop sobre Educação em Computação**. SBC, 2023. p. 443-453.

SOARES, Kátia Cristina Dambiski; SOARES, Marcos Aurélio Silva. **Sistemas de ensino: legislação e política educacional para a educação básica**. Editora Intersaberes, 2023.

SILVA, Adriele Cruz da. **Desafios da pesca artesanal e as condições de vida dos pescadores da Praia de Zumbi–Rio do Fogo/RN**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso.

SILVA, Rosângela Maria de Oliveira. **Programa alfabetização solidária: um estudo sobre a experiência no município de Lagoa de Pedras/RN (1997-2003)**. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002

VYGOTSKY, Lev Semenovich; COLE, Michael. **Mente na sociedade: Desenvolvimento de processos psicológicos superiores**. Harvard university press, 1978.



A PROFESSORA DE ONTEM E A PROFESSORA DE HOJE: DIÁLOGO ENTRE A BIOLOGIA E A PEDAGOGIA

Ana Katarina Nascimento de Azevedo
Rafael da Silva Pereira Roseno

Na essência de cada educadora reside uma transformação constante, uma busca pelo equilíbrio entre o ontem e o hoje, entre a tradição e a inovação. No capítulo “A Professora de Ontem e a Professora de Hoje: Diálogo Entre a Biologia e a Pedagogia”, Ana Katarina Nascimento de Azevedo nos revela sua trajetória de formação, marcada por essa dualidade fascinante. Ao longo de sua narrativa, somos convidados a refletir sobre a riqueza do processo de ensinar e aprender, onde a biologia e a pedagogia se encontram em um diálogo profundo e transformador.

Ana Katarina nos guia por uma jornada em que a ciência da vida, representada pela biologia, se entrelaça com a ciência da educação, a pedagogia, formando uma nova perspectiva sobre o papel da professora na educação básica. Suas experiências na sala de aula são relatadas com a sensibilidade de quem compreende que o processo educativo vai muito além do conteúdo programático; ele é um convite à descoberta, à curiosidade e ao desenvolvimento integral dos alunos. A professora de ontem, que iniciou sua carreira com o rigor da ciência, dialoga com a professora de hoje, que reconhece a necessidade de mediar o conhecimento de maneira criativa e empática.

Neste capítulo, Ana Katarina reflete sobre os desafios enfrentados ao longo de sua formação, questionando-se sobre as lacunas no aprendizado dos estudantes e buscando, incansavelmente, formas de conectar a prática pedagógica com a realidade de seus alunos. Essa inquietação, típica de uma educadora comprometida, a impulsiona a buscar novas metodologias e a inovar constantemente, sempre guiada pelo desejo de proporcionar uma educação significativa e transformadora.

Com uma prosa envolvente e inspiradora, a autora nos mostra que ser professora é estar em constante movimento, aprendendo com o passado, mas sempre olhando para o futuro. É nesse diálogo entre o que já foi e o que ainda pode ser que Ana Katarina encontra sua força e sua paixão pela educação, transformando cada obstáculo em um degrau na sua formação. O leitor é convidado a se conectar com essa jornada, sentindo que, como ela, também pode transformar o mundo através da educação.



MEMÓRIAS DA MINHA EDUCAÇÃO BÁSICA

Durante o curso de Pedagogia, aprendi que a legislação sobre educação passou por diversas mudanças, entre elas a nomenclatura utilizada para indicar as etapas do ensino, sendo a Lei nº 5.692/71 que adotava a nomenclatura para as etapas de ensino básico, que se dividiam em 1º e 2º grau. No 1º grau, estudávamos do 1º ao 8º ano. Já o 2º grau, se dividia em três anos. Hoje, após a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, o ensino básico se divide em Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e Ensino Médio. Na época dos meus estudos na Educação Básica, a participação na Educação Infantil ainda não era obrigatória e, por este motivo, somente fui à escola pela primeira vez com 6 anos de idade, quando fiz o curso da pré-escola, etapa necessária para ser admitida no 1º ano de ensino do 1º grau.

Assim, minha formação educacional se iniciou em 1986, no Jardim Escola Pirlimpimpim, aos 7 anos. Nessa época, minha mãe era professora da rede Estadual de Ensino do RN. Desse tempo, lembro de minha amizade com Luciana e de como éramos sapecas, subindo em árvores. Foi lá que cursei do 1º ao 4º ano do 1º grau, no período de 1986 a 1989.

Entre os anos de 1990 a 1993, cursei do 5º ao 8º ano na Escola Guararapes. Essa escola tinha como entidade mantenedora a fábrica *Confecções Guararapes S.A.* e foi autorizada a funcionar em 1976 com a Portaria nº 285/76. Tenho, desse período, a lembrança a de ter adoecido de hepatite, pois fiquei de "molho" em casa juntamente ao meu irmão e, ao final do ano, precisei enfrentar a recuperação – a primeira e única vez – , quando estava no 7º ano. Quanto ao 2º grau, cursei na Escola Salesiano São José. Lembro que adorava ir às aulas e estudei o 1º e 2º ano pela manhã, já o 3º ano, conhecido como pré-vestibular, foi à noite. Nesse ano, também recordo de que sempre participei de aulas aos domingos, como preparação para entrar na faculdade.

Do tempo de faculdade, lembro que, a princípio, prestei o vestibular para medicina, mas não obtive sucesso e voltei a estudar em cursinhos preparatórios, fazendo cursos por disciplinas em isolados. Passei no vestibular em 1997. Tentei medicina novamente, porém não consegui e acabei entrando na 2ª opção, o curso de Ciências Biológicas à noite. Não me arrependo, pois aprendi muito nas diversas disciplinas e findei



me apaixonando não só pelo curso, mas também pela educação, terminando-o no ano 2003.

O INÍCIO DA JORNADA COMO PROFESSORA – A FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Minha formação profissional se iniciou de maneira informal, ainda nos tempos da faculdade de Ciências Biológicas. Ministrava aulas de Biologia, Estatística, Microbiologia, Parasitologia e Educação Ambiental para minhas amigas, que tinham dificuldade nas disciplinas curriculares do curso.

Fui aluna bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) no laboratório de Genética Molecular e, assim, meu TCC da graduação foi voltado a essa temática, tendo como título *Análise estrutural de uma AP proteína da classe das endonuclease associada com o mecanismo de reparo de DNA (Ácido desoxirribonucleico) por excisão de bases em cana de açúcar*. Terminei a graduação em licenciatura no ano de 2003 e, logo após, fiz o reingresso para o mesmo curso na modalidade de bacharelado, concluindo a faculdade em 2004.

Um fato marcante na formação da licenciatura foi que, no ano de 2002, em que eu deveria cursar os Estágios Supervisionados, além dos componentes Prática de Ensino em Ciências Físicas e Biológicas e Prática de Ensino de Biologia, houve uma grande greve dos professores e o estágio foi desenvolvido no Museu Câmara Cascudo, apresentando a sala do sal para os visitantes, estudantes do Ensino Fundamental. E, dessa forma, não tive a experiência de sala de aula na faculdade, sucedendo dessa deficiência ser suprida somente em 2008, quando lecionei na Escola Freinet.

ESCOLA FREINET: A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Em 2008, por meio de uma amiga que me indicou para trabalhar na Escola Freinet, iniciei minha carreira profissional como professora. Fiquei na Escola até o ano de 2014. Esse período foi muito rico para minha vida pessoal e profissional. Lá, conheci os meus melhores amigos e aprendi muito sobre a educação. Assim, descreverei, nas subseções



desta seção, sobre a escola e seu funcionamento, bem como acerca de Freinet e a sua forma de pensar a educação.

A Escola Freinet, que durante meu período de trabalho por lá se localizava na Avenida Hermes da Fonseca, em Natal/RN, tem uma metodologia didática de ensino diferenciada, baseada no princípio de levar o aluno a ser o centro da aprendizagem e ensino. Nessa abordagem, se utiliza o trabalho em equipe, as tecnologias e práticas inovadoras e, dessa forma, o aluno desenvolve autonomia. Além disso, no decorrer do processo da aprendizagem, há uma reflexão pessoal e profissional dos sujeitos envolvidos.

Lembro que as salas de aula tinham, em média, 20 estudantes, que não se sentavam uns atrás dos outros, como nas escolas de ensino tradicional. Aqui, os alunos se sentavam em círculo, o que favorecia o processo de ensino aprendizagem, tornando possível que eles discutissem os conceitos dos conteúdos de forma democrática, com a mediação do professor.

As aulas ocorriam de segunda à quinta-feira, com dois componentes curriculares por dia. As sextas-feiras eram destinadas para o estudante, em Reunião Cooperativa, elaborar sua agenda individual, sob a orientação de seus professores e fazerem a Auto-heteroavaliação, em que eles se avaliavam e também aos seus colegas.

Não havia provas tradicionais, nem tão pouco havia notas na escola. A avaliação era feita por cores, sendo elas o vermelho, o amarelo e o verde. Na faixa vermelha, estavam os estudantes que tinham, a partir de suas próprias reflexões com a ajuda dos colegas e professores, deixado de cumprir as atividades necessárias para seu aprendizado. Na faixa amarela, ficavam os alunos que tinham realizado as atividades, embora deixado em aberto alguns pontos que poderiam ser relacionados a conceitos cognitivos ou comportamentais. E, na faixa verde, os alunos que tinham o devido zelo e cuidado em seu próprio caminho rumo à aprendizagem. Essa avaliação era feita toda semana, então o processo era contínuo.

No início em 2008, achei que essa forma de avaliação não apresentava bons resultados. Isso se deu, talvez, por influência da minha própria formação dentro da Metodologia Tradicional de Ensino, mas obtive a grata surpresa de verificar, ao longo dos anos, que ela era realmente efetiva.



Dessa forma, durante minhas aulas, pude vivenciar o que significava dar aulas em uma escola com uma metodologia que não fazia parte do método tradicional de ensino e, nesse período, construir com meus estudantes alguns produtos diferenciados, que promoveram o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa. Como não se utilizava um único livro, já que os estudantes eram orientados a buscar diversas fontes de estudo, no ano de 2013, elaboramos, a partir das contribuições dos estudantes, alguns materiais, como seus próprios livros.

Esse período de minha vida foi muito interessante e trouxe diversas aprendizagens, abarcando a vivência de uma escola diferente das demais, tradicionais, em que trabalhei, bem como das que estudei. Nesse decurso, pude verificar, na prática, que há uma forma de ensinar na qual o aluno pode ser totalmente responsável pelo seu aprendizado, exercitando sua autonomia, e que o professor ocupa o papel de orientador e mediador do processo ensino-aprendizagem. Nas próximas seções, relatarei sobre como se deu minhas práticas enquanto professora da rede pública de ensino.

RELATO DAS PRÁTICAS COMO PROFESSORA DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Em 2010, fui aprovada em um concurso para professor da rede Estadual de Educação do Rio Grande do Norte e, em 2011, fui aprovada para ser professora na rede Municipal de ensino de Natal/RN. Já iniciei minhas aulas buscando, sempre que possível, fazer com que os estudantes produzissem textos com suas ideias, partindo de algum tema, incentivando a escrever seus entendimentos sobre um determinado problema.

Assim que fui convocada para o concurso, fui encaminhada a duas escolas: Escola Municipal Professor Mário Lira e Escola Municipal Professor Juvenal Lamartine. Trabalhei nessas escolas entre os anos de 2011 e 2014. Depois, solicitei um afastamento para trabalhar em outro ramo, com o direito, na Secretaria Municipal de Tributação. Permaneci nessa secretaria entre 2014 e 2019, momento em que, após muito refletir, percebi que meu coração sempre foi da educação. Então, retornei à Secretaria Municipal de Educação (SME), sendo encaminhada a outras duas escolas: Escola Municipal Veríssimo de Melo, localizada no bairro de Felipe Camarão, e Escola Municipal Otto de



Brito Guerra, conhecida como CAIC, localizada no limite entre os bairros Pitimbu e Planalto.

Enquanto estive nas escolas Mário Lira e Juvenal Lamartine, direcionei minhas aulas para o método de ensino tradicional. Esse ensino se apresenta com as seguintes características, segundo Libâneo (1992, 02): “Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno, não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno. Há predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual”. No entanto, algo me incomodava, pois já tinha ministrado aulas com o método de Freinet e, dessa maneira, minhas aulas, apesar das características tradicionais, tinham um pouco de inovação em relação, principalmente, à forma de avaliação, ao uso da ludicidade em algumas atividades e a apresentação de temas que envolviam o cotidiano do aluno, fazendo com que, a partir de suas experiências, eles se engajassem e tivessem autonomia em seu processo ensino-aprendizagem.

Uma destas inovações foi colocar em prática o projeto *Aprendendo a cuidar de si, do próximo e do meio ambiente*, publicado em 2020. Nesse projeto, utilizei uma metodologia que envolvia a leitura e produção de textos voltados ao tema proposto. Em resumo, foram realizadas leituras a partir de rodas de leitura e, após a leitura coletiva, os estudantes confeccionaram poesias e ilustrações.

Na fundamentação do projeto, utilizei como material de estudo Koch (2002), que afirma que através da leitura o estudante terá a capacidade de identificar os mecanismos linguísticos e extralinguísticos, que envolvem os diferentes gêneros presentes em seu cotidiano. Com isso, é possível atender à Competência Geral da educação, presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a comunicação:

> Comunicação — Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BNCC, 2018).

Diante disso, participaram deste estudo 20 (vinte) estudantes do 6º ano da Escola Municipal Mário Lira, em Natal/RN. Ao final, foram produzidas 28 (vinte) poesias e 13 (treze) ilustrações. As poesias tinham como temas a destinação correta dos resíduos



sólidos (lixo), a poluição, os seres vivos, a reciclagem, a teia alimentar e a preservação e conservação dos ecossistemas (Azevedo, 2020).

Com o tempo, percebi que as atividades lúdicas em sala de aula trazem a reelaboração do conhecimento e que podemos construí-las em grupo ou individualmente. Nessas atividades, os jovens passam a ser protagonistas de sua história social, o sujeito da construção de sua identidade, possibilitando o despertar para aprender (Pinto, 2010).

Também nesse mesmo período li o livro *Avaliações mais criativas* (2018), de Solimar Silva, e pude perceber que avaliar um processo e um estudante é muito mais do que simplesmente dar uma nota: é buscar perceber a evolução do caráter e do pensamento do estudante. Na obra, o autor aborda diversas formas de avaliações, tais como seminários, estudo de caso, projetos de leituras, criação de paródias e jornais, que podem ser utilizadas em sala de aula e promovem o aprendizado e o desenvolvimento da autonomia e das relações sociais entre todos da comunidade escolar.

Após um período afastada, voltei à sala de aula determinada a fazer da minha prática pedagógica algo novo. Então, nas escolas Veríssimo de Melo e CAIC (2019-2021), procurei utilizar e desenvolver nos alunos o senso de cooperação, que pode ser adquirido com os trabalhos em equipe. Isso posto, acredito que trabalhando em equipe se prepara o estudante para a realidade, já que ninguém se torna um profissional sozinho no mundo. Todos precisam, em algum momento, de ouvir e se fazer ouvir dentro do grupo, trocando ideias e soluções para as situações do cotidiano.

Em 2022, na escola Otto de Britto (CAIC), um professor de Ciências Biológicas se aposentou e pude, então, trazer toda a carga horária que tinha na SME para essa escola, na qual atuo atualmente com um total de 12 turmas e 20hs aulas semanais.

Na rede Estadual trabalhei em algumas escolas, sendo elas: Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, em 2010; Escola Estadual Professor Ary Parreiras, em 2012; Escola Estadual Felipe Guerra, também em 2012; Escola Estadual Ulisses de Góis e Jerônimo Gueiros, de 2016 a 2017; Escola Jerônimo Gueiros e Escola Newton Braga, de 2018 a 2021. Atualmente, atuo na Escola Professor Antônio Pinto de Medeiros, de 2021 até o presente momento. Entre 2013 e 2015, estive de licença sem remuneração devido à dificuldade de conciliar as cargas horárias das escolas.



Meu principal projeto foi executado, em especial, nas escolas Jerônimo Gueiros e Newton Braga, durante o período de 2018 a 2020, quando o desenvolvi utilizando Histórias em Quadrinhos (HQ's). Esse projeto foi o meu Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado, que resultou na publicação de um artigo no *Brazilian Journal of Development*, em 2020.

O projeto me permitiu ajudar os alunos em seu próprio aprendizado e também contribuiu para desenvolver o meu lado mediador, ao orientar as produções sem interferir na criatividade. Nesse processo, apenas direcionei as perguntas e as ideias, a fim de que não ocorressem erros formais de conceitos.

Percebi que a inovação é um ponto fundamental para toda prática educativa. O uso de materiais e recursos que não precisam necessariamente ser novos ou inéditos, tais como as próprias HQ's, que passaram a ser usadas não só para a leitura do que já está publicado, mas também como objeto de um método para a criação de novas formas de expressão, de sentimentos, de conceitos e reflexões (Azevedo, 2020).

Assim, utilizando esse recurso, os alunos podem ser autônomos, aplicando soluções a problemas reais ao expor opiniões e soluções de forma criativa. Ao trabalhar em equipe, eles desenvolvem aptidões e se inserem em um grupo de forma ativa e efetiva.

Sobre esse tema, lembro que Celestin Freinet e Paulo Freire, dois estudiosos da educação, mencionaram em seus estudos que a educação não deve estar limitada a muros de escolas e que ensinar não é transmitir conhecimento. Ambos afirmaram que o necessário é que os estudantes criem e trabalhem em tarefas individuais ou coletivas gerando, assim, possibilidades para a construção de conhecimentos pautados em seus próprios esforços.

Esse projeto, que consistia na metodologia ativa, no ato de investigar determinado problema buscando a melhor solução, se apresentou como ferramenta lúdica. Contudo, é preciso salientar que ser lúdico não se limita à aplicação de jogos ou à materiais pedagógicos, mas, sim, que é algo voltado para a postura do professor que busca romper com a distância entre o real e o abstrato, transportando o jovem do plano concreto ao universo científico de maneira prazerosa e instigadora. Em suma, isso tornou a aprendizagem significativa e permitiu ao indivíduo perceber a relação entre o que está



aprendendo e a sua vida, que envolve seu raciocínio, análise, imaginação, relacionamento entre ideias, coisas e acontecimentos (Pinto, 2010).

A análise e construção dos quadrinhos pelos estudantes me permitiu ver, hoje, após cursar Pedagogia, que os conhecimentos adquiridos na disciplina de Prática de Letramento remetem aos conceitos de alfabetização científica, letramento de fato e a como ocorre esse processo na mente de cada estudante, reforçando as teorias de Piaget e Vygotsky. Lembro de uma frase famosa de Piaget, que pauta os meus trabalhos e pesquisas desde a faculdade: “Professor não é o que ensina mais o que desperta no aluno a vontade de aprender” (PIAGET, 1995).

Sobre o letramento científico, vale ressaltar que muitos estudiosos, entre eles Krasilchik (2008), consideram que a aprendizagem possui quatro níveis: a) Nominal; b) Funcional; c) Estrutural; e d) Multidimensional. Quanto aos seus conceitos, temos:

> 1º - Nominal - quando o estudante reconhece os termos, mas não sabe seu significado biológico. 2º - Funcional - quando os termos memorizados são definidos corretamente, sem que os estudantes compreendam seu significado. 3º - Estrutural - quando os estudantes são capazes de explicar adequadamente, em suas próprias palavras e baseando-se em experiências pessoais, os conceitos biológicos. 4º - Multidimensional - quando os estudantes aplicam o conhecimento e habilidades adquiridas, relacionando-as com o conhecimento de outras áreas, para resolver problemas reais.

A autora menciona, ainda, que os estudantes devem passam a estudar conteúdos científicos relevantes para sua vida, no sentido de identificar os problemas e buscar soluções para eles (Krasilchik, 2000).

A avaliação final do projeto me remete aos conhecimentos adquiridos nas disciplinas Tecnologias Educacionais e Didática, nas quais se retoma a importância de se trabalhar com o lúdico e com tarefas que podem ser desenvolvidas de forma a estimular o processo de ensino-aprendizagem. No fim, foram produzidas no projeto o total de 17 ilustrações, envolvendo os temas da molécula de DNA ou RNA e ecologia, e 18 HQ's com temas acerca do DNA e RNA, Replicação e transcrição, Fotossíntese, Respiração e Biomassa. Diante desse resultado, ficou claro que trazer inovações para a sala de aula, como uso de recursos diferentes dos tradicionais quadro e giz, oferece muito mais significado a cada atividade e desenvolve a percepção das crianças e jovens para aprender de forma criativa e crítica.



Em 2022, já na Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros, desenvolvi um projeto intitulado *Utilizando Fotonovelas no ensino de Ciências*, publicado em 2023. Esse projeto foi desenvolvido ainda durante o meu curso de Pedagogia e apresenta os conhecimentos adquiridos em alguns componentes curriculares do curso, tais como Alfabetização e Letramento e Sexualidade e Educação. Nele, utilizei uma metodologia que aborda os estudos da natureza e da biologia de forma criativa, com a apresentação do lúdico às fotonovelas, o que proporcionou uma aprendizagem complementar ao usar de esquemas e linguagens (visuais e verbais). Isso foi importante porque os jovens puderam adquirir diversas percepções sociais e ambientais e, como consequência, tiveram ampliada a consciência voltada à preservação dos segmentos sociais, culturais e ambientais da sua localidade e do planeta.

Esse recurso das fotonovelas promoveu a aprendizagem dos alunos de forma ativa, pois, como destaca Vilela (2004, p. 128), "[...] o professor, ao estimular a produção de materiais pelos próprios alunos, contribui para que eles desenvolvam sua criatividade e explorem os conteúdos específicos da disciplina ou pertinentes ao assunto da aula".

A relação com o componente curricular Alfabetização e Letramento se deu quando esse remeteu ao fato de que, ao usar as fotonovelas, eu consegui criar um contexto propício para o processo de letramento, conceito bastante atual que mostra a possibilidade de alfabetizar as crianças e jovens através de projetos que tenham significado para eles, o público-alvo. E os estudantes, ao escolherem a temática das fotonovelas, discutiram sobre a sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST 's), noções atreladas ao componente curricular Sexualidade e Educação. No final, esse projeto teve como resultado a produção de quatro fotonovelas, com os temas: Gravidez na adolescência (03 fotonovelas) e IST 's (01 fotonovela).

AS ESCOLAS PÚBLICAS E O PERÍODO DE PANDEMIA DA COVID-19: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DESAFIADORAS

A sociedade brasileira enfrentou um grave problema de saúde nos anos de 2020 e 2021. Ocorreu, no mundo, a Pandemia de Covid-19, que impactou sistemas escolares do Brasil e de outros países, resultando em medidas que foram desde a suspensão de aulas



presenciais até a realização das aulas por meio de plataformas virtuais, denominadas aulas remotas.

Em 2020, as aulas primeiramente foram suspensas. Se esperava que esse período fosse breve, no entanto não foi o que ocorreu. O Ministério da Educação (MEC) publicou portarias, desde o dia 18 de março, com atualizações para regular as atividades da Educação Básica e Superior – a exemplos das Portarias 343, 345, 356 e 473 –, indicando a suspensão das as aulas presenciais e a apresentação em caráter emergencial da educação remota, conforme o Parecer nº 5/2020, o qual expressa que tal situação de suspensão deve seguir ritmos diferentes para os Estados e municípios a depender da extensão e intensidade da contaminação pela Covid.

Como professora, vivenciei duas realidades distintas, uma na rede pública estadual e outra na rede pública municipal. A rede pública estadual passou todo o ano de 2020 sem aulas de qualquer natureza. Somente em 2021, ela passou a utilizar as estratégias que surgiram para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. As novas práticas pedagógicas, mediadas por plataformas digitais, detinham do uso de aplicativos com conteúdo, tarefas, notificações síncronas ou assíncronas, tais como as plataformas *Teams*, *Google Class*, *Google Meet* e *Zoom*. Essas tecnologias foram utilizadas de forma instrumental com práticas de ensino transmissivo (Moreira *et al*, 2020).

Já a rede pública municipal, em 2020, utilizou o Programa das Teleaulas. A princípio, esse projeto foi voltado para o 9º ano do Ensino Fundamental. Somente em 2021, as aulas das escolas municipais acompanharam as propostas de ensino remoto que estavam sendo utilizadas na rede estadual.

No entanto, apesar dessa adaptação, o acesso às tecnologias educacionais não estava disponível à população em sua totalidade, pois milhares de alunos matriculados no ensino público não conseguiram adquirir *tablets*, *smartphones* e/ou *notebooks*, por não terem condições financeiras para comprá-los, se beneficiando do suporte que essas tecnologias podem propiciar para o ensino.

Ainda, como professora, busquei me aprimorar em ferramentas tecnológicas e fiz alguns cursos de aperfeiçoamento, como o II Curso de Capacitação em Jogos e Gamificação; Criando Recursos Pedagógicos Através das Ferramentas Digitais; e A



Fotografia Digital como Recurso de Letramento Visual na Formação de Professores do Ensino Básico; todos promovidos pela Prefeitura Municipal de Natal.

A LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) é uma instituição criada para atender ao objetivo de qualificação científica, técnica, pedagógica e cultural do professor da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (PPP, 2019). Essa qualificação pretende fortalecer e aprimorar as competências intelectuais e profissionais dos professores que já atuam na rede pública de ensino ou que venham a atuar, permitindo que ele seja um profissional de participação ativa e construtiva nos processos educativos do Estado.

Nesta seção, abordarei de forma sucinta a minha trajetória acadêmica, comentando o período da pandemia e das aulas não presenciais, os componentes curriculares e os estágios supervisionados.

O PERÍODO DE PANDEMIA DA COVID-19 E AS AULAS NÃO PRESENCIAIS

Entrei no curso por meio do processo seletivo que ocorreu no final do ano de 2019. Quando as aulas iniciaram em 2020, passamos por um período difícil da História, a pandemia de Covid-19, e, durante dois anos, passamos a ter aulas no formato remoto, através da plataforma *Google Meet*. Esse momento foi difícil, pois tudo era novo. Ter de entender um pouco de tecnologia para compreender como funcionavam os aplicativos de vídeos, de apresentação, de videoconferências e as plataformas de ensino, em que o material era postado e se encontrava disponível para aulas, ao mesmo tempo em que vivíamos a ansiedade de dias melhores na questão da saúde coletiva e o medo de ficar doente, ou de perder amigos próximos e familiares, tornou esse episódio conturbado para todos.

Esse aspecto, de estar num curso como aluna em um período do dia e em outro, sem sair de casa, ser professora da rede pública, no mesmo espaço, foi desafiador. Entretanto, esse foi um período em que aprendi muito e superei alguns limites e medos. Neste Memorial, em especial nesta seção, apresentarei como os componentes curriculares



contribuíram para que eu pudesse ter o sucesso que hoje abraço e vivencio em sala de aula como aluna e professora.

OS COMPONENTES CURRICULARES

O curso de Pedagogia se apresenta em três núcleos de estudo: no Núcleo I, de estudos básicos, temos 8 disciplinas. Algumas delas, como Metodologia do Trabalho Científico, Organização da Educação Brasileira e Filosofia da Educação, já tinha tido contato durante o curso de Ciências Biológicas, tendo, inclusive, já narrado neste Memorial minhas principais lembranças e memórias dessa época.

No núcleo II, tivemos os componentes curriculares de fundamentação da educação, como Introdução à Pedagogia, Currículo Teoria e Prática, Didática, Educação Especial, Políticas Públicas e Gestão Educacional.

No Núcleo III, tivemos disciplinas voltadas para o aprofundamento do curso. A meu ver, esse núcleo, juntamente ao Núcleo IV, são os principais pilares da formação em Pedagogia. Nesse núcleo, estão as disciplinas que mais aprendi a ser uma professora de qualidade e com entusiasmo, sendo elas: Fundamentos Teóricos de Matemática, Ciências, História, Geografia, Língua Portuguesa, Arte e Educação Física.

Em Fundamentos de Educação Física, elaborei um projeto intitulado *Intervalo Interativo*, que apliquei na minha escola, a Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros. Esse projeto buscou atender a Competência da BNCC que permite aos estudantes usufruírem das práticas corporais de forma autônoma, potencializando o envolvimento de lazer, sociabilidade e promoção da saúde.

Outro componente curricular que me influenciou foi Tecnologia Digital da Informação e Comunicação. A partir dessa influência curricular, busquei e participei de um curso de formação promovido pela Prefeitura do Natal/RN, ministrado no Centro Municipal de Referência em Educação (CEMURE), com título II Curso de Capacitação em Jogos e Gamificação, no qual, ao final, criei, com alguns amigos também professores, um jogo, o “GERBYON”, sobre a temática dos biomas, para ser utilizado em sala de aula. Neste ano 2024, irei aplicar e estudar como esse jogo pode influenciar no aprendizado dos jovens da minha sala de aula na rede pública municipal de Natal.



No Núcleo IV – núcleo de ensino, escola e práticas educativas –, tivemos os componentes curriculares denominados de Pesquisa na Prática Pedagógica (I até VIII). Durante o período cursando essas disciplinas, elaborei e apliquei dois projetos na minha escola, de títulos *A Praça e Sua Interação Com A Escola – Uma Parceria Necessária Para Promoção da Sustentabilidade e do Bem-estar Social* e *Você conhece os Serviços de Saúde oferecidos em sua cidade?*

O projeto *A Praça e Sua Interação com A Escola – Uma Parceria Necessária Para Promoção da Sustentabilidade e do Bem-estar Social* tinha como objetivo promover na comunidade escolar a consciência dos estudantes, professores e pais sobre a importância de se preservar áreas verdes, como praças, no ambiente urbano. Nesse projeto, pude colocar em prática a teoria que aprendi nos componentes curriculares Educação Ambiental, Alfabetização e Letramento I e II, além de Pesquisa e Prática Pedagógica. Ao seu final, em 2022, esse projeto entrou na publicação da Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEEC/RN) como uma das práticas exitosas promovidas no Estado.

Já o projeto *Você conhece os Serviços de Saúde oferecidos em sua cidade?*, foi desenvolvido em 2023, na mesma escola do projeto anterior, e foi bem interessante, uma vez que tive a oportunidade de publicá-lo na *Revista Brazilian Journal of Development*. Ele também envolvia uma prática de alfabetização que abraçava um contexto de letramento e que teve o desenvolvimento de uma prática multidisciplinar, ao abranger, na escola, as disciplinas de Ciências, Geografia, Matemática e Língua Portuguesa.

OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Nos estágios Supervisionados que considero o “coração” do curso de Pedagogia, são os componentes que, efetivamente, colocamos em prática e vivenciamos tudo que aprendemos durante o curso. Foram quatro estágios realizados: o estágio em Educação Infantil; o estágio em Anos Iniciais de ensino; o estágio em Gestão; e, o último, o estágio em Ambientes não-escolares.



ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

O Estágio em Educação Infantil foi realizado no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Claudete Costa Maciel, localizado na rua Serra dos Carajás, nº 3160, no conjunto Cidade Satélite, em Pitimbu, durante o período vespertino.

Nesse estágio, a observação que fiz diz respeito somente à forma como as atividades foram apresentadas, pois, no que se refere a forma como foi elaborada, a professora deu muita ênfase à alfabetização, a maneira como esse termo foi desenvolvido, quando ainda se tinha um sistema tradicional de ensino. No entanto, o momento educacional atual está propiciando novas formas de ensino voltadas à inserção da alfabetização num contexto de letramento.

Segundo Magda Soares (2021), alfabetização seria o "[...] processos de apropriação da tecnologia de escrita, isto é, o conjunto de técnicas, procedimentos, habilidades, necessárias para a prática da leitura e da escrita" (SOARES, 2021, p. 27). Já o letramento seria a "Capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita" (Soares, 2021, p. 27).

Outro ponto de destaque se refere a frequência das crianças. Segundo Gonçalves (2010), é imprescindível que as crianças frequentem a Educação Infantil, como afirmam suas palavras:

> [...] é importante que as crianças frequentem o jardim-de-infância, visto que a educação pré-escolar visa a criação de condições para satisfazer as necessidades básicas da criança, oferecendo-lhe um clima de bem-estar físico, afetivos, social e intelectual, mediante a proposição de atividades lúdicas que levam a criança a agir com espontaneidade, estimulando novas descobertas e o estabelecimento de novas relações a partir do que já se conhece (Gonçalves, 2010, p. 17).

No CMEI em que desenvolvi esse estágio, embora, em entrevista com a secretaria da escola tenha obtido a informação de que há uma frequência de 80% dos alunos, foi observado que na turma do Nível IV a frequência era de 64%. Quando as crianças não vão ao CMEI todos os dias, o processo de ensino aprendizagem é prejudicado e, conforme declara Cupertino (2021) "os alunos que não frequentam a escola diariamente, perdem os conteúdos e as atividades pedagógicas propostas pela docente, entre outras dimensões que envolvem o cotidiano da/na sala de aula" (Cupertino, 2021, p. 05).



ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO ANOS INICIAIS

O estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi realizado na Escola Estadual Vale do Pitimbu, localizada na rua Presidente Juscelino Kubitschek, s/n, também no conjunto Cidade Satélite, em Pitimbu, no período vespertino.

O primeiro ponto de destaque desse estágio foi que a escola apresentou dois Projetos de Alfabetização. O primeiro com a finalidade de alfabetizar alunos que apresentaram baixo rendimento durante o período pandêmico (2019-2021), realizado com uma verba que sobrou dos antigos projetos presentes na escola, o *+ Educação e +Alfabetização*, dedicado ao ensino de Língua Portuguesa e Matemática. O segundo projeto, denominado de *Fênix*, era executado por uma das servidoras que foi readaptada, em virtude de um problema parcial da visão. No horário do projeto, não eram todos atendidos, somente aqueles que, após uma avaliação, apresentaram a necessidade de reforço.

Outro fator de destaque foi constatar que a avaliação e acompanhamento dos estudantes eram feitos por meio de relatórios. De acordo com os autores Rocha *et al* (2011), é necessário que o relatório apresente os pontos fortes e fracos da criança, de modo que a família possa acompanhar a evolução dela. Embora a legislação afirme que os estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental até o 3º ciclo não devem realizar avaliações com parâmetros para aprovação ou reprovação, a professora da turma em que estagiei, o 3º ano, preparava e aplicava avaliações diagnósticas.

Conforme sustenta Luckesi (2011), é necessário investigar para conhecer e conhecer para agir. Sendo assim, é necessário compreender o significado da avaliação da aprendizagem como um "[...] ato de investigar a qualidade do seu objeto de estudo e se, necessário, intervir no processo da aprendizagem, tendo como suporte o ensino, na perspectiva de construir os resultados desejados" (Luckesi, 2011, p. 145).

Inclusive, na avaliação diagnóstica de Português, a professora utilizou uma tirinha da Mônica, o que representa a ludicidade necessária para promover uma aula mais interativa. De acordo com Rios (2017) e Silva (2021), é importante salientar que as atividades lúdicas não são restritas apenas a jogos e brincadeiras, mas a uma variedade de ideias que buscam o prazer e aprendizagem dos sujeitos, pois "[...] o lúdico inserido nas



salas de aula fará com que as aulas se tornem mais dinâmicas e atrativas, fazendo com que prenda a atenção dos alunos e minimize a evasão escolar" (Silva, 2021, p. 01).

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GESTÃO ESCOLAR

A escola, campo deste estágio, foi a Escola Municipal Dr. Sadi Mendes Sobreira, localizada na rua Santa Luzia, s/n, no bairro de Nova Parnamirim, em Parnamirim/RN.

Desse estágio, o ponto que eu destaco se refere ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Em relação ao processo de avaliação, o PPP da instituição demonstra a preocupação com todo processo de ensino-aprendizagem, baseado principalmente na teoria de Vygotsky. Sobre esse tópico, está presente no PPP:

> Desse modo, percebemos que a avaliação não ocorre apenas em um momento específico e, sim, que está presente em todo o processo educacional, tornando-se um instrumento que se concebe desde o início até a finalização do trabalho do professor(a) (PPP, 2020, p. 18).

Frente a isso, a escola possui orientações e práticas de inclusão pautadas nos documentos oficiais e, em seu PPP, apresenta uma Sala de Recursos Multifuncionais, que funciona desde 2014, em que são atendidos alunos com deficiência, como Síndrome de Down, espectro autista e outros transtornos.

Em relação à comunidade, a escola busca sempre trazê-la para seu dia a dia, com a formação de parceria, cuja finalidade é "[...] mutirões para limpeza, conservação e manutenção do patrimônio escolar, além de ofertas de serviços e benefícios para melhorar o ambiente escolar" (PPP, 2020, p. 48). Ainda, existe "[...] o apoio do C.R.A.S. através de palestras e ofertas de serviço orientação psicossocial" e "Parceria com a Secretaria de Saúde, através do Posto de Saúde com palestras, e prestação de serviços de oriental para uma boa saúde e higiene bucal" (PPP, 2020, p. 48).

Além disso, um outro ponto que me surpreendeu foi descobrir que a gestão da escola elaborou, com base em seu PPP, um Plano Trienal de Ação. Nesse plano, apresentaram a caracterização da unidade de ensino, relacionando alguns aspectos, como recursos materiais e recursos humanos, expondo, ainda, os objetivos gerais e específicos para o período de atuação da gestão durante o triênio.



Como aluna do curso de Pedagogia, no estágio referente à gestão escolar, considerei esse plano um marco importante, uma vez que, tendo em vista que sou professora atuante das escolas públicas há 10 anos, foi a primeira vez que pude ver que uma gestão elaborou tal documento. Geralmente, se usa somente o PPP antigo, já elaborado.

Diferente dos Estágios em Educação Infantil e do Estágio nos anos iniciais, em que a intervenção é a regência em sala de aula, no Estágio em Gestão Escolar o meu plano de intervenção foi a construção de um site para a escola, com o objetivo de promover uma maior comunicação entre todos que compõem a instituição – gestão, professores, pais e alunos. O uso de sites se revela importante e fundamental como ferramenta para a promoção de uma educação de qualidade, possibilitando, ainda, a inclusão digital e potencializando o processo de construção do conhecimento e de cidadania, oportunizando a interação entre todos os atores do processo educacional.

Em 2023, obtive a oportunidade de apresentar o trabalho desenvolvido nesse estágio para meus colegas iniciantes dos cursos de Pedagogia e Letras, como palestrante no Seminário Temático Integrador II, com o título *Relato de Experiência de Estágio Curricular Supervisionado*.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

Este estágio se desenvolveu na Sociedade Espírita Joanna de Ângelis (SEJA), localizada na avenida Rui Barbosa, nº 1381, no bairro de Lagoa Nova, em Natal/RN.

A educação em espaços não escolares ainda está em processo de determinação de seu conceito, pois se trata de uma área do estudo que está em construção. Ela recebe esta nomenclatura por promover uma atuação na qual o indivíduo aprende fora dos muros de uma escola, a partir do relacionamento com diversos agentes sociais, tais como a família, amigos, entes de associações e igrejas. O indivíduo aprende com a própria vida, por meio de experiências compartilhadas, como vemos nas palavras de Gohn (2004): “Educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’ via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (Gohn, 2004, p. 01).



No meu primeiro dia na instituição, fui surpreendida com a seguinte proposta de trabalho final para este estágio: “Você seria capaz de elaborar um material que tivesse como fundamento apresentar a nossos amigos e irmãos uma forma de estudar com mais eficiência e habilidade?”. Após pensar por um momento, e analisar que um pedagogo poderia elaborar materiais didáticos, respondi que sim.

Somente depois de alguns encontros na instituição, foi que percebi a relação entre a pedagogia e os espaços não escolares, a partir da observação de uma das palestras proferidas. Nessa palestra, escutei a seguinte frase: “As crianças não estão, num dado momento, sendo preparadas para a vida e, em outro, vivendo”. Essa ideia foi originalmente proferida por Dewey e, assim, percebi que vida e educação estão entrelaçadas e que preparar alguém para a vida é promover o aprendizado em qualquer ambiente ou espaço.

Esse ponto da apresentação da palestra também trouxe à minha memória diversas disciplinas que estudei ao longo do curso, como Educação Infantil e Currículo e Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Infantil I e II. Minha intervenção, conforme mencionado, foi criar um material que ajudasse aos frequentadores do espaço a estudarem. Dessa forma, no primeiro momento, apliquei um questionário para conhecer o perfil dos frequentadores e, no segundo, elaborei um Guia Prático de Leitura e Escrita.

O dia de apresentação do guia produzido no Centro Espírita foi aguardado com muito carinho e a apresentação seguiu conforme combinado com as orientadoras/supervisoras. Primeiro, foi feita a apresentação pessoal. Após isso, fiz a leitura da mensagem do dia – no Centro Espírita, toda atividade realizada é precedida de uma leitura – e, depois, apresentei brevemente o guia, o qual disponibilizei na forma física e digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Memorial de Formação, o qual intitulei *A professora de ontem e a professora de hoje: diálogo entre a biologia e a pedagogia,* busquei apresentar meu percurso de formação, desde a licenciatura em Biologia até a licenciatura em Pedagogia. Conforme relatado, o que me motivou a buscar a pedagogia foi compreender como os



estudantes chegavam ao Ensino Fundamental Anos Finais sem terem compreendido o básico de leitura e compreensão de texto. Confesso que, antes de fazer pedagogia, acreditava que o problema estava somente na forma como se davam as aulas e as avaliações durante essa etapa de ensino. Contudo, pude perceber, ao longo do tempo de formação, que outros fatores podem influenciar, desde a política externa, na configuração dos currículos, o tipo de metodologia utilizado em sala de aula, os aspectos socioeconômicos dos estudantes, até a frequência dos próprios estudantes durante o ano letivo.

Nos estágios, ficou evidente que o problema é mais complexo e envolve uma série de atitudes e ações, que não dependem só do professor ou da escola, mas que abarcam outras instâncias, pois é difícil, por exemplo, conseguir bons resultados se falta materiais para uso em sala de aula, de folhas à lápis, itens básicos, aos mais modernos, como *datashow*, para apresentar, no caso de Ciências, os seres vivos.

Ao longo da pandemia, as dificuldades que já existiam se tornaram mais evidentes. Percebemos o grande abismo que há entre pessoas com diferentes condições sociais e isso se refletiu em toda sociedade. Particularmente, hoje minha visão de mundo se encontra mais ampla e compreendo que nem sempre a solução está em uma única pessoa ou escola. Com isso, acredito que o meu caminho individual de formação profissional contribuirá para que, em minhas aulas, eu possa trazer o melhor aos meus alunos e colaborar para uma sociedade mais justa e cidadã.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. K. N. Aprendendo a cuidar de si, do próximo e do meio ambiente. *In*: SANTOS F. (Org.). **Meio Ambiente em Foco**. v. 12. Belo Horizonte/MG: Editora Poisson, 2020.

AZEVEDO, A. K. N. Utilizando Fotonovelas no ensino de Ciências biológicas. *In*: PIMENTA, D. C. F. G.; GONÇALVES, M. C. S. **Educação e Conhecimento**. v. 2. Belo Horizonte/MG: Editora Poisson, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF, 2018. Disponível em: https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Documento-Final.pdf. Acesso em: 30 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispões sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília, DF, 2020.



Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm. Acesso em: 30 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 356, de 19 de março de 2020**. Dispõe sobre a atuação dos alunos dos cursos da área de saúde no combate à pandemia do COVID-19 (coronavírus). Brasília, DF, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20356-20-mec.htm. 15 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Medida Provisória nº 934, de 1 de abril de 2020.** Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Brasília, DF, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv934.htm#:~:text=MPV%20934&text=Estabelece%20normas%20excepcionais%20sobre%20o,que%20lhe%20confere%20o%20art.. Acesso em: 15 abr. 2024.

BASTOS, S. N. D.; CHAVES, S. N. O que é Ser-Biólogo? Com a Palavra o Facebook. **Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 2, p. 89-106, jun. 2015. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5007/1982-5153.2015v8n2p89. Acesso em: 20 abr. 2024.

CORTELLA, M. S; SOUSA, M. **Vamos pensar um pouco?** Lições ilustradas com a Turma da Mônica. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

CUPERTINO, A. P.; SILVA, L. L. N. **Os reflexos da evasão em classes de educação infantil: em destaque, salas de crianças com três anos de idade**. *In*: Anais do III Encontro Nacional de Licenciaturas (ENALIC). Campina Grande: Editora Realize, 2021. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/84918. Acesso em: 1 jan. 2022.

AZEVEDO, A. K. N.; CAMAROTTI, M. F. C. O uso de Quadrinhos em sala de aula: uma possibilidade de melhorar a compreensão e aprendizagem dos alunos. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 103799-103816, 2020. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/22403. Acesso em: 30 mar. 2023.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. Tradução de Anísio Teixeira. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976..

ERICEIRA, R. C. S; PARRAT-DAYAN, S. (2016). Os estudos cognitivos da memória de Jean Piaget e Barbel Inhelder. **Memorandum**, v. 31, p. 38-55. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum. Acesso em: 22 fev. 2024.

FREINET, C. **Para uma escola do povo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

GOHN, M. G. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos.** Investigar em Educação - II ª Série, Número 1, 2014 Disponível no site: https://epale.ec.europa.eu/sites/default/files/gohn_2014.pdf Acesso em 16.05.2024



GONÇALVES, M. M. **A importância da Frequência do Ensino Pré-escolar no Sucesso da Escola Básica**. Universidade de Cabo Verde. Campus Palmarejo – Cidade da Praia. Uni-CV, 2010. Disponível em:

http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/2031/1/MonograFIA_LENA%20final.pdf. Acesso em: 1 set. 2022.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências.** São Paulo: Editora EPU, 1987.

KRASILCHIK, M. **Práticas no Ensino de Biologia.** 4ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

KRASILCHIK, M. Reformas e Realidade: o caso do ensino das ciências**. São Paulo em Perspectiva**, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9805.pdf. Acesso em: 24 mar. 2020.

KOCH, I. G. V. Os gêneros do Discurso: desvendando os segredos do texto**.** São Paulo: Editora Cortez, 2002.

LEGRAND, L. **Celestin Freinet:** Coleção Educadores. Recife: Editora Massangana, 2010.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem, componente do ato pedagógico.** São Paulo: Editora Cortez, 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. São Paulo: Editora Loyola, 1992. Disponível em: https://praxistecnologica.files.wordpress.com/2014/08/tendencias_pedagogicas_libaneo.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MACIEL, M. S. B. A. (org.) **Novos saberes, criatividade e aprendizagem.** 1ª Mostra Científica cultural das escolas estaduais da 1ª Diretoria Regional de Educação. 1ª ed. Natal/RN, 2023.

MOREIRA, J. A.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. M. V. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, n. 34, p. 351–364, 2020. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/17123. Acesso em: 15 abr. 2024.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam:** Coleção Polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

PERISSÉ, G. **Educação e Espiritualidade:** Coleção o valor do professor. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança.** 7ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes.

PINTO, C. L.; TAVARES, H. M. O Lúdico na Aprendizagem: Apreender e aprender. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 226-235, 2010. Disponível em: https://docero.com.br/doc/s8n00n. Acesso em: 20 mar. 2023.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (Orgs.) **Memorial de Formação - quando as memórias narram a história da formação...** Disponível em:



https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf. Acesso em: 21 mar. 2024.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Municipal Dr. Sadi Mendes Sombreiro, 2020.

RIOS, P. P. S.; SILVA, T. O. **O Lúdico Nas Séries Iniciais Do Ensino Fundamental: A Brincadeira deve Continuar.** Anais do V Congresso Nacional de Educação (CONEDU). Campina Grande: Editora Realize, 2017. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48156. Acesso em: 8 dez. 2023.

ROCHA, A. J. N.; NASCIMENTO, C. S.; PEREIRA, M. A. C. **A importância do uso de relatórios de avaliação na educação infantil.** Disponível em: https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-uso-de-relatorios-de-avaliacao-na-educacao-infantil/66325/. Acesso em: 12 out. 2023.

SILVA, D. C. K. Ludicidade: a importância da ludicidade na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Científica**, Instituto Saber de Ciências Integradas, n° 01, 2021. Disponível em: http://isciweb.com.br/revista/2308. Acesso em: 08 out. 2023.

SILVA, S. **Avaliações mais criativas.** Ideias para trabalhos nota 10. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2018.

SOARES, M. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e escrever. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

VILELA, T. Os quadrinhos no ensino de História. *In*: RAMA, A.; VERGEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 105-129.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Manuais universitários 53. Lisboa, 2007.



DE UM PENSAMENTO DE SONHO IMPOSSÍVEL A UMA REALIZAÇÃO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Josilene Soares Costa Moreira
Ana Paula Leão Maia Fonseca

Há trajetórias que transcendem o comum e se erguem como monumentos de persistência e superação. No capítulo “De um Pensamento de Sonho Impossível a uma Realização: Licenciatura em Pedagogia”, escrito por Josilene Soares Costa Moreira, somos levados a uma jornada que resgata memórias profundas, revelando o poder transformador da educação. Esta obra é um testemunho vivo de que, mesmo diante dos maiores desafios, o sonho de educar pode se concretizar, e esse caminho, marcado por sacrifícios, torna-se um farol de esperança para todos os que se aventuram na nobre missão de ensinar.

Josilene compartilha conosco as marcas de sua vida, desde os primeiros passos trôpegos até os firmes que a levaram ao diploma de licenciada em pedagogia. Com uma narrativa intimamente poética, ela nos faz reviver a trajetória da menina que, em meio a um ambiente familiar desestruturado e adverso, encontrou na educação a chave para a realização de um sonho. Cada obstáculo foi uma lição, cada queda, uma oportunidade de levantar-se com mais força, e cada pequeno sucesso, uma vitória digna de ser celebrada.

Este capítulo não é apenas um relato autobiográfico, mas um convite à reflexão sobre a importância da persistência e do amor à educação. Josilene demonstra que, mesmo quando tudo parece conspirar contra a fé no conhecimento e a dedicação ao estudo podem levar a conquistas que outrora pareciam impossíveis. Sua história, entrelaçada com as dificuldades da vida e o desejo inabalável de fazer a diferença na vida de seus alunos, inspira a todos que sonham em um dia mudar o mundo através do ensino.

Ao final desta leitura, somos tocados pela certeza de que a educação não é apenas uma profissão, mas um chamado. A trajetória de Josilene é a prova de que, com coragem



e determinação, sonhos podem se tornar realidade, transformando não apenas a vida do professor, mas também de cada aluno que cruza o seu caminho.

TRAJETÓRIA DE VIDA: DE PASSOS TRÔPEGOS A PASSOS FIRMES

> "A educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui".
>
> Jean Jacques Rousseau

Aqui descrevo minha trajetória familiar e escolar, nas possibilidades sociais, culturais, políticas e afetivas que enfrentei no decorrer de minha vida junto aos meus familiares. Nasci no município de Natal/RN, no dia 30 de junho de 1973. Sou a segunda filha de quatro filhos de Otávio Costa (*in memoriam*) e Maria José Soares Costa. Meus pais casaram-se bem jovens, meu pai ainda iniciou o antigo Segundo Grau, que hoje corresponde ao Ensino Médio, porém não concluiu para a tristeza de meus avós que sonhavam com a formação dele. Mesmo assim, trabalhava como técnico de hidráulica e elétrica, dando prioridade ao trabalho para cuidar da sua família. Minha mãe iniciou o Primeiro Grau, que corresponde hoje ao Ensino Fundamental, mas também não concluiu. Ela começou a constituir nossa família, e por se sentir desmotivada para os estudos, tornou-se dona do lar.

Minha família era bem atribulada, com histórias constantes de separações, até que um dia meus avós paternos, José Costa e Percila (*in memoriam*), resolveram me criar, não me deixando voltar mais para a casa dos meus pais. Meus pais, então, separam-se legalmente, o que levou meu pai a construir uma nova família com Francisca (*in memoriam*). A sua nova esposa já tinha uma filha, mas desse relacionamento nasceram mais dois irmãos.

Segundo Szymanski (2005, p. 24):

> Familias desestruturadas são apontadas como uma das principais causas das dificuldades de aprendizagem e de baixo rendimento escolar dos alunos, causando problemas emocionais, e desvio de comportamento.



Na minha infância eu brincava muito com minhas primas de ser professora, mas minha avó não queria que eu atuasse nessa profissão, pois ela chamava de “sofredora”, uma profissão muito bonita, mas pouco reconhecida e valorizada. Contudo, me diverti e aproveitei o meu tempo de ser criança. Brinquei, estudei, adoeci, fui curada, fui cuidada, fui amada e protegida. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a LEI n° 8.069 de 13 de julho de 1990, afirma que a criança tem o direito à vida, saúde, liberdade, educação, respeito, a dignidade, família, cultura, esporte e lazer. Assim, Angotti (2007) relata:

> A primeira infância caracteriza-se por um período em que se deva auxiliar o desenvolvimento natural da criança, pois seu crescimento físico ocorre de maneira rápida e paralela com a formação das atividades psíquicas e sensoriais (Angotti, 2007, p. 105).

Dos sete filhos de minha mãe, apenas eu consegui concluir o Segundo Grau no ano de 1990. Agradeço a Deus e aos meus avós por terem me criado, por terem me incentivado a investir nos estudos para no futuro poder ter uma boa profissão.

Diante desse ambiente familiar, fui crescendo e observando até onde eu poderia chegar. Cresci aprendendo valores que carrego comigo até hoje. Aprendi a respeitar o próximo para ser respeitada. Ainda acredito que a família é o bem mais importante da vida de uma pessoa, pois com minha família aprendi a amar, cuidar e ser cuidada. Segundo Szymanski (2003, p. 22), “é na família que a criança encontra os primeiros ‘outros’ e, por meio deles, aprende os modos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito”.

Na minha adolescência aproveitei cada momento, pois superando as frustrações familiares da minha infância, aprendi a conviver com os obstáculos da vida, brinquei e aproveitei o quanto pude, mas também estudei e ainda cedo assumi os meus compromissos e as minhas responsabilidades.

Minha tia Conceição era professora da escola a qual morávamos vizinho: Paraíso da Mamãe. Em todos os eventos que havia na escola, minha tia me levava para ajudar na organização. Desde a minha infância até a minha adolescência, eu convivia naquela escola, onde fui cada vez mais me identificando com a profissão de professora. Aos treze



anos de idade, no ano de 1986, por ter convivência com as crianças e os pais das crianças, a diretora da escola me convidou para ser monitora do transporte escolar. Algum tempo depois, a quantidade de crianças na turma do maternal foi aumentando e precisaram de uma auxiliar de sala para auxiliar a professora Edna. Eu fui a contemplada para assumir a vaga. A escola foi crescendo e foi registrada como Instituto Paraíso. Aos quinze anos de idade, no ano de 1988 eu estava assumindo uma sala de aula como professora da turma do maternal.

Vygotsky (1996, p. 11) afirma que o desenvolvimento dos interesses é a chave para entender o desenvolvimento psicológico do adolescente, pois constituem em maior escala o conteúdo do desenvolvimento social e histórico e, em menor escala, o aspecto biológico. Diante da fase da minha adolescência, houve muitas transformações, desejos, inquietações, necessidades e aceitações. No ano de 1989, por exemplo, a minha avó tanto insistiu que acabou me inscrevendo em uma escola de técnico em enfermagem no período noturno. Assim, eu fazia o curso técnico à noite e cursava o Magistério no turno matutino. Conclui o curso em 1990, simultaneamente à conclusão do Magistério, porém não consegui atuar no campo profissional da enfermagem, pois nas vivências dos estágios obrigatórios do curso eu não conseguia ver o sofrimento dos pacientes diante de diversas enfermidades, e isso me impediu de continuar nessa área profissional.

Deixei minha avó entristecida por essa minha escolha, a de não ter insistido na área da saúde, mas ela reconheceu que para mim o importante seria fazer aquilo que eu me identificasse. Como eu sempre me envolvi em atividades educacionais, escolhi fazer o Magistério, daí o reconhecimento de minha avó passou a ser a conclusão desse curso, pois sabia que estava fazendo o que gostava.

De acordo com desses conceitos que aprendi sobre família foi que construí a minha própria família. Casei-me em 1998, aos vinte e cinco anos de idade, com Márcio Firmino Moreira. No ano 2000, nasceu meu primeiro filho Marllison Lennon, e para minha surpresa, engravidei novamente no ano de 2011. Eu evitava engravidar pelo motivo de ter tido a primeira gravidez bem complicada, e logo no ano seguinte, nasce Juan Miguel, que hoje está com doze anos de idade.



Meu filho mais velho, muito desestimulado com os estudos, começou a trabalhar com o pai como técnico em manutenção de piscinas. Em seguida, se envolveu emocionalmente muito cedo e se casou com minha nora, Vanessa. Tornando- se pai aos dezesseis anos de idade, dessa união nasceu a minha netinha Emilly Vitória. Atualmente, recebi a notícia que vou ser avó mais uma vez, agora de um netinho, Kauê. Por ser uma pessoa religiosa, considero a família como projeto de Deus e sou muito grata por isso. Pois o fato de ter conseguido construir minha própria família me possibilitou retirar todo aquele sentimento de tristeza e de família desestruturada. Sei que as dificuldades sempre surgirão, mas penso que seja importante levantarmos a cabeça e irmos buscar a transformação. Segundo Prado (1981, p. 13), "A família é única em seu papel determinante no desenvolvimento, da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência". Assim nos diz Namba (2019, p. 1):

> A família nasce naturalmente, não é criação do ser humano. Não se idealiza família. Ela emerge de contatos desenvolvimentos e de sentimentos. A família é primordial para o crescimento, desenvolvimento e amadurecimento de alguém.

Portanto, hoje vejo que aproveitei minha infância e adolescência, mesmo diante de algumas dificuldades e me tornei a pessoa que sou, assumindo meus compromissos e responsabilidades até a construção de um núcleo familiar.

CAMINHO ESTUDANTIL: JARDIM DE INFÂNCIA AO PRIMEIRO GRAU

"O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele"

Immanuel Kant

Minha trajetória estudantil iniciou aos seis anos de idade no ano de 1979, no Jardim de Infância Tulipa, na Igreja Nossa Senhora de Santana conjunto Soledade I na cidade de Natal/RN, onde havia um Projeto de Educação chamado PROJETO CASULO[5].

[5] Projeto Casulo, programa pré-escolar de massa, da Legião Brasileira de Assistência, contextualizado nas alterações que o órgão sofreu no período de 1977a 1985, durante a ditadura militar, visando atingir expressivos contingentes



O responsável era o padre Thiago Theisen (*in memoriam*), patrono da educação infantil em Natal, por ter deixado um importante legado para mais de quarenta mil crianças e jovens potiguares, alfabetizadas pelas ações educativas por ele capitaneadas.

Recordo-me da professora Fátima, que chamávamos de tia, das merendeiras dona Lúcia e dona Estela, que eram responsáveis pela limpeza das salas. Tenho uma vaga lembrança de que as mães eram convocadas uma vez no mês para ajudar na cozinha da escola, preparando o lanche da criançada, e as funcionárias faziam a faxina geral do ambiente escolar. Lembro-me daquela sala decorada com bastantes gravuras, letras e números. Lembro-me dos brinquedos sempre ao nosso alcance, dos livros infantis na estante e dos colchonetes, onde a professora Fátima nos colocava para descansar após o lanche. Como na Igreja não havia espaço para as crianças brincarem, a professora nos levava à pracinha do conjunto que ficava ao lado. Recordo-me das minhas amigas: Analice, Rosângela, Kátia Mary, Kátia Suely (*in memoriam*), Socorro e outras. Guardei em minha memória a hora da saída, quando um responsável ia nos buscar para irmos para casa e levava todas as amigas de uma vez só, pois morávamos na mesma rua, por trás da igreja, e saíamos correndo todos os dias. Certo dia, a malinha de Rosângela se abriu e todo o material caiu na rua, em plena ladeira. Saímos correndo para ajudá-la a juntar seus materiais. Baseado na LEI nº 5.692/71, o ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar aos educandos a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. Em 1980, iniciei o primeiro grau na Escola Municipal Professora Palmira De Souza, que se localiza no conjunto Santa Catarina na cidade de Natal/RN. Recordo-me apenas de alguns momentos que vivi na antiga 4ª série, hoje corresponde ao 5° ano do Ensino Fundamental e anos iniciais. Na época, em 1983, os professores Kerginaldo e Patrícia foram muito importantes em seu papel de educadores, pois quando me ausentei da sala de aula por motivo de saúde e

crianças e famílias das periferias urbanas, o projeto se constitui como um modelo de prestação de serviço ditos simplificados, por meio de convênios com entidades sociais e municípios.



precisei ficar internada, ao retornar, eles me deram todo suporte preciso para que eu acompanhasse a turma.

Esses dois professores eram realmente muito atenciosos com a turma. Eles nos envolviam com suas apresentações, mesmo percebendo a timidez e dificuldade de muitos. Falo por mim, na verdade, quando digo que a timidez me atrapalhava ao ponto de não conseguir interagir com a turma. Muitas vezes ficava com dúvidas durante a aula que estava sendo ministrada, mas não tinha coragem de perguntar. Com vergonha, achava que iam rir de mim por não ter entendido aquela explicação e, portanto, evitava participar de todas as apresentações. Hoje percebo o quanto a timidez afetou a minha vida escolar. Sinto muita dificuldade de me expressar e escrever coerentemente, em Matemática principalmente, disciplina curricular que até hoje me deixa nervosa. Ao terminar a 4ª série, passei a estudar na Escola Estadual Professor Walter Duarte Pereira, em 1984. Estudei nessa instituição apenas a 5° série, em virtude de ter me mudado para outro bairro.

O restante do meu primeiro grau, da 6ª a 8ª séries, estudei na Escola Estadual Rômulo Wanderley. Recordo-me que os professores dialogavam bastante com a turma, mas não existia interdisciplinaridade, na época não se trabalhava com a contextualização e reflexão dos conteúdos. Os professores nos faziam exercitar a memorização (decorar datas, tabuada e diversas respostas de questionários, entre outros). Lembro-me do professor de Ciências, que passava um questionário com mais de vinte perguntas para estudarmos e, ao chegar na sala de aula, fazia perguntas orais. Assim, nos contextualiza Zabala (1998, p. 89):

> A perspectiva ‘tradicional’ atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender, e o exercício é entendido como cópia do modelo, até que seja capaz de automatizá-lo. Segundo a tendência da pedagogia tradicional, o aluno é um mero receptador de informações, um ser passivo.

Na disciplina de Matemática, com o professor Edvaldo, quase fiquei reprovada devido as dificuldades de entender os cálculos. Lembro da professora Margarida (inglês), Geciane (geografia), Minadá (história), Dário (educação física) e o professor Nilton (*in*



memoriam) de Ciências. Os professores adotavam a pedagogia tradicional, priorizando em suas metodologias de ensino as atividades de cópias, ditados, memorização da tabuada e questionários.

Portanto, hoje percebo que as atitudes adotadas pelos professores seguiam os PCN's (Parâmetro Curriculares Nacionais):

> "[...] a metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição de conteúdo, numa sequência predeterminada e fixa, independentemente do contexto escolar; enfatizava-se necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos" (Brasil, 1997, v.1, p. 39).

Esses foram os professores que marcaram minha trajetória estudantil no antigo primeiro grau. É verdade que utilizavam uma metodologia mais tradicional, porém mesmo assim aqui fica registrado a minha gratidão pelos ensinamentos, dedicação, carinho, cobrança e atenção de cada professor.

MEMÓRIAS DO MEU SEGUNDO GRAU

Nos anos de 1988 a 1990, fiz o segundo grau cursando Magistério na Escola Estadual Professor Varela Barca, no conjunto Soledade II, em Natal/RN. Sempre desejei trabalhar com crianças, pois me identifico muito com a Educação Infantil. Como eu já vinha com algumas experiências e conhecimentos por estar sempre dentro de uma escola, o Instituto Paraíso e o Reino da Alegria - jardim de infância, que era do meu tio Jorge, eu sonhava um dia fazer um curso que me aperfeiçoasse na área pedagógica para ser professora e assumir uma sala de aula oficialmente.

Desde então não parei de sonhar, acreditei e realizei o sonho de ingressar na educação fazendo o curso de Magistério. Nesta jornada, passei por excelentes professorees que fizeram grandes histórias na minha trajetória estudantil. Senti dificuldades em algumas disciplinas como Química, Filosofia e Matemática, mas graças a Deus tive professores excelentes que me incentivaram a perseverar e ultrapassar as barreiras das dificuldades.



Lembro-me de alguns professores como Mineiro (Filosofia), Cleiton (Química), Ronaldo (Matemática), que eram muito divertidos, a professora Ozeneide (Português e Literatura), a professora Vera (Biologia) que nos dava carona em seu carro buggy, e entre outros professores que foram muito importantes na minha formação para o exercício do Magistério.

Meu estágio supervisionado no curso de Magistério foi na escola que eu já trabalhava, na minha própria sala de aula. Foi uma experiência confortável, porém não me senti desafiada a buscar novos conhecimentos, ou seja, no tocante aos aprendizados não foi algo que consideraria "inovador". Minhas amigas de turma eram as mesmas da infância, pois só nos separamos depois de nossa formatura, quando cada uma seguiu uma vida profissional que consumia todo nosso tempo. Kátia Suely, uma de minhas amigas de infância com quem estudei até o Magistério, faleceu após um acidente de moto. Toda escola ficou de luto pelo seu falecimento, visto que ela era a alegria da nossa turma. Lembrança que me marca até hoje.

Estudando a disciplina de Didática Geral, durante o curso de Magistério, hoje compreendo o pensamento de Libâneo (1994, p. 58):

> Didática é essencial para o professor seguir o processo de aprendizagem e para que o educando aprenda com maior facilidade, na construção dos conhecimentos. Ainda que a formação de professor requeira criatividade e reflexão da sua prática pedagógica de forma sistematizada.

Segui com êxito todas as etapas do curso, concluindo-o em 1990. Sentindo-me estimulada em aplicar na prática tudo aquilo que aprendi na teoria, após o término do curso participei de diversos encontros de capacitações pedagógicas para formação de professores, a fim de garantir um ensino de qualidade, incentivando as crianças a serem críticas e construtoras de seus conhecimentos.



TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COMO DOCENTE

> “A vontade de se tornar um verdadeiro profissional nada é sem a determinação e a preparação”
>
> Maria Cristina Santos Araújo

Iniciei minha trajetória profissional cedo, pois eu e outros primos morávamos com os meus avós e a casa era bem cheia. Portanto as despesas eram grandes, de modo que todos os netos e filhos que ali moravam tiveram que trabalhar para ajudar nas despesas. Como eu morava vizinho ao Instituto Paraíso, que minha tia ajudou a fundar, vivi minha infância e adolescência ajudando-a, assim como as professoras em suas atividades diárias.

Em 1985, iniciei como monitora do transporte escolar do Instituto Paraíso, e no mesmo ano 1985, passei a ser auxiliar de sala. Em 1988, me tornei oficialmente a professora da turma do Ensino Infantil, pois a escola ampliou a quantidade de salas de aula e, como eu estava cursando o Magistério e já tinha experiência na turma do Ensino Infantil, a diretora me depositou a confiança. Com o certificado do curso de Magistério consegui mais uma sala de aula no conjunto Pajuçara, situado na zona norte da cidade de Natal, no Centro Educacional Progresso Infantil. Passei a ensinar nas turmas de Maternal, Jardim I, Jardim II, Pré-escola e de 1ª à 4ª séries. Estava muito feliz em estar fazendo aquilo que gostava, mas em um certo período de minha carreira profissional achei que não suportaria as demandas de cursos que a escola nos oferecia, as reuniões para planejamento, as feiras de ciências, as festividades.

No ano de 1990, continuava trabalhando no Instituto Paraíso, e iniciei na escola Pregresso Infantil, uma instituição que minha tia Conceição fundou ao sair do Instituto Paraíso, escola em que eu ajudava na organização. No ano de 1997, com a alta demanda de trabalho em duas escolas, adoeci de um esgotamento físico que deu início a uma depressão. Fiquei de licença médica durante quinze dias para recuperação. Em 1998, me afastei das duas escolas, a escola Progresso Infantil fechou devido à inadimplências das mensalidaes e saí do Instituto Paraíso devido à distância da localidade em que morava, pois no mesmo ano casei e fui morar em um bairro mais distante da escola.



No final do ano de 1998, fui morar na cidade de São Paulo/SP. Não me adaptando à nova moradia, retornei à minha cidade de Natal. Com meu esposo ganhando bem menos do que recebia em São Paulo, estranhamos a mudança de vida e, por isso, fui procurar emprego novamente nas escolas perto de onde morava, no bairro Pajuçara.

Fui indicada por uma amiga, Denise, que trabalhava na Escola Novo Horizonte, próximo ao meu bairro. Trabalhei apenas um ano, em 1999. Em seguida, meu esposo sentiu a diferença de salário entre São Paulo e Natal, então me fez sair do novo emprego e voltamos a morar em São Paulo. Mais uma vez, essa foi outra experiência que não resultou em nada agradável, pois viajei com gravidez de risco, um problema chamado Hiperemese gravídica que consiste em náuseas e vômitos graves durante a gestação e podem resultar em desidratação, perda ponderal e cetose (estado metabólico onde o organismo obtém energia a partir das gorduras).

Em São Paulo, passei os nove meses enjoando sem ter familiares por perto para me ajudar nas horas mais difíceis. No ano 2000, nasceu meu filho e em 2001, mais uma vez retornei à cidade de Natal, pois a dificuldade aumentou devido morar de aluguel (somente meu esposo trabalhava porque eu não tinha estudo adequado, ou um curso superior para assumir uma sala de aula na grande São Paulo. O curso de Magistério não me habilitava suficientemente para atuar como professora de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96), sendo necessário uma profissionalização acadêmica da atuação de professores).

O caminho da profissionalização docente tem sido bastante longo e difícil. Para Ramalho e Núñez (2004), esse processo iniciou-se no século XVII com uma série de transformações que ocorreram na educação, em virtude de fatores de ordem política, econômica e social. Ao longo da história, a figura do professor tem sido descrita de várias formas, correspondendo aos estágios do processo histórico de construção da docência.

Ao retornar para Natal, voltei a trabalhar na Escola Novo Horizonte no conjunto Pajuçara (entre 2001 e 2004). Logo que saí dessa escola, fui trabalhar na Escola Vista Verde, no ano de 2007, mais uma vez indicada pela minha amiga Denise. Era uma escola menor e por isso eu imaginava que teria menos trabalho, mas para todo profissional, todo



bom trabalho cobre muito do trabalhador. A escola cresceu, aumentando a demanda, mas ainda era proveitoso todo aquele tempo de aprendizado.

Como afirma Paulo Freire (1992, p. 25) “quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”. Passei três anos na Escola Vista Verde, entre 2007 e 2010, e depois, ao sair dessa escola, entrei em um programa do Governo Federal de Alfabetização de Jovens e Adultos, chamado “Programa Brasil Alfabetizado”. O programa buscava oferecer oportunidades de alfabetização a todos os jovens e adultos (a partir dos 15 anos) que não tiveram acesso à educação fundamental. Funcionava em sistema de parcerias com estados e municípios. Os professores que faziam as suas inscrições buscavam nos bairros a existência de pessoas fora da faixa etária e que se interessavam em voltar a estudar. E após conseguirem os alunos, era providenciado um espaço alternativo adequado para ser usado como sala de aula.

A sala de aula funcionava na minha própria varanda, onde a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte me forneceu as cadeiras e mesas e todo o material para trabalhar. O programa nos oferecia cursos de capacitação e de formação pedagógica. Fornecia-nos todo material pedagógico a ser trabalhado com os estudantes, e forneciam para os estudantes todo o material didático. Foi uma experiência bem gratificante, pois os estudantes jovens traziam muitas experiências e conhecimentos surpreendentes. Portanto, eu acredito que aprendi muito mais do que ensinei.

Sobre a Educação de Jovens e Adultos, Freire (1987, p. 39) diz que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, abordando que educadores e educandos se façam sujeitos em um processo contínuo de ensino-aprendizagem, sabendo que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática que envolve o movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar em fazer.

Levando-se a continuar trabalhando também pela empresa ALFALIT BRASIL, a qual tinha como foco principal de atuação as atividades de assistência social, em parceria com a Secretaria de Educação para alfabetizar jovens e adultos do RN (Alfabetização Através da Literatura), Serviço Social da Indústria (SESI) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que faziam parceria com o programa. Passei mais três anos



nesse programa, pois depois fui morar na cidade de São José de Mipibu, na região agreste do Rio Grande do Norte, distante 31,05 km de Natal, no ano de 2010.

Como apenas o curso o Magistério não era mais suficiente para se assumir uma sala de aula, fiquei desempregada por um tempo. Era necessário ser graduada em Pedagogia e, como eu não tinha o curso, me tornei dona de casa. Nesse período tive meu segundo filho e precisei trabalhar de diarista.Concomitantemente, fui convidada a ser voluntária no departamento infantil da igreja que eu fazia parte. Foi nesse momento que me despertou o desejo de continuar a prosseguir minha carreira de professora. Com o incentivo das irmãs da igreja, de meus familiares e de amigos, tive a coragem de enfrentar a inscrição para fazer um curso superior, que abriu vagas no Instituto de Educação Superior, aproveitei então a oportunidade de oferta de vagas, mediante processo seletivo no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, o IFESP, fato que narrarei adiante.

CURSO DE PEDAGOGIA NO IFESP

> "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades a sua própria produção ou a sua construção".
>
> Paulo Freire

Diante da minha trajetória no Magistério, percebi minhas dificuldades em algumas disciplinas e acreditei que essas dificuldades me impediriam de entrar em um curso superior. Assim, me colocava frequentemente em um pódio muito inferior do que realmente eu era capaz de me posicionar. Minha avó Percila (*in memoriam*) me incentivava demais a tentar fazer o vestibular na UFRN. Tentei, porém, o medo foi tão grande e o sentimento de inferioridade tão enorme, que não consegui atingir a média para entrar. Continuei com os pensamentos de que não era capaz, assim, me acomodei e fiquei apenas com as memórias de sala de aula pelas experiências vividas no passado.

Chalita (2005) lembra que:

> O saber é o instrumento que nos garantirá uma vida mais digna e nos proverá de um bem-estar essencial para a nossa felicidade. Até solidificada ao longo do tempo e retocada, constantemente, pelos ensinamentos apreendidos (Chalita, 2005, p. 119).



Com o incentivo de muitos consegui adquirir a coragem de enfrentar meus medos e acabei sendo selecionada para fazer o curso de Pedagogia-Licenciatura, no IFESP. Pela lei n° 7.909/2001, regulamentada através do Decreto n° 15.287/2001, o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy é uma instituição oficial de ensino superior do Sistema Estadual, vinculada à Secretaria de Estado da Educação, Cultura e do Esporte e do Lazer, (SEEC) do Rio Grande do Norte, que tem por missão promover a formação de qualidade para profissionais que atuam em processos educacionais. Assim, essa instituição me oportunizou a concretização de um sonho: minha formação superior em pedagogia.

O primeiro dia de aula aconteceu no auditório Nísia Floresta, no mês de março do ano 2020. Na ocasião, foi apresentado a equipe pedagógica do IFESP. No dia seguinte, não pude comparecer ao Instituto Kennedy, perdi a oportunidade de conhecer o professor Márcio Fabrício, que ministrou o componente de Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação, em seguida soube por meus colegas do bairro no qual resido, que foi decretado greve por parte dos professores. Em meio a greve o mundo parou, pois em 2020, vivenciei algo que nunca imaginei presenciar na minha vida: a pandemia do COVID 19[6], e ficamos confinados em casa por prevenção à vida.

A situação só piorava. Muitas pessoas faleceram, outras perderam entes queridos, adoeceram psicologicamente, tornando a vida um verdadeiro caos. Os professores e os alunos tiveram que se adaptar às novas formas de ensino, com a desintegração da convivência e comunicação no dia a dia de sala de aula. A prática pedagógica precisou ser modificada, os recursos didáticos também, como os meios de comunicação digital, que nos obrigou a assistirmos aulas apenas online, por meios das plataformas digitais.

Percebi que para alguns professores foi difícil trabalhar nas plataformas. A dificuldade para mim foi bem significativa, visto que não dominava as tecnologias digitais como, por exemplo, enviar um e-mail. Enfim, tudo acabou dando certo. As aulas online

[66] Covid 19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de levado broncoalveolar obtidas de paciente com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus conhecido a infectar seres humanos.



iniciaram, porém diante de dificuldades como falta de energia, falhas na conexão da internet, celular que não suportava as plataformas digitais, as aulas, na minha concepção, não foram em sua totalidade motivadoras.

Assim, nem todos os estudantes tinham um notebook para se adequar de acordo com as necessidades. Portanto, concordo com Oliveira e Souza (2020, p. 16), quando afirmam que:

> Diante de tantas incertas, vem à tona a necessidade de pensar nas estratégias que serão utilizadas para atenuar os impactos da crise provocadas pela pandemia. Assim, surgem vários questionamentos, não só dos que estão na linha de frente executando as atividades – gestores escolares, professores e toda a equipe multiprofissional envolvida no processo educacional como, pedagogos, assistentes sociais, psicólogos etc. – mas também daqueles que tem o "poder da caneta" no sentido de definir as diretrizes a serem seguidas.

Nesse ano de 2020, tive que aprender a navegar nas plataformas digitais, fazer seminários, trabalhos em grupo, viver uma experiência única jamais vivida em minha vida. Algumas disciplinas estão presentes em meus registros por serem indispensáveis. Elas me instigam a revelar e a descrever seu conteúdo por terem aspectos ideológicos que despertam minha inspiração em relação à construção do meu Memorial.

Todos os componentes curriculares ministrados no curso de Pedagogia foram muito importantes, mas tiveram àqueles mais significativos como: Fundamentos Teóricos e Metodológicos do ensino da Educação Infantil I, com o professor Eduardo, e o II com a professora Denise Caballero. Ambos trouxeram uma reflexão do passado, fazendo-nos desenhar os brinquedos que usávamos quando criança. São ótimos profissionais, me mostraram que o cuidar e o educar andam de mãos dadas. Aprendi também que deve se respeitar os direitos da criança promovendo espaço adequado e rico em estímulos capazes de satisfazer as suas necessidades na busca da construção dos saberes e das descobertas do mundo em que vive.

Assim diz Moreno (2007):

> O trabalho pedagógico na organização do cotidiano das instituições de educação infantil deve favorecer a "vivência e a experimentação, o ensino globalizado, a participação ativa da criança, a magia, a



> ludicidade, o movimento, o afeto, a autonomia e a criatividade infantil (Moreno, 2007, p. 56).

Nas aulas de Fundamentos Teóricos Metodológicos do Ensino da Educação Infantil apresentamos seminários com oficinas no qual escolhemos o cantinho da leitura a ser trabalhado, um projeto piloto realizado no IFESP, no auditório Auta de Souza, para poder aplicar, posteriormente, em nossa prática pedagógica. Assim, apresentamos a história da dona Baratinha, nos caracterizamos com os personagens da história, desenvolvendo então a contação de história. A contação de história desenvolve nas crianças além de várias outras habilidades, o sentimento, a afetividade e o prazer em ouvir uma história. A criança usa também da sua criatividade para poder recriar a história que foi ouvida.

Rodrigues (2005) afirma que:

> A contação de história é a atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada tomamos a experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos as cenas e os contextos são planos do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (Rodrigues, 2005, p. 4).

Dessa maneira, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, DCNEI (1999), explica que as instituições de educação infantil devem promover, em suas Propostas Pedagógicas, práticas e cuidados que promovam a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo e indivisível.

Todos os componentes me chamaram a atenção e tiveram sua grande importância na minha vida acadêmica, mas aqueles que envolviam os seminários, aulas passeio e aulas com movimentos, me tocaram de uma forma diferente. Como, por exemplo, a disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Arte, com a professora Anne Saraiva; Corporeidade e Educação com a professora Ana Paula Leão e Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Física com Tereza Cristina e Ana Paula Leão. Muito me descontraiu a aula de corporeidade quando a professora Ana Paula em suas aulas nos provocava a sentir e a pensar promovendo dinâmicas mesmo nas aulas



online eram feitas vivências corporais, e uma delas envolvia o abraço, na qual para mim ainda é um obstáculo a ser enfrentado: “ABRAÇAR”.

Aprendi que “A mente não existe sem um corpo e o corpo não existe sem a mente. Corporeidade é o corpo vivenciado” (Assmann, 1995). Temas como Sentipensar, autopoiese e autores como Hugo Assmann, Paulo Freire, Humberto Maturana transmitiam um pensamento e sentimento como experiência no processo de vivência. Assmann (1995) entende o cérebro humano “[...] como aparelho biológico de competência para agir, perceber, saber, aprender e a mente como a capacidade de consciência e pensamento [...]”. Assim refleti que a mente comanda o corpo. As aulas da professora Anne foram muito divertidas com as músicas, apresentações de danças, aulas passeio, no qual fomos levados a conhecer alguns patrimônios culturais de Natal. O ensino da Arte é um conteúdo muito importante no ensino aprendizagem dos estudantes, a Arte, como área do conhecimento, que envolve um amplo e diversos conhecimentos que é sempre influenciado pelo momento histórico.

De acordo com Ferraz e Fusari (1999):

> A arte constitui de modo específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo (Ferraz; Fusari, 1999, p. 16).

Sabemos que existem maneiras para o indivíduo se comunicar. Assim como a leitura e a escrita, todos os povos, raças e épocas, também se expressam e se comunicam por meio das Artes Visuais, Música, Dança, Teatro e Recursos Audiovisuais, havendo então a interação entre pessoas e a troca de culturas. É por meio da arte que podemos conhecer nosso próprio eu, e por ser um patrimônio cultural e amplo, fora da escola todos tem direito de adquirir tal conhecimento (Martins,1998).

Na disciplina de Tópicos Linguísticos com a professora Suely compreendi que ninguém fala errado por não seguir a norma culta, que não existe uma forma correta de se falar a língua portuguesa, pois varia da cultura de um lugar para outro. Perini (1999) afirma que não podemos considerar “falar certo” ou “ falar errado”, na verdade podemos dizer que a pessoa fala de forma “ adequada” ou “ inadequada”, dependendo do contexto



de uso. Ou seja, não fala como rege a norma culta, em ambientes que dela necessite, pois a norma é uma das variantes linguísticas.

Ainda relacionado a linguagem, estudei Fundamentos Teóricos e Metodológicos de língua Portuguesa I, com a professora Érica Poliana onde também nos relatou que a escrita também pode ser considerada no conjunto de formas de expressão do mundo simbólico que crianças, jovens e adultos habitam, em sociedades letradas (desenhar, gesticular, pintar, dançar e outros). Vygotsky (1998) nos apresenta a linguagem escrita como uma forma nova e complexa de linguagem. Ele também faz críticas sobre a maneira como em geral essa linguagem é ensinada às crianças.

A disciplina “Educação Sociedade e Cultura”, ministrado pelos professores Ilnete e Avelino, teve o propósito de contribuir com as análises das questões atuais e que envolvem a relação entre educação, soeciedade e cultura, compreendendo a interrelação entre sociedade e educação.

Outra disciplina de tamanha importância no curso de licenciatura em pedagogia, diz respeito à “Alfabetização e Letramento”, pois possibilita uma melhor compreensão do processo de aprendizagem nos anos iniciais de escolaridade, e o profissional que seguir a carreira docente precisará dominar a disciplina para um bom desenvolvimento de sua função em sala de aula. “O letramento é considerado estado ou condição de quem não, apenas sabe ler, mas, cultiva as práticas sociais” (Soares, 2017).

Assim, Soares (2017) afirma:

> A multiplicação histórica de métodos de alfabetização e as divergências em torno deles parecem ter sua explicação no fato de que a possibilidade de acesso ao impresso e da democratização da educação escolar, percebeu de muito o conhecimento de como se aprender a ler e escreve, de modo que pudesse definir com fundamentos e pressupostos como se deveria ensinar a ler e a escrever (Soares, 2017, p. 331).

O componente de Fundamentos Teóricos Metodológicos do Ensino de Geografia II, foi muito proveitosa para mim, pois a aula de campo com o professor Rafael Roseno possibilitou à turma conhecer a Mina Brejuí localizada em Currais Novos. Aula essa que nos fez ver a importância de uma aula de campo para um estudante, pois no percurso



fomos explorando cada cidade que passamos, observando tudo ao nosso redor. Cada paisagem, cada informação, foi riquíssima para o meu conhecimento. O nome da cidade logo localizava nossa chegada, onde fomos conhecer cada significado da origem de seu nome por ter sido a rota dos vaqueiros na época do povoamento onde passou de Curral antigo para Curral Novo. Lá encontraram a mina de scheelita, um metal que serve de matéria-prima para o tungstênio (o empresário Tomás Salustino que encontrou esse material, no início da década de 1960).

De acordo com Silva e Oliveira Júnior (2016, p. 3),

> "[...] a aula de campo é ferramenta metodológica importante para o ensino, esse processo de ensino-aprendizagem é o caminho para o "desenvolvimento" do aluno, não só na escola, mas em toda sociedade, pois ao conviver com realidade, e podendo argumentar sobre a mesma, fazendo conexão com o teórico, torna-o um ser crítico, e esse é um dos papéis do ensino da geografia, formar cidadãos críticos".

Aqui destaco as disciplinas denominadas: "Educação Especial", "Psicologia do Desenvolvimento" e "Psicologia da Educação" na qual refletem e analisam a infância, adolescência, a fase adulta e a velhice nos aspectos psicossociais. As disciplinas me mostraram a necessidade de uma reflexão para o meu futuro. De acordo com Mazzota (1982, p. 10):

> A educação especial está [...] baseada na necessidade de proporcionar a igualdade de oportunidades, mediante a diversificação de serviços educacionais, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos, por mais acentuadas que elas sejam.

A psicologia tem um papel importante na educação, pois contribui para o entendimento do comportamento humano. Segundo Piaget (1983):

> O desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta é compatível ao crescimento orgânico: como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável-caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos, direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto. O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior (Piaget, 1983, p. 11).



Na Educação Especial refleti a importância de qual termo usar ao se dirigir à uma pessoa com deficiência, pois durante séculos usava-se termos como: “inválidos”, “incapacitados”, “defeituosos”, “excepcionais”, “pessoas deficientes”, “pessoas portadoras de deficiência”, “pessoas com necessidades especiais” e “portadores de direitos especiais” , que enfim passa ser o termo preferido por um número cada vez maior de adeptos, dos quais está constituída por pessoas com deficiência.

A disciplina “Noções de Libras” também merece dedicação por parte dos profissionais da educação, com base da inclusão dos estudantes. Esse componente promove o conhecimento e estudo da língua de sinais e educação inclusiva como espaço interdisciplinar, a partir das práticas sociais e dos discursos sobre a diversidade e identidade. A lei n° 10436/2002 dispõe a Língua Brasileira de Sinais (Libras) reconhece a língua de sinais como meio legal de comunicação e expressão, bem como outros recursos de expressão a ele associado. O artigo 2° da citada legislação assim preconiza:

> Art. 2°. Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como meio de comunicação e expressão objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Fazendo uma análise do meu trajeto acadêmico, percebi que cada componente curricular, cada professor, bem como os que fazem parte do IFESP, trouxeram contribuições para o meu crescimento, na minha formação profissional e acadêmica. Assim faço alguns relatos e reflexões sobre os estágios curriculares supervisionado.

ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) trata da construção de caminhos que possibilitam a comunicação e relação entre teoria e prática. O Estágio Supervisionado do curso de pedagogia é obrigatório e está organizado em consonância com a Lei Federal N°9394/96-LDBN e com o parecer CNE/CP n° 1/2006, que instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia Licenciatura, artigo 7, inciso IV. No entanto, é muito mais do que o cumprimento de exigências acadêmicas legais. É uma



oportunidade de crescimento profissional e pessoal que contribui para um maior aprofundamento teórico-prático que nos possibilita vivenciar situações e experiências práticas para o aprimoramento de nossa formação profissional. O Estágio Supervisionado torna-se o eixo central na formação acadêmica de futuro professor, pois é através desse estágio que o educando tem acesso aos conhecimentos indispensáveis para a construção da identidade e dos saberes do cotidiano (Pimenta; Lima, 2004).

No curso de Pedagogia do IFESP, os estágios são divididos a partir do 5º período em quatro estágios: ECS I, na educação infantil; ECS II, no ensino fundamental anos iniciais; ECS III, na gestão escolar e o ECS IV, em espaços não escolares. Assim, diante de tantas experiências no ambiente escolar e fora dele, foi que construí minha trajetória profissional e enriqueci meus conhecimentos a cada vivência por onde tracei caminhos e teci memórias.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I: EDUCAÇÃO INFANTIL

O Estágio na Educação Infaltil constitui-se uma etapa de suma importância para a formação acadêmica e profissional dos futuros pedagogos, uma vez que essa vivência implica no processo de tornar-se professor. Em minha experiência, o ECS I na educação infantil foi realizado no CMEI Terezinha Alves Ferreira, no bairro Novo em São José de Mipibu. A intervenção foi feita no horário vespertino, acompanhada pela equipe gestora da Instituição: a diretora Maria Nilma, a coordenadora Carla Carvalho e a professora da sala do nível III Maiara Fernanda. Os professores orientadores foram Nednaldo Dantas e Marisa Silva.

Na etapa da observação participativa, pude perceber que o brincar está sempre presente e é de extrema importância para a formação psicossocial da criança, pois através de atividades lúdicas é que o professor pode ter uma visão dos processos de desenvolvimento de cada criança. No período da regência foi posto em prática o que foi estudado durante toda jornada acadêmica. Foi muito gratificante fazer esse estágio, logo na observação participativa pois passei por experiências inesquecíveis, como a rodinha de conversa, onde as crianças traziam muitas informações importantes, as confecções das



atividades pedagógicas propostas pela professora Maiara foram feitas com muita atenção, o trabalhar com os crachás, eles identificando seu nome através de músicas. A sala do nível III era uma turma tranquila de se trabalhar, a professora Maiara muito atenciosa e o auxiliar Joab muito colaborativo, durante todas as etapas.

Nessa perspectiva, Barreiro (2006) declara:

> A relação entre teoria e prática, na formação do professor, constitui o núcleo articulador do currículo, permeando todas as disciplinas e tendo por base uma concepção sócio-histórica da educação, alguns princípios devem nortear os projetos de estágio supervisionado: a) a docência é a base da identidade dos cursos deformação; b) o estágio é o momento da interação entre teoria e prática; c) o estágio não se resume à aplicação imediata, mecânica instrumental de técnica, rituais, princípios e normas aprendidas na teoria e e) o estágio é o ponto de convergência e equilíbrio entre o aluno e o professor (Barreiro, 2006, p. 89-90).

Desse modo, percebe-se que o estágio supervisionado favoreceu a articulação das disciplinas estudadas durante o curso. Na minha análise, o momento da regência pode ser considerado a fase mais importante do estágio, uma vez que assumir uma turma de educação infantil depois de tantos anos fora de sala de aula exigiu preparo, competência, responsabilidade, interesse em participar e contribuir para o processo de aprendizagem dos estudantes.

A professora supervisora do estágio era muito dinâmica em sala de aula, mostrando-me que as teorias eram bem trabalhadas. Na prática, é muito importante amar o que se faz, foi o que vi naquela sala de aula: “amor pelo que faz”.

Na regência eu levei como temática o folclore brasileiro com o gênero textual “A lenda do Saci Pererê”, na qual produzi junto com os estudantes, músicas em cartazes com os personagens de lendas folclóricas como o “saci”, confeccionamos o saci em trabalhos de colagem com materiais recicláveis, fizemos pintura com tintas, assistimos vídeos com a temática. Todas as crianças participaram das atividades com muita alegria e dedicação. Essa experiência foi muito gratificante e de grande importância para minha prática pedagógica, despertando em mim o interesse de desenvolver uma aprendizagem significativa e transformadora, com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas,



levando as crianças a desenvolverem suas habilidades e adquirir conhecimentos, de forma dinâmica.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II: ENSINO FUNDAMENTAL

O ECS II nos anos iniciais do Ensino Fundamental é importante na formação do pedagogo, pois leva o docente a conhecer os desafios de enfrentar uma sala de aula e propõe que se coloque em prática aquilo que conheceu durante todo percurso teórico estudado. Segundo Pimenta (2004, p. 99).

> [...] o estágio pode ser considerado como uma oportunidade de aprendizagem das profissões docentes e da construção da identidade profissional[...].

Esse ECS II foi realizado sob a supervisão do professor Nednaldo Dantas e a professora Dayanne Chianca, em uma turma de 3° ano, na Escola Municipal Professora Angelina Vasconcelos de Faria, localizada em São José de Mipibu, no horário vespertino.

A professora supervisora se chamava Aldaiza, na gestão, a diretora Rosineide e a vice-diretora, Danielle Marques. Sala composta de 19 estudantes sem histórico de crianças com necessidades especiais diagnosticadas. A professora Aldaiza me passou firmeza, autoridade e prazer no que faz seguindo as normas da BNCC diante da realidade da escola e dos estudantes.

A professora desenvolvia um excelente trabalho, buscando estimular nas crianças o desejo de conhecer suas habilidades de reflexão através das discussões, a fim de prepará-los para o exercício da cidadania, preocupando-se em formar cidadãos críticos e participativos.

A experiência do estágio contribuiu para minha construção de docente num contexto desafiador na educação atual e pude ser observadora dos pontos positivos e negativos naquela instituição. Ver a professora Aldaiza atuar como mediadora, facilitadora do aprendizado, me fez refletir sobre minha prática e sentir a necessidade de reconstruir o meu fazer pedagógico.



Em minha vivência, esta etapa trouxe um conhecimento maior de como é uma sala de aula, a convivência diária, e o que realmente é ser um professor. Ao pesquisar estratégias a serem trabalhadas na sala de aula, vi que o lúdico no ambiente escolar pode facilitar o processo de ensino aprendizagem na criança e proporciona aos estagiários o desenvolvimento de oralidade e do pensamento, tornando-os capazes de buscar soluções para as dificuldades como também na relação interpessoal, entendendo o significado do respeito. Vygotsky (1984, p. 114) afirma que "É a partir da brincadeira que a criança constrói o seu próprio pensamento".

Na regência levei como temática "Leitura e compreensão de texto" e com ela fizemos leitura de diversos gêneros textuais, priorizando a atenção da sua estrutura, funcionalidade e finalidade. Construir a compreensão textual por meio de textos verbais e não verbais, observando os recursos neles presentes, leituras compartilhadas, discussão oral do texto, atividades escritas de acordo com os textos estudados (ditado) e pontualidade no tempo de execução das atividades.

Nesse entender, aprendi que o professor precisa reconhecer as multifaces de inteligência do universo de sua sala de aula e construir o ambiente adequado para que as inteligências sejam desenvolvidas. Amei estagiar nessa turma, aprendi muito também.

ESTÁGIO CURTICULAR SUPERVISIONADO III – GESTÃO ESCOLAR

O Estágio Supervisionado III em Gestão Escolar é muito importante porque amplia a visão de responsabilidade de um gestor em uma instituição e tem como objetivo registrar e buscar soluções que dê melhor qualidade a instituição. O estágio supervisionado é obrigatório nos cursos de pedagogia, entretanto sua importância é superior à obrigatoriedade. A finalidade do estágio é integrar o processo de formação do aluno, futuro pedagogo, possibilitando aproximar-se da realidade na qual irá atuar (Metz; Pienta, 2011).

O estágio aconteceu no CMEI Terezinha Alves Ferreira, localizado em São José de Mipibu/RN, no horário vespertino de 13h às 17h. Na inserção entregamos a carta de



apresentação, teve uma boa aceitação pela gestão e autorização da diretora Nilma e da coordenadora Carla Roseane. Na observação participativa, facilitou a formulação da situação problema, e através de conversa com a gestão vimos a dificuldade que a escola tinha com materiais didáticos para o uso dos professores em sala de aula.

Na etapa da intervenção, em que a escola recebe meu plano de ação, elaborado a partir das minhas observações, foi bem aceito pela coordenadora Carla, que me auxiliou na construção e nas orientações para executá-lo. A situação problema foi: “Como um professor de um CMEI trabalha sem recursos didáticos?”, “Como um professor dinamiza suas aulas, não as deixando cansativas e rotineiras?”. Na busca de encontrar uma forma de ajudar a escola na dificuldade dos professores de trabalharem com recursos didáticos foi levantada a proposta de confeccionar esses materiais com recicláveis, para uso diário com as crianças. O plano de intervenção teve uma ação positiva, despertando nos professores o interesse em construir recursos para o seu próprio desenvolvimento nos projetos propostos, os auxiliando nas dificuldades encontradas para que pudessem estabelecer essa ação como ferramentas de suas atividades diárias na sala de aula.

No ECS III o estudante em pedagogia amplia sua visão do andamento dos acontecimentos em todo ambiente escolar. Foi muito importante durante o estágio o contato com toda a equipe da instituição, pois tive a colaboração de todos a construir meu projeto. O estágio aconteceu sob a supervisão das professoras Claudete da Silva e Elen Dóris, na qual através de sua visita à instituição, conversaram alguns pontos com a gestão, conhecendo a forma na qual foi construído o plano de ação, pois tive o apoio da coordenadora da instituição Carla e as supervisoras Claudete e Elen nos ajudaram a enriquecer o nosso trabalho. O projeto também foi bem aceito pela comunidade escolar, onde os professores continuaram com o trabalho, me deixando muito satisfeita.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO IV: ESPAÇO NÃO-ESCOLAR

No ECS IV, em espaço não escolar, sob a supervisão da professora Rozicleide Bezerra e Denise Caballero, foi realizado na Igreja Primitiva Pentecostal, localizada no conjunto Vila Maria em São José de Mipibu/RN. A supervisora de campo foi Andreza



Oliveira e, na gestão da instituição, o Pastor Cícero de Farias. A intervenção foi realizada no horário noturno em uma sala de aula fundada pelo Pastor Cícero com a missão de evangelizar as crianças, filhos dos membros da Igreja. O trabalho é exercido com muito amor pelas professoras voluntárias Andreza,

Raiza e Ana Paula. Andreza é pedagoga com formação em Libras e Educação Especial e demonstrou bastante amor pelo seu trabalho. As professoras desenvolvem um belíssimo trabalho através de contação de histórias, de apresentação de peças teatrais, estimulam a criatividade das crianças, incentivam ao louvor, dando início ao Conjunto "Ovelhinhas de Jesus", que fazem sua apresentação em todos os cultos e em Igrejas vizinhas.

O Estágio em espaços não escolares foi essencial para meu aprendizado, pois é diferente da prática escolar que segue uma rotina, uma ordem de faixa etária e outros. A dificuldade de ter os materiais didáticos para se trabalhar em sala é uma questão a ser apontada. Nesse estágio, observei que o professor tem que produzir os meteriais de acordo com as necessidades e partindo de doações. Essa experiência me mostrou que a educação vai além do espaço delimitado pelos muros escolares. A sala de aula na qual é realizada as aulas na igreja é uma garagem totalmente sem espaço para a quantidade de crianças na qual recebem. Portanto, dificulta o trabalho das professoras pelo fato de terem diversas faixas etárias juntas.

Segundo Frison (2006, p. 07):

> [...] Entende-se por espaços não escolares a atividade educacional organizada e sistemática, realizada fora do sistema de ensino formal, visando proporcionar aprendizagem sistemática e continuada a educandos trabalhadores que foram assim denominados porque além de executarem tarefas do trabalho estão em constante processo de formação e aprendizagem no local de trabalho.

Como destaca Vasconcelos (2012, p. 11):

> Certamente, o Estágio em contextos não escolares trará diversas contribuições para a sua formação, propiciando a sua inserção na realidade de diferentes instituições e a possibilidade de desenvolvimento de um conhecimento mais aprofundado sobre as práticas do pedagogo em contextos distintos da escola [...]"



Neste período que vivenciei este estágio percebi o quanto foi gratificante ultrapassar obstáculos de desafios, porém obtive muito aprendizado, principalmente com a segurança que as professoras orientadoras Rozicleide e Denise me proporcionaram, as ideias lançadas e o acompanhamento. Aqui descrevo minha gratidão aos professores do IFESP que enriqueceram meu desenvolvimento e aprendizado me levando a refletir sobre minhas práticas.

É no estágio que colocamos em prática aquilo que estudamos na graduação principalmente buscar estratégias para enfrentar esses tipos de dificuldades, pois no dia-dia é que os futuros professores enfrentarão a realidade diferentemente, muitas vezes, da expectativa imaginada. No ECS IV desenvolvi, através da observação, a seguinte situação problema: “Como desenvolver os valores religiosos e o ensino- aprendizagem em uma ‘sala de aula’ com pouco espaço para um número de crianças de faixa etária variada?”.

Na busca por soluções, procurei, como estratégia, separar a sala de aula em grupos desenvolvendo metodologias adequadas a cada faixa etária das crianças. Levei como temática “A ÁGUA FONTE DE VIDA”, onde desenvolvi trabalhos de produção de textos com as crianças maiores, textos bíblicos relacionados a água. Levei para as crianças bem pequenas atividades de recorte, colagem e pintura. Assistimos vídeos com historinhas bíblicas relacionadas a água como fonte de vida, trabalhamos com jogos de quebra-cabeça confeccionado por eles, e trabalhamos juntos a contação de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este Memorial representou para mim, uma maravilhosa e gratificante experiência. Em alguns momentos senti dificuldades e insegurança de voltar ao tempo e reviver tantas emoções, resgatando as lembranças do passado. Considero esse Memorial de Formação uma forma importante de registrar por escrito as lembranças repletas de acontecimentos vividos para que não fique no esquecimento. Escrever aqui sobre toda a minha trajetória desde a infância até os dias de hoje, nos quais concluo a minha graduação em pedagogia, foi uma oportunidade para refletir a respeito da minha prática e o que desejo estabelecer com meus alunos. A menina do passado, que teve algumas



dificuldades devido o ensino da época não priorizar práticas mais libertadoras e métodos de alfabetização mais construtivos, hoje possui visões muitos mais amplas sobre educação.

Desde cedo me encontrei na educação, exercendo a profissão dos sonhos,. A lguns fatores me impediram de fazer uma graduação, até que finalmente consegui ingressar no IFESP e realizar o sonho que tanto esperei: de concluir uma graduação. Atuar na área da educação é um desafio que envolve formação qualificada e continuada, conscientização e valorização, além da motivação. Os problemas que surgem pelo caminho devem servir para que resgatemos memórias e valores construídos na base familiar e faz com que reconhecemos e solucionemos os problemas que são inevitáveis na nossa trajetória acadêmica.

Concluo este memorial de formação com a certeza de dever cumprido comigo mesma, refletindo acerca do autoconhecimento, em como cheguei e como estou saindo, tendo em mente o compromisso com meus alunos e com a sociedade em que faço parte.

A caminhada não para nessa graduação pois sigo em busca de conquistar meus objetivos e me aperfeiçoar cada vez mais numa pós-graduação, me especializando em Educação Infantil ou mesmo em EJA (Educação de Jovens e Adultos), me dedicando aos concursos na área da educação.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, M. M. M. Uma mulher que ousou viver transgressões. In: Oliveira, J.; TISUKO, F.; KISHIMOTO, M.; PINAZZA, M. A. (orgs). **Pedagogias da infância**: dialogando com o passado**:** construindo o futuro. Porto Alegre: Artemed, 2007.

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas Educacionais e Corporeidade.** 3 ed. Piracicaba: Unimep, 1995.

BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. **Prática de Ensino Supervisionado na Formação de Professores.** São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília, 2005.



BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei federal n° 8069, de 13 de julho de 1990**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL/MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997.

BRASIL Casa Civil. (1971**). Lei n° 5692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2° graus, e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm.

BRASIL. **Lei n°10436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a língua de sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_0/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 20 de setembro de 2018.

CHALITA, G. **Pedagogia do amor:** contribuição das histórias universais para a formação de valores das gerações. São Paulo: Gente, 2005.

CARVALHO, A. H. **A evolução histórica da educação a distância no Brasil:** avanços e retrocessos**.** Monografia de Especialização. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4653/1/MD_EDUMTE_II2012_01.pdf. Acesso em: 09 de julho de 2020.

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do Ensino da Arte.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRISON, L. M. B. **Autorregulação da aprendizagem:** atuação do pedagogo em espaços não-escolares. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação. Porto Alegre: PURCS, 2006.

LIBÂNEO, J. C.. **A Didática e as exigências do processo de escolarização:** formação cultural e científica e demandas práticas socioculturais. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINS, M. C. F. D.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino da arte:** a língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998, p. 197.

MAZZOTTA, M. J. S. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. In:. **Fundamentos de Educação Especial**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

METZ, M.C., PIENTA, A. C. G. **Estágio Supervisionado:** docência a gestão na educação básica. Rio de Janeiro: Fael, 2011.

MORENO, G. L. **Trabalho Pedagógico na Educação Infantil, Organização do trabalho pedagógico na Instituição Infantil.** Org. Jaqueline Delgado Paschoal.

NAMBA, E. T. **Família: base da sociedade**. 18 mar. 2019. Disponível em: https://estadodedireito.com.br/familia-base-da-sociedade/. Acesso em: 25 jul. 2024.



OLIVEIRA, H. V; SOUZA, F. S. Do conteúdo pragmático ao sistema de avaliação, reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). Boa Vista: **Boletim da Conjuntura**, ano II, v. 2, n.5, 2020, p. 15-24.

PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. **Educação**. Porto Alegre: vol. 34, num. 2, mayo-agos. 2011, p. 147-156.

PERINI, M. A., **Sofrendo a gramática,** São Paulo, Ática, 1999. PIAGET, J. **A epistemologia genética.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PIMENTA, S. G., LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G. (org). **O estágio e a docência**. São Paulo: Cortez, 2004. PRADO, Danda. **O que é família.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. **Memórial de Formação:** quando as memórias narram a história da formação. Campinas: Alínea, 2007.

RAMALHO, B.; NÚÑEZ, I. Y.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de história.** Goiânia, 2005.

SOARES, M. **Alfabetização:** a questão dos métodos. 1. Ed. 1° reimpressão, São Paulo: Contexto, 2017, p. 384.

SZYMANSKI, H. Teorias e "teorias" de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. **A família Contemporânea em debate.** Ed. 6. São Paulo: Educ/Cortez, 2005.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. 1º reimpressão. Brasília: Plano Editora, 2003.

SILVA, A. F.; OLIVEIRA JÚNIOR, R. J. **Aula de campo como prática de ensino-aprendizagem:** sua importância para o ensino da geografia-XVIII. São Luiz/MA: Anais do XVIII Encontro Nacional dos Geógrafos, 2016, p. 1-10.

VASCONCELOS, M. C. C. **Estágio em contextos não escolares.** UERJ. Volume único. Rio de Janeiro: Fundação CECIRJ, 2009.

VYGOTSKY, L.S., **Pensamento e linguagem.** Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto et. Alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L.S. **Obras escogidas.** Tomo IV. Madri: Visor, 1996.

ZABALA, A. As relações interativas em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos. In: _____. **A prática educativa:** como ensinar. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.



EM BUSCA DE UM SONHO E RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA CONQUISTA: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Márcio Targino da Silva
Ana Paula Leão Maia Fonseca

No caminho da educação, cada passo ecoa com os desafios e as conquistas que moldam a alma de quem se dedica ao ensino. No capítulo “Em Busca de um Sonho e Ressignificação de uma Conquista: Licenciatura em Pedagogia”, Márcio Targino da Silva nos convida a uma imersão em sua trajetória de formação como professor da educação básica, relatando com sensibilidade e profundidade os desafios enfrentados e as vitórias alcançadas ao longo de seu percurso acadêmico.

Márcio nos apresenta a narrativa de alguém que, movido por um sonho, encontrou na pedagogia não apenas uma carreira, mas uma missão de vida. Desde os primeiros momentos, suas memórias revelam o esforço para transformar o impossível em realidade, destacando a importância da persistência e da fé em si mesmo. A cada página, somos tocados pela força de sua jornada, repleta de ressignificações e redescobertas, nas quais o autor reconstrói sua visão de mundo e de educação à medida que avança em sua formação.

Este relato nos emociona ao mostrar que, mais do que um diploma, a licenciatura em pedagogia representa para Márcio a concretização de um ideal: o de ser um agente de mudança na vida de seus alunos, inspirando e transformando. Ele nos faz enxergar que ser professor é um ato de amor e coragem, onde cada desafio enfrentado ao longo da formação se torna um degrau rumo à realização de um sonho maior.

Este capítulo não é apenas um testemunho pessoal, mas uma fonte de inspiração para todos que acreditam no poder da educação como um instrumento de transformação social. A ressignificação de cada conquista de Márcio nos lembra que, com determinação e paixão, é possível transformar o sonho de educar em uma realidade luminosa e repleta de significados.



INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS

> O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada, pois é caminhando e semeando, que ao fim, terás o que colher.
>
> Cora Coralina.

Nesta seção narro sobre memórias que remetem à minha infância, adolescência e juventude. Nessas narrativas revelo momentos vividos no seio familiar e nas escolas, nas quais estudei os ensinos Fundamental e Médio.

Regressar à minha infância é poder reviver tantos momentos de felicidades, experiências e dificuldades na roça, as quais estiveram comigo em quase todo momento da minha vida.

Natural de Lagoa de Pedras, interior do Rio Grande do Norte, filho de agricultores que não tiveram as mesmas oportunidades de estudar, devido ao trabalho árduo na agricultura. Nasci no ano de 1991, tenho seis irmãos e sou o primeiro a concluir um curso de ensino superior.

Lagoa de Pedras é um município de pequeno porte, com uma população de 7.584 habitantes. Sua economia se desenvolve favorecendo o produtivo da região e dispondo de boas terras para o desempenho da pecuária e para o cultivo da agricultura, a palha de carnaúbas, o centro de comercialização de animais e a maior feira livre da região. Sempre gostei muito de brincar:

> “O brincar é uma atividade humana criadora de imaginação, fantasia, realidades que interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos” (Vygotsky, 1987, p. 35).

Toda e qualquer criança tem o direito à Educação Infantil, eu não tive acesso. Primeiro, porque precisava ajudar meus pais no cuidado com meus irmãos mais novos para que eles pudessem trabalhar, e segundo, porque na época a escola perto da minha casa não oferecia essa modalidade de ensino. Hoje entendo a importância do ensino da Educação Infantil, pois é a primeira fase de preparação das crianças pequenas em contato



com o novo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394/96 estabelece que a Educação Infantil traz, por finalidade, "o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade" (Brasil, 1996)."

Atualmente, com o olhar de pedagogo compreendo a importância de conhecermos as legislações e as diretrizes que regem a educação em nosso país, só assim, e assim, ser capaz de ensinar com base, nessas, de tal forma que poderei respaldar os meus planejamentos na perspectiva legal, enxergando os direitos e deveres daqueles estudantes que serão da minha responsabilidade como professor, ou mesmo, como coordenador pedagógico e diretor de uma escola.

O ENSINO FUNDAMENTAL: NOVOS SABERES PARA APRENDER

No ano de 1998, ingressei na 1ª série do Ensino de 1º Grau,[7] de acordo com a Lei 5.692/71, aos sete anos de idade na Escola Municipal José Irineu Gomes, na cidade de Lagoa de Pedras-RN, hoje a escola encontra-se desativada por motivos de abandono por parte da antiga gestão municipal.

Estudei na mesma escola por cinco anos consecutivos, fazendo de 1ª a 4ª série, hoje com uma nova nomenclatura: ensino fundamental (anos iniciais: 1º ao 5º ano; anos finais: 6º ao 9º ano)[8]. Na 4ª série, em 2002, repeti o ano por ainda não dominar as operações básicas de matemática.

A instituição de ensino levava consigo os traços de um ensino conservador, tradicionalista. O educador era compreendido como o "dono do saber". Meus pais sempre diziam: "na escola a professora é sua mãe, respeite porque o que ela fizer está feito", e

7 A Lei 5.692/71 que estabelecia, no Capítulo I – Do Ensino de 1º e 2º graus, os objetivos para o ensino que corresponderia, hoje, à educação básica – excetuando a educação infantil (BRASIL, 1971).
8 Até o ano 2006, o Ensino Fundamental era classificado em séries, o Ensino Fundamental Anos Iniciais, antigo Ensino Fundamental anos iniciais, incluía da primeira à quarta série. Ainda em 2006, o governo aprovou a Lei 11.274, de 6 de fevereiro, que ampliou a duração total do Ensino Fundamental para nove anos, estabelecendo que a matrícula das crianças deveria ocorrer a partir dos seis anos de idade. Na época, foi estabelecido o prazo de implantação do novo formato pelas escolas e sistemas de ensino até 2010.



aquilo me causava muito medo, pois nunca gostei de ser chamado a atenção. A professora usava com frequência o arcabouço da decoreba. Essa prática demonstra a influência de metodologias tradicionais essencialmente passivas, visto que:

> Atribui ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está "adquirindo" conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico (Mizukami, 1986, p. 11).

Morava a dois quilômetros de distância da escola, lembro-me que tinha a missão de acordar cedo para poder ir caminhando com meus primos, mas tudo aquilo era muito bom, as brincadeiras no caminho, as brigas de criança e os cajus que pegávamos nos cajueiros que tinham no caminho. Foi na Escola Municipal José Irineu Gomes que fui alfabetizado, aprendendo a ler e a escrever, mas também, só foi possível pela dedicação dos meus pais, seus ensinamentos e encorajamentos, os conselhos e os cuidados de todos os dias, de se levantarem cedinho e nos ajeitarem para ir à escola.

No ano de 2003 fui estudar na Escola Municipal José Luiz Rodrigues, localizada no Sitio Mandu, também no município de Lagoa de Pedras/RN, fazendo a 5ª série (hoje 6º ano, de acordo com a legislação da educação brasileira)[9]. Nessa escola, passei seis anos até a conclusão da 8ª série.

Logo no primeiro ano fui reprovado, por ser um ambiente novo de ensino e para cada disciplina um professor específico, uma outra realidade para mim, já que nos anos anteriores era apenas um docente. Foi muito difícil me adequar e me acostumar com aquela novidade.

Ao passar do tempo, fui criando vínculos com a turma, fazendo amizades. Durante esse tempo, lembro-me dos professores que ministravam suas aulas durante o dia e, à noite, estudavam para concluir seus estudos. Recordo-me também de que eles faziam correção das minhas atividades de estudo com lindas mensagens: "Parabéns, tá lindo!

[9] Em 06/02/2006 o Presidente da República sancionou a Lei nº 11.274 que regulamenta o ensino fundamental de 9 anos. No Ensino Fundamental de nove anos, o objetivo é assegurar a todas as crianças um tempo maior de convívio escolar, maiores oportunidades de aprender e, com isso, uma aprendizagem com mais qualidade (Brasil, 2006).



ótimo!”. Essas mensagens sempre estavam presentes em meu caderno, o que me fazia muito feliz.

Ao escrever essas narrativas, sinto em cada momento rememorado que esse percurso da minha trajetória foi de muita afetividade. Como a afetividade é importante para propiciar segurança, aumento da autoestima, tão importantes para o nosso desenvolvimento cognitivo e emocional, assim, enxergo Freire (1999) quando revela sobre a importância de o professor afetar os seus estudantes, ou seja, ser afetivo com ele, de tal maneira que lhe permita acreditar que é capaz.

MEU ENSINO MÉDIO: OUTROS DESAFIOS

No ano de 2009 fui matriculado no 1º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual João Tomás Neto, no centro de Lagoa de Pedras, onde estudei até a 3ª série da escola secundária.

Durante esse tempo tive muitos desafios, pois morava no sítio e a escola localizava-se no centro da cidade, distante da minha casa. Por ajudar meus pais na agricultura durante o dia, precisei estudar no período noturno. Com o passar do tempo fui me acostumando com a nova turma e os novos professores. Durante o segundo bimestre, fui movido por uma empatia e encanto com a professora que lecionava a disciplina de Geografia, devido ela exercer bem o seu papel e suas explicações eram sempre concisas e objetivas, levando o aluno a aprender facilmente. Apaixonei-me por sua prática docente. Segundo Freire e Nogueira (1993, p. 40), “quando a prática é tomada como curiosidade, então essa prática vai despertar horizontes de possibilidades no estudante”.

Diante dessas experiências vivenciadas ao longo desse tempo, recordo-me de vários momentos bons e nesse período conheci uma professora da disciplina de Língua Portuguesa, muito simpática e inteligente, fui aprendendo bastante com suas aulas e existia um grande relacionamento entre professora e estudante. Era clara em suas explicações, com metodologias ativas que facilitavam e atingiam a nossa compreensão.



Sempre repetia os assuntos quando eu não entendia, chegando então a uma amizade muito grande, é tanto que hoje ela se tornou minha madrinha de crisma.

No momento presente entendo com clareza a importância da relação entre professor e estudante para uma aprendizagem participativa firmada em conceitos, e o docente é o responsável por despertar no estudante a capacidade de pensar sobre muitas coisas usando boas metodologias de aprendizagens. Para Vygotsky (2007, p. 92), "o aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas".

É chegado o momento de concluir o tão sonhado 3º ano do Ensino Médio. Nesse último ano, em 2011, da minha Educação Básica, a turma ainda era a mesma de quando iniciou no 1º ano, todo mundo se conhecia e a turma era muito entrosada. As aulas eram excelentes e nos fazia pensar na saudade que sentiríamos uns dos outros, visto que era nosso último ano escolar.

Relembrando os momentos e memórias vivenciadas naquele ano, me marcou muito as aulas de Educação Física, em que o professor ministrava as aulas práticas num campinho da escola onde jogávamos bola, brincávamos de queimada, entre outros jogos. Por esta razão, as aulas eram prazerosas e motivadoras. Ao rememorar estas vivências, recordei de textos orientados pelos professores no curso de Pedagogia, neles, o lúdico se constitui como uma estratégia didático-pedagógica que contribui sem dúvida com as aprendizagens e desenvolvimento dos estudantes. No tocante à ludicidade, lembrei-me dos pensamentos de Luckesi (2014) em que defende uma educação lúdica que se proponha a um acompanhamento, uma mediação que se construa em meio a uma relação entre o cognitivo e o afetivo, posto que é o professor que dá o tom da aula, defendendo que as aprendizagens são frutos da vivência.

Fazendo uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem e a prática docente, vejo que os professores são profissionais centrais na vida do estudante e uma boa relação conta muito no desenvolvimento social, intelectual e no aprendizado. Gimeno Sacristán (1999) diz que "a prática educativa é algo mais do que expressão do ofício dos



professores” e para que esta relação seja prazerosa, a afetividade deve constituir ações docentes.

Refletindo em relação às vivências na minha educação básica, vejo que tudo que experimentei contribuiu significativamente na minha vida social e profissional estabelecendo as bases para meu desenvolvimento intelectual, social e emocional. Em resumo, a Educação Básica em minha vida foi uma fase crucial, moldando não apenas minha educação acadêmica, mas também a personalidade, valores e habilidades. Aprendi também durante a trajetória acadêmica a resgatar conhecimentos antes adquiridos em meu ensino médio e refletir com o novo, visto no ensino superior. Vygotsky (2007) afirma que os sujeitos se desenvolvem no que se refere ao ensino-aprendizagem quando ele consegue dar um salto qualitativo em relação às suas aprendizagens, ou seja, quando ele aplica seus conhecimentos em contextos reais.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96) no seu Art. 22, diz a Educação Básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Encerro esta seção sentindo que sou uma pessoa diferente, na dimensão pessoal e profissional. Aprendi, com a minha trajetória, a ser uma pessoa mais crítica levando-me a compreender que a Educação Básica é o primeiro passo para a formação acadêmica, que nos permite o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. E assim, como defende Gimeno Sacristán et al., (2016), mobilizar os conhecimentos e habilidades e ser capaz de impulsionar esses conhecimentos para resolver situações no contexto real.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

> “O que eu faço é uma gota no meio de um oceano, mas sem ela o oceano seria menor”.
>
> Madre Teresa de Calcutá.



Nesta seção relato acerca da minha trajetória profissional, iniciando pelas atividades que realizava junto aos meus pais, pois elas contribuíram significativamente com o desenvolvimento do meu caráter, assim como aquelas que fui remunerado e outras, não.

Desde muito cedo trabalhei arduamente na roça para ajudar meus pais com as despesas da casa e muitas vezes cuidava dos meus irmãos mais novos para que meus ascendentes pudessem trabalhar.

Completados meus 21 anos, logo após o término do Ensino Médio, em 2012, fui trabalhar de carteira assinada pela primeira vez na cidade de Parnamirim-RN. Por indicação de um amigo, fui contratado em uma fábrica de produtos do sertão (goma, farinha de mandioca, macaxeira, coco, entre outros). Lá passei quatro anos e ao retornar à minha cidade fui chamado, por uma amiga catequista, para ministrar encontros catequéticos litúrgicos com uma turma de crianças da minha comunidade.

Lembro-me que eram nove crianças e ali eu me sentia realizado. Foi quando tudo começou, um grande sonho me atingia e o desejo de ser professor despertou grandiosamente em meu ser. Passei dois anos com aquela turma até a conclusão da crisma de 2015 a 2016 e no ano seguinte, 2017, fui contratado pela prefeitura municipal de Lagoa de Pedras para lecionar em um programa chamado Brasil Alfabetizado[10].

Foi minha a primeira experiência como professor na Escola Municipal Maria Iolanda da Silveira, situada no Sitio Lagoa do Peixe, município de Lagoa de Pedras, na mesma comunidade em que eu morava. Aquilo foi mágico, me encantei pela profissão de ser professor.

O Programa Brasil Alfabetizado[11] tinha como objetivo alfabetizar pessoas com idade igual ou superior a 15 (quinze) anos, a fim de promover a cidadania e contribuir

[10] O Programa teve como parâmetro legal o Decreto nº 4.834, de 8 de setembro de 2003. O Brasil Alfabetizado foi desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a 1.928 municípios que apresentaram taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%.

[11] O Programa Brasil Alfabetizado (PBA), elaborado em 2003, tem como objetivo alfabetizar jovens e adultos de 15 anos ou mais que não puderam estudar na idade apropriada. O Programa é uma porta de acesso ao pleno exercício da cidadania. O PBA é mais do que uma estratégia para perseguir a Meta 9 do Plano Nacional de Educação. Trata-se do compromisso moral de não abandonar "Nenhum brasileiro!".



com o desenvolvimento social daqueles que por algum motivo não puderam estudar. Foi uma experiência única e singular da qual até hoje tenho orgulho e lembro com muito carinho.

Reconheço que enfrentei muitos desafios no início, por não me sentir preparado, ou seja, ainda não tinha formação e conhecimento adequado para lidar com esse feito. Visto que, era uma turma composta por pessoas adultas e eu não possuía o curso superior, que me propusesse competências e habilidades especificas para ensinar.

Com o passar do tempo, diante das vivências práticas, as quais estava experenciando naquele momento, fui ganhando confiança e adquirindo experiências, desenvolvendo estratégias para ensinar e construindo-me como profissional. Zeichner (1993) atribui à reflexão do professor sobre sua prática um potencial transformador das condições de atividade profissional docente e de mudanças como critérios de orientação do fazer profissional.

A reflexão como estratégia formativa apresentada por Schön (2000) enuncia para a reconfiguração do fazer profissional a partir do exercer e no desenrolar em sala de aula. A reflexão da prática, na prática e sobre a prática propicia tomar consciência dos processos de construção da atividade profissional, característica do trabalho da docência como profissional (Perrenoud, 2000).

Recordo-me dos dias de sexta-feira cujos estudantes eram assíduos e eu sempre fazia uma aula diferente, levando-os para o corredor da escola em que praticávamos diversas atividades as quais aprendi enquanto estudante do ensino médio nas aulas de educação física. Segundo Betti (1992), integrar e introduzir a educação física dentro da carga horária de aulas, os alunos produzem, reproduzem e qualificando-o para desfrutar os jogos, os esportes, as danças, as lutas, as ginásticas e práticas de aptidão física.

A partir dessa grande experiência em sala de aula, o mercado de trabalho abriu grandes portas para minha carreira profissional. Saindo da escola, ainda no finalzinho do ano de 2017, fui contactado pela secretária de assistência social de Lagoa de Pedras/RN para ocupar o cargo de visitador social de um programa recém-criado do Governo



Federal, denominado Programa Criança Feliz[12], pertencente à Secretaria Municipal de Assistência Social de Lagoa de Pedras/RN, o qual trabalho até os dias atuais. Não mais na mesma função, atualmente, supervisionando o mesmo programa.

O Programa Criança Feliz tem por objetivo promover, acompanhar e monitorar o desenvolvimento infantil na primeira infância (de 0 a 3 anos de idade), gestantes e crianças até os seis anos de vida que apresentem alguma deficiência e que receba o Benefício de Prestação Continuada (BPC), inclusive mediando o acesso da família a outros serviços públicos que possam impactar positivamente no desenvolvimento das crianças.

Como o programa atendia no seu público prioritário, gestantes e crianças até os 3 anos de idade, semelhante à educação infantil, agora era chegado o momento de cursar uma formação de nível superior em pedagogia, já que quando iniciei na turma do Brasil alfabetizado, mesmo com exigência de possuir uma graduação, não tive a oportunidade e as dificuldades não permitiram. Porém, diante do que retrata a LDBEN – Lei nº 9.394/96 (Brasil, 1996), tornando como meta a formação em nível superior de todos os professores da educação infantil e das séries/anos iniciais do Ensino Fundamental, era a oportunidade de ingressar no ensino superior.

O Programa Criança Feliz surgiu como uma importante ferramenta para as famílias mais vulneráveis de cada município, promovendo o desenvolvimento integral da criança por meio do acompanhamento domiciliar de visitantes sociais que ofereciam orientações de saúde, direitos humanos, culturais, além de fortalecer os vínculos familiares e comunitários pela troca de experiências. Assim, como eram fornecidas capacitações por profissionais de diversas áreas (saúde, educação, serviço social, direito, arte), fui cada vez mais crescendo como profissional e o desejo de ingressar em um curso superior só crescia em meu ser.

[12] O Programa Criança Feliz surge como uma importante ferramenta para que famílias com crianças até seis anos ofereçam a seus pequenos ferramentas para promover seu desenvolvimento integral. Por meio de visitas domiciliares às famílias participantes do Cadastro Único, as equipes do Criança Feliz realizam o acompanhamento e dão orientações importantes para fortalecer os vínculos familiares e comunitários, além de estimular o desenvolvimento infantil. Os visitadores são capacitados em diversas áreas de conhecimento, como saúde, educação, serviço social, direitos humanos, cultura etc. (Brasil, 2022).



Compreendo hoje, a importância da formação profissional para nos tornarmos sujeitos cada vez mais profissionalizados para ingressar no mundo do trabalho. O Curso de Licenciatura em Pedagogia me proporcionou este olhar para a minha profissão, para mim, como sujeito que forma o outro e se forma, mediante as necessidades formativas desse outro.

LEMBRANÇAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO IFESP

> "Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem a serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender".
>
> Augusto Cury

Nesta seção os meus relatos reflexivos dizem respeito às lembranças que marcaram a minha vida no curso de Pedagogia.

Em outubro de 2019 me inscrevi em um processo seletivo do curso de graduação em Pedagogia no Instituto Superior de Educação Presidente Kennedy – IFESP, Edital Nº 03/2019. Fui aprovado e no ano de 2020, e assim, início os estudos na referida instituição. Colegas de Lagoa de Pedras, também foram selecionados no processo seletivo. Para nos deslocar para a instituição, dependíamos do ônibus fornecido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em parceria com a Secretaria Municipal de Educação desse município.

No nosso primeiro dia de aula, na volta para casa, o ônibus quebrou e precisou que o motorista entrasse em contato com o município para que fosse disponibilizado outros meios e pudéssemos voltar às nossas casas. No dia seguinte ao término da aula, foi anunciado que haveria uma greve estadual dos professores onde passamos duas semanas sem aulas, tudo aquilo era muito ruim para nós, devido a vontade de estudar ser grande e o desejo de realizar o tão almejado sonho da graduação em Pedagogia. Mas reconhecia que era uma luta da classe dos trabalhadores da Educação, conforme com a Lei Nº 7.783, de 28 de junho de 1989.



No Art. 1º desta lei é assegurado o direito à greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo sobre os interesses que devam por meio dele defender. Compreendi melhor esse direito após adentrar o curso de Pedagogia, mediante explicações dos professores.

Retornando da greve, começou uma Pandemia nunca vista mundialmente: a Covid 19. O mundo parou. A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020) recomendou toques de recolher, ou seja, o distanciamento social, determinações com medidas que deveriam ser de curto prazo para reorganizar, reagrupar, reequilibrar recursos e proteger o sistema de saúde.

O distanciamento e o isolamento social impostos pelo combate à disseminação do novo Coronavírus (Covid-19) fizeram com que mudássemos totalmente a nossa rotina e no tocante à área da Educação, a principal mudança foi a transição do ensino presencial para o ensino *on-line* ou aulas remotas. Lembro-me que nesta época de quarentena (2020), para que as crianças, adolescentes, jovens e adultos tivessem o menor impacto possível no seu desenvolvimento escolar e o calendário letivo não fosse comprometido, foi inevitável levar o ensino da sala de aula para dentro das casas dos estudantes – inclusive mediante orientação e normatização do Ministério da Educação.

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, em parceria com os professores, organizou antes de qualquer Instituição de Ensino Superior no Rio Grande do Norte, o estabelecimento de aulas *on*-line na modalidade remota. Para esse fim, realizou reuniões “remotas” com professores e funcionários, oferecendo formação para que pudessem adentrar a nova realidade do ensino.

Começamos a participar das aulas *on-line* de forma síncrona e assíncrona. A primeira era por meio da plataforma digital da instituição e pelo *Meet*, a segunda era através de dados encaminhados com orientações das atividades. Senti muita dificuldade no início. Muitos desafios foram surgindo, primeiro que o acesso à internet era precário por morar no interior e o acesso era muito lento, além de não ter habilidades, na época, para as tecnologias digitais. Brasil, afirmam Freitas et al., (2024), que:



> A adoção da tecnologia é fundamental para superarmos esse período único e fornecer os meios para o aprendizado. No entanto, os alunos têm que enfrentar muitas dificuldades no seu dia a dia, como navegar na Internet, falta de compreensão do conteúdo e falta de aparelhos eletrônicos. São questões pontuais que afetam a aprendizagem dos alunos e impactam diretamente na educação no Brasil, lembrando que nenhuma tecnologia em sala de aula pode superar os professores (Justino; Coelho; Santos, 2020, p. 140).

Pensando que a continuidade das atividades presenciais ocorresse nos espaços virtuais, era essencial a adoção de tecnologias variadas, permitindo a comunicação, a interação e a avaliação dos estudantes, mesmo eles estando afastados da escola. Entre as possibilidades dessa "virtualização" da educação estão o ensino à distância e o ensino remoto. Segundo Silveira e Bazzo (2009, p. 682), as tecnologias têm se apresentado como o principal fator de progresso e desenvolvimento de estratégias para aulas remotas.

Diante do tempo afastado nessa realidade escolar, tive inúmeros desafios em enfrentar um retorno aos estudos de forma diferente de tudo que havia vivenciado enquanto estudante. Elaborar resumos, participar de debates sobre textos, apresentar seminários, em formato remoto e diante de uma tela, foram experiências desafiadoras, porém importantes na minha formação acadêmica.

Recordo-me do primeiro componente curricular que pagamos on-line, Psicologia do Desenvolvimento (PD) com a professora Adalgiza, logo fiquei encantado pela forma que a docente ministrava suas aulas. Destaco o estudo do texto "*Um olhar psicopedagógico sobre as dificuldades de aprendizagem"*, das autoras Marlene Nunes Martins e Lia Márcia de Souza Figueiredo, onde fica claro que a psicopedagogia é essencialmente conhecida e compreendida como um método que ajuda, juntamente com a psicanálise, a pedagogia e a psicologia, a participar na resolução dos problemas do contexto educativo que advêm do ambiente familiar, escolar e social, econômico, cultural ou de alguma outra origem. De acordo com Scoz (1994) citada por Martins e Figueiredo (2011),

> a realidade educacional brasileira ainda não conseguiu uma política clara e segura de intervenção que torna a escola capaz de ensinar e contribuir com a superação de problemas de aprendizagem. Para isso acontecer "seria necessário que os educadores adquirirem



> conhecimentos que lhes possibilitassem compreender sua prática e os meios necessários para suscitar o progresso de sucesso dos alunos (Scoz (1994 apud Martins; Figueiredo, 2011, p. 3-4).

Obviamente, sabe-se que as primeiras lições vêm da família, pois através dela as crianças aprendem a se comunicar e depois desenvolvem e melhoram sua participação em outros ambientes, e as dificuldades de aprendizagem dos estudantes não podem ser medidas sem levar em conta diversos fatores que contribuem para esses processos como orgânicos, cognitivos, afetivos e sociais. Sobre isso, Scoz (1994, p. 22) afirma que não há apenas uma única causa para os problemas de aprendizagem, visto que "[...], é preciso compreender os problemas de aprendizagem a partir de um enfoque multidimensional, que englobe fatores orgânicos, cognitivos, afetivos e sociais".

O Componente Curricular de Psicologia da Educação I e II me permitiu o entendimento do processo de ensino e aprendizagem em comunhão com a Psicologia. Levando em conta a relevância o perfil do docente contemporâneo e observador, pois sabemos que cada pessoa tem sua individualidade, sua maneira de pensar e de agir. O professor deve observar de forma atenta o progresso de seus alunos e levar em conta que a interação, o contato com o outro e com o meio interfere na formação do indivíduo.

Pouco depois começamos a disciplina de Corporeidade da Educação (CE) ministrada pela docente, Ana Paula Leão Maia Fonseca, e logo no primeiro encontro na apresentação da Ementa do curso foi pedido para que cada discente fizesse seu "*Diário do Sentir pensar"* e cada aula registaríamos nossas experiências, reflexões à luz dos teóricos estudados e sugeridos pela professora. A aula foi se passando e no último dia de encontro todos os estudantes apresentaram seu diário de forma dinâmica e a cada apresentação chorávamos juntos com o discorrer das histórias lindas que eram contadas desde o início da disciplina. Foi possível aprender com aquele componente que a capacidade de criar é indispensável para que haja diversidade e riqueza nas experiências vividas em sala de aula.

O RCNEI (Brasil, 1998, p. 27, vol.1), explicita que,

> para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes



> são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas as brincadeiras ou as aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta.

Outro componente curricular que me marcou fortemente foi o de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) ministrada pelo professor Denilton Silveira. Embora eu ainda não esteja familiarizado com as novas tecnologias, tenho consciência da sua relevância e necessidade para apropriação de novos conhecimentos e do seu domínio para que as aulas possam se aproximar das práticas sociais. Dessa forma, me refiro às contribuições da disciplina TIC, uma vez que as reflexões durante as aulas me sensibilizaram para as diversas questões inerentes ao desenvolvimento do indivíduo, a partir do aparato tecnológico.

É inegável que a tecnologia está em constante evolução em relação a outros aspectos da vida. Ser professor, atualmente, requer um conhecimento mais aprofundado em relação ao uso de novas tecnologias em sala de aula, sobretudo da internet. À luz desses fatos, Nóvoa (2001, p. 1) afirma que

> é difícil dizer se ser professor, na atualidade, é mais complexo do que foi no passado, porque a profissão docente sempre foi de grande complexidade. Hoje, os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas também com a tecnologia e com a complexidade social, o que não existia no passado.

Concluo esta seção na certeza de que o que aprendi ao longo do curso me fez ver que ser professor não é apenas vivenciar momentos bons, mas também momentos desafiadores. As experiências foram enriquecedoras, deixando-me ter a certeza de que tornar-se um bom educador é uma questão de compromisso. Os componentes curriculares abriram um horizonte em minha mente, me fazendo enxergar o lado bom do aprendizado que ensinar a uma criança precisa nos apropriar dos teóricos que contribuíram muito com a educação de todo mundo.

OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

> Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso



> ou pessoas fracassadas. O que existe são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles.
>
> Augusto Cury

Nesta seção descrevo sobre minhas vivências nos Estágios Supervisionados, do curso de Pedagogia – Licenciatura. De acordo com o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia – Licenciatura, do IFESP (2019), o Estágio Supervisionado (I, II, III e IV) é parte do processo de formação do estudante integrado ao currículo, como componente curricular obrigatório, no qual favorece a interlocução entre a formação acadêmica e o mundo profissional, por meio de uma (re) aproximação contínua da academia com a realidade social, cultural e educacional.

"O Estágio Supervisionado obrigatório do curso constituirá, portanto, um espaço de aprofundamento teórico e prático de diferentes aspectos da Educação Básica e gestão pedagógica em espaços institucionais e espaços não escolares" (IFESP, 2019, p. 39).

O Projeto Pedagógico do referido curso (IFESP, 2019), destaca que a atividade do estágio é um componente formador de maior importância, oferecendo a formação dos docentes de uma prática reflexiva. Tem como uma das finalidades, construir caminhos que possibilitam a comunicação e o diálogo entre a teoria e a prática do pedagogo em formação.

No Curso de Pedagogia - Licenciatura, os Estágios Curriculares Supervisionados iniciam no 5º período até o 8º e correspondem, respectivamente, à Educação Infantil, anos Iniciais do Ensino Fundamental, Gestão Escolar e Espaços não Escolares. Foi uma etapa decisiva em minha formação acadêmica, a cada planejamento, atividades elaboradas e concretizadas, permitindo-me aplicar os conhecimentos teóricos, adquiridos durante o curso, na prática em sala de aula. Essas vivências tiveram um impacto significativo em minha formação, me permitindo experimentar um ambiente de trabalho real.

O Estágio Curricular Supervisionado I, na Educação Infantil, realizei em parceria com a minha colega de turma, Gilvânia Herculano, no Centro Educacional Transformando Vidas – CETV, em Lagoa de Pedras/RN, com uma turma de nível II, sob a supervisão dos professores Nednaldo Dantas e Mariza Silva de Araújo.



Percebi a relação teoria e prática quando observamos o fazer pedagógico em sala de aula, ao elaborarmos o planejamento, pois precisávamos fundamentá-lo, para então executarmos as atividades em consonância com os objetivos que propusemos.

Como estratégia didático-pedagógica, nos utilizamos da ludicidade para trabalhar com as crianças e durante esse percurso pude constatar o que nos diz Vygotsky (2003) e Piaget (1990), quando eles revelam que os jogos, as brincadeiras e os brinquedos contribuem positivamente para o desenvolvimento afetivo, emocional e cognitivo das crianças.

Uma das atividades que desenvolvemos em sala de aula teve como estratégia didático-pedagógica o ensino por investigação, em que escolhemos como experimento a observação do ciclo de vida do feijoeiro. Iniciamos orientando as crianças sobre o que iríamos fazer, em seguida, solicitamos que colocassem em um recipiente uma semente do feijoeiro no algodão.

Orientamos levar para casa e que deveriam regar todos os dias e registrassem com desenhos as suas observações. Em seguida, as crianças apresentaram os resultados em sala de aula. Essa experiência foi incrivelmente enriquecedora, tanto para os estudantes quanto para nós estagiários envolvidos, pois percebemos que o ensino por investigação propiciou maior participação dos estudantes, devido ao interesse que demonstraram.

Como revela Galiazzi, Moraes e Ramos (2003) a estratégia metodológica ou didático-pedagógica permite o interesse dos estudantes, o prazer em realizar as atividades, o protagonismo, a formação de habilidades científicas (observar, questionar, resolver problemas etc.), além da interdisciplinaridade. Desta forma, em nossa experiência, pudemos vivenciar essa estratégia, incluindo no planejamento dos conteúdos das diferentes áreas de conhecimento, e tais vivências nos transportaram para o universo infantil, fazendo com que nos sentíssemos crianças novamente, contribuindo para a aprendizagem, desenvolvimento dos alunos e o nosso fazer pedagógico.

O Estágio Curricular Supervisionado II, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, também foi realizado em dupla, com minha colega Gilvânia Herculano, sob a supervisão dos docentes Nednaldo Dantas e Dayanne Chianca.



Estagiei numa turma de 2º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Santa Luzia, em Lagoa de Pedras/RN. Em uma das aulas no período da regência escolhemos a habilidade: Formar o aumentativo e o diminutivo de palavras com os sufixos -ão e -inho/-zinho. (EF02LP11)[13].

Organizamos uma roda de conversa e fizemos a contação de história contextualizando o substantivo aumentativo e diminutivo. Essa atividade e estratégia utilizada permitiram maior participação dos estudantes, além de termos percebido que há a necessidade de trazer mais este assunto para a sala, pois algumas crianças ainda apresentaram certa dificuldade, o que é natural, considerando que eles estão consolidando alguns conhecimentos.

Tenho plena convicção de que o estágio no ensino fundamental foi uma experiência enriquecedora, ímpar para a minha formação, me permitiu experimentar outra realidade, observando o que aprendi na teoria e aplicando na prática. De acordo com Libâneo (1990, p. 35), "aprender é compreender a realidade concreta, ou seja, a situação real vivida pelo aluno, e só tem sentido se for uma aproximação crítica dessa realidade".

No Estágio Curricular Supervisionado III, na Gestão Escolar, também realizado em parceria com a minha colega, Gilvania Herculano, na Escola Municipal Santa Luzia, em Lagoa de Pedras/RN, sob a supervisão das docentes Claudete da Silva e Elen Dóris Barros.

Após a observação e identificação de uma situação-problema, foi visível conflitos entre os alunos no momento do recreio. Observamos que eles não se sentavam para lanchar, lanchavam andando e principalmente sendo necessário que a gestão estivesse sempre intervinda, para que não acontecesse desentendimentos.

A partir desta observação elaboramos um projeto intitulado "RECREIO ATIVO", cujo objetivo foi incentivar os estudantes a conviverem de forma social e participativa por meio de jogos no intervalo, estimulando-os a serem protagonistas nas resoluções dos

[13]EF02LP11, código estabelecido pela BNCC (BRASIL, 2017) que significa Ensino Fundamental, segundo ano, Língua Portuguesa (habilidade 11).



conflitos em situações reais. Foi bem aceito pela gestão escolar e fomos autorizados a aplicar nossa proposta.

O projeto propunha diversos tipos de jogos e brincadeiras que aconteciam com uma turma por dia, sempre depois do lanche. Assim, levávamos ao pátio da escola para realizar as atividades planejadas. Conseguimos despertar a curiosidade dos estudantes, os quais passavam todos os dias depois do lanche ter um momento coordenado e orientado, chamando a atenção para algo prazeroso onde estariam aprendendo brincando e não correndo e gritando pelos corredores da escola.

Aprendemos que a Gestão Escolar apresenta dimensões além da pedagógica, como também a administrativa e financeira e que é de suma importância para o bom andamento da instituição ter um gestor que tenha um olhar crítico e sensível às diferentes situações que permeiam o espaço escolar.

No que se refere ao Estágio Curricular Supervisionado IV, no Espaço não Escolar, aconteceu no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, que fica no Centro de Lagoa de Pedras/RN, também com minha colega Gilvânia Herculano, sob a supervisão das docentes Denise Caballero e Rozicleide Bezerra.

A instituição nos recebeu muito bem, colocou-se à disposição para qualquer esclarecimento que precisássemos e nos disponibilizou os espaços de todo o CRAS para a realização do nosso estágio. Desde o porteiro até a direção, observei que desempenham suas funções com zelo e dedicação, sempre atentos às necessidades dos usuários.

Os espaços não escolares também fazem parte de um novo contexto social que me permitiu enxergar as relações humanas em diferentes lugares. Para libâneo (2002, p. 28), “a educação permeia a sociedade como um todo, indo além do setor escolar formal e abrangendo uma área mais ampla de educação não formal”.

Diante da nossa inserção e observação foi possível identificar que o grupo do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos – SCFV, atendido pelo CRAS, tinham grande vontade de criar uma banda marcial de materiais reaproveitáveis para poderem se apresentar nos eventos municipais. Prontamente acolhemos a ideia e



trabalhamos juntos (crianças, adolescentes, estagiários e a equipe gestora) na construção do projeto. Cada pessoa do grupo ficou responsável em levar materiais reaproveitáveis para confecção dos instrumentos musicais. Projeto esse que me permitiu enxergar o quanto temos materiais à nossa disposição para trabalharmos em sala de aula e em qualquer lugar de ensino. Foi uma oportunidade única que me proporcionou experiências importantes e me fez perceber que é possível ensinar com materiais acessíveis no dia a dia e não precisamos de muito para fazermos um bom trabalho. Posso dizer que foram momentos importantes para o meu trabalho como futuro pedagogo. Segundo freire (2009, p. 59), "aprender exige disciplina. Estudar não é fácil, porque estudar é criar e recriar, e não repetir que os outros dizem".

Concluo esta seção com a convicção de que ser professor significa viver não só momentos bons, mas também momentos desafiadores. Os estágios supervisionados foram enriquecedores e me deram a certeza de que é preciso esforço para ser um bom educador. Portanto, Freire (1999) afirma que somos sujeitos inacabados e estamos aprendendo sempre, reconheci nas experiências dos estágios as minhas necessidades formativas para atuar como pedagogo e continuar refletindo a minha prática pedagógica, aprendendo e me desenvolvendo como profissional e como pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.
>
> Clarice Lispector

Retomo a epígrafe introdutória deste Memorial de Formação de autoria de Paulo Freire ao enunciar e denunciar: "Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor"; e de Clarice Lispector quando expressa: "Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei". Mergulhei neste oceano que é a Pedagogia, e hoje ao concluir o curso, estou convicto de que posso almejar e realizar qualquer sonho em



minha *vida. Não devo me sentir o "oprimido", impondo e levando a prescrição de temer a liberdade e ir aonde quiser, pois sei exatamente o meu lugar de fala e de direito.*

Reviver as experiências que estavam repousadas em minhas memórias, buscando relembrar a minha trajetória estudantil, profissional e acadêmica resultou em momentos de reflexão fundamentados cientificamente em pesquisadores que estudam teorias, concepções e conceitos relacionados à educação, ao ensino, à aprendizagem, os quais me permitiram ressignificar cada momento rememorado. Pois consigo olhar para o passado com a visão do presente.

Este Memorial me permitiu subdividir com os legentes vivências experenciadas, a minha história de vida, a qual se construiu diante desafios e conquistas, os quais foram e são valiosos para mim, pois me permitiram uma visão abrangente como sujeito histórico, que constituiu outras pessoas e por elas foi constituído. Quantas vozes habitam em mim!

Ao escrever as minhas narrativas refleti, senti, vislumbrei o futuro, aprendi e reconheci que ainda moram em mim necessidades formativas, o que me fez e faz enxergar que preciso continuar me formando e me autoformando, como revela o Paulo Freire (1979) somos seres inacabados, pois quanto mais eu me aproximo do conhecimento, mas percebo que há ainda uma longa caminhada que me fará prosseguir, para que eu possa usar os conhecimentos internalizados para o outro.

E assim, concluo a escrita dessas narrativas, retomando o título do meu Memorial de Formação "EM BUSCA DE UM SONHO E RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA CONQUISTA: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA", sonho que consegui materializar em interação com o outro – o universo.

Fecho essas cortinas, pois outras se abrirão, com um dito do Paulo Freire (1967) ao escrever mais uma obra encantadora, "Educação como Prática da Liberdade". "A Educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade não pode fugir a discussão criadora, sob pena de ser uma farsa".



REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. Educação Física e sociedade: a educação física na escola brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** 13 (2), 282-287, 1992.

BOSI, Ecléa. (2012). **Memória e sociedade. Lembranças de velhos.** (17ª ed.). São Paulo (SP): T. A. Queiroz.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educacão** – LDB, nº 9394/96. Ministério da Educação – MEC. Secretaria de Educação Básica – SED. Brasília – DF, 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Exemplar nº. 1405. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez; Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. Petrópolis, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

JUSTINO, C.; COELHO, M.; SANTOS, M. **Os reflexos na educação durante a pandemia.** Um artigo original. Anais do 3° Simpósio de TCC, das Faculdades FINOM e Tecsoma. 2020; 1264-1282. Disponível em: https://www.finom.edu.br/assets/uploads/cursos/tcc/202102190 902479.pdf. Acesso em 12 de abr. de 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1990.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo, Cortez, 2002.

LEI Nº 7.783, DE 28 DE JUNHO DE 1989. **Disponível em:** https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7783.htm**. Acesso em 12 de abr. 2024.**

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entre ideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

Navegar é preciso, viver não é preciso. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/navegar-preciso-viver-nao-preciso.htm. Acesso em 12 de abr. 2024.



NÓVOA, A. Formação de professores. In: ___ (org.). **Vidas de professores**. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006.

PERRENOUD, Philippe. Formação Continuada e Obrigatoriedade de Competência na Profissão do Professor. **Fundação para o desenvolvimento da Educação**. São Paulo: Sistema de Avaliação Educacional, n° 30, p. 205-248, 2000.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. (Á. Cabral, Trad). Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1945). 1990.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

PRADO, Guilherme, do Val, Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação**: quando as memórias narram a história da formação. ...In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura, Angélica (Org.). Porque escrever é fazer história; revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2007.

RAMALHO, Betânia L.; NUNËZ, Isauro B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004, 208 p.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy.** Natal/RN, 2019.

SACRISTÁN, José Gimeno. ***Poderes instáveis em educação*** Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

SACRISTÁN, José Gimeno et al. **Educar por Competências**: O Que Há De Novo? Porto Alegre: Artmed Editora, 2016. 264p.

SILVEIRA, R. M. C. F; BAZZO, W. **Ciência, tecnologia e suas relações sociais: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica.** Ciência e Educação, v. 15, n.3, p. 681-694. 2009.

SCHÖN, David. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **“Navegar é preciso, viver não é preciso”;** Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/navegar-preciso-viver-nao-preciso.htm. Acesso em 21 de junho de 2024.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. (2003). **Pensamento e linguagem** (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1934).



VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores**: ideias e prática. Lisboa/Por educa. 1993.

As Legislações do Ensino Fundamental de Nove Anos. Disponível em: https://educador.brasilescola.uol.com.br/politica-educacional/ensino-fundamental-de-nove-anos.htm. Acesso em: 16 de jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura – MEC – **Brasil Alfabetizado**. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/pba. Acesso em: 16 de jul. 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. O que é o Programa Criança Feliz. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/crianca-feliz/o-que-e-pcf-2 . Acesso em: 16 de jul. 2024.

RIO GRANDE DO NORTE. PROCESSO SELETIVO PARA A FUNÇÃO DE PROFESSOR FORMADOR EDITAL Nº 03/2019. Disponível em: https://editalconcursosbrasil.com.br/wp-content/uploads/2019/10/edital-processo-seletivo-ifesp-rn-2019.pdf. Acesso em: 16 de jul. 2024.



ENTRE PERCALÇOS E VITÓRIAS: NARRANDO MEMÓRIAS DE UM SONHO REAL

Maria Gilvania Herculano Silva
Nednaldo Dantas dos Santos

Há jornadas que parecem ser escritas pelas mãos do destino, marcadas por desafios e momentos de triunfo. No capítulo “Entre Percalços e Vitórias: Narrando Memórias de um Sonho Real”, Maria Gilvania Herculano Silva nos convida a percorrer os caminhos de sua formação como professora, narrando suas memórias com sensibilidade e profundidade. Este relato é mais do que uma simples reflexão sobre uma trajetória acadêmica; é a celebração de um sonho que, embora muitas vezes considerado distante, tornou-se uma realidade através da persistência e da fé.

Gilvania nos apresenta uma narrativa que retrata as dificuldades enfrentadas desde sua infância em um cenário de poucas oportunidades, até a conquista do diploma de licenciatura em pedagogia. Cada obstáculo, desde as limitações financeiras até a superação de barreiras emocionais, foi um teste de sua força interior. No entanto, sua determinação em transformar o sonho da educação em uma ferramenta de mudança para si e para os outros a manteve firme, mesmo nos momentos mais difíceis.

O capítulo ressalta, de forma poética, que a formação de um professor não se limita às paredes da sala de aula ou aos livros acadêmicos. Pelo contrário, Gilvania nos mostra que a essência de ser educadora nasce das experiências de vida, das lutas diárias e do amor incondicional pela educação. Suas memórias carregam a mensagem poderosa de que, com resiliência e coragem, é possível não apenas conquistar um sonho, mas ressignificar as vitórias ao longo do caminho.

Este capítulo inspira aqueles que estão na busca de suas próprias realizações, lembrando que cada conquista, por menor que seja, é um passo em direção ao futuro que desejamos construir. A história de Gilvania é um exemplo de como a educação, mesmo em meio a percalços, pode ser o caminho para transformar vidas e realizar sonhos.



INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: REENCONTRO COM AS MEMÓRIAS

A infância e a adolescência são fases cruciais no desenvolvimento humano, marcadas por experiências e memórias que influenciam significativamente a formação pessoal e profissional. Para um estudante de pedagogia, o reencontro com essas memórias pode ser um instrumento valioso no processo de formação. Segundo Vygotsky (1991), “a interação social desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo”, e é durante a infância e a adolescência que essas interações são mais intensas e formativas. Revisitar essas memórias permite ao futuro pedagogo compreender melhor as necessidades e as características dos estudantes, promovendo uma prática educativa mais empática e eficaz. Além disso, a análise crítica dessas vivências proporciona um entendimento mais profundo das teorias pedagógicas, possibilitando uma aplicação prática mais contextualizada e relevante.

O reencontro com as memórias da infância e adolescência também pode servir como uma ferramenta reflexiva para o desenvolvimento da identidade profissional dos estudantes. Paulo Freire (1996) enfatiza a importância da conscientização crítica, afirmando que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Ao refletir sobre suas próprias experiências, os futuros pedagogos podem identificar valores, crenças e atitudes que moldaram sua visão de mundo, permitindo uma prática pedagógica mais autêntica e consciente. Essa introspecção facilita a construção de uma identidade profissional sólida, capaz de lidar com os desafios educacionais de forma inovadora e adaptativa.

Diante disso, essa seção busca apresentar e refletir o reencontro com as memórias de minha infância e adolescência. Nesse contexto, em uma época marcada por intensas transformações sociais e econômicas no Brasil, especialmente nas regiões rurais, inicia-se a narrativa de minha vida.

No ano de 1988, nasci no sítio Lagoa da Palha, situado na pequena e acolhedora cidade de Lagoa de Pedras, no Rio Grande do Norte. Durante essa década, a economia local era predominantemente baseada na pecuária e agricultura, atividades essenciais para a subsistência da população rural brasileira.



O município de Lagoa de Pedras, como muitos municípios do interior nordestino, era marcado pela influência de líderes locais e coronéis, que exerciam grande poder sobre a população. O clientelismo e o voto de cabresto eram práticas comuns, com os políticos locais frequentemente atuando como intermediários entre a população e o governo estadual. Esse cenário político e social refletia a fragilidade das instituições democráticas e serviços a povo. Em meio a esse contexto de limitadas oportunidades educacionais, minha mãe, Maria Onezia Herculano da Silva, concluiu seus estudos até a 4ª (quarta) série do primeiro grau, enquanto meu pai, José Elenildo da Silva, alcançou a 2ª (segunda série) série do primeiro grau conforme a estrutura prevista na Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

Meus pais casaram-se jovens e dedicaram suas vidas à agricultura, enfrentando as adversidades com resiliência e esperança. Neste núcleo familiar humilde, nasceram doze filhos, dos quais três infelizmente faleceram. Atualmente, nossa família é composta por seis mulheres e três homens, unidos pelas memórias de um passado de desafios e pela continuidade de nossas trajetórias repletas de descobertas e renovações. Estas lembranças, intricadamente tecidas pelo destino e marcadas pelos suspiros do tempo constituem a essência de minha história, que se orgulha de resgatar não apenas uma, mas inúmeras oportunidades de recomeço. Ao narrar sobre as minhas vivências, sou conduzida a fazer o exercício de tomada de consciência das experiências e aprendizagens que me apropriei ao longo desse recorte da minha vida, no qual me permiti avaliar e refletir como aconteceram estas experiências, de modo a olhar para elas sob uma visão que hoje está ressignificada (Souza, 2010).

Durante minha infância, na década de oitenta, em um contexto rural marcado por desafios econômicos e limitações sociais, as brincadeiras e as histórias narradas pelo meu avô se destacavam como elementos vitais da minha experiência diária.

As histórias contadas pelos meus avós desempenharam um papel crucial em minha formação e desenvolvimento, atuando como uma ponte entre o passado e o presente e enriquecendo a experiência diária. Essas narrativas, transmitidas oralmente,



carregavam consigo valores, conhecimentos e tradições que constituem a identidade cultural de nossa comunidade.

Segundo Bosi (2003), “a memória coletiva é preservada através da oralidade, que resgata e perpetua os saberes ancestrais”. No ambiente rural, onde as relações interpessoais são mais próximas e a vida comunitária é intensa, as histórias dos avós não apenas entretêm, mas também educam, fornecendo lições de moral, ética e resiliência. Essas narrativas oferecem uma perspectiva histórica e cultural que enriquece a compreensão do mundo, ajudando os indivíduos a situarem-se em relação ao seu meio e às suas origens. Além disso, o ato de contar histórias fortalece os laços familiares e comunitários, promovendo um sentimento de pertencimento e continuidade. Como afirma Halbwachs (1990), “a memória é um fenômeno coletivo, e é através da interação social que ela se consolida e se mantém viva”. Compreendo, após a minha jornada formativa, que as histórias contadas pelos avós são instrumentos vitais que relacionam a vida cotidiana com a formação pessoal, cultural e social, conferindo profundidade e significado às experiências vividas em minha infância.

Em minha infância, fui a primeira filha mulher de minha geração e com isso muitas vezes encontrava-me sozinha e isolada, o que me levava a criar amigos imaginários e a nomear, até mesmo, as plantas do quintal, como “comadre chicote” e “Chicolinga”. Segundo Velludo e Souza (2018), essa manifestação de fantasia e criação de amigos imaginários é comum na infância e colabora com o desenvolvimento saudável nessa etapa de sua formação. Lembro-me que apesar da escassez de recursos financeiros, limitados a atender apenas as necessidades básicas da casa, sempre tive a criatividade e a imaginação como instrumentos libertadores e potencializados de minhas brincadeiras.

As crianças reconstroem e reinterpretam o mundo ao seu redor através do brincar, reinventando sua realidade e subvertendo a ordem social estabelecida, por meio da imaginação. Este processo não apenas reflete a interação com o ambiente, mas também estabelece uma crítica criativa à tradição, permitindo que as crianças produzam sua própria história cultural (Navarro, 2009).



Apesar dos inúmeros momentos de isolamento, comum em minha infância, à noite me libertava e vivenciava momentos de grande interação através das brincadeiras como o futebol, queimada e esconde-esconde. Isso sem esquecer os momentos de interação na calçada do meu avô para compartilhar histórias e lendas locais. Nesse período, aos sete anos, comecei meu percurso escolar na Escola Municipal Lagoa da Palha - posteriormente renomeada como Escola Municipal José Arlindo da Silva em homenagem a um ex-prefeito oriundo da comunidade - foi um momento que me senti mergulhando no universo das letras e dos números. Essa fase representou o despertar para um novo mundo de possibilidades, onde cada marca de giz na lousa simbolizava a abertura de novos horizontes. Sentia que estava aprendendo com novas experiências e atividades que os professores proporcionavam.

Em meio a esse contexto de aprendizagem familiar, que preenchia em muito meu tempo, fui inserida no contexto de aprendizagem no espaço escolar, uma realidade que seria vivida a uns sete quilômetros da zona rural em que eu morava com minha família. Nesse espaço, comecei a enfrentar o desafio de superar minha timidez e com isso compartilhar, com as demais crianças, das vivências e aprendizagens daquele espaço. Segundo Paulo Freire (1996), a escola é um espaço de socialização e de contato com novas fontes de conhecimento, permitindo que o estudante se veja como um agente histórico e social capaz de intervenções significativas na sociedade. Esses primeiros momentos de vivência escolar foram bem desafiadores mais de profundo crescimento em minha infância.

Recordo que meu processo de alfabetização ocorreu através do método silábico, que, conforme explica Da Silva Frade (2007), consiste em uma abordagem sequencial que parte das sílabas mais simples para as mais complexas, agrupadas por famílias silábicas. Este método permite que os estudantes construam palavras a partir da união dessas sílabas, facilitando o processo de alfabetização em um contexto marcado por recursos limitados e uma forte dependência das estratégias didáticas empregadas pelo professor.



Nessas etapas iniciais de minha trajetória escolar, na década de noventa, as interações em sala de aula frequentemente se limitavam a responder perguntas formuladas pelo professor ou a realizar atividades específicas designadas por ele. Havia pouco espaço para discussões abertas ou participação ativa, refletindo uma abordagem educacional mais tradicional, cujo papel do estudante era essencialmente passivo. Esta dinâmica era evidenciada pela absorção de conteúdo sem muitas oportunidades para os estudantes expressarem suas próprias ideias ou questionarem o material apresentado (Tourinho, 2011). Na graduação, em meio às atividades regulares no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, refletimos sobre as diversas concepções de aprendizagem. Essa memória, de passividade do estudante em sala, pode ser compreendida pela concepção do estímulo-resposta. Nessa, o estudante, mediante estímulos mecânicos responde às perguntas do professor, ele não era compreendido como um sujeito protagonista de seu processo de ensino-aprendizagem, como preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais (Brasil, 2010).

Essas experiências despertaram o meu desejo em contribuir com as atividades de meus irmãos mais novos, de forma a auxiliar a minha mãe sobrecarregada com as demandas do lar. É importante destacar que a participação nas atividades domésticas e no cuidado de irmãos mais novos desempenha um papel significativo na formação de habilidades sociais, emocionais e cognitivas, sendo um reflexo direto de valores familiares e culturais. O ambiente familiar é um dos principais contextos de desenvolvimento humano, cuja interação entre os membros da família contribui para a construção de identidades e de competências (Ryan, 2001).

Ao auxiliar nas tarefas do lar e no cuidado de irmãos mais novos, os jovens desenvolvem senso de responsabilidade, empatia e habilidades práticas que são essenciais para a vida adulta (Krznaric, 2015). Além disso, estudos apontam que a colaboração doméstica pode fortalecer os vínculos familiares e proporcionar um ambiente mais harmonioso, o que, por sua vez, promove um desenvolvimento emocional saudável (Baptista, 2023). Portanto, a integração dessas responsabilidades na rotina dos jovens não apenas apoia a dinâmica familiar, mas também contribui para sua formação integral,



preparando-os para desafios futuros e para uma participação mais ativa e consciente na sociedade.

Com o avanço nas etapas, do Ensino Fundamental, surgiu a necessidade de mudar de escola para continuar com meu processo de crescimento escolar. Na Escola Municipal José Luiz Rodrigues, localizada no sítio Mandú, localizada em Lagoa de Pedra/RN. A experiência foi ligeiramente melhor, com alguns professores tentando integrar métodos mais interativos, como apresentações e trabalhos em grupo. No entanto, as limitações do modelo educacional tradicional ainda eram um obstáculo, particularmente porque a timidez continuava a afetar minha capacidade de participar ativamente e expressar minhas opiniões. Percebo que com essas experiências já se evidenciava, mesmo com timidez, o protagonismo estudantil, preconizado na Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996).

Acredito que uma etapa importante, no processo de minha formação escolar, foi minha transferência para a escola na zona urbana da cidade de Lagoa de Pedras/RN. Nessa, com uma abordagem que permitia e até incentivava a expressão pessoal dos estudantes por meio de atividades como gincanas e pequenas produções teatrais, foi possível identificar um espaço mais favorável para o desenvolvimento de minha autoconfiança e habilidades de comunicação.

A promoção de atividades que desenvolvem a autoconfiança e habilidades nos espaços escolares é crucial para a formação integral dos estudantes, atuando como um importante elo entre a vida escolar e a preparação para desafios futuros. De acordo com Júnior (2023), a autoconfiança é fundamental para a motivação e o desempenho acadêmico, influenciando a persistência diante de dificuldades e a busca por objetivos. Atividades extracurriculares, como debates, esportes e artes proporcionam oportunidades para os alunos explorarem suas capacidades, lidarem com o sucesso e o fracasso e desenvolverem habilidades sociais essenciais, como liderança e trabalho em equipe (Eccles; Roeser, 2011). Além disso, essas experiências podem enriquecer o ambiente escolar, tornando-o mais dinâmico e inclusivo, o que é fundamental para o bem-estar emocional dos estudantes (Fredricks et al., 2013). Assim, estimular a participação nessas



atividades não apenas aprimora competências individuais, mas também fortalece a conexão entre o aprendizado escolar e a formação de cidadãos confiantes e preparados para contribuir positivamente na sociedade.

Em 2005, uma gravidez inesperada levou-me a me afastar dessa jornada escolar. Contudo, no ano 2006, apesar das objeções da família do meu esposo, que acreditava que eu não deveria retornar à escola, decidi retomar minha trajetória educacional. Com uma criança pequena e enfrentando diversas adversidades, mantinha o sonho de concluir o ensino médio e, possivelmente, ingressar no ensino superior — uma aspiração vista por muitos como distante, mas que eu considerava ao alcance, desde que me dedicasse ao estudo e ao trabalho árduo.

Ao tentar matricular-me no ensino médio, fui surpreendida pela notícia de que o ensino fundamental havia sido ampliado para incluir o nono ano, uma mudança decorrente de políticas educacionais que buscavam adaptar o Brasil às normativas internacionais de educação básica. Essa reforma refletia uma preocupação crescente com a elevação dos padrões educacionais e uma tentativa de harmonizar o sistema educacional com práticas globais, como parte dos esforços para melhorar a qualidade da educação no país.

Apesar das surpresas, mudanças da organização do Ensino Fundamental, fiz minha matrícula e iniciei o ano letivo com altas expectativas. Era gratificante saber que estava retomando meus estudos. No entanto, percebi que pouco havia mudado em termos de métodos de ensino, que ainda incluíam provas escritas, trabalhos individuais e em grupo, apresentações orais, além do uso tradicional de quadro, giz e livros. Essa continuidade refletia a persistência de abordagens tradicionais na educação brasileira, apesar das reformas e da introdução do nono ano, demonstrando que as mudanças estruturais nem sempre se traduzem rapidamente em transformações pedagógicas.

Reencontrar-me com as minhas memórias dessa época me permitiu perceber meu olhar ressignificado, constituído de novos conhecimentos que internalizei no curso de Pedagogia como, por exemplo, concepções de autores que eu trouxe para dialogar com tessituras da minha história de vida.



EDUCAÇÃO BÁSICA E SEUS DESAFIOS: PERSPECTIVAS E CAMINHOS

A educação básica enfrenta inúmeros desafios que exigem uma abordagem multidimensional e contextualizada para promover a formação integral dos estudantes. Entre os principais desafios estão a desigualdade de acesso à educação de qualidade, a falta de recursos materiais e humanos adequados, e a necessidade de atualizar continuamente as práticas pedagógicas para atender às demandas de um mundo em constante transformação. Segundo Gadotti (2000), “a educação básica deve ser concebida como um processo contínuo que se articula com a realidade social, econômica e cultural dos estudantes”, destacando a importância de uma educação que esteja alinhada com o contexto de vida. A formação dos professores, nesse sentido, é um elemento crucial, pois educadores bem-preparados são capazes de adaptar suas metodologias às necessidades específicas de suas turmas, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz.

Para enfrentar esses desafios, é essencial investir em políticas públicas que garantam a equidade e a qualidade na educação básica. Isso inclui a valorização dos profissionais da educação através de formação continuada e melhores condições de trabalho, além da implementação de currículos que promovam a interdisciplinaridade e o desenvolvimento de competências socioemocionais. Conforme Freire (1996), “a educação deve ser um ato de amor, coragem e comprometimento com a transformação da sociedade”, ressaltando a importância de uma prática pedagógica que fomente a autonomia e a criticidade dos estudantes. Adicionalmente, o uso de tecnologias educacionais pode ser um aliado poderoso na personalização do ensino e na ampliação do acesso ao conhecimento. Ao integrar as novas tecnologias de forma reflexiva e crítica, é possível enriquecer o processo educativo e preparar os estudantes para os desafios do século XXI.

Diante disso, essa seção busca resgatar e refletir sobre minhas vivências na Educação Básica e como esse processo contribuiu na minha jornada como mulher. Essa experiência me conduze a retomar inúmeras vivências marcantes. É possível, em meio às reflexões, o resgate das experiências adquiridas na etapa do Ensino Médio e com os



professores, em particular com as práticas da professora de Língua Portuguesa. Sua metodologia significativa envolvia os estudantes em rodas de conversas, dando-nos espaço para fala e escutar atentamente, o que contrastava com a abordagem tradicional predominante na época. Segundo Freire (1996), “o diálogo é uma exigência existencial e, ao mesmo tempo, uma realização da palavra, pois, só na dialogicidade há comunicação”. Essa experiência foi essencial para meu desenvolvimento pessoal e escolar, despertando meu interesse pela leitura e escrita através de atividades inovadoras, como teatro, dança e criação de paródias.

Lembro-me de uma aula em que a professora nos apresentou o conto “o bezerro sem mãe” e pediu que o transformássemos em uma peça teatral. Preparamos tudo com muito entusiasmo, desde o cenário até a interpretação. No dia da apresentação, fui a narradora, responsável por trazer suspense e emoção à narrativa. Confesso que estava com os nervos à flor da pele, mas naquele momento senti que metade da minha timidez se dissipava, e a apresentação foi um sucesso. Essa experiência prática corroborou a visão de Reverbel (1996), que afirma que “o teatro deve ser explorado pelo educador dentro da sala de aula para desenvolver capacidades de expressão, relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção”.

A professora Rosineide Sena, além de incentivar a leitura, também nos envolveu na criação de um jornal escolar, o que ampliou ainda mais nossas habilidades de leitura e escrita. Cafiero (2010) destaca que “a leitura de jornais, revistas, livros e o contato com o texto alargam os limites da mente e dos possíveis leitores de um mesmo objeto”. A criação do jornal foi aprovada pelo conselho escolar e dividimos a turma em grupos, cada um responsável por uma seção. A atividade não só promoveu o engajamento e a criatividade dos estudantes, mas também transformou a escola em um ambiente mais dinâmico e interativo, com todos ansiosos pelas novidades semanais.

Entretanto, o segundo ano trouxe desafios inesperados. Devido a desavenças entre grupos de amigos, fomos transferidos para o turno da noite, onde o ensino era notavelmente inferior ao da tarde. Os estudantes do noturno, geralmente compostos por trabalhadores diurnos, mostrava-se cansada e desmotivada, o que impactou



negativamente nosso aprendizado. A exceção foi a professora de Biologia, cujas aulas práticas e interativas, incluindo uma feira de ciências, se destacaram como momentos de aprendizagens significativas. Essas experiências refletiram a importância de métodos de ensino dinâmicos e participativos (Giordan, 1999).

O terceiro ano, apesar das limitações, foi um período de intensa dedicação e preparação para o futuro. Embora o quadro de professores mantivesse uma abordagem tradicional, o esforço individual e a persistência permitiram a conclusão desta etapa essencial da Educação Básica. Freire (1991) salienta que "a escola deve ser um espaço para a construção coletiva do saber, levando em conta as necessidades dos alunos e possibilitando-lhes transformar-se em sujeitos de sua própria história". Assim, apesar das adversidades, essa trajetória formativa na década de noventa, em um contexto social, político e cultural desafiador, foi fundamental para moldar minha identidade como educadora, preparando-me para enfrentar e transformar a realidade educacional futura.

CAMIMHOS PROFISSIONAIS E O ENSINO SUPERIOR

Os caminhos profissionais são profundamente influenciados pela formação no ensino superior, que se configura como um espaço vital para o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais ao mercado de trabalho. O Ensino Superior não apenas fornece o conhecimento técnico necessário para o exercício de uma profissão, mas também promove a formação crítica e reflexiva dos indivíduos (Nogueira; Nogueira, 2013). Através de uma formação acadêmica robusta, os estudantes são capacitados a enfrentar os desafios contemporâneos, inovar em suas áreas de atuação e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico de suas comunidades. A interação com professores, colegas e diversas disciplinas enriquece a visão de mundo dos estudantes, ampliando suas perspectivas e preparando-os para a complexidade do ambiente profissional.

Além disso, o ensino superior desempenha um papel crucial na construção da identidade profissional. Através de estágios, projetos de pesquisa e atividades de extensão, os estudantes têm a oportunidade de aplicar teorias na prática e desenvolver uma compreensão mais profunda de suas áreas de estudo. Tardif (2002) destaca que "a



prática profissional é uma construção contínua, alimentada tanto pelo conhecimento acadêmico quanto pelas experiências vivenciadas no campo de trabalho". Essas experiências práticas são fundamentais para a formação de um profissional competente e ético, capaz de adaptar-se às mudanças e contribuir de forma significativa em sua área de atuação. Portanto, o ensino superior não é apenas um meio de adquirir conhecimentos técnicos, mas também um processo de desenvolvimento pessoal e profissional, que prepara os indivíduos para enfrentar os desafios do mundo moderno com criatividade e responsabilidade.

Diante disso, essa seção busca apresentar e refletir os caminhos profissionais vivenciados e o encontro com o contexto do Ensino Superior. Nessa perspectiva, me recordo que, desde muito cedo, iniciei minha trajetória profissional, trabalhando na agricultura enquanto ainda era criança. Essa experiência não apenas moldou meu caráter, mas também influenciou significativamente minha visão e abordagem em relação ao meu futuro profissional. Cresci em uma família dedicada à agricultura e sempre participei ativamente das atividades do campo junto com minha família. Esse convívio me proporcionou uma compreensão profunda das dificuldades e recompensas desse setor, inspirando-me a buscar outros caminhos ao vivenciar o árduo trabalho na agricultura. Concluí o ensino médio com a esperança de ingressar no mundo acadêmico, com o desejo de cursar pedagogia. No entanto, as condições financeiras eram limitadas, e a única possibilidade era fazer o Enem para tentar uma vaga na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Além disso, essa seria uma oportunidade de trabalhar na minha cidade, perto de casa, considerando que já tinha dois filhos e não queria sair para trabalhar fora naquele momento.

Destaco que o trabalho das crianças na agricultura, em um contexto familiar que depende dessa atividade para subsistência, desempenha um papel significativo no processo formativo integral, refletindo a interseção entre vida e formação. Segundo Harkonen (2001), o ambiente familiar e comunitário é crucial para o desenvolvimento humano, e a participação das crianças nas atividades agrícolas proporciona uma compreensão prática do valor do trabalho, da cooperação e da responsabilidade. Ao



assumir tarefas no campo, as crianças desenvolvem habilidades práticas e socioemocionais que são essenciais para a vida adulta, como disciplina, resiliência e empatia (Colagrossin, 2017). Além disso, a inserção precoce no trabalho agrícola permite uma educação contextualizada, onde os conhecimentos teóricos adquiridos na escola podem ser aplicados e reforçados pela prática cotidiana (Guimarães, 1999).

No entanto, é fundamental que essa participação seja equilibrada com a educação formal, garantindo que as crianças tenham tempo e energia para se dedicar aos estudos e ao lazer, essenciais para um desenvolvimento saudável e completo. Dessa forma, a vivência no ambiente agrícola contribui para uma formação integral, cujas experiências práticas complementam e enriquecem a educação formal, preparando as crianças para enfrentarem os desafios futuros com uma visão ampla e multifacetada.

Com a conclusão do Ensino Médio e me sentido mais preparada para o ingresso no mercado de trabalho, fui em buscas de novas oportunidades. Com isso, descobri que era possível, naquele momento, trabalhar por contrato com a prefeitura sem possuir graduação. Isso me levou a atuar como voluntária na escola José Arlindo, situada na Lagoa da Palha, onde meu filho estudava. Ajudava nos eventos e me disponibilizava para auxiliar quando necessário, sem remuneração. Foi então que surgiu o programa Mais Educação, do governo Federal, e para minha surpresa, fui indicada pela diretora da escola para ser monitora do programa. Recebi a proposta com entusiasmo, aceitando de imediato sem sequer perguntar sobre o valor da remuneração.

A atuação no programa Mais Educação desempenhou um papel crucial no amadurecimento de minhas competências necessárias para atuar na educação, funcionando como um valioso instrumento que conecta teoria e prática na trajetória formativa. Este programa, que integrava atividades extracurriculares ao currículo escolar, proporciona um ambiente rico em experiências diversificadas que ampliam as habilidades pedagógicas e sociais dos educadores em formação (Penteado, 2014). Participar de atividades como monitoria de brinquedotecas, organização de jogos e manutenção de hortas escolares oferece aos futuros professores uma oportunidade única de desenvolver competências como liderança, comunicação, planejamento e adaptação a diferentes



contextos educacionais (Pereira; De Lima; Dutra, 2021). Além disso, o contato direto com os estudantes em um ambiente menos formal que a sala de aula tradicional permite a observação e a prática de métodos pedagógicos inovadores, contribuindo para um ensino mais dinâmico e centrado no aluno (Freire, 1996). Dessa forma, a experiência no programa Mais Educação não apenas enriqueceu a minha formação, mas também fortalece minha capacidade de enfrentar os desafios do cotidiano escolar.

Com isso, em 2014, tive minha primeira experiência formal de trabalho, sendo responsável pela brinquedoteca, jogos e canteiro de horta. A experiência foi enriquecedora, proporcionando aprendizado mútuo com os estudantes, apesar dos desafios enfrentados. Quando o programa terminou, continuei como voluntária na escola. Em 2015, minha irmã, que trabalhava na mesma escola, estava grávida e precisaria de alguém para substituí-la durante a licença maternidade. Com a autorização da Secretaria Municipal de Educação, pude assumir essa vaga, mesmo que de forma temporária, e com as orientações da coordenação escolar desenvolvi um excelente trabalho. Essa experiência permitiu que eu pudesse ingressar nessa carreira, mesmo sem a formação prevista, e que desenvolvesse atividades sempre buscando me qualificar. E com essa busca, em 2020, participei do processo seletivo para ingresso no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy e fui aprovada.

Compreendo que a qualificação de professoras que atuam na educação com a devida formação acadêmica é fundamental para assegurar uma educação de qualidade e promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Segundo Freire (1996), a formação contínua dos educadores é essencial para que possam refletir criticamente sobre sua prática e aprimorar suas metodologias de ensino. Professoras que entram na profissão sem uma formação acadêmica completa frequentemente trazem consigo valiosas experiências de vida e uma forte motivação, mas carecem das ferramentas pedagógicas necessárias para enfrentar os desafios do ambiente escolar de forma eficaz (Gatti; Barreto, 2009). Programas de qualificação, como cursos de licenciatura e capacitações contínuas, oferecem a essas profissionais uma base teórica sólida, além de estratégias didáticas atualizadas, que são imprescindíveis para um ensino efetivo (Tardif, 2002). Além disso,



a qualificação acadêmica contribui para o desenvolvimento de uma identidade profissional mais confiante e preparada para lidar com as demandas educacionais contemporâneas.

O ingresso e o início do curso de Pedagogia, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, foi um momento de imensa alegria, embora a pandemia de COVID-19 tenha interrompido as aulas presenciais logo no início. Estávamos apreensivos com a situação, pois nunca tínhamos vivenciado um contexto de pandemia em nosso país.

A pandemia de COVID-19 representou um evento singular para muitas pessoas, impactando profundamente suas vidas e trajetórias formativas. Esse período de crise sanitária global trouxe desafios inéditos, como o isolamento social, a interrupção das atividades presenciais e a rápida transição para ambientes digitais, exigindo uma adaptação acelerada e intensa de toda a sociedade (Viner et al., 2020). No campo educacional, a necessidade de implementar o ensino remoto revelou tanto a fragilidade das infraestruturas tecnológicas quanto a resiliência de estudantes e educadores, que tiveram que reinventar métodos de ensino e aprendizagem (Dhawan, 2020). A interrupção das aulas presenciais e a adoção de plataformas digitais colocaram em evidência as desigualdades sociais, acentuando a dificuldade de acesso à educação para muitos estudantes.

Além disso, o contexto pandêmico destacou a importância das competências socioemocionais, uma vez que a gestão do estresse, da ansiedade e da incerteza tornou-se crucial para o bem-estar mental e emocional (Gaspar et al., 2022). Assim, a pandemia de COVID-19 não só moldou uma geração em termos de adaptação tecnológica e resiliência, mas também acentuou a necessidade de um sistema educacional mais equitativo e preparado para enfrentar crises futuras, conectando de forma indelével vida e formação.

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, pensando em não prejudicar totalmente os estudantes com o contexto da pandemia, foi a primeira instituição a iniciar as aulas remotas, conseguindo entrar nas casas de todos os estudantes. No



entanto, enfrentamos grandes desafios relacionados às mídias digitais, à internet e à dificuldade de algumas pessoas em dominar a tecnologia.

A pandemia de COVID-19 trouxe desafios significativos relacionados às mídias digitais e à continuidade dos estudos em cursos superiores, destacando a interseção entre vida e formação acadêmica em um contexto de crise. A súbita transição para o ensino remoto expôs a insuficiência das infraestruturas tecnológicas e a desigualdade no acesso à internet de alta velocidade e dispositivos adequados (Dhawan, 2020). Estudantes de diversas regiões enfrentaram dificuldades para participar de aulas online devido à falta de recursos tecnológicos, o que exacerbou as disparidades educacionais preexistentes. Além disso, a adaptação a novas plataformas digitais e a ausência de interação presencial com colegas e professores afetaram a qualidade do aprendizado e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais. O isolamento social e a necessidade de conciliar estudos com responsabilidades domésticas e profissionais aumentaram o estresse e a ansiedade entre os estudantes, comprometendo seu bem-estar mental e desempenho acadêmico.

Com a redução dos casos de transmissão, no contexto da pandemia de COVID-19, as aulas no formato presencial foram retomadas. Essa retomada me trouxe inúmeras sensações que geravam um entusiasmo e responsabilidade com os novos desafios. Os primeiros dias nos corredores do instituto aumentaram a possibilidade de realização do sonho que me acompanhava silenciosamente: transformar vidas através da educação. Esse desejo, inicialmente distante e quase inatingível, começou a se concretizar ao longo dos anos de estudo, práticas e dedicação. Foi um caminho percorrido com muita luta, entrelaçado por componentes curriculares, trabalhos e estágios, percalços que precisei superar para alcançar a concretização do meu tão esperado sonho.

A cada semestre, meu sonho se fortalecia, alimentado pelas teorias pedagógicas, práticas inovadoras e experiências enriquecedoras vividas durante o curso. Hoje, percebo que minha vivência no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy me tornou uma pessoa mais capacitada. Os professores e professoras formadores dessa renomada instituição foram os maiores incentivadores para que eu chegasse ao final dessa trajetória.



Todos contribuíram para a minha vida acadêmica e pessoal. Dentre os vários conhecimentos adquiridos durante o curso, destaco, a título de exemplo, sem diminuir nenhuma outra abordagem, as contribuições dos componentes curriculares: Psicologia do Desenvolvimento, Educação Especial, Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil, Corporeidade e Educação, Pesquisa e Prática Pedagógica, e Estágio Supervisionado.

Os componentes curriculares do curso de pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy desempenham um papel crucial na compreensão do mundo, atuando como instrumentos essenciais que conectam a vida e a formação dos futuros educadores. Cada componente curricular, desde a Psicologia do Desenvolvimento até a Metodologia do Trabalho Científico, contribui para a formação integral dos alunos, proporcionando uma base teórica e prática robusta (Gatti, 2009). A Psicologia do Desenvolvimento, por exemplo, permite aos estudantes entenderem as etapas de crescimento e os fatores que influenciam o comportamento humano, essencial para a criação de estratégias pedagógicas eficazes (Papalia; Olds, 2000). Já a Educação Especial prepara os futuros pedagogos para lidar com a diversidade em sala de aula, promovendo a inclusão e a igualdade de oportunidades (Mantoan, 2003). Componentes como Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil e Corporeidade e Educação incentivam uma abordagem holística do ensino, onde o desenvolvimento cognitivo, emocional e físico é integrado, refletindo a complexidade da vida e da aprendizagem (Vygotsky, 1978). A pesquisa e prática pedagógica fomentam a reflexão crítica e a capacidade de inovar, habilidades fundamentais para enfrentar os desafios contemporâneos da educação (Freire, 1996). O currículo do curso não apenas prepara os estudantes para serem educadores competentes, mas também os capacita a serem agentes de transformação social, relacionando de maneira indissociável a vida e a formação acadêmica.

Entre tantos componentes curriculares, cursado no processo formativo do curso de pedagogia, O Estágio Curricular Supervisionado, componente obrigatório na matriz curricular, proporciona uma oportunidade de vivenciar a realidade do ambiente escolar.



A experiência prática nos estágios contribuiu significativamente para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas, construção de experiências práticas e reflexão crítica. No Estágio Supervisionado I, na Educação Infantil, embora já lecionasse nessa etapa, vivi uma experiência totalmente diferente no Centro Infantil Transformando Vidas, na cidade de Lagoa de Pedras/RN. Essa experiência compartilhei com meu amigo, Márcio Targino da Silva, e observamos a forte presença do livro didático nas aulas, e ao planejar nossa regência, buscamos integrar os conteúdos do livro de forma lúdica, aumentando o engajamento e a participação das crianças. No Estágio Supervisionado II, no Ensino Fundamental Anos Iniciais, realizado na Escola Santa Luzia, localizada na cidade de Lagoa de Pedras/RN, observamos a falta de planejamento da docente e o uso excessivo do livro didático, o que resultava em crianças desinteressadas e agitadas. Planejamos atividades lúdicas e interativas, gerando um maior envolvimento dos alunos e proporcionando uma experiência de ensino gratificante.

O uso predominante do livro didático na educação infantil e nos anos iniciais, associado a metodologias pouco atrativas, apresenta desafios significativos para a formação integral dos estudantes, evidenciando a necessidade de atividades com metodologias mais ativas. Embora os livros didáticos sejam recursos valiosos, sua utilização de maneira exclusiva pode limitar o engajamento dos alunos e a eficácia do aprendizado, especialmente entre crianças que se beneficiam de abordagens mais dinâmicas e interativas (Freire, 1996). Estudos indicam que metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos, jogos educativos e atividades lúdicas, promovem um envolvimento mais profundo e significativo, estimulando a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico dos estudantes (Moran, 2015). Essas abordagens facilitam a conexão entre teoria e prática, permitindo que os alunos apliquem o conhecimento adquirido em contextos reais, o que é essencial para a formação de habilidades socioemocionais e cognitivas (Papert, 1991). Além disso, metodologias ativas valorizam a participação ativa dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, tornando-os protagonistas de sua própria educação e fortalecendo sua capacidade de resolver problemas e trabalhar em equipe. É fundamental que possa ocorrer planejamentos que possam possibilitar a incorporação de atividades com metodologias mais ativas na educação básica que



enriquece o aprendizado e promove uma formação mais completa e alinhada às demandas contemporâneas, relacionando de maneira indissociável a vida e a formação dos estudantes.

Os estágios desempenharam um papel fundamental nem meu processo formativo, funcionando como um elo crucial entre a teoria acadêmica e a prática educacional, essencial para relacionar a vida e a formação. A imersão no ambiente escolar durante o estágio permitiu o desenvolvimento de habilidades práticas indispensáveis, como gestão de sala de aula, planejamento de atividades e avaliação de aprendizagens, além de fomentar a capacidade de refletir criticamente sobre minhas práticas e ajustar as estratégias pedagógicas conforme as necessidades dos estudantes (Lima; Pimenta, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da trajetória acadêmica no curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), em Natal, RN, inúmeros desafios e conquistas marcaram a formação de uma profissional dedicada e comprometida com a educação. A narrativa dessas experiências revela um caminho repleto de percalços que, superados, se transformaram em vitórias significativas, consolidando um sonho real. Desde o início do curso, a inserção em práticas pedagógicas inovadoras e a constante reflexão sobre o papel do educador foram fundamentais para desenvolver uma visão crítica e abrangente da educação. Como aponta Tardif (2002), “a prática profissional é uma construção contínua, alimentada tanto pelo conhecimento acadêmico quanto pelas experiências vivenciadas no campo de trabalho”. Esse processo formativo não apenas enriqueceu o conhecimento teórico, mas também fortaleceu as habilidades práticas necessárias para enfrentar os desafios do cotidiano escolar.

Refletir sobre essa trajetória permite compreender a importância das dificuldades encontradas ao longo do percurso. Os obstáculos enfrentados, como a adaptação a novas metodologias e a gestão de tempo entre os estudos e outras responsabilidades, foram essenciais para moldar uma profissional resiliente e adaptável. Essas experiências confirmam a visão de Freire (1996), que destaca a educação como um processo



transformador, capaz de empoderar indivíduos e prepará-los para transformar a sociedade. O aprendizado adquirido durante o curso de Pedagogia, aliado à prática constante, prepara o educador para atuar de maneira eficaz e inovadora, promovendo uma educação de qualidade que atende às necessidades e peculiaridades dos alunos. Esse percurso formativo é, portanto, um testemunho de como a combinação de teoria e prática pode resultar em uma formação sólida e significativa.

Para as próximas etapas após a conclusão do curso, é essencial continuar investindo em formação continuada e desenvolvimento profissional. Participar de cursos de pós-graduação, seminários e congressos permitirá a atualização constante e a ampliação do conhecimento, como enfatiza Libâneo (2010): “a formação continuada é uma necessidade permanente para os educadores, pois o processo educativo exige constante atualização e reflexão sobre a prática”. Além disso, o engajamento em projetos comunitários e iniciativas de extensão universitária pode ampliar o impacto social da atuação profissional, fortalecendo a relação entre a educação e a comunidade. A implementação de práticas pedagógicas inovadoras e a busca por novas metodologias de ensino serão fundamentais para enfrentar os desafios futuros e continuar a trajetória de transformação e realização profissional. Dessa forma, a narrativa de percalços e vitórias se perpetua, não apenas como um relato de superação, mas como um compromisso contínuo com a educação e o desenvolvimento social.

Ao concluir a escrita desse Memorial de Formação, intitulado **ENTRE PERCALÇOS E VITÓRIAS: NARRANDO MEMÓRIAS DE UM SONHO REAL**, compreendo que ser professor nos tempos atuais é assumir um papel multifacetado que vai além da transmissão de conhecimento, integrando habilidades pedagógicas, tecnológicas e socioemocionais para formar cidadãos críticos e preparados para os desafios contemporâneos. A docência hoje exige uma adaptação contínua às mudanças tecnológicas e às novas demandas educacionais, como a inclusão digital e a educação a distância, exacerbadas pela pandemia de COVID-19. Além disso, o professor moderno deve ser um facilitador da aprendizagem, promovendo metodologias ativas que incentivem a participação ativa dos estudantes e o desenvolvimento do pensamento



crítico. A capacidade de lidar com a diversidade em sala de aula, oferecendo um ambiente inclusivo e equitativo, é essencial para atender às necessidades individuais dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Tânia Filipa Oliveira. **Fortalecer Vínculos**. 2023.

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824, 2010.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Ateliê editorial, 2003.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. **Língua Portuguesa: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**, v. 85-106, 2010.

COLAGROSSI, Ana Luiza Raggio; VASSIMON, Geórgia. A aprendizagem socioemocional pode transformar a educação infantil no Brasil. **Construção psicopedagógica**, v. 25, n. 26, p. 17-23, 2017.

DA SILVA FRADE, Isabel Cristina Alves. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Educação (Santa Maria. Online)**, v. 32, n. 1, p. 21-39, 2007.

DHAWAN, Shivangi. Aprendizagem online: uma panaceia em tempos de crise da COVID-19. **Journal of educational technology systems**, v. 49, n. 1, p. 5-22, 2020.

ECCLES, Jacquelynne S.; ROESER, Robert W. Escolas como contextos de desenvolvimento durante a adolescência. **Journal of research on adolescence**, v. 21, n. 1, p. 225-241, 2011.

FREDRICKS, Jennifer. Engajamento comportamental na aprendizagem. Em: **Guia internacional para realização de alunos**. Routledge, 2013. p. 42-44.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade: Projeto pedagógico**. 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido (revisada). **Nova York: Continuum**, v. 356, p. 357-358, 1996.



GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, p. 03-11, 2000.

GASPAR, Tania et al. Estudo dos fatores sociais e pessoais relacionados com os sintomas depressivos na adolescência na Pandemia COVID-19. **Análisis y modificación de conducta**, v. 48, n. 177, p. 113-129, 2022.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba SS. Professores: aspectos de sua profissionalização, formação e valorização social. **Brasília, DF: Unesco**, 2009.

GIORDAN, Marcelo. O papel da experimentação no ensino de ciências. **Química nova na escola**, v. 10, n. 10, p. 43-49, 1999.

GUIMARÃES, Mauro. **Dimensão ambiental na educação (A)**. Papirus Editora, 2020.

HALBWACHS, Maurício. Espaço e memória coletiva. **Estudos sobre las culturas contemporâneas**, v. 9, p. 11-40, 1990.

HÄRKÖNEN, Ulla. **A teoria dos sistemas ecológicos de Bronfenbrenner do desenvolvimento humano**. 2001.

JÚNIOR, João Fernando Costa et al. A importância de um ambiente de aprendizagem positivo e eficaz para os alunos. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 6, p. 324-341, 2023.

KRZNARIC, Roman. **O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2015.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**. Cortez Editora, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MORÁN, José et al. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**, v. 1, p. 15-33, 2015.

NAVARRO, Mariana Stoeterau. O brincar na educação infantil. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. 2009. p. 1-15.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu e a educação**. Autêntica, 2013.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PAPERT, Seymour; HAREL, Idit. Situando o construcionismo. **constructism**, v. 36, n. 2, p. 1-11, 1991.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 02, p. 147-156, 2011.



PENTEADO, Andrea. Programa Mais Educação como política de educação integral para a qualidade. **Educação; Realidade**, v. 39, p. 463-486, 2014.

PEREIRA, Laryssa Rabelo; DE LIMA, Isabelle Nascimento; DUTRA, Rosyane de Moraes Martins. Os sentidos da formação: as vivências discentes na brinquedoteca universitária do curso de pedagogia. **Multidebates**, v. 5, n. 1, p. 194-204, 2021.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea**, v. 1, p. 47-62, 2007.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena Fernandes Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação? **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 11, 2011.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. Editora Vozes Limitada, 2013.

REVERBEL, Olga. **O texto no palco**. Porto Alegre: Editora Kuarup, 1993.

RYAN, Dede Paquette–John. Teoria dos sistemas ecológicos de Bronfenbrenner. **Recuperado em janeiro de**, v. 9, p. 2012, 2001.

SOUZA, Maria Inez Salgado. Currículo, cultura e cotidiano: algumas notas a partir de estudos das formações curriculares na contemporaneidade. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**, v. 1, p. 39-48, 2010.

SOLIGO, Rosaura; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Leitura e escrita: dois capítulos desta história de ser educador. **Porque escrever é fazer história. Campinas/SP: Graf. FE**, p. 23-46, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOURINHO, Emmanuel Zagury. Notas sobre o Behaviorismo de ontem e de hoje. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, p. 186-194, 2011.

VELLUDO, Natália Benincasa; SOUZA, Débora de Hollanda. Amigos imaginários: Contribuições para o desenvolvimento infantil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, p. e3432, 2018.

VINER, Russell M. et al. Fechamento de escolas e práticas de gestão durante surtos de coronavírus, incluindo COVID-19: uma revisão sistemática rápida. **The Lancet Child; Adolescent Health**, v. 4, n. 5, p. 397-404, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; COLE, Michael. **Mente na sociedade: Desenvolvimento de processos psicológicos superiores**. Harvard university press, 1978.

VYGOTSKY, Lev S. Imaginação e criatividade no adolescente. **Psicologia Soviética**, v. 29, n. 1, p. 73-88, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Imaginação e criatividade na infância. **Journal of Russian; East European Psychology**, v. 42, n. 1, p. 7-97, 2004.



MEMORIAL DE FORMAÇÃO: DE UM ESPAÇO DESAFIADOR A UM LUGAR CONQUISTADO

Kátia Celina Moura do Nascimento
Nednaldo Dantas dos Santos

Neste capítulo inspirador, Kátia Celina Moura do Nascimento nos convida a embarcar em uma jornada profundamente pessoal e transformadora. Com uma narrativa rica em emoções e reflexões, ela revela o caminho desafiador que trilhou até conquistar seu espaço como professora da educação básica, fazendo de cada obstáculo uma oportunidade de crescimento. O processo de formação aqui relatado é muito mais que a aquisição de conhecimentos acadêmicos – é a construção de uma identidade educacional moldada pela coragem, resiliência e dedicação.

Cada parágrafo deste memorial é um sopro de inspiração, onde Kátia compartilha as lutas e as conquistas que marcaram sua trajetória. “De um espaço desafiador a um lugar conquistado” não é apenas um título; é a representação poética do percurso de vida da autora, que, com delicadeza e força, transforma os desafios em degraus rumo à realização pessoal e profissional.

A autora nos transporta ao início de sua jornada, onde a infância humilde e as primeiras interações com a educação moldaram sua visão de mundo. Entre cada nova fase de aprendizado, ela encontrou em suas raízes, em sua terra e em suas experiências o fundamento para se tornar a professora que hoje inspira e educa. Kátia constrói sua narrativa com uma sensibilidade ímpar, revelando como, mesmo em meio às adversidades, ela encontrou a motivação para continuar.

Neste capítulo, o leitor é levado a refletir sobre o poder transformador da educação. A sala de aula é apresentada como um espaço sagrado, onde sonhos nascem e se cultivam. Ser professora, para Kátia, é muito mais do que transmitir conteúdos; é moldar vidas, é plantar sementes de esperança nos corações das crianças. Cada aluno que



ela encontra no caminho torna-se uma peça fundamental em sua própria formação, pois ensinar é também aprender a cada dia.

O processo de formação descrito aqui é uma travessia por mares desconhecidos, onde a autora aprendeu que, muitas vezes, é na superação dos maiores desafios que se encontra a verdadeira realização. As dificuldades, que em um primeiro momento pareciam insuperáveis, tornaram-se trampolins para as conquistas que hoje a definem como uma educadora comprometida com a transformação social e humana.

Ao concluir este capítulo, o leitor se depara com a certeza de que a jornada de Kátia Celina Moura do Nascimento é um testemunho de determinação, amor à profissão e profundo respeito pela educação. O espaço desafiador, que no início parecia intransponível, foi transformado em um lugar de conquistas, onde a autora, com sabedoria e paciência, construiu um legado que irá reverberar por gerações.

“Memorial de Formação: De um Espaço Desafiador a um Lugar Conquistado” é, portanto, mais que um relato acadêmico – é uma ode à força do educador e à beleza de ensinar. Com uma linguagem sensível e poética, Kátia nos relembra que o caminho da educação é feito de passos firmes e de sonhos elevados, e que cada vitória, por menor que pareça, é a construção de um futuro melhor para todos.

A PAISAGEM DESENHADA NO OLHAR DE UMA ADOLESCENTE

A percepção da paisagem através do olhar de uma criança é um campo fértil para explorar as interações entre experiência pessoal e desenvolvimento cognitivo. A forma como as crianças interpretam seu ambiente pode revelar muito sobre seus processos de aprendizado e construção de significado. Segundo Piaget (1969), a interação da criança com o ambiente é fundamental para o desenvolvimento de estruturas cognitivas, através das quais ela assimila e acomoda novas informações. A paisagem, portanto, não é apenas um contexto passivo, mas um elemento ativo na formação da criança. As experiências visuais e sensoriais desenham não apenas a percepção de mundo da criança, mas também



influenciam sua capacidade de abstração e problematização, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades críticas essenciais.

A relação das crianças com sua paisagem local pode ser vista como um diálogo contínuo, onde significados são constantemente negociados e reinterpretados. Este processo não apenas forma a base para uma compreensão mais profunda do ambiente, mas também serve como um pilar fundamental na formação de valores e na compreensão de questões mais amplas de espaço e pertencimento (Tiriba; Profice, 2019).

Nesse sentido, essa seção busca descrever e refletir sobre a paisagem desenhada no olhar de uma criança, hoje adulta, e como esse processo influenciou o processo formativo. Para isso, começo apresentando o relato de meu nascimento em 13 de março de 1971, na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, que na época exibia um cenário de desenvolvimento e modernização em meio às suas paisagens naturais deslumbrantes. Durante esse período, a cidade experimentava um significativo crescimento econômico, impulsionado principalmente pela expansão do turismo, uma atividade favorecida pelas belas praias e pelo clima agradável (Lopes; Alves, 2015). É importante destacar que a cidade, a exemplo do período da segunda guerra, voltávamos a nos tornar importante polo militar, evidenciado pela presença de diversas instalações das Forças Armadas, incluindo a Base Aérea de Natal. Esse contexto contribuía tanto para a diversificação da economia local quanto para a atração de investimentos. Simultaneamente, a vida cultural e social da cidade pulsava com a realização de eventos, festas populares e manifestações artísticas, refletindo a efervescência da época. Nesse sentido, a dinâmica espacial atrelada a este crescimento denota que o espaço urbano das cidades é dinâmico, mutável e que, dessa forma, a sociedade permanece materializando suas intencionalidades e produzindo formas de acordo com novas necessidades, decorrentes do modo de produção capitalista vigente (Pinheiro, 2011).

Sou a filha primogênita de Francisco Wladimir Marinho de Moura e Maria da Conceição Macêdo de Moura. Meu pai, originário de Sobral, no estado do Ceará, vivenciou transformações políticas e sociais marcantes em sua cidade Natal. Após o término da ditadura do Estado Novo, Sobral experimentou um período de efervescência



política caracterizado pela restauração democrática e pela retomada das eleições diretas. Este contexto foi propício para o surgimento de novas lideranças locais. Segundo Bandeira (2015), o município de Sobral, localizado a 238 km de Fortaleza, capital do estado do Ceará, e com uma população de aproximadamente 180.000 habitantes, consolidou-se como um polo crucial de desenvolvimento socioeconômico e cultural na região norte do estado. A cidade, reconhecida por sua rica história e tradição cultural, continuou a ser um relevante centro econômico e educacional do interior nordestino, contribuindo assim para o desenvolvimento regional e para a afirmação da identidade cearense.

Aos sete anos, após o falecimento de sua mãe, meu pai, mudou-se com meu avô e meus seis tios, para o município de Ceará-Mirim no Rio Grande do Norte. No solo potiguar, separado dos seus irmãos, passou a viver com sua tia paterna, Clotilde Guedes de Moura, até os 24 anos. Quando conheceu minha mãe, Maria da Conceição Macêdo de Moura, originária de Riacho Fechado, um povoado do município de Bento Fernandes no Rio Grande do Norte.

O município de Bento Fernandes, o berço dos nascimentos de minha mãe, localizado a uma distância de aproximadamente 88 (oitenta e oito) quilômetros da capital do estado, apresenta as características de uma típica comunidade rural nordestina, com moradores dedicados principalmente às atividades agrícolas, tais como cultivo de alimentos para subsistência e criação de animais. De acordo com Duque (2004), os agricultores nordestinos, um povo resiliente, buscou desenvolver técnicas ao longo do tempo para lidar com a escassez de água, como a utilização de plantas xerófilas, que são capazes de sobreviver e prosperar em ambientes com pouca disponibilidade hídrica. Esses vegetais, em muitos momentos, foi a fonte de alimento de animais e dos agricultores em meio aos períodos de estiagens.

A vida em Riacho Fechado era definida pela simplicidade e pela solidariedade comunitária, com festividades religiosas e culturais integrando o calendário local. Apesar das adversidades impostas pela realidade rural da época, Riacho Fechado destacava-se pela valorização dos laços familiares e da vida comunitária, elementos essenciais na



construção da identidade e da história da região e de seu povo (Pieruccini; Tschá; Iwake, 2008).

As paisagens que me fazem viajar, por minhas memórias escolares, se iniciam em um contexto marcado pela ludicidade, no Jardim de Infância Peter Pan, localizado em Natal/RN. Lembro que nesse período, atividades como brincar, cantar, desenhar e as primeiras interações com o alfabeto eram frequentes. É importante destacar, que as crianças, ao desenhar, supõem estar "escrevendo", percebendo a escrita como uma representação do discurso oral. Progressivamente, através da exposição ao ambiente familiar, cultural e escolar, elas começam a discernir que a escrita compreende traços e linhas específicas, distanciando-se da noção de desenho para adotar formas mais estruturadas e convencionais de escrita (Soares, 1999).

Em 1978, fui matriculada na 1ª série do primeiro grau da Escola Estadual Felizardo Moura, sob a tutela de Maria José do Nascimento Garcez, que mais tarde se tornaria diretora da instituição. É fundamental destacar que estávamos sob a estrutura curricular prevista pela Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

O ingresso no primeiro grau, conforme estabelecido pela Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, representa um marco crucial na trajetória educacional e na formação integral do indivíduo. Essa legislação, ao definir a estrutura e a duração do ensino de primeiro grau, enfatizou a importância de uma educação básica universal e obrigatória, como meio de garantir a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento pleno das potencialidades dos estudantes. Segundo a lei, "o ensino de 1º grau, com duração mínima de oito anos, objetiva a formação integral da criança e do adolescente, visando ao pleno desenvolvimento da personalidade, da capacidade de aprendizagem e do preparo para o exercício da cidadania" (Brasil, 1971). Nesse contexto, a entrada na primeira série não apenas introduz a criança ao universo escolar, mas também estabelece as bases para sua inserção social e econômica futura.

Nessa etapa escolar inicial, a figura de minha tia, Cianuzia de Moura Xavier, como diretora, reforçava a presença familiar no ambiente escolar. O ano seguinte foi marcado por transições educacionais e de moradia. Fomos morar no Conjunto Santa Catarina, no



bairro Potengi, em Natal, Rio Grande do Norte. Um conjunto habitacional concebido com o propósito de oferecer moradia digna à população de baixa renda, refletindo as políticas de inclusão social e desenvolvimento urbano da época (Marques, 2018). Esse bairro surgia, em uma cidade em crescimento, ofertando ruas arborizadas e infraestrutura básica.

Com esse contexto, a então menina, visualizavam um ambiente tranquilo, acolhedor, e de forte espírito comunitário e cooperação entre seus moradores, o que era evidente nas diversas iniciativas e eventos culturais que fortaleciam os vínculos sociais e a identidade comunitária.

Os eventos culturais desempenham um papel fundamental no fortalecimento dos vínculos sociais e na consolidação da identidade comunitária, servindo como instrumentos cruciais para relacionar a vida e a formação dos indivíduos dentro de um contexto social e cultural mais amplo. Tais eventos, ao promoverem a participação coletiva e a valorização das tradições locais, funcionam como catalisadores de coesão social e de construção de um sentido compartilhado de pertencimento. A cultura é um elemento central na formação do *habitus*, ou seja, das disposições duráveis que orientam o comportamento dos indivíduos em sociedade. Através de festividades, celebrações e manifestações artísticas, as comunidades reafirmam seus valores, narrativas e identidades, proporcionando um espaço para a expressão e a transmissão intergeracional de conhecimentos e práticas culturais (Araújo, 2009). Além disso, esses eventos criam oportunidades para a interação e o diálogo entre diferentes segmentos da sociedade, promovendo a inclusão social e a diversidade cultural.

Prossegui meus estudos na zona norte de Natal/RN, alternando entre a Escola Municipal Professora Iapissara Aguiar e a Escola Municipal Professora Palmira de Souza, onde cursei a 4ª do Primeiro Grau. Retornei à Escola Municipal Professora Iapissara Aguiar para para a 5ª e 6ª séries. Durante esse período, tive a oportunidade de ter diversos mestres marcantes: Jacy, Adguinaldo e Isolda, professores de história, matemática e inglês, respectivamente. Estes desempenharam um papel crucial em minha formação escolar e pessoal. A conclusão do primeiro grau ocorreu na Escola Estadual Peregrino Júnior (1985). O segundo grau foi realizado na Escola Estadual Presidente Kennedy, atual



Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), onde me formei em Magistério em 1988.

Na década de 1980, o ensino profissionalizante e o segundo grau no Brasil passavam por um período de significativas transformações, refletindo os movimentos sociais e as demandas político-econômicas da época. O ensino profissionalizante, especialmente, era visto como uma estratégia crucial para o desenvolvimento nacional, preparando jovens para o mercado de trabalho em um momento de rápida industrialização e modernização tecnológica. Paralelamente, o segundo grau, precursor do atual ensino médio, começava a enfatizar uma formação mais abrangente, integrando aspectos técnicos com uma sólida base educacional geral (Manfredi, 2017). Este período também foi marcado pela luta pela democratização do acesso à educação, visto que a Constituição de 1988, que encerrou a década, reconheceu a educação como um direito de todos. Assim, o ensino na década de 1980 não apenas equipou os estudantes com habilidades técnicas, mas também fomentou uma consciência crítica sobre seu papel na transformação da sociedade brasileira.

UM NOVO TERRITÓRIO, NOVOS APRENDIZADOS

A exploração de um novo território e os consequentes novos aprendizados que dele emergem representam um processo significativo de intersecção entre a vida e a formação, tanto individual quanto coletiva. Ao adentrar um espaço desconhecido, os indivíduos são expostos a uma variedade de experiências que desafiam e expandem suas perspectivas, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades adaptativas e cognitivas. Conforme argumenta Vygotsky (1978), o aprendizado ocorre em contextos sociais e culturais específicos, onde as interações com o ambiente e com outros indivíduos fomentam o desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, a vivência em um novo território, seja ele físico ou metafórico, oferece uma rica oportunidade para a aquisição de conhecimentos e competências que são essenciais para a formação integral do sujeito. Esse processo de aprendizado contínuo e contextualizado não apenas enriquece o



repertório pessoal, mas também promove uma maior compreensão e integração com o entorno.

Além disso, a experiência de explorar novos territórios e adquirir novos conhecimentos está intrinsecamente ligada à formação da identidade e à construção de redes sociais e comunitárias. De acordo com Lefebvre (1991), o espaço é um produto social, e a maneira como os indivíduos se relacionam com ele influencia a constituição de suas identidades e a dinâmica das relações sociais. Ao se engajarem em novos territórios, os indivíduos participam ativamente da criação e da transformação desses espaços, ao mesmo tempo em que internalizam e reinterpretam as normas, valores e práticas culturais encontradas. Este processo dialético de interação e aprendizado reforça a importância da adaptação e da resiliência, competências fundamentais para enfrentar os desafios contemporâneos. Em suma, a exploração de novos territórios e os aprendizados daí decorrentes são fundamentais para a formação contínua e dinâmica dos indivíduos, promovendo uma integração mais profunda entre a vida prática e o desenvolvimento pessoal e social.

Nesse contexto, essa seção desvela e reflete sobre os novos territórios e aprendizados, em minha jornada profissional, e como estes influenciaram meu processo formativo. Com isso, ao iniciar minha jornada em direção a novos territórios, fui imersa em uma série de vivências que moldaram minha visão de mundo e de minha própria essência. Cada caminho percorrido em direção ao desconhecido apresentou-se como uma oportunidade de aprendizado e uma chance de desvendar os enigmas além do que eu conhecia. Ao analisar os obstáculos e sucessos encontrados ao explorar novos territórios, documentei cada experiência como evidência de meu empenho no desenvolvimento individual e intelectual. Em cada lugar desconhecido, encontrei uma diversidade de tradições, pensamentos e visões que compõem a sociedade humana. Essas interações me levaram a refletir sobre minhas convicções e preconceitos, promovendo conversas genuínas e uma percepção ampliada da grandeza do mundo em que vivo.

Durante essa jornada de aprendizado, enfrentei desafios que testaram minha capacidade de resistência e persistência. Compreendi que as adversidades não devem ser



vistas como barreiras intransponíveis, mas como oportunidades para adquirir novos conhecimentos e evoluir. Cada obstáculo superado me fortaleceu, permitindo-me amadurecer e me tornar mais consciente de quem sou. Emergida em um mar de sabedoria, assimilei os ensinamentos que a vida me proporcionou. Todas as vivências e cada aprendizado contribuíram para o meu progresso como pessoa e profissional.

Contudo ao buscar me inserir no mercado de trabalho, enfrentei desafios impostos pelas circunstâncias familiares e sociais. Inicialmente, meu pai rejeitou a ideia de eu trabalhar por um valor que ele considerava insuficiente (Lopes; Josuá, 2017).

Apesar das barreiras, comecei a dar aulas particulares de reforço para financiar meu cursinho pré-vestibular, enfrentando com isso o contexto da concorrência acirrada dos vestibulares. Consegui atuar profissionalmente, por um breve período, em um comércio no bairro da Ribeira em Natal/RN. Infelizmente, por influência de meu pai, não consegui permanecer nesse ramo. Após esse período tive a oportunidade de ser aprovada no seletivo para agente de saúde, mas só fui chamada em 2000, quando já morava em Palmas/TO.

Em Palmas/TO, comecei a trabalhar em uma escolinha de bairro e com muita dedicação e estudo passei no concurso para professor do Estado. Por questões de saúde da minha filha acabei retornando a Natal/RN. Essas experiências profissionais, intercaladas com as responsabilidades familiares, foram fundamentais para minha formação como professora, destacando a importância do equilíbrio entre vida pessoal e profissional e a persistência na busca por uma educação de qualidade.

Em Natal/RN, e após 25 anos que tinha terminado a fase escolar, retomei minha formação acadêmica ao ingressar no curso de Licenciatura Plena em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), no período de 2013 a 2018. Esta decisão, tomada em parceria com minha filha mais velha, refletia não apenas um compromisso pessoal com a educação continuada, mas também uma resposta às transformações sociais, políticas e culturais que configuravam o cenário educacional brasileiro naquele momento. Juntos, enfrentamos o desafio do Exame



Nacional do Ensino Médio (ENEM), um reflexo das políticas educacionais que buscavam democratizar o acesso ao ensino superior no Brasil.

Em 2020, prossegui com meus estudos em Pedagogia no IFESP, reencontrando o professor Márcio de Assis Fabrício, um de meus antigos mestres do magistério. Esse reencontro simbolizava a continuidade e a evolução de minha trajetória educacional, além de destacar a importância das redes de apoio formadas ao longo da carreira docente. Este percurso não apenas reforça a minha identidade como educadora comprometida com a aprendizagem ao longo da vida, mas também ilustra o impacto das políticas educacionais na formação de professores no contexto do Nordeste brasileiro, uma região que, apesar dos desafios socioeconômicos, têm se esforçado para avançar no campo da educação (Cóssio, 2108).

A REGIÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS

O curso superior em Pedagogia representa uma região fértil de novos conhecimentos, onde a teoria e a prática se entrelaçam para formar educadores aptos a enfrentar os desafios do ensino contemporâneo. A formação em Pedagogia não se limita à aquisição de conteúdo pedagógico; ela envolve um processo profundo de autoconhecimento e desenvolvimento de competências essenciais para a prática docente. Segundo Libâneo (2010), “a formação do educador deve ser compreendida como um processo contínuo de desenvolvimento profissional e pessoal”. Durante o curso, os futuros pedagogos são expostos a diversas abordagens educacionais, metodologias de ensino e reflexões críticas sobre o papel do educador na sociedade. Esta formação integral prepara os profissionais para atuar de maneira eficaz em contextos variados, promovendo uma educação inclusiva e de qualidade que responda às necessidades e desafios do século XXI.

Além disso, o curso superior em Pedagogia serve como um instrumento para relacionar a vida pessoal e profissional dos estudantes, proporcionando um espaço de crescimento e transformação. Através de estágios, projetos de pesquisa e atividades de extensão, os alunos têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos em sala



de aula em situações reais, consolidando sua identidade profissional. Freire (1996) destaca que “a educação é um ato de amor e, portanto, um ato de coragem”, ressaltando a importância de uma prática pedagógica comprometida com a transformação social. Assim, o curso de Pedagogia não apenas capacita os estudantes para serem educadores competentes, mas também os prepara para serem agentes de mudança em suas comunidades, promovendo o desenvolvimento humano e a justiça social. A região de novos conhecimentos que é o curso de Pedagogia, portanto, não se restringe ao ambiente acadêmico, mas se estende para a vida e a formação contínua dos educadores, integrando teoria e prática em um ciclo constante de aprendizagem e crescimento.

Nesse sentido, essa seção busca descrever e refletir sobre a região de novos conhecimentos, em um curso superior, e a construção desses saberes influenciaram meu processo formativo. Nessa perspectiva, ao ingressar no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, no curso de licenciatura em Pedagogia, percebi que estava adentrando um universo repleto de novas descobertas. Desde os primeiros momentos, fui desafiada a ampliar meus horizontes intelectuais e a me aprofundar em componentes curriculares que, até então, eram apenas mencionados em um folheto de curso. Cada aula representava uma oportunidade única, proporcionando não apenas o entendimento teórico, mas também a chance de aplicar o conhecimento de forma prática. Os docentes, com sua vasta bagagem e entusiasmo pelo ensino, nos conduziam pelos complexos caminhos de cada matéria, sempre estimulando a curiosidade e o pensamento crítico. A formação no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy se mostrou um processo transformador, alinhando teoria e prática e permitindo uma reflexão profunda sobre a educação e suas implicações sociais e culturais na região de Natal, RN.

O ambiente acadêmico no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy estimula a constante troca de ideias e o crescimento pessoal. Participar de projetos de pesquisa e grupos de estudo me permitiu estabelecer uma rede de contatos com colegas que compartilhavam o mesmo interesse pelo conhecimento. As discussões e os debates construtivos tornaram-se parte do meu dia a dia, auxiliando na formação de uma visão mais ampla e integrada do mundo. Ao longo desse percurso, não apenas adquiri



conhecimentos específicos em minha área de estudo, mas também compreendi a importância da aprendizagem contínua e da colaboração interdisciplinar. Essa interação constante com o meio acadêmico contribuiu para a minha formação crítica e reflexiva, essencial para o desenvolvimento de uma prática docente comprometida com a transformação social.

Compreendi que os cursos ofertados pelo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy são planejados com cuidado para oferecer uma formação completa, unindo teoria e prática. O programa de estudos engloba conhecimentos essenciais que abordam os conceitos fundamentais da área escolhida, além de matérias específicas que permitem uma maior especialização. Os professores, altamente qualificados, utilizam métodos inovadores para estimular o pensamento crítico e a resolução de problemas. O currículo é constantemente atualizado para refletir as últimas tendências e avanços, garantindo uma educação relevante e atualizada. Um ponto importante dos cursos é a ênfase na aplicação prática do conhecimento adquirido. Estágios, projetos de pesquisa e trabalhos de campo são incluídos no programa para proporcionar aos estudantes experiência prática e desenvolvimento de habilidades profissionais. Dessa forma, a instituição prepara os estudantes não apenas para os desafios acadêmicos, mas também para o mundo profissional, com confiança e competência.

Nesse processo de ensino-aprendizagem, compreendi que componentes como Metodologia do Trabalho Científico são cruciais para capacitar os estudantes a compreenderem e aplicar os métodos e técnicas necessários para realizar pesquisas científicas de forma eficiente. Durante o curso, os estudantes aprendem os princípios da metodologia científica, como a formulação de hipóteses, a coleta e análise de dados, a revisão bibliográfica e a redação de relatórios e artigos científicos. Eles também são encorajados a desenvolver habilidades de pensamento crítico e a reconhecer a importância da ética na pesquisa, preparando-os para contribuir de forma significativa para o avanço do conhecimento em suas áreas de estudo. Adicionalmente, o componente curricular de Educação Infantil visa proporcionar aos futuros educadores uma compreensão abrangente do desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico das crianças pequenas. Os



estudantes exploram teorias pedagógicas, métodos de ensino e práticas educacionais eficazes que são essenciais para criar ambientes educacionais inclusivos e estimulantes para crianças de zero a seis anos.

Os estágios obrigatórios, orientados pelo regulamento interno do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, estabelecem diretrizes claras para sua execução, com uma carga horária mínima de 100 horas em instituições escolhidas pelos estagiários, divididas em inserção, observação e regência. A supervisão é feita por professores do Instituto em colaboração com os profissionais da instituição de estágio, assegurando uma formação de excelência compatível com as demandas do mercado de trabalho. Realizei o primeiro estágio na educação infantil em um CMEI localizado no bairro Jardim Lola, localizado em Natal/RN, com crianças de quatro a cinco anos e onze meses, o que foi uma experiência enriquecedora que contribuiu significativamente para minha formação profissional. Com este estágio, vivenciei o funcionamento e os desafios do dia a dia da instituição de ensino, aplicando na prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso. Essa experiência prática não só enriquece a formação acadêmica, mas também fortalece o compromisso do futuro educador com uma educação de qualidade e com a mudança social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o curso de graduação em Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) em Natal, RN, reflito sobre minha trajetória acadêmica e pessoal, marcada por desafios e conquistas significativas. Este memorial de formação revela como um espaço inicialmente desafiador se transformou em um lugar de realização e crescimento. Desde o início do curso, enfrentei obstáculos que exigiram resiliência e determinação. Cada desafio superado não apenas ampliou meu conhecimento teórico, mas também fortaleceu minhas habilidades práticas e minha capacidade de adaptação. Segundo Freire (1996), “a educação é um ato de amor e, portanto, um ato de coragem”. Esse princípio guiou minha jornada, inspirando-me a persistir e a buscar a excelência acadêmica e profissional.



A formação no IFESP proporcionou uma base sólida para o desenvolvimento de competências pedagógicas e uma compreensão profunda do papel do educador na sociedade contemporânea. A interação com professores altamente qualificados e colegas engajados em debates construtivos enriqueceu minha visão crítica sobre a educação. Libâneo (2010) destaca que “a formação do educador é um processo contínuo que exige reflexão crítica sobre a prática pedagógica e o contexto educacional”. As experiências vivenciadas em estágios supervisionados, projetos de pesquisa e atividades de extensão foram cruciais para consolidar minha identidade profissional. Essas vivências permitiram aplicar teorias aprendidas em sala de aula a contextos reais, promovendo uma prática pedagógica inclusiva e eficaz.

Para as próximas etapas após a conclusão do curso, é essencial continuar investindo em formação continuada e desenvolvimento profissional. Participar de programas de pós-graduação, seminários e congressos permitirá a atualização constante e a ampliação do conhecimento, conforme enfatiza Nóvoa (1996): “a formação do professor é um processo contínuo que se constrói ao longo de toda a vida”. Além disso, é fundamental fortalecer o vínculo com a comunidade escolar e envolver-se em projetos que promovam a integração entre escola e sociedade. Implementar práticas pedagógicas inovadoras e buscar novas metodologias de ensino serão passos cruciais para enfrentar os desafios futuros. Dessa forma, a transformação de um espaço desafiador em um lugar de conquista se perpetua, não apenas como um relato de superação pessoal, mas como um compromisso contínuo com a educação e o desenvolvimento humano, sempre orientado pelos princípios éticos e pela busca de uma sociedade mais justa e equitativa.

Com a conclusão do curso de licenciatura em pedagogia, é importante celebrar essa conquista e, ao mesmo tempo, planejar os próximos passos para alavancar minha carreira. Portanto, buscarei oportunidades de emprego em escolas, instituições educacionais e almejo um concurso público, aplicando meus conhecimentos em diversos contextos. Além disso, investir em uma formação continuada e especializações, como cursos de pós-graduação ou mestrado, para aprimorar minhas habilidades e abrir novas perspectivas profissionais. Manter-me atualizado com as inovações pedagógicas e



participar de redes profissionais também são essenciais para fortalecer minha prática contribuindo de forma significativa para a educação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Flávia Monteiro; ALVES, Elaine Moreira; DA CRUZ, Monalise Pinto. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Eletrônica Perspectivas da Ciência e Tecnologia-ISSN: 1984-5693**, v. 1, n. 1, p. 31-40, 2009.

BANDEIRA, Ângela Aparecida Patrício. **A expansão da educação superior como política de inclusão social: estudo de caso da Universidade Federal do Ceará/Campus Sobral**. 2015.

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

CÓSSIO, Maria de Fátima. A nova gestão pública: alguns impactos nas políticas educacionais e na formação de professores. **Educação**, v. 41, n. 1, p. 66-73, 2018.

DE MELLO LOPES, Lucas Jose; JOSUÁ, Sarah Cavalcanti. Imposições patriarcais e subversões femininas na poesia de Diva Cunha. **A Margem-Revista Eletrônica de Ciências Humanas Letras e Artes**, v. 13, n. 2, p. 119-131, 2017.

DUQUE, José Guimarães. **O Nordeste e as lavouras xerófilas**. Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido (revisada). **Nova York: Continuum**, v. 356, p. 357-358, 1996.

LOPES, Rosa Maria Rodrigues; ALVES, Larissa da Silva Ferreira. O desenvolvimento do turismo no estado do Rio Grande do Norte a partir da ação pública. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, v. 9, n. 3, p. 143-172, 2015.

LEFEBRVE, Henri. **The production of space**. Basil Backwell, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia. **R. bras. Est. pedag**, p. 562-583, 2010.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil: atores e cenários ao longo da história**. Paco Editorial, 2017.



MARQUES, Alessandra Nunes. Direito humano fundamental à moradia digna. **Porto Alegre**, p. 1-28, 2018.

NÓVOA, António. História da educação: percursos de uma disciplina. **Análise Psicológica**, V. 14, P. 417-434, 1996.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. Madri: Siglo Veentiuno, 1969.

PIERUCCINI, Mariângela Alice; TSCHÁ, O. C.; IWAKE, Shiguero. Criação dos municípios e processos emancipatórios. **Estratégias de desenvolvimento regional: região Oeste do Paraná. Cascavel: Edunioeste**, p. 76-153, 2008.

PINHEIRO, Mariana de Vasconcelos. **Reprodução do capital e metamorfoses espaciais: um estudo da verticalização de Ponta Negra, Natal/RN**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea**, v. 1, p. 47-62, 2007.

SARTORI, Adriane Teresinha. O GÊNERO DISCURSIVO" MEMORIAL DE FORMAÇÃO". **Revista do SETA-ISSN 1981-9153**, v. 1, 2007.

SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. **A magia da linguagem**, v. 2, p. 49-73, 1999.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação; Realidade**, v. 44, n. 2, p. e88370, 2019.

VYGOTSKY, Lev S. O papel da brincadeira no desenvolvimento. **Educação infantil: Histórias e tradições**, p. 199-211, 1978.



MEMÓRIAS E CONQUISTAS DE UM SONHO ADORMECIDO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Edilma Maria de Lima
Ana Paula Leão Maia Fonseca

Neste capítulo profundamente inspirador, Edilma Maria de Lima nos revela as memórias de uma jornada marcada por desafios e superações. O título, “Memórias e Conquistas de um Sonho Adormecido”, reflete a essência de um percurso onde os sonhos, por muito tempo adormecidos, encontram, enfim, seu despertar. Com palavras que ecoam determinação e fé, Edilma compartilha o relato de sua formação em Pedagogia, um processo que não apenas a moldou como educadora, mas também como mulher, mãe e sonhadora.

Ao relembrar o caminho trilhado, Edilma nos leva a refletir sobre o poder transformador da educação, tanto em sua vida pessoal quanto profissional. Cada desafio encontrado, desde a alfabetização tardia até os primeiros passos como professora, foi superado com resiliência e paixão. **O sonho de ser professora, que um dia parecia distante, tornou-se sua maior conquista**, fruto de uma trajetória marcada pela coragem de continuar, mesmo quando o caminho se tornava árduo.

A narrativa de Edilma nos transporta para momentos de alegria e aprendizado, mas também de dificuldades e incertezas. Ela relembra como a vida, em sua simplicidade, foi sua maior professora, e como cada obstáculo enfrentado se transformou em uma lição valiosa. O curso de Pedagogia no Instituto de Formação Superior Presidente Kennedy foi o cenário onde esse sonho tomou forma, onde suas memórias ganharam novos contornos e suas conquistas se tornaram palpáveis.

Com uma linguagem sensível, Edilma celebra o poder do ensino, não apenas como uma profissão, mas como uma missão de vida. Ser professora é, para ela, mais do que ensinar conteúdos; é inspirar, transformar e plantar sementes de esperança em cada criança que cruza seu caminho. Através de seu relato, percebemos que o processo de



formação não se limita à sala de aula – é uma construção contínua, um aprendizado que se renova a cada dia.

Este capítulo também reflete sobre as memórias familiares, onde o apoio dos filhos e do companheiro foram fundamentais para que Edilma persistisse em sua busca pelo conhecimento. O amor e o incentivo da família se entrelaçam com sua jornada acadêmica, reforçando a importância das relações afetivas em cada conquista alcançada.

“Memórias e Conquistas de um Sonho Adormecido” é um relato de vitória, mas, sobretudo, de esperança. É a prova de que nunca é tarde para sonhar, nunca é tarde para conquistar. Edilma nos lembra que, por mais que o caminho seja longo e desafiador, a força de um sonho é capaz de transformar vidas, de acender novas luzes em meio à escuridão.

Este memorial de formação é mais do que um simples relato de uma graduação em Pedagogia. Ele é um tributo ao poder transformador da educação, à importância da perseverança e à beleza de acreditar em si mesmo. Que a história de Edilma Maria de Lima inspire outros a também acordarem seus sonhos adormecidos e a seguirem suas jornadas com coragem e determinação.

HISTÓRIA DE VIDA – ORA MENINA, ORA MULHER!

> Na vida, nós devemos ter raízes, e não âncoras. Raiz alimenta, âncora imobiliza. Quem tem âncoras vive apenas a nostalgia e não a saudade. Nostalgia é uma lembrança que dói, saudade é uma lembrança que alegra.
>
> Mário Sergio Cortella

Sou Edilma Maria de Lima. Nasci no dia 5 de janeiro de 1962, na maternidade Escola Januário Cicco, em Natal, Rio Grande do Norte. Filha de Francisco Meneses de Lima e Amália Rosa de Lima. Pai marceneiro, mãe do lar, ambos alfabetizados pela vida.

Quando nasci, não se sabia qual seria o sexo das crianças, e segundo relatos de minha irmã mais velha, Edna, o desejo da família era que viesse uma menina. Eu fui a sexta gestação entre os oito filhos que minha mãe teve, e como todos os cinco anteriores



foram meninos, fui muito desejada. Infelizmente, fiquei órfã de mãe aos dois anos de idade. Nessa época, morávamos no bairro do Alecrim.

Minha mãe faleceu muito jovem, aos 35 anos de vida, vítima de um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Não tenho nenhuma lembrança da fisionomia dela. Contam os vizinhos que éramos “meninos órfãos que faziam dó”. Recordo-me que fiquei separada dos meus irmãos até completar a idade adulta. Passei por várias famílias, tanto de parentes como de vizinhos. Em minha rua, como eu era uma menina pobre, brincava com os brinquedos dos outros. Especificamente recordo de uma amiga de infância, Solange Avelino (in memoriam), que me emprestava uma boneca que falava e cantava. Brincava de ser professora com as bonecas dela e de brincadeiras antigas como tica-tica, bambolê, garrafão, brincadeiras de roda, entre outras.

Vygotsky (1991, p. 10) afirma que o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois os processos de simbolização e de representação a levam ao pensamento abstrato. Vivi até meus 15 anos na casa de uma senhora, dona Liege Barbosa (*in memoriam*), que me deu a primeira educação familiar. Nesse lugar, cresci e aprendi a respeitar e valorizar o ser humano. É na família que conseguimos o apoio e o equilíbrio necessários para o desenvolvimento biológico, psicológico e emocional (Morrish, 1995).

Estudava no Instituto Ary Parreiras e praticava educação física no Clube Atlântico, no bairro do Alecrim. Antes de sair de casa, tinha a obrigação de cumprir com os afazeres domésticos, entre eles, deixar na geladeira dindins[14] para vender na porta da escola, no horário do intervalo, e aos sábados eu vendia bonecas de pano na feira do Alecrim. Não entendia o valor do dinheiro; o que importava era brincar com as bonecas que eu mesma fazia. Hoje compreendo que fui vítima de exploração infantil.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são assegurados à criança: o direito à vida e à saúde; o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; o direito à convivência familiar e comunitária; o direito à educação, à cultura ao esporte e ao lazer (Brasil, 1990).

[14] Dindin se refere a um tipo de picolé ou sorvete vendidos em saquinhos plásticos, comum em festas e eventos.



Ao completar 15 anos, recordo-me que fizeram uma festa de aniversário coletiva com doações de itens que eu estivesse precisando, porém a lista de presentes foi composta apenas por material escolar.

Aos 16 anos, fui morar com minha irmã mais velha em outro bairro de Natal, fato que dificultou minha ida à escola, pois eu dependia de ônibus e, sem condições financeiras, deixei de frequentar as aulas, o que resultou na minha reprovação.

No mesmo ano, fiquei órfã de pai, ainda morava com minha irmã mais velha. No dia da missa de sétimo dia, fui levada para morar com outra família, em uma casa próximo da escola, o que facilitou minha volta à rotina escolar.

Assumi os compromissos domésticos nessa nova morada. Eu era tímida, envergonhada e desnutrida, mas fui bem acolhida por essa família, até o momento em que eu construí a minha própria. Fui mãe solo de três filhos e posso afirmar que dei a eles aquilo que não tive: amor, afeto, carinho e, sobretudo, a oportunidade de eles terem, pelo menos, condições mínimas de frequentarem a escola. Tiveram direito de brincar, correr, de socializar com os colegas vizinhos de casa e da escola, como também de participar de eventos culturais no espaço escolar.

O brincar estimula o desenvolvimento cognitivo, social e motor e promove habilidades essenciais na linguagem, atenção, respeito e autoestima. O desenvolvimento da criança é assegurado pelos direitos de aprendizagem firmados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (Brasil, 2017).

Todos eles estudaram em escolas públicas, cresceram, constituíram suas famílias, me deram dois netos (que vieram para acrescentar ao amor que sinto pela minha família) e hoje são bem-sucedidos tanto na vida profissional quanto acadêmica. Percebo que o fato dos meus filhos terem feito ou estarem concluindo um curso superior pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), IFESP e Faculdade de Tecnologias e Ciências (FATECI) se deu muito pelo exemplo que viram em mim.



Assim, em meio às dificuldades que tive de criar meus filhos, por não ter tido um trabalho formal e ser mãe solo, conheci meu companheiro Janilson Braz, que me deu apoio constante e contribuiu muito na educação e formação dos meus filhos, sempre orientando e sendo muito presente em nossas vidas.

CAMINHADA ESTUDANTIL: ALFABETIZAÇÃO, ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO COM MAGISTÉRIO

Comecei a estudar aos 10 anos de idade na casa de uma professora, dona Jovelina, que me ensinou a ler e escrever na cartilha do ABC15. Em sua sala, tinham bancos e mesas de madeira acopladas e neles sentavam-se de três a quatro crianças. Nessa cartilha aprendi as letras do alfabeto de forma repetitiva, com base na memorização. Todos os dias estudávamos o mesmo conteúdo.

Tive algumas dificuldades, inclusive quando comecei a escrever meu próprio nome, assim como juntar as letras para formar palavras simples. Tomando como base os conhecimentos adquiridos no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, por meio do componente curricular ministrado pelo docente Lidemberg Rocha, compreendo o quanto é importante a alfabetização e o letramento, de modo a evitar que a criança seja uma mera repetidora de letras, mas, sim, que entenda o que leu.

> Magda Soares (2004, p. 2) afirma que a perspectiva psicogenética alterou a concepção do processo de construção da representação da língua escrita: a criança deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita, concepção presente nos métodos de alfabetização até então em uso, hoje designados “tradicionais”, e passa a ser um sujeito ativo.

Dessa forma, não fiz pré-escola e nem as duas primeiras séries do ensino primário. Em 1970, realizei um teste de nivelamento, estando apta para cursar a 3ª série do ensino primário. No meu histórico escolar, consta a observação de que fui amparada pela portaria 375/89, pareceres 010-89. Não há clareza sobre essa portaria e parecer. No Brasil, a Lei de Diretrizes Bases da Educação (Lei nº 692/71) aponta que era comum que as crianças

[15] Cartilha do ABC é um pequeno livro que orienta e apoia o aprendizado da leitura e da escrita, especialmente para crianças em fase inicial de alfabetização. A expressão refere-se as letras do alfabeto, simbolizando os primeiros passos na educação formal.



pulassem de série devido a diferentes motivos, como a flexibilidade do sistema educacional daquela época, a aceleração de estudantes com bom desempenho e a prática de permitir que alunos avançassem de série mesmo que não tivessem completado todas as matérias do ano anterior. Essa prática variava entre escolas e o sistema de ensino.

O meu primeiro contato com a escola da Educação básica foi em 1973, aos 11 anos de idade, literalmente fora de faixa. Fui direto para a 3ª série, na escola Instituto Ary Parreiras, no bairro do Alecrim, em Natal. Nessa época, as modalidades de ensino, conforme a LDB 4024, de 1961, dividia a educação básica em ensino primário e ginasial.

Ao entrar em uma sala de aula pela primeira vez, confesso que fiquei assustada. Eram muitos alunos sentados em filas, um atrás do outro; um ambiente muito rígido, controlado por uma professora bastante autoritária. Isso me impedia de me expressar e falar das minhas dificuldades. Meu conhecimento de leitura era pouco. Conseguia ler apenas palavras simples, por isso não consegui acompanhar a turma e, consequentemente, em 1974 repeti a 3ª série.

Em 1975, fiz a quarta série; em 1976, a quinta série. Quando reprovei, lembro que a professora era rígida, o ensino tinha uma abordagem tradicional. A pedagogia tradicional é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função é vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria (Brasil, 1997).

Eu me limitava a reproduzir e transcrever o que estava no livro didático. Recordo-me de um livro com textos longos e imagens em preto e branco. Na maioria das vezes, não entendia o que estava escrito. Apenas copiava.

Não havia diálogo entre alunos e professora. O que prevalecia era o que ela dizia. Ela falava pouco, tinha muita autoridade e a turma era obediente. Percebo o quanto essa metodologia de ensino autoritário me prejudicou durante minha vida escolar, pois me tornei insegura e tenho até hoje dificuldades para interpretar textos.

A Base Nacional Comum Curricular afirma que a Educação Básica Brasileira deve promover a formação e o desenvolvimento humano global dos alunos, para que



sejam capazes de contribuir numa sociedade mais justa, ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária (Brasil, 2018).

Refletindo sobre esse aspecto, penso que o professor precisa utilizar metodologias ativas, em vez de repassar um conhecimento tradicionalista, retrógrado e autoritário, pois isso não leva o estudante a desenvolver tais habilidades.

No entanto, mesmo com essa metodologia, foi no Instituto Ary Parreiras que exerci a prática das atividades físicas com brincadeiras de pular corda, jogar bola, esconde-esconde, pega-pega, entre outras. Assim, como sempre participei de eventos culturais em datas comemorativas. Em 1978 fiz a sexta série do ensino ginasial e todo esse percurso estudantil na mesma escola, no Instituto Ary Parreiras.

Porém, após concluir a sexta série, fiquei fora da escola durante 21 anos, para cuidar dos meus filhos. Assim, a sétima e oitava série do ensino fundamental conclui entre os anos de 1999 e 2000, na Escola Estadual Professor João Tibúrcio, também no bairro do Alecrim.

A Constituição de 1988 foi um marco para as políticas implementadas posteriormente no Brasil no decorrer das décadas de 1990 e 2000. Em seu Art. 211, a Constituição determina o papel da União, Estados, Distrito Federal e Municípios na educação do país:

> § 1º A União organizará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios. § 2o Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil (Brasil, 2016, p. 205).

Os Planos Nacionais de Educação, principalmente com a promulgação da LDB 9.394/96, trouxeram mudanças significativas para o ensino, como a ampliação do ensino fundamental para nove anos, a inserção das crianças de 6 anos, o aumento do acesso dessas crianças nos sistemas de ensino, tendo em vista que muitos não eram atendidos



por creches e pré-escola da rede pública. Considerando que ensinar vai além de ministrar um conteúdo, Freire (1996, p. 25) afirma que:

> Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula, devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido (Freire, 1996, p. 25).

Diante dessa reflexão, espero que minha prática pedagógica seja conduzida de modo a estimular o pensamento e a aprendizagem lúdica das crianças, por meio de jogos e brincadeiras, incentivando sua motivação pelo aprendizado. Essa abordagem foi vivenciada nos componentes curriculares Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Matemática I e II, ministrada pela professora Lorena Gadelha. Conforme Piaget (1970), o foco está em envolver a criança de maneira prática na resolução de problemas e no questionamento, proporcionando a elas a oportunidade de formular suas próprias perguntas e descobrir suas próprias respostas.

Em 2001, fiz o primeiro ano do ensino médio na Escola Estadual Professor Amphilóquio Câmara, situada no bairro do Alecrim. Porém, em 2002, repeti o primeiro ano, por desconhecimento de que poderia iniciar em outra escola no 2º ano. Assim, fiz o ensino médio completo, com a modalidade de Magistério, na Escola Estadual Professor Luiz Antônio, situada no bairro de Candelária, em Natal - RN.

Fazer esse curso me dava esperança de me tornar professora, um sonho alimentado desde criança. Durante três anos, fiz essa caminhada em busca desse objetivo. Foi um grande desafio. Minha trajetória no ensino médio me deixou insegura para apresentar trabalhos, de modo que ainda sinto muita dificuldade para me expressar em público, visto que durante o ensino fundamental não existiam esses tipos de atividades nem exigiam a habilidade de oratória, apenas trabalhos por escrito.



Durante o curso de Magistério, em 2004, realizei meu primeiro estágio como professora no Jardim Escola Tom e Jerry, acompanhando uma turma de alfabetização e auxiliando a professora titular, Edileusa Crispim. Foi um momento de grande alegria e emoção, onde pude sentir o prazer de estar em sala de aula, buscando meu sonho de ser professora.

No ano de 2010 fiz um cursinho preparatório no CDF para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), porém não alcancei a nota para aprovação. Meu companheiro, sabendo da minha vontade de ter uma formação no curso de pedagogia, pediu que eu procurasse uma instituição. Fiquei sabendo que no CDF da Cidade Alta tinha um polo da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA). Ao chegar lá, fui surpreendida com a informação de que o polo só disponibilizava três cursos: Geografia, História e Matemática. Para facilitar a minha jornada até a universidade, optei por cursar Licenciatura em História, e me formei em 2018. No entanto, percebi que não tinha vocação para ser professora de História. Continuei buscando realizar meu sonho de cursar Pedagogia, até que em 2020 cheguei ao IFESP. Os detalhes dessas memórias serão descritos posteriormente.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

> Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar.
>
> Paulo Freire

Até chegar a minha fase adulta, eu ainda não tinha entrado no mercado de trabalho formal. Todas as funções que exerci, desde criança até construir minha própria família, eram na informalidade. Como já relatei, fui mãe solo e precisava alimentar meus três filhos.

Fui lavadeira, faxineira, cuidadora de crianças, garçonete, feirante e muitas outras coisas. Meu único trabalho formal foi na indústria de calçados e artefatos de couro no Curtume João Mota, o qual fui obrigada a deixar para cuidar de minha filha, que nasceu cardiopata e com outras complicações, possivelmente pela exposição a produtos químicos



aos quais fui exposta durante a gravidez, e precisou muito de minha companhia e cuidados. Quando ela completou quatro anos, em 1992, foi estudar a pré-escola no Jardim Escola Tom e Jerry.

Comecei a trabalhar em 1992 nessa mesma escola, para dar suporte a minha filha. Exerci diferentes funções: de apoio logístico, como portaria, limpeza, mecanografia e serviços administrativos, todas na informalidade, sem ter a carteira de trabalho assinada. Após concluir o curso de magistério, comecei a ministrar aulas de reforço em minha residência. Por muitos anos me dediquei exclusivamente à maternidade, preocupando-me com a educação de meus filhos. Me dedicava em ajudá-los em seus estudos.

No final do ano de 2019, surgiu a oportunidade de me inscrever no processo seletivo para o curso de Pedagogia Fiquei sabendo da seleção por meio de uma colega que é professora da rede municipal de ensino, Sara Maria me falou que as inscrições estavam abertas e me enviou o *link*.

Costumo dizer que a divulgação desse processo seletivo, feita por meio do grupo de WhatsApp, realiza sonhos, pois, através dessa comunicação, estou realizando minha formação acadêmica em Pedagogia - Licenciatura. Ao sair o resultado desse processo, confesso que tive medo de olhar e não ver meu nome na lista de aprovados. Quem deu a notícia de que meu nome estava na relação de aprovados foi minha nora Danielle.

A pessoa que, desde o início do curso, estava sempre disposta a me ajudar nos meus trabalhos do curso, inclusive na elaboração de resumos, sínteses, seminários e outras atividades. Recordo-me que ao saber da notícia chorei muito, e de forma incontrolável, pois naquele momento iniciava o sonho de ser professora graduada pelo Kennedy.

Começou no ano de 2020 e com ele a maior das conquistas da minha vida. “O curso de Pedagogia” no qual me deu a oportunidade de fazer o estágio remunerado na Escola Municipal Monsenhor Joaquim Honório, situada no bairro do Alecrim, durante dois anos. Apesar de não ter nenhum direito trabalhista, serviu de experiência para minha carreira profissional.



Eu dava suporte a um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além da experiência profissional, descobri que a criança autista é capaz de aprender, desde que receba uma orientação adequada por meio de planejamento pedagógico individualizado de intervenção. O documento da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva aponta que:

> O princípio fundamental desta Linha de Ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicos ou culturais e crianças de outros grupos e zonas desfavorecidos ou marginalizados (Brasil, 2014, p. 17-18).

Percebi, em minha trajetória profissional, que o professor precisa estar comprometido com o aprendizado do aluno, estimulando-o a superar suas dificuldades, seja por problema hereditário, social ou familiar. A responsabilidade do professor, da escola, da família e do Estado é garantir que todos tenham as condições necessárias para aprender e se desenvolver numa sociedade que valoriza a inclusão.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

> Ninguém é tão ignorante que não tenha algo a ensinar; e ninguém é tão sábio que não tenha algo a aprender.
>
> Blaise Pascal

Iniciei minha trajetória acadêmica, como mencionado anteriormente, no início do ano de 2020, através de um processo seletivo para as pessoas que possuíssem o curso do magistério. No primeiro dia de aula, fui para a instituição feliz da vida, porém, muito receosa, com um misto de sentimentos – alegria, medo, dúvidas e muita curiosidade em ver como funcionava um ensino superior em Pedagogia.

> O saber é o instrumento que nos garantirá uma vida mais digna e nos proverá de um bem-estar essencial para a nossa felicidade. Até porque a arte do bem viver vai sendo adquirida, construída e solidificada ao



> longo do tempo e retocada, constantemente, pelos ensinamentos apreendidos (Chalita, 2005, p. 119).

O primeiro encontro entre docentes e discentes foi no auditório Nísia Floresta, sob a coordenação do professor Rafael Roseno. Em seguida, fomos direcionados para as salas de aula. Admito que o primeiro componente do curso me assustou: Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação I (FHFE I), ministrado pelo professor formador Márcio Fabrício.

Encontrei muitas dificuldades em entender a importância da filosofia para a educação. Senti aflição, uma tristeza, pois não sabia que a filosofia influenciava a educação. No segundo dia de aula, fomos informados sobre uma possível greve dos professores, o que resultou na suspensão das atividades escolares. Pouco depois, com o aumento dos casos da pandemia de covid-19, as aulas presenciais foram interrompidas e começamos a nos adaptar às aulas remotas. Tive muitas dificuldades com o uso da tecnologia, enfrentando medo, choro, desânimo e a barreira de não saber como utilizar essas ferramentas adequadamente.

Observando meu desespero, minha família começou a me ajudar gradualmente a usar o computador, o que foi desafiador devido à minha falta de conhecimento básico e às dificuldades de conexão. Isso prejudicava minha autonomia para assistir às aulas on-line e enviar ou receber documentos.

Hoje, com os conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia do IFESP, posso dizer com clareza que consigo usar essa ferramenta com uma maior facilidade. O componente TIC, Tecnologia da Informação e Comunicação, ministrado pelo docente Denilton Silveira, trouxe aprendizados significativos num tempo tão difícil como o que passamos durante a pandemia de covid-19.

A era digital apresentou novos desafios, como também nos deu oportunidades de usar vários recursos e mecanismos que facilitaram as relações de convivência e trabalho. Posso citar como exemplo o uso das redes sociais, que alcançam um altíssimo número de pessoas mundo afora.



Nunca houve tantas fontes de informações e recursos de aprendizagem quanto agora. Para a sala de aula, o cenário pandêmico afetou uma quantidade imensa de estudantes/escolas/docentes.

Os professores se reinventaram usando a tecnologia, através de aplicativos como, por exemplo, o Google Meet. Hoje é impossível pensar em desenvolvimento sem tecnologia. As tecnologias permitiram ao homem imperar sobre a informação, já que esta é parte integrante de qualquer atividade humana, seja ela individual ou coletiva (Silveira e Bazzo, 2009).

Podemos compreender a importância das tecnologias para o desenvolvimento humano, tendo em vista que ela é fundamental no processo de comunicação interpessoal e individual, processo esse que atinge níveis globais de informação, atuando de forma imperativa nas gerações passada, presente e principalmente nos anos que virão.

Hoje, reflito que não consigo viver sem essa ferramenta. Posso garantir que a tecnologia faz parte do meu dia a dia e sei que este memorial é escrito utilizando ferramentas digitais e da tecnologia, que será salvo em um drive virtual e em seguida será enviado por e-mail.

Outro componente que me chamou atenção foi Corporeidade e Educação, ministrado pela professora formadora e orientadora deste memorial Ana Paula Leão Maia Fonseca. Os encontros síncronos eram remotos, devido ao isolamento social imposto pela pandemia que estávamos vivendo. As aulas começavam com vivências que provocavam o nosso sentir e pensar, e eu sentia mesmo muita emoção.

Naquele primeiro dia de aula, foi incrível quando a professora fez um momento de relaxamento. De olhos fechados, colocando os pés dentro de uma bacia com água e pedrinhas, permiti que o relaxamento fluísse. Parecia que aquele momento tinha sido direcionado para mim, pois eu tinha acabado de tomar uma decisão precipitada que me trouxe muita angústia. A sensação de alívio proporcionado por essa vivência nesse dia de aula tomou conta do meu corpo e eu me senti leve e solta.



Sob o olhar autopoiético quanto ao sentir e pensar, é possível compreender a importância de nos autoconhecermos e de nos encaminharmos para encontrar nosso propósito na vida (Asmmann, 1995).

O autoconhecimento leva, ainda, a melhorar nossos limites e faz com que não nos envolvamos em conflitos. As emoções do sentir e pensar estão relacionadas em fluxo, como a energia que flui e promove a interação entre a mente, corpo e ação (Moraes, 2001).

Entendi que o corpo precisa ser vivido em todos os seus sentimentos, necessidades, limites e anseios, podendo ser entendido a partir de suas experiências vividas, nas relações consigo mesmo, com outros e com o mundo, podendo alcançar o equilíbrio entre o corpo e a mente. A mente não existe sem o corpo e o corpo não existe sem a mente. Mente e corpo coabitam e coexistem num mesmo ser. Corporeidade é corpo vivenciado. Visando levar o que entendi sobre o que li e vi, faz pensar em algo novo para minha carreira profissional que será como resgatar sonhos, encantamentos e as emoções da profissão, e pode ajudar a construir o futuro das pessoas e da sociedade.

Lembro-me bem da metáfora da teia de aranha, onde os saberes da vida estão ligados ao aprendizado, ressaltando a importância de estarmos juntos para compartilhar nossos conhecimentos e afetos. Isso favorece a liberdade de pensar e nos torna autores de nossa própria história e trajetória de vida. A metáfora valida a observação como um meio de reflexão sobre nossa formação. A teia coberta pelos fios representa o conhecimento, e é essencial entrelaçar-se, tornando-se fios capazes de ser elo de interligação entre os outros.

Outro componente que destaco é Educação e Sexualidade, ministrado pela docente Elisângela Cabral. Um componente curricular optativo que deveria ser obrigatório na grade curricular, assim como nas disciplinas das escolas, dada sua extrema importância. Este componente aborda orientações essenciais sobre prevenção, cuidados com a saúde do corpo, respeito à singularidade do outro e à sexualidade. Em face da triste realidade dos casos de abuso infantil, abordar a sexualidade nesta modalidade de ensino significa educar para a sexualidade, capacitando futuros professores e todos os envolvidos na escola (gestores, professores, estudantes, funcionários e familiares) a discernir,



reconhecer comportamentos inadequados, reagir e se proteger, assegurando o direito de dizer “não” e relatar incidentes ocorridos. Contudo, a eficácia da orientação e do esclarecimento sobre violência sexual depende de um diálogo aberto entre escola e famílias.

Hoje, compreendo que a maioria dos casos de abuso contra crianças e adolescentes acontece dentro de casa, cometidos por pessoas que nos passam confiança, podendo ser um tio, o padrasto, um vizinho.

Por fim, considerando o percurso durante o curso de Pedagogia - Licenciatura no IFESP, posso afirmar que os componentes que foram desenvolvidos trouxeram grandes aprendizados e contribuíram para minha formação docente e prática pedagógica, permitindo-me compreender o valor dessa profissão.

ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS

O Estágio Supervisionado cumpre a exigência da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96 (Parecer CNE/CES nº 518/98) nos cursos de formação de professores.

Diante da importância do estágio, onde colocamos em prática as teorias e aprendizados durante o curso, iremos destacar as experiências observadas em cada estágio obrigatório, os desafios e conquistas. Essa experiência é vista como uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal, contribuindo significativamente para um maior aprofundamento teórico-prático.

> O exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias. Assim, o médico, os dentistas necessitam desenvolver habilidades específicas para operar os instrumentos próprios de seu fazer. O professor também. No entanto, as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício desses profissionais (Pimenta, 2005, p. 99).



O Estágio Supervisionado, regulamentado pela lei 11.788, de setembro de 2008, permite aos futuros docentes refletam sobre seu papel como educadores na prática pedagógica e valoriza a vivência prática dos aprendizados.

É a partir da experiência do estágio que o discente pode consolidar seus saberes e questionar o que aprendeu. O estágio possibilita perceber como a prática educativa se desenvolve no cotidiano do ambiente escolar, através das suas observações e vivências na sala de aula.

Segundo Mafuani (2011), o Estágio Supervisionado baseia-se em um treinamento que possibilita aos estudantes vivenciarem o que aprenderam durante a graduação.

No curso de Pedagogia do IFESP, os Estágios Curriculares Supervisionados (ECS) são obrigatórios e divididos, a partir do 5º período, em quatro estágios: ECS I, na educação infantil; ECS II, no ensino fundamental anos iniciais; ECS III, na gestão escolar; e ECS IV, em espaços não escolares. Cada estágio tem três etapas: inserção; observação participativa e regência (ECS I e II); e intervenção (ECS III e IV).

Na primeira etapa, vamos reconhecer o campo de estágio, cumprir com as obrigações documentais da carta de apresentação e de aceite e observar, fora da sala de aula, toda a rotina da escola. A etapa da observação participativa é quando estamos dentro de uma sala de aula ou espaço não escolar para observar o trabalho do professor/supervisor de campo e poder, em seguida, sugerir uma proposta pedagógica de regência ou intervenção, que se concretizará, de fato, na última etapa.

Os estágios curriculares obrigatórios capacitam o discente para a função de lecionar, cumprindo seus objetivos de inserção no campo da prática educacional. Durante esses estágios, os alunos observam, conhecem e participam da dinâmica institucional, compreendendo as especificidades do cotidiano pedagógico e da docência nas etapas da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Isso permite a articulação dos diferentes saberes que integram a prática pedagógica.

O Estágio Curricular Supervisionado I, em Educação Infantil, orientado pelos docentes Nednaldo Dantas e Mariza Silva, foi realizado na Escola Municipal Monsenhor



Joaquim Honório, localizada no bairro do Alecrim, devido à acessibilidade e facilidade, por eu fazer o estágio remunerado no contraturno na mesma instituição.

No período de inserção do estágio, pudemos observar uma boa estrutura física da escola, com uma gestão comprometida com a educação e com a comunidade familiar. Analisamos o Projeto Político e Pedagógico da escola, onde constam as concepções pedagógicas adotadas pela equipe.

Durante a regência, na sala de aula com o Nível IV, desenvolvemos o projeto de acordo com o plano de aula da professora titular Andréa, que estava trabalhando com a temática do folclore brasileiro. Suas aulas eram dinâmicas e as teorias bem trabalhadas, com ludicidade.

Dessa forma, propusemos, em nossa regência, trabalhar parlendas, cantigas de roda, adivinhas e trava-línguas. Durante a semana, lemos com os estudantes algumas lendas, como as lendas do Boitatá, do Saci Pererê e da Iara. Fizemos atividades de escrita livre dos nomes das lendas, envolvendo desenhos, e tivemos um momento de interação social com eles. Confeccionamos juntos algumas dobraduras e fizemos muitas brincadeiras da cultura popular, como cantigas de roda, passa anel, bambolê, pula corda, amarelinha, biloca e cabra-cega.

Dessa maneira, foi possível exercitar a docência colocando em prática os objetivos do estágio, adquirindo experiência prática além da teoria. O estágio foi de suma importância, pois a experiência vivida na escola nos impulsionou a desenvolver formas de abordagem e mediação que facilitaram a transmissão do conhecimento.

O Estágio Curricular Supervisionado II, realizado também na Escola Municipal Monsenhor Joaquim Honório, teve como orientadores os professores Nednaldo Dantas e Dayanne Chianca. Durante esse período, pude me integrar na instituição, observando, conhecendo e participando da dinâmica institucional, das especificidades do cotidiano pedagógico e da docência nos anos iniciais do ensino fundamental. Foi uma oportunidade de articular os diferentes saberes que compõem a prática pedagógica.



Fiz a etapa de observação participativa e regência em uma turma do 4° ano do turno vespertino, sob a supervisão da professora Kaline Bezerra. Durante esse período, participei do Projeto Centopeia, de estímulo à leitura, que estava em desenvolvimento. O projeto buscava proporcionar uma experiência agradável através da leitura, pois o ato de ler abre novas perspectivas para a criança, permitindo que ela se posicione criticamente diante da realidade. Além disso, o projeto visava desenvolver habilidades que são fundamentais para a formação de bons leitores e escritores.

Durante minha vivência em sala de aula, na etapa da observação, pude identificar a dificuldade de algumas crianças na concentração para leitura e escrita. Sendo assim, desenvolvi uma atividade que contribuiu para minimizar essas dificuldades e foi aceito como uma das fases do projeto. Por ter participado do desenvolvimento do Projeto Centopeia, posso afirmar que ele apresentou resultados significativos, contribuindo para que muitos alunos se tornassem leitores e escritores. No entanto, observei que nem todos os estudantes conseguiram acompanhar e desenvolver os processos de leitura e escrita. Ao final, avalio que meu estágio foi muito gratificante, pois meu objetivo sempre foi aprender e exercer uma prática educativa permeada pelo desejo de mudança e transformação, sendo significativa para todas as crianças envolvidas.

O Estágio Curricular Supervisionado lIl, em Gestão Escolar, sob a orientação das docentes Claudete Ferreira e Ellen Doris, foi realizado na mesma escola dos estágios anteriores: Escola Municipal Monsenhor Joaquim Honório. Esse estágio me possibilitou compreender que a escola vai além da dimensão pedagógica e compreende também as dimensões administrativa e financeira. Foi desenvolvido de forma prazerosa, pois a instituição trabalhava baseada em projetos que abriam espaços para toda a comunidade escolar.

Diante da observação participativa, identificamos muitos acidentes que ocorriam durante o intervalo devido à falta de opções de jogos e brincadeiras para os estudantes. Pensando nisso, desenvolvemos um plano de ação para fortalecer o trabalho em equipe e promover um maior entrosamento entre os estudantes. Nosso objetivo era proporcionar mais liberdade de escolha e oferecer diversas opções de jogos para que pudessem se



movimentar e interagir de forma lúdica durante o intervalo, visando assim reduzir a incidência de acidentes.

Assim, o ECS III me proporcionou conhecer o papel do pedagogo na gestão escolar, onde fui bem acolhida e passei a entender na prática que o trabalho pedagógico precisa de um planejamento coletivo e organizado, além de me oportunizar a possibilidade de vivenciar e problematizar os aspectos da profissão docente. Pimenta (2009) aponta que a fase de observação na gestão escolar servirá para o estagiário sentir de perto a estrutura, a organização e o funcionamento da unidade escolar, observando atentamente, por meio das ações da equipe gestora, seus hábitos, sua cultura e sua rotina. Nesse sentido, o estágio na gestão escolar abre o caminho para o conhecimento e reforça o pensamento científico, crítico e criativo.

O Estágio Curricular Supervisionado lV, em espaço não escolar, sob a orientação das docentes Denise Caballero e Rozicleide Bezerra, foi realizado em dupla com minha colega Iara Lúcia. Diante dos espaços possíveis, optamos por realizar nosso estágio na Biblioteca Virgílio Urbano de Araújo, localizada na Avenida Duque de Caxias, no bairro das Rocas, em Natal, sob a supervisão da gestora pedagoga Jeana Magalhães Oliveira. A biblioteca é de responsabilidade do Serviço Social da Indústria (SESI) e, por isso, qualquer projeto que acontece dentro da instituição é denominado de “Indústria do Conhecimento”, promovido pela Federação das Indústrias (FIERN) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME).

> Faz-se necessário que os acadêmicos vivenciem os estágios supervisionados em todos os campos possíveis de atuação em sua área de formação, para que possam perceber, diante da prática, as atribuições do pedagogo fora do contexto escolar (Santos; Menezes, 2016, p. 74).

Nesse sentido, o estágio em espaço não escolar nos possibilitou entender quão importante é vivenciar a prática nesses ambientes, permitindo aos futuros pedagogos alinhar os conhecimentos teóricos à prática educativa, favorecendo a nossa compreensão acerca da importância do profissional pedagogo em diferentes espaços de aprendizagem.

Diante da observação realizada, identificamos a necessidade de criar um ambiente propício à leitura que fosse mais motivador para o público local do bairro das Rocas.



Nosso objetivo era oferecer um espaço na biblioteca que possibilitasse o acesso a diferentes gêneros textuais, incentivando a socialização, a cultura e a aprendizagem entre os frequentadores. Com base nessa percepção, desenvolvemos um plano de intervenção para estabelecer um espaço literário na biblioteca que fosse acolhedor e inspirador.

Para isso, incentivamos a doação de livros de diversos gêneros textuais, como contos, poesias, fábulas e clássicos da literatura, além de gibis. Organizamos o espaço com uma decoração adequada às nossas propostas e utilizamos os livros recebidos através de doações, bem como os livros que estavam em desuso e foram disponibilizados pelo Serviço Social da Indústria (SESI) e pela Secretaria Municipal de Educação (SME) do Município de Natal RN.

Nosso objetivo era tornar o cantinho literário um ambiente prazeroso para o desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes, pois, conforme Montessori (2017) afirma, “a tarefa do professor é preparar motivações para atividades culturais, num ambiente organizado”.

Nesse estágio, adquiri um conhecimento que espero um dia poder aplicar na prática. O estágio em espaços não escolares me mostrou que a educação vai além do espaço delimitado fora de uma sala de aula. Percebo, com isso, que o papel do pedagogo é muito amplo e diversificado, permitindo contribuir de várias formas na execução de atividades, organização, planejamento e ser um elo de apoio para a comunidade.

Diante disso, Frison (2006) pontua que o trabalho do pedagogo nos espaços não escolares, no mundo contemporâneo, parte de pressupostos mais exigentes e complexos do que os das décadas passadas, pois demanda outras ações, embasadas em outro paradigma, uma vez que esses ambientes educativos se encontram sob forte pressão, exigem respostas alternativas e rápidas e privilegiam a lógica da aprendizagem autorregulada.

Portanto, as etapas vivenciadas nos estágios obrigatórios do curso me fizeram entender a importância de alinhar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso de Pedagogia - Licenciatura do IFESP com a prática educativa, fazendo com que eu



compreendesse a importância do profissional pedagogo em diversas modalidades de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Deixo aqui meu lamento, do tempo que já passou. Ainda assim eu agradeço, tudo isso me moldou.
>
> Edilma Maria

Escrever este memorial foi como revisitar o passado e vivenciá-lo novamente no presente, realizando sonhos que estavam adormecidos há muito tempo. Neste documento, trago a narrativa da minha vida escolar desde o ensino primário até o ensino superior. Na minha infância, o ensino era tradicional e baseado na memorização, o que me trouxe muitas dificuldades para aprender a ler e escrever. Hoje em dia, as escolas estão focadas em educar para formar alunos críticos, reflexivos, competentes e capazes de buscar soluções para o seu próprio desenvolvimento.

Com muita luta e superação, consegui realizar o tão almejado sonho de me formar em Pedagogia - Licenciatura. Sinto-me segura com os conhecimentos adquiridos durante o curso. Diante do aprendizado proporcionado pelos seus componentes curriculares, pretendo continuar aprimorando meus saberes de aprendizagem e valorizar minha jornada profissional, educativa e pessoal.

O IFESP me deu a oportunidade de deixar por escrito a história de minha vida, desde a infância, passando pela adolescência e a fase adulta, até os dias atuais. Sinto um orgulho imenso dessa instituição e de seus excelentes docentes. Guardarei com saudades as aprendizagens, os momentos de risos, as amizades, as emoções e os trabalhos em grupo com os colegas de turma.

Concluindo, pretendo continuar buscando novos objetivos e sonhos, continuando a me formar e me autoformar. Buscarei refletir e aprimorar meus conhecimentos, seguindo minha carreira acadêmica e profissional. Espero que isso ressignifique minha jornada e crie novas memórias na minha formação docente e prática pedagógica.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a base**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 2024

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Formação Social e Pessoal. Brasília: MEC/SEB, 2024, v. 2.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, 05 dez. 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf. Acesso em: 19 jun. 2024.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **Autorregulação da aprendizagem**: atuação do pedagogo em espaços não-escolares. 2006. 342 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário**. Instituto de Ensino Superior de Bauru. 2011.

MONTESSORI, Maria. **A descoberta da criança**: pedagogia científica. Kíria, 2017.

MORAES, M. C. **Sentipensar sob o olhar autopoiético** – estratégias para reencantar a educação. São Paulo: PUC, 2001.

MORRISH, Ivan. **Sociologia da educação**: uma introdução. 2. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1971.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memoriais de formação**: processos de autoria e de (re)construção identitária. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In Anais eletrônicos da III Conferência de Pesquisa Sociocultural, julho de 2001.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

PIMENTA, S.; FUSARI, J.; ALMEIDA, M. I. **Cadernos de Formação**: Projeto Professor de 1ª a 4ª série - Alfabetização. São Paulo: APEOESP, 2005.



PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio**: diferentes concepções. In. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PRADO, Guilherme do Val; TOLEDO, Rosaura Soligo. **Memorial de formação**: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme, 2005.

SANTOS, Willian Lima; MENEZES, Eliana de Jesus. Estágio Supervisionado em espaços não escolares: (im)possibilidades na formação inicial do pedagogo. **Revista Científica da FASETE**, 2016.

SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. Ciência, tecnologia e suas relações sociais: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica. **Ciência; Educação**, v. 15, n. 3, p. 681-694, 2009.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, abr. 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Interação entre aprendizado e desenvolvimento**. In: A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Orgs. M. Cole et al. Trad. J. Cipolla Neto. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



MEMORIAL DE FORMAÇÃO: UM ENCONTRO DO PASSADO COM O PRESENTE NA PERSPECTIVA DO FUTURO

Iara Lúcia Barbosa Santos do Nascimento
Nednaldo Dantas dos Santos

Em “Memorial de Formação: Um Encontro do Passado com o Presente na Perspectiva do Futuro”, Iara Lúcia Barbosa Santos do Nascimento nos guia por uma narrativa emocionante, onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam, formando um mosaico de memórias, lutas e conquistas. Este capítulo, poético e profundamente reflexivo, apresenta o relato de uma jornada única: a formação de uma professora da educação básica que transforma desafios em passos firmes rumo à realização.

Desde os primeiros passos na infância até os desafios enfrentados na vida acadêmica e profissional, Iara revela como cada experiência, por mais difícil que fosse, contribuiu para a construção de sua identidade como educadora. O passado é um lugar de resgate, onde memórias afetivas moldaram o desejo de ensinar e fazer a diferença na vida das crianças. Os anos de infância, cheios de simplicidade e aprendizado, prepararam o terreno para que Iara pudesse florescer em meio às dificuldades.

O presente, por sua vez, reflete um período de amadurecimento e descoberta. A formação em Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy trouxe a ela uma nova perspectiva, não apenas sobre a educação, mas sobre a própria vida. A formação acadêmica de Iara é vista como um encontro profundo com o conhecimento, com os mestres que a inspiraram e com os desafios que, longe de desanimá-la, a impulsionaram para seguir em frente. O relato de sua jornada no ensino superior é marcado por superações, como a adaptação ao ensino remoto durante a pandemia e a luta para conciliar a vida familiar com os estudos. Cada obstáculo foi vencido com resiliência, e cada conquista representa um passo adiante na construção de sua identidade profissional.



E o futuro? O futuro é uma promessa de continuidade, de transformação. A educação é o caminho que Iara escolheu para moldar o amanhã, não apenas para si mesma, mas para as gerações que ela terá a honra de ensinar. Seu relato não é apenas sobre a formação acadêmica, mas sobre o compromisso de construir um mundo mais justo e equitativo, onde a educação é a chave para a transformação social. Iara entende que sua missão como professora vai além de ensinar conteúdos; é também plantar sementes de esperança e proporcionar ferramentas para que seus alunos construam suas próprias histórias de superação e sucesso.

Em cada linha deste memorial, sentimos a paixão de Iara pela educação. Ela é, ao mesmo tempo, aluna e professora, aprendiz e mestra, e sua história é uma inspiração para todos que acreditam no poder transformador do ensino. O passado a moldou, o presente a fortalece, e o futuro a espera, cheio de possibilidades.

Este memorial de formação é mais do que um relato autobiográfico; é uma ode à educação, uma celebração do papel fundamental que o professor desempenha na construção de uma sociedade mais justa. Ao compartilhar sua trajetória, Iara nos convida a refletir sobre nossos próprios encontros com o passado, o presente e o futuro, e a acreditar que, por meio da educação, podemos não apenas mudar nossas próprias vidas, mas também o mundo ao nosso redor.

INFÂNCIA: UM RESGATE DAS MEMÓRIAS AFETIVAS

O resgate das memórias afetivas desempenha um papel fundamental na formação da identidade e na compreensão do percurso de vida dos indivíduos. A memória coletiva é essencial para a construção das identidades individuais e sociais, pois é através dela que os sujeitos se reconhecem e se posicionam no mundo (Soligo; Prado, 2005).

As memórias afetivas, carregadas de significados pessoais e emocionais, permitem uma conexão profunda com o passado, proporcionando um entendimento mais abrangente das experiências vividas. Essas lembranças não são meramente registros passivos do que aconteceu, mas sim reconstruções ativas que influenciam a forma como



interpretamos nossa história e moldamos nossas expectativas para o futuro (Passeggi, 2011). Além disso, o resgate dessas memórias pode servir como um poderoso instrumento de formação pessoal e profissional. Segundo Bosi (2003), ao revisitar e refletir sobre nossas experiências passadas, desenvolvemos uma compreensão mais crítica e contextualizada de nossa trajetória. Esse processo de rememoração pode revelar padrões de comportamento, valores e crenças que orientaram nossas escolhas e que podem ser ajustados para enfrentar novos desafios.

Diante disso, essa seção busca apresentar e refletir o reencontro com as memórias de minha infância e adolescência. Esse reencontro de memorias e vivências surgem dos relatos sobre meus país, Sebastião Barbosa dos Santos e Laura Maria Fonseca dos Santos, que se conheceram na cidade de Carnaubais, localizada na região norte do Estado do Rio Grande do Norte, em um período em que a principal fonte de sobrevivência na região era a agricultura. Casaram-se, tiveram os três primeiros filhos e, devido às difíceis condições, meu pai resolveu tentar a vida na cidade grande, a capital do estado, Natal.

A migração de agricultores do interior do estado do Rio Grande do Norte para a capital, Natal, antes da década de oitenta, foi um fenômeno significativo que refletiu as dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelas comunidades rurais e a busca por melhores condições de vida e oportunidades de sobrevivência. Este movimento migratório, motivado pela escassez de recursos, falta de infraestrutura e precariedade das condições de trabalho no campo, levou a uma urbanização acelerada e ao crescimento desordenado das periferias urbanas (Matos; Baeninger, 2009). A transição do ambiente rural para o urbano impôs novos desafios aos migrantes, que precisaram se adaptar a uma realidade distinta, marcada pela competitividade no mercado de trabalho e pelas demandas do espaço urbano (Cunha, 2005). Além disso, essa migração teve um impacto profundo na formação de identidades e na reconfiguração das dinâmicas familiares e comunitárias, pois muitos agricultores passaram a valorizar a educação como um meio de ascensão social e de garantia de um futuro melhor para seus filhos (Freire, 1996). A adaptação às novas condições de vida urbana exigiu a aquisição de novas habilidades e



conhecimentos, integrando a vida rural anterior com a necessidade de formação contínua e de desenvolvimento pessoal e profissional na cidade (Gomes, 2001).

Chegando à capital do Rio Grande do Norte, Natal, inicialmente, meus pais moraram na casa do meu avô Zuza e, depois, conseguimos uma casa de aluguel no histórico bairro das Quintas, onde meu pai começou a exercer a profissão que levaria por toda sua vida: ser feirante. Anos depois, no dia 25 de março de 1965, na Maternidade Escola Januário Cicco, nasci eu, Iara Lúcia Barbosa dos Santos, a filha mais nova entre as cinco mulheres que constituíam a grande família de dez filhos de Sebastião, feirante, e Laura, dona de casa, ambos analfabetos.

O analfabetismo de adultos na década de sessenta no Rio Grande do Norte refletia as profundas desigualdades socioeconômicas e a carência de políticas públicas efetivas voltadas para a educação, destacando a inter-relação entre vida e formação. Naquele período, a taxa de analfabetismo no estado era alarmante, impactando negativamente o desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos e limitando suas oportunidades de participação plena na sociedade (De Souza et al., 2023).

A falta de acesso à educação básica contribuiu para a perpetuação de um ciclo de pobreza, já que adultos analfabetos encontravam dificuldades para obter empregos mais bem remunerados e para se adaptarem às demandas de um mundo em rápida transformação (Freire, 1974). Iniciativas como o Movimento de Educação de Base (MEB), apoiadas pela Igreja Católica e por organizações civis, buscaram mitigar esse problema, promovendo campanhas de alfabetização que visavam não apenas ensinar a ler e escrever, mas também conscientizar os indivíduos sobre seus direitos e deveres cidadãos. A abordagem freireana de educação popular, que emergiu nesse contexto, enfatizou a importância de uma pedagogia crítica e dialogada, onde o processo educativo seria um meio de emancipação e transformação social (Freire, 1987). Portanto, o combate ao analfabetismo na década de sessenta no Rio Grande do Norte não apenas evidenciou a urgência de políticas educacionais inclusivas, mas também destacou o papel fundamental da educação na construção de uma sociedade mais justa e equitativa, integrando vida e formação de maneira indissociável.



Esse contexto social e político não reduziu o cuidado presente no amor e união em nossa família. Esse amor estava presente no cuidado das irmãs mais velhas, Luiza e Edilza, que ajudavam minha mãe com os mais novos, tentando fazer a nossa vida o melhor possível, e do meu irmão mais velho, Antônio, que trabalhava com meu pai na feira para ajudar nas despesas de casa.

O ambiente familiar, permeado por experiências de solidariedade, resiliência e aprendizado coletivo, serviu como um alicerce crucial para minha formação. Através das memórias afetivas, consegui transformar desafios em oportunidades, desenvolvendo competências essenciais para o exercício da docência e compreendendo o papel transformador da educação na vida das pessoas.

Em meio às memorias de minha infância, é possível recordar as brincadeiras com as bonecas de pano feitas pela minha irmã Edilza que, tão jovem, já sabia costurar, e das brincadeiras com meu irmão "Quinho" de correria pelo quintal de casa, sujando-me toda de areia e sendo advertida pela minha mãe, que se preocupava com a possibilidade de eu adoecer novamente, já que minha saúde sempre foi muito frágil.

A influência do brincar no desenvolvimento da criança é fundamental, especialmente em contextos em que há ausência de estrutura e recursos, atuando como um poderoso instrumento que relaciona a vida cotidiana com a formação integral do indivíduo. Estudos demonstram que o ato de brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, facilitando a aprendizagem de habilidades cruciais como a resolução de problemas, a criatividade e a interação social (Vygotsky, 1978).

Em ambientes desfavorecidos, onde os recursos materiais e as oportunidades estruturadas são limitados, o brincar assume um papel ainda mais vital. As crianças utilizam sua imaginação para transformar objetos comuns em brinquedos e criar mundos fictícios, promovendo resiliência e adaptabilidade (Gonçalves, 2017). Além disso, o brincar espontâneo em espaços comunitários reforça os laços sociais e a coesão comunitária, proporcionando um sentido de pertencimento e segurança. A falta de brinquedos comerciais ou espaços especialmente designados para o brincar não impede



que as crianças desenvolvam competências importantes; pelo contrário, incentiva a criatividade e a inovação.

Assim, brincando, fui compreendendo que o mundo adulto não era brincadeira. Meu pai, sempre muito rude e autoritário, também nos fazia entender isso. Na presença dele, nunca podíamos ser simplesmente crianças, pois tivemos uma educação rígida, com a qual ele nos ensinava valores morais severos, suavizados pela docilidade da minha mãe, que sempre nos defendia, nos protegia e nos permitia ser crianças. Assim foi minha primeira infância, cercada por muitos irmãos, pela rigidez do meu pai, os cuidados da minha mãe e a alegria inocente de ser feliz, mesmo enfrentando dificuldades comuns à minha família naquele tempo. Esse ambiente influenciou diretamente minha percepção sobre a educação e o papel do professor. A infância, marcada por desafios e superações, moldou minha visão sobre a importância do afeto e da memória no processo educativo, destacando-se como um pilar fundamental na minha decisão de seguir a carreira docente e contribuir para a construção de um futuro mais justo e solidário através da educação.

A FORMAÇÃO ESCOLAR: RECORDAR, NARRAR E REFLETIR

A formação escolar é um processo complexo e multifacetado que vai além da simples mediação de conhecimento acadêmico, integrando memórias, narrativas e reflexões como instrumentos essenciais para relacionar a vida e a formação dos indivíduos. Ao recordar experiências passadas, os estudantes conseguem contextualizar seu aprendizado dentro de suas trajetórias pessoais, proporcionando um entendimento mais profundo e significativo do conhecimento adquirido. Como aponta Freire (1996, p. 23), “a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” A memória, ao ser evocada no contexto escolar, não só facilita a aprendizagem, mas também permite que os estudantes se reconheçam em suas histórias, tornando o processo educacional mais relevante e conectado com suas realidades.

Narrar essas memórias, por sua vez, é um ato poderoso que consolida a identidade do estudante e promove a construção de um conhecimento mais sólido e contextualizado. A reflexão sobre essas narrativas permite que tanto educandos quanto educadores



compreendam melhor as interações entre suas vidas e a formação acadêmica, destacando a importância da experiência pessoal no desenvolvimento intelectual e emocional. A experiência pessoal e a profissional se interpenetram, constituindo um todo indissociável no processo formativo dos indivíduos. O ato de recordar, narrar e refletir não são apenas atividades complementares à formação escolar, mas são fundamentais para a construção de uma educação que realmente transforma vidas e prepara indivíduos para atuarem de maneira crítica e consciente na sociedade (Tardif, 2002).

Com base nisso, essa seção busca refletir as vivências no processo de formação escolar nos espaços formais e não formais. Nessa perspectiva, ao resgatar as memórias mais distantes de minha primeira infância, recordo minha irmã Luiza, que sonhava em ser professora e cursava Magistério no Instituto Kennedy. Ela ministrava aulas de reforço para as crianças da vizinhança e eu, junto com meus irmãos mais novos, observávamos suas aulas, já que não frequentávamos escolas.

A ausência de escolas de educação infantil até o ano de 1996, no Brasil, teve um impacto negativo significativo no desenvolvimento das crianças, especialmente em contextos de ausência de estrutura e recursos, destacando a inter-relação entre vida e formação. Até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, que passou a reconhecer a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, muitas crianças ficaram sem acesso a um ambiente educativo formal durante seus primeiros anos de vida (Brasil, 1996). Esse déficit educativo afetou o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, pois a educação infantil é crucial para a formação de habilidades fundamentais, como a linguagem, o pensamento crítico e a socialização (Cunha, 2006).

Em contextos de carência de recursos, a ausência de instituições de educação infantil exacerbou as desigualdades, uma vez que famílias de baixa renda não tinham meios para proporcionar estímulos adequados em casa, dependendo muitas vezes de formas improvisadas de cuidado e aprendizado. A falta de acesso a uma educação infantil de qualidade também influenciou negativamente a preparação das crianças para o ensino fundamental, resultando em dificuldades de aprendizagem e maior probabilidade de



repetência e evasão escolar (Saraiva Mendonça, 2009). Assim, a implementação tardia de escolas de educação infantil evidenciou a necessidade urgente de políticas públicas que garantam uma formação inicial inclusiva e equitativa, fundamental para o desenvolvimento integral e a redução das desigualdades sociais.

A ausência de um espaço formal, garantido por regulamentação pública, não impediu que fosse inserida no mundo do aprendizado formal. O desejo e curiosidade que apresentei, acompanhando as atividades de ensino de minha irmã, garantiram que eu fosse alfabetizada por meio de uma experiência lúdica em espaço informal de aprendizagem. Essas experiências de descoberta das letras e seu sentindo aumentaram o meu desejo de ir para a escola. Após alguns diálogos com minha mãe, e com a chegada da idade prevista para o ingresso na primeira série do ensino fundamental, finalmente fui matriculada em uma escola em Natal/RN.

É importante destacar, que na fase de minha infância, a idade mínima para ingresso no ensino fundamental no Brasil era de sete anos, um marco que refletia as diretrizes educacionais da época e influenciava diretamente a formação das crianças, especialmente em contextos socioeconômicos diversos. A legislação da época, anterior à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, estabelecia essa idade de corte com base na maturidade cognitiva e emocional presumida para a aprendizagem formal (Brasil, 1971). No entanto, essa prática desconsiderava as variações individuais no desenvolvimento infantil e as diferenças nas oportunidades de estímulo pré-escolar, particularmente para crianças de famílias de baixa renda, que frequentemente não tinham acesso a creches ou pré-escolas (Didonet, 2001).

A pesquisa indica que a educação precoce e o ingresso mais cedo no sistema escolar podem beneficiar o desenvolvimento cognitivo e social, proporcionando uma base mais sólida para o aprendizado subsequente (Cunha et al., 2006). A política de ingresso aos sete anos, portanto, perpetuava desigualdades, pois crianças de contextos mais favorecidos, que tinham acesso a recursos educacionais desde cedo, estavam mais bem preparadas para o ensino formal do que aquelas de contextos desfavorecidos.



Meu ingresso na primeira série do ensino fundamental, na Escola de 1º Grau Mário Lira, em Natal/RN, foi um momento marcante em meu processo escolar e foi marcado por muitas emoções. Lembro claramente da minha primeira professora, Dona Miriam, uma mulher paciente e carinhosa que nos ensinava com dedicação. Mesmo num sistema educacional tradicional, que Freire (1996) descreve como “educação bancária”, na qual o estudante é visto como uma “tábula rasa”, consegui prosperar, iniciando minha alfabetização com minha irmã Luiza. A memória das outras crianças, aterrorizadas pela rigidez do método, contrasta com minha experiência relativamente tranquila de leitura e aprendizado.

Na segunda série, a professora Maria José, com seu método lúdico e interativo, fez grande diferença. Ela aplicava práticas educativas que hoje reconheço como fundamentais para o desenvolvimento integral da criança, alinhadas ao direito constitucional de brincar, estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente Brasil, 1990). Suas aulas exploravam o lúdico, promovendo interação e novas experiências, proporcionando uma educação prazerosa e significativa (Gaspar; De Castro Monteiro, 2005). Contudo, na terceira série, enfrentei a dureza da professora Vitória, que utilizava à palmatória como método disciplinar. Essas memórias refletem uma época de transição na educação brasileira, marcada por práticas punitivas que, segundo Aragão (2012), simbolizavam poder e hierarquia, contrastando com os métodos afetivos e lúdicos que começavam a ganhar espaço.

Esse período formativo, tanto no ambiente familiar quanto escolar, foi crucial para moldar minha visão sobre a educação e meu papel como professora. As experiências positivas, como o incentivo ao aprendizado dado por minha irmã Luiza e o método acolhedor de Maria José, contrastaram com as práticas punitivas de Vitória, permitindo-me refletir sobre que tipo de educadora eu queria ser. Compreendi, através de minha formação em Pedagogia, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, que práticas autoritárias sufocam a liberdade e causam traumas, enquanto métodos que valorizam a interação e o afeto, como defendido por Vygotsky e Freire, promovem um ambiente de aprendizado saudável e efetivo. Assim, minhas experiências na infância e na



escola, situadas no contexto social, político e cultural da região, foram fundamentais para minha formação como professora, orientando-me a buscar uma educação transformadora e humanizadora.

ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE: PRINCÍPIO E MEIO DA FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

A jornada profissional no campo da docência representa o despertar de um compromisso profundo com a educação e o desenvolvimento humano, especialmente para aqueles que escolheram o campo da Educação. O processo formativo para atuação na área da educação requer uma formação teórica robusta e uma imersão prática essencial para a construção de um educador competente e reflexivo. Segundo Libâneo (2010), "a formação do educador deve ser compreendida como um processo contínuo de desenvolvimento profissional e pessoal". Através dos componentes curriculares oferecidos nos cursos de formação de professores, os futuros docentes são desafiados a refletir criticamente sobre as teorias educacionais e a aplicá-las em contextos reais, promovendo uma educação inclusiva e de qualidade. As práticas pedagógicas vivenciadas durante os estágios supervisionados e projetos de pesquisa são fundamentais para desenvolver habilidades que vão além do conteúdo acadêmico, incluindo a capacidade de adaptação, inovação e resolução de problemas no ambiente escolar.

O curso de formação técnica no campo educacional, Magistério, tem uma proposta que busca que os estudantes desenvolvam uma visão crítica e transformadora da educação, reconhecendo seu papel como agentes de mudança na sociedade. A interação com colegas, professores e a comunidade escolar enriquece essa formação, proporcionando uma compreensão mais ampla dos desafios e oportunidades no campo educacional. Dessa forma, a jornada docente não é apenas uma carreira, mas um chamado para contribuir ativamente para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde a educação é vista como um instrumento fundamental para o desenvolvimento humano e social.



Diante disso, essa seção busca apresentar e refletir o reencontro com as memórias do Ensino Profissionalizante. Esse reencontro ocorrerá com a conclusão do meu curso ginasial. Foi um processo de descobertas, no campo profissional, e com o apoio de minha irmã Luiza os passos seguintes puderam ocorrer com uma maior tranquilidade. Assim, iniciei minha jornada em busca do Magistério. Sem emprego, precisava estudar perto de casa para economizar com transporte. Infelizmente, na minha vizinhança não havia escolas que ofertassem o curso de formação de professores. Em 1983, contrariada, comecei o curso científico na Escola Estadual Antônio Fagundes, localizada no Bairro Potengi, próximo à minha residência. No entanto, fiquei atenta à construção de uma nova escola nas proximidades, que prometia oferecer o tão desejado curso de Magistério. No ano seguinte, com a inauguração da Escola Estadual Professor Varela Barca, pude, com muita alegria, me matricular no curso de Magistério e iniciar minha formação para ser professora.

A criação de cursos de magistério em Natal, RN, na década de oitenta, representou um marco significativo na formação de professores e na valorização da educação, destacando a interseção entre vida e formação profissional. Durante esse período, a expansão desses cursos atendeu a uma demanda crescente por qualificação docente, essencial para o desenvolvimento educacional da região (Barreto, 2015). Esses cursos forneceram uma base teórica e prática fundamental para os futuros educadores, permitindo-lhes desenvolver competências pedagógicas e práticas educativas inovadoras.

A formação inicial ofertada pelos cursos de Magistério não só capacitou professores para enfrentar os desafios da sala de aula, mas também promoveu uma compreensão crítica das práticas educativas, essencial para a transformação social (Pimenta; Lima, 2004). Além disso, a criação desses cursos refletiu um contexto sociopolítico de valorização da educação como instrumento de desenvolvimento regional, proporcionando oportunidades de ascensão social e profissional para muitos jovens (Freire, 1996). Assim, os cursos de Magistério criados na década de oitenta em Natal tiveram um impacto duradouro na formação de professores, influenciando positivamente a qualidade da educação e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.



Essa experiência, no curso de Magistério, foi vivenciada no turno noturno e contribuiu significativamente com meu crescimento profissional e com o desejo de ampliar meus conhecimentos sobre o campo educacional. Contudo, apesar do corpo docente da instituição ter uma boa qualificação, a abordagem pedagógica seguia o modelo tradicional, com ênfase em aulas expositivas. Esperava aprender a dar aulas de maneira prática, mas encontrei um processo de formação teórica que preparava para a prática somente no estágio obrigatório. O reencontro com essas memorias me fazem refletir que a prática docente é crucial, mas é impossível desenvolver uma boa prática pedagógica sem uma sólida fundamentação teórica. Como Pimenta e Lima (2004) argumentam, as teorias oferecem instrumentos e esquemas para análise e investigação, questionando práticas institucionalizadas e ações dos sujeitos.

Reconheço a importância dos conhecimentos mediados e assimilados durante o curso de Magistério. Contudo, a concepção hierárquica do ensino na década de oitenta, caracterizada pela centralização do conhecimento no professor e pela passividade dos estudantes, influenciou significativamente a relação entre vida e formação, refletindo e perpetuando as estruturas sociais e culturais da época. Nesse modelo, o professor era visto como a autoridade absoluta, detentor do saber, enquanto os estudantes eram receptores passivos, cujo papel principal era absorver e reproduzir o conhecimento transmitido (Freire, 1996).

Essa abordagem tradicional limitava o desenvolvimento do pensamento crítico e a autonomia dos estudantes, restringindo a capacidade de questionar e compreender profundamente os conteúdos aprendidos (Libâneo, 2010). Além disso, essa hierarquização reforçava desigualdades sociais, uma vez que estudantes menos favorecidos tinham menos oportunidades de desenvolver habilidades de reflexão e criatividade necessárias para a ascensão social e profissional. A educação, ao refletir as dinâmicas de poder presentes na sociedade, necessitava de uma reformulação que promovesse uma interação mais dialógica e participativa entre professores e estudantes, conforme preconizado pelas teorias críticas da educação.



INÍCIO DA VIDA PROFISSIONAL: O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA NA DOCÊNCIA

O início da vida profissional na docência representa uma fase crucial onde a teoria adquirida durante a formação escolar encontra a prática do dia a dia em sala de aula, marcando o começo de uma história repleta de desafios e aprendizagens. Segundo Tardif (2002), a entrada na carreira docente exige a integração de conhecimentos teóricos, habilidades práticas e competências socioemocionais, elementos que são desenvolvidos ao longo da formação inicial, mas que se consolidam no exercício cotidiano da profissão. Esta fase inicial é frequentemente marcada pela adaptação a contextos escolares diversos, pela necessidade de gerenciamento de sala de aula e pela implementação de metodologias pedagógicas adequadas às realidades dos estudantes (Pimenta; Lima, 2004). A prática docente inicial permite aos professores recém-formados confrontarem suas expectativas com a realidade, promovendo um crescimento profissional que é essencial para a construção de uma identidade docente sólida e reflexiva.

A transição da formação acadêmica para a prática docente também destaca a importância de um suporte contínuo, como programas de mentoria e desenvolvimento profissional, para auxiliar os novos professores na superação dos desafios iniciais (Huberman, 1992). Além disso, a reflexão crítica sobre a própria prática, inspirada nas ideias de Freire (1996), é fundamental para que os educadores possam adaptar suas estratégias pedagógicas às necessidades específicas de seus alunos, promovendo uma educação mais equitativa e inclusiva. Este processo de reflexão e adaptação não apenas fortalece as habilidades pedagógicas, mas também contribui para o desenvolvimento pessoal dos professores, integrando suas experiências de vida com sua formação profissional. Portanto, o início da vida profissional na docência é um período de construção e transformação, onde a interseção entre vida e formação se torna evidente, moldando professores comprometidos com a qualidade da educação e com a formação integral de seus estudantes.

Diante disso, essa seção busca refletir o sobre a influência da vida profissional na minha formação docente. Essa reflexão tem início com o resgate das memorias do começo



de minha carreira profissional, no campo da educação, uma jornada repleta de emoções diversas, onde as alegrias e as decepções se entrelaçaram desde o início, formando uma trajetória rica e complexa. A visão idealista de inspirar pessoas e fazer a diferença no mundo através da educação me motivou a buscar o Magistério e ingressar em uma profissão bem aceita socialmente.

Assim, uni o sonho de ser professora ao fato de ser uma profissão em crescimento no mercado de trabalho. No segundo ano do curso de Magistério, recebi o convite inesperado de uma amiga, que estava abrindo uma escola, para trabalhar com ela. Foi um momento fascinante, que marcou o início da realização do meu sonho profissional. Iniciei minha primeira experiência no ambiente escolar como auxiliar de sala na Escola Meu Primeiro Mundo. No entanto, a realidade se mostrou diferente do que eu idealizava; as teorias estudadas no curso de Magistério pareciam distanciada da prática diária. Nos primeiros dias de aula, a curiosidade e a vontade de aprender das crianças me proporcionaram uma satisfação indescritível, validando minha escolha pela docência como uma vocação.

Entretanto, a realidade da sala de aula trouxe desafios. Observava práticas adotadas pela professora titular que não estavam em consonância com as teorias pedagógicas que eu acreditava serem adequadas, especialmente as ideias de Martins (1997), que enfatiza o papel do ambiente no desenvolvimento da criança. A falta de estratégias e metodologias adequadas comprometeu a prática pedagógica que eu esperava implementar. Mesmo assim, continuei, até 1987, vivendo novas experiências pedagógicas e atuando muito na intuição, naquilo que acreditava facilitar a aprendizagem dos meus estudantes. No final desse ano, minha amiga anunciou o fechamento da escola e sugeriu que eu continuasse com as atividades sob minha responsabilidade. Decidi seguir adiante, propondo à minha irmã Edilza que nos tornássemos sócias, o que deu origem ao Instituto Família do Progresso (IFAP).

O Instituto Família do Progresso, inaugurado em 1988, representou a concretização de um sonho que começou pequeno, mas foi nutrido com dedicação e trabalho árduo. Os primeiros anos foram desafiadores, mas também repletos de



aprendizagens e conquistas. Trabalhei em outra escola para sustentar financeiramente o IFAP, e as experiências adquiridas na Escola Carrossel foram fundamentais para minha formação profissional. O IFAP teve uma vida longa e bem-sucedida, comprometido em formar sujeitos autônomos e críticos, mesmo com a falta de formação teórica adequada na época.

O encerramento das atividades do IFAP em 1998 foi um momento de tristeza, mas também de orgulho pelo dever cumprido. Hoje, ao refletir sobre essa trajetória, reconheço a importância das experiências vividas para minha formação como professora e a influência positiva que tive na vida de muitos estudantes que se tornaram profissionais bem-sucedidos. Mesmo diante dos desafios, a dedicação ao ensino e a busca contínua por conhecimento e formação foram fundamentais para construir uma carreira docente significativa.

MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA: A REALIZAÇÃO DE UM SONHO

A realização de um sonho acadêmico, especialmente em um curso de Pedagogia, representa uma jornada repleta de desafios e conquistas que integram a vida pessoal e profissional dos estudantes. Este percurso é marcado por um constante processo de aprendizado e autodescoberta, onde o conhecimento teórico se entrelaça com práticas pedagógicas vivenciadas em diversos contextos educacionais. Segundo Libâneo (2010), “a formação do educador deve ser compreendida como um processo contínuo de desenvolvimento profissional e pessoal”. Ao longo do curso, os futuros pedagogos são instigados a refletir criticamente sobre as teorias educacionais e a aplicá-las de maneira eficaz em ambientes reais, promovendo uma educação inclusiva e de qualidade. As experiências adquiridas durante estágios supervisionados e projetos de pesquisa são cruciais para a consolidação das competências necessárias para a prática docente, fortalecendo a capacidade de adaptação, inovação e resolução de problemas no ambiente escolar.

Além do desenvolvimento de habilidades técnicas, a jornada acadêmica em Pedagogia também promove um profundo crescimento pessoal. Freire (1996) destaca que



“a educação é um ato de amor e coragem”, enfatizando a importância de um compromisso ético e social no exercício da docência. O curso incentiva os estudantes a desenvolverem uma visão crítica e transformadora da educação, reconhecendo seu papel como agentes de mudança social. A interação com colegas, professores e a comunidade escolar enriquece essa formação, oferecendo uma compreensão mais ampla dos desafios e oportunidades no campo educacional. Assim, a realização de um sonho acadêmico no curso de Pedagogia não se limita à obtenção de um diploma, mas se estende à construção de uma identidade profissional comprometida com a promoção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde a educação é valorizada como um instrumento essencial para o desenvolvimento humano e social.

Diante disso, essa seção busca desvelar e refletir sobre meu processo de formação acadêmica no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy.

A formação acadêmica representa para muitos a concretização de um sonho, e para mim não foi diferente. Desde muito jovem, ainda no ensino ginasial, acalentava o desejo de ingressar em uma faculdade, algo que parecia distante da minha realidade, onde apenas os filhos de pessoas ricas tinham o direito de cursar uma graduação. Este percurso, no entanto, foi longo e repleto de superações e desafios. Desde o final do meu curso profissionalizante em 1985, foram trinta e cinco anos de espera, um tempo que me desmotivou completamente e me fez acreditar que concretizar esse sonho era impossível. Ao longo desses anos, vivi muitas experiências pessoais e profissionais que me afastaram ainda mais desse objetivo, mas tive o apoio constante de meus irmãos e de meu filho Alan, que insistentemente me faziam voltar a sonhar e acreditar que ainda era possível. Eles acreditavam em mim, mesmo quando eu mesma já não acreditava, dominada pelo medo e pela sensação de que era tarde demais.

Em 2019, vencida pela persistência de meu filho, permiti que ele fizesse minha inscrição para o processo seletivo do Instituto Kennedy. Para minha grande surpresa, fui aprovada e classificada em nono lugar no curso de Pedagogia Licenciatura, no turno noturno. Aquele dia proporcionou uma das maiores emoções da minha vida, marcado por abraços, lágrimas e uma sensação de conquista indescritível. Para muitos, ingressar em



uma instituição de ensino superior é apenas uma porta aberta para um futuro profissional promissor, mas para mim, iniciar o curso no Instituto Kennedy, em 2020, simbolizou a materialização de um sonho guardado por 35 anos. O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) me proporcionou toda a base curricular e profissional necessária para uma formação promissora. Contudo, o início do curso foi desafiador. O primeiro componente, Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Filosofia, me fez pensar em desistir, parecendo algo inalcançável.

A situação se tornou ainda mais desafiadora com a pandemia de COVID-19, que obrigou o Instituto Kennedy a adotar aulas remotas. Sem um computador e sem conhecimento tecnológico adequado, pensei novamente em desistir. No entanto, com o apoio de meu filho e irmãos, que me forneceram um notebook, consegui continuar. Foram meses de aulas remotas, observando o esforço dos professores para tornar as aulas atrativas, em um momento crítico para o país. A dor das vidas perdidas era constante, mas havia a necessidade de seguir em frente, preservando nossas vidas e continuando a aprender. Este período não apenas reforçou a importância da resiliência e do apoio familiar, mas também destacou a capacidade de adaptação e superação frente às adversidades.

A experiência acadêmica durante a pandemia foi fundamental para minha formação como professora, evidenciando a necessidade de uma formação sólida e adaptável às demandas sociais e educacionais contemporâneas. Assim, essa etapa crucial do meu percurso formativo consolidou minha vocação docente e minha capacidade de enfrentar desafios, preparando-me para contribuir significativamente para a educação e a transformação social.

O retorno às aulas presenciais em 2021 foi uma grande alegria, embora cercada de cuidados e prevenção devido à persistente crise da COVID-19. Precisávamos usar máscaras, manter o distanciamento físico e seguir as normas de higiene, como o uso de álcool em gel. Mesmo com essas precauções, senti-me finalmente como uma estudante de graduação, vencendo meus maiores medos e afastando qualquer pensamento de desistência. Enfrentei inúmeros desafios, incluindo o analfabetismo tecnológico, o



transporte público e as dificuldades econômicas, que comprometiam o acesso a materiais de estudo e lanches, bem como a participação em trabalhos em grupo. Apesar dessas dificuldades, mantive a determinação de concluir meu curso, impulsionada pela vontade de alcançar meu sonho.

Ao longo do processo formativo, reconheci-me como uma pedagoga em formação e identifiquei-me com componentes curriculares que indicavam uma direção a seguir. Aprendi muito com todos os professores formadores, cujos ensinamentos foram significativos para minha formação profissional. Alguns professores, em particular, conseguiram extrair de mim um potencial que eu não acreditava possuir. Sei que tenho muito a estudar e a desenvolver para me tornar a pedagoga que almejo ser, conforme Paulo Freire (1987) afirma que a educação transforma pessoas, e eu venho me transformando desde o início da minha graduação. Nessa busca por conhecimento, encontrei duas áreas que me chamaram atenção de modo especial: a Alfabetização de Crianças e a Educação de Jovens e Adultos, descoberta durante o Estágio Curricular Supervisionado II, anos iniciais, que realizei com uma turma da EJA I.

Os Estágios Curriculares Supervisionados foram fundamentais na minha formação, proporcionando a conexão entre teoria e prática e permitindo aplicar o conhecimento adquirido em contextos reais de ensino. No decorrer de nosso curso, Pedagogia Licenciatura, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, pudemos cursar os Estágios Curriculares Supervisionados na Educação Infantil, na Escola Municipal Monsenhor Joaquim Honório; Ensino Fundamental, com uma turma da EJA I; na Gestão Escolar, na Escola Municipal Professora Maria Madalena Xavier de Andrade; e em Espaço não Escolar, na Biblioteca Virgílio Urbano de Araújo. Essas experiências práticas me permitiram exercitar a docência e compreender meu papel como profissional (Demo, 2004). O estágio no Ensino Fundamental foi particularmente relevante, pois me apresentou à alfabetização de jovens e adultos, uma experiência que despertou em mim um grande amor por essa modalidade de ensino e um desejo de atuar na EJA.

A atuação de pedagogos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é fundamental para promover a inclusão social e educacional, funcionando como um elo crucial que



relaciona a vida e a formação dos indivíduos. A EJA atende a uma população diversa, muitas vezes composta por pessoas que enfrentaram barreiras socioeconômicas que interromperam sua escolarização formal na idade regular (Pereira et al., 2024). Nesse contexto, os pedagogos desempenham um papel essencial ao adaptar práticas pedagógicas que respeitem as experiências de vida e os conhecimentos prévios dos alunos, criando um ambiente de aprendizagem significativo e inclusivo (Freire, 1996). A abordagem pedagógica na EJA deve ser crítica e dialógica, conforme preconizado por Paulo Freire, para empoderar os alunos e fomentar a consciência crítica, permitindo-lhes compreender e transformar suas realidades (Freire, 1987).

Além disso, a formação continuada dos pedagogos é crucial para enfrentar os desafios específicos da EJA, garantindo uma educação de qualidade que promova a equidade e a justiça social. Assim, a atuação de pedagogos na EJA não só contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes, mas também fortalece o tecido social ao capacitar cidadãos mais conscientes e participativos, mostrando como a educação pode ser um instrumento poderoso de transformação social e individual.

Com isso, ao concluir o curso de Pedagogia, percebo a grande diferença que a graduação fez em minha vida. A concepção que tenho hoje da educação se difere muito da que tinha no início da minha atuação como professora apenas com o Magistério. Compreendo a importância da pesquisa, da formação continuada, da escuta e do olhar humanizado para com os estudantes. Reconheço o protagonismo dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem e a necessidade de personalizar o ensino para atender às suas necessidades individuais, respeitando as diversidades culturais, sociais e individuais.

Todas as experiências vivenciadas, os conhecimentos adquiridos, as amizades construídas, os seminários apresentados e os estágios realizados contribuíram para construir uma base sólida que me tornará uma professora comprometida com uma educação inovadora, pautada nos valores sociais e culturais dos sujeitos envolvidos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o curso de graduação em Pedagogia, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), em Natal, RN, é fundamental refletir sobre a trajetória percorrida, que representa um encontro entre o passado e o presente, com vistas ao futuro. Esse memorial de formação evidência como as experiências vividas e os conhecimentos adquiridos ao longo do curso moldaram minha identidade profissional e pessoal. Desde o início, o curso desafiou-me a expandir meus horizontes e a desenvolver uma compreensão crítica e abrangente da educação. Segundo Freire (1996), “a educação é um ato de amor e, portanto, um ato de coragem”. Esse princípio orientou minha jornada, inspirando-me a enfrentar os desafios com resiliência e a valorizar a educação como um instrumento de transformação social.

Durante a formação no IFESP, a interação com professores e colegas, bem como a participação em estágios supervisionados e projetos de pesquisa, foram fundamentais para consolidar meu desenvolvimento acadêmico e profissional. Libâneo (2010) destaca que “a formação do educador é um processo contínuo que exige reflexão crítica sobre a prática pedagógica e o contexto educacional”. Essas experiências práticas permitiram aplicar teorias em contextos reais, promovendo uma prática pedagógica inclusiva e eficaz. Além disso, o envolvimento em atividades de extensão e pesquisa ampliou minha compreensão sobre as complexidades do processo educativo e a importância da colaboração interdisciplinar. Esses elementos foram essenciais para construir uma base sólida para a minha atuação futura como educadora, comprometida com a promoção de uma educação de qualidade e com a transformação social.

Revisitar minha história e entrelaçar o passado e o presente me fizeram compreender que tudo que vivi me construiu e me fez forte para superar e vencer todos os desafios enfrentados ao longo da minha vida e me impulsionaram a chegar aonde me encontro hoje. Meus sonhos não foram esquecidos e agora se fazem vivos ao me perceber concluindo minha graduação em Pedagogia, me trazendo a certeza de que escolhi o caminho certo e que essa seria a hora de tudo acontecer.



O meu processo formativo no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy reacendeu a chama da educadora que apenas faiscava dentro de mim e me mostrou que cabe a cada um de nós, que amamos a educação, o papel de sermos agentes transformadores, mediadores do conhecimento, que transformando pessoas, também somos transformados. Assim, esse memorial não terá fim com essas páginas, mas abre as portas para novos caminhos e novos aprendizados, pois a caminhada como educadora apenas começou, estarei em busca de novos objetivos e da realização de outros sonhos que já se configuram em meu coração.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Ed.). **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Edipucrs, 2004.

ARAGÃO, Milena. "Do Tempo De Ontem Ao Tempo De Hoje". Palmatória: Entrelaçando Memória E História. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 26, p. 107-126, 2012.

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. Políticas de formação docente para a educação básica no Brasil: embates contemporâneos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, p. 679-701, 2015.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Ateliê editorial, 2003.

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para análise. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, p. 3-20, 2005.

CUNHA, Flavio et al. Interpretando as evidências sobre a formação de habilidades do ciclo de vida. **Handbook of the Economics of Education**, v. 1, p. 697-812, 2006.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Vozes, 2004.

DE BRITO, Regina Lúcia Giffoni Luz. **Formação, Prática Docente e Currículo: Inquietações e Interlocuções de Professores**. Editora Appris, 2019.



DE SOUZA, Rakel Brandão et al. Produção de conhecimento sobre o analfabetismo funcional e as desigualdades sociais no Brasil. **Revista UFG**, v. 23, 2023.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio... para onde vai. **Em aberto**, v. 18, n. 73, 2001.

FREIRE, Paulo. **O processo de alfabetização política**. 1974.

FREIRE, Paulo. **A alfabetização como elemento de formação da cidadania**. 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido (revisada). **Nova York: Continuum**, v. 356, p. 357-358, 1996.

GASPAR, Alberto; DE CASTRO MONTEIRO, Isabel Cristina. Atividades experimentais de demonstrações em sala de aula: uma análise segundo o referencial da teoria de Vygotsky. **Investigações em ensino de ciências**, v. 10, n. 2, p. 227-254, 2005.

GONÇALVES, Ariane Cristina. **A importância de brincar na educação infantil**. 2017.

HUBERMAN, Michael et al. O ciclo de vida profissional dos professores. **Vidas de professores**, v. 2, p. 31-61, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia. **R. bras. Est. pedag**, p. 562-583, 2010.

MATOS, Ralfo; BAENINGER, Rosana. Migração e urbanização no Brasil: processos de concentração e desconcentração espacial e o debate recente. **Cadernos do LESTE**, 2009.

MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. **Série Idéias**, v. 28, p. 111-122, 1997.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 02, p. 147-156, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PEREIRA, Diego Rodrigo et al. **Educação de Jovens e Adultos no ensino médio no Estado do Maranhão: o abandono e a evasão escolar em questão**. 2024.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena Fernandes Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação? **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 11, 2011.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea**, v. 1, p. 47-62, 2007.

SARAIVA MENDONÇA, Alex. **Evasão escolar e trabalho infantil**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade Estadual do Piauí (UESPI)-Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira-Parnaíba.



SARTORI, Adriane Teresinha. Estilo em memoriais de formação. **Revista da ABRALIN**, 2008.

SOLIGO, Rosaura; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Leitura e escrita: dois capítulos desta história de ser educador. **Porque escrever é fazer história. Campinas/SP: Graf. FE**, p. 23-46, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. O papel da brincadeira no desenvolvimento. **Educação infantil: Histórias e tradições**, p. 199-211, 1978.



MEMORIAL DE FORMAÇÃO: REMEMORANDO MEUS PROCESSOS FORMATIVOS DESCOBRI A MULHER FORTE QUE HABITA EM MIM

Francineide Avelino de Souza
Tereza Cristina Bernardo da Câmara

Com suas histórias de superação diante das adversidades da vida, Francineide Avelino de Souza, apresenta neste capítulo, intitulado Memorial de formação: rememorando meus processos formativos descobri a mulher forte que habita em mim, uma reflexão envolvente de como ela se reconhece hoje na sua condição de ser mulher.

Neide, como prefere ser identificada, ao escrever sobre si, faz algo do ponto de vista autorreflexivo, simplesmente fantástico, ela analisa o seu processo de autoconhecimento por meio das transformações ocorridas ao longo do seu existir. Isso fala muito da mulher guerreira que ela é. Uma mulher que não sucumbiu diante de violências de ordem diversas, sofridas ao longo da vida.

Ela nos convida a conhecer sua história e inicia se apresentando. Neide, além de encantar quem com ela convive também canta, sim ela é cantora e escolheu como título da primeira sessão de seu trabalho, com licença, deixe-me apresentar, numa alusão a conhecida música de Anavitória e da musa Rita Lee, onde é possível encontrar um verso que diz: “Ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele.”

Na sequência ela adentra com suas reflexões no mundo acadêmico e aí ela inicia um mergulho em si a partir das provocações realizadas durante seu curso de licenciatura em Pedagogia no Instituto Kennedy. Acessar o capítulo escrito por Neide, é se deparar com o poder transformador da educação, que se, por si só, não é capaz de transformar o mundo, é possível transformar pessoas.



COM LICENÇA, DEIXE-ME APRESENTAR

Meu nome é Francineide Avelino de Souza, mais conhecida como Neide Souza, casada com o músico baterista Diangeles e mãe de duas pérolas, Luma Virgínia e Pedro Víctor. Sou musicista, artesã e pedagoga em formação. Nasci em 25 de outubro de 1970 na cidade de Currais Novos, Rio Grande do Norte, na região Seridó, porém, passei parte da infância em São Vicente, interior do mesmo estado.

Sou filha de José Avelino de Souza e de Francisca Soares de Souza, dois sertanejos pelos quais tenho grande admiração por terem criado dez filhos, mesmo com dificuldades financeira, social e cultural. Meu pai, pedreiro e agricultor e minha mãe, costureira, nunca deixaram nos faltar o alimento, o afeto e a educação. Com a agricultura tirava da terra grãos e frutos que, semeados, nos rendiam muitas colheitas. Vivíamos em convívio com muitos parentes, entre eles minhas avós, tias e primos, que formavam uma grande família, na maioria mulheres. Na infância, tive uma educação embasada sobretudo no respeito aos pais, às professoras e aos adultos, os quais chamávamos de senhor e senhora.

Aos sete anos de idade, no ano de 1978, comecei a estudar na Escola Estadual Joaquim Adelino de Medeiros, em São Vicente-RN, no primeiro ano do primário[16]. Mas, antes disso, por volta dos cinco/seis anos de idade, já acompanhava minha avó materna e minhas tias-avós em umas aulas para adultos, elas estudavam no Programa Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL[17].

Recordo que bem criança, ficava quietinha observando a professora alfabetizar aquela turma de adultos e idosos em um grupo escolar da zona rural de São Vicente. Eu admirava a letra da professora e isso ficou gravado na minha memória, a qual eu tentava imitar quando, de fato, iniciei minha vida escolar. Lembro que desejava ter um lápis daquele com uma borracha encaixada nele e um caderno com listas para escrever.

[16] A lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, já fixava as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, alterando, oficialmente, a antiga nomenclatura de ensino primário para ensino de primeiro grau.
[17] O MOBRAL, foi um programa público de alfabetização técnica para jovens e adultos, criado em 1967 em plena ditadura militar pelo governo de Costa e Silva e tinha como objetivo financiar e orientar tecnicamente programas de alfabetização funcional e de educação continuada para adolescentes e adultos.



No cotidiano ia e voltava da escola acompanhada de meus irmãos e primos. Na escola, sempre fui muito tímida e por isso evitava ser chamada ao quadro para resolver alguma questão, principalmente se fosse de matemática. Sempre procurei tirar notas boas nas disciplinas. Naquele tempo usava-se muito o método da tabuada[18] em Matemática, o que me levava a passar quase toda a noite tentando memorizar, ou seja, 'decorar' para não passar vergonha. Em Língua Portuguesa era muito comum o uso do ditado de palavras, essas, muitas vezes sem nenhuma relação com a nossa realidade.

Quando chegávamos da escola íamos todos brincar. Um monte de crianças se divertindo. Lembro que umas das minhas brincadeiras preferidas era brincar de escola, sempre queria ser a professora e, para isso, juntava restinhos de giz quebrados na saída da escola para brincar em casa, escrevendo nas portas e janelas de madeira usadas como quadro-lousa, e fazia dos irmãos os meus alunos.

Durante o curso de Pedagogia, aprendi no componente curricular Psicologia da Educação que, segundo Piaget (1971, p. 28-29), ao se encontrar no estágio de desenvolvimento, na fase pré-operatória, a criança de 3 a 7 anos, brinca de faz-de-conta por encontrar-se na fase simbólica e, brincando, ela apropria-se do conhecimento. Nessa fase a criança se relaciona com o mundo e seu social, adquirindo linguagem por meio das brincadeiras e dos jogos simbólicos como forma de entendimento do mundo, de si e do outro.

Em sua teoria, Piaget, considera que, nessa fase, os jogos têm como função:

> Sua função consiste em satisfazer o eu por meio de transformação do real em função dos desejos: a criança que brinca de bonecas refaz sua própria vida, corrigindo-a à sua maneira, e revive todos os prazeres ou conflitos, revelando-os, compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção. Em suma, o jogo simbólico não é um esforço de submissão do sujeito ao real, mas ao contrário, uma assimilação deformada da realidade ao eu. De outro lado, a linguagem intervém nesta espécie de pensamento imaginativo, tendo como instrumento a imagem ou o símbolo. Ora, o símbolo é um signo – como a palavra ou signo muitas vezes compreendido pelo indivíduo, já que a imagem se refere a lembranças e estados íntimos e pessoais. É, portanto,

[18] A tabuada é uma ferramenta essencial para o aprendizado da matemática, pois facilita a resolução de problemas e a realização de cálculos mentais. Para aprender a tabuada, é importante praticar as operações básicas com frequência.



> neste duplo sentido que o jogo simbólico constitui o polo egocêntrico do pensamento. Pode-se dizer, mesmo, que ele é o pensamento egocêntrico em estado quase puro, só ultrapassado pela fantasia e pelo sonho (Piaget, 1971, p. 28-29).

Hoje, compreendo o valor que aquelas brincadeiras, que vivíamos de forma tão intensa, tiveram na formação da mulher que me tornei. Durante as férias escolares a diversão era total, pois íamos todos para o sítio da família e ali, subíamos em árvores para comermos as frutas da estação, andávamos de bicicleta, além de tomarmos banho de açude e banho de chuva. Ali eu transformava em brinquedo o que encontrasse no terreiro de casa, as bonecas eram as espigas de milho que eu amava transformar em minhas filhas e ainda podia diversificar e ter uma de cabelo preto, uma de cabelo ruivo e outra de cabelo loiro.

Naquele mundo encantado eu usava como sombrinha uma folha bem grande de uma planta chamada mamona para passear com as bonecas no colo e protegê-las do sol. Além das bonecas de espigas, minha avó e minhas tias faziam bonecas de pano e me presenteavam. A família era formada por muitas mulheres e todas faziam artesanatos, especialmente renda de bilros na almofada, que me deixava encantada com o som que fazia os bilros. Além disso, elas faziam bordados com bastidores, costuras, tricô e crochê. Com tanto estímulo, eu também aprendi a fazer crochê, com apenas oito anos de idade. O que futuramente veio a me ajudar como fonte de renda.

Estudei da 1ª à 4ª série do 1° grau - Ensino Fundamental, na Escola Municipal Joaquim Adelino de Medeiros e na 5ª série fui para a Escola Estadual Aristófanes Fernandes, ainda em São Vicente. Recordo que tive ótimos professores pelos quais tenho toda gratidão por terem contribuído para minha formação e que, junto com minha família, minha base, foram alicerce para a construção de meu caráter enquanto pessoa.

Foi na 5ª série que tive meu primeiro contato com a Língua Inglesa e fiquei encantada, pois nunca havia presenciado alguém falando outra língua que não fosse a língua materna (portuguesa). Além desse primeiro contato com uma língua estrangeira, existia também o ineditismo de ter o meu primeiro professor do sexo masculino, o que me deixou surpresa.



Em 1982, aos 11 anos de idade, nossa família retornou a Currais Novos. Na Escola Estadual Instituto Vivaldo Pereira, cursei da 6ª série até o 3° ano do segundo grau, concluindo o curso de magistério em 1989.

Durante o curso de Magistério, realizei meu estágio em uma turma de 1ª série, na Escola Municipal Monsenhor Ausônio Araújo e lembro do capricho que eu tinha no preparo do caderno de plano de aula. Nessa época não era necessário ser graduada/licenciada para ser professora, bastava ter concluído o curso de magistério.[19] No entanto, não optei por exercer o cargo de professora porque, dentro de mim, já havia o desejo de seguir carreira como cantora. Minha casa recebia muitos parentes músicos, amigos artistas e eu já me sentia influenciada por essa veia musical, fato esse que me levou a seguir a carreira artística e não dei continuidade aos estudos.

No ano de 1992, aos 22 anos, tive minha filha, fruto de um relacionamento mal-sucedido. Mãe solteira, tive que criá-la com a ajuda dos meus pais e irmãos. Vivia viajando, cantando em grupos musicais e deixava minha filha em casa aos cuidados dos meus irmãos mais novos, pois minha mãe também trabalhava de operária em uma fábrica de costura. Muito me angustiava ter que me separar da minha filha, mas tinha que ir trabalhar para prover o sustento dela. Dessa forma, viajando pelo mundo, conheci uma pessoa com quem me relacionei e em 1995 decidimos morar juntos.

Nessa ocasião vi a oportunidade de, enfim, ficar junto de minha filha, cuidando dela e não sendo mais preciso viajar tanto, pois, a primeira coisa que o novo companheiro exigiu foi que eu deixasse o trabalho como cantora. No entanto, essa exigência me custou o sacrifício de abdicar da profissão e com isso sentia falta dos palcos, o que me levou a uma depressão pós casamento.

Em 2000, tive meu filho numa gravidez de risco, já vivendo uma relação abusiva pelo ciúme doentio, o que o levava a me manter em cárcere privado. Entre brigas,

[19] A Lei nº 5.692/71, de 11 de agosto de 1971, definiu que todo o ensino de segundo grau, hoje denominado ensino médio, deveria conduzir o educando à conclusão de uma habilitação profissional técnica ou, ao menos, de auxiliar técnico (habilitação parcial). Alteração que só começou a acontecer com a Lei de Diretrizes e Bases de dezembro de 1996.



violência doméstica, ameaças, vivendo em total submissão por medo, me considero uma sobrevivente, pois em 2010 após ter sido ameaçada com uma arma de fogo, tomei coragem e fugi de casa com a roupa do corpo, trazendo apenas na mão o meu documento de Registro Geral.

Desse dia em diante tomei as rédeas do meu próprio caminho. Voltei aos palcos, de onde nunca deveria ter saído, cantando na banda dos meus irmãos, além de produzir e vender artesanatos. Tive o que mais precisava: uma rede de apoio de minha família e daí em diante portas foram se abrindo. Fiz dois cursos de Canto na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Recepcionista pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial-SENAC e Inglês Básico pela Fundação de Apoio à Educação e ao Desenvolvimento Tecnológico do Rio Grande do Norte-FUNCERN.

Esses cursos me oportunizaram conseguir, no ano de 2015, um emprego como recepcionista e auxiliar de eventos na Escola de Governo do estado do RN, que abriu portas para outros cursos como Cerimonial, Protocolo e Etiqueta – pelo RHSER Consultoria empresarial, Qualidade no Atendimento, pelo Instituto Euvaldo Lodi-IEL e, em especial, o Curso de Pedagogia – Licenciatura, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP, que está me habilitando em nível superior.

O emprego na Escola de Governo despertou em mim a vontade de ir em busca de uma formação acadêmica, senti o desejo de aprender mais e me capacitar, uma vez que via meus colegas de trabalho realizando atividades que eu não sabia fazer, como por exemplo usar as tecnologias digitais. Tive muita dificuldade para aprender, pois nem sempre as pessoas têm paciência para ensinar, mas já evolui bastante e sigo na luta.

Hoje, casada com um músico há seis anos, companheiro e amigo de todas as horas, com os filhos já formados, todos me apoiando e torcendo pelo meu crescimento, me encontro concluindo o curso de Pedagogia e já penso em fazer uma pós-graduação e passar em um concurso público para professor.

No decorrer do curso de Pedagogia, especialmente no Estágio Curricular Supervisionado I, despertei interesse em trabalhar com a Educação Infantil. Percebi que ser professora exige muitos atributos, mas acredito que o principal é o amor pela



profissão, além de gostar de criança e entender que apesar dos desafios devemos continuar plantando sementes para colher os frutos mais tarde, pois a sociedade precisa de políticas públicas voltadas para a educação e pessoas comprometidas com sua execução.

ADENTRANDO NO MUNDO ACADÊMICO EM BUSCA DE FORMAÇÃO

No ano de 2020, a recepcionista, artesã, cantora e dona de casa ingressa no curso de Pedagogia, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, tinha todas essas ocupações com a finalidade de gerar renda e proporcionar o melhor para minha família, mas o meu maior desejo era fazer um curso em nível superior.

Durante os seis anos em que trabalhei na Escola de Governo do Estado do Rio Grande do Norte, tive a oportunidade de conhecer pessoas que me estimularam a voltar a estudar em busca de crescimento pessoal, construir conhecimento e ampliar minha visão de mundo. Foi um período muito importante pois me permitiu o convívio social com pessoas diferentes e muita troca de aprendizagem.

Antes de chegar à Escola de Governo me considerava uma pessoa sem muita expectativa de um futuro melhor, vivendo como autônoma entre a música e o artesanato, não possuía renda fixa, não acreditava que seria capaz de iniciar um curso superior na minha idade. A tomada de decisão veio quando, ali trabalhando, fiquei sabendo que o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP havia aberto vagas de matrículas para pessoas que haviam cursado o Magistério em rede pública. Foi então que me deparei com a possibilidade de cursar Pedagogia - Licenciatura e fiquei atenta aguardando o próximo processo seletivo que aconteceu em 2019. Aproveitei a oportunidade e vi que foi uma decisão sábia e transformadora, inclusive para minha autoestima.

Em 2020, após ser aprovada no processo seletivo do IFESP, no qual fiquei em quarto lugar, e disso muito me orgulho, pois havia trinta anos que estava ausente da escola, desde que concluí o 2º grau – Magistério. Essa aprovação veio como uma



oportunidade de mudança e hoje refletindo enxergo que isso foi um divisor de águas em minha vida.

Com o ingresso no curso de pedagogia me veio um empoderamento real do que posso e quero ser. As aulas de Corporeidade e Educação, com suas vivências e provocações em sala de aula virtual, pois estávamos em formato remoto, me fizeram ter esse autoconhecimento, ou seja, as aulas e as reflexões por elas provocadas me fizeram perceber que eu sou capaz sim, que nada nem ninguém vai me impedir de ser o que eu quiser ser, e estar onde eu quiser estar. Autores como, Maria Cândida de Moraes e Saturnino de La Torre, me fizeram reconhecer que:

> As realizações humanas resultam, portanto, dessa dinâmica relacional provocada pelas mudanças estruturais geradas no fluir de uma emoção à outra. E isto não acontece por acaso, mas surge a partir da coerência do próprio viver do sujeito, da forma como ele se encontra inserido na biosfera cósmica (Moraes; Torre, 2001, p. 05).

Essa compreensão mais ampla da minha existência, de quem eu sou, me provocou o início de uma transformação pessoal que foi se ampliando com o decorrer do Curso. Hoje entendo, que o pedagogo se torna instrumento de transformação da realidade de muitos indivíduos, mediando e promovendo oportunidade de fazerem suas escolhas com autonomia e consciente de suas ações, de forma democrática na sociedade em que vive. Essa é uma das ideias que pude compreender nas aulas de Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação, Educação Sociedade e Cultura, Alfabetização e Letramento, entre outras.

Pude compreender, em Alfabetização e Letramento, o significado de letramento até então desconhecido para mim. Na infância, aprendi a ler e escrever por meio do modelo sintético de alfabetização: alfabético, fônico, silábico. Naquela época era o mais usado e priorizava aprender inicialmente as vogais, ou seja, os grafemas e fonemas do alfabeto mais simples para, na sequência, aprender as consoantes e, em seguida, formar sílabas e palavras.

Quando digo antigamente, me refiro à Pedagogia Tradicional, ou seja, a educação bancária, como se referia Paulo Freire, aquela em que o aluno não tinha senso crítico,



apenas copiava o modelo do professor, sem desenvolver estímulos de questionar o porquê das coisas, isso por volta dos anos de 1970 -1980.

Nas aulas do componente curricular Alfabetização e Letramento, aprendi com Frade, em relação ao método fônico, que:

> O método fônico começa-se ensinando a forma e o som das vogais. Depois ensinam-se as consoantes, estabelecendo entre elas relações cada vez mais complexas. Cada letra (grafema) é aprendida como um fonema (som) que junto a outro fonema, pode formar sílabas e palavras. Para o ensino dos sons, há uma sequência que deve ser respeitada, segundo a escolha de sons mais fáceis para os mais complexos. Na organização do ensino, a ênfase na relação som/letra é o principal objetivo (Frade, 2007, p. 23).

Demorei um pouco, durante as aulas, a construir ideias de letramento, talvez porque meu cérebro estava ainda 'engessado' com as informações que havia recebido no passado, mas, com a continuidade das aulas entendi que letramento é o processo ensino-aprendizagem dentro do contexto sociocultural em que vive o sujeito, com práticas de leitura e escrita que estejam dentro desse contexto. Magda Soares define o letramento como "o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita", a autora ainda enfatiza que:

> Uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada: sabe ler e escrever, mas não cultiva nem exerce práticas de leitura e de escrita, não lê livros, jornais, revistas, ou não é capaz de interpretar um texto lido; tem dificuldades para escrever uma carta, até um telegrama – é alfabetizada, mas não letrada (Soares, 2003, p. 50-51).

Hoje entendo que ao realizar uma atividade com os estudantes em sala de aula, durante o estágio curricular supervisionado II, sobre a importância da conservação do meio ambiente, estimulando a percepção para atitudes responsáveis e as interferências negativas que têm causado tanto mal a natureza, estava vivenciando uma situação de letramento. Outro momento em que acredito ser uma prática de letramento é quando estou fazendo uma receita de bolo, lendo um manual ou uma bula de medicamento, ou até mesmo interpretando uma conta de energia elétrica que chega na minha residência.



No componente curricular Educação Sociedade e Cultura ressalto a importância de construir o conceito de sociedade, de cultura e o que aponta o sociólogo Jessé Souza sobre a construção do indivíduo moderno e sua ideia sobre preconceito estrutural. Segundo Jessé Souza (2018), no início, a construção do indivíduo em relação à necessidade interna era influenciada pela religião, assim sendo, a ideia de que somos indivíduos com vontades próprias não é um fato natural, seria o resultado de uma construção histórica.

Diante dos debates em sala de aula, baseados na obra de Jessé Souza, percebe-se a importância de que todos os seres humanos necessitam de similares, ou seja, têm necessidades internas e externas para sobrevivência e para dar sentido à própria vida. O afeto, o companheirismo, o apoio de quem quer ver nosso crescimento é muito importante para não desistirmos diante dos obstáculos e desafios que surgem em nosso processo de construção.

Reconheço a importância dos professores formadores para mediar esses conhecimentos ao longo do percurso do curso de Pedagogia, essas contribuições foram de extrema importância para o meu processo de transformação, assim como a rede de apoio que tive na família para superar traumas do passado, erguer a cabeça e ir em busca dos meus objetivos.

Os componentes curriculares, de um modo em geral, foram muito relevantes, as contribuições dos teóricos me oportunizaram adquirir conhecimentos para exercitar a docência nos Estágios Curriculares Supervisionados, cada um com sua importância, como se fosse uma colcha de retalhos que em cada pedacinho foi compondo minha construção enquanto docente.

Nesse processo de construção pude perceber que o papel do professor é agir como mediador, facilitador e motivador, estimulando a aprendizagem do estudante de forma respeitosa com sua cultura e o contexto social em que vive, para que futuramente possa tomar decisões com autonomia e consciente de suas ações.

Esse foi um fato que me chamou bastante atenção, pois diferente da época em que eu estudei no 1° e 2° grau, a educação era repassada de forma autoritária, sem dar vez e



voz ao aluno, ou seja, a educação bancária de forma expositiva e os conhecimentos pensados como produto final, conhecimentos esses em que os estudantes decoravam e replicavam os conteúdos, sem raciocínio crítico e glorificando os falsos herois. O mestre Paulo Freire afirma que,

> Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (Freire, 1996, p. 57)

Realizei os meus estágios obrigatórios tendo esses conhecimentos como alicerce, além de outros que irei evidenciando ao narrar esses momentos tão significativos em meu processo de tornar-me professora.

ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS: LABORATÓRIOS TEÓRICO-PRÁTICOS

Os componentes curriculares me forneceram subsídios para desenvolver os quatro estágios curriculares obrigatórios de forma segura e confiante, cada um com sua importância pois, a todo instante, procurei relacionar a teoria com a prática. Aconteceu comigo o que afirma Garrido (1995), "o estágio pode servir às demais disciplinas e, nesse sentido, ser uma atividade articuladora do curso".

Os estágios curriculares supervisionados no curso de Pedagogia me permitiram vivenciar o cotidiano escolar e não-escolar, compreendendo como os conceitos estudados podem ser aplicados, proporcionando aprendizagem, formas de resolver os conflitos e superar os desafios.

A obrigatoriedade do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura é prevista na Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. A partir dessa prerrogativa legal, o estágio supervisionado proporciona a experiência do estudante aplicar seus conhecimentos acadêmicos, tudo que aprendeu na teoria, em situações desafiadoras com embasamento



na Base Nacional Comum Curricular-BNCC, que é o eixo norteador das práticas pedagógicas e orienta quais aprendizagens precisam ser trabalhadas no campo educacional em todas as redes de ensino no Brasil, sejam elas públicas ou privadas.

Segundo o Estatuto do IFESP,

> O estágio curricular supervisionado deverá ser realizado promovendo ao estudante: I) incrementar sua aprendizagem mediante a aplicação dos saberes e habilidades técnicas apropriadas aos atos e funções que lhe serão exigidos desempenhar em razão de sua formação profissional; II) observar, refletir, analisar e avaliar a atuação docente de forma contextualizada na perspectiva ampliação e consolidação do conhecimento teórico-prático acerca da realidade educacional e do trabalho educativo; III) exercer e desenvolver competências-intelectual, técnica, ética e política requeridas ao profissional de educação (Rio Grande do Norte, 2007, p. 01).

Nos Estágios Curriculares Supervisionados - ECS que realizei ao longo do curso, atuei no Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI Joanita Arruda Câmara (ECS I), na Escola Municipal Professora Francisca Bezerra de Souza (ECS II e III) e na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE (ECS IV). Em todos eles, senti que poderia fazer a diferença naquelas realidades pois, apesar das dificuldades, sejam elas por falta de recursos ou de apoio pedagógico, procurei sempre fazer o meu melhor.

O Estágio Curricular Supervisionado I, realizado na Educação Infantil, teve duração de 100 horas e foi desenvolvido no CMEI Joanita Arruda Câmara, em Parnamirim/RN, durante o período de 02 de agosto a 02 de setembro de 2022, sob a orientação das professoras formadoras Lorena Gadelha de Freitas e Wguineuma Pereira Avelino Cardoso. O estágio foi realizado na turma do nível 5-A, turno matutino, composta por treze crianças com faixa etária de 4 anos a 5 anos e 11 meses.

Me identifiquei muito com a Educação Infantil, uma vez que as crianças com menos idade me cativam pela sua inocência, interação e o afeto sincero que elas têm umas pelas outras e por nós professores, estabelecendo vínculos de relacionamento. Além de que, a forma lúdica de se trabalhar os campos de experiências é muito prazerosa. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, p. 37), considera que:



> A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução dos conflitos e a regulação das emoções (Brasil, 2017, p. 37).

Durante o estágio na educação infantil, no campo de experiência corpo, gestos e movimentos, procurei trabalhar ações pedagógicas que despertassem o interesse das crianças, como a música. Toquei violão na roda e cantamos músicas usando o nome de cada criança, pratiquei com elas um alongamento lúdico imitando os animais, por meio de dança e expressão corporal trabalhamos os sentidos e as partes do corpo humano, aprimorando a interpretação cognitiva e o autoconhecimento. A experiência, previamente planejada, foi algo inusitado e divertido, pois as crianças do CMEI Joanita Arruda Câmara, não costumam ter acesso a instrumentos musicais e, no desenvolvimento das atividades, era notável o desejo de participação de todos, especialmente quando envolvia música e dança, ou outras dinâmicas de expressão corporal.

De acordo com as leituras feitas em sala de aula, no componente curricular Educação Infantil I, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), concebido como um guia de reflexão de cunho educacional, orienta que:

> No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vive" (Brasil, 2001, p. 21).

A troca de experiência que tive durante esse estágio me fez refletir que tipo de profissional eu quero ser, pois ao observar a professora da sala em que eu estava, percebi o quanto ela explorava cada minuto, na roda, na hora do parque, na hora do lanche, sempre mediando atividades que estimulassem as crianças a participarem. Acredito que a organização, o planejamento, a dedicação pelo trabalho e o amor à Pedagogia são essenciais para uma carreira sólida e de muito sucesso.



O Estágio Curricular Supervisionado II, aconteceu no Ensino Fundamental, teve duração de 100 horas e foi realizado na Escola Municipal Professora Francisca Bezerra de Souza, em Parnamirim/RN, em uma turma do 2° ano, durante o período de 22 de setembro a 25 de outubro de 2022, sob a orientação dos professores formadores Elen Dóris Barros Carlos de Amorim e Paulo Roberto Lima de Souza.

Minha experiência no Ensino Fundamental me fez perceber a diferença que faz um pedagogo tratar seus alunos com afeto e respeito. Acredito que plantei sementes na turma que realizei o meu estágio, pois ainda hoje quando visito a escola sou recebida com muito carinho pelos alunos, corpo docente e funcionários da mesma. Dedicação e resiliência foram as ferramentas que utilizei para superar os desafios, pois essa escola, localizada em um dos bairros de Parnamirim-RN, está inserida no contexto sociocultural e econômico de muita precariedade. Naquela realidade, as crianças trazem de casa um histórico de violência, de famílias desestruturadas com envolvimento em situações ilícitas e até mesmo a falta de recursos materiais e humanos para suprir a diversidade dos estudantes.

Nesse caso, procurei trabalhar mais a escuta, com rodas de conversa, dinâmicas que envolvesse elogios anônimos, pois percebi que é frequente os casos de *bullying* e apelidos. Foi muito importante esse momento de ouvir o outro, percebi que algumas crianças demonstraram desejo de ser ouvidas, de chamar atenção. Dessa forma, pude conhecer um pouco do perfil de cada um, problemas de famílias desestruturadas, suas necessidades e então compreender que uma sociedade em que a família não caminha junto com a escola, os desafios ficam cada vez mais difíceis de resolver.

Aprendi durante o curso de Pedagogia que a criança é um sujeito de direito, devemos reconhecê-la como ser humano com capacidade de participar do seu próprio processo formativo, além do mais, a importância da escuta ativa é que trabalha a socialização, estimula o protagonismo estudantil e eleva sua autoestima promovendo melhorias no ensino-aprendizagem.

O Estágio Curricular Supervisionado III foi realizado em Gestão Escolar, com duração de 100 horas, sob a orientação da Profa. Liz Araújo e do Prof. Rafael Roseno, na



Escola Municipal Professora Francisca Bezerra de Souza, em Parnamirim/RN, durante o período de 13 de março a 02 de maio de 2023. Esse estágio tinha como objetivo geral proporcionar aos estagiários conhecimentos e interação com a realidade educativa, com ênfase na articulação entre os diferentes saberes que integram a prática pedagógica.

Durante o período de atuação na instituição, tive algumas dificuldades, entre elas, a aplicação do Plano de Intervenção, cujo tema escolhido para ser trabalho foi *Bullying:* Prevenção e Combate no Ambiente Escolar. Por motivo das turmas estarem em período de provas, tivemos que adaptar os horários para a realização das dinâmicas e para isso contei com a ajuda da diretora administrativa.

Lembro-me que tive dificuldades para ler o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, assim como o Plano de Ação Trienal, pelo fato de que perderam os arquivos em *Portable Document Format* (PDF) e restaram apenas cópias impressas em letras pequenas e isso foi crucial para não realizar a leitura devido a problemas na minha visão. Eu quis ler esses documentos, embora uma leitura rápida, para colher subsídios que me norteassem quanto à organização e o contexto em que a escola estava inserida, dessa forma teria mais embasamento para articular o plano de intervenção. Além disso, precisava de informações sobre a caracterização da instituição, como os aspectos físicos, recursos humanos, pedagógicos e financeiros para embasar o meu relatório.

A escolha do tema para o plano de intervenção se deu baseado na observação do campo de estágio e a partir do levantamento de dados da escola que apontavam várias queixas e constantes visitas dos pais para tomarem satisfação sobre brigas com seus filhos. A partir dessas observações e diálogos com professoras e diretoras sobre demandas específicas da escola na interação professor-escola, professor-aluno, aluno-aluno, percebemos a necessidade de sensibilizar a comunidade escolar sobre questões referentes a violência, uma vez que a demanda maior na escola são os frequentes casos de *Bullying*, como por exemplo as constantes brigas, insultos e ofensas por questão de gênero, cor e até mesmo pelo tipo de cabelo.

O plano de ação desenvolvido teve excelentes resultados. Houve interação nas rodas de conversa, dinâmica com elogios anônimos, filme sobre *bullying*, panfleto



enviado aos pais (como desconfiar se seu filho está sofrendo *bullying*) e para isso contei com a ajuda das professoras, da coordenadora pedagógica e da diretora administrativa.

Durante a abordagem em sala de aula, a escuta resultou em um alerta de um possível caso de assédio com uma estudante que, até então, não era do conhecimento da equipe da escola. Apesar do assunto ser *bullying* e não assédio, acredito que a estudante sentiu confiança em desabafar comigo. Diante disso, passei a informação para a gestão que ficou responsável para apurar os fatos e tomar as medidas cabíveis.

Senti que desenvolvi um bom trabalho quando, ao final do estágio, a diretora teceu um comentário na minha avaliação elogiando o trabalho desenvolvido. Além disso, é importante ressaltar duas coisas, a primeira é que o tema anual trabalhado na escola, "Pacificando Emoções", proposta do Projeto Pedagógico, tem relação com o tema escolhido e; a segunda é contextualizar o/a leitor/a de que no período em que ocorreu o estágio o país passava por um momento preocupante de ataques às escolas.

Não podemos normalizar/naturalizar atitudes de violência na comunidade escolar, pelo fato de se tratar de crianças e adolescentes, pois a escola tem que ser um espaço acolhedor e não de medo. A Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 14), "afirma seu compromisso com a educação integral reconhecendo que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global". Desse modo, ela reforça o que afirmamos anteriormente, quando considera que:

> A Educação Básica deve assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto, promovendo uma educação voltada ao acolhimento e desenvolvimento pleno nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (Brasil, 2017, p. 14).

Uma maneira de combater esse tipo de atitude é trazer a família para junto da escola, debater estratégias de combate à disseminação do ódio são caminhos para traçar um plano de intervenção a partir de uma problemática encontrada no espaço escolar. Realizar um planejamento que envolva todos os atores da escola é abrir espaço para as



várias vozes que ecoam naquele ambiente e que estão, diretamente, envolvidas com o que acontece no espaço escolar.

Esse terceiro estágio, me fez refletir que as demandas em exercer a função de gestor(a) vão muito além dos muros da escola. É extremamente importante conhecer o público-alvo e suas relações sociais, visando formas articuladas de lidar com os conflitos, mediando soluções práticas, considerando as adversidades.

Com as contribuições do componente curricular Coordenação Pedagógica, foi possível entender, de acordo com, Vasconcellos, que:

> quando se propõe mudanças nas práticas pedagógicas, ainda há resistência por parte dos professores. Entendemos que a função de coordenador pedagógico não é uma tarefa fácil e requer capacitação nas dimensões básicas da formação humana: conceitual, procedimental e atitudinal (Vasconcellos, 2019, p. 133).

Desafio posto para os coordenadores pedagógicos e gestores, conduzir um processo dinâmico, coletivo e cooperativo que resulte em ações docentes que visem oferecer, permanentemente, aos estudantes, alternativas para a resolução de situações problemas por eles vividas.

O Estágio Curricular Supervisionado IV, em espaços não-escolares, teve duração de 100 horas, sob a orientação das Profas. Ilnete Porpino de Paiva e Mariza Silva de Araújo e foi realizado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) em Parnamirim/RN, durante o período de 04 de setembro a 10 de outubro de 2023.

Em conformidade com o Plano de Curso desse dispositivo de formação, o quarto estágio teve como objetivo geral “oportunizar aos estagiários experiências em espaços não escolares para compreensão dos aspectos que caracterizam os processos educativos em diferentes organizações” (Rio Grande do Norte, 2023, p. 01).

Ainda segundo o mesmo documento, os objetivos específicos foram:

> I) identificar práticas educativas que permeiam em ambientes não escolares de forma a estabelecer a relação dialógica entre teoria-prática como uma atividade indissociável na formação do pedagogo ; II) reconhecer diferentes campos de investigação que tributam para a reflexão da atuação e identidade do pedagogo em espaços não



> escolares; III) elaborar um projeto de intervenção vinculado às necessidades identificadas no campo de estágio, que reflita sobre a importância do trabalho do pedagogo em ambientes não escolares (Rio Grande do Norte, 2003, p. 01).

O quarto e último estágio foi em dupla, enquanto os anteriores realizei individualmente. Considero que o último, realizado em espaço não-escolar, foi onde mais senti dificuldade. Me senti insegura, pela falta de experiência em lidar com pessoas com deficiências, porém isso não apagou meu encanto e entusiasmo nas relações que mantive durante o convívio com aquelas pessoas. Foi uma troca de experiência e aprendizado que levarei para a vida.

Nesse estágio, aprendi sobre as relações sociais, observando como os assistidos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE se comunicam entre si. Quanto a forma de linguagem, percebi que eles interagem o tempo todo uns com os outros e que há um afeto muito grande entre ambos, inclusive no momento de fazer alguma atividade ou mesmo de se alimentar, devido às deficiências que para alguns desses assistidos se torna algo mais limitado, eles sempre se ajudam. Eles se respeitam, são extremamente educados e carinhosos com as visitas e com as pessoas da instituição.

A experiência deste estágio, permitiu conhecer um pouco mais sobre a realidade e as dificuldades que vivem as pessoas com deficiências, ao mesmo tempo ouvindo relatos das famílias percebe-se a importância que cada assistido tem dentro do núcleo familiar, fato esse que me emocionou em alguns momentos, quando por exemplo os parentes falavam do amor, do cuidado que tem com a pessoa com deficiência intelectual, as dificuldades enfrentadas no cotidiano, principalmente pela falta de apoio do poder público que não providencia verbas suficiente para um atendimento de qualidade.

Ao observar como a fisioterapeuta organizava as dinâmicas, com os circuitos de atividades inclusivas para deficientes e o quanto eles demonstravam prazer em participar das mesmas, percebi que poderia desenvolver uma metodologia que envolvesse os assistidos promovendo vivências corporais que os estimulam no seu desenvolvimento biopsicossocial, além de inseri-los num panorama de ludicidade e alegria, respeitando a limitação de cada um.



Concordo com Garrido e Lima (2005, p. 02), quando afirmam que “Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas.”

Considero que os estágios foram de fundamental importância para minha formação por me levar a compreender que cada passo dado serve como um degrau para a construção profissional, consciente nessa perspectiva como pedagoga, poderei levar o processo de educação a diversos grupos sociais não sendo necessariamente apenas a escola, planejando, criando e organizando conteúdos de aprendizagem que possam contribuir na formação de cidadãos para viver em sociedade.

Os componentes curriculares, que lancei mão de maneira prática e imediata para organizar o último estágio foram, Educação Especial e Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Física I e II. De Educação Especial reli textos que trazem a trajetória dos termos utilizados ao longo da história em relação às pessoas com deficiência no Brasil e até questionei o motivo pelo qual a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, ainda usa o termo “excepcionais”. A resposta que eu tive é que a Federação APAE-BRASIL ainda está em discussão sobre a mudança desse termo e que, por enquanto, deve que ser chamado assim.

Aprendi no componente curricular que cada indivíduo possui necessidades diferentes e por isso nem sempre todos conseguem realizar a mesma atividade em sala de aula, em razão disso, dividia as tarefas com minha colega de estágio pois enquanto alguns mais avançados estavam dando conta da atividade xerocada outros, que nem conseguiam segurar a caneta, trabalhava com eles o pareamento com cores, movimento de pinça, sempre procurando desenvolver a coordenação motora e o raciocínio. Criei meu próprio material, confeccionando palitos de picolé com cores diferentes, usando tampinhas, copos coloridos, pregadores de roupas e outros materiais recicláveis.

De Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de Educação Física I e II, resgatei os jogos e brincadeiras que aprendi nesse componente como forma de desenvolver a coordenação motora e dinamizar as interações por meio das atividades de natureza lúdica. Aprendi, por exemplo que,



> (...) ao permitir a ação intencional (afetividade), a construção de representações mentais (cognição), a manipulação de objetos e o desempenho de ações sensório-motoras (físico) e as trocas nas interações (social), o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil (Kishimoto, 2002, p. 36).

Nas leituras dos textos em sala de aula e orientações repassadas pelos professores formadores do curso de Pedagogia, percebe-se o quanto é importante e necessário o estágio para formação do estudante. O futuro pedagogo poderá vivenciar, dentre outros, a prática no estágio curricular supervisionado em espaço não formal, o que permite perceber que as suas atribuições vão além dos muros de uma escola, quebrando o paradigma de que o pedagogo somente pode atuar no âmbito escolar formal.

Segundo Gohn (2006, p. 36), “é preciso desenvolver saberes que orientem as práticas sociais, que construam novos valores, aqui entendidos como a participação de coletivos de pessoas diferentes com metas iguais. Isto tudo está no campo da educação não formal”.

Minha escolha pela Pedagogia foi por me identificar com essa área e por gostar muito de crianças, sendo isso constatado durante os estágios supervisionados, quando na oportunidade pude vivenciar, na prática, os conhecimentos teóricos adquiridos. A importância dos estágios curriculares supervisionados é que nos permite reflexão e a experiência de vivenciar o cotidiano escolar, seja ele de momentos bons ou de momentos desafiadores, porém, confiantes no que queremos realizar como profissionais da educação.

Reconheço ser importante fazer um planejamento com base na realidade social na qual está inserida a escola e seus estudantes e dessa forma, poder resolver os conflitos com sabedoria, caso tenha que tomar uma decisão ou quando há a necessidade de mudança de planos, por isso o planejamento deve ser flexível, de forma prática democrática, participativa, considerando a realidade da comunidade escolar e permitindo ajustes.



Quando pensamos em planejamento nos perguntamos qual o modelo mais adequado que atenda aos requisitos de uma gestão democrática e acerca desse assunto, Libâneo destaca:

> A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógico, tendo como referência permanente as situações didáticas concretas, isto é, a problemática social, econômica, política e cultural que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino (Libâneo, 1992, p. 222).

Fazendo essa análise percebo o tamanho da responsabilidade que nos é dada, uma vez que somos mediadores desses conhecimentos, ou seja, é preciso também, ensinar valores. É importante preparar o planejamento mediando a alfabetização na perspectiva do letramento, com domínio de leitura e escrita, mas não é somente isso, é preciso estimular o aluno ao pensamento crítico, para que ele possa agir com autonomia, argumentando com base na construção desses saberes e se posicionando com ética. Além disso, a ter repertório cultural valorizando a sua história e a do outro, colaborando com a construção de uma sociedade mais igualitária.

Esse processo ensino-aprendizagem vivenciado na prática dos estágios, oportuniza ao estudante compreender a realidade no cotidiano escolar, bem como o contexto social em que vive o público-alvo, ou seja, entender a comunidade escolar e seus desafios.

Trabalhar com crianças e poder contribuir com sua formação é algo encantador. Esse encantamento se deve ao fato de que quando fazemos parte da construção do conhecimento de um sujeito, isso nos motiva a buscar mais experiência para que nosso repertório fique diversificado e atualizado no processo de crescimento. Segundo Paulo Freire (1979, p. 84), “a educação não transforma o mundo, a educação transforma pessoas e pessoas transformam o mundo”. Dessa forma é assim que me sinto, uma mulher transformada e transformadora, capaz de contribuir como sujeito em sociedade, consciente dos meus direitos e deveres.



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Narrar, descrevendo e refletindo, a minha história formativa neste Memorial de Formação, me proporcionou revisitar os desafios e as lembranças que constituíram minha personalidade na construção do meu eu interior, as dificuldades que passei e as batalhas que travei para chegar até aqui. Esse trabalho possui grande relevância no sentido de promover reflexões sobre o meu lugar de estudante em um processo formativo formal, o que corrobora para uma postura docente mais humana.

Hoje, concluindo a licenciatura em Pedagogia, pude perceber o quão é libertador, me sinto dona de mim, confiante de que é esse o meu lugar, preparada para opinar em debates sabendo que a minha voz pode ecoar em diversos lugares e pode ser importante para alguém.

Diante dos acontecimentos que passei em uma fase de minha vida, tive que ser submissa, arriscando minha própria vida, sabendo que sem uma formação acadêmica não havia muita chance de conseguir um emprego formal que me proporcionasse uma independência financeira, caso decidisse cortar as amarras que me prendiam naquele lugar. Sabemos que para a mulher a questão de ter um trabalho formal, além de subsídios para sobrevivência, nos dá a sensação de autoestima elevada e autonomia, um empoderamento relacionado à realização profissional, porém o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo fazendo com que as pessoas estejam procurando cursos de capacitação com intuito de garantir seu meio de sobrevivência e muitas vezes o status que dele advém.

Levo na bagagem uma imensidão de conhecimentos, como os fundamentos teóricos que nos fazem entender como ocorre o processo da construção do ensino, a prática da docência, a contribuição dos autores que são apresentadas por nossos professores formadores durante o curso nos convidando a conhecer um mundo de ideias significativas para nossa formação. Todo esse aprendizado servirá de passaporte para eu ir mais longe, pois, apesar de me considerar uma pessoa proativa, sentia a necessidade de uma formação acadêmica até mesmo para minha autoafirmação.



A partir da conclusão do curso, pretendo lecionar em escola por meio de concurso público atuando na Educação Infantil. Enquanto espero isso acontecer, darei sequência aos estudos buscando a pós-graduação e cursos que agreguem na minha formação continuada em Educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB - Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>.Acesso em 30 de junho de 2024.

BRASIL**. Lei n° 11.788 de 25 de setembro de 2008.** Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em 29 de julho de2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:** Introdução. Brasília: MEC/SEF, 2001.v1

BRASIL. Ministério da Educação. Lei N° 5.692/71 de 11 de agosto de 1971. Histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores> . Acesso em 30 de julho de 2024.

CÂMARA, Tereza Cristina Bernardo da. **Desbravando Mares:** (re)pensando em uma existência como educadora, (re)pensando uma vida. Natal/RN: texto mimeo, s/d.

FRADE**,** Isabel Cristina Alves da Silva**. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização:** perspectivas históricas e desafios atuais. Educação, v. 32, n. 1, p. 21-39, 2007.

FREIRE. Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARRIDO, Selma Pimenta. O Estágio na Formação de Professores: unidade entre teoria e prática? **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 94, p. 58-73, ago. 1995.

GARRIDO, Selma Pimenta e LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência:** diferentes concepções. Revista Poíesis -Volume 3, Números 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006.



GOHN, Maria da Glória**. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Rio de Janeiro: Revista Ensaio-Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 14, n. 50, p. 11-25, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Abordagem Biográfica em Situações Educativas:** formação de si. Presente! Revista de Educação, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. et al. **Jogo, Brinquedo, Brincadeiras e Educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

KLEIN, Thais; HERZOG, Regina. **Inibição, sintoma e medo? Algumas notas sobre a Angst na psicanálise**. Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental, v. 20, p. 686-704, 2017.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar:** teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 1992.

MARINS, Bianca Guimarães. **O jogo como recurso pedagógico na educação infantil.** Pedagogia-Unisul Virtual, 2018.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar sob o olhar autopoiético: estratégias para reencantar a educação.** *São Paulo: PUC/SP*, 2001.

OLIVEIRA, Onilson Rodrigues de. Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy-IFESP. **Resolução Nº 03, De 20 De Dezembro De 2007.**

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de formação: entre a lógica da avaliação e a lógica da (auto) formação. **Presente! Revista de Educação**, v. 15, n. 58, p. 34-37, 2007.

PIAGET, Jean; CABRAL, Álvaro. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Zahar, 1971.

SANTOS, Letícia Rodrigues et al. As contribuições da Teoria da Aprendizagem de Lev Vygotsky para o desenvolvimento da competência em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 17, p. 1-15, 2021.Disponível em <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1489> acesso em 05 de agosto de 2024.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento. São Paulo, Contexto, 2003**.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho:** sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SILVA, Luiz Inácio Lula da; HADDAD, Fernando; LIMA, André Peixoto Figueiredo. Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008–dispõe sobre o estágio de estudantes. **Revista Segurança Urbana e Juventude**, 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico:** do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. Libertad, 2007.

APÊNDICE

Portfólio Elaborado Durante O Componente Curricular Coordenação Pedagógica Ministrado Pela Professora Regina Lúcia. Disponível em:



https://sites.google.com/d/1J8k5fTDdOl1S-JsO4UBD3XRIEQRJxHWs/p/1iWSPJ5TWE4jpPigC09LUzSP6t9nDXk2u/edit



MEMÓRIAS DE MINHAS VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS EM MEIO SÉCULO DE VIDA

Maria do Socorro Guedes Lima de Mello
Dayanne Chianca de Moura

No capítulo intitulado “Memórias de Minhas Vivências Acadêmicas e Profissionais em Meio Século de Vida,” escrito por Maria do Socorro Guedes Lima de Mello, somos convidados a adentrar em uma jornada de décadas que entrelaça sonhos, desafios e a paixão pela educação. Este memorial de formação não é apenas um relato de conquistas, mas uma reflexão profunda sobre o processo de crescimento pessoal e profissional, marcado pelo desejo constante de aprender e ensinar.

Como um rio que serpenteia pacientemente por entre vales e montanhas, a autora nos guia por suas lembranças de infância, onde seus primeiros professores foram seus próprios pais. É aqui que o amor pela educação floresce, regado pela curiosidade e pelo estímulo criativo que a cercava. Este primeiro contato com o conhecimento desperta nela a ânsia de aprender e mais tarde compartilhar essa experiência transformadora com seus futuros alunos.

Ao longo das páginas, vemos a persistência como fio condutor. Cada etapa de sua formação como professora de educação básica é narrada com a sensibilidade de quem compreende que ensinar é mais do que transmitir conteúdo; é tocar o coração, incentivar sonhos e promover o crescimento humano. A caminhada da autora pela educação básica reflete a de muitos educadores que encontram na sala de aula um espaço sagrado de transformação, tanto para si mesmos quanto para seus alunos.

A narrativa é adornada com momentos de ternura e superação, onde Maria do Socorro recorda o apoio de seus familiares e a inspiração encontrada nos educadores que a cercaram. Cada experiência se soma em um mosaico de saberes e vivências que a moldaram como a professora que é hoje — uma professora comprometida em fazer pelos outros o que tantos fizeram por ela.



Este capítulo, com sua linguagem poética e cativante, é uma ode ao ensino. Ele nos lembra que a educação é um processo contínuo, vivo e renovador, e que a verdadeira formação não se limita às quatro paredes de uma sala de aula, mas se espalha por cada experiência de vida, por cada desafio superado e por cada criança que encontra no olhar do professor um reflexo de esperança e possibilidade.

RECORDANDO A INFÂNCIA, MEUS PRIMEIROS PROFESSORES (MEUS PAIS) E O FANTÁSTICO MUNDO DA MINHA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste processo de relembrar da minha infância para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (Memorial de Formação), pude perceber como tenho a memória privilegiada. Tenho muitas lembranças desse período desde muito pequena, talvez em torno de 18 meses de vida, lembro de cheiros, sabores e da altura dos móveis de minha casa, tudo parecia gigantesco para mim. Dessa forma procurei fazer um breve relato de momentos que considerei essenciais e que contribuíram para meu desenvolvimento como ser humano e também para meu processo de aprendizagem e entendimento do mundo que me cercava, época passada nos idos dos anos 70 no meu querido bairro das Quintas em Natal-RN.

CURIOSIDADE, ESTÍMULOS E CRIATIVIDADE

Muitos de nós já ouvimos dizer que nossos pais são os nossos primeiros professores, e é exatamente nisso que eu acredito. Sou uma filha temporã, meus pais já estavam bem maduros quando nasci e acredito que isso foi algo benéfico para a minha vida. Meu pai era um leitor, apreciava boa música e tinha amigos jornalistas, radialistas e escritores que sempre frequentavam a nossa casa. Minha mãe não era escolarizada, mas, era muito atenta ao que estava acontecendo ao seu redor. Ela apreciava bastante acompanhar programas de rádio, jornais e radionovelas, gostava muito deste mundo de pessoas inteligentes e letradas, contudo, teve uma infância e juventude difíceis e a escola foi para ela um sonho que não pôde realizar. Acredito que em virtude disso, ela se



deliciava com cada nova descoberta ou aprendizado, onde ela mesma nunca teve a oportunidade de realizar em sua própria vida.

Meus pais sempre estiveram atentos ao meu desenvolvimento e muito cedo perceberam e tentaram satisfazer a minha curiosidade sobre tudo o que eu via, ouvia e tentava entender naquela minha tenra vida infantil. Recebi muitos estímulos visuais e auditivos, me interessava pelas conversas que tinham, pelas músicas que ouviam, e em minha curiosidade procurava entender tudo o que falavam e o que as músicas diziam. De tão curiosa que era, aprendi a falar muito cedo, talvez por volta de um ano de idade, eu já entendi o que falavam comigo e também já pronunciava frases inteiras, e fazia muitas perguntas. O bom de ter lembranças tão vívidas é poder constatar em minha própria experiência o que pude aprender no curso de Pedagogia daquilo que relatam os pesquisadores da educação e do desenvolvimento infantil, como podemos refletir na afirmação abaixo citada.

> A par destas transformações começam a surgir as primeiras palavras e, posteriormente, as primeiras frases. Esta crescente capacidade linguística traz inúmeras implicações ao nível da comunicação com os outros. A criança começa a conversar, a questionar, a querer saber sempre mais, numa tentativa de compreender o mundo que a rodeia. Na verdade, com um ano de idade a criança já pronúncia algumas palavras perceptíveis, iniciando a articulação das primeiras palavras com significado (Papalia et al., 2001)

Mesmo sem saber ler ou escrever, minha mãe era uma ótima contadora de histórias. Antes de dormir sempre me contava histórias fantásticas, de lobisomens, princesas e reinos encantados, também me ensinava a rezar lindas orações que me encantavam e me faziam sentir segurança e amor, saber que tinha um anjo da guarda só meu me deixava imensamente feliz.

Por volta dos dois anos meus pais me presenteavam com cadernos de desenho, livrinhos de pintar e recortar, cartilhas com letras e números e muitas coleções de lápis de cor. Eles percebiam que eu me sentia mais feliz com materiais escolares do que com brinquedos. Nesta época sentia que estava treinando para chegar pronta na escola, que era para onde eu queria muito ir, entretanto, ainda era muito pequena e tinha que esperar



completar 3 anos de idade, tendo sido essa a idade que meus pais acharam mais adequada para o meu ingresso no jardim de infância.

Como minha mãe era dona de casa, eles não viam motivos para que eu fosse cedo demais para a escola, o que posso dizer hoje que foi uma decisão assertiva, apesar de que com o advento dos documentos norteadores da educação, sabe-se que mesmo as crianças bem pequenas e os bebês aprendem e se desenvolvem de acordo com as suas faixas etárias.

> De acordo com a LDB 9394/96, cada campo de experiências propõe objetivos de aprendizagem e desenvolvimento específicos para três diferentes grupos etários: bebês (de 0 a 1 ano e seis meses), crianças bem pequenas (de 1 ano e sete meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses) (Brasil, 1996).

Papai era assinante de dois grandes jornais da cidade, e o hábito que ele tinha de folhear os jornais, me causava grande curiosidade. Vê-lo lendo aquelas grandes folhas de jornal me deixavam maravilhada, sabia que aquelas letrinhas juntas formavam palavras, e que essas palavras juntas contavam histórias, e eu queria muito aprender a ler como meu pai lia, para também conhecer essas histórias. Como uma espécie de treinamento, papai me deixava recortar as letras dos seus jornais, me dava também as palavras cruzadas para completar, ele me ajudava dizendo as letras e me mostrando como “desenhá-las”, e foi assim que cheguei aos 3 anos já conhecendo as letras e escrevia cada uma delas com muito capricho. Esta lembrança, certamente, é confirmada pela citação a seguir:

> O gosto pela leitura está diretamente associado aos estímulos que são proporcionados à criança desde muito cedo. O contexto familiar é de grande importância. Quando a criança cresce no meio de livros e vê, à sua volta adultos lendo, é despertado nela o hábito de ler, considerando que a formação de um leitor não se dá através de produtos e sim de estímulos (Nascimento; Barbosa, 2006. p. 1).

O COMEÇO DA DIVERSÃO: APRENDER É UMA FESTA

Sempre observei o ir e vir das crianças de minha vizinhança que frequentavam a escola, eu mal podia esperar para fazer 3 anos e também ter acesso a esse mundo novo. Lembro bem dos preparativos de minha mãe e o quanto ela estava ansiosa e feliz, era



como se tudo aquilo que ela queria para si, estivesse se concretizando através de mim, que era um pequeno pedaço dela mesma.

Lembro do estojo com lápis de cor novinhos em folha, da lancheira vermelha, do caderno encapado com papel de presente e da jardineira de tecido quadriculado vermelho e branco que usaria com o conga vermelho novo, comprado no comércio do Alecrim. Uma experiência deliciosa lembrar desses preparativos: que dias tão felizes! Para mim era a antecipação de tudo o que seria a minha vida, era como se eu já soubesse que a minha felicidade para viver e o que daria sentido a toda minha existência se materializaria em um lugar: a escola.

Muitos podem achar difícil, mas, para mim, lembrar do primeiro dia na escola me dá a impressão de revivê-lo em cada mínimo detalhe.

Lembro-me nitidamente do caminho que percorri, de cada imagem que vi, de cada som e de cada cheiro daquele meu primeiro dia de aula. Cada momento daquele dia permanece nítido na minha memória, não entendia direito o choro dos coleguinhas. Algumas mães tentavam sair, mas as crianças agarravam suas pernas e choravam e gritavam muito. Minha mãe ficou um pouco apreensiva, e ia se distanciando devagar e dizendo que voltaria para me buscar, que eu não precisava sentir medo; eu muito feliz dizia: “pode ir para casa mãe, eu não estou com medo”, na verdade o medo era o último dos sentimentos que eu estava imaginando, pois estava imensamente feliz. Para mim aquele dia transcorreu da melhor forma possível, guardo na lembrança a brincadeira com massinhas, o desenho caprichado das vogais no meu caderninho novo, lembro do orgulho que senti ao colorir o desenho “sem sair fora da linha”, inclusive se fecha os olhos e me concentro um pouco, consigo até mesmo sentir o sabor do ki-suco de morango e das bolachas Maria que levei para merendar naquele primeiro dia.

Contudo, a lembrança mais vívida que guardei foi a da mão de minha professora segurando a minha para me ajudar a cobrir as letrinhas, aquele toque e aquele calor nunca esqueci. Senti muito amor naquele pequeno gesto, sua amorosa gentileza denotava que ela amava ser professora. Infelizmente não lembro o seu nome, mas a sua voz melodiosa e alegre ainda ecoa em minha lembrança. Algumas vezes imaginava que aquela jovem



moça seria uma ninfa ou fada, um ser encantado, sublime, ou até uma princesa que saia do seu castelo para brincar e ensinar as criancinhas. Parafraseando Vygostsky, as autoras Martins e Santos destacam o seguinte:

> A afetividade vai além de sentimentos de amor, ternura e carinho; ela está relacionada a emoção, estados de humor, motivação, atenção, personalidade, temperamento, dentre outros termos. Ela exerce papel fundamental nas relações, influenciando o interesse na aprendizagem, a autoestima, a memória, a percepção, a vontade e as ações, favorecendo a construção da personalidade humana (Vygotsky, 1998, p. 42).

Talvez aquela primeira impressão que tive houvesse sido a semente do desejo de me tornar uma professora. Sinto que ali nasceu o desejo de um dia tornar real esse meu pequeno sonho. Tenho certeza que meu pai percebeu que algo ocorreu comigo, ele até me deu de presente um quadrinho, apagador e giz para brincar de professora, e por vezes, meus amiguinhos vinham para minha casa brincar de escolinha, e mesmo quando eles não podiam vir, meus brinquedos e até os gatinhos de casa “viravam” meus alunos. Essas são doces lembranças de momentos simples, mas muito marcantes para a criança que fui e que ainda existe em mim.

APRENDENDO COM TUDO E EM TODO LUGAR: LIVROS, TV, REVISTAS, LOJAS E OUTDOORS

Por ser filha única de meus pais eles acharam melhor me matricular no pequeno jardim de infância (particular) que além de ficar bem próximo de nossa casa também contava com professoras jovens e entusiasmadas com a educação. Me sentia uma criança muito feliz na minha escolinha toda decorada com palhacinhos, bichinhos, e letras que sorriam felizes para nós.

Minha vida no jardim de infância era simplesmente fantástica, aos 04 anos de idade, eu já ia sozinha para a escola que ficava na mesma rua da minha casa, meu pai passou todo o meu primeiro ano de jardim me levando no “cangote”, acho que essa é uma lembrança que muitas crianças têm, mas são poucas às vezes, que se tem a oportunidade de falar sobre isso, um gesto tão simples, mas que para mim foi capaz de deixar uma



marca positiva de momentos felizes que tive na companhia de meu pai, que sempre conversava comigo, me protegia e incentivava a ter grandes sonhos e muitos objetivos na vida.

Após se assegurarem de que eu já era bem esperta para ir à escola sozinha, meus pais ficavam no portão da casa observando até eu chegar na escolinha, com atitudes como essas, meus pais estavam me incentivando a ser uma pessoa segura, confiante e inteligente. Eu já entendia o que era tomar cuidado, e tinha liberdade de transitar na minha vizinhança com bastante autonomia, eram poucos metros para começar, mas sabia que meus pais queriam que eu fosse muito longe na vida, mesmo sendo tão pequena já compreendia muito bem o que fazia e queria e o quanto esses pequenos gestos deixavam meus pais orgulhosos de mim.

Em 1976, com um prêmio do jogo do bicho, papai comprou uma geladeira e uma TV novas. Nesse primeiro momento não fiquei muito animada e quase nada me chamou atenção na TV, não lembro se haviam programas infantis, mas assistia ao programa Silvio Santos e o Domingo no Parque, sempre em companhia de minha mãe, que era produtos direcionados ao público infantil dessa época. Para a minha felicidade muito fã dele. Aos poucos fui me acostumando e prestando atenção nos comerciais, que em sua maioria, sempre tinham músicas e pessoas animadas e falantes, inclusive, me recordo com muita nostalgia de muitos comerciais em março de 1977, estreou na rede Globo um programa feito para crianças como eu, cheias de curiosidade e com muita vontade de aprender. Esse programa foi o Sítio do Picapau Amarelo, e para mim, ele chegou para encher os nossos corações e as nossas jovens mentes infantis com histórias fabulosas e muitas aventuras de uma turma de personagens saídos dos livros de um dos maiores autores brasileiros e patrono da literatura infantil, Monteiro Lobato.

Rapidamente o Sítio do Picapau Amarelo passou a fazer parte de minha infância e do meu desenvolvimento escolar. Foi assistindo a vovó Benta lendo para as crianças sobre mitologias e outros contos que me apaixonei ainda mais pelas letras, aos 4 anos já chegava ansiosa na escola pedindo para que a professora passasse mais tarefas de casa para mim, pois eu queria muito ler tudo que pudesse o mais rápido possível, eu ainda não



sabia, mas, já estava bem adiantada nesse processo. Continuava a brincar com os jogos e caça-palavras dos jornais de papai e adorava ir ao mercado com minha mãe só para brincar de ler os rótulos dos produtos, tudo era muito natural e divertido, até os deveres de casa, que eram fonte de choro e reclamação dos meus coleguinhas, para mim era um verdadeiro deleite.

Em um dos nossos passeios ao Alecrim, pude perceber que já conseguia entender todas as palavras escritas nas fachadas das lojas, as letras juntas faziam sentido para mim e desde aquele momento lia tudo que podia, adorava ler os grandes outdoors, cartazes e todas as placas de ruas que encontrava pela frente, senti que o mundo se descortinava diante dos meus olhos, fiquei muito feliz e meus pais também, e eu ainda nem tinha completado os meus 5 anos. Esse aprendizado para mim ocorreu de forma natural e espontânea, contudo, também dou crédito a minha professora do Jardim de Infância por sua dedicação e amor para comigo, da mesma forma que também devo isso aos meus pais, que sempre me incentivaram a gostar das letras e dos livros. Foi graças a soma desses fatores que pude conquistar essa pequena vitória, que certamente, me seria muito útil por toda a minha vida.

Estava com 5 anos completos e neste último ano estudando no Jardim Escola Pequeno Príncipe e acredito que já nessa idade tinha alcançado a maior parte do meu processo de alfabetização. Já lia e interpretava textos perfeitamente, escrevendo com esmero e capricho (graças aos cadernos de caligrafia que usávamos na época) já compreendia o sentido de quantidades, lia os números e sabia escrever por extenso qualquer um deles em todas as suas ordens e classes, sabia inclusive fazer contas “de cabeça” não encontrava a mínima dificuldade em fazer contas “grandes”, inclusive de subtração “pedindo emprestado” o que era talvez algo um pouco complicado para os meus amiguinhos, mas não para mim que sempre adorava brincar de fazer contas o tempo inteiro.

Acredito ter sido uma criança privilegiada por ter tido pais tão interessados no meu desenvolvimento, tudo que vivenciei nessa fase em meu lar, contribuiu para que eu alcançasse vários objetivos na minha jovem vida.



> A família tem um enorme papel na vida de uma criança, sendo ela sua primeira base e influência. O meio onde ela vive é importante para a construção de sua conduta. Ela é responsável por ensinar, educar e inserir a criança na sociedade, visto que seus costumes e modo de vida influenciarão a criança (Oliveira; Suzuki; Pavinato; Santos, 2020, p. 04)

Muitos coleguinhas não tiveram essa sorte de ter pais como os meus, eu percebia isso e procurava ajudá-los com as tarefas e atividades escolares, acho que em meu coração já entendia que essa seria a maior alegria de minha vida, me tornar uma professora que pudesse fazer a diferença na vida de outras crianças que sonham em chegar mais longe e aprender e se sentir felizes com esse aprendizado. Eu fui essa criança, curiosa, criativa, e muito dedicada, além disso, sempre procurei ser uma boa filha, atenciosa, carinhosa e muito obediente, por esses motivos e pela criança que fui, acredito que também fiz meus pais muito felizes. Por estas e outras razões, serei eternamente grata por todo amor, cuidado e incentivo que eles sempre dedicaram a mim, não só na minha infância, mas por todo o tempo que estiveram comigo neste plano de vida.

ENSINO FUNDAMENTAL: VIVENCIANDO NOVAS AVENTURAS, EXPERIMENTANDO, REFLETINDO E DIFERENCIANDO

Pesquisando e estudando as obras de autores como Vygostsky e Piaget, entre outros igualmente importantes durante o curso de pedagogia, pude chegar a várias conclusões, e uma delas é que o ensino fundamental, principalmente nas séries iniciais é sim a etapa do aprendizado das crianças que terá possivelmente o impacto mais significativo para que elas obtenham um bom desenvolvimento de forma geral, repercutindo até mesmo nas outras fases de aprendizagem, até a sua fase adulta.

> O ensino fundamental tem como objetivo proporcionar aos alunos uma formação básica sólida, que lhes permita adquirir habilidades fundamentais para sua vida em sociedade. Durante essa etapa, os estudantes desenvolvem habilidades de leitura, escrita e cálculo, construindo a base do conhecimento necessário para prosseguir seus estudos. Essa formação básica é essencial para que os estudantes possam compreender o mundo à sua volta, tanto no presente como no futuro (Blog: Eniac – Centro Universitário de Excelência, publicação em: nov/17, 2023 9:00:00 AM).



Um Ensino Fundamental bem-feito, é a base para sustentar e equilibrar todas as demais etapas subsequentes durante a aprendizagem dos estudantes, inclusive faço essas considerações colocando-me como resultado de um processo de ensino fundamental bem-feito. Posso dizer sem receio algum que muitos aprendizados deste período de minha vida escolar serviram para o meu desenvolvimento pessoal, social e até mesmo profissional. E não foi somente pelo que aprendi em termos pedagógicos, mas posso dizer que todas as experiências emocionais, afetivas e sociais que vivenciei no período escolar serviram como fatores contribuintes para a formação do meu caráter, de minha personalidade e de meu raciocínio crítico.

Dividi esta etapa de aprendizagens a partir do que considerei mais importante para mim como criança e adolescente, respectivamente, refletindo acerca de minhas experiências nas séries iniciais e finais do Ensino de 1º grau, passados nos anos de 1979 a 1986.

SÉRIES INICIAIS DO ENSINO DE 1º GRAU – MEIO A MEIO

Essa fase de minha trajetória escolar divide-se exatamente como fala o título "meio a meio". E é motivado pelo fato de eu haver estudado da 1ª série até a metade da 3ª série na escola pública e deste ponto citado até a 5ª série ter estudado em uma escola particular.

Esta experiência de estudar na rede pública e depois na rede privada, foi para mim uma oportunidade excepcional para entender e refletir acerca da importância dessa fase para os estudantes e suas famílias. O Brasil daquele período (1979-1983) atravessa um momento de Hiperinflação, e era uma época muito difícil economicamente para todos, e principalmente para os pais de crianças em idade escolar. Algumas creches públicas ofereciam o período integral, oferecendo fardamento, materiais escolares, alimentação, e outros cuidados até o final dos 5 anos de idade, contudo, aos 6 anos deveriam ingressar na 1ª série do Ensino de 1º grau, onde era notório naquela época que não haviam escolas que oferecessem o mesmo assistencialismo que as creches e por isso, muitos pais desistiam de colocar seus filhos na escola para que pudessem trabalhar e ajudar nas



despesas de suas casas, e além dessas situações, também havia a dificuldade do número reduzido de vagas ofertadas na rede de ensino público, havendo inclusive a necessidade de um teste admissional para selecionar os alunos de 6 anos que ficariam com as vagas (que eram limitadas), desta forma, crianças que não atingiam os níveis de leitura e escrita esperados no teste eram excluídos e muitos pais eram obrigados a procurar por vagas em escolas mais distantes que ainda tivessem vagas e que aceitavam um menor desempenho no teste de admissão. Pude inclusive observar que em muitas situações quando essas crianças não conseguiam vagas ou por necessidade de trabalhar para ajudar as famílias, estes só retomavam os estudos, na adolescência ou na fase adulta em cursos supletivos ofertados por pouquíssimas escolas na cidade de Natal que funcionavam a noite.

Felizmente a LDB - Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394 (que foi promulgada em 20 de dezembro de 1996) trata de muitas melhorias para a educação, inclusive no que concerne a obrigatoriedade dos poderes constituídos promoverem as vagas necessárias para que as crianças brasileiras tenham acesso à educação ainda na primeira infância. A LDB, abrange desde a *educação* infantil (agora sendo obrigatória para crianças a partir de quatro anos); ensino fundamental; até o ensino médio (estendendo-se para os jovens até os 17 anos), tratando inclusive, de outras modalidades do ensino, como a educação especial, indígena, no campo e do ensino à distância.

Sem dúvidas, de quando eu era criança até os dias atuais houveram muitas mudanças para melhor, contudo, é muito importante que permaneçamos vigilantes para que os direitos adquiridos após longo sofrimento do povo brasileiro não sejam respeitados, a lei trouxe benefícios e é importante que estes benefícios possam ser conhecidos por quem precisa e para que todos possam ter acesso a eles de forma justa e igualitária.

Após passar no teste admissional para o ingresso na 1ª série do Ensino de 1º grau, experimentei 2 anos e meio de um período que considerei muito bem aproveitados no Grupo Escolar Tiradentes, escola que pertencia a rede de ensino municipal de Natal, administrada pelo saudoso Padre Tiago Thiesen, que mantinha a escola funcionando com disciplina e organização excepcionais.



Diante da importância do trabalho que o Padre Tiago Theisen desenvolveu na Educação no Estado do RN, gostaria de abrir espaço para um breve relato acerca da vida e obra do Padre Tiago em virtude do meu sentimento de gratidão e por ele ter sido para mim, um modelo de educador dedicado aos seus ideais que acreditou que a educação consegue mudar o futuro das pessoas sempre para melhor.

E para melhor destacar um pouco do grande trabalho Social e Educacional do Padre Tiago trouxe uma breve matéria jornalística a qual fiará registrada neste meu memorial de formação, como uma forma de homenagear a esse homem estrangeiro que abraçou a causa das crianças mais pobres de nosso Estado do RN. O título da Matéria é: "As mãos que oram e trabalham" publicada no Jornal Tribuna do Norte em 26 de abril 2015.

"Nascido no dia 23 de outubro de 1930, em Namur, Bélgica, Tiago Theisen é o filho mais jovem do casal Joseph Theisen e Anna Jonet, que já eram pais de mais quatro crianças: Jean Pierre, Louis, Joseph e Julienne. Em 1949, Theisen entrou para o Seminário de Floreff, ordenando-se sacerdote no dia 31 de julho de 1955. Graduando-se em Filosofia, Teologia, Biblioteconomia, Ciências Religiosas e Humanas, participando ainda como estudante livre na Université Catholique de Louvain na cidade de Mechelen – Bélgica, na década de 1960, onde fez estágio em Assuntos para a América Latina.

Em 1968, a convite do arcebispo da Arquidiocese de Natal, Dom Nivaldo Monte, o padre belga Tiago Theisen chega no Brasil, para trabalhar na periferia da cidade do Natal-RN. Pode-se dizer que tudo aquilo que ele fez foi bem além da sua missão de evangelizar. Logo que aqui chegou dedicou-se a realizar ações comunitárias voltadas para a educação. Optando por trabalhar com crianças nos primeiros anos de vida, pois quando era estudante na Université Catholique de Louvain (UCL), na Bélgica, em 1960, aprendeu nos seus estudos sobre genética que o desenvolvimento máximo do cérebro humano se dá dos 2,5 aos 3 anos de idade. Sendo essa a fase ideal para que a criança comece a estudar, pois, segundo ele, a partir dos 4 anos seu potencial intelectual já entra em um certo declínio e não recupera mais o potencial de aprendizado dos primeiros anos. Para



ilustrar esse pensamento, ele dizia o seguinte: “É como plantar feijão no mês de maio. Tem que ser em março, ou então perde-se grande parte da safra”.

Em sua missão religiosa em terras potiguares, construiu 43 igrejas, ampliou seis e quadruplicou a de Igapó. Fundou duas paróquias: Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro, no bairro das Quintas (1969), e Santa Maria Mãe, no conjunto Santa Catarina (1982), além de reiniciar a paróquia de São Miguel de Extremoz (1982). Construiu ainda 34 jardins de infância para crianças de três a cinco anos, tendo sido essa a sua tarefa mais edificante, pois por meio desse trabalho ele pode alterar para melhor o curso da vida de milhares de crianças ao longo de várias décadas. “

Sinto-me hoje muito feliz por dedicar algumas linhas neste meu memorial acadêmico prestando uma singela homenagem a este valoroso educador que fez parte de minha infância e de minha trajetória educacional. Quero também deixar registrada a minha gratidão a Deus pelo privilégio de ter sido uma das muitas crianças que conheceram e conviveram com o padre Tiago Thiesen.

Diariamente, o portão da escola era aberto no horário certo, às 7:00h em ponto e os estudantes formavam uma fila ao lado da porta de suas respectivas salas, era preciso aguardar a professora que abria a sala para que todos entrassem (ordeiramente) e nos dispuséssemos ao lado de nossas carteiras (de pé), após o cumprimento da professora e após a oração do Pai Nosso, tínhamos permissão para sentar e ela começava a chamada. Essa rotina para mim era algo que me confortava e me trazia segurança emocional, as crianças eram tranquilas e a professora aparentava ser também bastante equilibrada, e sempre nos tratava com gentileza e amabilidade, suponho inclusive que este clima de tranquilidade na sala, era um ponto que contribuía favoravelmente para o nosso desenvolvimento e aprendizado naquela época.

No Grupo Escolar Tiradentes, escola da rede municipal de ensino da cidade do Natal, localizada na lateral da Paróquia de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, no tradicional Bairro das Quintas, nós crianças, além das rotinas de estudos, tínhamos semanalmente o hasteamento das bandeiras (do Brasil, do Rio Grande do Norte e da escola), que acontecia sempre às quartas-feiras, formávamos filas no pátio para cantar 4



hinos (nacional, da bandeira, da independência e da nossa escola), era um momento muito aguardado por nós e sempre considerávamos esse um ponto alto da nossa semana. A diretora escolhia os alunos ou alunas mais bem-comportados das turmas para hastear as bandeiras e isso sempre era um motivo de grande emoção para todos nós. Às quintas-feiras, o horário após o recreio era reservado para o estudo da catequese. Nossa escola ficava ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e essas aulas eram ministradas pelo próprio Padre Tiago (nas dependências da igreja), que além da parte religiosa, costumava ensinar também sobre valores humanos, honestidade, reverência a Deus e obediência aos nossos pais e as pessoas mais velhas, lições que guardo não só na lembrança, mas também em meu coração. Naquela época a grande maioria das crianças gostava de participar das datas festivas comemoradas durante o ano letivo da nossa escola, e Padre Tiago fazia questão de que todas as principais datas do calendário de eventos das festas folclóricas fossem realizadas nas escolas, pois ele sempre foi um fervoroso incentivador das manifestações da cultura brasileira.

Estudei nessa escola pública a 1ª e a 2ª séries completas e metade da 3ª série, quando nos mudamos para outra casa e meus pais me matricularam em uma escola particular para concluir a 3ª série. Para fechar essa etapa de minha experiência na escola pública nesses dois anos e meio, concluo reiterando que aprendi bastante no Grupo Escolar Tiradentes, não só com as professoras, mas também com o padre Tiago, de quem me lembro com muito afeto, que mesmo com seu olhar sério e com sua forma de ensinar um pouco austera, sempre soube em meu coração que ele tinha um amor incondicional por todas as crianças e que era seu dever e sua missão nos orientar nesta fase inicial de nossas vidas. Acerca desse olhar intuitivo sobre o processo de desenvolvimento das pessoas que era nítido no nosso saudoso padre Tiago, e sobre essa lembrança, concordo com o que diz Korloski e Ansai ao afirmarem que:

> A afetividade desperta a confiança do aluno para com o seu professor. Neste sentido, constata-se que a afetividade é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois, todo o processo do desenvolvimento humano passa pelo aspecto social juntamente com a cognição [...]. (Kosloski; Ansai, 2008, p. 11)



Iniciei uma nova etapa no meu desenvolvimento escolar no Externato Adventista Brasília, também localizado no bairro das Quintas, esta escola os níveis do ensino de 1º grau, as séries iniciais que iam da 1ª a 4ª séries e as finais que começavam na 5ª série seguindo até a 8ª série. Do mesmo modo que a escola pública, a escola particular também tinha a sua rotina do hasteamento da bandeira e isso era basicamente igual, contudo, a diferença que senti nesta nova escola foi o fato de não serem comemoradas algumas datas festivas com as quais já era acostumada, com exceções para o dia das mães e dos pais; outras datas que envolviam a cultura eram pouco faladas e no máximo, fazíamos alguma tarefa no livro ou na folha e só. Em compensação, os estudos das matérias eram excelentes, os professores se esmeravam nas explicações, usávamos bastante os livros e os alunos eram constantemente estimulados a apresentar os resultados daquilo que era estudado/pesquisado por meio da apresentação de seminários. Estes eram para mim, momentos maravilhosos, amava apresentar os seminários e nunca senti nenhum medo ou receio, contudo, ao contrário de mim, alguns colegas eram tão tímidos que chegavam a passar mal quando eram convidados a vir para a frente da sala para apresentar o trabalho.

Outro fato que gostei na escola particular foram as aulas de educação física, algo que não tinha experimentado até então, passei a considerar os dias da educação física muito especiais, pois me faziam sentir uma espécie de conexão com os atletas olímpicos, já que nessa época comecei a entender melhor e também a acompanhar pela TV esse evento mundial que acontecia a cada 4 anos. Em 1980 pude assistir pela primeira vez a abertura dos Jogos Olímpicos sediado em Moscou, União Soviética. Tenho muito nítida em minha lembrança a figura da mascote MISHA, formada a partir de placas que dezenas de pessoas levantaram na arquibancada, a imagem que surgia era de um ursinho que vertia uma lágrima, e essa recordação me traz até hoje um profundo sentimento de nostalgia. Essa talvez não tenha sido algo tão importante para alguns, mas para mim é uma maravilhosa lembrança de minha infância, talvez pelo fato de que eu já considerava nessa época que a televisão era um equipamento fantástico, algo que era capaz de me fazer enxergar o mundo inteiro como que por uma janela mágica. A TV me dava a oportunidade de conhecer outros lugares, outros países, outras culturas e posso até dizer que para uma alma curiosa como a minha, a fome por conhecimento nunca é saciada, ainda bem que



existe a TV, os livros, revistas, jornais agora mais recentemente a internet, sou uma curiosa assumida desde a infância.

As Metodologias de ensino usadas pelos professores do ensino fundamental daquela época, posso dizer que era uma mistura de tradicional que consistia na transmissão de conhecimento pelo professor (que desempenhava um papel central na sala de aula) com aulas expositivas, que contavam com pouquíssima participação dos estudantes, na grande maioria das escolas públicas e particulares. Contudo, havia alguns professores que agiam diferente, e este foi o meu caso, nas escolas onde estudei haviam aulas de campo, onde visitávamos locais muito interessantes e via sinais de aulas planejadas com a interdisciplinaridade como ponto focal. Talvez tenha participado (sem saber) de aulas experimentais, onde os professores estavam experimentando novas formas de trabalhar e metodologias de ensino um pouco mais alternativas, ou até mais contemporâneas. De qualquer forma, como estudante do ensino fundamental, tive a oportunidade de aprender de muitas formas diferentes do que era tido como tradicional, havia muita interação na sala de aula e os alunos eram instigados a pesquisar, a expor suas pesquisas e também a desenvolver a criatividade e a própria construção do conhecimento, assim como também o próprio raciocínio crítico.

Por fim, a minha experiência de meio a meio nas séries iniciais do ensino fundamental foi essa, passar pela escola pública e depois pela privada contribuíram de certa forma para me preparar para o futuro que me aguardava mais à frente. Em relação ao restante do ensino fundamental, ou seja, da 6ª a 8ª séries, finalizei em uma Escola do Município de Natal, portanto, uma escola pública, localizada próximo a residência onde eu vivia com meus pais, a Escola Municipal Ferreira Itajubá, no bairro das Quintas.

SÉRIES FINAIS DO ENSINO DE 1º GRAU: CRESCER É BOM, E TODO MUNDO GOSTA

A partir deste momento de minha vida escolar até o ensino médio, só estive matriculada em escolas públicas, e posso dizer que foi uma época bastante divertida e desafiadora para a adolescente de classe média (baixa) que eu fui. O ano era 1984 e com



11 anos eu me sentia muito otimista e cheia de autoconfiança, da 6ª série até a 8ª, que hoje equivale ao 6° até o 9°ano, ou seja, o Ensino fundamental II) estudei na Escola Municipal Ferreira Itajubá, lugar onde fiz muitos amigos e onde vivenciei o início da minha adolescência. Sempre estudando bastante e fazendo tudo o que aparecia para se fazer na escola, tirava boas notas e continuava com o hábito de ajudar os colegas com as matérias, ajudava também os professores, pois sempre gostei de retransmitir recados e colaborar com as atividades, fosse copiando a matéria no quadro ou ajudando na distribuição das provas ou outras tarefas que os professores solicitavam. Atualmente o nome que se dá a atitudes como as que eu tinha naquela época é “proatividade”, e isto é algo bastante positivo, contudo, algo que hoje é valorizado, há alguns anos era considerado pejorativamente como atitude de uma pessoa que tinha uma má intenção ou tinha interesse de tirar proveito de alguma determinada pessoa ou situação. Esse pensamento me incomodava bastante, pois eu apenas tinha vontade de ajudar e nem sequer por um minuto eu pensei em tirar proveito próprio do que quer que fosse.

No mais, meus estudos prosseguiam bem durante essa época de minha vida escolar. Eu continuava a aprender cada vez mais e lia também cada vez mais. No Ferreira Itajubá, havia uma pequena biblioteca, mas, para mim era um palácio de maravilhas. Eu não lia, eu “devorava” os livros, podíamos levar emprestados quantos livros quiséssemos e assim eu fiz, me tornei uma fiel frequentadora da biblioteca por todo o tempo em que estudei naquela querida escola que continua em funcionamento no bairro das Quintas.

Naquela época, gostava de dedicar meus finais de semana a leitura dos mais variados gêneros, gostava de todos, mas por algum tempo tive uma certa preferência por romances de época e pelo gênero investigativo.

Nessa fase do meu ensino de 1º grau (atual Ensino Fundamental anos finais), tivemos algumas novidades muito boas: uma foi a merenda gratuita, diariamente partilhávamos de momentos de grande euforia e também de pequenas disputas por um bom lugar na fila da merenda, sempre haviam empurrões e xingamentos, mas, gestos gentis e fraternos também existiam. Várias lembranças como estas, hoje, me fazem sorrir e as guardo com muito carinho na minha memória. Outras boas lembranças que tenho,



são referentes as aulas de Educação Física. A escola municipal Ferreira Itajubá não dispunha de um espaço adequado para a realização das aulas práticas daquela disciplina, então foi necessário que a diretora da época contasse com o apoio do Grupamento de Fuzileiros Navais (situado também no bairro das Quintas) para que fossem utilizadas as instalações esportivas do quartel para atender a todas as turmas da escola nos dois turnos. A parceria, pelo menos para nós, deu muito certo, pois as aulas de educação física (todas práticas) aconteciam no contraturno da escola e eram praticamente uma preparação olímpica, tendo em vista que a estrutura do quartel oferecia uma gama de oportunidades para a prática esportiva em alto nível, mesmo sendo ainda tão jovens, nós apreciávamos aquelas aulas e nos dedicávamos ao máximo.

> A disciplina Educação Física como parte do currículo educacional do Ensino Fundamental e Médio pode ser considerada como um importante instrumento de que a escola dispõe para a concretização de objetivos relacionados à formação cidadã, envolvendo os diferentes âmbitos da educação e, em particular, aqueles relacionados à educação para a saúde; "incluindo os aspectos físicos, psicológicos, sociais e afetivos. Portanto é necessário estabelecer prioridades para cada faixa etária ou série, de acordo com as características e necessidades de cada grupo" (Sene; Nandi; Freitas, 2008).

Foi uma época muito boa, por sermos adolescentes tínhamos um pouco mais de autonomia, participávamos de eventos fora da escola, como passeios a museus e outros locais de cunho didático, desfiles cívicos, festivais de quadrilha e até mesmo um dia inteiro na praia, que foi fruto da vitória de uma gincana na qual as turmas das 7ª séries ganharam. Foi um dia memorável para todos que participaram. Por fim, uma das melhores experiências daquele período de nossas vidas foram as descobertas de nossos jovens corações, os primeiros namoradinhos e as primeiras festas juvenis, mesmo sendo fora da escola, era lá que os encontros e os assuntos eram comentados. No mais tudo que a escola oferecia era muito bom, talvez com limitações, mas, para nós era tudo mágico e maravilhoso.

A próxima etapa de minhas lembranças educacionais é o Ensino Médio, e foi nesse período que tive minhas primeiras decepções didáticas, e para enfatizar isso, quis deixar



no título desse capítulo uma pista clara do quanto me senti afetada negativamente nesta época.

ENSINO MÉDIO: ALGUMAS DECEPÇÕES, RESPONSABILIDADE E CAPACITAÇÃO

Neste ponto gostaria de fazer um adendo. No capítulo anterior estava falando sobre o meu ensino fundamental, e deste ponto em diante falarei sobre as minhas experiências no ensino médio, contudo as nomenclaturas eram outras naqueles anos da década de 1980. Até 1971, os sistemas de ensino eram regidos pela Lei nº 4.024/1961 de 20/12/1961, onde a série inicial do ensino de 1º grau correspondia ao ensino primário, do mesmo modo, as séries finais do ensino de 1º grau, recebia o nome de ginásio e o ensino médio era nomeado como colegial (nomenclaturas utilizadas ainda nas décadas de 1970 e 1980, por muito tempo, mesmo após atualizações feitas por meio de decretos e leis que regiam a educação brasileira). Com a Lei nº 5.692/1971, de 11/08/1971, acontecem novas alterações nas nomenclaturas dos níveis educacionais, passando a se chamar ensinos de 1º e 2º graus, com o 1º grau (da 1ª até a 8ª série) correspondendo a educação de estudantes de 7 a 14 anos e a de 2º grau (com duração de 3 séries) para os alunos com idade superior a 14 anos.

Portanto, as nomenclaturas usadas durante o meu período escolar se enquadram na LDB de 1971. Contudo, estou utilizando as nomenclaturas atuais que foram modificadas a partir da LDB de 1996, a Lei nº 9.394/1996 de 20/12/1996, onde os ensinos de 1º e 2º graus, passam a ser nomeados como Ensino Fundamental e Ensino Médio, mantidas a mesma quantidade de séries correspondentes anteriormente.

Desta forma, para acompanhar a contemporaneidade julguei manter na minha descrição de meu período escolar acompanhando o que está em uso atualmente para não confundir os leitores.

Iniciei o ensino médio com 14 anos e essa seria a primeira vez que estudaria longe do meu bairro, estava encantada e muito feliz por ir estudar no centro da cidade. A escola estadual professor Anízio Teixeira, era uma das mais tradicionais escolas estaduais e



ficava de frente para a Praça Cívica onde aconteciam os desfiles do dia 7 de setembro, pude ir com meus pais algumas vezes assistir aos desfiles e desde essa época me interessei por algum dia estudar ali.

Era o ano de 1987, e eu me tornei uma adolescente responsável e correta, gostava de fazer tudo certo o tempo todo, e talvez por isso tinha total confiança por parte dos meus pais, afinal eles me ensinaram a sempre ser muito honesta e ajuizada, e isso sempre foi para mim, muito importante, inclusive guardarei os ensinamentos de meus pais comigo até o fim dos meus dias.

O Ensino médio começou bem, mas, para minha decepção, pouco mais de duas semanas após o início das aulas, os professores deflagraram uma greve que se estenderia por longas semanas. Pelo fato de gostar tanto de estudar esse tempo longe das salas de aula foram extremamente desconfortáveis para mim, e por mais que entendesse os justos motivos da paralização, foi um período bem complicado de minha nova fase escolar, até porque, depois desta primeira greve muitas outras se sucederam e posso afirmar que o ensino médio não foi exatamente aquilo que eu esperava.

Meus pais também ficaram muito preocupados com os novos rumos de minha educação, o Brasil estava saindo de um longo período de ditadura militar, e nesse período não haviam greves de professores, sendo assim, diante desta situação, eles pensaram em algo para aproveitar esses períodos de greves onde eu ficava sem aulas, a solução que eles encontraram foi me matricular em vários cursos oferecidos pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) que também ficava localizado no centro da Capital, eles tinham o objetivo de não só de ocupar meu tempo ocioso, mas também para me preparar para o mercado de trabalho. Estas atitudes que eles tomaram nesse período contribuíram para a me capacitar para a próximas etapas de minha trajetória de vida logo após o final do meu ensino médio.

O período do meu ensino médio chegou ao fim no ano de 1990, e eu fiquei com uma impressão muito forte de que não foi realmente o que eu espera, não aprendi o quanto gostaria e com as greves e a constante falta de professores em disciplinas cruciais como matemática, física e química, essas frustrações em minha vida escolar de nível médio me



desestimularam para prestar o vestibular nesse período, essa foi um momento de grande decepção, pois esperava que o ensino médio fosse um período de preparação para o meu vestibular.

Em relação ao trabalho pedagógico dos meus professores durante o ensino médio, avalio que alguns deles até tinham vontade de fazer aulas diferenciadas e proveitosas, contudo, os recursos eram muito limitados nas escolas públicas naquela época, as salas de aula eram amplas, porém eram superlotadas, haviam turmas com 45-50 alunos e isso era bem complicado de administrar, como até hoje é. Havia um ar de abandono nas estruturas físicas nas grandes escolas públicas que antes eram referência de ensino de qualidade, tais como Atheneu, Anízio Teixeira e Winston Churchill; os laboratórios não funcionavam, não haviam materiais, móveis ou itens paradidáticos que pudéssemos usar para ter aulas de química ou física, também não existiam livros didáticos e muito menos biblioteca para fazer pesquisas. Os professores usavam apenas o quadro e o giz e, nós, o caderno e a imaginação.

Entretanto, nesse deserto didático do ensino médio em que caminhávamos, surgiam em raras oportunidades de aprender com metodologias diferenciadas e era como se encontrássemos um oásis de aprendizado em que nossa sede era momentaneamente saciada. Durou pouco tempo, mas tive uma professora que marcou meu jovem coração de estudante no 1º ano do ensino médio, após um longo tempo sem aulas de Português e Literatura, eis que uma adentra a nossa sala, a nova professora que realmente fez a diferença, e a lembrança dela me faz sentir sempre um doce calor de nostalgia dessa fase da minha adolescência.

Ela chegou como uma brisa que acalma e relaxa, sua figura era diferente de tudo aquilo que estávamos acostumados, estava descalça e se movia com passos mansos, dedilhando o seu violão, vestia um figurino que parecia saído de filmes com temática Hippie, como “Hair”, tinha longos cabelos ondulados de um louro escuro que emolduravam o lindo rosto de mulher ainda jovem, tinha olhos claros, e lembrava muito uma atriz famosa da época, Bruna Lombardi. Entrou na sala devagar, cantarolando baixinho, sentou a mesa, (coisa que nunca havíamos visto nenhum professor fazer)



cumprimentou a turma com uma boa tarde tranquilo e doce, e como estávamos meio atordoados e encantados, apenas alguns poucos responderam. Agradecendo o cumprimento, ela nos conta que seria nossa nova professora de Português e Literatura e que suas aulas seriam só um pouco diferentes, e dizendo isso, começa a entoar uma das canções que sempre me emociona quando a ouço, “Romaria” de Renato Teixeira.

Nunca esqueci o impacto dessa professora no nosso aprendizado, se chamava Sayonara e estava sempre acompanhada de seu inseparável violão. Tivemos as aulas mais maravilhosas de que consigo me lembrar, porém, ela esteve conosco por pouquíssimo tempo naquele ano, assim como chegou, partiu como se um vento a tivesse levado para longe. Soubemos algum tempo depois que ela foi embora para Brasília para assumir uma vaga de concurso que aguardava há muito tempo, ficamos felizes por ela, mas tristes por tê-la perdido.

As poucas semanas de aulas cheias de música, poesia e encantamento deixaram marcas em mim que se transformaram em um desejo de também fazer meu caminho na educação diferente, me faz querer também deixar doces lembranças nos alunos que farão parte de minha trajetória profissional como professora, e que algum dia, quem sabe, eu também seja lembrada em algum memorial, assim como estou fazendo com essa maravilhosa professora *“hippie”* que foi um raio de sol que brilhará para sempre em minha recordação.

Outro ponto que considerei positivo durante o ensino médio foi a solução encontrada pelo nosso professor de educação física do 2º ano, que conseguiu organizar horários para utilizarmos a quadra poliesportiva do SESC (Serviço Social do Comércio) localizado no centro da cidade de Natal (para onde me transferi e cursei o 2º e 3º anos); essa iniciativa garantiu que tivéssemos excelentes aulas de educação física que aconteciam no contraturno das aulas, ou seja, pela manhã. Infelizmente, não lembro de seu nome, contudo, suas aulas eram muito proveitosas e divertidas, o espaço também fazia toda a diferença para que as aulas fossem tão boas, era uma época de escolas com infraestrutura sucateada e com espaços mínimos e inadequados para as práticas desportivas. Participamos de campeonatos e jogos com outras escolas, na maioria das



vezes o resultado não era muito bom, mas, aproveitávamos bastante essas aulas onde também recebíamos valiosos conselhos para a vida de nosso dedicado professor de Educação Física do ensino médio.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Com o término do ensino médio e consciente que não estava preparada para o vestibular, resolvi adiar a etapa do ensino superior e embarquei na busca pelo meu primeiro emprego.

Por intermédio dos cursos do SENAC, fui encaminhada para uma entrevista de estágio no SEBRAE-RN, e só em apenas 3 meses após a minha colação de grau no ensino médio, já estava com um contrato assinado naquela conceituada empresa do sistema “S”, e esse foi com certeza foi um ótimo começo para a minha trajetória profissional, passei 1 ano estagiando no SEBRAE, onde pude adquirir aprendizagens e experiências em praticamente todos os setores daquela empresa.

Fazendo um resumo desse período, posso dizer que aproveitei ao máximo o que aprendi naquele estágio sempre me empenhando nas atividades que me eram incumbidas, fato este, que me levou em pouco tempo a receber o reconhecimento por meu esforço e dedicação no trabalho que desempenhava, fui contratada definitivamente pela empresa e tive a minha carteira de trabalho assinada pela primeira vez, contando com pouco mais de 17 anos. Neste lugar encontrei pessoas fantásticas, as quais me lembro com muita gratidão por todo o apoio, amizade e por todos os ensinamentos que me dedicaram.

JOVEM COM SEDE DE APRENDER

Assim como acontecia na vida cotidiana e na minha formação escolar, aprender para mim sempre foi algo fascinante, e após o final do meu ensino médio busquei me inserir no mercado de trabalho. Talvez por estar um pouco decepcionada com o ensino médio, tendo em vista não me sentir preparada para prestar vestibular naquele período de minha vida, adiei a minha entrada na formação superior que tanto almejava. Contudo,



meu local de trabalho foi o lugar onde adquiri uma capacitação e desenvolvimento profissional e pessoal como jamais pude sonhar. Ao longo de 07 anos (1990 a 1997) trabalhei na sede da conhecida e respeitada empresa SEBRAE/RN, em Nata/RN, lugar esse, onde pude obter conhecimentos práticos nos mais variados setores, deste o administrativo até os setores de atendimento ao público. A política interna do SEBRAE envolve o aperfeiçoamento constante dos seus funcionários e sendo assim, tive a oportunidade de participar de dezenas treinamentos, seminários, conferências e congressos variados, que tratavam dos mais variados temas relacionados a administração de empresas e recursos financeiros, empreendedorismo, recursos humanos e relações públicas. Considero que essa fase inicial de minha carreira profissional dá nome a este capítulo, pois eu era ainda muito jovem e tinha uma grande vontade de aprender tudo aquilo que quisessem me ensinar; aproveitei ao máximo todos esses novos aprendizados colocando-os em prática na minha vida laboral no SEBRAE, até que em 1997 esta fase de preparo e absorção de conhecimentos muda para dar lugar a um outro momento profissional em minha vida.

APTA A ENSINAR: FAZENDO PELOS OUTROS O QUE OUTROS FIZERAM POR MIM

Foi deste ponto em diante que por já me considerarem suficientemente capacitada para assumir novas e grandes responsabilidades, fui selecionada para fazer parte do corpo funcional do escritório do SEBRAE-RN em Currais Novos, na promissora região do Seridó/RN. Começava aí um novo capítulo na minha trajetória de vida.

Uma das atribuições das minhas novas funções era a de ensinar aos estagiários que vinham das universidades locais (campus avançado da UFRN, e privadas), como era o funcionamento e quais atividades eram desempenhadas pelo SEBRAE e pelos colaboradores do sistema “S”, não só na cidade de Currais Novos, mas também por toda a região do Seridó e adjacências. O escritório de Currais Novos estava subordinado ao Polo de Caicó, contudo tinha autonomia para exercer suas atividades em outras 27 localidades e cidades próximas, como por exemplo: Cerro Corá, Lagoa Nova, São



Vicente, Florânia, Acarí, Parelhas, Carnaúba dos Dantas, dentre outras. Por sua localização estratégica e pelos recursos disponíveis, outros órgãos, também faziam usos dos equipamentos e recursos humanos do SEBRAE de Currais Novos, dentre esses órgãos, estavam a Emater (estadual), e até órgãos federais como: O INCRA, IBAMA e o IBGE.

Descobri nesses anos finais em que estive trabalhando no interior do Estado, que simplesmente era apaixonada pelo ato de ensinar, mesmo dispondo naquela época apenas do ensino médio, toda a bagagem que obtive no SEBRAE me capacitou para ensinar a muitos estudantes universitários, os quais, vieram a tornar-se profissionais excepcionais nas suas carreiras, e um desses estagiários dedicados, que esteve sob a minha tutela nos dois anos de estágio, veio a assumir a vaga que deixei, quando em 2001 me retirei do quadro funcional daquela empresa incrível onde tive a oportunidade de aprender e de ensinar. Guardo tudo que vivi, com todos os meus queridos companheiros e companheiras de trabalho ao longo dos 11 anos desta etapa na minha jornada de vida, em um lugar muito especial no meu coração e nas minhas lembranças.

Todas as experiências dessa fase de minha vida foram de uma importância ímpar, contudo, ainda não era o que eu buscava e prossegui me ocupando de diversas outras coisas, até que recebi um convite que mudaria o meu jeito de pensar e de trabalhar, nesse ponto, outro capítulo tem o seu início.

FORMAÇÃO ACADÊMICA: ENCONTREI O MEU LUGAR E A MINHA VOCAÇÃO

O ano era 2004, e eu estava fora do mercado de trabalho formal há algum tempo. Trabalhei em diversas áreas após o meu desligamento do SEBRAE, voltei para Natal e consegui alguns empregos no comércio e alguns trabalhos como secretária substituta em escolas particulares de bairro, sem registro na carteira, sendo na maioria das vezes trabalhos temporários, apenas para tirar férias ou licenças de funcionários fixos, também trabalhei como acompanhante noturna de pacientes em hospitais. Foi um período difícil, e eu me sentia meio perdida profissionalmente. Entretanto, algumas amigas estavam



abrindo uma pequena escola particular no bairro para onde eu havia mudado naquele ano (e onde resido até hoje), elas me convidaram para auxiliá-las em virtude da experiência profissional que dispunha. Por algum tempo colaborei como secretária, contudo, a sala de aula foi o passo seguinte que me proporcionou uma alegria instantânea.

Naquela época, minhas colegas (Janaína e Vanúzia) eram concluintes do curso de pedagogia, mas, já trabalhavam em educação há muitos anos pois tinham o curso de magistério. Durante dois anos fui treinada por elas, e durante esse tempo, tive a impressão de ter feito o magistério na prática, o que para a minha surpresa, me fez sentir completa e muito feliz, jamais estive tão feliz em um emprego, mesmo ganhando pouquíssimo, fazer algo que eu amava não tinha preço, e eu já me sentia gratificada em poder ver o brilho no olhar dos meus alunos.

Incentivada pelas minhas colegas e por causa da oportunidade de haver descoberto o que eu realmente queria, ingressei na Universidade Vale do Acaraú – UVA, no ano de 2006. Foi um período muito desgastante, principalmente porque minha filha ainda era pequena, e por diversas vezes eu precisava levá-la a noite para assistir as aulas comigo, além da dificuldade para chegar no horário, tendo em vista a distância de minha casa até o polo da faculdade, que ficava na Zona Sul da capital.

Esta minha 1ª formação (incompleta) no curso de Pedagogia prosseguiu até o 7º período, mas, infelizmente não pude chegar a concluí-lo pois foi nessa época que aconteceu o falecimento de minha mãe, que era a pessoa que me apoiava em todos os sentidos, inclusive financeiramente, já que a UVA se tratava de uma universidade privada. Esse foi um período amargo de minha vida, não só pela perda de minha amada mãe, mas por todas as outras situações de dificuldades que precisei superar, estava divorciada e tinha toda a responsabilidade de prover, cuidar e educar meus dois filhos, visto que meu ex-marido, além de não cumprir com as suas obrigações de pai, também já havia formado uma nova família e se mudado para São Paulo, de onde nunca mais voltou.

Continuei na área da Educação, passei algum tempo em sala de aula com contratos com algumas prefeituras, participei de projetos e programas educacionais como o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e MAIS EDUCAÇÃO. Sendo, inclusive



por intermédio deste último que pude obter a vaga para reiniciar a minha trajetória acadêmica no Curso de Pedagogia, desta vez pelo Instituto Kennedy, onde tenho cursado e estou concluindo minha formação superior iniciada no ano de 2020.

Foram 09 (nove) semestres para finalmente concluirmos o nosso ansiado curso de Pedagogia, nos sobrevieram muitas situações adversas ao longo desse período, enfrentamos muitos desafios e perrengues, mas, sem dúvidas, o pior deles foi a pandemia de uma doença respiratória infecciosa, que ficou conhecida como Covid-19, doença essa, causada por um terrível e mortal vírus que estava assolando e ceifando vidas por todo o planeta por um longo tempo.

Foram muitos meses de incertezas e temores, tendo em vista que o risco de vida era real e precisávamos nos adaptar aos isolamentos sociais como forma de resguardar a nossa saúde. Foi frustrante para mim e acredito que para a maioria dos colegas que pouco tempo após o início do nosso tão aguardado curso de pedagogia que era para ser presencial, começasse uma pandemia global que faria com que quase tudo funcionasse de forma *on-line*, sobretudo nossas aulas. A necessidade de distanciamento social causou muitos desconfortos emocionais e psicológicos nas pessoas, e a sociedade ainda sente mesmo que já tenha transcorrido algum tempo. Aquela foi uma época bem complicada, sentíamos muito a falta do contato pessoal com os professores e da convivência na sala com os nossos colegas de turma. O processo pandêmico inclusive contribuiu significativamente para a redução no número de alunos de nossa turma 2020.1 do turno matutino, muitos desistiram e outros precisaram trancar o curso por problemas de saúde ou por motivo de trabalho.

Ademais, a pandemia COVID-19 foi controlada e nós pudemos retornar ao Instituto Kennedy para finalmente participar no formato presencial após longos meses longe das salas de aulas. O retorno foi benéfico para todos nós e acredito que a maioria dos colegas, assim como eu, sentiu que as aulas *on-line* foram até certo ponto razoáveis, mas nada se compara a estar com os nossos professores e colegas no mesmo ambiente, interagindo e trocando experiências e ideias.



Com o passar dos semestres, e a cada nova disciplina apresentada pelos nossos mestres, me sentia cada vez mais preparada e que a realização do meu desejo de alcançar a minha graduação estava cada vez mais próxima. A contribuição dos professores para a formação dos meus novos conhecimentos foi fundamental durante todo o curso, os ricos textos, palestras, filmes e demais recursos usados por eles, trouxeram o embasamento teórico necessário para que pudéssemos desenvolver o potencial que precisaríamos para utilizar nas etapas práticas durante os estágios supervisionados, que por sua vez foram imprescindíveis para complementar o nosso aprendizado.

> O estágio supervisionado permite ao futuro profissional docente conhecer, analisar e refletir sobre o seu ambiente de trabalho. Para tanto, o aluno de estágio precisa enfrentar a realizada munido de teorias que aprende ao longo do curso, das reflexões que faz a partir da prática que observa, de experiências que viveu e que vive enquanto aluno, das concepções que carrega sobre o que é ensinar e aprender, além das habilidades que aprendeu a desenvolver ao longo do curso de licenciatura que escolheu. Dessa forma, "considerar o estágio como campo de conhecimento que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental" (Pimenta; Lima, 2012).

Durante os nossos estudos teóricos tivemos a oportunidade de refletir, analisar e discorrer acerca do que aprendemos e foi de grande importância ter estudado e aprendido com os grandes teóricos, pensadores e também com os nossos professores em aulas *on-line* ou presenciais, onde sabemos que tudo valeu a pena para nos fazer chegar ao momento da prática, pois sem ela a nossa formação certamente estaria incompleta. E por considerar importante para compor um registro em meu Memorial Acadêmico, farei uma breve descrição dos estágios supervisionados obrigatórios, que foram 04: Estágio I (Educação Infantil), Estágio II (Ensino Fundamental anos iniciais), Estágio III (Gestão) e Estágio IV (Ambientes não-escolares).

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I – EDUCAÇÃO INFANTIL

Foi realizado no município de São Gonçalo do Amarante na Creche Municipal Padre Thiago Theisen, localizada no loteamento Plaza Garden, no Bairro Jardins e fica bem próximo de minha residência. A creche Padre Tiago atende cerca de 450 crianças



com idades que vão dos 2 anos completos até 6 anos, e funciona nos turnos matutino e vespertino. O corpo de funcionários conta com aproximadamente 35 pessoas e como a creche adota a política ampla de inclusão, a gestão tem o apoio de mais de 30 estagiários que acompanham crianças com vários tipos de síndromes, transtornos e deficiências físicas.

Para mim foi de uma importância ímpar a experiência de conhecer o trabalho desenvolvido na educação infantil de uma creche municipal, tendo em vista que já havia tido a oportunidade de conhecer como eram desenvolvidas as atividades desta modalidade de ensino na rede privada. Considerei bem valiosos os aprendizados que pude trazer dessa experiência que me mostrou como podemos contribuir para fazer a diferença na vida das crianças, onde o ambiente da escola seja para elas um lugar de segurança, alegria e de crescimento como seres únicos e especiais.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II - ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

O Estágio II também foi realizado no município de São Gonçalo do Amarante, na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima, localizada no Conjunto Cidade das Flores, também no Bairro Jardins. Funcionando nos três turnos, com o Ensino fundamental sérias iniciais no turno matutino, o Ensino fundamental séries finais no turno vespertino e a EJA no turno da noite, a escola conta com aproximadamente de 1.200 (mil e duzentos) estudantes atendidos nos três turnos, e possui cerca de 50 funcionários do quadro e terceirizados e 40 estagiários que acompanham alunos PCD´s (pessoas com deficiências).

Estivemos acompanhando por todo o período do estágio uma turma de 5º ano onde pudemos identificar várias dificuldades no processo de aprendizagem dos estudantes, por meio de conversas prévias com o professor e por nossas próprias observações, vimos que a grande maioria dos alunos não estava alfabetizada e necessitava de reforços também em matemática, tendo em vista que uma quantidade significativa de estudantes não conseguia resolver contas simples de soma e subtração, passando longe do entendimento da multiplicação e divisão igualmente. Um ponto positivo era que todos os alunos receberam



os livros didáticos de todas as disciplinas que estavam estudando, mas como pouquíssimos sabiam ler, o professor subutilizava esse recurso. A explicação para um número tão alto de crianças com esses graves desníveis educacionais, foi de que a grande maioria vinha do processo da pandemia, onde as aulas on-line não foi de grande valia, já que muitos não tinham acesso à tecnologia necessária e em razão também do despreparo dos professores para desenvolver aulas que fossem realmente proveitosas para alcançar o objetivo de alfabetizar as crianças como seria esperado em um conceito presencial.

Contudo, este Estágio me aproximou ainda mais da vivência da realidade em sala de aula, me proporcionando muitas reflexões sobre o ato de ensinar onde seja possível contribuir para a construção do entendimento e do aprendizado, fortalecendo o desenvolvimento da inteligência nos jovens estudantes.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III – GESTÃO ESCOLAR

Este estágio realizei também no município de São Gonçalo do Amarante na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Ivani Machado Bezerra, que fica localizada no Loteamento Plaza Garden, e onde tive o prazer de atuar como voluntária por mais de 1 ano. O fato de já conhecer bem a equipe gestora e por já ter contribuído com os trabalhos realizados pela gestão me fez sentir bastante confortável e pude considerar que este foi um período de muito aprendizado, tendo em vista a gama de atividades que existe na parte administrativa de uma escola de ensino médio.

Por ser uma escola modelo construída com recursos do banco mundial e inaugurada no ano de 2019, a escola conta com painéis solares que garantem a geração de energia elétrica própria, dispondo de laboratórios bastante funcionais e bem equipados, quadra poliesportiva, auditório, biblioteca, incluindo amplas salas de aula totalmente climatizadas, com uma infraestrutura de primeiro mundo os estudantes podem dispor de espaços amplos, adaptados e planejados para serem usados nas aulas das mais diversas áreas de conhecimento. Funcionando atualmente em período integral, a escola conta com um corpo de profissionais de aproximadamente 55 pessoas entre funcionários



do quadro e terceirizados, que atendem a cerca de 450 adolescentes do Bairro Jardins e localidades adjacentes.

A escola dispõe de regimento interno e também de um plano político pedagógico (PPP), ao qual tivemos acesso e pudemos conhecer diversas normatizações que distribuem os papeis exercidos e atividades desempenhadas pelos membros que compõe a equipe de gestores, e por ser considerado um documento bastante importante, o PPP é periodicamente revisitado para inclusão ou supressão de itens contidos nesse documento de direcionamentos, e que de acordo com os gestores, por ter um caráter evolutivo, trata-se de um documento que permanece em constante construção na Escola Ivani Machado.

Em suma, o estágio supervisionado III, foi de grande valia, tendo em vista haver me proporcionado muitas chances de refletir acerca da realidade do sistema administrativo e educacional, oportunizando uma base sólida para a minha formação profissional. Concluo que foi uma experiência importante e significativa que contribuiu para a minha formação acadêmica na graduação em Pedagogia.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO IV – ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

O nosso Estágio supervisionado IV foi realizado no Grupo de Apoio à Criança com Câncer do Rio Grande do Norte (GAAC), que fica localizado na Av. Marechal Floriano Peixoto, 383, no bairro do Tirol em Natal-RN.

A sede do GACC-RN foi inaugurada em 2009, e construída através das doações e campanhas desenvolvidas pelo grupo. O prédio possui ao todo 22 quartos e cinco pavimentos; é adaptado para receber portadores de deficiência, possuindo elevador, cadeiras de roda, corrimãos, barras e sinalizações adequadas em cada ambiente. Também há saídas e luzes de emergência, extintores de incêndio e toda estrutura exigida para a segurança dos assistidos de acordo com a normatização. No GAAC são oferecidos suportes educacionais para as crianças que estão passando por tratamentos oncológicos fazendo com que não percam o vínculo com os estudos, mesmo que as mesmas por



motivos de saúde tenham que permanecer por um longo tempo sem frequentar as salas de uma escola formal.

A experiência no ambiente não-escolar proporcionou uma abertura de visão no que diz respeito a forma como podemos trabalhar a pedagogia em outras realidades do dia a dia de crianças em situações longe da sala de aula, que acreditávamos ser o ambiente natural da prática docente. Por meio deste estágio, vimos que a prática da pedagógica pode abranger muitos outros espaços, o que nos fez refletir sobre as várias possibilidades de exercer a pedagogia.

O estágio supervisionado IV pôde nos proporcionar um bom entendimento acerca de outras abordagens educacionais, contribuindo imensamente para a nossa capacitação profissional, nos capacitando para contribuir no futuro de maneira significativa para a formação de cidadãos críticos, reflexivos, mais humanos e felizes.

Diante dos desafios enfrentados e por todo o trajeto de contínuas experiências vivenciadas durante a nossa formação teórica e prática, considero que o Curso de Pedagogia do Instituto Kennedy cumpriu com o seu objetivo de nos tornar pessoas melhores e profissionais igualmente melhores que vamos chegar ao mercado de trabalho, para exercer com maestria e desenvoltura a as nossas funções laborais no campo da educação, provando que temos vocação, aptidão e agora a capacitação necessárias para cumprir com a missão de apoiar os nossos alunos na construção do próprio aprendizado para alcançar um futuro pleno e de sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que a escrita deste memorial teve uma importância ímpar para mim, pois pude relembrar muitos momentos felizes que vivi nas fases iniciais de minha vida e também resgatei várias de minhas memórias e vivências durante as trajetórias educacionais e profissionais, memórias essas que me fizeram refletir acerca dos valores que adquiri ao longo de minha vida, e como as influências de pessoas e situações foram determinantes para moldar a minha individualidade e as minhas percepções sobre a vida.



Em relação a minha formação no curso de pedagogia no Instituto Kennedy, posso afirmar categoricamente que não foi apenas a conclusão de uma graduação superior, mas sim, a realização de um objetivo acalentado e perseguido há muito tempo, uma meta que sempre esteve presente nos meus planos durante anos e que finalmente se torna realidade.

Considero este memorial acadêmico como um **"final feliz"**, mas, não como algo que chega ao fim de forma literal, tenho a convicção de que meu final feliz será apenas o começo dessa nova etapa que se inicia no alto deste meio século de vida que tenho, um (re)começo para o qual estou pronta e ansiosa que se inicie o mais breve possível.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB**, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, no art. 22 (BRASIL, 1961).

BRASIL. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional-LDB**, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, (BRASIL, 1996).

KENDZIERSKI, Mariana. **Friederich Froebel E Os Jardins-De-Infância**. Artigo Publicado por UNICENTRO- Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava-PR, 2012.

KOSLOSKI, Deisi Viviane Schier; ANSAI, Rosana Beatriz. **Afetividade no cotidiano escolar.** 2008. 107 f. p. 06-18. 8° Encontro de Iniciação Científica. 8° Mostra de Pós-graduação. Seção de artigos. FAFIUV. Disponível em: http://interacao.info/diversos/Marcia/2013%20-%201%20semestre/ARTIGOS-PEDAGOGIA.pdf.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **As exposições internacionais e a difusão das creches e jardins de infância** (1867-1922). Pro-posições, v. 7, n. 3, p. 24-35, 1996.

LÖSSNITZ, Gislene. **O Primeiro jardim de infância no Brasil:** Emília Ericksen. Dissertação publicada por UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa – Faculdade de Educação, Ponta Grossa-PR, 2006. Disponível em: http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/1260

MARTINS, Ana Claudia Amaro; SANTOS, Rosiane de Oliveira da Fonseca. **Afetividade nas relações educativas:** uma abordagem da Educação Infantil. Revista Educação Pública, v. 20, nº 44, 17 de novembro de 2020.

NASCIMENTO,T.A.S.: BARBOSA, M.L.de F. **A influência da escola e da família no estímulo à leitura na educação infantil.** In: Borba, R. Botler, A. (Org.) Caderno de Trabalhos de Conclusão do Curso de Pedagogia. Recife:UFPE, 2006. v.1, p. 1.



OLIVEIRA, Daniela Emilena Santiago Dias de; SUZUKI, Amanda Caroline; PAVINATO, Graziela Aparecida; SANTOS, João Vitor Luiz dos. **A importância da família para o desenvolvimento infantil e para o desenvolvimento da aprendizagem:** um estudo teórico. Revista Intr@ciência, editado por FAGU - Faculdade do Guarujá - RJ, junho, 2020. Ed. 19, p. 4. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20200522115524.pdf

PAPALIA; Diana; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **O mundo da criança.** 8.ª edição. Lisboa: McGraw-Hill, 2001.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e Docência**. 7ª ed. São Paulo Corte, 2012.

SENE, Richard F; NANDI, Ana Paula; FREITAS, Leslie. **Uma análise do Perfil do Estilo de vida do aluno da 8ª Série do Ensino Fundamental do município de Tubarão-SC.** Revista Digital – Ano 13 n. 126 nov/2008. Disponível em: http://www.edeportes.com/efd.97/saude.htm

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.



MEMÓRIAS E NARRATIVAS: CAMINHOS QUE ME LEVARAM AO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA NO IFESP

Anny Caroline Freire da Silva
Wguineuma Pereira Avelino Cardoso

Neste capítulo inspirador, Anny Caroline Freire da Silva nos guia através de suas memórias e vivências, revelando como cada etapa de sua vida a conduziu ao curso de Licenciatura em Matemática no IFESP. Em uma narrativa rica e detalhada, Anny compartilha a história de um sonho que, embora adormecido por algum tempo, encontrou o momento certo para se realizar e florescer.

O relato de Anny é uma verdadeira celebração do poder transformador da educação. Desde a infância, ela carrega o desejo de mergulhar no universo dos números e descobrir a beleza da lógica matemática. No entanto, o caminho não foi linear: desafios financeiros e escolhas profissionais a levaram para outras áreas antes de ela finalmente se reconectar com seu verdadeiro propósito – a educação. Cada experiência acumulada, como engenheira e educadora técnica, somou-se ao desejo profundo de atuar como professora de matemática, uma profissão que para ela não é apenas um trabalho, mas uma vocação.

O passado de Anny é tecido com dedicação e persistência. Desde os primeiros anos escolares, seu amor pela matemática foi construído a partir de pequenas descobertas e das dificuldades que enfrentou ao mudar de escolas e adaptar-se a novos métodos de ensino. A autora descreve esses momentos como pedras no caminho que, longe de deter sua jornada, tornaram-se degraus para alcançar um sonho maior. Com perseverança e apoio familiar, ela superou cada um desses obstáculos, absorvendo lições valiosas que hoje aplica na sua prática pedagógica.

O presente, então, reflete a força e a determinação de uma mulher que encontrou seu lugar. Ao optar pela Licenciatura em Matemática no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), Anny viu uma oportunidade de recomeçar e finalmente unir



suas habilidades técnicas ao desejo de ensinar. A formação não foi apenas acadêmica, mas uma construção de identidade e propósito. A pandemia, o ensino remoto e as adaptações inesperadas foram desafios superados com criatividade e resiliência, transformando cada adversidade em um aprendizado significativo.

O futuro, por sua vez, é visto pela autora como um horizonte promissor, onde cada conquista atual serve como base para novos voos. Ao final deste memorial, Anny nos deixa uma mensagem poderosa: “nunca é tarde para acordar um sonho adormecido”. Cada escolha, cada desvio, cada caminho trilhado a levou a um lugar onde pode impactar positivamente a vida dos seus alunos, tornando a matemática não apenas uma ciência exata, mas também uma linguagem de sonhos e possibilidades.

Este capítulo é uma verdadeira ode à superação e ao amor pela educação. É um convite para todos aqueles que já sentiram seus sonhos se afastarem, para que jamais deixem de lutar por eles. A história de Anny Caroline Freire da Silva nos lembra que os caminhos podem ser longos e tortuosos, mas é no encontro com o nosso propósito que encontramos a verdadeira realização.

PERSPECTIVAS DAS ETAPAS ESTUDANTIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A presente escrita deste Memorial de Formação busca estabelecer relações entre as fases mais marcantes da minha vida sob a minha percepção nas etapas estudantis vivenciadas por mim, desde o nível de Ensino Infantil até a Formação de Professora de Matemática. Esta seção está dividida em quatro outras subseções, as quais correspondem aos primeiros anos escolares (Educação Infantil) na descoberta da alfabetização escolar; as vivências nos Anos Finais no Ensino Fundamental; os Desafios do Ensino Médio; e a Academia na Área Tecnológica.

A DESCOBERTA NA ETAPA DA ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR

Chamo-me Anny Caroline Freire da Silva, nasci no dia 07 de maio de 1987, na cidade do Natal-RN, mais precisamente na Maternidade Santa Helena (Hospital Antônio



Prudente), onde se localizava no bairro do Alecrim[20] da mesma cidade. Neste mesmo bairro que nasci iniciei a minha vida escolar, ainda na primeira infância[21], estudei em duas instituições de ensino integrantes da rede privada da cidade do Natal-RN, quais foram: a primeira, Jardim Escola Vovó Libânea.

E, a segunda, após um ano, em decorrência da distância da referida Escola para a minha residência, no bairro de Cidade Nova[22], na mesma cidade, iniciei o ano letivo escolar no Jardim Escola Fonte do "ABC" (Colégio e Curso Essencial) no Jardim II, também conhecido como Nível 4[23] do Ensino Infantil, no ano de 1992, aos cinco anos de idade, desenvolvi habilidades importantes para a etapa da alfabetização escolar, desde que foi possível desenvolver a leitura e as primeiras relações matemáticas. Ambas as escolas se valiam do educar com o cuidado, como de uma educação assistencial, descrita por Cerizara (1999, p. 13) a seguir:

> [...] todas as instituições tinham um caráter educativo: as primeiras, com uma proposta de educação assistencial voltada para a educação das crianças pobres e as outras, com uma proposta de educação escolarizante voltada para as crianças menos pobres. Simplificando um pouco, poderíamos dizer que tínhamos, de um lado, uma importação do modelo hospitalar/familiar e, de outro, urna importação do modelo da escola de ensino fundamental. Nesta dicotomização, as atividades ligadas ao corpo, à higiene, alimentação, sono das crianças eram desvalorizadas e diferenciadas das atividades consideradas pedagógicas, estas sim entendidas como seria se merecedoras de atenção e valor (Cerizara, 1999, p. 13).

Didonet (1991) trouxe como uma das possibilidades educacionais na educação infantil, para a mudança promovida pela Constituinte (Brasil, 1988), a seguinte afirmação:

> Haverá uma compreensão cada vez maior do papel da pré-escola no êxito da criança no seu processo de aprendizagem. Não há evidências suficientes de que a pré-escola influa decisivamente no rendimento dos alunos do ensino fundamental. Mas há bons indícios de que as crianças

[20] Alecrim é um bairro da cidade do Natal, capital do estado brasileiro do Rio Grande do Norte. É um dos bairros mais populares e antigos de Natal, sendo considerado um verdadeiro centro de comércio popular da cidade (Natal, 2012).
[21] A primeira infância é o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança.
[22] Em fins da década de 1960, surgiram os primeiros moradores do atual bairro Cidade Nova (Natal, 2012).
[23] O Nível 4 da Educação Infantil, mais conhecido como pré-escola, é voltado para crianças de 4 anos de idade.



> que passaram por uma boa pré-escola, em qualquer nível de renda, chegam à primeira série em melhores condições de aprendizagem (Didonet, 1991, p. 31).

No ano seguinte, em 1993, ingressei na pré-alfabetização (1º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental) sob a curadoria pedagógica da Professora Polivalente[24], aqui é possível afirmar que o ensino se baseava no método de ensino tradicional, bem como descreve Leão (1999, p. 187-206), a escola dita tradicional mede a inteligência do indivíduo a partir da capacidade de armazenar informações, isto é, o papel do homem é ser passivo do conhecimento transmitido, era nesse contexto que a professora trabalhava questões inerentes à cidadania. Ao que tange ao ensino da matemática buscava-se assimilar, pelo uso da técnica da repetição. De acordo com Da Silva (2018):

> A pedagogia tradicional está no Brasil desde os jesuítas e busca a universalização do conhecimento, a repetição, o treino intensivo e a memorização como estratégia utilizada pelo professor para transmitir o acervo de informações aos alunos. A proposta de educação centrada no professor era vigiar, aconselhar, corrigir, ensinar conteúdos, por meio de aulas expositivas e normas rígidas. Os alunos eram passivos e deviam aceitar tudo como verdade absoluta (Da Silva, 2018, p. 98).

Algumas dessas características apontadas para a técnica da repetição, descrita por Da Silva (2018), hoje percebidas por mim como excesso de vigilância e das normas rígidas, porém os conteúdos da matemática, pelo menos para mim, eram apresentados de maneira passivamente, em outras palavras, sem que eu pudesse estabelecer questionamentos acerca das aprendizagens, que hoje compreendo-as como o simples fato de decorar fórmulas matemáticas. Esse método de ensino tradicional, o repetitivo, perdurou durante o Ensino Fundamental, em todas as Instituições de Ensino por onde passei.

Em outro momento, após concluir a 1ª Série do Ensino Fundamental (2º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental) no Jardim Escola Fonte do "ABC", segui para uma nova jornada em uma outra Instituição de Ensino da rede privada de Natal-RN, Colégio

[24] "Professor Polivalente, para Curi (2004), é a denominação dada aos professores que lecionam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, estes professores, geralmente, tem sua formação inicial em cursos de Licenciatura em Pedagogia e, ocasionalmente, em cursos de Magistério Superior e Magistério de nível Médio" (Da Silva Dicetti; Cereta; Romio; Mariani, 2016).



e Curso Ferreira Campos (Colégio e Curso Expansivo), em que através de uma prova avaliativa de nível de conhecimento em Matemática, com o resultado positivo, consegui uma bolsa integral de estudos[25].

Nesse momento, já no ano de 1995, na 2ª Série do Ensino Fundamental foi possível observar o impacto de realidades distintas, todavia estive sempre com um bom rendimento escolar, o que, além de garantir a isenção na mensalidade, garantia uma boa acolhida naquele novo ambiente educacional.

Ao que tange ao ensino, a nova escola também apresentava uma abordagem educacional próxima ao método tradicional de ensino com a repetição dos conteúdos. Lembro-me muito bem o quanto os professores utilizavam os livros didáticos para avaliar as aprendizagens, que para Silva (2010), por sua vez, são recursos didáticos sujeitos aos fazeres, ao modo de vida, à ideologia, à produção de conhecimento e às características intrínsecas de cada sociedade.

Por vezes, a prática pedagógica, com predominância na modalidade de ensino tecnicista[26], adotado pelo corpo pedagógico dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do então Colégio e Curso João Ferreira Campos, Natal-RN, lecionavam com o auxílio principal das orientações didáticas dos livros didáticos. Como bem descreve Mendonça (2002), para a utilização dos livros didáticos nos anos 90 do século XX.

Mendonça (2002) discorre que, naquele momento dos anos 90 até então, a maneira mais comum e conveniente da prática pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, exposto nos Parâmetros Curriculares (PCNs), documento deliberativo normativo no Brasil para a construção de um currículo nacional, se baseava no discurso literal do professor e no livro didático.

É interessante observar como o livro didático estava associado apenas a controlar os currículos no Brasil, diante desse fato, e em decorrência das mudanças ocasionadas

[25] A bolsa de estudo integral é uma ajuda financeira concedida pelas instituições de ensino da rede privada aos estudantes e, consequentemente, as suas famílias, com o desconto total da mensalidade.
[26] O ensino dito tecnicista, para Tardif e Lessard (2021), serve apenas a fim de suprir o mercado de trabalho para um segmento específico da sociedade, e consequentemente manter girando a roda econômica do capital e concentrar cada vez mais riqueza nas mãos de um grupo específico.



com a Reforma Curricular no início dos anos 2000, o recurso do livro didático não pode ser única referência de acesso aos conteúdos escolares (Núñez, 2003).

Neste ambiente escolar perdurei até meados do ano de 1997, 4ª Série do Ensino Fundamental (5º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental). Um pouco antes da minha saída, a referida escola realizou uma mudança significativa quanto aos livros didáticos, pois a gestão da escola julgou necessário substituí-los por apostilas, materiais estes confeccionados pela própria escola, como bem detalhado por De Britto (2011):

> A polêmica em torno da utilização dos sistemas apostilados envolve vários aspectos. Trata-se de material preparado por empresas privadas (...). Sendo assim, as apostilas não passam por nenhum tipo de avaliação oficial, como ocorre com os livros didáticos adquiridos pelo PNLD. Em consequência, diferentes estudos identificaram sérios problemas conceituais e gráficos em apostilas de sistemas de ensino, além da utilização de abordagens pedagógicas descontextualizadas e excessivamente esquemáticas, herdeiras da orientação para o vestibular que caracterizou o surgimento desse tipo de material (De Britto, 2011, p. 14).

Bandeira (2009) aponta que as mudanças ocorridas para o apostilamento do ensino se justificam pelas densas alterações promovidas pela utilização e combinação das tecnologias de informação e comunicação, mas também demonstra a importância de atrelar rotinas educacionais na elaboração desses materiais didáticos, pois poderia incorrer em materiais inadequados ou insuficientes para as aprendizagens.

Por conseguinte, em decorrência de dificuldades financeiras na minha família, meus pais não tinham mais como me manter financeiramente na Escola Particular, em virtude dos meus irmãos também estudarem lá, mas sem bolsa. Por esse motivo, ainda na metade da 4ª Série, ano 1997 (5º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental), fui transferida para uma Escola da Rede Pública Estadual, mais precisamente, na Escola Estadual Professor João Tibúrcio no bairro do Alecrim.

No primeiro momento, advinda de uma escola de ensino privado, as atividades propostas no novo ambiente escolar não foram de difícil compreensão. Apesar que na escola nova o ensino de abordagem mais simples, sem livros didáticos, não tinha uma certa exigência de uso de materiais auxiliares nas aprendizagens.



Em resumo, a jornada escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental traz reflexões acerca das aprendizagens significativas[27] através do ensino da matemática e de outras áreas do conhecimento, como por exemplo: identificar as questões iniciais, realizar revisões dos conteúdos, desenvolver uma perspectiva teórica a respeito do pensamento lógico, através da capacidade de leitura, compreensão e interpretação de textos foram importantes para seguir adiante nos Anos Finais no Ensino Fundamental.

AS VIVÊNCIAS NOS ANOS FINAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

No ano de 1998, estudando ainda na Escola Estadual Prof. João Tibúrcio no bairro do Alecrim, aconteceu a primeira mudança quanto ao ensino: o início na 5ª Série do Ensino Fundamental II (6º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental), pois, como acontece atualmente, existia apenas uma única Professora Polivalente para cada Ano letivo e passou a ser diversos outros Professores de disciplinas distintas, quais eram: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Física, Artes e Ensino Religioso, com carga horária maior para as duas primeiras. Nessa etapa o desafio era se adaptar as distintas maneiras de ensinar inerentes à relação de aprendizagens entre os estudantes e educadores da escola (Libâneo, 2001).

> A Pedagogia se ocupa, de fato, com a formação escolar de crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa (Libâneo, 2001, p. 6).

Compreender como as diversas práticas pedagógicas possibilitam mitigar aos estudantes os obstáculos e/ou dificuldades nas aprendizagens proporcionadas é uma maneira de refletir o papel desempenhado pelo professor. Como nesse momento os currículos escolares se norteavam apenas nos conteúdos majoritariamente descritos nos livros didáticos, pouco se associava à realidade dos alunos. Em cada Professor há uma experiência didática diversa, distinta, pois as características de atuação profissional

[27] "Na década de 1960, David Ausubel (1980, 2003) propôs a sua Teoria da aprendizagem significativa, onde enfatiza a aprendizagem de significados (conceitos) como aquela mais relevante para seres humanos" (Tavares, 2004).



perpassam pelo individualismo, mesmo com a generalização dos currículos na formação do educador.

Diante do exposto, o foco das minhas aprendizagens tanto na Escola Estadual Professor João Tibúrcio na 7ª Série do Ensino Fundamental II (8º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental) quanto na última série, a 8ª Série do Ensino Fundamental II (9º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental), na Escola Estadual Instituto Ary Parreiras, se evidenciou com as seguintes características, segundo os PCN (1998): o desenvolvimento da autonomia escolar, estabelecer conexões do raciocínio lógico com as outras áreas de conhecimento, além de proporcionar a compreensão de conceitos de cidadania, da política, da economia, da tecnologia, das artes, da cultura e da sociedade.

Um fato importante, o qual contribuiu para a minha significativa melhora nas aprendizagens, ao que tange os conteúdos na área das linguagens e matemáticas, foram as aulas particulares de um curso preparatório da rede privada de Natal-RN, no ano de 2001, que de certa maneira supriram as deficiências na abordagem dos conteúdos perpassadas durante o Ensino Fundamental, com o intuito de atingir a aprovação no Programa de Iniciação Tecnológica e Cidadania do Rio Grande do Norte (PROCEFET-RN)[28], promovido pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (CEFET-RN).

Em síntese, é perceptível que as diversas escolas as quais estudei durante os Anos Finais do Ensino Fundamental proporcionaram uma base importante para as aprendizagens do conhecimento pelo conhecimento, a fim de que fosse proporcionado a mim a compreensão dos conteúdos.

OS DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO

No ano de 2002, minha família já possuía melhores condições financeiras, por esse motivo iniciei a 1ª Série do Ensino Médio em uma escola da rede privada de ensino

[28] O Programa de Iniciação Tecnológica e Cidadania do Rio Grande do Norte (PROCEFET-RN) visava garantir um espaço privilegiado de ingresso no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) do mesmo estado para os alunos oriundos de escolas públicas, tendo em vista que o CEFET-RN lhes garante 50% de suas vagas para os cursos técnicos selecionados através deste programa.



de Natal-RN, no Colégio e Curso Hipócrates, onde localizava-se na Rua Jundiaí, no bairro da Cidade Alta[29].

Recordo-me que, diante do fato de ter realizado os estudos numa escola pública dos Anos Finais do Ensino Fundamental, e com a quantidade de disciplinas no currículo escolar, para a 1ª Série, tive algumas dificuldades de aprendizagens, principalmente para o ensino dos conteúdos da disciplina de Biologia.

Tratando-se do Ensino da Matemática, existiam dois professores, ambos com uma abordagem conteudista e formalista, como bem descreve Fiorentini (1995):

> A matemática na dimensão formalista denota que as aprendizagens estão voltadas para as aplicações dos conceitos, capacitando o aluno a aplicar formas estruturais de pensamento inteligente aos mais variados domínios, isto é, visando à formação do especialista matemático (Fiorentini, 1995, p. 14).

Com o descrito de Fiorentini (1995) apreende-se que ao limitar os conceitos das apostilas escolares, um fato importante a ser considerado, ainda que sendo uma escola da rede privada de ensino, os professores de matemática não se distanciavam muito do espaço físico da sala de aula nas suas práticas pedagógicas.

Já em 2003 meus pais me matricularam em outra escola, também da rede privada de ensino de Natal-RN, no Colégio e Curso CDF, onde se situava na Av. Marechal Deodoro da Fonseca no bairro da Cidade Alta em Natal-RN, para cursar o 2º Ano do Ensino Médio. À época dediquei meus esforços educacionais nos materiais didáticos e complementares, como paradidáticos e apostilas, através da escrita e da leitura ampla dos conteúdos.

Quanto às aprendizagens na Matemática, o Professor se utilizava do Livro Didático para o conhecimento de Matemática de Luiz Roberto Dante do 2º Ano do Ensino Médio[30] pertencente a um traço da Tendência Formalista Moderna, no qual Fiorentini

[29] Berço da Cidade do Natal, primeiro núcleo de povoamento. Aqui, quando chegaram os portugueses, conquistadores, o lugar escolhido para erguer sua cidade, foi o alto onde, hoje, localiza-se a Praça André de Albuquerque. Lá do alto podiam ver a entrada da barra do rio Potengi e os Potiguara na antiga Aldeia Velha (Natal, 2012).
[30] Dante, Luiz Roberto. **Matemática, contexto e aplicações:** 2º ano Ensino Médio. 1ª edição. São Paulo. Editora Ática, 2002.



(1995) descreve que esse formato busca enfatizar o estudo das fórmulas em detrimento do significado epistemológico dos conceitos.

O Livro Didático de Dante, conforme descrito por Alberti (2016), traz à tona a importância das modificações na maneira de abordagem para o Ensino da Matemática nos materiais didáticos ao longo dos anos, buscando se adequar às realidades postas na busca do ensino progressista, revolucionário (Freire, 2005).

> Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não do sentido da doação, da entrega do saber (Freire, 2005, p. 71).

Seguindo para o ano de 2004, em que cursava o 3º Ano do Ensino Médio, concomitantemente com o Curso Pré-Vestibular[31], no então Colégio e Curso CDF, era perceptível a busca incessante pela aprovação nos processos seletivos de ingresso aos Cursos de Graduação ofertados pelas Universidades Brasileiras, também conhecidos como Vestibulares (Soares; Alves; De Oliveira, 2001).

Por um lado, se convencionou, já no final dos anos 90 do século passado, que a qualidade do ensino das escolas da rede privada no nível médio estava fomentada pelo desempenho dos seus estudantes à aprovação nos Vestibulares. Do outro, busca-se definir conteúdos e estratégias curriculares as quais possibilitem aos cidadãos a desenvolverem conhecimentos na tríade da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, baseando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais, assim o descreve De Castro e Tiezzi (2004).

Nesses termos, a promoção desse tipo de currículo em turmas do Ensino Médio, o qual objetiva aplicar os preceitos da Educação Bancária definida por Freire (2005, p. 66), em sua obra da Pedagogia do Oprimido, como "[...] o ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante." Com a finalidade de atingir números de estudantes aprovados nos Vestibulares ofertados pelas Universidades

[31] "Para designar os cursos preparatórios para o vestibular utilizou-se os termos cursinho, pré-vestibular ou, simplesmente, preparatórios" (Bacchetto, 2003).



Brasileiras, nos faz acreditar que a abordagem conteudista voltadas para o currículo comum, sem que houvesse um entrelace com as questões do pensar, da formação do bom cidadão, em que as aprendizagens estavam centradas no agir do professor.

A ACADEMIA NA ÁREA TECNOLÓGICA

Nessa perspectiva de se tornar discente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ainda que ainda não houvesse definido em qual Curso optar, mas que seria na área tecnológica, então no primeiro Vestibular que realizei escolhi o curso de Engenharia da Computação para ingresso no ano de 2005, como não passei nas vagas disponibilizadas à época, para tanto ingressei no Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte, aos dezessete anos de idade, no Curso Técnico em Turismo, o qual conclui em meados de 2006.

Ainda no início do ano de 2006, me inscrevi para o Vestibular da Universidade Estadual do Rio Grande (UERN) com ingresso no Curso de Graduação em Ciências da Computação. Com a aprovação na única turma para o segundo semestre do ano letivo 2006.2, aqui, de fato, passei a ter contato com o âmbito acadêmico de uma Instituição de Ensino Superior, com a matriz curricular voltada para a fundamentação básica de compreensão e aprendizagens para a matemática e a física.

Nesse momento, com a notória capacidade de compreender os conteúdos das matemáticas percebidas por mim, eu tinha certeza que a minha vocação estava relacionada a área tecnológica. E ao realizar um exame de aptidão vocacional[32] com a importante contribuição de uma profissional da área de Psicologia, viabilizada com os recursos monetários dos meus pais, não poderia obter resultado diferente para a escolha em cursos da área Tecnológica, mais precisamente, um percurso voltado para os cursos de Farmácia e/ou Engenharia Química.

Para tanto, como já mencionei anteriormente, eu não possuía afinidades com os conteúdos da disciplina de Biologia, então por exclusão, e por acreditar que estava no

[32] O teste vocacional busca sinalizar algumas opções que encaixam com a sua personalidade.



caminho certo para uma formação profissional como Engenheira de Processos, me inscrevi para o certame de ingresso na UFRN, ao final do ano de 2006, e já no início de 2007, saiu o resultado com a aprovação para o segundo semestre do Curso de Engenharia Química.

Com isso, continuei meus estudos na UERN até o início do segundo semestre na UFRN, mas que, infelizmente, eu teria que optar para cursar apenas um Curso. Por esse motivo, tranquei minha matrícula na UERN, e dessa maneira passei a dedicar todo meu tempo para os novos caminhos proporcionados durante os quase seis anos que estive ligada à UFRN.

Durante a Graduação no Curso de Engenharia Química como discente, recordo-me das dificuldades pelas quais vivenciei, como por exemplo, em compreender alguns conteúdos de cálculos avançados para o nível médio que estava habituada a estudar, mas que de certa maneira, confirma a importância de entrelaça-las com as habilidades, conforme bem destaca Feitosa (2018, p. 21) que: “para calcular áreas, volumes, cargas, resultante de carregamentos, centros de gravidade, centroides, momentos de inércia, deformações, dentre outros...”.

A integralidade da carga horária obrigatória e optativa dos Componentes Curriculares do Curso de Engenharia Química, juntamente às atividades promovidas fora do contexto meramente da sala de aula, quais sejam: participação em eventos, minicursos, em projetos de extensão e pesquisa, interferiram diariamente nas práticas voltadas à minha formação cidadã; e digo mais, foram etapas relevantes para desenvolver competências no âmbito profissional, tais quais, como: aprender a otimizar tecnologias na gestão de resíduos sólidos, na caracterização por análise química dos materiais e/ou minerais, além de elaborar métodos procedimentais utilizados pelas indústrias.

Então, por volta de junho do ano de 2013 apresentei o Relatório Final de Estágio Supervisionado Curricular como requisito de Conclusão do Curso de Graduação em Engenharia Química, intitulado de Controle de Qualidade no Processamento de Saneantes na Empresa Starlux Indústria e Comércio Material de Limpeza Higiene e Consumo Ltda – EPP, situada no município de Parnamirim, RN, no qual descrevi as atividades laborais



desenvolvidas por mim no período compreendido entre os dias dois de janeiro do ano de dois mil e treze à doze de abril do mesmo ano.

Após a conclusão da Graduação, ainda no ano de 2013, ingressei como discente no Curso de Especialização em Gestão Ambiental pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), o qual conclui no ano de 2015, sob o título "Percepção Ambiental da Arborização na Escola Municipal José Pinheiro Borges, Macaíba-RN" trabalho acadêmico em formato de Artigo Científico apresentado com a finalidade de obter a titulação de Especialista.

Até aqui descrevi neste Memorial os principais cursos de formação profissional pelos quais perpassei, mas ainda não respondi a principal pergunta: Por que fazer a Graduação em Matemática? A princípio, logo na infância, gostaria de ter realizado a inscrição no certame para ingresso no nível Superior em Matemática, mas percebo que a intervenção por parte dos meus pais em não escolher a profissão de Educadora, me distanciou desse caminho. Então, busquei concluir esses cursos e ingressar no serviço público como funcionária pública efetiva para seguir na minha segunda Graduação. Com isso, outro questionamento vem à tona: Por que escolher o Instituto de Ensino Superior Presidente Kennedy (IFESP) para a formação de Educadora Matemática?

Sucintamente, o IFESP possui uma trajetória entrelaçada com a formação inicial e continuada de professores no Estado do Rio Grande do Norte. Ao me deparar com a realidade educacional, mesmo no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), percebi que é possível promover as aprendizagens do currículo de Matemática com um currículo direcionada para a prática pedagógica à luz dos teóricos, como Saviani, Fiorentini, Freire, Luckesi, D'Ambrósio, dentre outros. A próxima seção deste Memorial se anuncia pelos caminhos dessa Segunda Graduação, para tanto apresentarei as interações as quais nortearam a trajetória acadêmica para a formação profissional de Educadora Matemática.



A FORMAÇÃO ACADÊMICA NA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

As atividades educacionais do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP teve início no ano em 1908, conforme descrito pelo Plano de Desenvolvimento Institucional do IFESP (PDI – 2011/2015), com a criação da Escola Normal de Natal, baseada no decreto estadual sob o nº 178 de 29 abril de 1908. O intuito da referida Escola era possibilitar aos estudantes a formação profissional do professor, com o objetivo de renovar o quadro de educadores no Estado do Rio Grande do Norte.

Em meados da década de 60 do século XX, diante do retorno da discussão acerca da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, a Escola Normal de Natal perpassa por mudanças como forma de se adequar à Reforma Capanema, assim como ficou conhecida em decorrência do nome do deputado que sugeriu as mudanças na educação já nos anos de 1935.

Dessa maneira, sob a Lei de nº 2.639 datada de janeiro de 1961, a Escola Normal de Natal passou a ser denominada de Instituto de Educação, continuando a funcionar no mesmo endereço que a Escola Normal, em frente à Praça Pedro Velho.

Continuando a análise histórica no documento do PDI 2011/2015 é possível destacar o surgimento do Instituto de Educação Presidente Kennedy, mais precisamente na data de 22 de novembro do ano de 1965, sob a gestão estadual do então Sr. Governador Aluísio Alves, saindo da Praça Pedro Velho para funcionar no atual prédio de cede própria na Avenida Jaguarari na cidade do Natal. O nome de Kennedy, segundo o referenciado documento, deveu-se a uma parceria de financiamento com o Estados Unidos da América e em agradecimento ao Senador Robert Kennedy.

Então, a partir da nova modalidade de Ensino a qual o então Instituto Kennedy foi direcionado à Educação Superior, ao início do ano 2002, no intuito de qualificar os professores advindos do Magistério, a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, SEEC, do Rio Grande do Norte, implantou Cursos que servissem de fomento para a Nova LDB (Lei 9.394/96). Para tanto, cursos de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Licenciatura Plena em Ciências – Habilitação em Matemática, bem como descreve Paulino Filho e De Assis (2016).



A oferta do curso de Licenciatura em Matemática em regime letivo especial no ano de 2010 pelo IFESP foi possível mediante adesão ao processo de verticalização de acesso a um curso de ensino com modalidade Superior para os ex-estudantes do Curso de Magistério da Educação Básica, sob o Decreto de nº 6.755/2009.

É notória que a implantação, não somente do Curso de Licenciatura em Matemática, dos Cursos de Licenciaturas Plenas no IFESP, possibilitou aos profissionais da carreira docente no Estado do Rio Grande do Norte, ampliação da prática pedagógica profissional, além da imersão de muitos deles nos quadros efetivos da educação pública.

Com isso, as Licenciaturas do IFESP se norteiam através das tendências pedagógicas definidas por Freire (1996), quais sejam: Liberal e Progressista. E, Freire (1996) traz consigo sobre a Educação Bancária, assim definida por ele, como contraponto para a proposta da aplicação das tendências pedagógicas. Conforme destaca Da Costa Lins (2011):

> O conhecido autor pernambucano Paulo Freire (1921-1997) discorre sobre a dicotomia professor-aluno na situação de ensino aprendizagem estabelecendo uma distância intransponível entre os dois, criada no caso em que houver a situação de informação dada pelo professor. Neste modelo é edificada uma barreira entre professor e aluno que é explicada a partir da existência da transmissão de conhecimentos que devem ser organizados por um e recebidos pelo outro. No entanto, há sempre o que se transmitir e se receber, sem com isto se estabelecer uma situação de onipotência de um lado e de tabula rasa de outro. Na perspectiva freiriana, seguindo-se esta prática, existe apenas uma situação, a qual foi denominada Educação Bancária, na qual o pensador vê o confronto entre o professor e o aluno de modo que o primeiro faz a exposição de conteúdos e o segundo permanece em uma passiva atitude de mero recebimento destes (Da Costa Lins, 2011, p. 2).

Diante do exposto, o Curso de Licenciatura Plena em Matemática do IFESP se fundamenta em concepções teóricas pedagógicas, como por exemplo, na corrente do pensamento histórico-cultural, desde que se compreende o ensino da matemática com o intuito de interpretar e transformar uma realidade.

Em consoante ao que já afirmado por mim, encontrei no IFESP, além da proximidade com minha atual residência fixa em Natal-RN, dentre outros motivos, a oportunidade de ingressar na Graduação em Matemática como Educadora Social, o qual



era vinculada como Professora Estagiária de Matemática para estudantes advindos de escolas públicas nos Anos Finais do Ensino Fundamental, no IFRN Campus Natal-Central.

Assim, no início do ano de 2020 com a aprovação no processo seletivo para ingresso como discente do Curso de Licenciatura Plena em Matemática, em meados de março do mesmo ano, deu-se início ao semestre letivo 2020.1 do Curso de Matemática no IFESP.

Mas este atípico ano de 2020, reservou para nossa humanidade o início de uma pandemia, em decorrência da disseminação do novo Coronavírus, provocando a todos nós o afastamento social necessário para o controle viral da doença. Por esse motivo, as aulas presenciais foram suspensas. E, com o objetivo de mitigar as consequências desastrosas na educação pública em decorrência da referida situação de amplitude internacional sanitária, as aulas tiveram que acontecer na modalidade de ensino remoto por videoconferência, seja pela Plataforma de Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (NEAD*)*[33] do IFESP ou via aplicativo do *Google Meet*[34], desse modo protagonizaram como uma ferramenta importante para o saber.

Com isso, para compreender melhor como aconteceu esse processo, o percurso da Graduação em Matemática foi dividido em duas etapas, quais foram: os quatro primeiros períodos letivos (2020.1, 2020.2, 2021.1 e 2021.2) na modalidade de ensino remoto e os outros quatro últimos períodos (2022.1, 2022.2, 2023.1 e 2023.2) na modalidade presencial.

Ao analisar as estratégias curriculares adotadas pelos docentes no decorrer do Curso de Licenciatura em Matemática no IFESP na modalidade do Ensino Remoto, os professores se valeram dos recursos e materiais didáticos disponibilizados pela Plataforma NEAD do portal oficial do IFESP e, também, em alguns componentes, como

[33] Plataforma de Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (NEAD*)*. Disponível em: https://ifesp.edu.br/ead/.
[34] "... o *Google Meet*, uma ferramenta de reunião oferecida pelo Google para usuários que tenham uma conta escolar ou de trabalho no *GSuite*, permite videochamadas por meio de dispositivos móveis, com uso do aplicativo ou através de um navegador compatível, no caso do uso em computadores. Possui funções que permitem trabalhar colaborativamente em uma reunião. Para tanto, é possível ver o vídeo de cada uma das pessoas presentes e também de quem está transmitindo áudio" (Gomes; Tarouco; Da Silva; Roesler, 2021).



pastas compartilhadas no aplicativo do *Google Drive*[35], e grupos de *WhatsApp*[36]. Além disso, é interessante verificar a formação de grupos específicos direcionados para o estudo compartilhado e verticalizado dos componentes.

As aulas remotas aconteceram sempre no turno noturno, das segundas às sextas-feiras, com o auxílio dos professores na abertura das salas de aula virtuais e do compartilhamento dos links anterior ao início dos momentos virtuais.

Os docentes do Curso de Matemática no IFESP sempre se mostraram disponíveis para contato via mensagens diretas ou coletivas, de modo que tornasse o processo de comunicação na relação estudante e professor de maneira eficaz. Nessa perspectiva, promovendo uma conexão próxima ao estudante professor formador. E, com as aulas expositivas dialogadas com os estudantes através dos questionamentos, situações ilustrativas a partir do conhecimento e confronto com a realidade.

Concluo aqui que as aulas remotas proporcionaram a mim um despertar intrigante quanto aos conteúdos abordadas nos Componentes Curriculares, proporcionando aprendizados importantes para a minha caminhada como Professora de Matemática.

Como proposta pedagógica de avaliação semestralmente dos Componentes Curriculares Práticas Pedagógicas fora solicitado a feitura textual de Portfólios, pois acredita-se que o Portfólio da Prática Pedagógica se caracteriza como um trabalho que destaca a autonomia do aluno, sob a orientação dos professores formadores, além da sistematização dos registros das abordagens teóricas acadêmicas desenvolvidas no decorrer do Curso.

Dinamizando os conteúdos e as práticas de aulas, os docentes se utilizaram de aulas expositivas para encontros síncronos por *webconferência*[37] via *Google Meet*, de aulas documentais pela Plataforma NEAD do IFESP e de momentos para discussões, dúvidas e sugestões via grupos de mensagens instantâneas pelo *WhatsApp*.

[35] Google Drive é um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos.
[36] "O WhatsApp é um aplicativo grátis e disponibiliza serviços de mensagens e chamadas de uma forma simples e segura. Está disponível em telefones celulares ao redor do mundo todo" (Da Silva; Da Conceição Esquincalha, 2021).
[37] webconferência é uma reunião ou encontro virtual realizada pela internet através de aplicativos ou serviço com possibilidade de compartilhamento de apresentações, voz, vídeo, textos e arquivos via web.



Mesmo sem dividir o mesmo espaço físico da sala de aula presencial no IFESP, as aulas remotas foram norteadoras para o desbravamento nesse mundo novo do Ensino da Matemática. Nesses termos, de valorização do Ensino, mesmo que remoto, vislumbra uma nova proposta de ensino com as características que auxiliam no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do educando. Com isso, durante todo o processo do Ensino Remoto Emergencial[38] as contribuições para as minhas aprendizagens foram de imensa valia na minha formação como Educadora de Matemática.

De um lado teve as aulas remotas, como já mencionei. Por outro é chegado o momento para o retorno das aulas expositivas presenciais, que na minha percepção, de fato, se apresenta a atuação de um professor em um espaço físico delimitado, como a sala de aula de uma Instituição Pública de Ensino Superior.

Além dos Componentes Curriculares da Prática Pedagógica, nessa imersão que foi minha participação como discente deste Curso, julgo que todas as demais, dentro de uma perspectiva na Formação de Professores fizeram parte da minha construção, mas compreendendo a dinâmica das mais que promoveram o despertar da prática, quais sejam: a História da Educação Matemática; a Didática do Ensino da Matemática I e II; a Instrumentação para o Ensino da Matemática; a Iniciação à Pesquisa I e II; as de Cálculo Diferencial e Integral I e II; e os Estágios Curriculares Supervisionados I, II e III.

Lembro-me que os estudos sobre a História da Educação Matemática basearam-se nas discussões à luz dos teóricos D´Ambrosio, em que evidencia o ser professor quando o mesmo assume os princípios e valores presentes nas práticas educacionais, valorizando as potencialidades dos alunos, o que vem confirmar seu interesse na renovação do ensino; e Fiorentini (1995) quando descreve as maneiras como que historicamente o ensino da matemática está sendo realizado no Brasil.

Os Componentes Curriculares da Didática do Ensino da Matemática I e II oportunizou a mim aprendizagens acerca dos 10 mandamentos para professores propostos

[38] "O ensino remoto emergencial exige a aplicação de medidas que levem ao encontro de respostas eficazes e rápidas e atendam demandas urgentes, assim permite o uso de plataformas já disponíveis e abertas para outros fins, que não sejam estritamente os educacionais" (Garcia; Morais; Zaros; Rêgo, 2020).



por George Pólya, além de conceitos inerentes a prática pedagógica do Educador Matemático na relação estudante e professor, como por exemplo: conceitos de contrato didático, obstáculos epistemológicos, transposição didática, estratégias de ensino, dentre outros.

Ao decorrer do semestre letivo de 2022.1 cursei o Componente de Instrumentação para o Ensino da Matemática com o objetivo de produzir três materiais didáticos manipulativos e jogos como instrumentos facilitadores da aprendizagem de conteúdos matemáticos no Ensino Básico. Com isso, como requisito de aprovação no Seminário Temático Integrador II, foi possível apresentar, em formato de Palestra, esses três jogos matemáticos aos demais cursistas do IFESP.

Outro, correspondeu aos Componentes de Iniciação à Pesquisa I e II em que trouxe a mim a possibilidade de utilizar um método de elaboração de Projetos de Pesquisa, com possibilidade de publicação em eventos e/ou periódicos.

Já nos Cálculos Diferenciais e Integrais I e II, em resumo, foram apresentados os ditos conceitos sobre as funções, desde que são compreendidas sob o uso de fórmulas, gráficos e dados, isto é, o estudo de Cálculo busca compreender as funções em decorrência de alterações nas variáveis. E, por último, aconteceram os Estágios Curriculares Supervisionados I, II e III, os quais se constituíram etapas importantes para a minha formação como Educadora de Matemática, descritos na próxima seção deste Memorial.

Para tanto, de certa forma, na modalidade de ensino presencial, foi possível avançar nas aprendizagens, como a participação nas aulas expositivas através das intervenções, nas construções textuais, nas relações interpessoais para os quatros últimos semestres letivos 2022.1, 2022.2, 2023.1 e 2023.2 do Curso de Licenciatura Plena em Matemática do IFESP.



O DESPERTAR PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nesta seção apresento duas subseções teóricas que embasaram a escrita deste Memorial: o processo ensino aprendizagem para o despertar da minha prática pedagógica em Matemática; e a etapa dos Estágios Curriculares Supervisionados I, II e III.

PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Concernente à primeira experiência profissional na prática pedagógica, meados aos anos de 2008 e 2009, participei do Projeto Parceria da Subcoordenadoria de Educação de Jovens e Adultos (SUEJA) como Professora Temporária de Matemática, como Estagiária, em que proporcionava aos funcionários terceirizados de dois Hospitais da Cidade do Natal-RN na Etapa II da Educação de Jovens e Adultos (Ensino Médio) no horário noturno. De forma a proporcioná-los em 1 ano letivo a obtenção do Certificado de Conclusão do Ensino Médio, com a condicionante de que identificassem o letramento matemático, conforme descrito por Silva (2019), como parte importante nas aprendizagens na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

> [...] o ensino da matemática na perspectiva do letramento é imprescindível para a formação integral do indivíduo, especialmente para o educando da EJA, que por já possuir uma vivência social, certamente se deparou com inúmeros conhecimentos matemáticos, inclusive para solucionar problemas de seu cotidiano, tais como: o tempo de deslocamento de sua casa para o trabalho ou para igreja ou para escola; unidades de medida ao preparar uma receita em casa; número do ônibus que precisava tomar; cálculo de valores para pagar uma conta ou para efetuar/receber troco, entre outros (Silva, 2019, p. 27).

Nessa busca pela mudança de carreira profissional, estive no ano de 2018 como Professora Temporária do Ensino Profissional do Curso Técnico de Nível Médio em Segurança do Trabalho no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Zona Leste, na modalidade de Ensino à Distância.

E, novamente, retomando a atuação profissional, no ano de 2020, como Professora de Matemática participei como Educadora Social no Projeto de Extensão do IFRN, Campus Natal-Central, intitulado Oportuniza, o qual se caracterizava como um curso



preparatório, inicialmente, na modalidade de ensino presencial que, em decorrência do Decreto da Organização Mundial de Saúde (OMS) para a Pandemia do Coronavírus, se tornou na modalidade de ensino remoto, direcionado ao público-alvo dos estudantes do 9º Ano dos Anos Finais do Ensino da rede pública de ensino da Grande Natal, sem fins lucrativos.

O interessante, inicialmente, ao se perceber como Professora de Matemática sem os moldes tradicionais da formação acadêmica em Licenciatura Plena, é considerar que a Profissão de Educadora Matemática requer muito mais que simplesmente compreender os cálculos ou saber repassá-los. Os conhecimentos didáticos, a prática pedagógica reflexiva, os métodos, as tendências, as concepções de ensino, dentre outros aspectos, são norteadoras para uma relevante prática pedagógica no Ensino da Matemática. A princípio, no decorrer dos encontros virtuais via aplicativo *Google Meet*, consegui desenvolver as aulas expositivas numa perspectiva de uma concepção que mais se aproxima da formalista, afim de que pudesse encontrar um denominador em comum acerca para as possíveis aprendizagens em Matemática.

Um outro episódio importante, foi a Observação Participante em uma Turma do 1º Ano do Ensino Médio Técnico Integrado do Curso de Geologia do IFRN Campus Natal-Central, apresentado ao Componente Curricular Prática Pedagógica V. Com essa atividade observacional, foi possível relacionar o objeto de conhecimento da Matemática e suas tecnologias no Ensino Médio com o descrito na BNCC (2018) para a Competência 4, da qual trata-se de compreender e de fazer uso de diferentes representações matemáticas, no intuito de promover o desenvolvimento do raciocínio matemático. Para tanto, na tessitura da prática observacional, diante da aula expositiva do professor de Matemática na 1ª Série do Ensino Médio, fora possível estabelecer uma conexão com o objeto de conhecimento Função Exponencial.

Ao avançar na observação da prática pedagógica acerca do conteúdo Função Exponencial, e diante do fato que a intervenção posterior proposta ao professor de matemática da turma observada, foi possível realizar uma aula com o uso do Jogo Torre de Hanói, apresentando aos estudantes uma maneira dinâmica de compreender a



formação de padrão matemático exponencial a partir do movimento regrado dos discos da Torre.

No decorrer da observação da prática pedagógica, dentre as aprendizagens mútuas apreendidas destaco aqui as seguintes variantes: o contexto social que a escola está inserida, a existência de situações adversas cotidianas, e as condições de infraestrutura escolar para realizar uma atividade com utilização de laboratórios, como por exemplo, as que requerem condições estáveis para a manutenção a tempo da aula.

Nisso foi possível levantar as análises realizadas no decorrer das aulas expositivas presenciais como reflexão de aprendizado dos Componentes Curriculares, e durante a minha vivência como observadora da prática pedagógica do Professor em sala, desenvolvi comentários e indagações no intuito de estabelecer um diálogo próximo ao docente.

Em síntese, as aulas expositivas presenciais, como discente do Curso de Licenciatura Plena em Matemática, foram norteadoras para o desbravamento nesse mundo novo da prática docente no Ensino da Matemática pelo qual, como docente, estarei disposta a caminhar. Essa prática observante, a priori, serviu como um anúncio para a próxima etapa na minha formação como Educadora de Matemática, os Estágios Curriculares Supervisionados. Nesses termos, de valorização do Ensino vislumbra uma nova proposta de ensino com as características que auxiliam no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do educando.

ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS

Nesta subseção, expressarei teoricamente, uma fundamentação teórica sobre a importância do Estágio Curricular Supervisionado para a formação do Professor de Matemática, bem como os objetivos do estágio e as atividades desenvolvidas; e a descrição das atividades desenvolvidas nos Estágios Curriculares Supervisionados como prática pedagógica.

Bernardy e Paz (2012) destacam que a prática do estágio se faz necessária para a formação dos estudantes em Cursos de Licenciaturas Plenas, desde que consideram que



o mercado de trabalho está exigindo desse futuro profissional uma dinâmica de aperfeiçoamento de modo a associar os conhecimentos teóricos compreendidos na academia com a prática profissional.

Diante do exposto, busca-se com o Estágio Curricular Supervisionado obrigatório que os estudantes de Licenciaturas Plenas consigam, durante o estágio, reativar a memória das atividades as quais compreendeu em sala de aula ainda na academia exigidas na efetiva prática da sala de aula, desse modo entendendo que o estágio se mostra como uma oportunidade singular de aprendizagens acerca da prática docente (Scalabrin e Molinari, 2013).

Para tanto, sendo específico para a prática do Estágio Curricular Supervisionado como requisito obrigatório para os estudantes do Curso de Licenciatura em Matemática, conforme citado por Carvalho (2013), o estágio possibilita a vivência das complexas situações por meio da observação, de modo que o estudante consiga superar as dificuldades no que tange a prática docente diária, bem como elaborar atividades e/ou documentos norteadores e facilitadores para o planejamento de conteúdos da Matemática e transpor toda a realidade no estágio nos relatórios oficiais das instituições de ensino.

Na Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena no Brasil, no Inciso 3º no seu Art. 13 descreve:

> O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio (Brasil, 2002, p. 6).

Corroborando com a regulamentação no Brasil do Estágio Curricular Supervisionado Rodrigues (2013) destaca o objetivo no parecer nº 28/2001 (Brasil, 2002) que é o de ofertar ao licenciando um conhecimento prático da realidade no trabalho nas unidades escolares, principalmente, integrantes da rede pública de ensino. Dessa maneira, tornando possível o estudante compreender a execução de planejamento de aulas, como



por exemplo, e ter sua prática didática avaliada sob a supervisão e exercer o papel do professor, relacionando-se com os atores sociais envolvidos dentro da escola.

Cerqueira, Souza e Mendes (2009) descrevem a trajetória da LDB no Brasil com as perspectivas de uma importante contribuição para um avanço da educação no Brasil, dentro dos ideais da política econômica neoliberal. Mesmo sendo uma Lei pouco eficaz, na opinião de Cerqueira, Souza e Mendes (2009), ainda assim permite que haja alterações e aperfeiçoamentos.

Nesse processo de possíveis mudanças, a fim de tornar uma Lei que abrangesse e norteasse a educação no Brasil uniforme, eis que surge no debate a necessidade de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) para a educação básica.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I

O Estágio Curricular Supervisionado I (ECS I) correspondeu na minha Prática Profissional em duas turmas do 7º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual Instituto Ary Parreiras, no período compreendido entre 22/9/2022 e 28/10/2022, situada na Praça Almirante Barroso, Vila Naval, Alecrim, 59052-700, no município de Natal, RN.

O Professor observado faz uso do livro didático adotado pela escola para demonstrar os conceitos fundamentais dos termos matemáticos, mas de toda maneira, prefere utilizar uma abordagem mais tradicional de escrita na lousa branca com perguntas retóricas aos alunos como instrumento de reflexão das aulas de matemática. Nessa parte observacional do estágio, é pertinente destacar que o registro no caderno dos conteúdos das aulas de matemáticas permite aos alunos que possam retomar os conceitos necessários para as aprendizagens.

Corroborando com a atividade observacional, foi possível relacionar o objeto de conhecimento da Matemática para o 7º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental com o descrito na BNCC (2018), da qual trata-se de um início quanto a compreensão, análise e avaliação da linguagem matemática. Para tanto, na tessitura do Plano de Aula teve como



finalidade realizar a etapa seguinte da minha Regência, numa abordagem conteudista do objeto de conhecimento de Equações Polinomiais do 1º grau.

Ao avançar na observação da prática pedagógica acerca do conteúdo “Equações Polinomiais do 1º grau”, e diante do fato que a regência posterior proposta ao professor de matemática, foi possível realizar uma aula expositiva com a utilização de atividades introdutórias de balanças em equilíbrio de maneira que os estudantes possam atrelar a resolução de problemas no contexto cotidiano o uso da linguagem matemática.

Observei que os estudantes tiveram inúmeras dificuldades de transpor o problema descrito para a linguagem matemática, mas foi importante porque promoveu um debate na aula para entendimento do equilíbrio na balança mecânica. Na sequência para auxiliar na resolução da Situação Problema proposta, disponibilizei uma outra atividade mais simples e didática, em que há a possibilidade ao estudante ter contato com um exemplo real para atribuir valor numérico a uma incógnita.

Em resumo, pode-se assim dizer que as aprendizagens nessa etapa do ECS I perpassaram por possibilidades na prática pedagógica de associar os conhecimentos do ensino da Matemática com as situações problemas, baseando-se nos documentos normativos, os quais estabelecem habilidades e competências, e nos encaminhamentos proporcionados nas aulas expositivas na formação da Licenciatura.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II

Com a finalidade de descrever a Prática Profissional do Educador Matemático em duas turmas do 9º Ano (Regência e Observação da Prática Pedagógica) e duas turmas do 8º Ano (somente Observação da Prática Pedagógica) dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Juvenal Lamartine, situada na Rua Presidente Sarmento, 1156, bairro Alecrim, Natal-RN, 59032-400, é possível compreender que a BNCC (2018) se objetiva na maneira de reconhecer que a educação tem um papel importante na formação do indivíduo.



No Estágio Curricular Supervisionado II (ECS II), compreendido entre 13/3/2023 e 29/5/2023, esse é um Componente Curricular obrigatória para o 7º período do Curso de Licenciatura Plena em Matemática do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, foi possível realizar as três etapas propostas para o estágio, quais foram: Inserção, Observação e Regência no Contexto Escolar, em duas turmas do 9º Ano e em outras duas do 8º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Diferentemente do ECS I, as etapas aconteceram de maneira simultânea, em alguns momentos, pois com uma carga horária maior de atividades (140 Horas) e, em decorrência da própria dinâmica escolar, o ECS II se dividiu na Inserção no contexto escolar, em que corresponde a fase do contato direto do estagiário licenciando com o ambiente escolar, dessa forma se relacionando com os atores sociais envolvidos, em decorrência da receptividade da escola para com o estagiário.

Na etapa da minha Regência no contexto escolar no ECS II, em que, conforme descreve De Figueiredo Souza e Ferreira (2020), é a etapa do Estágio Curricular Supervisionado a qual relaciona as atividades da docência com o desenvolvimento do perfil profissional do eventual professor estagiário, bem como promover ao futuro professor autonomia na sua prática pedagógica.

No ECS II foi possível relacionar os objetos de conhecimentos da Matemática para os 8º Ano e 9º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental com o descrito na BNCC (2018), da qual trata-se de um início quanto a compreensão, análise e avaliação da linguagem matemática. Para tanto, na tessitura do Plano de Aula correspondendo ao período de aulas de Matemática, no qual a finalidade foi de realizar a etapa da Regência, para dar continuidade na abordagem dos objetos de conhecimentos dos Conjuntos Numéricos, Potenciação e Notação Científica para as duas turmas do 9º Ano.

Nesses termos, esta etapa do ECS II foi fomentada a partir dos objetos de conhecimento mencionados nos momentos presenciais em sala de aula no IFESP e diante da Observação Participativa das aulas de Matemática no início do ano letivo escolar de 2023, correspondente ao 1º Bimestre de duas turmas do 8º Ano e do 9º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Juvenal Lamartine.



ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III

A última prática pedagógica experiencial no Estágio Curricular Supervisionado III (ECS III) aconteceu no período compreendido entre 4/9/2023 a 29/11/2023, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Natal-Central, situado na Avenida Senador Salgado Filho, 1559 - Tirol, Natal - RN, 59015-000, em duas turmas da 1ª Série do Ensino Médio Integrado dos Cursos Técnicos de Controle Ambiental e Informática para a Internet.

Diante do exposto no documento Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar (2021), o qual traz a finalidade do Ensino Médio para os estudantes, em que corresponde ao aprimoramento do aluno como cidadão, apresentando como premissa uma formação ética, política, estética e o desenvolvimento por competências para dar continuidade às suas aprendizagens, as análises realizadas tiveram como alicerce os textos normativos mencionados no Componente Curricular ECS III, objetivando proporcionar conhecimentos em interação com a realidade educativa, com ênfase na articulação entre os diferentes saberes os quais relacionam a prática pedagógica no ensino da Matemática na 1ª Série do Ensino Médio.

Com isso foi importante no ECS III identificar as concepções do ensino de Matemática presentes no cotidiano da gestão educativa em suas diferentes dimensões; elaborar e desenvolver planos de aula de modo a promover as aprendizagens dos estudantes; experienciar situações docentes como: observação participativa, regência de classe, atendimento individualizado a alunos com dificuldade em Matemática e organização de material didático para a turma onde está estagiando; e registrar reflexivamente todas as ações pedagógicas desenvolvidas na sala de aula do estagiário e redimensiona-las quando necessário.

Por esse motivo, com vistas da prática profissional do educador matemático Albuquerque e Gontijo (2013) descreve que o futuro professor de matemático deve atuar como pesquisador, e que apesar da formação constituída ao longo da trajetória educacional, isso deve ser superado, com a finalidade de ser o agente da sua própria formação.



As aulas expositivas da minha Regência aconteceram em dois ambientes distintos dentro do IFRN: a sala de aula tradicional, com auxílio da lousa branca, computador e projeção em tela; e o outro ambiente as aulas aconteceram no Laboratório de Informática, como forma de aplicar as aprendizagens interativas entre os objetos de conhecimentos acerca do estudo das funções com o uso de computadores, proposta pelo Professor Regente.

É possível destacar que essa diversificada maneira, proposta pelo Professor Regente do IFRN, do fazer pedagógico para a minha formação enquanto Educadora de Matemática fez-me refletir sobre a relevante contribuição de uma didática inovadora, de maneira a tornar o estudante participante da sua própria aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das reflexões e descrições destaco o período da Pandemia causada pela COVID-19, em 2020, que provocou sérias mudanças no processo de ensino aprendizagem. Primeiramente, o IFESP (Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy) possui a Plataforma (Núcleo de Educação à Distância (NEAD), e isso possibilitou a continuidade da minha formação enquanto Educadora Matemática, o modo de ensino remoto trouxe a possibilidade de iniciar as aprendizagens sem que houvesse prejuízo no tempo para conclusão de curso.

Durante o Curso de Licenciatura em Matemática no IFESP foram propostas leituras diversas, que foram de muita valia, conteúdos pelos quais estão relacionados com o processo da prática pedagógica do professor formador. É nessa perspectiva que a tessitura textual deste Memorial, e de outros, como por exemplo, os Portfólios, em que busquei descrever reflexões acerca dos Componentes Curriculares, tanto no momento remoto quanto no presencial.

Ao tomar a escrita deste Memorial de Formação Acadêmico é possível trazer, como evidência para a minha formação no Curso de nível Superior em Licenciatura Plena em Matemática do IFESP, é possível destacar os benefícios que o ensino remoto, a ser



proposto, mesmo depois do fim da Pandemia do novo Coronavírus, amplia a visão para um novo método de compreender que o método de ensinar tradicional, pois possibilita um campo de estudos e a compreensão por parte dos estudantes quanto as reais dificuldades das aprendizagens.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Luana Angélica. **Tendências no ensino da matemática no Brasil: uma análise a partir de livros didáticos**. 2016. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/682/1/ALBERTI.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.

ALBUQUERQUE, Leila Cunha de; GONTIJO, Cleyton Hércules. A complexidade da formação do professor de matemática e suas implicações para a prática docente. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 20, n. 1, p. 76-87, jan./jun. 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/14022. Acesso em: 29 out. 2023.

BACCHETTO, João Galvão. Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000): a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior. The alternatives for pré-vestibular courses in the Municipality of São Paulo (1991–2000): The fight for equality in the access to higher education.) **MA Thesis in Education**. São Paulo, São Paulo University, 2003. Disponível em: https://flacso.org.br/files/2017/07/Cursinhos_Alternativos_Bacchetto.pdf. Acesso em: 24 fev. 2024.

BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira. Importância do estágio supervisionado para a formação de professores. **XVII Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão**. Anais: Unicruz, p. 1-4, 2012. Disponível em: https://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

BRASIL, CNE. Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Brasília: CNE, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

BRASIL, CNE. Parecer CNE/CP n. 28/2001, de 2 de outubro de 2001. Dá nova redação ao parecer n. CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 jan. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em:



http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

CAPORALE, Silvia Maria Medeiros. Escrever e compartilhar histórias de vida como práticas de (auto) formação de futuros professores e professoras de matemática. 2016. **Tese de Doutorado**. Tese de Doutorado). Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil. Disponível em: https://connect.itf.edu.br/galeria/getImage/427/30066105960574898.pdf. Acesso em, 22 ago. 2023.

CARVALHO, Ana Márcia Fernandes Tucci de. A (Trans) Formação pelo Estágio Supervisionado Obrigatório em um Curso de Licenciatura em Matemática. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 15, n. 3, p. 630-646, 2013. Disponível em, http://funes.uniandes.edu.co/24941/1/Carvalho2013A.pdf. Acesso em: 19 mai. 2024.

CERIZARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?. **Perspectiva**, v. 17, n. 1, p. 11-22, 1999. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10539. Acesso em: 20 mar. 2024.

CERQUEIRA, Aliana Georgia Carvalho; CERQUEIRA, Aline Carvalho; SOUZA, Thiago Cavalcante de; MENDES, Patrícia Adorno. A trajetória da LDB: um olhar crítico frente à realidade brasileira. **Anais do Ciclo de Estudos Históricos**, **UESC**, Santa Catarina, 2009. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/aliana_georgia_carvalho_cerqueira. Acesso em: 24 mar. 2024.

CUNHA, Maria Amália de Almeida; NUNES, Célia Maria Fernandes. **As biografias educativas como fonte de pesquisa e estudo no campo da formação docente:** notas iniciais para uma discussão teórico/metodológica. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/9503. Acesso em: 19 mar. 2024.

DA COSTA LINS, Maria Judith Sucupira. Educação bancária: uma questão filosófica de aprendizagem. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 8, n. 16, 2011. Disponível em: https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/168. Acesso em, 22 ago. 2023.

DA SILVA DICETTI, Tanara; CERETA, Andressa de Siqueira; ROMIO, Leugim Corteze; MARIANI, Rita de Cássia Pistóia. **Formação De Professores Polivalentes:** Uma Pesquisa Acerca Do Conhecimento Matemático. Disponível em: http://www.sbem.com.br/enem2016/anais/pdf/7476_3603_ID.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

DA SILVA, Aracéli Girardi. Tendências pedagógicas: perspectivas históricas e reflexões para a educação brasileira. **Unoesc; Ciência-ACHS**, v. 9, n. 1, p. 97-106, 2018. Disponível em: https://portalidea.com.br/cursos/aperfeioamento-em-docncia-e-prtica-de-ensino-apostila05.pdf. Acesso em, 22 ago. 2023.



DA SILVA, Daniela Mendes Vieira; DA CONCEIÇÃO ESQUINCALHA, Agnaldo. A Tessitura do Conhecimento em Grupos no Whatsapp. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 20, n. 1, 2021. Disponível em: https://seer.abed.net.br/RBAAD/article/view/465. Acesso em: 24 fev. 2024.

DA SILVA, Gabriela; TEIXEIRA, Bruno Rodrigo. Potencialidades para a escrita reflexiva de futuros professores de Matemática em um roteiro de elaboração de Relatório de Estágio de Observação. **Revista Paranaense de Educação Matemática**, v. 10, n. 21, p. 235-258, 2021. Disponível em: http://funes.uniandes.edu.co/30763/. Acesso em: 17 mar. 2024.

DANTE, Luiz Roberto. **Matemática, contexto e aplicações:** 2º ano Ensino Médio. 1ª edição. São Paulo. Editora Ática, 2002.

DE BRITTO, Tatiana Feitosa. **O Livro Didático, o Mercado Editorial e os Sistemas de Ensino Apostilados**. 2011. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-92-o-livro-didatico-o-mercado-editorial-e-os-sistemas-de-ensino-apostilados/@@download/file/TD92-TatianaFeitosadeBritto.pdf. Acesso em: 23 fev. 2024.

DE CASTRO, Maria Helena Guimarães; TIEZZI, Sergio. A reforma do ensino médio e a implantação do Enem no Brasil. **Desafios**, v. 65, n. 11, p. 46-115, 2004. Disponível em: http://www.schwartzman.org.br/simon/desafios/4ensinomedio.pdf. Acesso em: 24 fev. 2024.

DE FIGUEIREDO SOUZA, Ester Maria; FERREIRA, Lúcia Gracia. Ensino remoto emergencial e o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura no cenário da Pandemia COVID 19. **Revista Tempos e espaços em educação**, v. 13, n. 32, p. 85, 2020. Disponível em, https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7641432. Acesso em, 27 fev. 2024.

DIDONET, Vital. Balanço crítico da educação pré-escolar nos anos 80 e perspectivas para a década de 90. **Em Aberto**, v. 10, n. 50/51, 1991. Disponível em: http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/download/2120/1859. Acesso em: 22 fev. 2024.

FEITOSA, Cairo et al. Qual a importância do cálculo ao longo dos tempos? **Revista Campo do Saber**, v. 4, n. 3, 2018. Disponível em: https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/131. Acesso em: 24 fev. 2024.

FIORENTINI, Dario. Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil. **Zetetiké**, v. 3, n. 1, 1995. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8646877. Acesso em: 23 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 19897, 2005. Disponível em:



https://www.academia.edu/download/67312529/Paulo_Freire_pedagogia_da_autonomia.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial:** proposta de design para organização de aulas. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29767/1/ENSINO%20REMOTO%20EMERGENCIAL_proposta_de_design_organizacao_aulas.pdf. Acesso em: 23 mar. 2024.

GOMES, Raquel Salcedo; TAROUCO, Liane Margarida Rockenbah; DA SILVA, Patrícia Fernanda; ROESLER, Valter. Aprendizagem ativa colaborativa em ambiente de webconferência. **Revista EDaPECI**, v. 21, n. 2, p. 18-31, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/edapeci/article/view/15682. Acesso em: 24 fev. 2024.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Memorial de formação: registro de um percurso. **S/d**, v. 17, 2012. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais14.pdf. Acesso em, 16 ago. 2023.

HOUSTON, Cynthia R. Do scaffolding tools improve reflective writing in professional portfolios? A content analysis of reflective writing in an advanced preparation program. **Action in Teacher Education**, v. 38, n. 4, p. 399-409, 2016. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01626620.2016.1226201?casa_token=O8jIH2WHM8gAAAAA:MJ3dUn1uqNDmKBxLoSGYMC3-BtcN42__RfffTm-XyP5lmYWotesED6LLF97qdEHbqD3XivaAjcs5zsw-yw. Acesso em: 17 mar. 2024.

LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. **Cadernos de pesquisa**, n. 107, p. 187-206, 1999. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602001000100012&script=sci_abstract. Acesso em: 23 fev. 2024.

MENDONÇA, Cláudia. Livro Didático: um desafio à leitura. **Eutomia**, v. 1, n. 01. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/1954. Acesso em: 23 fev. 2024.

NATAL. **Bairro, Conheça Melhor O Seu**. Alecrim. 2012. Disponível em: https://www.prefeitura.natal.br/storage/app/media/sempla/Alecrim.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.



NATAL. **Bairro, Conheça Melhor O Seu**. Cidade Alta. 2012. Disponível em: https://www.prefeitura.natal.br/storage/app/media/sempla/Cidade_Alta.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

NATAL. **Bairro, Conheça Melhor O Seu**. Cidade Nova. 2012. Disponível em: https://www.prefeitura.natal.br/storage/app/media/sempla/Cidade_Nova.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

NÚÑEZ, Isauro Beltrán et al. A seleção dos livros didáticos: um saber necessário ao professor. O caso do ensino de Ciências. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 33, n. 1, p. 1-11, 2003. Disponível em: https://rieoei.org/RIE/article/view/2889. Acesso em: 23 fev. 2024.

PAULINO FILHO, José; DE ASSIS, Márcia Maria Alves. O Curso De Matemática Do IFESP: A Prática Pedagógica E A Formação Do Professor. **Encontro Nacional de Educação Matemática** – ENEM. 2016. Disponível em: http://www.sbembrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/8328_4046_ID.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. **Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte:** Ensino Fundamental [recurso eletrônico] / Secretaria de Estado da Educação e da Cultura – Dados eletrônicos –. Natal: Offset, 2021. Disponível em: http://educacao.rn.gov.br/. Acesso em, 25 fev. 2024.

SILVA, Daniel Romao da. Livro didático de Matemática: lugar histórico e perspectivas. 2010. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03082010-103617/en.php. Acesso em: 22 fev. 2024.

SILVA, Joice Lima Branco da. **Letramento matemático:** uma prática possível na educação de jovens e adultos? 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15264. Acesso em: 23 mar. 2024.

SOARES, José Francisco; ALVES, Maria Teresa Gonzaga; DE OLIVEIRA, Rafael Milagres. O efeito de 248 escolas de nível médio no vestibular da UFMG nos anos de 1998 1999 e 2000. **Estudos em Avaliação Educacional**, n. 24, p. 69-118, 2001. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/2201. Acesso em: 24 fev. 2024.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. A Sociedade, A Escola E Os Saberes Docentes. **Pedagogia Ação**, Belo Horizonte, v.15, n.1, 2021. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/download/25229/17497. Acesso em: 20 mar. 2024.

TAVARES, Romero. Aprendizagem significativa. **Revista conceitos**, v. 10, n. 55, p. 55-60, 2004. Disponível em: http://www.projetos.unijui.edu.br/formacao/_medio/fisica/_MOVIMENTO/ufpb_energia/Textos/ASConceitos.pdf. Acesso em: 19 mai. 2024.



MEMÓRIAS QUE EDIFICAM A FUTURA PRÁTICA EDUCATIVA

Daniel Gomes de Oliveira
Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral

No enredado dos caminhos formativos, o capítulo “Memórias que Edificam a Futura Prática Educativa” é um sopro de lembranças e inspirações, repleto de narrativas que, a cada página, constroem pontes entre o passado e o futuro da educação. Daniel Gomes de Oliveira nos presenteia com um relato onde cada memória se torna um tijolo na edificação da sua prática pedagógica. Como um artesão da palavra e da lembrança, ele recria sua jornada, traçando uma linha que ecoa as vozes de suas influências e experiências, desde o primeiro contato com a educação básica até a solidez de sua formação acadêmica.

Em cada fragmento de sua trajetória, Daniel revela um pouco mais do educador em que se tornou – movido pela fé, pelo apoio familiar e pelas experiências de vida que moldaram seu espírito resiliente e acolhedor. Sua narrativa é um convite para mergulharmos em um passado que fala de lutas, descobertas e superações, e que agora, já transmutado, se torna alicerce para uma prática educativa transformadora. Ao explorar suas memórias, somos levados a compreender que a docência não é apenas uma profissão, mas um chamado, um caminho traçado não só pela razão, mas também pelo coração.

Essa obra nos faz refletir sobre o verdadeiro significado da educação: uma construção coletiva, moldada pela força da história individual de cada educador, onde cada lembrança é uma pedra fundamental no legado que se deixa para as futuras gerações.

FAMÍLIA MINHA BASE, MEU ALICERCE

Meu nome é Daniel Gomes de Oliveira, meus pais chamam-se: Manoel Gomes de Oliveira e Eliane Gomes do Nascimento, os mesmos tiveram quatro filhos apenas três estão vivos, contando comigo. Sou filho de pais agricultores, não tiveram as mesmas



oportunidades que eu de estudar. Viveram em uma época em que a prioridade era trabalhar ao invés de estudar pois tinham como obrigação contribuir com o sustento da família.

Sou o filho mais velho da minha família, moramos na cidade de Nova Cruz, cidade com uma história bastante peculiar, era início do século XVI quando surgiu um núcleo populacional às margens do Rio Curimataú, resultado da instalação de uma hospedaria pertencente aos primeiros moradores que ali chegaram. Essa hospedaria destinava-se ao descanso dos boiadeiros, vindos do estado da Paraíba e de Pernambuco, passavam pela região com seus rebanhos. O crescimento da povoação foi aumentando, foram fixadas moradias por muitos boiadeiros que por ali transitavam (Wikipédia, 2023).

No início o povoado era chamado de Urtigal, devido à quantidade de urtigas existentes no local, segundo historiadores. Logo depois seu nome foi mudado para Anta Esfolada, em virtude de alguns fatos ocorridos na localidade, contados pelo historiador Manoel Dantas. Conta-se que existia no território uma anta com espírito maligno. Em determinado dia um astuto caçador conseguiu prender o animal numa armadilha e na ânsia de tirar o feitiço da anta, o caçador partiu para esfolar o animal vivo. Mas logo no primeiro talho a anta conseguiu escapar, deixando para trás sua pele e penetrando mata adentro (Wikipédia, 2023).

Assim, tornando-se o terror daquelas paragens e sem que o povoado conhecesse outra denominação, o local continuava sendo chamado de Anta Esfolada, até que um missionário conhecedor de artes diabólicas e exorcismo, percebendo que o demônio fazia mal àquela terra, através do corpo da anta, adquiriu galhos de inharé trazidos da cidade de Santa Cruz, fez uma cruz e fincou no ponto mais alto da vereda por onde o animal costumava passar. No dia 15 de março de 1852, pela Lei Provincial nº 245, foi o distrito elevado à condição de vila, que só recebeu foros de cidade na data de três de dezembro de 1919. A cidade de Nova Cruz encontra-se localizada no Rio Grande do Norte a mais ou menos 110 quilômetros de Natal/RN, a capital do estado. Segundo Le Goff (2013):

> A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades



> fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (Le Goff, 1990, p. 410).

Lembrar, recordar, resgatar a história do lugar que nascemos ajuda-nos a entender quem somos e a valorizar nossas origens, nossas raízes e nossa própria história.

Minha família é a base de tudo que sou hoje, sempre fui incentivado a estudar, apesar da nossa origem humildade, nunca me faltou apoio, inclusive no que diz respeito à educação. Meus avós paternos sempre me beneficiaram com materiais didáticos, Maria Pedro da Silva, minha avó, comentava e possuía a percepção de que tais despesas com os estudos estava sendo um investimento. Meu primeiro notebook foi ela que me presenteou, para que eu pudesse utilizar para fins pedagógicos.

Sou fruto da minha educação familiar, como diz a passagem bíblica (Provérbios, 22:6, 1999, p. 452): “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.” Por meio desse versículo, reflito a minha vida e da minha família que sempre foi de origem católica tendo eu seguido o mesmo credo religioso.

Sou o filho mais velho, pois o primogênito veio a falecer ainda recém-nascido, tive uma convivência familiar quando criança, marcada por implicâncias com meus irmãos, discussões e arengas (como se costuma falar nas cidades do interior), fato esse muito comum em quase todas as famílias que possuem mais de dois filhos. Atualmente posso fazer essa reflexão por ter atingindo a maturidade emocional, como aprendi nas aulas de Psicologia do Desenvolvimento.

Quando tinha mais ou menos uns doze anos de idade eu frequentava muito a casa da minha avó, pois lá havia muito mais liberdade, podia brincar com meus amigos na rua, passava mais tempo lá do que na casa de meus pais. Minha avó também gostava muito de mim, com isso fui morar um período com ela, eu a ajudava com os afazeres e tinha tempo para brincar com os amigos.



As brincadeiras eu considero que eram saudáveis pela alegria e liberdade, assim, eu brincava de “pique-esconde”, “queimada”, com bolinhas de gude a famosa “biloca” (como geralmente se chama nas cidades do interior) e soltava pipa. Ressalto que a minha mãe não permitia tal liberdade, ao contrário da minha avó. Assim, foram momentos ímpares os quais vivi, os amigos que eu possuía na época hoje encontram- se distantes, em outra realidade.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (Brasil, 1998, v. 1, p. 27):

> O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos. Quando brinca, a criança prepara-se para a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas. Assim, podemos destacar que quando a criança brinca, parece mais madura, pois entra, mesmo que de forma simbólica, no mundo adulto que cada vez se abre para que ela lide com as diversas situações.

Tive a oportunidade, já adolesceste, de seguir a vida religiosa. Apesar de frequentar quando criança a igreja, de receber os sacramentos do Batismo e Primeira Eucaristia, já adulto retornei para receber a Crisma. Depois de muita insistência de uma animadora de comunidade, aceitei o convite. Naquela época eu já atravessava períodos de crises de ansiedade devido aos problemas hormonais relacionados a presença de acne na pele.

Assim, me recusava socializar com as pessoas, porém como diz um velho ditado popular: água mole e pedra dura, tanto bate até que fura, e foi bem isso mesmo. Acabei cedendo e vivenciando a experiência que até então só tinha tido quando muito criança, e de forma bem melhor. Fiz novas amizades, consegui superar minha ansiedade, controlando aos poucos, minha comunicação melhorou com as experiências vivenciadas.

A cidade de Nova Cruz como a maioria das cidades pequenas é marcada por disputas políticas. Com exceção as festividades de época, como: Carnaval, São João, Natal e ano novo, as maiores festas são de cunho político. A cada dois anos a cidade vive festas



ilusórias patrocinadas por políticos que pretendem continuar no poder por mais quatro anos. Com isso a cidade fica muito movimentada, cada grupo político se articula com sua criatividade para conquistar o voto do eleitor, apesar das brigas partidárias, se movimentam, todos se divertem, uns acabam se deixando levar e outros apenas aproveitam o momento e de forma consciente deixa sua semente plantada com objetivo de colher bons frutos.

FORMAÇÃO EDUCACIONAL

EDUCAÇÃO INFANTIL

Reflito nesta seção acerca da etapa da educação infantil vivenciada na Creche Municipal Marina Fernandes Peixoto Mariano. A referida creche está localizada na cidade de Nova Cruz/RN na Rua: Deputado Marcio Marinho, 275- Santa Maria Gorete. Atende crianças do bairro do Planalto e Santa Maria Gorete e possui no total de 186 alunos atualmente, divididos nos turnos manhã e tarde, na Educação Infantil nos Níveis II, III, IV e V.

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica é essencial para que o sujeito em desenvolvimento, tenha um convívio além dos laços maternos, aprendendo desde já a construir relações em meio à sociedade, desenvolvendo habilidades cruciais à formação humana. Assim, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) em seu Art. 2º nos diz:

> A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996).

Desse modo, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Brasil (2018): Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada.



Destarte, colaborando com esta premissa, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009)27, em seu Artigo 4º, definem a criança como:

> Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009).

Iniciei minha história escolar muito cedo, estudei na Creche Marina Fernandes Peixoto Mariano, pouco me recordo das situações vivenciadas em tal etapa, porém lembro-me de algumas professoras que geraram emoções positivas e outras negativas. Segundo Walon (2007), o ser humano desde o seu nascimento é envolvido pela afetividade e o afeto desempenha um papel fundamental em seu desenvolvimento e no estabelecimento de boas relações sociais.

Recordo-me perfeitamente de uma cena lamentável ao olhar para as práticas pedagógicas que hoje conheço. Certa vez, no meu primeiro dia de aula, ao ser levado pelo meu pai para a creche, passando pela fase de adaptação, fui deixado com uma professora com a qual a fisionomia nunca esquecerei, a professora me beliscou para eu parar de chorar, essa atitude me fez chorar ainda mais. Sobre este fato, fiquei assustado. Reflito hoje pois, que a professora não agiu como uma profissional afetiva. Naquela fase do desenvolvimento infantil a criança se sente ameaçada no ambiente com o qual não se encontra adaptada. Mesmo tendo vivenciado esse tipo de atitude por parte da professora, tive momentos bons com professoras que estimulavam momentos de ludicidade.

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS

A etapa de Ensino Fundamental Anos Iniciais, vivenciei na Escola Municipal Márcio Marinho, localizada na Rua Deputado Marcio Marinho, nº 275 Santa Maria Gorete, cidade de Nova Cruz/RN. A escola atende crianças das redondezas do bairro do Planalto e Santa Maria Gorete.



A partir do momento em que comecei a estudar o Ensino Fundamental Anos Iniciais na Escola Municipal Deputado Marcio Marinho, fui adentrando na alfabetização, começando a codificar e decodificar. Não recordo sobre a metodologia utilizada, a referida etapa compreende o ensino responsável pelo 1°, 2° e 3° ano do ensino fundamental anos iniciais e compreende entender a importância de obter a habilidade na leitura e escrita para possibilitar o letramento e alfabetização da criança. No 4° e 5° ano, recordo que sempre fui interessado, esforçado e inteligente, porém tímido, diante disso, tinha dificuldade de me expressar, reflito acerca dessa minha característica. Lembro-me que certa vez, o professor de Inglês ao lecionar sua disciplina selecionou um estudante para responder perguntas, apesar de saber a resposta, tinha receio de falar e como estratégia me dispus a responder levantando a mão antes mesmo dele selecionar o próximo estudante para responder, com isso ele me dispensava e procurava outro alegando que eu já sabia, o que justamente era minha intenção que acontecesse.

Desse modo, apesar da timidez me destacava sempre nas provas e no comportamento. Por ser calado, sofri muito bullying[39], um tema muito pertinente aos professores atuais e futuros, pois implica drasticamente na rotina escolar.

A palavra bullying segundo Fante (2008) pode ser traduzida como valentão, tirano, brigão. Como verbo bully significa tiranizar, amedrontar, brutalizar, oprimir então o substantivo bullying descreve o conjunto de atos de violência física ou psicológica. O Bullying deve ser percebido em sala de aula, para que haja a intervenção docente.

Eu, por ser o aluno que se destacava em alguns aspectos diante dos demais, sempre vivenciava situações desagradáveis, talvez por imaturidade relativa àquela etapa do meu amadurecimento como pessoa.

Certa vez, todos os estudantes haviam ido lanchar, e fiquei na sala, na turma havia um menino com problemas mentais, algo o inquietava o que o tornava agressivo, ele aproveitou o esvaziamento para furtar canetas, eu acabei presenciando tal situação e

39 Bullying é uma palavra de origem inglesa que designa atos de agressão e intimidação repetitivos contra um indivíduo que não é aceito por um grupo, geralmente na escola. O bullying consiste em agressões e intimidações constantes. Disponível em: https://www.facebook.com/escolaestadualcastellobranco/videos/bullyingbullying-%C3%A9-uma-palavra-de-origem-inglesa-que-designa-atos-de-agress%C3%A3o-e-/666451377965204/. Acesso em: 02 set. 2023.



relatei a professora. O aluno em outra oportunidade veio até mim para se vingar e levantou-me pelo pescoço por ter dito o que ele havia feito. Essas e outras situações foram muito desagradáveis, porém não esqueço, apesar disso acredito que foi o período que mais aprendi em toda educação básica.

ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS

A Instituição que relato nesta seção, se localiza na Rua Assis Chateaubriand, no bairro São Sebastiao em Nova Cruz/RN, atende pré-adolescentes e jovens das redondezas do bairro São Sebastião e Frei Damião, oferecendo Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio atualmente.

Compreendo que tanto a Educação Infantil quanto o Ensino Fundamental são etapas que alicerçam as demais na formação educacional, são de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças tanto com relação à aprendizagem quanto nos aspectos sociais e pessoais.

O Ensino Fundamental Anos Finais aconteceu na Escola Estadual Djalma Marinho, ao ser transferido para essa instituição, reflito hoje que foi um momento na minha vida escolar em que mais sofri perdas em termos de aquisição de conhecimento, por ser deixado levar, influenciado por pessoas que nada me acrescentaram de bom, talvez por ser a fase de adolescência, onde geralmente os jovens procuram andar em bandos, em grupos, muitas vezes nada saudáveis para poder se sentirem aceitos.

Estudar naquela escola me fez refletir hoje sobre algumas questões durante aquele tempo de estudante. Percebo que a gestão escolar se utilizava do autoritarismo pelo modo coma impunha e resolvia as questões relativas às demandas escolares.

Naquela escola tive momentos prazerosos e outros nem tanto, talvez por ter me unido a adolescentes que não tinham nenhum propósito e vida. Assim, meu ensino Fundamental Anos Finais pode ser resumido por momentos de diversão, já que eu não



assistia às aulas, me ausentava para jogar videogame, bola, biloca[40] entre outras brincadeiras da época. Estive em poucos momentos na sala, apesar de sempre ser denominado como *nerd*[41], hoje percebo que perdi muito pelas escolhas erradas que fiz.

Tenho dificuldades em recordar momentos passados, porém o pouco que lembro estou aqui me esforçando para relatar, as brincadeiras saudáveis, o gosto de participar, não vivenciei brincadeiras onde se cometiam *bullying* nas salas de aula, não vivenciei situações relativas ao uso de drogas, de violência, dentre outras.

Como de costume nas escolas especialmente nos municípios acontecem os desfiles cívicos no dia 7 de setembro[42], como incentivo para os alunos participarem de tal momento, na escola em que eu estudava havia um acréscimo de dois pontos na nota, em cada disciplina já que a participação no desfile era considerada uma atividade que fazia parte do planejamento da escola. Participar daqueles desfiles exigia de todos muito esforço, pois desfilávamos no sol muito quente do meio-dia. Eram muitas escolas por isso demorava bastante para percorrer as avenidas da cidade. Aquele dia era momento de demonstrar tudo que a escola havia preparado para a sociedade durante todo período letivo em curso: projetos, programas, acervo cultural, entre outras.

ENSINO MÉDIO

A Escola Estadual Rosa Pignataro como era chamada no período que estudei atendia o público do Ensino Médio, sendo pertencente ao governo do estado, foi meu lar educacional durante três anos. O Ensino Médio foi resumido em traumas psicológicos, por assim dizer, devido à minha má formação ocorrida no Ensino Fundamental. Assim, pude perceber o quanto a falta de dedicação no Ensino Fundamental interferiu para a minha preparação para o Ensino Médio. Optei por menosprezar aquela etapa de ensino e me arrependi por ter que colher os frutos.

---

[40] Bola também denominada de bola de gude, utilizada para o jogo de gude.
[41] Nerd significa uma pessoa muito dedicada aos estudos, que exerce atividades intelectuais muitas vezes inadequadas para sua idade.
[42] Data da independência do Brasil. No 7 de Setembro, como registado nos livros, D. Pedro I proclamou a independência em 7 de setembro de 1822.



Iniciei a última etapa da educação básica na Escola Estadual Rosa Pignataro, atualmente chama-se Escola Estadual de Tempo Integral Rosa Pignataro, foi a época mais angustiante da minha vida, dessa vez não optei por falhar, fui obrigado pelas minhas emoções.

Ao iniciar o Ensino Médio na mencionada instituição, comecei a ter problemas com os desafios da puberdade, devido às alterações hormonais que podiam ser vistas e sentidas na pele, através de acne[43] etc. Comecei a ter problemas com acnes, as quais no início não se percebiam e logo após expressas de modo mais evidente, acredito que resultado da ansiedade que carrego até hoje.

A acne é motivo de grande isolamento entre os jovens, por se tratar de certas deformidades no rosto. E as minhas acnes eram coisas de outro mundo, enormes, traumatizantes, com isso tive vergonha de me relacionar o que atrapalhou o meu convívio social e consequentemente meus estudos.

Tudo girava em torno desse problema, eu não conseguia ter sossego, onde passava, era motivo de olhares que me deixavam envergonhado. Passei por todo o Ensino Médio dessa forma, fato que atrapalhou de modo desastroso, meu único desejo era ficar preso em meu quarto, foi então que começou a surgir a ansiedade. Sob efeito do uso de vários medicamentos e tratamentos, fui me livrando daquele mal: as acnes e as espinhas[44].

Acredito que essa enfermidade assola e destrói a autoestima de muitos jovens que a possuem, trazendo consequências. Com a ansiedade me consumindo, perdi várias oportunidades, pois o prurido exalado pelas acnes e as espinhas atrapalhavam, entrevistas de emprego, cursos profissionalizantes e até mesmo a convivência com o meio social. Após alguns tratamentos psicológicos pude ter um pouco de controle da ansiedade, porém esse contratempo me atrapalha até os dias atuais.

[43] Acne é uma doença de pele que ocorre quando as glândulas secretoras de óleo (glândulas sebáceas) se tornam inflamadas ou infectadas, provocando cravos, espinhas, cistos, caroços e cicatrizes. A acne aparece na puberdade induzida pelo início da produção de hormônios femininos (estrógenos) e masculinos (andrógenos). Disponível em: https://physicare.com.br/acne/. Acesso em: 02 set. 2023.
[44] Quando os folículos capilares se obstruem com óleo e células mortas da pele.



EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Desde cedo pude vivenciar experiências profissionais de forma autônoma, porém muito importante para minha vida, antes de tudo iniciei minha primeira experiência acompanhando meu pai. No que se refere a minha família, meus pais são agricultores, porém com o passar do tempo, apesar de ser a profissão deles, o tempo os levou para a cidade, fazendo-os abandonar a vida no campo. Com isso meu pai foi em busca de um meio para sustentar a família, pois sem estudos e nem ao menos ser alfabetizados tudo se torna mais difícil. Assim, minha mãe ficou cuidando da casa e meu pai foi trabalhar na feira. Ele construiu seu patrimônio e sustentou meus irmãos e eu.

Iniciei no mundo do trabalho acompanhando meu pai na feira livre[45] passei a lhe ajudar na feira de Nova Cruz e das cidades circunvizinhas. Ele passou a ser carroceiro, descarregava caminhões e levava a mercadorias num reboque de mão[46]. Nas feiras eu desempenhava várias funções desde os onze anos de idade, ajudei meus avós a vender grãos e cereais, auxiliei minha tia com lanches, peguei frete com carrinho de mão, tempos depois, por intermédio da minha avó paterna, vivenciei o trabalho numa pequena loja de aviamento, que vendia um pouco de tudo.

A proprietária da referida loja, minha madrinha de crisma, Valda Tourinho de Carvalho é uma empresária de longas datas da cidade de Nova Cruz e ex-professora do estado, ela me contratou ainda menor de idade aos dezesseis anos. Sou grato pela oportunidade que tive de trabalhar, apesar de ganhar um salário baixo, aprendi muito, passei a ter um olhar diferente com o passar do tempo naquela loja e com os ensinamentos da minha madrinha.

Trabalhei dois anos ajudando com as atividades, ela também possuía um quiosque[47] e comercializava lanches no local. Com o passar do tempo ela teve a necessidade de vender a loja de aviamento, pois não estava dando conta de todas as suas

[45] Local onde se comercializa produtos, sejam do setor agropecuário, extrativista, artesanais, manufaturados ou alimentícios. Ato de comprar em lugares abertos ou fechados, de caráter informal, produtos baratos.
[46] O reboque de mão é um veículo que transporta cargas, composto por superfície de carga, uma estrutura de suporte metálica e rodas e pode ser puxado pelas mãos.

[47] É uma pequena construção aberta por todos os lados, geralmente de planta octogonal e erguida em lugares públicos.



obrigações, aquela atitude me deixaria desempregado, eu sempre fui da sua confiança, responsável por tudo.

Com a venda da loja fiquei um período em casa, a proprietária me ofereceu a oportunidade de trabalhar no quiosque do mirante no horário noturno, trabalhei por lá um período curto, pois ela possuía em torno de seis funcionários. As vendas davam apenas para pagar os funcionários e manter o comércio, com isso a proprietária mostrou-se interessada em se desfazer do empreendimento caso alguém que pagasse o valor que ela pretendia.

A princípio ficamos eu e os funcionários muito decepcionados, porém eu raciocinei, e apesar de não ter dinheiro algum, propus que o meu pai compraria. Ela propôs que nós passássemos um período alugado e após três meses decidíamos se realmente pretendíamos comprar.

Desse modo, após o término da locação, providenciamos um empréstimo e adquirimos os equipamentos já que o prédio está localizado numa praça pública pertencem ao município, contudo tivemos o apoio do prefeito e continuamos atuando gerindo o local, eu havia passado de funcionário a proprietário do quiosque.

O estabelecimento está localizado em uma rua por trás da prefeitura municipal e vizinho à agência da Caixa Econômica Federal. Muitos aposentados, pensionistas e demais clientes da agência visitam nosso estabelecimento, em acordo com meus pais, adquirimos o comércio para a nossa família.

No período da pandemia, COVID-19, senti a necessidade de deixar o comércio sob a responsabilidade dos meus pais pois as feiras não estavam acontecendo devido ao isolamento social, além disso, eles tinham idade que permite lidar com peso. Assim, passei o comércio para os cuidados deles.

Antes de me envolver com o trabalho eu participava da Pastoral da Comunicação (PASCOM) da Igreja Católica da minha cidade, lá aprendi e despertei uma paixão por fotografar. Desse modo, como missionário pessoa atuante na igreja a qual frequentava



aquela experiência passou a ser para mim, inicialmente um hobby[48] e mais adiante uma profissão.

Ao entregar o comércio aos meus pais passei a me dedicar a arte de fotografar[49] com meu socio Johan Erllys Assis de Lima, e ao mesmo tempo ao curso de Pedagogia que havia iniciado no Instituto Kennedy, sigo conciliando ambos, não me arrependo de ter aproveitado estas oportunidades.

No decorrer do curso de Pedagogia do Kennedy também pude ter como uma experiência profissional junto ao município do Natal, a oportunidade de ser estagiário da Escola Antônio Campos, momento enriquecedor que descrevo no item referente ao meu estágio remunerado.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Iniciei minha formação acadêmica no IFESP no segundo semestre de 2018, realizei a prova para ingresso, a prova consistia de uma proposta de redação, cujo tema era Fake News. Sobre este assunto, Campos (2023) nos diz: Fake News são notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo, geralmente figuras públicas.

Devido a experiência em atividades religiosas, eu havia estudado o tema na PASCOM (grupo de comunicação da igreja católica). Aquele assunto foi discutido entre os agentes pastorais. Assim, fui bem-sucedido sendo o segundo colocado entre os demais candidatos o que me deixou cheio de entusiasmado.

Na verdade, cursar Pedagogia nunca foi meu sonho, mas aquela uma oportunidade com a qual agarrei e não me arrependo, nunca me vi lecionando, porém no decorrer do

[48] Passatempo, o hobby é a denominação dada a uma atividade de entretenimento livre que o indivíduo desenvolve sozinho ou coletivamente. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Passatempo. Acesso em: 02 set. 2023.
[49] A fotografia é uma técnica que utiliza a luminosidade como base para a reprodução de imagens. Sendo assim, a luz é um elemento extremamente importante para a composição fotográfica. Foi na Antiguidade que os primeiros estudiosos observaram que ela fornecia possibilidades de representação de imagens. Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/historia-da-fotografia. Acesso em: 02 set. 2023.



curso e estágios comecei a tomar gosto pela área da educação e acredito que serei um ótimo docente.

Sempre utilizo a expressão: “As oportunidades moram na sua ousadia” de autor desconhecido. Assim, devido à ousadia, enfrentei o curso de Pedagogia com toda dificuldade de locomoção. Tive a coragem de me dedicar a um curso na modalidade presencial e de ir buscar conhecimento e do sonhado título de graduação no Ensino Superior. Tive a permissão e ousadia de fazer um estágio remunerado pela prefeitura de Natal, momentos de grandes aprendizados.

No ano de 2019 aconteceu o início das atividades acadêmicas de fato, depois de toda burocracia, iniciamos nossos estudos para conquistar o diploma, quando me refiro ao diploma, quero salientar que não só o diploma como um objeto de conquistar a graduação e novos aprendizados.

No início do curso me deparei com colegas de curso que já exerciam a função de docência, fiquei temeroso, pois ainda não tinha tido uma experiência de fato na escola, não me deixei ser influenciado por nenhum sentimento de constrangimento.

Sentia dificuldades em relação à linguagem acadêmica quando da leitura dos vários textos dos componentes curriculares. Recordo-me deste fato em Educação, Sociedade e Cultura, componente ministrado pelo professor William Macêdo, grande intelectual com pensamentos vastos, que vão além da disciplina que leciona, devido a essa grande bagagem de conhecimento do mesmo, sentia desafiado aquele movimento para acompanhar o percurso.

Antes da pandemia vivenciamos quatro períodos de aulas presenciais, porém, no ano de 2020, inicia-se a pandemia do COVID-19[50]. Percebemos o que de fato estava acontecendo, foram momentos de fechar tudo, foi nesse período que tivemos nosso curso interrompido devido à disseminação de um vírus aterrorizante.

[50] A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição.



Desse modo, ficamos alguns meses sem aula à espera de calmaria na tempestade, contudo não havia tal calmaria, com COVID- 19. Perdemos uma pessoa graciosa da nossa turma, nossa amiga Suzana Carla Cardoso da Costa, pessoa de boa índole, jamais esqueceremos. A imagem a seguir, mostra nossa turma de pedagogia e destaca em preto e branco nossa colega de classe Suzana Carla que perdeu a vida pela infecção da COVID-19.

As instituições educacionais começaram a rever a forma de dar continuidade aos estudos para que não tivéssemos tanto prejuízo. Sendo assim, a direção geral do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, preocupada com as necessidades dos estudantes e dos professores formadores, que se encontravam em isolamento social, em razão das determinações dos Decretos do Governo do Estado de nº 29.512 de 13 de março de 2020, que suspendem, também, as atividades de formação presenciais das Instituições de Ensino Superior em decorrência da pandemia do COVID-19, respaldada da Nota de Orientação Normativa e de Procedimentos (NONP)/CEE, de 19/03/20, apresentou Documento Orientador para o desenvolvimento de atividades de formação não presenciais (remotas) referentes ao semestre letivo 2020.1, a serem realizadas em regime especial e transitório.

Nos vimos diante de um novo contexto – a pandemia ocasionada pelo COVID-19. O mundo diante de uma crise sanitária avassaladora que expos as mazelas, nas esferas econômicas, social, educacional e de saúde, acirrando-se ainda mais a desigualdade social. Cientistas e pesquisadores corriam contra o tempo, pois, o caminho com segurança, validade e confiabilidade era (é) a ciência – a criação de uma vacina que pudesse dar conta da proteção de todos.

Contudo, iniciamos o ensino remoto[51], para alguns uma maneira eficaz de ensinar e aprender, porém considero que foi desafiador, eu por exemplo senti muita dificuldade. Apesar de ter sido útil por um período, posso concordar, porém nunca substituirá as aulas presenciais. Assim, vivenciamos desafios que fomos obrigados a nos adaptar, tudo era

[51] O ensino remoto é uma modalidade referente às atividades de ensino mediadas por tecnologia, mas que são orientadas pelos princípios da educação presencial.



novo, estávamos totalmente despreparados, principalmente os professores, mesmo assim seguimos tentando dar o nosso melhor, tanto os estudantes quanto os professores.

Posso confessar que perdi muito com tudo isso, pois o aprendizado presencial particularmente representa um momento mais prazeroso, pois possibilita o encontro com o outro, a troca de experiências, esclarecimentos de dúvidas entre outros aspectos provenientes da educação presencial, apesar do ensino EAD ou mesmo o remoto, possibilitar a flexibilização do horário, senti enfraquecido o ensino pois o aprendizado esteve fracionado.

Antes do distanciamento social, as aulas tinham duração de quatro horas, quando passou a ser remota devido ao contexto pandêmico ocasionado pelo COVID-19. Foi estabelecido que as aulas seriam remotas, o ensino remoto é todo conteúdo que é produzido e disponibilizado online, acompanhado em tempo real pelo professor que leciona aquela disciplina.

Sempre seguindo cronogramas adaptáveis do ensino tradicional, geralmente, as aulas remotas são uma medida emergencial, caso as atividades presenciais precisem ser suspensas, essa estratégia é utilizada para não acontecer atrasos no progresso escolar, tanto para crianças e adolescentes quanto para universitários, esse tipo de ensino oferece todo o tipo de suporte ao aluno e disponibiliza materiais para que o aluno permaneça com um ensino de qualidade assim como seria nas aulas presenciais.

Quando nos deparamos com tal método de acompanhar o ensino, constatamos várias limitações, a sociedade sofre com desigualdades sociais, com isso, uns tem mais condições financeiras e outros padecem por não ter as mesmas possibilidades, contudo, vimos que às políticas públicas mais uma vez falharam com a sociedade, sendo mais específico, falharam com a educação, com os estudantes, muitos não tinham sequer um aparelho eletrônico para acompanhar essas aulas, falharam com os professores, muitos estavam despreparados para o uso das tecnologias digitais.

A Pandemia continuaria por um período longo e nós seguimos na modalidade remota e adentramos o ano de 2021. O ensino remoto não me traz boas recordações, sempre optei pelos cursos presenciais pois a educação a distância não me atrai, apesar da



flexibilidade de horários acredito que não seja vantajoso utilizá-lo, prefiro a modalidade presencial, pois conseguimos criar laços de amizade com o outro, uma interação mais eficaz, uma motivação maior.

No que se refere ao período de aulas remotas, sinto que perdi muito, não só eu, mais muitas estudantes, sinto que o meu nível de aprendizado sofreu.

Sobre este aspecto, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), mostra o quanto foi prejudicial ao aprendizado das crianças as aulas de forma remota, segundo o site Lunetas: Ideb e Saeb revelam queda no aprendizado durante a pandemia. O primeiro levantamento nacional após período de pandemia da covid-19 indica desafios relacionados à recuperação das aprendizagens e evasão escolar.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC) o Ideb e o Saeb[52] funcionam como indicadores nacionais que possibilitam o monitoramento da qualidade da educação pela população por meio de dados concretos, calculados a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, que é realizado anualmente. O Saeb é uma avaliação para diagnóstico em larga escala com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro, a partir de testes de Língua Portuguesa e Matemática e questionários socioeconômicos.

Após o período da pandemia, retornamos presencialmente em 2022, tentando recuperar o que perdemos, exceto nossa amiga Suzana Carla Cardoso, uma das milhões de pessoas que se foram, uma perda lastimável, sentimos a falta dela até hoje.

A Pedagogia é a ciência que estuda a educação, seus processos, métodos e técnicas para a formação de indivíduos, sinto-me honrado em me formar em uma profissão que forma todas as demais, quando surgiu a oportunidade não pude deixar passar, fui ousado em sair do interior e cursar a licenciatura até chegar aqui, agarrei a oportunidade, enfrentando todas as dificuldades impostas.

[52] LUNETAS. **Ideb e Saeb revelam queda no aprendizado durante a pandemia.** Disponível em: https://lunetas.com.br/ideb-e-saeb-2021/ Acesso em: 22 jun. 2023.



Alguns não creditaram que iria atravessar essa jornada, outros me questionaram sobre porque escolho ser professor considerando a profissão desvalorizada, costumo dizer que não escolhi a pedagogia, a Pedagogia que me escolheu, no início não me via como professor, nem tampouco exercendo a função mas com a experiência dos estágios supervisionados e estágio obrigatório me identifiquei e me apaixonei pela docência, apesar das batalhas enfrentadas pela educação, ainda é a mais poderosa arma para mudar o mundo como diz Nelson Mandela.

Com o intuito de retratar acerca da importância deste curso em minha vida, listo a seguir alguns dos componentes curriculares que me mobilizaram a experiências exitosas e prazerosas. Quero aqui trazer as disciplinas e respectivos professores que deixaram suas sementes plantadas na minha formação acadêmica.

Início com a disciplina de Organização da Educação Brasileira (OEB), como mediadora a professora formadora Denise Caballero, pudemos de fato conhecer todo o sistema educacional, a estrutura da educação brasileira, níveis, modalidades, etapas e leis como por exemplo a Lei Darcy Ribeiro dentre outras que regem a educação. A disciplina teve importância para a formação superior, pois por meio dela, pudemos perceber um vasto campo de conhecimentos desde os primórdios: período jesuíta, até os dias atuais.

Dando continuidade as disciplinas ministradas no curso de Pedagogia, destaco a disciplina das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e reflito que em pleno século XXI é raro encontrar uma pessoa que não faça uso das TIC em algum momento do seu dia, vivemos atualmente em meio a muitas tecnologias e cada dia mais conectado, atravessamos um momento difícil no mundo inteiro, uma pandemia, o mundo parou e os meios de comunicação foram os únicos que não pararam, eles nos ajudaram a manter o equilíbrio diante da diversidade apresentada.

A necessidade de utilizar tais recursos tecnológicos para continuarmos com as atividades ativas nos mais diversos setores e a educação não podia e nem ficou de fora, os professores tiveram que se reinventar para não deixar de mediar o conhecimento aos



seus alunos através das plataformas, como por exemplo o Google Meet[53], foram momentos de superação dos obstáculos, dificuldades do ensino básico para continuar, pelas ferramentas foi possível continuar a mediação, mesmo sem o conhecimento prévio das mesmas.

As aulas de TIC com o professor Denilton nos proporcionou olhares diferentes, alguns já possuíam tal visão, observamos que é de suma importância compreender as ferramentas tecnológicas no âmbito educacional em todos os níveis de ensino. Ao estudar o texto disponibilizado pelo professor, "mudando a educação com metodologias ativas de José Moran (2015)" pudemos ir mais além e perceber que o IFESP já utiliza tais metodologias, de acordo com o texto os ambientes devem ser revistos para que tais metodologias aconteçam, e as mesmas utilizam as TIC. Dessa forma, o aluno se coloca de forma ativa, sendo protagonista no processo de ensino-aprendizagem.

Algumas práticas dessas metodologias ativas são, sala de aula invertida onde o professor através de recursos tecnológicos dispõe de todo um material ao aluno para trabalhar determinado assunto e ao chegar em sala de aula associam juntos, ao invés de apresentar tal tema sem nenhum conhecimento prévio, o ensino híbrido, híbrido significa junção de duas coisas distintas, é uma metodologia utilizada que associa aprendizagem presencial e remota permitindo que o aluno estude sozinho on- line ou em sala de aula interagindo com os colegas e com o professor, essas e demais praticas demonstram eficácia em comparação ao ensino tradicional.

Hoje temos a nossa disposição várias ferramentas que facilitam a nossa vida em diversos setores, a educação não podia ficar de fora disso, estas facilitam muito a mediação dos conteúdos através de boas metodologias. O professor encontra-se em um eterno processo de aprendizagem, ele não é detentor do conhecimento, ele aprende a todo instante.

Segundo Vygotsky (1987), o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio de relações sociais, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio. Desse

[53] Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google.



modo, o professor se apresenta como aprendiz e deve estar disposto a ir em busca de novos conhecimentos, o professor pode fazer uso de objetos digitais de aprendizagem, por exemplo: livros digitais; animações; jogos; videoaulas entre outros, tudo isso para proporcionar uma aprendizagem satisfatória onde ocorra tal mediação do conteúdo, pode utilizar ferramentas de gestão, como por ex.: simulados e correção de provas online, ferramentas de trabalho: word, powerpoint, entre outros editores, ferramentas de comunicação: e-mail, sites, redes sociais, são inúmeras as possibilidades de utilizar as TIC em sala de aula.

Tendo em vista as dificuldades encontradas nos usos das TIC como recurso inovador para mediação do conhecimento, encontrados no ensino público, podemos evidenciar que tais recursos são difíceis de acesso entre os professores, pois na maioria das vezes o ensino público não dispõe de tais equipamentos. Estes são desafios que deveriam ser combatidos pelas políticas públicas.

É essencial que os docentes compreendam tal funcionamento para que utilizem essas ferramentas, na maioria das vezes os docentes não receberam esse preparo durante sua formação profissional e ficam refém disso, outros docentes bem mais experientes de vida já existe uma certa resistência ao uso dessas tecnologias, porém se faz necessário, pois se no tempo em que ele se formou foi um ensino tradicional, hoje não é mais, deve-se reinventar para eliminar tal prática ineficiente.

E ainda nesse contexto abordo a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP) que percorre durante todo o curso de nossa formação, lecionada por vários professores formadores, nos apresenta de forma teórica e prática os diversos tipos de pesquisas científica. Estudamos a pesquisa qualitativa e quantitativa, o estudo de caso, a pesquisa etnográfica, a pesquisa-ação, a pesquisa de campo entre outras que atuam de modo a solucionar problemáticas pertinentes a sociedade, os resultados alcançados têm por objetivo contribuir para a sociedade. O componente PPP anda entrelaçado com a Metodologia do Trabalho Científico (MTC). Para tanto, considera- se a pesquisa científica como “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que



requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais" (Lakatos; Marconi, 2007, p. 43).

Outros componentes curriculares de relevância para nossa formação foram, Noções de Libras pela professora Tereza Penha, Didática Geral pela professora Regina, Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Matemática pelo professor Robson Santos, Corporeidade e Educação pela professora Tereza Cristina, Ateliê de Estudos Culturais (AEC) com a professora Claudete Silva, Educação física e Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Física com a professora Dayanne Chianca, algumas dessas aulas nos conduziram a aulas de campo, proporcionando uma melhor assimilação do assunto. Para Rodrigues e Otaviano (2001), o trabalho de campo como recurso didático é de primordial importância, porque oferece potencialidades formativas que devem ser levadas em conta no processo ensino-aprendizagem como uma das técnicas pedagógicas mais acessíveis e eficazes ao professor.

Enfatizo as disciplinas de Ateliê Estudos Culturais nos mostrou sobre nossa fragilidade de conhecimentos relacionados a nossa cultura brasileira, visitamos o museu dos Mineiros, a Casa Câmara Cascudo, a Pinacoteca, a Capitania das artes, o Museu Câmara Cascudo, o Aquário da redinha, a Praça Augusto Severo, o Memorial da Capoeira entre outros, espaços relevantes para a nossa formação acadêmica. Tivemos a oportunidade de vivenciar com a professora Elisângela Cabral a participação em um projeto contra o suicídio realizado na ponte Newton Navarro com o objetivo de mobilizar conhecimentos para a valorização da vida por meio do esporte, em alusão a campanha Setembro Amarelo, de combate ao suicídio.

O Ponte da vida é um projeto em alusão à vida, idealizado pela educadora física e consultora da Intertv, afiliada da Rede Globo em Natal/RN Leila Soares Maia, o IFESP adotou o projeto como atividade de extensão com estudantes da instituição, mediado pela professora formadora Elizângela Cabral, pudemos participar desse momento de prevenção ao suicídio. O projeto nasceu resultante das altas taxas estatísticas de mortes por suicídio em mais específico na ponte Newton Navarro, o evento proporciona uma



corrida sem propósito de competição, mas objetivando conectar pessoas através da inclusão.

OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de estudantes. Integra o itinerário formativo do estudante e faz parte do projeto pedagógico do curso. (Art. 1º e seu § 1º 136 da Lei 11.788/2008). Essa etapa de formação visa o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e a contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. (§ 2º do art. 1º da Lei 11.788/2008) (Brasil, 2008, p. 3-4).

Na sequência descreveria as experiências vivenciadas durante o período dos estágios supervisionados no curso de Pedagogia, apesar das experiências com espaços não formais (catequista), tive vivências na prática em um espaço formal, quando iniciei a graduação em Pedagogia. Eu percorri quatro estágios formativos, cada um me proporcionou pelas peculiaridades, situações de descobertas satisfatórias.

O estágio supervisionado tem o intuito de fortalecer o que foi estudado na teoria, oportuniza conhecer a prática docente em diálogo com as teorias. Ao iniciar o estágio surge a ansiedade, pelo contato íntimo com a escola, aportamos neste espaço cheios de expectativas, medos e anseios superados ao longo do processo onde vamos conquistando espaço e confiança pelo exercício da profissão. É através do Estágio Curricular Supervisionado que o saber fazer e o saber teórico se concretizam, por meio da ação-reflexão-ação no contexto escolar. Acerca deste aspecto, Pimenta e Lima (2004, p. 153) nos diz: “O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia”.

O IFESP orienta na iniciação ao Estágio Supervisionado realizarmos a escolha do campo de atuação uma instituição pública e que possamos providenciar a documentação



necessária. O estágio é constituído por etapas: visita ao campo de atuação, momento de observação, planejamento e regência.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I – EDUCAÇÃO INFANTIL

A Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 (LDB), no artigo 61 nos traz a importância da associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço, ou seja, é de crucial importância por em prática a teoria vista em sala de aula, a primeira etapa da educação básica possui características peculiares estabelecendo vínculos entrelaçados entre o cuidar e o educar como formas indissociáveis.

A etapa de estágio supervisionado I na educação infantil ocorreu em sala de aula do Nível V durante o turno vespertino na Creche Municipal Marina Fernandes Peixoto, localizada na rua Deputado Marcio Marinho, no município de Nova Cruz/RN, com início no dia cinco e finalização em vinte e um de outubro de 2021. A instituição mencionada para esta aprendizagem possui no total de 186 alunos distribuídos nos turnos matutino e vespertino da educação infantil nos níveis II, III, IV e V.

No Estágio no IFESP normalmente temos a permissão de nos organizarmos em duplas, os dois estágios em sala de aula sozinho, foi desafiador.

No ano de 2021 estávamos tentando voltar à normalidade interferida pelo COVID-19. Assim, iniciamos o nosso primeiro estágio obrigatório, acompanhando as aulas remotamente, devido o que se passava no momento e agora iriamos para o campo de atuação, inseguros pela crise mundial de saúde.

Iniciei o Estágio Supervisionado na Instituição mencionada, devido a pandemia a creche seguia nas aulas remotas, no dia quatro de outubro as aulas presenciais retornaram seguindo os protocolos de biossegurança. As turmas foram divididas em dois grupos: A e B, sendo assim, cada grupo experimentava uma semana de aula presencial e na outra semana as atividades eram realizadas com a ajuda dos pais em casa. No período do estágio fiquei com o grupo A, sendo composta por 13 alunos dentre os quais compareciam 9 crianças.



A decoração das paredes da creche era organizada com o alfabeto, letras aleatórias, números, placas de boas-vindas, e os informes de medidas de prevenção contra o COVID-19, tudo de forma lúdica.

A creche tem como diretora a pedagoga professora Edileuza Lourenço de Oliveira Pinheiro, e oito professoras. A professora do nível V, Liliane Fernandes da Silva, graduada em pedagogia me atendeu de modo calmo e responsável. Em observação nas aulas da professora titular, devido o retorno das aulas presenciais, não foi possível verificar o plano de aula, pois em reunião com a Secretaria Municipal de Educação, as aulas retornariam com a semana de adaptação das crianças aos protocolos de biossegurança contra o covid-19, em momento oportuno, vivenciei a rotina das crianças para adaptação nessa nova realidade e de acordo com o cronograma do estágio, passei a visitar a creche para o período de observação.

Na rotina pude observar que todos os dias a professora acolhe as crianças na sala de aula, realiza a oração e música. Presenciei o projeto "lata da alegria", acessório adaptado de material reciclável com emojis[54] confeccionados de E.V.A.[55], nessa atividade verifiquei a interação das crianças ao relacionar os emojis com suas emoções atuais. Aquele momento também foi útil para refletir sobre as atividades subsequentes, o lanche com todos em distanciamento, o não compartilhamento dos brinquedos e a hora do recreio sem poder sair da sala.

Para etapa de regência em sala, realizei o planejamento sem a oportunidade de apreciar o plano de aula da professora. Construí o plano de aula da semana inteira focado na língua portuguesa a partir do alfabeto, porém utilizando a interdisciplinaridade com numerais. Todo processo foi realizado sem contratempo e as atividades apreciadas de modo exitoso.

[54] Emoji é uma palavra derivada da junção dos seguintes termos em japonês: e + moji. Com origem no Japão, os emojis são ideogramas e smileys usados em mensagens eletrônicas e páginas web, cujo uso está se popularizando para além do país.
[55] A sigla E.V.A. significa um processo de alta tecnologia que mistura Etil, Vinil e Acetato (E.V.A.), que resulta em placas emborrachadas e muito conhecidas entre artistas, artesão, entre outros.



ESTÁGIO SUPERVISIONADO II – ENSINO FUNDAMENTAL

O Estágio Supervisionado II aconteceu na etapa do ensino fundamental anos iniciais. A observação foi realizada na Escola Estadual Presidente Getúlio Vargas, localizada na rua Senador Georgino Avelino, nº 348, no município de Nova Cruz/RN. Os alunos que frequentam a instituição são crianças das redondezas, aproximadamente 360 alunos distribuídos nos turnos matutino e vespertino, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I. A turma para o período do estágio foi do 5º tendo 43 alunos matriculados na faixa etária entre 10 e 12 anos. Devido as aulas remotas, percebi pelo contato com os estudantes que o aprendizado estava deficitário, elas apresentavam muitas dificuldades em vários aspectos. As dificuldades para realizar as atividades propostas pela professora titular, dos 43, 18 estudantes não conseguiam ser alfabetizados, os demais apenas conseguiam codificar e decodificar. Assim, devido a essa discrepância enfrentada pela turma, a professora optou por não fazer uso do livro didático por ora, tendo em vista que os mesmos não conseguiam acompanhar pela complexidade.

A Escola Estadual Presidente Getúlio Vargas no período de estágio tinha como Diretor Médici Cunha Lima, professor graduado em Letras e possui dez professores. A professora do 5º Ano, Clézia de Lourdes Alves de Carvalho, graduada em pedagogia. Meu processo de observação foi tranquilo após este estágio atuei para o planejamento e regência que devido a defasagem escolar dita anteriormente, meu planejamento contemplou quatro aulas de Língua Portuguesa e uma de Matemática o que fluiu seguido de contratempos já que os estudantes tinham dificuldades de aprendizagens variadas.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III – GESTÃO

O estágio de gestão é por sua vez, um estágio bem peculiar com relação aos demais, tendo como por objetivo promoção de reflexões do trabalho pedagógico desenvolvido na instituição juntamente pelos docentes gestores.

Iniciei o estágio supervisionado III concomitante ao estágio remunerado, sendo assim, passei a estagiar obrigatoriamente na capital, a cidade de Natal. Desse modo, minha



rotina mudou e tive que providenciar moradia para que eu pudesse concretizar esse plano de estágio para adquirir experiência. Estagiei em dupla e optei por fazer o estágio de gestão na mesma escola em que realizo o estágio remunerado.

No estágio em gestão pude conhecer as demandas no âmbito educacional numa dimensão distinta da sala de aula, verificando a metodologia utilizada em sala de aula, o estágio foi supervisionado pelos professores formadores, Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral e Rafael da Silva Pereira Roseno, o estágio foi realizado na Escola Municipal Antônio Campos, localizada na R: João XXIII, S/N, na cidade de Natal/RN. A Instituição atualmente tem como gestora pedagógica: Fabiana Patrícia Cavalcanti Bezerra e gestora administrativa/financeira: Daniella Michelle Soares dos Reis Barbosa.

Com o intuito de analisar as ações realizadas pela gestão escolar, seus efeitos e desempenho dos papéis determinados a cada colaborador da instituição, objetivamos refletir sobre este campo do estágio como um espaço de construção de práticas, conhecimentos e experiências coletadas e observadas.

Durante toda a vivência e desenvolvimento do componente curricular de estágio em gestão escolar, aplicamos o plano de intervenção, nos posicionarmos com firmeza e segurança no ambiente escolar como um todo.

Foi desafiador compreender que para ser um bom gestor é necessário adquirir a prática respaldados da teoria. O papel do gestor é garantir o bom funcionamento da instituição enquanto organização social, com o foco na formação do educando tornando acessível seu aprendizado instruindo-o com respeito mútuo.

Durante a observação percebemos a instituição funcionando de maneira harmoniosa atendendo os requisitos para um bom desenvolvimento do aprendizado de seus alunos, vimos também o desempenho dos colaboradores em suas rotinas, enfim e nos surpreendemos com esse novo olhar.

Diante de tantas dificuldades encontradas após uma temporada de pandemia, novos desafios, tempos de muito estresse e tensão acumulados em nossa rotina, sentimos a necessidade de trazer algo que pudesse beneficiar e amenizar tantas preocupações



diárias acarretadas por uma vida adulta cheia de responsabilidades, essa intervenção foi pensada justamente para que fosse possível conciliar a rotina do trabalho ao exercício que traz a energia necessária para que o profissional sinta-se bem fisicamente e mais leve emocionalmente.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV – ESPAÇO NÃO ESCOLAR

O estágio supervisionado IV foi uma experiência dinâmica diversa do que estamos acostumados a presenciar na rotina de atuação do pedagogo. Assim, o estágio ocorreu na Fundação Sócio Educativa Para Menores Infratores, a Fundação de Atendimento Socio Educativo (FUNDASE).

De acordo com a proposta desse estágio e sua ementa, organização e divisão funcional para estagiar na instituição socioeducativa, cumprimos a burocracia necessária. Desse modo, após receber a devida autorização para o estágio seguimos para o Centro de Atendimento Socioeducativo em Semiliberdade (CASEMI) no bairro de Nossa Senhora de Nazaré em Natal.

Na instituição tivemos a oportunidade de reativar um projeto que estava na intenção dos servidores, a horta coletiva. No período para implementação, tivemos uma conversa satisfatória, eu não conhecia o trabalho desenvolvido para estes jovens socio educandos. Pelo diálogo desfrutamos da melhor compreensão do trabalho daquela instituição e do seu dia a dia, conhecemos a equipe constituinte da unidade. Verificamos sobre as dificuldades no que se refere ao apoio governamental, mediante tais informações e trabalhos ali já desenvolvidos, percebi que poderíamos contribuir apesar das dificuldades existentes. Durante o período de observação requerido pelo estágio passamos tivemos acesso aos documentos institucionais regulamentares dentre eles o projeto político pedagógico (PPP), o regimento interno e do manual de segurança. Conhecemos as instalações físicas do e verificamos a precariedade pelo qual se encontra, pudemos assim constatar a dificuldade para execução do trabalho socioeducativo, compreendemos sobre o trabalho desenvolvido pelos profissionais da educação, do serviço social e de saúde.



Após a observação, partimos para o plano de ação, o projeto de intervenção. Resolvemos dar continuidade ao projeto da horta existente na instituição. Realizamos um mutirão de limpeza, apesar da negativa em participar por alguns jovens socio educandos e aos poucos fomos percebendo a adesão dos jovens, com a ajuda da pedagoga e dos jovens conseguimos finalizar o projeto.

ESTÁGIO REMUNERADO

Tive a oportunidade de realizar o estágio remunerado como auxiliar/assistente educacional, função desempenhada pelo estagiário/estudante nas instituições credenciadas. Desde que iniciei o curso tinha o desejo de obter essa experiência educacional, logo após o período de isolamento social, quando retornamos às aulas presenciais, com a colaboração da minha amiga de curso, Cátia Vieira Batista, iniciei essa experiência enriquecedora.

A instituição foi a Escola Municipal Antônio Campos, localizada na rua João XXIII, no bairro Mãe Luiza em Natal/RN, situada na região leste da capital. A experiência no estágio realizei dando assistência a uma criança com deficiência intelectual, o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

Desse modo, estudei sobre o processo de desenvolvimento de aprendizagem da leitura e da escrita referentes a este aluno, percebi seu nível de escrita, como escreve apenas seu primeiro nome sem o auxílio do crachá e que ainda apresenta dificuldades para reconhecer, ler e escrever palavras, necessitando de ajuda para esta habilidade.

O estudante me mobilizou entender como em Matemática se apresentava seu raciocínio lógico diante dos questionamentos feitos ao grupo, e as dificuldades em realizar algumas atividades, necessitando de auxílio para resolver alguns cálculos matemáticos, mas, com muito interesse de perguntar. Nas demais disciplinas, ele sempre demonstrava interesse participando de todos os temas abordados, questionando, sugerindo e expondo suas ideias e conhecimento.



De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em seus artigos 58 ao 60: os educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, superdotados ou altas habilidades. Deve ser assegurado adequações de currículos, técnicas, formas de avaliação; terminalidade específica aos estudantes do ensino fundamental que não conseguiram concluir em função da sua deficiência; aceleração de estudos para os estudantes superdotados para concluir em menos tempo; educação para o trabalho para que tenham autonomia; acesso aos programas suplementares; professores especialistas e capacitados.

Deve-se ainda, ser garantido o Atendimento Educacional Especializado (AEE) que acontecerá em sala de recursos multifuncional com professor especializado. É preciso que seja respeitada e avaliada as condições do educando que podem garantir que ele esteja em classe, serviços especializados ou escola, sempre que não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

Portanto, as pessoas com deficiência são asseguradas para que para estas seja efetivado o direito de acesso e permanência na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste memorial quero salientar a importância do ato de rememorar, detalhes que se passavam despercebidos, o memorial tem esse papel de reflexão, trago desde a infância todo o caminho percorrido até os dias atuais, o ato de falar sobre si mesmo torna-se desafiador, pois não é fácil, relembrar situações consideradas alicerce para o que se vive hoje.

É complexo relatar e refletir sobre uma formação recente, a formação e as vivências tentei relatar e refletir sobre as minhas vivencias educacionais, pessoais e profissionais.

O curso de pedagogia me concedeu evoluir pessoal e profissionalmente, foram momentos de muita teoria entrelaçada com a prática, contribuindo para uma experiência incrível. Afirmo que alcancei com sucesso o objetivo essencial e finalizo o curso com um



sentimento de gratidão, com outras metas a cumprir, sendo uma delas exercer o papel de professor e de fato colocar tudo visto na academia em prática.

Pretendo dar continuidade aos estudos, realizar uma pós-graduação e me qualificar ainda mais para enfrentar a competitividade existente no mercado de trabalho e atender aos que mais necessitam pela minha profissão.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Senado Federal, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20 out. 2022.

BRASIL. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008.Dispõe sobre o estágio de estudantes. **Diário Oficial:** República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, p. 3- 4, 26 set. 2008.

CAMPOS, Lorraine Vilela. "O que são Fake News?"; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm. Acesso em: 04 jul. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão ... *et al*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4594598/mod_resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf. Acesso em: 01 set. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho cientifico.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas**.** *In:* **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania:** aproximações jovens, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015. (Coleção mídias contemporâneas).

NATAL. Secretaria Municipal de Educação. Estudantes da rede municipal participam do festival de cinema acessível kids: Secretaria de educação vai contratar mais 800 estagiários via CIEE. **Prefeitura do Natal**, Natal, ed. 7, ano 8, n. 3, 12 ago. 2022 Semanal.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Docência em formação. saberes pedagógicos).

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando



as memórias narram a história da formação. *In:* **Porque escrever é fazer história:** revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005. p. 45-60.

PROVÉRBIOS. *In:* **Bíblia sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. Ed. ver. E atual. Barueti, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 440-458.

RAMOS, Euélica Fagundes. **Violência escolar e bullying:** o papel da família e da escola. Brasil Escola, 2023. Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/administracao/violencia-escolar-bullying- papel-familia-escola.htm. Acesso em: 04 jul. 2023.

RODRIGUES, Antonia Brito; OTAVIANO, Claudia Arcanjo. Guia metodológico de trabalho de campo em Geografia. **Revista do Departamento de Geociências,** Londrina, v. 10, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 2001. Disponível em:chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.geografia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/hai_aulacampo_2012/guia_trabalho_campo.pdf. Acesso em: 01 set.

2023.

WIKIPEDIA a enciclopédia livre. **Nova Cruz.** [*S. l.: s.n.*],2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Cruz. Acesso em: 04 jul. 2023.



O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MULHER, MÃE E PEDAGOGA: UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Luciana de Farias Pereira
Nednaldo Dantas dos Santos

No capítulo “O Processo de Construção da Mulher, Mãe e Pedagoga”, Luciana de Farias Pereira nos conduz por uma viagem emocionante através de sua jornada pessoal e profissional. Ela nos oferece um relato sincero e inspirador de sua trajetória de vida, que reflete a força e a resiliência de uma mulher que, ao mesmo tempo, desempenha os papéis de mãe, educadora e sonhadora.

Desde sua infância, Luciana foi moldada por desafios que, embora difíceis, serviram como trampolim para sua formação. A cada dificuldade superada, ela construiu uma base sólida para seu futuro como pedagoga. As memórias familiares e os valores transmitidos por seus pais forneceram a ela o suporte necessário para seguir em frente e buscar a realização de seus sonhos. Esse processo de construção, descrito com sensibilidade, revela uma mulher que se reinventa a cada passo, buscando sempre o melhor para sua vida pessoal e profissional.

Luciana compartilha como o amor pela educação floresceu em meio às adversidades, destacando como a experiência de ser mãe enriqueceu sua visão como educadora. Ser mãe e professora, para ela, não são papéis isolados, mas complementares. Cada lição aprendida no convívio com seu filho tornou-se uma ferramenta essencial para a sala de aula. É nesse encontro entre vida pessoal e profissional que Luciana se fortalece, encontrando na educação a oportunidade de transformar vidas, não apenas a sua própria, mas também a de seus alunos.

O capítulo também reflete sobre os desafios da formação acadêmica. Ao ingressar no curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, Luciana encontrou novas possibilidades e desafios que moldaram sua identidade como educadora. A formação acadêmica é retratada como um processo de constante aprendizado e



adaptação, especialmente durante a pandemia de COVID-19, quando a resiliência foi posta à prova. Ela relata como o período de aulas remotas e a necessidade de conciliar o papel de mãe com o de estudante exigiram uma capacidade de adaptação constante, reforçando seu compromisso com a educação.

"O Processo de Construção da Mulher, Mãe e Pedagoga" é uma celebração das conquistas alcançadas ao longo de uma vida de dedicação. Cada passo dado, cada desafio enfrentado, cada conquista realizada é um testemunho da força de Luciana. Sua história não é apenas um relato de formação profissional, mas também um tributo à importância da educação como um instrumento de transformação pessoal e social. Ao final deste memorial, Luciana nos inspira a acreditar que, por meio da educação, é possível não só construir um futuro melhor para si, mas também para as gerações que virão.

Este capítulo é uma ode ao poder transformador da educação e à capacidade de uma mulher de equilibrar os papéis de mãe, educadora e sonhadora. Com uma escrita sensível e profunda, Luciana de Farias Pereira nos lembra que o processo de construção da vida e da carreira é contínuo, e que cada desafio enfrentado é uma oportunidade de crescimento e empoderamento.

RESGATE DAS MEMÓRIAS DE BASE

O resgate das memórias de base constitui uma ferramenta significativa no processo de compreensão e conexão entre a vida pessoal e a formação acadêmica e profissional. A memória é um elemento chave na construção da identidade pessoal e coletiva, servindo como ponte entre o passado e o presente (Abrahão, 2003). Neste sentido, a reflexão sobre as experiências vividas, os aprendizados e os contextos nos quais uma pessoa foi inserida desde a infância contribui para a valorização de sua trajetória e a compreensão de sua formação (Pimentel, 2007). A recuperação dessas memórias ajuda não apenas no reconhecimento das influências que moldaram o indivíduo, mas também no fortalecimento de suas raízes culturais e na construção de um senso de continuidade e propósito na vida.



Por outro lado, ao trazer as memórias de base para o contexto educacional e profissional, promove-se uma aprendizagem mais significativa, que ressoa com as vivências do indivíduo. O processo de integração das memórias de base ao currículo educacional enriquece o processo de aprendizagem, tornando-o mais inclusivo e representativo da diversidade de experiências dos estudantes (Gaspar; Santos; Santos, 2013). Esta abordagem pode transformar o ambiente educacional, tornando-o um espaço de validação das experiências pessoais e de incentivo à reflexão crítica sobre como essas experiências se entrelaçam com o conhecimento formal. Portanto, o resgate das memórias de base é fundamental para uma educação que não apenas informa, mas também forma seres humanos integrados e conscientes de suas histórias e culturas.

Nesse sentido, essa seção busca desvelar e refletir sobre os resgates de minhas memórias de base e como estas influenciaram meu processo formativo. Para isso, começo o resgate de minha história a partir do 13 de março de 1984, data em que nasci no município de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Oriunda de uma família de classe econômica baixa.

Nesse período, criar e educar uma criança, em um contexto socioeconômico baixo, mas imbuído de muito amor familiar, apresenta desafios significativos que moldam a vida e a formação dos indivíduos de maneiras complexas e duradouras. A ausência de recursos financeiros frequentemente limitava o acesso a serviços básicos como educação, saúde e alimentação adequada. Esse contexto compromete a capacidade das famílias de desenvolver plenamente suas potencialidades. No entanto, o ambiente familiar amoroso atua como um poderoso contraponto, oferecendo suporte emocional e um senso de pertencimento essencial para o desenvolvimento psicológico da criança. Harkonen (2001) enfatiza que a qualidade das interações familiares pode mitigar os efeitos negativos da pobreza, ao proporcionar uma rede de apoio que incentiva o crescimento emocional e social.

Em meio às adversidades socioeconômicas familiares, minha infância foi marcada por uma educação rigorosa, na qual meus pais não permitiam que eu fizesse tudo o que queria, à minha maneira. Caso eu descumprisse algumas das regras estabelecidas por eles,



era castigada. Ao mesmo tempo, a educação era atenciosa, pois eles me explicavam o porquê do castigo e me orientavam sobre como fazer as coisas de maneira correta. Freire (2018) diz que o diálogo é a maneira autêntica de libertação, pois implica em um pensar crítico, e por meio dele há uma verdadeira educação. Assim, meus pais agiam, sem agressão física, mas com castigos e muitos diálogos, promovendo minha educação.

Com o meu nascimento, meus pais decidiram se mudar para o bairro de Igapó, localizado na Zona Norte do município de Natal/RN, juntamente com meu irmão e minha avó materna. A escolha de residência nesse bairro, assim como as interações com a comunidade local, influenciou profundamente minha visão de mundo e valores.

Na década de 1980, período da mudança de minha família, o bairro do Igapó, situado na zona Norte do município de Natal, Rio Grande do Norte, representava um microcosmo das transformações socioeconômicas e culturais vivenciadas pela cidade em um período de intensa urbanização. Embora tradicionalmente marcado por uma infraestrutura básica e por uma população de classe econômica baixa, Igapó começava a sentir os efeitos do crescimento urbano, com o incremento gradual de serviços e melhorias nas condições de vida. A vida cotidiana no bairro era profundamente influenciada pelas tradições culturais nordestinas, como o forró, que permeavam as relações sociais e fortaleciam a identidade comunitária. No entanto, o bairro também enfrentava desafios significativos, como a falta de serviços públicos adequados e uma certa marginalização em relação aos centros mais desenvolvidos de Natal. Essa dualidade entre crescimento e desafio configurava o bairro do Igapó como um exemplo emblemático das discrepâncias urbanas e sociais presentes em muitas partes do Brasil durante essa década, refletindo tanto as oportunidades quanto os obstáculos enfrentados por suas comunidades no processo de modernização.

Nesse mesmo período, a cidade, experimentava um período de transição, caracterizado por um crescimento urbano que coexistia com o charme de suas tradições provincianas. Apesar de conhecida por suas praias deslumbrantes, como Ponta Negra e Genipabu, a cidade ainda estava nos estágios iniciais de desenvolvimento do turismo internacional. Esse contexto socioeconômico, marcado por uma economia



predominantemente baseada na agricultura, pesca e comércio local, contrastava com sinais emergentes de diversificação, especialmente aqueles ligados ao potencial turístico.

Sou filha de Regina Celi, natural da cidade de Santa Cruz, situada no estado do Rio Grande do Norte, distante a 114 km da capital do estado e fundada em 1890. No período em que minha mãe residiu na cidade, era possível caracteriza esse pequeno município por apresentar uma população relativamente pequena, com uma economia primordialmente focada na agricultura, pecuária e comércio local. A atmosfera da cidade era marcada por uma tranquilidade rural, com urbanização incipiente e infraestrutura limitada, elementos que ainda hoje influenciam a dinâmica socioeconômica da região. As atividades cotidianas estavam centradas nas práticas agrícolas, celebrações tradicionais e interações dentro da comunidade, fatores que moldavam a cultura e as relações sociais locais.

Por outro lado, meu pai, Ulisses de Gois, nasceu em Extremoz, Rio Grande do Norte, e cresceu no Sítio Gramorezinho, uma área predominantemente rural. A vida no sítio em 1957 refletia um modelo de subsistência comum à época, com a população engajada em agricultura de subsistência, pecuária e, ocasionalmente, produção artesanal. A infraestrutura básica, como a falta de eletricidade e água encanada, junto com a dependência de estradas de terra para transporte, delineava um estilo de vida onde a comunidade local era o núcleo das atividades sociais, incluindo festas religiosas e encontros familiares. Essa estrutura social e as práticas culturais eram essenciais para o desenvolvimento de relações e a construção de um suporte emocional robusto.

Sendo filha de famílias de origem de pequenas cidades, com uma cultura fundamentada nas tradições agrícolas, minha infância, foi profundamente enriquecida pelas histórias contadas por minhas avós, tanto materna quanto paterna. Esses relatos não apenas cultivavam minha imaginação, mas também estabeleciam uma conexão visceral com a cultura e os valores de minha família. As narrativas das avós, as interações com a comunidade durante visitas à casa da avó paterna e as brincadeiras ao ar livre com primas e amigas nos finais de semana contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento pessoal e escolar.



A influência dos avós de famílias originárias de pequenas cidades, cuja cultura é profundamente enraizada nas tradições agrícolas, desempenha um papel significativo na formação das crianças, oferecendo um contraponto valioso às dinâmicas urbanas modernas. Esses avós trazem consigo um vasto repertório de conhecimentos práticos e valores que, segundo Olinto (1995), constituem um capital cultural fundamental para a socialização das novas gerações. As tradições agrícolas, baseadas em princípios de trabalho árduo, resiliência e conexão com a terra, fornecem às crianças uma compreensão mais profunda da sustentabilidade e da importância do meio ambiente, aspectos frequentemente subestimados nas áreas urbanas. Além disso, as histórias e práticas transmitidas por esses avós ajudam a cultivar uma identidade cultural sólida e um senso de continuidade histórica, elementos essenciais para o desenvolvimento psicológico e social, conforme destacado por Erikson (1950). Assim, a presença e o ensinamento dos avós, com suas raízes em comunidades agrícolas, não apenas enriquecem a formação das crianças com valores tradicionais, mas também fortalecem os laços familiares e comunitários, proporcionando uma base robusta para o desenvolvimento integral dos jovens.

EDUCAÇÃO BÁSICA E A PRIMEIRA GRADUAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS E CONHECIMENTOS

A educação básica desempenha um papel fundamental na construção de caminhos e conhecimentos, sendo um alicerce crucial para o desenvolvimento individual e social. Ela não apenas fornece os fundamentos acadêmicos necessários para o progresso em níveis mais avançados de ensino, mas também contribui significativamente para a formação integral do indivíduo. Segundo Paulo Freire (1997), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Esta perspectiva destaca a importância de uma abordagem educacional que vá além da simples transmissão de conteúdo, promovendo a capacidade crítica e reflexiva dos estudantes. Nesse contexto, a educação básica deve ser vista como um processo dinâmico e interativo, que estimula a curiosidade, a criatividade e a autonomia dos alunos,



preparando-os para enfrentar os desafios da vida e do mercado de trabalho com competência e confiança.

A relação entre vida e formação é intrínseca ao processo educativo, onde a educação básica atua como um meio de conectar o conhecimento acadêmico às experiências cotidianas dos estudantes. Conforme argumenta Edgar Morin (2000), "é necessário ensinar a compreensão da condição humana, o que implica considerar as conexões entre a história, a sociedade e o indivíduo." Por meio de um currículo integrador e contextualizado, a educação básica pode promover uma compreensão mais ampla e profunda da realidade, capacitando os alunos a reconhecerem e valorizar a diversidade cultural, social e econômica do mundo em que vivem. Assim, ao relacionar a vida e a formação, a educação básica não apenas prepara os indivíduos para o futuro, mas também contribui para o desenvolvimento sustentável e harmonioso da sociedade como um todo.

Nessa perspectiva, essa seção busca resgatar minhas memorias da etapa escolar e como estas influenciaram meu processo formativo. Lembro que fui matriculada em uma instituição de educação formal na década de noventa. Esta primeira experiência ocorreu na Escola Estadual Padre José Maria Biezinger.

O ingresso de crianças na educação formal tem um impacto significativo no desenvolvimento da personalidade, refletindo as transformações sociais e tecnológicas. O período de meu ingresso na educação formal foi marcado pela ampliação do acesso à educação, incentivada por políticas públicas que buscavam universalizar o ensino básico (Rabelo; Segundo; Jimenez, 2009). A escola, enquanto instituição socializadora, não só transmitia conhecimentos acadêmicos, mas também desempenhava um papel crucial na formação de valores, atitudes e comportamentos (Piaget, 1972). A interação com pares e a exposição a diversos contextos culturais e sociais dentro do ambiente escolar contribuíram para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico das crianças.

Na Escola Estadual Padre José Maria Biezinger, próximo a residência de meus pais, estudei até a 4ª série; após fui matriculada na Escola Municipal Vereador José Sotero. Esta escola, localizada no bairro de Igapó, zona norte de Natal/RN, foi o espaço que tive a chance de cursar até a 8ª série.



A estrutura do ensino de primeiro grau na década de noventa no Rio Grande do Norte refletia tanto os avanços quanto as limitações do sistema educacional brasileiro naquela época, influenciando significativamente a vida e a formação dos estudantes. Este período foi caracterizado pela implementação de políticas públicas voltadas para a universalização do ensino fundamental, conforme os preceitos da Constituição de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (Brasil, 1996). As escolas enfrentavam desafios como a falta de infraestrutura adequada, escassez de recursos didáticos e formação insuficiente de professores, problemas comuns em muitas regiões do país (Saviani, 2008). Apesar dessas dificuldades, o ambiente escolar servia como um importante espaço de socialização e construção de conhecimento. A convivência diária com colegas de diferentes origens e a participação em atividades escolares contribuíam para o desenvolvimento social e emocional dos estudantes (Martins, 1997).

O ensino médio, conforme previa a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, foi cursado na Escola Estadual Winston Churchill, localizada no bairro da Cidade Alta em Natal/RN. Durante essa época, algumas escolas de ensino médio ofereciam cursos técnicos, e escolhi essa instituição devido ao curso de Técnico em Patologia Clínica, no qual me formei e atuei por 12 (doze) anos. A formação técnica facilitou minha rápida inserção no mercado de trabalho e mitigou a exclusão social, embora o cansaço do trabalho diário limitasse meu estímulo para os estudos. Esse período, marcado pelo esforço contínuo para equilibrar trabalho e educação, refletiu as condições socioeconômicas da região, onde a necessidade de emprego imediato muitas vezes prevalecia sobre a continuidade acadêmica.

Passados alguns anos, comecei a refletir sobre as oportunidades de explorar outras áreas de conhecimento, percebendo a necessidade de sair da minha zona de conforto. Esse processo de autodescoberta foi impulsionado por pesquisas que me levaram a identificar novas metas e objetivos. Com a desvalorização salarial na minha área técnica, senti-me motivada a retomar os estudos e, em 2004, realizei o sonho de ingressar em um curso superior na Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do RN – FACEX, no curso de Graduação em Serviço Social. Este momento marcou uma transição significativa na



minha trajetória, permitindo-me ampliar horizontes e explorar novas perspectivas acadêmicas e profissionais.

O curso de graduação em Serviço Social desempenhou um papel fundamental na construção dos meus sonhos e realizações, integrando aspectos teóricos e práticos da assistência social à minha futura ação pedagógica. Essa formação proporcionou uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e das políticas públicas, permitindo-me atuar de forma mais eficaz e humanizada no campo de trabalho. Segundo Lamamoto (2019), a formação em Serviço Social oferece uma visão crítica sobre as questões sociais, promovendo a emancipação e o empoderamento dos indivíduos. Para uma mulher que concilia os papéis de mãe e pedagoga, essa abordagem reflexiva e crítica é essencial, pois proporciona ferramentas para uma atuação mais consciente e transformadora em ambas as esferas, pessoal e profissional. Além disso, a conciliação entre os papéis de mãe, pedagoga e estudante exige uma organização e resiliência excepcionais, constantemente fortalecidas durante o curso, conforme destaca Coimbra e De Morais (2015), tornando-se um catalisador de mudanças significativas e ampliando as possibilidades de intervenção social, contribuindo para a realização dos meus sonhos e objetivos pessoais e coletivos.

SONHOS E REALIZAÇÕES: A MULHER, MÃE E PEDAGOGA

A trajetória de uma mulher como mãe e pedagoga pode ser repleta de sonhos e realizações significativas. Como mãe, ela desempenha um papel fundamental na criação e no desenvolvimento do seu filho, proporcionando-lhes amor, apoio e orientação ao longo de suas vidas. Seus sonhos podem estar ligados ao bem-estar e sucesso de seu filho, buscando criar um ambiente familiar seguro e estimulante onde possam florescer e alcançar seus objetivos (De Oliveira, 2015).

Como pedagoga, essa mulher tem a oportunidade de impactar não apenas a vida do seu próprio filho, mas também a de muitos outros estudantes. Seus sonhos profissionais podem envolver a promoção de uma educação de qualidade, o desenvolvimento integral dos estudantes e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ela pode aspirar a criar ambientes de aprendizado inclusivos, onde cada



estudante se sinta valorizado e capaz de alcançar seu pleno potencial (Silveira; Enumo; Rosa, 2012).

As realizações dessa mulher como mãe e pedagoga podem ser diversas e significativas. Ela pode ver seu filho crescer e se tornar adulto feliz e realizado, contribuindo positivamente para a sociedade. Como pedagoga, suas realizações podem incluir o sucesso acadêmico e pessoal de seus estudantes, o reconhecimento de seu trabalho pela comunidade escolar e o impacto positivo que ela exerce sobre as vidas das pessoas com quem trabalha. Em suma, a jornada de uma mulher como mãe e pedagoga pode ser marcada por sonhos inspiradores e realizações gratificantes, à medida que ela busca criar um mundo melhor para as gerações presentes e futuras.

Nesse sentido, essa seção busca desvelar e refletir sobre os sonhos e realizações de uma mulher, mãe e pedagoga e quais vivências influenciaram meu processo formativo. Para isso, começo refletindo sobre minha oportunidade de cursar a graduação em Pedagogia, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. Essa oportunidade surge com a socialização do Edital de seleção para o ingresso nos cursos de graduação em 2020. Após as etapas previstas no edital e o resultado de aprovação, a emoção tomou conta desse início de jornada formativa no campo da Educação. Ingressar em uma instituição reconhecida em nossa região representava não apenas um avanço acadêmico, mas também uma possibilidade de transformação social e pessoal, considerando o contexto socioeconômico e cultural que permeia nossa realidade.

O curso de Pedagogia revelou-se uma porta de entrada para um campo de atuação vasto e diversificado, proporcionando uma visão abrangente das práticas educativas e suas implicações na sociedade.

O curso de Pedagogia ofertado pelo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy destaca-se pelo seu potencial de inserção dos egressos no mercado de trabalho, refletindo a relevância de uma formação sólida e contextualizada nas demandas contemporâneas da educação. Este curso é estruturado com uma abordagem teórica e prática que atende às diretrizes curriculares nacionais, enfatizando a preparação dos futuros pedagogos para atuar em diferentes contextos educacionais, desde a educação



infantil até a gestão educacional. Além disso, o Instituto Presidente Kennedy valoriza a integração entre teoria e prática, proporcionando estágios supervisionados que permitem aos graduandos vivenciarem a realidade das escolas e desenvolver competências essenciais para o exercício da profissão. A crescente demanda por profissionais qualificados na área da educação, impulsionada por políticas públicas de expansão e melhoria do ensino básico (Saviani, 2008), reforça a importância desse curso como um caminho viável para a empregabilidade. A formação recebida no Instituto capacita os egressos a enfrentarem os desafios educacionais com uma visão crítica e inovadora, preparando-os para contribuir significativamente para a melhoria da qualidade do ensino e, consequentemente, para a transformação social

O início do curso permitiu compreender a amplitude do campo de atuação, especialmente em uma região marcada por desafios sociais e educacionais significativos. As aulas, inicialmente presenciais, precisaram ser adaptadas para o formato online devido à pandemia de COVID-19, que exigiu uma rápida adaptação tecnológica tanto dos estudantes quanto dos professores.

O ensino durante a pandemia de COVID-19 impôs desafios significativos aos estudantes do curso de Pedagogia ofertado pelo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, evidenciando a necessidade de adaptação rápida e eficaz às novas modalidades de ensino remoto e híbrido. A transição abrupta para o ensino a distância exigiu que tanto estudantes quanto professores desenvolvessem novas habilidades tecnológicas e pedagógicas, muitas vezes sem a infraestrutura adequada. As dificuldades de acesso à internet de qualidade e a falta de equipamentos tecnológicos, comuns em diversas regiões do Brasil, exacerbaram as desigualdades educacionais (Rondini, 2020).

Apesar desses obstáculos, o curso de Pedagogia do Instituto Kennedy procurou manter a qualidade da formação através de metodologias inovadoras e o uso de plataformas digitais, promovendo a continuidade do aprendizado e a interação entre alunos e docentes. No entanto, a ausência do convívio presencial e a limitação das práticas de estágio supervisionado impactaram a formação prática dos futuros pedagogos, essencial para a consolidação das competências profissionais.



Este contexto desafiador reforçou a importância de uma educação resiliente e adaptável, destacando a capacidade dos estudantes de Pedagogia de superar adversidades e se preparar para um cenário educacional cada vez mais dinâmico e tecnológico. Assim, a experiência durante a pandemia, embora repleta de desafios, também proporcionou oportunidades para o desenvolvimento de habilidades cruciais para a formação integral e a inserção dos futuros educadores no mercado de trabalho.

O curso de Pedagogia proporcionou uma relação profunda entre o contexto social, político e cultural da região e o processo formativo escolar. As experiências profissionais vivenciadas durante essa etapa consolidaram a importância da formação de professores comprometidos com a transformação social. A formação recebida no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) preparou-me para atuar de maneira crítica e reflexiva, promovendo a inclusão e o desenvolvimento integral dos estudantes, mesmo diante das adversidades impostas pela pandemia de COVID-19, que exigiu rápida adaptação às aulas online. O curso ampliou meus horizontes profissionais e fortaleceu meu compromisso com uma educação de qualidade e transformadora.

Durante o curso, especialmente nos componentes curriculares de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil (FTMEI) e Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP), compreendi a importância de práticas pedagógicas como a contação de histórias para o desenvolvimento da imaginação e da curiosidade das crianças. A formação prática, através do Estágio Curricular Supervisionado I, ocorrido na Educação Infantil, caracterizou-se como uma aprendizagem enriquecedora, permitindo uma construção metodológica dialogada com a professora titular supervisora de campo. A observação participante possibilitou uma inserção efetiva no contexto escolar, colaborando com o desenvolvimento das crianças e fortalecendo a relação professor-estudante, baseada em respeito, afeto e responsabilidade.

Essa etapa prática foi imprescindível para criar vínculos com a turma e a professora, contribuindo para a construção de uma prática pedagógica significativa. O estágio permitiu observar o funcionamento administrativo e pedagógico da escola, preparando o terreno para intervenções educativas coerentes e fundamentadas. A



experiência no campo, mesmo que breve, proporcionou uma vivência rica nas diversas dimensões do contexto escolar, confirmando que um trabalho planejado e articulado pela equipe pedagógica resulta em avanços significativos no desenvolvimento dos estudantes. Essa formação prática, supervisionada e reflexiva, é essencial para consolidar os princípios de cidadania e responsabilidade social na atuação dos futuros educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão do curso de graduação em Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), em Natal, RN, marca um ponto de inflexão significativo na trajetória de uma mulher que desempenha os papéis de mãe e pedagoga. Este momento de reflexão permite avaliar a convergência entre os sonhos pessoais e as realizações profissionais alcançadas ao longo da jornada formativa. A formação pedagógica não apenas ampliou os horizontes acadêmicos e profissionais, mas também reforçou o compromisso com uma educação inclusiva e transformadora. Segundo Nóvoa (1995), “os professores constroem-se na articulação entre um percurso de vida e um percurso profissional”, destacando a importância de integrar experiências pessoais e profissionais na construção de uma identidade docente sólida e comprometida.

Ao considerar as próximas etapas após a conclusão do curso, é fundamental projetar um futuro em que a formação continuada e o desenvolvimento profissional sejam prioridades. A educação é um campo dinâmico, e a formação constante é imprescindível para acompanhar as mudanças e inovações pedagógicas. A participação em cursos de pós-graduação, seminários, congressos e grupos de pesquisa permitirá a ampliação do conhecimento e a troca de experiências com outros profissionais da área. De acordo com Libâneo (2010), “a formação continuada é uma necessidade permanente para os educadores, pois o processo educativo exige constante atualização e reflexão sobre a prática”. Assim, a busca por novos conhecimentos e metodologias inovadoras fortalecerá a prática pedagógica e promoverá a excelência educativa.

Além da formação continuada, é importante fomentar o engajamento em projetos comunitários e iniciativas sociais que contribuam para o desenvolvimento local e



regional. A atuação em projetos de extensão universitária, por exemplo, pode ser um meio eficaz de aplicar os conhecimentos adquiridos e promover transformações sociais significativas. A educação tem o poder de modificar realidades e construir um futuro mais justo e equitativo. Como afirma Freire (1996), “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Portanto, ao integrar os sonhos e realizações de uma mulher, mãe e pedagoga, é possível vislumbrar um caminho repleto de possibilidades, onde a dedicação à educação se traduz em ações concretas para a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.

ALVAREZ, Teresa; VIEIRA, Cristina Coimbra. O papel da educação no caminho que falta percorrer em Portugal na desconstrução dos estereótipos de género: breves reflexões. **Exedra**, p. 8-17, 2014.

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, 2016.

COIMBRA, Renata Maria; DE MORAIS, Normanda Araujo. **A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção**. Artmed Editora, 2015.

DE OLIVEIRA, Karoline Brasil et al. Estudo do empoderamento na perspectiva das mulheres. **Revista Pretexto**, p. 82-99, 2015.

ERIKSON, Erik H. **Crescimento e crises da “personalidade saudável”**. 1950.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. **Cartas a quem ousa ensinar**, v. 10, p. 27, 1997.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. Editora Paz e Terra, 2018.



GALBIATI, Maria Alessandra. (Trans) formação e representação da mulher no Bildungsroman feminino contemporâneo. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 40, n. 3, p. 1716-1728, 2011.

GASPAR, Maria Ivone; SANTOS, Mário; SANTOS, José Rui. Currículo: significado e perspetivas em memórias da escola. **Memórias de professores: emoções, identidades profissionais, currículo e avaliação**, p. 117-146, 2013.

GAUTÉRIO, Nicolli Bueno; ALBERNAZ, Renata Ovenhausen. A memória coletiva para Jöel Candau e Maurice Halbwachs: coesão dos grupos sociais em um mesmo espaço. **Mnemosine**, v. 18, n. 1, 2022.

HÄRKÖNEN, Ulla. **A teoria dos sistemas ecológicos de Bronfenbrenner do desenvolvimento humano**. 2001.

IAMAMOTO, Marilda Villela. Renovação do Serviço Social no Brasil e desafios contemporâneos. **Serviço Social; Sociedade**, p. 439-461, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia. **R. bras. Est. pedag**, p. 562-583, 2010.

MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. **Série Idéias**, v. 28, p. 111-122, 1997.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Editora Garamond, 2000.

NÓVOA, António. História da educação: percursos de uma disciplina. **Análise Psicológica**, V. 14, P. 417-434, 1996.

OLINTO, Gilda. **Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu**. 1995.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

PIMENTEL, Alessandra. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. **Estudos de Psicologia (natal)**, v. 12, p. 159-168, 2007.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena Fernandes Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação? **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 11, 2011.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. **Campinas: Alínea**, p. 29, 2007.

PIAGET, Jean. Desenvolvimento e aprendizagem. **Estudando a docência**, p. 1-8, 1972.

RABELO, Jackline; SEGUNDO, Maria das Dores Mendes; JIMENEZ, Susana. Educação para todos e reprodução do capital. **Trabalho necessário**, v. 7, n. 9, p. 1-24, 2009.



RONDINI, Carina Alexandra et al. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.

SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **EccoS–Revista Científica**, v. 10, p. 147-168, 2008.

SILVEIRA, Kelly Ambrosio; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; ROSA, Edinete Maria. Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo: uma revisão da literatura. **Revista brasileira de educação especial**, v. 18, n. 04, p. 695-708, 2012.



O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PERFIL FORMADOR: UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Breno Cristian Celestino Lopes
Nednaldo Dantas dos Santos

Neste capítulo, Breno Cristian Celestino Lopes nos convida a mergulhar em uma jornada de transformação e superação, onde a construção de seu perfil formador se revela como um processo contínuo, cheio de desafios, aprendizados e conquistas. “O Processo de Construção do Perfil Formador” é mais do que um relato acadêmico; é um testemunho vivo de como as experiências da vida pessoal se entrelaçam com a formação pedagógica, moldando um educador que busca não apenas transmitir conhecimento, mas transformar vidas.

Desde as primeiras memórias da infância, Breno revisita com sensibilidade os momentos que marcaram sua trajetória. A infância, um espaço de memórias afetivas e descobertas, foi o terreno onde seus primeiros sonhos começaram a ganhar forma. Ali, entre brincadeiras e desafios, já se desenhava o desejo de ensinar, de guiar outros pelos caminhos da aprendizagem. Cada experiência, cada lição aprendida, tornou-se parte de um mosaico que, com o tempo, se transformaria em sua identidade como educador.

Ao adentrar no universo da educação básica, Breno se depara com um verdadeiro mar de conhecimentos e vivências. Foi nesse ambiente que ele começou a perceber a importância da educação como um instrumento de transformação social, não apenas para seus alunos, mas também para sua própria vida. A formação no magistério profissionalizante foi um dos grandes pilares de sua jornada, onde ele descobriu que ensinar é muito mais do que repassar conteúdos; é criar oportunidades, abrir caminhos e nutrir o potencial de cada indivíduo.

O capítulo também destaca a importância da prática reflexiva no processo de profissionalização. Breno nos leva por sua jornada no ensino superior, enfrentando os desafios de conciliar vida pessoal, acadêmica e profissional, especialmente no contexto



da pandemia de COVID-19, que trouxe a necessidade de adaptações rápidas e resiliência. Ele reflete sobre como cada etapa dessa jornada, desde o ensino remoto até o retorno às atividades presenciais, contribuiu para seu crescimento como educador.

Navegar pelos mares superiores da educação, como ele descreve, é uma metáfora poderosa para os desafios enfrentados no curso de Pedagogia. Com dedicação e paixão, Breno aprendeu a superar cada dificuldade, transformando-as em degraus para sua realização pessoal e profissional. A educação, para ele, é um farol que ilumina não apenas o presente, mas também os horizontes do futuro, sempre com o compromisso de continuar aprendendo e se especializando para oferecer uma educação de qualidade e inclusiva.

Por fim, “O Processo de Construção do Perfil Formador” nos deixa uma mensagem clara: a formação de um professor é um processo dinâmico, sempre em construção, onde cada experiência, cada desafio e cada conquista se somam para moldar um educador comprometido com a transformação social. **Breno nos lembra que a educação é, acima de tudo, um ato de esperança**, um caminho que nunca se fecha, sempre repleto de novas possibilidades e aprendizados.

O MERGULHO NAS MEMÓRIAS AFETIVAS DA INFÂNCIA

O mergulho nas memórias afetivas da infância desempenha um papel fundamental na formação da identidade e no entendimento das trajetórias de vida. As experiências vividas na infância são carregadas de significados emocionais que moldam a percepção do indivíduo sobre o mundo ao seu redor e sobre si mesmo (Udeh; Kalu, 2024). É importante destacar que as vivências emocionais, na primeira infância, possuem uma influência muito forte em nosso inconsciente. Essa influência pode ser observada na constituição da personalidade e comportamento do indivíduo (Santos, 2008). Essas memórias, muitas vezes, são evocadas de maneira involuntária, porém, ao serem exploradas conscientemente, permitem um processo de autoconhecimento e reflexão crítica sobre o próprio desenvolvimento. Através do resgate dessas lembranças, é possível compreender melhor as escolhas, os valores e as atitudes que norteiam a vida de uma



pessoa, evidenciando a importância de se reconectar com o passado para construir um futuro mais consciente e alinhado com a própria essência.

Além do impacto na formação individual, as memórias afetivas da infância também possuem um valor social significativo. É possível afirmar que a memorial coletiva é construída a partir das lembranças compartilhadas pelos indivíduos dentro de um grupo social (Nery, 2015). Nesse sentido, o mergulho nas memórias da infância pode servir como um instrumento poderoso para fortalecer vínculos comunitários e culturais. Ao rememorar e compartilhar histórias de infância, as pessoas não apenas preservam suas próprias identidades, mas também contribuem para a continuidade das tradições e valores de sua comunidade. Essa prática de relembrar coletivamente cria um senso de pertencimento e coesão social, essencial para a construção de uma sociedade mais empática e solidária.

Nesta seção, busco compartilhar minha experiência de mergulhar nas memórias coletivas de meu nascimento e minha primeira infância. Essa primeira etapa de minha vida teve início em fevereiro de 1985 no município de Natal, no Rio Grande do Norte. Nessa época, o contexto social, político e cultural do Brasil era marcado por profundas transformações. O país estava em transição da ditadura militar para a redemocratização, um processo que culminou com a eleição de Tancredo Neves e, posteriormente, com a ascensão de José Sarney à presidência. Esse período de mudanças políticas influenciou diretamente a vida das pessoas, com novas perspectivas de liberdade e democracia emergindo no cenário nacional.

No contexto cultural, o Rio Grande do Norte e, especificamente, a cidade de Natal, eram palcos de uma rica diversidade cultural, com tradições folclóricas, festas populares e uma forte influência da cultura nordestina. Crescer em meio a esse ambiente, durante a década de oitenta, proporcionou uma experiência única de imersão em valores comunitários e tradições locais. Essas vivências foram fundamentais para minha formação pessoal e profissional, especialmente na minha trajetória como futuro professor. A riqueza cultural e as transformações sociais vividas nesse período não só moldaram



minha identidade, mas também me ensinaram a valorizar a importância da educação como um instrumento de transformação social e preservação cultural.

Apesar das circunstâncias difíceis que enfrentamos desde cedo, minha relação com meus pais moldou quem eu sou. Como filho de uma mãe comerciante e um pai mestre de obras, cresci em uma sociedade que valorizava o trabalho árduo e a dedicação. O valor atribuído ao trabalho árduo e à dedicação não era apenas um reflexo de um *ethos* coletivo, mas também um instrumento central na formação individual e social. Segundo Silva (2014), a ética protestante foi um dos principais motores do desenvolvimento do capitalismo moderno, destacando como a valorização do trabalho e da disciplina pessoal moldou a estrutura econômica e social. Nesse contexto, o trabalho árduo não era visto apenas como uma necessidade econômica, mas como um caminho para o desenvolvimento moral e intelectual. Como aponta Collins (2017), a dedicação ao trabalho promovia um senso de propósito e identidade, vinculando a vida pessoal à contribuição para o bem comum. Além disso, a educação formal e profissional era estruturada de maneira a incutir esses valores desde cedo, conforme descrito por Durkheim (2012), que enfatiza a importância da educação na transmissão de valores culturais. Em suma, essa sociedade estabeleceu uma interconexão profunda entre trabalho, dedicação e formação, criando um ciclo virtuoso onde o esforço individual se refletia no progresso coletivo e vice-versa.

O núcleo familiar, existente em minha infância, sofreu uma mudança com o divórcio de meus pais quando eu tinha apenas 7 (sete) anos, o que marcou uma transição difícil em minha vida. Mesmo diante dessa divisão, fui abençoado por ser criado por minha mãe com muito amor e dedicação. Ela não apenas assumiu a função de provedora, mas também se tornou minha principal fonte de orientação e amor. Sua determinação e força me ensinaram a perseverar e valorizar cada momento, mesmo em situações difíceis. Além disso, sei que a essência do amor e da família transcende qualquer distância física ou circunstância, apesar dos desafios da vida.

A mudança da composição do núcleo família, com o divórcio de meus pais, gerou um impacto em meu processo de formação emocional e social. Existe relatos que a



separação dos pais pode gerar estresse e insegurança, afetando o desempenho escolar e o comportamento social das crianças (Amato, 2001). Estudos longitudinais, como os conduzidos por Hetherington (2002), demonstram que crianças de pais divorciados frequentemente apresentam maior propensão a problemas emocionais e comportamentais, refletindo a instabilidade familiar em sua vida cotidiana. Contudo, fatores mediadores como a qualidade da co-parentalidade e o suporte social são cruciais para mitigar esses efeitos negativos (Kelly; Emery, 2003). A capacidade dos pais de manterem uma relação cooperativa pós-divórcio e o acesso das crianças a redes de apoio podem promover resiliência e adaptação positiva, conforme indicado por Lansford (2009). Em síntese, o divórcio não é um determinante absoluto de desajuste, mas sim um fator que, dependendo do contexto e dos recursos disponíveis, pode influenciar significativamente a formação e o desenvolvimento das crianças.

É importante destacar que na escrita desse memorial de formação surgem outras lembranças de minha infância. Entre tantas memórias, que surgem no processo de revisitação de minha História, a inserção no espaço escolar, aos seis anos de idade, foi um momento desafiador. Estava ingressando na Escola Estadual General Dióscoro Vale, situada na Rua Angra dos Reis - Potengi, Natal/RN, e me sentia perdido nesse mundo de descobertas escolares.

O meu processo de aprendizado, nesse espaço escolar, começou de forma intensa, pois era cobrado pelos professores a respeito da alfabetização e do letramento. Precisava saber escrever meu nome e transcrever as informações contidas no quadro da professora. Nesse momento, já surgiam em meus pensamentos os desejos por profissões em minha vida.

Acrescido a essas vivências, o contexto social, político e cultural da década de 1990 no Brasil foi marcado por uma fase de estabilização após os anos de redemocratização e as turbulências econômicas dos anos anteriores. No Nordeste, e especificamente em Natal, havia um forte senso de comunidade e valorização das tradições locais, ao mesmo tempo em que se buscava acompanhar o desenvolvimento econômico e educacional do país.



O mergulho nas memórias afetivas, dessa etapa de minha jornada familiar, ressignificou as lembranças que tinha sobre o ambiente familiar e consolidou a ideia que tenho sobre o papel desse no meu processo formativo. Sou filho de uma mãe e mulher que gerenciava um comércio e um pai que trabalhava como mestre de obras. Desde cedo, em minha infância, entendi que o trabalho duro, a resiliência e a educação são caminhos para uma ascensão social, profissional e educacional.

EDUCAÇÃO BÁSICA: UM MAR DE CONHECIMENTOS E VIVÊNCIAS

A educação básica é um alicerce essencial para a formação integral dos indivíduos, constituindo um verdadeiro mar de conhecimentos e vivências que moldam a trajetória pessoal e profissional ao longo da vida (Barbosa et al., 2023). Essa fase do processo educativo, ao oferecer um currículo diversificado que inclui componentes curriculares, atividades artísticas e esportivas, bem como oportunidades de interação social, proporciona um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Esse processo formativo não apenas prepara os estudantes para os desafios acadêmicos futuros, mas também os capacita a enfrentar as complexidades da vida em sociedade, promovendo a cidadania e a responsabilidade social.

Além de sua função instrucional, a educação básica desempenha um papel ~~crucial~~ importante na construção da identidade e na formação dos valores pessoais. Freire (2003) argumenta que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, enfatizando a importância de uma educação que fomente a autonomia e o pensamento crítico. Através das diversas experiências e interações vivenciadas na escola, os estudantes aprendem a lidar com a diversidade, a resolver conflitos e a trabalhar em equipe, habilidades que são fundamentais para o desenvolvimento de cidadãos conscientes e atuantes.

Nesse sentido, essa seção busco apresentar o mar de conhecimentos e vivências da minha Educação Básica. Dessa forma, a Educação Básica em minha vida, constituiu uma etapa de meu processo de crescimento pessoal, social e familiar. Essa etapa, teve seu



início, em 1994, com meu ingresso na 1ª série do Primeiro Grau na Escola Municipal Professor Limério C. D'Ávila, situada na cidade de Parnamirim/RN. É bem verdade que minhas lembranças dessa época surgem apenas como flashes: lembro-me de brincar muito em um espaço com areia e muitas árvores na estrutura física da escola. Divertia-me bastante com os poucos colegas que tinha na época e comprava meu lanche no intervalo, vendido em algum espaço da escola.

O brincar na primeira série do ensino fundamental desempenhando um papel ~~crucial~~ fundamental no desenvolvimento integral das crianças, servindo como um instrumento pedagógico essencial para relacionar a vida e a formação. Segundo Vygotsky (2007), as atividades lúdicas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social, pois através do brincar, as crianças exploram o mundo ao seu redor, aprendem a resolver problemas e desenvolvem habilidades sociais. Estudos como os de Pellegrini e Smith (1998) destacam que o brincar promove a criatividade, a comunicação e a cooperação, habilidades essenciais para o sucesso acadêmico e pessoal.

Em 1995 fui transferido para a Escola Estadual Governador Walfredo Gurgel, onde me identifiquei muito com tudo, desde a estrutura física da escola até os novos colegas que comecei a fazer. Esse período foi ~~crucial~~ determinante para minha formação, pois o ambiente escolar proporcionou uma série de experiências significativas que moldaram minha personalidade e meus interesses. É importante destacar que o processo de mudança de escola é um dos eventos da vida que podem parecer assustador à primeira vista, mas que, na verdade, é uma oportunidade preciosa para crescer e se conhecer melhor.

Nos anos que se seguiram, com a conclusão do primeiro grau, decidi mudar de escola buscando um curso específico que não estava disponível na minha escola. Minha paixão por ensinar e meu desejo de ter uma carreira educacional me motivaram a escolher o curso de Magistério na Escola Estadual Luís Antônio. Essa mudança não apenas me desafiou academicamente, mas também me fez pensar em meus objetivos e aspirações futuras.



A oferta de cursos de magistério no segundo grau representou um caminho significativo para o crescimento pessoal dos estudantes, ao relacionar vida e formação de maneira integrada e transformadora. A formação docente no segundo grau proporcionou aos estudantes uma compreensão aprofundada dos processos educativos, permitindo-lhes desenvolver competências pedagógicas essenciais desde cedo (Tardif, 2014). Segundo Freire (1996), a educação é um ato de transformação e libertação, e o preparo para o magistério em uma etapa formativa tão ~~crucial~~ importante capacita os futuros educadores a serem agentes de mudança social. Estudos indicam que a experiência prática e teórica adquirida nesses cursos não só enriquece o conhecimento acadêmico, mas também fortalece habilidades interpessoais, como comunicação, empatia e liderança (Libâneo, 2013). Além disso, a imersão precoce no ambiente educacional desperta nos estudantes um senso de responsabilidade e compromisso com a sociedade, conforme apontam os estudos de Nóvoa (2009). Dessa forma, a escola que ofereciam o curso de magistério não só prepara profissionais competentes, mas também fomenta o desenvolvimento integral de indivíduos conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais justa e educada.

Os processos de mudança foram marcados por períodos de adaptação e desenvolvimento pessoal. Eles me ensinaram a importância de ser adaptável e resistente às mudanças que a vida traz. Aprendi que, mesmo quando as circunstâncias nos levam fora de nossa zona de conforto, sempre existem novas oportunidades para aprender, crescer e expandir nossos pontos fortes.

Essas experiências também me ensinaram muito sobre a importância de aproveitar cada momento e cada conexão que fazemos ao longo do caminho. Ao mudar de escola, encontrei dificuldades que me fortaleceram e me prepararam para os desafios futuros. Eles me mostraram que, embora a mudança pareça difícil, a mudança pode ser um poderoso catalisador para o crescimento pessoal e profissional.

Olhar para trás agora me faz sentir grato pelas experiências que as mudanças de escola me proporcionaram. Elas não apenas moldaram minha educação e minha carreira, mas também moldaram quem eu sou como pessoa. Aprendi que cada fase da vida oferece



lições úteis e oportunidades para nos tornarmos versões mais completas e fortes de nós mesmos.

As escolas públicas, como as que frequentei, eram espaços de diversidade e interação social, onde pude desenvolver habilidades sociais e acadêmicas. No final do meu ensino médio, comecei a atuar no grêmio estudantil como diretor de imprensa e, posteriormente, como diretor de cultura. Esse espaço me proporcionou muita visibilidade na escola, tanto entre os professores quanto entre os estudantes, tornando-me muito popular em todos os três turnos. Essas experiências no grêmio estudantil foram fundamentais para minha formação, pois me ensinaram sobre liderança, organização e a importância da participação ativa na comunidade escolar. Assim, o período da educação básica foi decisivo na minha formação como professor, consolidando valores e habilidades essenciais para minha futura atuação profissional.

O MAGISTÉRIO PROFISSIONALIZANTE

A etapa do ensino médio, especialmente em sua vertente profissionalizante, desempenha um papel fundamental na relação entre a vida cotidiana e a formação profissional, fornecendo aos estudantes não apenas conhecimentos acadêmicos, mas também habilidades práticas e específicas que são diretamente aplicáveis ao mercado de trabalho (Susanna, 2023).

Nesse contexto, a formação inicial de professores no Brasil tem sido um desafio constante, e a integração do magistério profissionalizante no ensino médio representa uma tentativa eficaz de preparar futuros educadores. Este modelo de educação permite que os estudantes adquiram competências pedagógicas e técnicas, promovendo uma formação integral que abarca tanto o desenvolvimento pessoal quanto profissional. Além disso, ao aliar teoria e prática, o ensino médio profissionalizante oferece aos estudantes uma compreensão mais profunda e contextualizada dos conteúdos, preparando-os para enfrentar os desafios do mercado de trabalho com uma visão crítica e reflexiva (Hannecker, 2014).



Nesse sentido, o magistério profissionalizante no ensino médio atua como um instrumento de empoderamento, proporcionando aos jovens não apenas uma profissão, mas também a capacidade de refletir sobre seu papel na sociedade e de contribuir para a transformação social. Assim, a integração entre vida e formação no contexto do ensino médio profissionalizante não só enriquece a trajetória educacional dos estudantes, mas também fortalece o sistema educacional como um todo, ao formar profissionais preparados e comprometidos com a prática educativa.

Com base nisso, essa seção busca descrever e refletir sobre a minha experiência formativo no magistério. A minha formação, no ensino médio, teve seu início em 2002, na Escola Estadual Governador Walfredo Gurgel, onde os primeiros passos acadêmicos foram dados e minha percepção do mundo e da aprendizagem foi moldada diariamente nos corredores e salas de aula dessa instituição. Em 2004, ao mudar para a Escola Estadual Professor Luís Antônio, embarquei em um novo capítulo, repleto de novas experiências, amizades e desafios. Ambas as instituições localizadas no bairro de Candelária, em Natal-RN, ofereciam um ambiente rico em cultura e diversidade, que serviu como pano de fundo para minha jornada educacional, proporcionando-me uma visão ampla e singular de suas particularidades.

Apesar do ambiente propício ao desenvolvimento intelectual e científico, como em muitos jovens, enfrentei um período de afastamento dos estudos. Essa etapa foi um momento de desconexão emocional e acadêmica dos estudantes com a escola. Nessa etapa, com o afastamento, pude refletir sobre os caminhos que estava percorrendo. Segundo Finn (1989), este afastamento pode comprometer não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também suas oportunidades futuras de emprego e participação ativa na sociedade (OECD, 2012). Além disso, estudos indicam que a falta de educação formal aumenta a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco, como uso de substâncias ilícitas e criminalidade (Sousa, 2018).

Contudo, em 2007, retomei minhas atividades escolares, movida pelo resgate do desejo de aprimorar meus conhecimentos. Foi então que entrei no curso de Magistério na mesma Escola Estadual Professor Luís Antônio, retornando às origens. Os quatro anos de



estudo foram intensos, desafiadores e gratificantes. Cada componente curricular e as metodologias desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem, contribuiu significativamente para minha trajetória pessoal e profissional (Silva, 2008).

Nessa etapa, fui eleito como presidente do grêmio estudantil da instituição. Foi uma honra e responsabilidade, proporcionando uma oportunidade de liderança e participação ativa no ambiente escolar. Aprendi valiosas lições sobre trabalho em equipe, comunicação eficiente e responsabilidade social. A identificação com as técnicas de ensino utilizadas pelos professores foi um aspecto marcante dessa jornada, revelando que o ensino é uma arte em constante evolução, sempre em busca da melhor forma de transmitir conhecimento e inspirar estudantes. Essa fase me permitiu compreender o que Freire (2003, p. 77) afirmava: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

O magistério era uma etapa formativa sustentada pela Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, vigente na época, que estruturava o currículo de forma a proporcionar tanto uma educação geral quanto uma formação técnica profissional, refletindo as necessidades de um mercado de trabalho em transformação (Brasil, 1971). As reformas educacionais subsequentes, especialmente a introdução da Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, buscaram modernizar o ensino e tornar o processo de aprendizagem mais inclusivo e participativo (Brasil, 1996). No entanto, os desafios enfrentados pelas escolas públicas, como a falta de recursos e o alto índice de abandono escolar, exigiam um comprometimento excepcional por parte dos educadores. A trajetória de superação e dedicação aos estudos, mesmo diante das dificuldades, sublinha a importância da educação básica na formação de professores comprometidos e conscientes das realidades socioeconômicas e culturais de seus alunos, demonstrando como a adversidade pode ser um catalisador para a resiliência e a excelência profissional.

Revisitar minha trajetória educacional é resgatar como um tesouro de experiências e aprendizados. Cada escola, cada aula, cada obstáculo contribuiu para a minha formação atual. Ao longo da minha trajetória, carrego não somente o conhecimento adquirido, mas



também a gratidão pela oportunidade de aprender e crescer, além do desejo ardente de compartilhar esse conhecimento com os outros. A educação básica, inserida em um contexto social, político e cultural específico, revelou-se essencial para a formação de um professor comprometido e capaz de entender e enfrentar as complexidades do sistema educacional brasileiro.

NAVEGANDO NO PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO

Navegar no processo de profissionalização é um empreendimento complexo e multifacetado que conecta profundamente a vida pessoal e a formação profissional dos indivíduos. Este processo envolve não apenas a aquisição de conhecimentos técnicos e específicos da área de atuação, mas também o desenvolvimento de habilidades interpessoais e a construção de uma identidade profissional sólida. Segundo Schön (1983), a prática reflexiva é crucial para essa jornada, pois permite que os profissionais analisem criticamente suas experiências e ajustem suas práticas conforme necessário. Essa reflexão contínua facilita a integração entre teoria e prática, criando um ciclo de aprendizagem que enriquece tanto a vida pessoal quanto a trajetória profissional. Além disso, Dewey (1938) argumenta que a educação é um processo de vida que deve estar intrinsecamente ligado à experiência pessoal, sugerindo que a verdadeira aprendizagem ocorre quando os indivíduos são capazes de aplicar seus conhecimentos em contextos reais e significativos.

No contexto da profissionalização, é essencial reconhecer que a formação vai além do simples domínio de competências técnicas. A construção de uma identidade profissional robusta requer a internalização de valores éticos e a capacidade de responder às demandas sociais e culturais da profissão. Freire (1996) destaca a importância da consciência crítica, onde o profissional não apenas domina o conteúdo técnico, mas também compreende o seu papel como agente de transformação social. Essa perspectiva é corroborada por Tardif (2014), que enfatiza a natureza multidimensional do conhecimento profissional, que abrange aspectos técnicos, práticos e sociais. Portanto, a navegação no processo de profissionalização deve ser vista como uma jornada contínua



de desenvolvimento pessoal e profissional, onde a formação não é apenas um fim em si mesmo, mas um meio para relacionar e transformar a vida em todas as suas dimensões.

Nessa perspectiva, essa seção busca apresentar e refletir sobre o processo de revisitação das minhas memorias profissionais, e identifico que minha inserção no mercado ocorreu através de atividades comerciais de minha família. A inserção no campo profissional através de atividades comerciais familiares proporcionou uma plataforma única para relacionar vida e formação, oferecendo um contexto real de aplicação de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades práticas. Estudos indicam que a participação em negócios familiares permite aos jovens adquirirem competências empresariais desde cedo, como gestão financeira, atendimento ao cliente e tomada de decisões estratégicas (Bernhoeft, 2003). Além disso, Ferrazza (2010) destaca que a experiência em um ambiente familiar de negócios pode fortalecer os laços familiares e cultivar um senso de responsabilidade e compromisso entre os membros. Essa forma de inserção profissional também facilita a integração de valores éticos e culturais próprios da família, contribuindo para a formação de uma identidade profissional sólida e diferenciada.

Aos 12 anos, com a orientação de meu avô, pude acompanhar a logística do comercio varejista. Eram comuns as visitas as Centrais de Abastecimento do RN S/A (Ceasa/RN). Essa experiência, apesar de precoce para minha idade, representou uma oportunidade significativa para integrar vida e formação, oferecendo um ambiente dinâmico e prático para o desenvolvimento de habilidades profissionais e pessoais. A aprendizagem é mais eficaz quando ocorre em contextos reais e envolventes. Trabalhar na CEASA expõe os jovens a uma ampla gama de atividades, desde logística e gerenciamento de estoque até negociação e atendimento ao cliente, promovendo um aprendizado holístico e aplicado. Além disso, a interação diária com produtores, fornecedores e clientes desenvolve competências interpessoais essenciais, como comunicação, resolução de conflitos e trabalho em equipe (Freitas, 2022). Esta experiência prática não só prepara o jovem para os desafios do mercado de trabalho, mas também proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas econômicas e



sociais que influenciam o setor de abastecimento, alinhando a formação acadêmica com a realidade do mundo do trabalho (Schön, 1983).

Com o conhecimento adquirido, no ramo comercial, pude empreender em novas áreas com o passar dos anos. Em 2003, com experiência acumulada e bons trabalhos realizados, recebi uma proposta que me permitiu assumir um cargo de supervisor. Contudo, em 2016, com o encerramento das atividades da empresa que atuava perdi o vínculo formal com o mercado de trabalho. Essa mudança me desafiou a tornar-me um empreendedor.

O empreendedorismo após a saída do mercado formal de trabalho emerge como um instrumento poderoso para relacionar a vida e a formação, proporcionando um caminho para a reinvenção profissional e pessoal. Esse contexto me permitiu compreender que o empreendedorismo possibilita uma oportunidade para aplicar as habilidades e conhecimentos de maneira autônoma e inovadora (Drucker, 1985).

A criação de uma empresa própria me permitiu o desenvolvimento de competências essenciais, como a gestão de recursos, a capacidade de inovação e a resiliência frente a adversidades (Baron; Shane, 2007).

Essa jornada profissional e empreendedora não só ofereceu uma nova fonte de sustento, mas também promoveu um sentido renovado de propósito e realização pessoal, ligando diretamente a trajetória de vida com meu crescimento profissional.

OS DESAFIOS DE NAVEGAR EM MARES SUPERIORES

Navegar em mares superiores, uma metáfora para os desafios enfrentados no ensino superior, especialmente em cursos de pedagogia, representa uma jornada de crescimento pessoal e profissional que integra a vida e a formação de maneira profunda e transformadora. A formação em pedagogia exige que os estudantes se engajem em uma reflexão crítica sobre suas práticas e valores, um processo que Freire (1996) descreve como fundamental para a construção de uma consciência crítica e emancipatória. Este percurso é marcado por desafios acadêmicos, como a necessidade de dominar teorias



complexas e aplicá-las de maneira prática, além de desenvolver habilidades de pesquisa e escrita acadêmica. Tardif (2014) enfatiza que o conhecimento docente é um saber plural e em constante construção, destacando a importância de um aprendizado contínuo e reflexivo para a formação de educadores competentes e comprometidos.

Além dos desafios acadêmicos, os estudantes de pedagogia enfrentam também desafios pessoais e emocionais, como a necessidade de conciliar estudos, trabalho e vida pessoal. Esta conciliação é essencial para o desenvolvimento de uma identidade profissional sólida e resiliente. Schön (1983) argumenta que a prática reflexiva é crucial neste processo, permitindo que os futuros pedagogos integrem suas experiências de vida com suas práticas educativas de forma significativa. A capacidade de superar esses desafios prepara os estudantes para enfrentar as realidades da sala de aula e do ambiente escolar, promovendo um ensino que é ao mesmo tempo rigoroso e humanizado.

Esse processo desafiador, que será apresentado nessa seção, o navega em mares superiores, teve seu início com a aprovação no processo seletivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy em 2020. Pouco após o resultado, do processo seletivo, fomos surpreendidos com a pandemia de COVID-19 que iria alterar com toda a realidade conhecida, nos tempos atuais, sobre o curso superior.

O curso superior, em tempos de pandemia de COVID-19, precisou de um processo de adaptação rápida às novas exigências e desafios impostos pela crise global. A transição para o ensino remoto e híbrido demandou uma reestruturação das práticas pedagógicas e dos métodos de avaliação, conforme destacado por Hodges et al. (2020), que sublinham a necessidade de garantir a qualidade da educação mesmo em formatos virtuais. Esta adaptação forçada expôs a disparidade no acesso à tecnologia e à internet, evidenciando a desigualdade social existente e impactando diretamente a experiência acadêmica dos estudantes (Daniel, 2020). No entanto, também proporcionou uma oportunidade para o desenvolvimento de novas competências digitais e a prática da autonomia no aprendizado, alinhando-se ao conceito de aprendizagem ao longo da vida promovido por Knowles (1975). Além disso, a pandemia intensificou a interconexão entre vida pessoal



e acadêmica, exigindo dos estudantes uma maior resiliência e capacidade de gerenciar o tempo e o estresse (Hassan, 2020).

Nessa fase, tive a oportunidade de conhecer virtualmente os colegas que constituíam a turma de Pedagogia 2020.1AN do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. Em seguida, fui eleito representante de minha turma, e mesmo no período de pandemia, participei em projetos acadêmicos como foi o caso da horta institucional.

Com o término do período de pandemia de COVID-19 e retomada das atividades presenciais no curso tivemos a oportunidade de ressignificar as relações antes estabelecidas no espaço virtual de interação acadêmica. Esse processo foi essencial para integrar de forma mais profunda a vida e a formação dos estudantes da turma. A transição de ambientes virtuais para presenciais ofereceu uma oportunidade única para fortalecer laços interpessoais e enriquecer a experiência educacional. Segundo De Mello, Braga e Gabassa (2022), a presença social e a interação são cruciais para a construção de uma comunidade de aprendizagem efetiva, e a migração para o ambiente físico permite uma comunicação mais rica e contextualizada. No entanto, essa transição também apresenta desafios, como a necessidade de adaptar-se a novas dinâmicas de interação e gerenciar expectativas previamente formadas online.

Um dos momentos mais marcantes foi quando tive a oportunidade de conhecer o Dr. Nednaldo Dantas dos Santos. Sua trajetória de sucesso, saindo de uma origem humilde e lutando contra dificuldades financeiras, realmente me encheu de inspirações. Ele contou sua experiência na vida acadêmica como um modelo vivo de como a educação pode mudar destinos. Sua persistência e amor pelo ensino deixaram uma marca em mim, e desde então tenho me esforçado para seguir seu exemplo de dedicação aos estudos.

Em relação aos componentes curriculares que tive a oportunidade de estudar, devo confessar que todos deixaram uma marca profunda em mim. Cada professor compartilhou os conteúdos de forma esclarecedora e dinâmica, alinhados à nossa realidade na época ou atual. Através deles, absorvi os conteúdos de aprendizado que pretendo ensinar, como os conceitos, procedimentos e atitudes, conforme orientado por Zabala (2015). Destes



componentes, destaco Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), pois sabemos que a tecnologia está presente em todas as partes de nossas vidas e vem se tornando cada vez mais necessária, desde a forma como trabalhamos, nos comunicamos e até mesmo aprendemos. Essas tecnologias são cada vez mais usadas pelos estudantes, e cabe ao professor acompanhar esse desenvolvimento e utilizá-las em sala de aula.

No entanto, naquele momento, não estávamos totalmente preparados, principalmente por não possuirmos habilidades ou até mesmo o computador em casa, nem termos contato com aulas práticas, ficando assim apenas na teoria, o que dificultava a absorção do conteúdo, especialmente quando a conexão com a internet caía. Acredito que o componente teria sido melhor absorvido de forma presencial em um laboratório de informática. Ainda assim, o aprendizado foi proveitoso. Outro componente curricular que destaco é Estatística Aplicada à Educação (EAE), onde também tive muitas dificuldades no começo, por não ter tido essa matéria no ensino médio ou no magistério. Contudo, ao longo do curso, consegui absorver mais os conteúdos ministrados, obtendo assim um bom aproveitamento ao final do curso.

A oportunidade de realizar os estágios foi um momento marcante no curso. Com essas experiências, em meu caso iniciado pelo estágio remunerado, pude começar a colocar em prática todo o conhecimento acadêmico adquirido, antes mesmo do estágio obrigatório. Entre os Estágios Curriculares Supervisionados, cursados no decorrer de nossa jornada acadêmica, guardo muitas memorias daquele realizado na Gestão Escolar. Nessa vivência, em uma unidade de educação básica, compreendi que o papel do gestor na mediação dos processos acadêmicos e administrativos.

As vivências que tive me mostraram que aprender vai muito além do que se aprende em sala de aula. Isso influencia quem somos, aumenta nossa capacidade de superar dificuldades e nos prepara para o que está por vir. Cada desafio vencido e cada meta alcançada me fizeram acreditar ainda mais que estou trilhando o caminho certo. Seguindo adiante na minha jornada no IFESP, meu objetivo é não apenas adquirir conhecimento, mas também ter um impacto positivo na comunidade acadêmica e fora dela.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção do perfil formador, detalhado neste memorial de formação, revela-se como um percurso intrinsecamente ligado à intersecção entre vida pessoal e trajetória acadêmica, especialmente no contexto do curso de graduação em pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, em Natal, RN. Ao longo desta jornada, a integração entre teoria e prática educacional permitiu uma compreensão profunda das dinâmicas pedagógicas e da importância do educador como agente transformador. Freire (1996) enfatiza que o educador deve ser um eterno aprendiz, constantemente refletindo sobre suas práticas e buscando inovar em sua metodologia. Esta visão foi essencial para moldar meu perfil formador, fundamentado na prática reflexiva e no compromisso com a educação emancipadora.

Refletindo sobre as experiências vivenciadas durante a formação, é evidente que os desafios e as conquistas foram fundamentais para o desenvolvimento de competências pedagógicas e interpessoais. A prática de ensino, os estágios supervisionados e a participação em projetos de extensão permitiram uma aplicação concreta dos conhecimentos teóricos adquiridos, corroborando com Tardif (2014), que destaca a importância do saber experiencial na formação docente. Além disso, a interação com colegas e professores proporcionou um rico ambiente de troca de ideias e construção coletiva do saber, reforçando a visão de Vygotsky (1978) sobre a aprendizagem como um processo social e colaborativo.

Proponho, para as próximas etapas após a conclusão do curso de graduação, uma continuidade na busca por formação continuada e especialização, essencial para enfrentar os desafios do campo educacional contemporâneo. A participação em cursos de pós-graduação, seminários e congressos será vital para manter-se atualizado com as novas tendências pedagógicas e tecnológicas. Além disso, pretendo envolver-me em pesquisas educacionais que contribuam para a melhoria da prática docente e para a construção de políticas educacionais mais inclusivas e equitativas. Em consonância com Schön (1983), a prática reflexiva será uma constante em minha trajetória, buscando sempre aprimorar minhas estratégias de ensino e promover uma educação que respeite e valorize a



diversidade dos aprendizes. Desta forma, o processo de construção do perfil formador continuará a ser um instrumento dinâmico de crescimento pessoal e profissional, alinhando-se aos valores e objetivos delineados durante a formação no IFESP.

REFERÊNCIAS

AMATO, Paul R. Filhos do divórcio na década de 1990: uma atualização da meta-análise de Amato e Keith (1991). **Journal of family psychology**, v. 15, n. 3, p. 355, 2001.

BARBOSA, Jonas Borges et al. **Memorial de formação acadêmico-profissional: da infância humilde ao ingresso na vida acadêmica e docente**. 2023.

BARON, Robert A.; SHANE, Scott. Empreendedorismo: Uma perspectiva de processo. **A psicologia do empreendedorismo**, p. 19-39, 2007.

BERNHOEFT, Renato; GALLO, Miguel. **Governança na empresa familiar: gestão, poder e sucesso**. Elsevier Brasil, 2003.

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

BUOGO, Miriam; CASTRO, Gardenia de. Memorial de formação: um dispositivo de aprendizagem reflexiva para o cuidado em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 11, p. 431-449, 2013.

COLLINS, Stewart. Comprometimento na construção da identidade profissional. Em: **Identidade profissional e trabalho social**. Routledge, 2017. p. 151-165.

DANIEL, Sir John. Educação e a pandemia da COVID-19. **Prospects**, v. 49, n. 1, p. 91-96, 2020.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** Tradução de Stephania Matousek. 3.ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.

DRUCKER, Peter F. Estratégias empreendedoras. **California management review**, v. 27, n. 2, 1985.

DEWEY, John. A determinação de valores ou objetivos finais por meio de especulação antecedente ou a priori ou por meio de investigação pragmática ou empírica. **Teachers College Record** , v. 39, n. 10, p. 471-485, 1938.

DE MELLO, Roseli Rodrigues; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. **Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível**. EdUFSCar, 2022.



FERRAZZA, Elisângela. **A maturidade do processo de sucessão: um estudo multicaso em empresas familiares da serra gaúcha**. 2010.

FORATO, Thaís Cyrino de Mello. **A natureza da ciência como saber escolar: um estudo de caso a partir da história da luz**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FINN, Jeremy D. Retirada da escola. **Revisão de pesquisa educacional**, v. 59, n. 2, p. 117-142, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. **Autêntica Editora**, 2003.

FREITAS, Carolina Caldas de et al. Domínios de competências essenciais nas práticas colaborativas em equipe interprofissional: revisão integrativa da literatura. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, p. e210573, 2022.

HANNECKER, Lenir Antônio. **Compreensão de currículo na educação profissional: possibilidades e tensões do ensino médio integrado**. 2014.

HASAN, Najmul; BAO, Yukun. Impacto da percepção de "rachadura do e-Learning" no sofrimento psicológico entre estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19: Um papel mediador do "medo da perda do ano acadêmico". **Children and youth services review**, v. 118, p. 105355, 2020.

HETHERINGTON, Rachael. **Aprendendo com a diferença: Comparando sistemas de bem-estar infantil.** 2002.

HODGES, Charles e outros. As diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. **Revista da escola, professor, educação e tecnologia**, v. 2, 2020.

KELLY, Joan B.; EMERY, Robert E. Adaptação das crianças após o divórcio: Perspectivas de risco e resiliência. **Relações familiares**, v. 52, n. 4, p. 352-362, 2003.

KNOWLES, Malcolm S. **Aprendizagem autodirigida: um guia para alunos e professores**. 1975.

LANSFORD, Jennifer E. Divórcio parental e ajustamento dos filhos. **Perspectivas sobre a ciência psicológica**, v. 4, n. 2, p. 140-152, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. São Paulo: Heccus, 2013.

NACARATO, Adair Mendes; PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas autobiográficas produzidas por futuras professoras: representações sobre a matemática escolar. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 18, n. 03, p. 285-299, 2013.

NERY, Olivia Silva. **A invisibilidade na materialidade: as pontes de memória nos objetos de Lyuba Duprat.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em



Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

NÓVOA, António. **Professores**. 2009.

OECD. **PISA 2012**. Disponível em: Acesso em: 03 mar. 2024.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea**, v. 1, p. 47-62, 2007.

PELLEGRINI, Anthony D.; SMITH, Peter K. O desenvolvimento da brincadeira durante a infância: Formas e funções possíveis. **Child Psychology and Psychiatry Review**, v. 3, n. 2, p. 51-57, 1998.

SANTOS, Maria Roseli. **Saberes Culturais, Memória e Identidade Social em Tempos de Modernidade**. 2008.

SILVA, Lucas Trindade da. **A teoria da formação conceitual weberiana: uma análise através d'a ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Paul J. **Interest The Curious Emotion.** Current Directions in Psychological Science, Washington, DC, 1, v.17, n. 1, p. 57-60, fev. 2008.

SOUSA, Bárbara de Oliveira Prado. **Comportamentos de risco, uso de substâncias psicoativas, bullying e problemas relacionados em adolescentes escolares**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SCHÖN, D. **The reflective practitioner**. New York: Basic Books, 1983.

SUSANNA, Edirel. Capacitando futuras forças de trabalho: reformulando a educação para desenvolver habilidades essenciais para um mercado de trabalho dinâmico. **Qeios** , 2023.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

UDEH, Kelechi Victoria; KALU, Ntite Orji. Compreendendo a infância: uma revisão de literatura. **International Journal of Positivity; Well-Being (IJPW)** , v. 2, n. 1, p. 92-101, 2024.

VASSALLO, Nadia Maria; MUSCAT, Kenny. Processos na formação de identidades estudantis e profissionais – Um estudo de alunos de graduação em educação em uma instituição VET. **MCAST Journal of Applied Research; Practice** , v. 6, n. 4, p. 4-23, 2022.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança**. 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Penso Editora, 2015.



OS DESAFIOS NA CONQUISTA DE UM SONHO: UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Ana Erika Pereira Barreto Lourenço
Nednaldo Dantas dos Santos

No cenário da educação, cada conquista é tecida com os fios da resiliência e do amor ao saber. “Os Desafios na Conquista de um Sonho: Um Memorial de Formação”, escrito por Ana Erika Pereira Barreto Lourenço, é uma celebração da jornada de formação de uma professora da educação básica, marcada por desafios, superações e, acima de tudo, pela paixão em ensinar. Este memorial de formação nos conduz por uma trajetória profundamente humana, onde o sonho de se tornar educadora é entrelaçado com as vivências pessoais e o compromisso com a educação emancipadora.

Ana Erika nos apresenta uma narrativa poética e envolvente, onde cada seção resgata memórias que formam as bases de sua vocação. A infância, permeada de dificuldades, longe de ser um obstáculo, se transforma em solo fértil para a construção de uma profissional consciente e sensível às realidades de seus alunos. A autora, com uma visão crítica e reflexiva, nos conduz por suas experiências na educação básica e no ensino superior, desvelando o impacto que cada etapa de sua vida teve na construção de sua prática pedagógica.

Ao longo deste capítulo, somos convidados a reviver momentos em que o sonho parecia distante, mas que, com perseverança, foram superados. O caminho da educação é, muitas vezes, árduo, mas é também repleto de descobertas e de transformações. Nas palavras de Ana Erika, cada desafio foi um tijolo na construção de sua identidade como professora, uma mulher que encontrou na sala de aula o espaço para transformar vidas, assim como a sua foi transformada.

Esta apresentação, com seu tom motivacional, nos faz refletir sobre a beleza da docência, uma profissão que exige mais do que conhecimento técnico: exige o coração.



A obra de Ana Erika é um convite àqueles que, como ela, desejam se dedicar à educação básica, enfrentando os desafios com coragem e fé em um futuro melhor.

INFÂNCIA E O PASSADO ESQUECIDO: RESGATE DE MEMÓRIAS PASSADAS

A infância, frequentemente idealizada como um período de pureza e descoberta, é também um terreno fértil para a formação da identidade adulta. Sigmund Freud, em suas teorizações sobre o desenvolvimento humano, aponta para a infância como a fase onde se estabelecem as primeiras e mais influentes impressões sobre o mundo e sobre si mesmo (Freud, 1905). Portanto, resgatar memórias passadas dessa época pode ser uma ferramenta poderosa para entender as motivações, medos e desejos que orientam o comportamento adulto. Nesse contexto, o processo de rememoração não é apenas um ato de nostalgia, mas um exercício de introspecção e reconstrução do próprio eu.

Além disso, o processo de rememoração tem um valor inestimável na educação e na formação contínua. A educação é essencialmente um processo de reconstrução e reorganização da experiência que aumenta a capacidade de dirigir o curso subsequente da experiência (Leite, 2010). Ao recuperar e analisar as memórias da infância, indivíduos podem identificar os primeiros sinais de seus interesses e talentos, muitas vezes desviados ou esquecidos pelas demandas sociais e expectativas familiares. Portanto, o resgate dessas memórias não serve apenas ao autoconhecimento, mas também ao direcionamento profissional e pessoal, possibilitando uma vida mais alinhada com as inclinações naturais e as paixões originais da pessoa. Este tipo de reflexão é crucial para que a educação seja um processo verdadeiramente emancipatório, promovendo não apenas competências, mas também a felicidade e realização pessoal.

Buscando recuperar e analisar as memórias da minha infância, farei uma contextualização dos aspectos biográficos que se entrelaçam intrinsecamente com o contexto sociocultural e político do Nordeste brasileiro dos anos 1980, uma época marcada por intensas transformações e desafios sociais. Nasci em 09 de agosto de 1987, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, filha de uma jovem de dezoito anos,



originária do interior do Ceará. Minha mãe, uma mulher solteira, enfrentou a árdua tarefa de criar uma família sem o apoio paterno, uma realidade comum, mas profundamente desafiadora, naquela região e período.

Na década de meu nascimento foi um período de significativas transformações sociais e econômicas que impactaram diretamente a vida das mulheres, especialmente as mães solteiras. Durante essa época, a consolidação dos movimentos feministas nas décadas anteriores começou a surtir efeitos mais visíveis na sociedade, proporcionando às mulheres uma maior inserção no mercado de trabalho e uma voz mais ativa na busca por igualdade de direitos. No entanto, as mães solteiras enfrentaram desafios únicos e complexos. A falta de apoio institucional e social era uma realidade marcante, e muitas delas tinham que equilibrar suas responsabilidades profissionais e domésticas de forma solitária. O estigma social associado às mães solteiras, muitas vezes vistas como transgressoras das normas tradicionais, intensificava as dificuldades enfrentadas, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Nesse contexto, a década de 1980 pode ser vista como um período de contradições, onde avanços na igualdade de gênero coexistiam com persistentes desafios estruturais que impactavam desproporcionalmente as mães solteiras, evidenciando a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e de um suporte comunitário mais robusto para essa parcela da população.

Diante desse contexto, ser filha de uma mãe solteira com irmãos pequenos, fui levada a abrir mão de minha infância para cuidar de meus irmãos. Essa realidade, vivenciada em minha primeira infância, de assumir as responsabilidades de cuidado dos irmãos mais novos devido à condição de minha progenitora, com múltiplos filhos, é um fenômeno que merece atenção, especialmente na análise das dinâmicas familiares e seu impacto na formação e desenvolvimento infantil. No contexto dessa etapa de minha vida, as crianças frequentemente enfrentavam a necessidade de amadurecimento precoce, desempenhando papéis parentais que lhes exigiam habilidades e responsabilidades inadequadas para sua idade (Poleto; Wagner; Koller, 2004). A ausência de uma rede de apoio e a sobrecarga sobre as mães solteiras intensificavam essa situação, levando a uma inversão de papéis dentro do núcleo familiar. É importante refletir sobre as consequências



que a pressão para cuidar dos irmãos pode gerar no desenvolvimento psicológico e acadêmico da criança e como isso pode influenciar nas oportunidades de crescimento pessoal e profissional (Gomes, 2007). Além disso, essas experiências podem moldar a visão de mundo e as relações interpessoais dessas crianças, criando um ciclo de responsabilidades familiares precoces que se perpetuam por gerações. Assim, a necessidade de políticas públicas que ofereçam suporte adequado a famílias monoparentais é crucial para romper esses ciclos e proporcionar um ambiente mais saudável e propício ao desenvolvimento integral das crianças envolvidas.

Por outro lado, a chegada de um padrasto, João Ferreira, que assumiu o papel de figura paterna sem distinção entre filhos biológicos e adotivos, foi fundamental na minha formação. A gratidão e o amor que desenvolvi por ele foram essenciais para minha resiliência e determinação em buscar uma carreira na educação, inspirada por uma vida de desafios e superações. Este percurso reflete não apenas uma jornada pessoal, mas também uma narrativa comum a muitos nordestinos, que veem na educação uma possibilidade de reconstrução e emancipação pessoal e coletiva, ecoando a complexidade das relações sociais, culturais e econômicas que caracterizam a formação de indivíduos em contextos de adversidade.

Essas lembranças de minha infância me fazem refletir sobre os conceitos sobre a composição da família, abordados em alguns componentes curriculares, e que tem sido submetido a diversas reformulações, evidenciando a pluralidade de arranjos familiares na contemporaneidade. A definição abrangente de família hoje inclui desde a família nuclear tradicional, formada por pais e filhos residindo sob o mesmo teto, até configurações mais complexas como famílias monoparentais, unipessoais e extensas redes de parentesco biológico ou sociopsicológico. Essa diversidade reflete as mudanças nas estruturas sociais e nos papéis atribuídos aos indivíduos dentro desses agrupamentos (Glanz, 2005).

Nesse contexto, minha experiência pessoal ressalta a capacidade transformadora dos laços afetivos que transcendem as conexões biológicas. Crescer em uma família que me proporcionou amor e suporte incondicional nos momentos mais desafiadores da minha infância não apenas restituiu meu direito de sonhar e brincar, mas também me



ensinou o valor inestimável do respeito e do amor. Esses valores foram ~~cruciais~~ fundamentais em minha formação e na escolha profissional pela docência.

Essa perspectiva é particularmente relevante para a educação, pois como professora em processo formativo, minha trajetória e os valores aprendidos no seio familiar se tornam instrumentos pedagógicos que utilizo para moldar e inspirar futuras gerações.

RESGATE DE UM TERRITORIO DE APRENDIZAGENS

O resgate de um território de aprendizagens emerge como um instrumento vital na relação entre a vida cotidiana e a formação educacional, permitindo uma abordagem mais holística e integrada do conhecimento. A educação deve ser entendida como um processo de contínua reconstrução da experiência, onde a interação entre o indivíduo e o ambiente é fundamental (Cavaliere, 2002). Nessa perspectiva, o território de aprendizagens não se limita a espaços físicos, mas inclui também contextos sociais, culturais e emocionais que influenciam diretamente a forma como os indivíduos aprendem e se desenvolvem. A valorização de experiências vividas e o reconhecimento de saberes, no processo o formativo, potencializa a aprendizagem tornando um processo dinâmico e contextualizado, onde a teoria e a prática se entrelaçam continuamente.

Além disso, o resgate de um território de aprendizagens contribui para uma educação mais democrática e inclusiva, ao reconhecer a diversidade de experiências e conhecimentos presentes em diferentes comunidades (Freire, 1996). Dessa forma, o território de aprendizagens se configura como um espaço de encontro e diálogo, onde a educação ultrapassa os limites da sala de aula e se expande para o mundo, fortalecendo a relação entre o indivíduo e a sociedade.

Buscando resgatar as memórias, dos territórios de aprendizagens, retomei as vivências dos desafios superados na Educação Básica. Essa etapa, iniciada nos meus sete anos, teve como porta de entrada a Escola Estadual Professor Antônio Fagundes, situada



na zona norte de Natal/RN, onde cursei todo o meu primeiro grau, regido pela Lei de Diretrizes e Bases, Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 (Brasil, 1971).

O Sistema Público Educacional, é caracterizado por grandes disparidades regionais e sociais. Apesar de avanços a infraestrutura das escolas é frequentemente inadequada, especialmente nas áreas rurais e nas periferias urbanas, e a evasão escolar é um problema sério, com muitas crianças e adolescentes abandonando a escola devido à necessidade de trabalhar e contribuir para a renda familiar.

O abandono escolar de crianças na década de noventa para ingressarem no mercado de trabalho é um fenômeno multifacetado, evidenciando a interseção entre vida e formação em contextos socioeconômicos adversos. O número de crianças que trabalhavam naquele período ultrapassava 200 milhões em todo o mundo, muitas delas em condições perigosas, uma situação amplamente atribuída à pobreza e à falta de acesso à educação (Nhumaio, 2022). Esses jovens eram frequentemente compelidos a deixar a escola para contribuir financeiramente com suas famílias, um sacrifício que comprometia suas oportunidades futuras de desenvolvimento profissional e pessoal. Assim, o abandono escolar para trabalhar na década de noventa revela-se um dilema crítico entre a necessidade imediata de sobrevivência e a aspiração de uma formação que promova mobilidade social e melhor qualidade de vida.

Foi nesse contexto de disparidades regionais e sociais, característico do Sistema Educacional Brasileiro na década de 1990, que aprendi a ler e escrever com a professora Maria José. A utilização de materiais didáticos como a Cartilha do ABC e a Tabuada foram metodologias comuns nas salas que estudei. Lembro-me dos espaços e da infraestrutura escolar inadequada. Essas lembranças são acompanhadas com a memória de professores dedicados, como a professora Francisca, cujos conselhos e sabedoria deixaram uma marca indelével em minha formação. A relação estabelecida com esses educadores exemplifica a importância do papel docente na construção de trajetórias educacionais significativas, mesmo em contextos socioeconômicos adversos.

O ingresso na quinta série do primeiro grau, organização estabelecida pela Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, foi marcada pela mudança de escola e colegas. Com um



rendimento escolar bom, nos componentes curriculares, da matriz escolar daquele momento, fui vítima de um ambiente social hostil na escola, e a falta de acompanhamento familiar, devido à crença de que eu não precisava de supervisão. Isso acabou gerando um desestímulo e comportamentos de afastamento das atividades propostas.

A falta de acompanhamento dos pais no processo de aprendizagem e na vida escolar das crianças nesse período, em grande parte devido às longas jornadas de trabalho dos próprios pais, revela uma correlação preocupante entre as condições laborais e a formação educacional das gerações mais jovens. Conforme destaca Bronfenbrenner (1994), a ausência de suporte parental adequado pode resultar em dificuldades acadêmicas e comportamentais, já que os pais desempenham um papel ~~crucial~~ fundamental no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Estudos como os de Garbarino (1992) apontam que crianças de famílias onde os pais trabalham extensivamente fora de casa tendem a receber menos supervisão e apoio educativo, o que compromete seu desempenho escolar e, consequentemente, suas oportunidades futuras. Este cenário evidencia um ciclo vicioso onde a precariedade no ambiente de trabalho dos pais repercute diretamente na qualidade da educação e na formação das crianças, limitando suas possibilidades de ascensão social e perpetuando a desigualdade intergeracional. Assim, a relação entre o contexto laboral dos pais e o acompanhamento escolar dos filhos, nesse período, exemplifica como as dinâmicas socioeconômicas influenciam profundamente os processos de formação e desenvolvimento humano.

Em 2002, já no ensino médio e sob a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, fui desafiada, pelas questões sociais, a trabalhar custear minhas despesas pessoais e escolares. É importante estabelecer que a jornada de trabalho exaustiva dos jovens influência sua plena dedicação aos estudos.

A necessidade de jovens do ensino médio trabalharem na década de 2000, frequentemente resultante de pressões econômicas familiares, exerce uma influência significativa e, muitas vezes, prejudicial sobre seu rendimento acadêmico e processo de aprendizagem. De acordo com Corrochano e colaboradores (2008), jovens que conciliam trabalho e estudos tendem a apresentar maior nível de estresse e fadiga, fatores que



comprometem seu desempenho escolar e reduzem o tempo disponível para atividades acadêmicas e de lazer. A sobrecarga de responsabilidades pode levar à diminuição da motivação e do engajamento com a educação formal, conforme apontado por Caetano (2005), que identificou uma correlação entre a carga horária de trabalho e o aumento da taxa de abandono escolar. Além disso, o tempo e a energia dedicados ao trabalho dificultam a participação em atividades extracurriculares, essenciais para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas. Assim, a exigência de trabalhar durante o ensino médio, observada na década de 2000, evidencia uma interação complexa entre as condições de vida e a formação educacional, destacando a necessidade de políticas públicas que apoiem os jovens trabalhadores para minimizar os impactos negativos em sua trajetória educacional e desenvolvimento pessoal.

A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DA FASE ADULTA

A construção da autonomia na fase adulta é um processo complexo e multifacetado, especialmente relevante para aqueles que se dedicam ao campo da Educação. Segundo Freire (1996), a autonomia é um ato de liberdade e responsabilidade, essencial para a prática educativa. Em um curso de pedagogia, a formação dos educadores deve ir além do conhecimento técnico, promovendo um desenvolvimento pessoal que inclua a capacidade de pensar e agir de forma independente. Essa autonomia é crucial, pois o educador autônomo é capaz de tomar decisões informadas e críticas, adaptar-se às mudanças e inovar em sua prática, contribuindo significativamente para o avanço do processo educativo e para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

A relação entre vida e formação em um curso superior se evidencia na medida em que a construção da autonomia permite que os futuros docentes integrem suas experiências pessoais e profissionais. É diante desse contexto, que em muitos momentos, busco retomar vivências de minha transição para fase adulta. É claro que as memorias, de minha juventude, resgatam a necessidade que tive de ingressar no mercado de trabalho ainda em idade escolar. A necessidade de trabalhar limitou consideravelmente a continuidade dos meus estudos. Concluí o ensino médio aos dezessete anos com muito



esforço e determinação, pois, como sabemos, conciliar trabalho e estudo não é tarefa fácil. A falta de recursos financeiros impediu a realização do sonho de ingressar em uma faculdade de engenharia, apesar das repetidas tentativas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

As dificuldades enfrentadas por jovens no ensino médio para concluir os estudos na idade correta e serem aprovados no ENEM, quando precisam trabalhar, revelam uma relação complexa entre vida e formação, exacerbada por desafios socioeconômicos. O acúmulo de responsabilidades trabalhistas e escolares frequentemente resulta em jornadas exaustivas, que comprometem o tempo disponível para estudo e descanso, elementos cruciais para um desempenho acadêmico satisfatório (Santana; Silva; Guimarães, 2015). Estudos de Rocha (2010) indicam que jovens trabalhadores apresentam taxas mais altas de atraso escolar e menor probabilidade de sucesso em exames de alta relevância, como o ENEM, devido à sobrecarga e ao estresse contínuo. Essa situação perpetua um ciclo de desvantagem socioeconômica, onde a necessidade de contribuir financeiramente com a família impede o pleno aproveitamento das oportunidades educacionais.

Em 2006, em meio aos desafios superados em minha jornada escolar, finalmente obtive a nota necessária para ingressar no curso de graduação e licenciatura em pedagogia. No entanto, descobri que estava grávida e tive que adiar esse sonho. A maternidade aos vinte anos trouxe uma reviravolta significativa na minha vida. Como jovens sem emprego fixo, meu parceiro e eu enfrentamos grandes desafios para criar nosso filho. As dificuldades enfrentadas por jovens que precisam equilibrar o trabalho, a paternidade e a formação acadêmica refletem uma interseção desafiadora entre vida e educação, agravada por fatores socioeconômicos. A necessidade de prover financeiramente para seus filhos, combinada com as demandas de um emprego e a tentativa de continuar os estudos, gera um cenário de estresse e exaustão, comprometendo significativamente o desempenho acadêmico e o desenvolvimento pessoal (Uvaldo, 2012). Além disso, a falta de apoio institucional e políticas públicas eficazes para jovens pais trabalhadores intensifica essas dificuldades, criando barreiras adicionais à sua formação.



Com o nascimento de minha filha, e com a determinação de ofertar melhores condições ao seu cuidado, consegui um emprego formal em uma fábrica de costura, apesar de não ter nenhuma experiência na área. Enfrentei dificuldades e humilhações, mas com a ajuda de uma colega, prestes a se aposentar, desenvolvi as competências necessárias para minha permanência nessa empresa por quatro anos.

Em 2014, minha trajetória profissional tomou um novo rumo quando comecei a trabalhar em uma escola como merendeira. Embora não fosse professora, sentia-me uma educadora e desempenhava meu trabalho com dedicação e excelência. Essa vivência, no espaço escolar, ampliou meu desejo de estar em sala de aula. Com o tempo surgiu a oportunidade de atuar no projeto Mais Educação. Essa oportunidade em atuar como monitora do programa me habilitou em participar do processo seletivo para o ingresso no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy.

Em 2020 tive a oportunidade de alcançar uma das grandes conquistas de minha fase adulta que foi ingressar no curso superior. Esse percurso ilustra a importância da fase adulta para a formação de uma professora, destacando a resiliência e a capacidade de adaptação necessárias para superar obstáculos socioeconômicos e culturais. A construção da autonomia e da identidade profissional é essencial para o desenvolvimento de educadores comprometidos e preparados para enfrentar os desafios da educação contemporânea.

O CURSO SUPERIOR E A TRANSFORMAÇÃO ACADÊMICA

O curso superior desempenha um papel fundamental na transformação de uma mulher e mãe, sendo um instrumento crucial para relacionar vida e formação profissional. De acordo com Freire (1996), a educação deve ser um ato de liberdade, promovendo a autonomia e a capacidade crítica dos educandos. Nesse sentido, o curso de pedagogia, ofertado no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, oferece uma formação que vai além do domínio técnico, incentivando o desenvolvimento de habilidades reflexivas e autônomas. A integração das experiências pessoais dos estudantes com o conteúdo acadêmico fortalece a construção de uma identidade profissional sólida e



consciente, capaz de inovar e adaptar-se às exigências contemporâneas da educação. Assim, a formação pedagógica promove não apenas o aprimoramento técnico, mas também a transformação pessoal, permitindo que os futuros educadores se tornem agentes ativos de mudança em suas comunidades.

A transformação acadêmica proporcionada pelo curso de pedagogia também está intrinsecamente ligada ao contexto social e cultural dos estudantes. Segundo Mendes e colaboradores (2012), a educação de adultos deve ser centrada no aprendiz, valorizando suas experiências prévias e promovendo um aprendizado autodirigido. No contexto de um curso superior, essa abordagem permite que os estudantes relacionem suas trajetórias de vida com os desafios e práticas pedagógicas, enriquecendo o processo educativo. A formação em pedagogia, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, não apenas prepara os educadores para o exercício de sua profissão, mas também fortalece seu compromisso com a equidade e a justiça social, essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática. Dessa forma, o curso superior se configura como um espaço de transformação acadêmica e pessoal, onde a vida e a formação se entrelaçam para formar educadores comprometidos e preparados para enfrentar os desafios da educação no século XXI (De Souza; De Sousa; De Freitas Moreira, 2016).

Em 2019, aos trinta e dois anos, passei no processo seletivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, e mais uma vez enfrentei uma escolha difícil: realizar meu sonho de cursar uma graduação ou manter meu casamento. Optei pela primeira opção, ciente de que cada ser humano tem o direito de escolher seu caminho e que, por mais radical que pareça, essa decisão deve ser respeitada.

A escolha da mulher entre o casamento e a busca pelo curso superior revela uma dinâmica complexa entre vida pessoal e formação acadêmica, amplamente influenciada por normas sociais e expectativas culturais. Segundo pesquisa de Silva e Lima (2017), muitas mulheres enfrentam a pressão de priorizar o casamento e a formação de uma família sobre suas aspirações educacionais, uma decisão que frequentemente resulta na interrupção ou abandono dos estudos superiores. Essa escolha pode ser entendida no contexto das construções sociais de gênero, que historicamente relegam às mulheres a



responsabilidade primária pelos cuidados domésticos e familiares (Domingos, 2021). Além disso, estudos de De Fátima Fernandes e Colaboradores (2019) indicam que mulheres casadas tendem a enfrentar desafios adicionais, como a divisão desigual do trabalho doméstico e a falta de suporte para continuar sua educação, fatores que limitam suas oportunidades de desenvolvimento profissional e pessoal. Portanto, a decisão entre o casamento e o curso superior não é meramente uma questão de preferência individual, mas sim uma reflexão das estruturas sociais que moldam as oportunidades e limitações enfrentadas pelas mulheres.

Contudo, o primeiro dia de aula foi marcado por uma alegria imensa, pois representava o início de um sonho muitas vezes adiado. No entanto, 2020 trouxe desafios inesperados com a pandemia da COVID-19. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, altamente transmissível e de alcance global. Para nós, estudantes e professores, foi necessário reinventar a forma de educar, adotando aulas remotas por dois anos. Essa modalidade, só é eficaz se considerar os níveis e estilos de aprendizagem dos estudantes, refletindo as melhores práticas da sala de aula física (De Oliveira Benício; Vaz; Pelicioni, 2021). Durante esse período, muitos colegas não conseguiram se adaptar, mas, finalmente, em 2022, com a pandemia controlada, retornamos às aulas presenciais.

O retorno às aulas presenciais em 2022 trouxe muitas incertezas e curiosidades, além da oportunidade de conhecer pessoalmente colegas e professores. Iniciamos com o primeiro Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil, uma etapa essencial para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas como planejamento, gestão de sala de aula e avaliação (Tardif, 2014). Inicialmente, senti insegurança sobre alcançar os objetivos do estágio, mas com a orientação dos professores Nednaldo Dantas dos Santos e Mariza Silva de Araújo, consegui desempenhar minhas funções com sucesso. Este estágio foi fundamental para aplicar teorias e práticas aprendidas no curso, revelando a complexidade e a realidade de uma sala de aula. A experiência na Educação Infantil destacou a importância da criatividade e da flexibilidade ao trabalhar com crianças, sendo essencial para minha formação docente.



Durante o meu segundo estágio, realizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) devido às minhas responsabilidades de trabalho, enfrentei novos desafios. Estagiar com estudantes que trazem uma vasta experiência de vida e que muitas vezes retornaram à escola em busca de novas oportunidades foi extremamente enriquecedor. Essa modalidade de ensino desempenha um papel crucial na promoção da equidade e na luta contra a exclusão social, fortalecendo a cidadania e a participação plena na sociedade. Paulo Freire (2013) defende a educação como um espaço de diálogo, autonomia e conscientização, libertando os indivíduos das amarras sociais e históricas. A experiência na EJA me proporcionou reflexões críticas sobre a educação, demonstrando que todos têm algo a ensinar e que, como professores, não somos detentores de todo o conhecimento. Aprendi tanto com esses estudantes quanto eles comigo, desempenhando meu papel com objetividade e humanidade. A vivência no ensino superior, especialmente nas modalidades de estágio, mostrou-se fundamental para a formação de uma professora consciente e comprometida com a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de formação relatada neste memorial evidencia os desafios enfrentados na conquista de um sonho, destacando a resiliência e a determinação necessárias para alcançar a graduação em pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), em Natal, RN. Cada etapa do percurso acadêmico foi marcada por obstáculos significativos, desde a conciliação entre trabalho e estudo até a adaptação ao ensino remoto durante a pandemia da Covid-19. Freire (1996) nos lembra que a educação é um ato de liberdade, e essa jornada ilustra como a busca pela educação pode transformar vidas, permitindo que o indivíduo se liberte das limitações impostas pelo contexto socioeconômico e cultural. A superação dessas dificuldades não só reforçou a capacidade de enfrentar adversidades, mas também contribuiu para a construção de uma identidade profissional sólida e comprometida com a prática pedagógica.

A experiência no curso de pedagogia, especialmente através dos estágios supervisionados na Educação Infantil e na Educação de Jovens e Adultos (EJA),



proporcionou uma formação rica e diversificada, essencial para a prática docente. Segundo Tardif (2014), o estágio é fundamental para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas, como planejamento, gestão de sala de aula e avaliação. Essa formação prática permitiu a aplicação das teorias aprendidas em sala de aula em contextos reais, reforçando a importância da criatividade, da empatia e da flexibilidade na prática educativa. Além disso, o contato com a EJA trouxe uma compreensão mais profunda das questões sociais e culturais que influenciam a educação, destacando a necessidade de uma abordagem pedagógica inclusiva e adaptativa, conforme defendido por Paulo Freire (2013).

Para as próximas etapas após a conclusão do curso de graduação em pedagogia, é essencial continuar investindo na formação contínua e no desenvolvimento profissional. A participação em programas de pós-graduação, cursos de especialização e seminários educativos pode ampliar o conhecimento e a competência pedagógica, fortalecendo a capacidade de inovar e enfrentar novos desafios educacionais. Além disso, a atuação em projetos sociais e comunitários pode proporcionar uma compreensão mais ampla das realidades educacionais e contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais justas e inclusivas. Dessa forma, a formação adquirida no IFESP se torna um alicerce sólido para futuras conquistas, permitindo que o educador continue a crescer profissionalmente e a exercer um papel transformador na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRONFENBRENNER, Urie et al. Modelos ecológicos de desenvolvimento humano. **Enciclopédia internacional de educação**, v. 3, n. 2, p. 37-43, 1994.

CAETANO, Lucília. Abandono escolar: repercussões sócio-económicas na região Centro. Algumas reflexões. **Finisterra**, v. 40, n. 79, 2005.



CARRILHO, Maria de Fátima Pinheiro et al. Diretrizes para a elaboração do memorial de formação. **Metodologia do trabalho científico. Natal: IFP/URRN**, 1997.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira? **Educação; Sociedade**, v. 23, p. 247-270, 2002.

CORROCHANO, Maria Carla et al. **Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas**. 2008.

DE FÁTIMA FERNANDES, Maria Neyrian et al. Assédio, sexismo e desigualdade de gêero no ambiente de trabalho. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca**, v. 14, n. 1, p. 237-253, 2019.

DE LIMA, Flaviane Izidro Alves et al. A influência da construção de papeis sociais de gênero na escolha profissional. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p. 33-50, 2017.

DE SOUSA, Gilton Sampaio; DE SOUSA, Maria do Socorro Cordeiro; DE FREITAS MOREIRA, Marília Cavalcante. A educação como espaço de superação de "indiferença e discriminação social": argumentação e identidades em depoimento de uma professora universitária. **identidade!** v. 21, n. 1, p. 80-90, 2016.

DE OLIVEIRA BENÍCIO, Lucas Alencar; VAZ, Ismael Fabricio; PELICIONI, Bruno Barboza. A importância do uso das TICS no processo de ensino-aprendizagem frente à Pandemia do novo Coronavírus (COVID-19). **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 10294-10300, 2021.

DOMINGOS, Suzane Carvalho. A posição desvantajosa das mulheres negras na divisão sexual do trabalho e nos cuidados domésticos no âmbito familiar. **Revista Contraponto**, v. 8, n. 3, 2021.

FORATO, Thaís Cyrino de Mello. **A natureza da ciência como saber escolar: um estudo de caso a partir da história da luz**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 2014.

FREUD, Sigmund. A sexualidade infantil. **Tres ensayos sobre una teoría sexual**, 1905.

GARBARINO, James. O significado da pobreza no mundo das crianças. **Cientista comportamental americano**, v. 35, n. 3, p. 220-237, 1992.

GOMES, Nadielene Pereira et al. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, p. 504-508, 2007.

GLANZ, Semy. **A Família mutante. Sociologia e direito comparado: inclusive o novo Código Civil brasileiro**. Rio de Janeiro: Renovar, 2005.



LEITE, Lidiane da Silva Moreira. JOHN DEWEY: A Experiência como condição do Processo Educativo. **Revista Empório**, n. 3p, p. 12-26, 2010.

MENDES, Mônica Campos et al. Andragogia, Métodos e Didática do Ensino Superior: Novo Lidar com o Aprendizado do Adulto Na EAD. **Revista Gestão; Saúde**, v. 3, n. 1, p. 1366-1377, 2012.

NHUMAIO, Luís Francisco. **Análise da relação entre o trabalho infantil e abandono escolar: caso das crianças que vendem no Mercado Xiquelene, cidade de Maputo**. 2022.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea**, v. 1, p. 47-62, 2007.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea**, v. 1, p. 47-62, 2007.

POLETTO, Michele; WAGNER, Tânia Maria Cemin; KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 20, p. 241-250, 2004.

ROCHA, Luciane da. **Evasão escolar no ensino médio noturno**. 2010.

SANTANA, Maria Rosangela; SILVA, Braz Ribeiro; GUIMARÃES, Maria Ivone Pereira. As causas e consequências da evasão escolar na educação de jovens e adultos. **Revista Científica Semana Acadêmica, Fortaleza**, n. 74, p. 1-13, 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

TROIAN, Izadora Chagas. **Memorial em sala de aula: um olhar sistêmico-funcional para gêneros autobiográficos**. 2018.

UVALDO, Maria da Conceição Coropos et al. Síntese das discussões e propostas do grupo de trabalho: Interfaces entre a orientação profissional, educação e psicologia escolar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 13, n. 1, p. 125-128, 2012.



PERSISTÊNCIA, RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA: MEMÓRIAS DA MENINA LOUCA

Elizabete Nogueira da Silva
Anne Charlyenne Saraiva Campos

Há histórias que se entrelaçam com os ventos do tempo, carregando nos ombros a força da resistência e o brilho da resiliência. No capítulo “Persistência, Resistência e Resiliência: Memórias da Menina Louca”, Elizabete Nogueira da Silva nos apresenta uma narrativa que transcende as barreiras do ordinário, transformando a trajetória de uma vida dedicada à educação em uma sinfonia de superação. Como professora da educação básica, cada passo dessa jornada ecoa com a voz de quem persiste em meio às adversidades e encontra, na sala de aula, o cenário onde seus sonhos se realizam.

Elizabete nos conduz por memórias que desenham, com delicadeza e força, os traços de uma menina rotulada de “louca” por seus comportamentos distintos, mas que, em sua teimosia e coragem, desafiou as convenções para construir sua própria história. Através de cada página, sentimos o pulsar do seu coração batalhador, que não se deixou abater pelas dificuldades impostas pela vida, seja pelas limitações financeiras ou pelas exigências sociais. A menina louca, que muitos acreditavam ser frágil, cresceu e floresceu, e hoje, como professora, transforma as vidas de seus alunos com a mesma energia que um dia a fez lutar por seu lugar no mundo.

Esta obra nos inspira a refletir sobre a importância de acreditar no poder dos sonhos e no valor da educação como ferramenta de mudança. Elizabete, com sua narrativa envolvente e rica em detalhes, nos faz mergulhar em suas memórias, revelando que ser professor não é apenas uma profissão, mas um chamado, uma missão. A cada obstáculo superado, a autora nos lembra que o processo formativo é contínuo, e que é na persistência que encontramos a verdadeira essência de quem somos e do que podemos alcançar.

Assim, este capítulo é mais do que um relato; é um tributo àqueles que, como Elizabete, resistem, persistem e se reinventam, trazendo luz e esperança para a educação.



Que suas memórias nos sirvam de exemplo, e que a “menina louca” continue a inspirar novas gerações a acreditar que, com coragem e determinação, qualquer sonho pode ser conquistado.

TRAÇOS DA MINHA INFÂNCIA

A infância é um período crucial no desenvolvimento humano, sendo frequentemente descrita como a fase em que se formam as bases emocionais, cognitivas e sociais do indivíduo.

Durante minha infância, experiências marcantes como a convivência com a família, a exploração do ambiente natural e a interação com amigos desempenharam um papel significativo na minha formação. Essas vivências não só moldaram minha personalidade, mas também influenciaram minha trajetória acadêmica, proporcionando uma compreensão mais profunda de mim mesmo e do mundo. Através do brincar, que Vygotsky (1978) identifica como uma atividade central no desenvolvimento infantil, pude desenvolver habilidades essenciais como a criatividade, a resolução de problemas e a cooperação.

Esses traços da infância são perceptíveis na maneira como encaro desafios acadêmicos e profissionais. A curiosidade despertada nas brincadeiras e nas explorações naturais se transformou em uma paixão pela pesquisa e pela descoberta científica. Assim, ao refletir sobre minha trajetória, fica evidente que as experiências infantis não apenas contribuíram para minha formação pessoal, mas também estabeleceram um alicerce sólido para minha carreira acadêmica.

Nesse sentido, essa seção busca desvelar e refletir sobre as minhas memórias de infância e como estas influenciaram meu processo formativo. Recordo de boas memórias de minha infância: as brincadeiras, os amigos, a liberdade do local em que morávamos para correr e brincar na rua, banho de rios, lagoas, subir em árvores; e aquelas que considero não tão boas: violência doméstica, moradia indigna, não havia banheiro para



necessidades básicas, a alimentação era restrita, nem mochila tínhamos para ir à escola, assim como, o material escolar.

Todas essas lembranças vêm em forma de um labirinto, percorrendo caminhos, um jardim repleto de flores e espinhos.

Venho de uma família com condições financeiras limitadas, no que se refere às condições financeiras, sou a quarta, dos seis filhos (o primeiro filho faleceu com oito dias de vida devido a problemas de saúde). Elisângela, Fábio, Eu, Flávio e Érika, morávamos em uma casa cedida por meu bisavô paterno Francisco Nogueira, meus pais, Maria da Conceição e Enival Nogueira são agricultores, não concluíram o antigo primário, nomenclatura utilizada para o Ensino Fundamental - Anos Iniciais, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 (Brasil, 1961), mas sempre incentivaram, de alguma maneira, os cinco filhos a estudarem e isso nunca foi motivo de desistência ou falta de vontade de ir à escola.

Com o comportamento diferente dos meus irmãos, sinto que isso despertava a rejeição de algumas pessoas, gritava e chorava muito principalmente quando minha mãe precisava sair, eu memorizava a roupa que vestia na saída e ficava esperando em frente de casa para ir encontrá-la ao voltar, medo de quase todos os tipos de animais (cachorro, gato, galinha), e com isso, as familiares diziam que eu era “doida/louca” e por isso meus pais precisavam me bater, como forma de corretivo ou que talvez me “curasse” dessa loucura. Essa expressão ainda é um termo incompreendido da minha parte.

Hoje, trato de uma forma mais poética, refletindo um pouco da música “Maluco Beleza (1978)[56]” do cantor Raul Seixas “[...] eu do meu lado aprendendo a ser louco, um maluco total, na loucura real[...]”, ao qual me identifico na personalidade que tenho.

Meus pais saíam para a horta bem antes do amanhecer e, como não havia creche na localidade, deixavam minha irmã mais velha responsável pelos irmãos e pela casa. As palavras de Elisângela tinham a mesma autoridade que as dos nossos pais, e nós devíamos

[56] Composição em conjunto com Claudio Roberto.



obedecer a todas as suas instruções. Assim, uma criança assumia a responsabilidade de cuidar de outras quatro.

Naquele período, nossa dependência do rio era essencial para quase todas as necessidades domésticas: tomar banho, lavar roupas e louças e até mesmo cozinhar. Minha mãe relata que, por volta de 1982, o governo construiu um poço em um terreno particular de um dos nossos parentes, um reservatório circular com torneiras ao redor. Apenas em 1988, a água encanada chegou à nossa comunidade, o que melhorou significativamente as condições de vida dos moradores.

Acrescido a essas lembranças de minha família é possível reviver algumas memórias do início de minha vida escolar, tive muitos professores que me marcaram de maneira incomparável, e que hoje, carrego um pouco de cada um na profissional que me tornei.

Não havia escola ofertando com educação infantil na época em que eu era criança, as ações nas creches para menores de cinco anos eram apenas voltadas ao cuidar. Buscando contemplar, essa carência, foi construída uma casa na comunidade onde os pais deixavam as crianças para serem cuidadas enquanto trabalhavam, nessa casa duas mulheres cuidavam de nós, uma cuidava do banho, brincava conosco e a outra fazia a comida, ao final do dia voltávamos pra casa.

Somente com a promulgação da Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, foi ofertada como uma ação dos governos de forma a garantir o desenvolvimento integral da criança (Brasil, 1996).

Comecei a estudar aos seis anos de idade, na Escola Municipal Professora Lourdes Godeiro, localizada na comunidade do Gramorezinho, zona norte de Natal/RN, em um espaço composto por apenas duas salas de aula. O acesso à escola era uma rua de barro, onde conhecemos atualmente a Avenida Moema Tinoco da Cunha Lima. Os professores conheciam todos os estudantes, nos chamavam às vezes até mesmo pelo apelido[57], a

[57] Dicionário Aurélio: Nome particular usado no lugar do nome próprio.



diretora Dona Severina, diversas vezes me buscava na porta de casa. É neste momento que, por um segundo me transporto para aquela época, a saudade toma conta de mim.

Recordo-me que ainda na pré-escola, ao recusar-me a participar de uma brincadeira de roda, a professora me colocou de castigo de frente para a parede, essa foi a experiência mais dolorosa desse período. Essa atitude tomada por ela, faz-me refletir sobre o direito de escolha que a criança outrora não tinha, como também o autoritarismo, forma que muitos professores costumavam tratar os estudantes.

Em relação a essa temática, compactuo com as palavras de Freire (1996) no que se refere a "autoridade docente mandonista[58], rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se" (Freire, 1996, p. 92-93). Atualmente na minha prática pedagógica, procuro conversar e ponderar com meus estudantes a respeito do direito, de brincar ou não, como uma escolha, ao qual deve ser respeitada, todavia, percebo a legitimidade das ações pedagógicas da época, em que o estudante ouvia os comandos e apenas teria que obedecê-los.

Em conformidade com este assunto o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (Brasil, 1998, p. 29) reconhece a ação do brincar como algo particular, e apresenta que:

> Para isso, o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades, assim como a diversidade de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc. das crianças com as quais trabalha respeitando suas diferenças e ampliando suas pautas de socialização.

Hoje compreendo que o brincar para a criança, deve ser algo espontâneo, que desperte a criatividade e a imaginação, que cabe ao professor fazer essa oferta e até mesmo a escolha de não brincar no momento é um direito de cada estudante. Acredito que esse fato tenha sido algo isolado, visto que as marcas que deixou não me impediram

[58] Dicionário Aurélio: Que tende a mandar em quaisquer situações, geralmente, utilizando-se de prepotência e/ou do uso exagerado do poder.



ou traumatizaram ao ponto de recusar-me a participar futuramente de outros momentos recreativos.

Lembro-me das brincadeiras na hora do recreio: bambolê, elástico, pula corda, esconde-esconde e bandeirinha, eram atividades sem quaisquer orientação ou intervenção pedagógica. De acordo com as orientações do RCNEI para a realização das atividades na Educação Infantil, éramos livres para "criar, imaginar, correr, pular e assim a brincadeira fluía, como uma forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil" (RCNEI, 1998, p. 13), ainda assim, faz-se necessário a orientação do professor, como uma forma de assegurar "o respeito às diferenças individuais de cada criança" (RCNEI, 1998, p. 13) buscando a interação e socialização por igual entre as crianças.

Ainda assim, com a liberdade em criar as brincadeiras e aproveitar todas as oportunidades que tínhamos naquele momento, havia uma situação problema, no momento da organização eu sempre era a última a ser escolhida para o time da brincadeira, já que para alguns dos meus amigos, eu estava fora dos "padrões": era baixinha e gordinha. Hoje, atuando como profissional da educação, percebo que muitos dos direitos garantidos por lei nos documentos oficiais, não eram respeitados tanto em sala de aula, quanto nos diversos espaços da escola.

O *bullying*[59] , a discriminação e o desrespeito a diversidade racial sempre me acompanharam desde a infância. Chamada de "louca" como diziam que eu era, e até mesmo a cor da pele e o cabelo crespo. Mesmo com o decorrer dos anos, passando pela adolescência e quase na fase adulta, ainda assim, sempre soube resolver, mas não me impediu de querer adequar aos padrões que a sociedade impunha, mesmo sendo a contragosto.

Foi então que, por incentivo da minha avó paterna Maria Nogueira, que aos doze anos decidi alisar o cabelo, supostamente como uma forma de suavizar toda a exclusão que faziam comigo. Ao que me parece, com esta ação, fui aceita no grupo de amigos sem ser deixada de lado ou ser excluída.

[59] Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: Conjunto de maus-tratos, ameaças, coações ou outros atos de intimidação física ou psicológica exercido de forma continuada sobre uma pessoa considerada fraca ou vulnerável



E isso me acompanhou até os trinta e sete anos de idade, quando realmente me descobri e aceitei ser NEGRA, e me desprender de um passado traumático, e me aceitar como realmente sou.

Nem só de tristeza e problemas atravessou minha infância e adolescência. A menina louca do mato, adorava aquele lugar, a escola e a rua de barro. Aproveitei de todas as formas a minha infância, da maneira que me coube, com as dificuldades que passamos na família, fui feliz.

Quando concluí o primário, a antiga 4ª série, atualmente segundo a Lei 9394/96 (Brasil, 1996) o Ensino Fundamental - Anos Iniciais, estabelece a duração de 9 anos para o ensino fundamental com matrícula obrigatória a partir dos 6 anos de idade. É o momento de explorar novos caminhos: “o tão sonhado ginásio”, embora não corresponda a uma etapa de ensino da Educação Básica, mas era dessa maneira que se referiam ao Ensino Fundamental - Anos Finais. Só quem viveu aquela época entende tudo isso, começava a 5ª série. Tudo era muito diferente, parecia um novo mundo. Me sentia deslocada, como aquilo me assustava.

Por diversas vezes, tinha vergonha do lugar de onde vinha, tinha medo das pessoas debocharem por ser uma simples comunidade rural, os meus colegas me viam entregando a mercadoria (hortifruti) nos mercados e zombavam de mim durante a aula, aquilo me constrangia, todavia hoje não mais.

Com o passar do tempo, fui me adaptando, conhecendo novos amigos, conquistei um espaço, aprendi a superar as dificuldades, inclusive a de chegar até a escola que era muito distante da minha casa, tinha que andar bastante a pé.

Ao chegar na 8ª série, hoje correspondente ao 9º ano, foi outro momento de dar passos importantes, decisivos e de fazer escolhas para o Ensino Médio, para isso, tive minha irmã mais velha como referência principal, e decidi que também iria cursar o Magistério. A mudança dessa vez foi mais forte, inclusive no horário de estudo, agora estudaria no noturno, pois tinha que trabalhar durante o dia para ajudar a família. A partir daí, aconteceram os primeiros passos da profissão que queria seguir, e do que eu sabia fazer de melhor: estar em sala de aula, ser professora.



O GRANDE SONHO DO MAGISTÉRIO

Começa aqui a trajetória e descoberta de uma docente e o crescimento de uma mulher corajosa e inconformada com as injustiças encontradas no dia a dia, sempre questionadora, confrontava e dialogava com os professores quando preciso.

Iniciei o Magistério (modalidade do Ensino Médio profissionalizante) em 1999, fiz essa escolha por dois motivos, o primeiro já mencionado na seção anterior, inspirando-me na minha irmã mais velha que também cursava, e o outro é a dificuldade que sempre tive para resolver cálculos mais complexos, foi uma maneira de "fugir" da matemática, já que a partir do segundo ano do curso, seriam componentes específicos voltados para a docência.

Lembro de diversos momentos dessa época. Neste instante, veio à mente um deles, a participação no concurso de poesia que aconteceu na escola, no qual ganhei em primeiro lugar e no ano seguinte, fiquei em segundo lugar. Com os componentes curriculares, foi possível ter o primeiro contato com a prática de ensino por meio do Estágio Supervisionado, realizando-o na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Foi uma experiência única e tive a oportunidade de revivê-la posteriormente nos cursos de graduação.

Recordo-me da componente curricular Didática Geral, na época, pela imaturidade talvez, não compreendia a importância de ambos para a formação do professor, após cursar a graduação pude entender a relevância que apresentam, pois auxiliam o docente a desenvolver métodos de ensino para melhor aprendizagem dos educandos.

No ano 2000, recebi a proposta da professora de Literatura para trabalhar na escola em que ela era proprietária, ao qual minha irmã mais velha já trabalhava. Aprendi muito nesse período de maneira dolorosa, no entanto foi a peça-chave para a construção da profissional que me tornei.

Era uma época muito complicada, as dificuldades que encontrava eram diferentes: trabalhar durante o dia e estudar à noite, morar longe da escola e do trabalho, sempre ir e voltar a pé e cursar o Ensino Médio, e ao mesmo tempo ter que cumprir as demandas do



trabalho, que eram enormes. Ainda assim, consegui concluir mais uma etapa da minha formação, permaneci trabalhando na instituição dessa professora por seis anos e comecei uma jornada de lutas e conquistas profissionais.

DA FRUSTRADA PEDAGOGIA À CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Incentivada pela gestora da escola em que trabalhava, juntamente com os demais professores que ainda não tinham o curso superior em pedagogia. No ano de 2005 iniciei o curso de graduação em uma instituição privada, a Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, vinda do estado do Ceará em parceria com o estado do Rio Grande do Norte como incentivo na formação de profissionais na área de educação, o pólo que podíamos estudar ficava no município de São Gonçalo do Amarante, localizado na região Metropolitana da cidade de Natal, e futuramente exigiria o cumprimento da lei em vigor, a Lei 9394/96 (Brasil, 1996) que só permitiria lecionar quem fosse graduado no Ensino Superior, no meu caso no Curso de pedagogia.

> Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017).

Ao mesmo tempo em que fomos incentivados a fazermos um curso superior, seis meses depois, a dona de escola pediu para trancarmos o curso, alegando necessitar da presença dos funcionários aos sábados (dia em que tínhamos aula do curso de Pedagogia), para realizarmos os planejamentos para a semana seguinte, a limpeza da instituição e quando necessário os preparativos para festas e eventos de datas comemorativas. Nesse momento, fui a única que decidiu não largar tudo, o que foi considerado como um afronte por parte das proprietárias.

Após recusar a trancar a matrícula, me incentivaram a estudar em um outro pólo da Universidade, no entanto ficava distante de onde morava e tinham poucas opções de



transporte público. Outra razão de não aceitar esta proposta, foi o fato do meu desejo a princípio ser cursar Letras – Língua Portuguesa ou História, ambos licenciatura.

Embora inicialmente não tivesse o desejo em cursar Pedagogia, após todo esse tempo exercendo a docência (desde os dezesseis anos) confesso que hoje não me vejo fazendo outra coisa, a não ser essa profissão que tanto amo, atuar em sala de aula como professora, ser Pedagoga.

Esta ação de não desistir, resultou em muitos conflitos dentro do ambiente de trabalho, atingiram minha irmã que também trabalhava na escola. Sofri inúmeros assédios: gritos das proprietárias e o maior problema era não ter a carteira de trabalho assinada, nem garantia de direitos trabalhistas (mesmo sendo menor de idade).

Em 2006, decidi dar um basta a tudo aquilo que vinha sofrendo, fiz uma denúncia ao sindicato das escolas particulares. Não pedi sigilo ao realizar a denúncia, e no dia em que a carta chegou à instituição, a gestora assustou-se por ter partido de mim, dizendo que jamais esperaria que eu fizesse aquilo, pois tinha a mim como uma filha. Fizemos um acordo trabalhista, assinaram minha carteira com data retroativa a 2005, e em seguida pedi demissão. Mais uma vez me vi desafiada a enfrentar, agora o primeiro desemprego e “andar com minhas próprias pernas” a procura de um novo trabalho.

A frustração veio logo adiante, estava desempregada, com as parcelas do curso atrasadas tendo dificuldade para continuar pagando a mensalidade da Instituição. Ao final do curso em 2008, não pude apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC por causa das parcelas em atraso. Fiquei entristecida, pois batalhei tanto por aquele curso e nem ao menos tinha o diploma.

Em 2010, fiz o Processo Seletivo (método de ingressar na Universidade Pública na época) para a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, no curso de Ciências da Religião. Minha intenção inicial, era ter ao menos uma graduação, já que cursar de Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN estava mais difícil e assim continuaria exercendo a minha profissão.



Porém os desafios de uma pessoa que trabalha durante o dia e estuda a noite são incontáveis: cansaço, espera e utilização do transporte público precários, demandas do trabalho e estudo ao mesmo tempo, aconteceu assim a primeira reprovação da minha vida nos estudos.

No começo, não era bem o que queria, fui gostando do curso com o passar do tempo. Construí amizades e com muito esforço, em 2011 entrei para o grupo de pesquisa Saberes da prática docente no contexto do Ensino Religioso: entrecruzando a multidisciplinaridade, leituras e experiências na construção de identidade docentes, no período de 2011 a 2012, por convite da professora Araceli Sobreira, participei do Programa Institucional de Monitoria, nas disciplinas de Oficina de Pesquisa e Ensino e Produção Textual, em seguida como bolsista voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ.

Ainda pelo grupo de pesquisa, participei da IV Semana de Estudos, Teorias e Práticas Educativas, no município de Pau dos Ferros/RN, apresentando como co-autora o artigo Memórias do Ensino Religioso: um percurso no passado para a construção dos saberes futuros.

A experiência na base de pesquisa possibilitou-me o conhecimento e vocabulário científico, crescimento teórico e prática da pesquisa científica que até então era um campo desconhecido para mim nos estudos.

Foi uma fase da minha vida pessoal em que muitas coisas aconteceram também. Eu e Bruno Soares, hoje meu marido, nos conhecemos em 2007 e começamos a namorar, no ano de 2012 decidimos então oficializar nossa união com o nosso casamento, após um ano de casados veio o nosso primeiro filho José Carlos (2014), que ao nascer prematuro, ficou na Unidade de Terapia Intensiva - UTI do hospital, por vinte e três dias, foi período doloroso, precisava ser forte.

Foi uma fase da minha vida pessoal em que muitas coisas aconteceram também. Eu e Bruno Soares, hoje meu marido, nos conhecemos em 2007 e começamos a namorar, no ano de 2012 decidimos então oficializar nossa união com o nosso casamento, após um



ano de casados veio o nosso primeiro filho José Carlos (2014), que ao nascer prematuro, ficou na Unidade de Terapia Intensiva - UTI do hospital, por vinte e três dias, foi período doloroso, precisava ser forte.

Não tínhamos carro e foi preciso contar com a ajuda dos amigos para visitar meu filho todos os dias no hospital, eu tinha que deixar o leite materno no banco de leite da Maternidade Escola Januário Cicco, para realizar o procedimento de pasteurização do leite, e em seguida seguia para o hospital em que José estava internado, (esse trajeto fazia de ônibus).

Aos 9 meses de José Carlos, recebemos o diagnóstico de que nosso filho tem baixa visão e nistagmo[60]. Começa então a nossa jornada de terapias para estímulo da visão, junto com a fisioterapia e em seguida psicomotricidade, em decorrência das sequelas da prematuridade. Mais tarde, aos 4 anos recebemos outro diagnóstico: o Transtorno Opositor Desafiador e mais a psicoterapia.

Esse contexto, desencadeou uma série de reprovações em diversos componentes curriculares, e com as greves na rede pública de ensino, atrasei o curso alguns semestres, escrevi a monografia sob orientação da professora Araceli, com o título “Compreendendo a presença do livro didático na sala de aula de Ensino Religioso”, e concluí (sete anos depois) 2017 minha primeira graduação.

Com a Colação de Grau, a alegria tomou conta de mim, ainda assim, havia aquela lacuna que o curso de Pedagogia não concluído deixou. Apesar de ser graduada na área, nunca atuei como professora de Ensino Religioso, durante todo esse tempo sempre ensinei como pedagoga.

ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: EM BUSCA DE NOVOS DESAFIOS

Ao concluir a graduação, ingressei em 2018 na Especialização em Ciências da Religião, e foi onde uma professora marcou minha trajetória acadêmica durante estes dois

[60] Nistagmo é uma condição oftalmológica complexa que causa movimentos rápidos, involuntários, repetitivos e incontroláveis nos olhos. **Fonte:** https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/nistagmo/



momentos, a Dra. Araceli Sobreira Benevides. Desde a graduação, nunca desistiu de mim. Algumas vezes cheguei à UERN pronta para trancar o curso, por tantos motivos pessoais, ela não me deixava nem ao menos terminar de falar e imediatamente passava leituras para realizar, resumir e produzir textos.

Foi minha orientadora no TCC na graduação e me acompanhou até a especialização. Quanta coisa eu aprendi com essa professora! Essa sim, um dia quero ser parecida com ela, porque igual, até hoje não encontrei.

Ao iniciar a especialização, em 2018, uma grande amiga incentivou-me a fazer o processo seletivo para o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP, visto que, por ter o curso do Magistério, requisito este que permitia participar do processo, eu poderia ingressar no curso de Pedagogia. No final do ano, recebi duas notícias que mudariam minha vida: a segunda gravidez e a aprovação para o IFESP.

Concluí a especialização em 2019, minha filha Alice já havia nascido, recebi orientação para o Trabalho de Conclusão de Curso ainda no período puerpério. Foi muito difícil, mas contei com a empatia da minha orientadora, como também com a colaboração do meu marido em esforço mútuo comigo. Assim, consegui concluir e apresentar meu artigo no tempo regular do curso com o título “O diário de Adão e Eva de Mark Twain dialogando com a narrativa bíblica da criação”. Este trabalho foi uma análise da narrativa do autor Mark Twain, no qual foi estabelecido um diálogo com a Bíblia judaico-cristã, identificando as possíveis semelhanças e diferenças entre o conto e a passagem do livro de Gênesis.

RESISTÊNCIA, PERSISTÊNCIA E RESILIÊNCIA: O SONHO DE SER PEDAGOGA

A escolha do título para esta sessão, será compreendida e assimilada à medida que as histórias forem contadas. Como já mencionado, em agosto de 2018, uma amiga que estudava comigo no curso de especialização em Ciências da Religião (UERN), me incentivou a participar do processo seletivo do Instituto de Educação Superior Presidente



Kennedy - IFESP, tendo em vista o meu desejo contínuo de cursar Pedagogia. Fiz e fui aprovada em 2019 dando início à realização de um desejo antigo, ser pedagoga.

Iniciei o curso grávida do meu segundo filho, me identifiquei com a turma, senti-me acolhida e logo construí amizades que duram até hoje. Estudei até completar os nove meses de gestação, quando tive que me afastar para a licença maternidade.

A escolha do título para esta sessão, será compreendida e assimilada à medida que as histórias forem contadas. Como já mencionado, em agosto de 2018, uma amiga que estudava comigo no curso de especialização em Ciências da Religião (UERN), me incentivou a participar do processo seletivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP, tendo em vista o meu desejo contínuo de cursar Pedagogia. Fiz e fui aprovada em 2019 dando início à realização de um desejo antigo, ser pedagoga.

Iniciei o curso grávida do meu segundo filho, me identifiquei com a turma, senti-me acolhida e logo construí amizades que duram até hoje. Estudei até completar os nove meses de gestação, quando tive que me afastar para a licença maternidade.

Senti que precisaria trancar a matrícula no segundo semestre, visto que concomitantemente, ainda estava na fase de conclusão da especialização em Ciências da Religião sob orientação para o TCC. Não me senti segura em ter que me dividir, dar atenção aos filhos, escrever um trabalho de conclusão de curso, e atender as demandas da graduação.

Ao retornar em 2020, escolhi voltar para a minha turma inicial, visto que tinha essa possibilidade de cursar o segundo período nos semestres subsequentes. No entanto aconteceram as restrições de isolamento social devido a pandemia da Covid 19[61] que se espalhou por inúmeros países, dentre eles o Brasil.

Foi decretado uma Recomendação nº 036, de 11 de maio de 2020:

[61] Algumas informações específicas... data do decreto etc.



> Recomenda a implementação de medidas de distanciamento social mais restritivo (lockdown), nos municípios com ocorrência acelerada de novos casos de COVID-19 e com taxa de ocupação dos serviços atingindo níveis críticos.

As aulas foram suspensas, estabelecimentos fechados, isso abalou toda a sociedade. Comigo, as dificuldades estavam apenas começando, fui demitida do trabalho com a justificativa, por parte da gestão, que por razão da pandemia teria um "corte" de funcionários e contenção de gastos. Diante deste contexto, eu teria mais tempo para cuidar dos meus filhos (um problema que afeta muitas mulheres na sociedade no momento de contratação no emprego, que gera constrangimento e desgaste emocional), confesso que não é nada fácil trabalhar fora, cuidar da casa, dos filhos e ainda estudar a noite e para piorar a situação as aulas agora seriam remotas (*on-line*[62]), como eu ia dar conta de estudar em casa e cuidar de duas crianças: uma com 5 anos e uma recém nascida, que não aceitava ninguém além de mim?

Foi a partir desse momento que comecei a não render mais nos estudos, quando conseguia acesso à sala de aula virtual, já havia começado e precisava sair mais cedo devido à necessidade de atenção aos filhos. Começou novamente as reprovações em componentes curriculares que totalizaram três. Durante esse período desenvolvi o transtorno de ansiedade e quase um quadro depressivo. No retorno das atividades presenciais em 2021, me senti aliviada, pois agora conseguiria enfim me dedicar mais ao curso.

É preciso destacar a dedicação, atenção, carinho e a forma como os professores da instituição trataram os discentes, em todo momento fui acolhida e atendida com respeito por todos os profissionais; e mais ainda qualidade do ensino. O tempo passou e ao ver a turma, ao qual fiz parte, concluir o curso entristeci um pouco. São pessoas amadas e que eu queria muito concluir juntamente com eles. Minhas grandes amigas de curso, aquelas que formamos grupo de trabalho durante os quatro anos, que prometemos não soltar a mão uma da outra no período da pandemia, elas foram meu pilar e não me deixaram pensar em desistir.

[62] Modalidade de ensino que tem como principal ferramenta a internet.



Compreendo que há um tempo para todas as coisas acontecerem. Com o objetivo de cursar os componentes curriculares que faltam, foi necessário passar por quase todas as turmas em fase de conclusão, em cada uma, um aprendizado que fica assim como um carinho que carrego de cada pessoa que conheço.

Na minha jornada formativa, por vezes necessitei ser “resistência”, pois não cedi às inúmeras dificuldades e adversidades encontradas no caminho, buscando forças e me opondo à desistência dos meus objetivos. Precisei de “persistência”, recalcular a rota, mudar ou adiar os planos, sem sequer pensar que jamais conseguiria. Sou “resiliência” a cada dia, me adaptando em situações difíceis, me refazendo, recuperando, seguindo em frente, encarando a vida com positividade e otimismo. Aprendendo a cada dia.

DOS COMPONENTES CURRICULARES: EXPERIÊNCIA E APRENDIZADOS

Durante o período de formação, os componentes curriculares nos oferecem a base teórica necessária para a construção dos saberes e conhecimento científico. Passeggi (2011) afirma que “A experiência acumulada é capaz de produzir um tipo de saber que somente se alcança no final da viagem”, a busca pelo saber é o que me impulsiona, me encoraja.

A experiência que nos propõe uma formação, seja ela qual for, é fundamental na vida de um profissional, alinhamos nossas habilidades em sala de aula como na prática docente e, como efeito, no processo de aprendizagem dos estudantes, visto que, desde a infância somos movidos pela busca ao conhecimento. Na medida em que percebemos que, mais uma viagem ao mundo do saber se aproxima do fim, compreendemos também que todos os componentes curriculares são de grande relevância para o curso em si, porém, alguns nos marcam dentro daquilo que mais nos chama a atenção, e desta forma sua contribuição torna-se um diferencial na nossa formação.

O componente curricular de Pesquisa e Prática Pedagógica – PPP, nos proporciona o desafio da pesquisa científica e elaboração de projetos e/ou planos de investigação com temas diversificados, focando no exercício da nossa atuação profissional. Uma das



pesquisas mais marcantes foi em PPP II, no qual fizemos uma investigação a respeito dos fatores que influenciaram a escolha e implantação do nome Presidente Kennedy ao IFESP, no Núcleo de Documentação e Memórias do IFESP.

Destaco aqui também o momento em que vivenciei durante o Componente Corporeidade e Educação, por ter sido oferecida durante o período pandêmico, infelizmente fui reprovada, mas posteriormente cursei no presencial e finalizei com status de aprovação, em que tivemos a oportunidade de compreender as relações de corpo e mente com as reflexões e estudos do termo "sentipensar[63]", e sua contribuição ao campo educacional, o "educar na plenitude humana" (Moraes e Torre, 2003), respeitando e compreendendo sentimentos e emoções de acordo com as circunstâncias.

Ao cursar o componente Psicologia da Educação II, com a professora Denise Caballero, um dos estudos que ressalto, é a importância da contribuição da psicanálise à educação e os estudos sobre Sigmund Freud. A contribuição consiste na busca do equilíbrio na ação educativa, o que se torna relevante para nós, futuros pedagogos; abrindo nossos olhares sobre o aluno, compreendendo as dificuldades e particularidades de cada um, compreendendo também os processos de desenvolvimento (Shirahige; Higa, 2004).

Estatística Aplicada à Educação, foi um componente que, não esperava que tivesse que "enfrentar" já na etapa final do curso. Foi um desafio, em razão da minha dificuldade com os cálculos, fiquei extremamente preocupada. No entanto, ao final deste componente, me surpreendi com o quanto aprendi, mesmo sem querer e perceber o que acontecia, já estava ajudando colegas a resolver alguns exercícios.

Estes relatos, no tocante à minha experiência acadêmica no Curso de Pedagogia do IFESP, mostram o quanto podemos e somos capazes de superar nossos limites e reconhecer a capacidade humana de aprender.

[63] Termo utilizado por Moraes e Torre (2003).



ESTÁGIO SUPERVISIONADO: (RE)CONSTRUINDO E COMPREENDENDO A PRÁXIS

O Estágio Supervisionado - ES é um componente curricular muito importante na formação do professor, "[...]é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior[...]" (Brasil, 2008), temos assim a oportunidade de entendê-lo como parte do processo formativo.

Pimenta e Metz (2011) afirmam que "No estágio a teoria e a prática se complementam não podendo ser consideradas como processos independentes e distintos" (Pimenta; Metz, 2011, p. 191), auxilia o futuro pedagogo a construir o que as autoras definem de "sua práxis", ou seja, a ação concreta.

Mesmo já atuando como professora, as experiências vivenciadas durante os estágios são únicas, saímos do que chamamos de zona de conforto ao deparar-nos com as diferentes realidades das escolas públicas da nossa cidade, o momento do estágio proporciona ainda uma compreensão reflexiva que vai da prática em sala de aula à gestão escolar e coordenação pedagógica na tomada de decisão e como são organizados os processos de gestão.

Durante o exercício do estágio I, realizado na educação infantil, área em que tenho experiência, não tive muita dificuldade em realizar as atividades propostas, onde o diferencial foi viver a realidade da escola pública, pois a experiência que tenho é no âmbito da escola particular.

No ES II, tive pela segunda vez a oportunidade de contribuir de forma lúdica e significativa com os alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, por ser um público peculiar, em fase de alfabetização, observei que a professora supervisora procurava sempre trabalhar na sala de aula situações do dia a dia, para que o interesse fosse despertado entre os alunos, já que, muitos vinham direto do trabalho, donas de casa, idosos. As atividades eram desenvolvidas com foco em língua portuguesa e matemática, mas os componentes de história, ciências e geografia também eram trabalhados durante a



semana, de forma integrada e de acordo com a realidade da turma, respeitando as particularidades de cada um.

Um dos grandes problemas que as turmas de EJA enfrentam é a evasão escolar, muitos dos estudantes desistem por diversos motivos: baixa autoestima, cansaço do trabalho, problemas de saúde e com isso não conseguem concluir nem ao menos o ensino fundamental. É notório a necessidade de políticas públicas voltadas para os indivíduos que não tiveram oportunidades de cursar a Educação Básica no tempo regular, muitos não concluíram o ensino fundamental por falta de oportunidades.

No estágio supervisionado III, retornei para a modalidade da EJA, dessa vez na área de gestão escolar e coordenação pedagógica. A partir da realização de uma entrevista com as gestoras, quanto a realidade dos estudantes da instituição, desenvolvemos o projeto de intervenção, com ações voltadas para o mercado de trabalho, sendo: oficinas de culinária, artesanato e maquiagem, palestras com referência a educação financeira e empreendedorismo, saúde mental e prevenção à depressão, tendo o envolvimento de diversos profissionais da educação que participaram ministrando as oficinas de acordo com as temáticas e área de atuação profissional.

Ao realizar o Estágio IV, em espaços não escolares, considero hoje o mais complexo, já que tive dificuldade em elaborar as atividades diversificadas que auxiliassem na alfabetização e letramento fora do padrão escolar, que até então era minha zona de conforto. Foi sem dúvida, uma experiência desafiadora e ao mesmo tempo enriquecedora, em todo o seu contexto: educacional e social, trabalhos com crianças e adolescentes de baixa renda. Pudemos reconhecer a diversidade do trabalho do pedagogo em diferentes ambientes educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dia, tive o sonho de ser professora, contrariando e desafiando o que chamamos de legado, em razão de não haver professores na família. Meus pais não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental, e outro fator que me marcou muito, foi



o fato de ser constantemente chamada de “louca”, desde a minha infância. Mas, o mundo dá voltas, embora ainda não tivesse concluído o Magistério, logo veio o primeiro convite para assumir uma sala de aula de alfabetização, como professora.

Encarar jornadas de estudos nunca foi fácil, principalmente para uma mulher negra, mãe, que precisa trabalhar fora e enfrentar uma sociedade patriarcal e discriminatória.

Todo percurso de um processo formativo requer dedicação, comprometimento e renúncias. Ao resgatar as memórias de tudo que vivi nessa jornada formativa, reconheço que a resistência, a persistência e a insistência, tornaram-me cada vez mais resiliente frente aos inúmeros desafios que tive que superar. A resiliência não era uma escolha, era uma necessidade.

Chegar ao final de uma longa jornada de estudos, é sem dúvida a sensação de uma vitória. Foram grandes desafios, que ficarão marcados para sempre. Vivi “os riscos do perigo” (Passeggi 2011) que a experiência e a busca por novos conhecimentos nos propõem, com motivos para desistir diante das dificuldades, mas sabendo se reinventar e fortalecer a cada etapa vencida, os saberes adquiridos jamais se apagarão, e agora é hora de subir mais um degrau na conquista de novos saberes.

Tornar-me pedagoga, é a realização de um sonho construído ao longo da vida, a paixão pela pedagogia, tornou-se cada vez maior e instigante.

A profissional que hoje sou, faz parte de um constante processo de vida, vivida nas loucuras diárias que só um professor é capaz de traduzir. E como diz Paulo Freire (1996, p. 94) “Me movo como educador porque, primeiro me movo como gente” e estar em sala de aula para mim, é fantástico, tanto como estudante, quanto como professora que sou hoje. Atualmente, me sinto muito realizada por tudo que vivi, e ainda tenho pra vivenciar, como eterna aprendiz/estudiosa que sou, como professora que sigo, e prestes a formar-me pedagoga.



Aos que me chamavam de louca, realmente, de perto, ninguém é normal. E, ser normal, está longe de ser meus planos. Ao longo dessa trajetória vivida nos estudos, sigo aprendendo-ensinando-aprendendo.

Desejo a cada dia contribuir com a mudança e transformação, com amor, na vida daqueles que passarem pelo meu caminho. Dos inúmeros professores que passaram na minha vida, da infância à fase adulta, muitos deixaram marcas, umas não tão boas de se lembrar, mas fundamentais para o aprendizado que hoje carrego e faz de mim ser quem sou. Os que me esperavam até o anoitecer terminar de escrever a atividade do quadro quando criança, aqueles que dedicaram parte do seu tempo para me ajudar, durante as crises de ansiedade da vida adulta.

A escrita deste memorial acadêmico reflexivo, possibilitou uma reconstrução dos meus saberes e ressignificação de toda a minha formação escolar, profissional e acadêmica, compreendendo os processos de construção dos saberes. Sigo recalculando caminhos, mas sem desistir e já pensando qual será o próximo degrau a subir.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. **Labirintos da memória: quem sou?** -São Paulo: Paulus, 2008. Coleção: questões fundamentais para o ser humano; 7.

BRASIL, 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.** Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11686325/artigo-62-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996. Acesso em: abril de 2024.

BRASIL, Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf >. Acesso em: maio de 2024.

BRASIL, 2008. **LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008.** Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: julho de 2024.

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, DF, 1971.



BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1961.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAES, Maria Cândida. TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar sob o olhar autopoiético Estratégias para reencantar a educação**. 2007.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A Experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, M. C. **Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica.** In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Org.). (Auto)Biografia: formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus, 2008. p. 103-132.

PIMENTA, Ana Cristina Gipiela. METZ, Maristela Cristina. **Estágio supervisionado: gestão escolar. Estágio supervisionado: da docência à gestão na educação básica**. Faculdade Educacional da Lapa. Curitiba. Editora Fael, 2011.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação: quando as memórias narram a história**. São Carlos, 2007.

SHIRAHIGE, Elena Etsuko. HIGA, Marília Matsuko. **A contribuição da psicanálise à educação**. São Paulo: SP, 2004. p. 13-45.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação**. In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Org.). (Auto)Biografia: formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus, 2008. p. 85-101.

VYGOTSKY, Lev S. O papel da brincadeira no desenvolvimento. **Educação infantil: Histórias e tradições**, p. 199-211, 1978.



UMA JORNADA DE TALENTOS CONTINUADOS: REFLEXÕES COM BASE EM UMA PEDAGOGIA RENOVADA

Ana Paula Dias da Câmara
Rafael da Silva Pereira Roseno

A jornada de um professor é marcada por constantes descobertas e transformações. No capítulo “Uma Jornada de Talentos Continuados: Reflexões com Base em uma Pedagogia Renovada”, Ana Paula Dias da Câmara nos convida a mergulhar em sua trajetória formativa, onde o antigo se renova e o tradicional se reinventa diante de novos horizontes pedagógicos. Este relato é uma celebração da persistência e da busca incansável por um ensino significativo, em que cada desafio enfrentado se converte em oportunidade de crescimento.

Ana Paula nos apresenta uma narrativa que se entrelaça com memórias pessoais e acadêmicas, em um testemunho poético sobre como a educação transformou sua vida e suas perspectivas. Com um olhar cuidadoso, a autora reflete sobre a continuidade dos talentos herdados, ressignificando os ensinamentos que recebeu de sua mãe, também educadora. A passagem do tempo e as novas experiências em sala de aula foram tecendo uma pedagogia renovada, na qual a prática e a teoria caminham juntas, construindo pontes entre o passado e o futuro.

Este capítulo nos inspira a enxergar a educação como um processo dinâmico e contínuo, em que cada etapa vivida molda não apenas o professor, mas o ser humano. Ana Paula nos ensina que, através da dedicação e do compromisso, é possível renovar métodos e criar novos caminhos para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Seu relato é uma demonstração de que o amor pela educação é um dom que se perpetua, transformando desafios em conquistas e ressignificando cada passo dado rumo à excelência.

Assim, “Uma Jornada de Talentos Continuados” é uma reflexão poderosa sobre o papel do educador na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ana Paula nos



convida a seguir em frente, sempre aprendendo e ensinando, na certeza de que, com uma pedagogia renovada, podemos transformar o mundo ao nosso redor.

PERSPECTIVAS E MOTIVAÇÕES

Com base no texto organizado pelos autores Guilherme Toledo e Rosaura Soligo: Porque escrever é fazer história, pude esclarecer alguns conceitos referentes à elaboração do meu trabalho acadêmico final no curso de Pedagogia, expressando de forma reflexiva e crítica a exploração da minha escrita, que relatarei de maneira clara e objetiva toda minha trajetória colegial formal, dando ênfase nas experiências já vividas e atuais. É uma dinâmica de releituras, lembranças e memórias, para diante desse cenário contextual ler e escrever a minha história.

Assim executarei com alegria, emoção e verdade, impulsionada pelo mestre, professor e filósofo brasileiro e patrono da nossa educação Paulo Freire que ensina que nossos temores diminuem, ao passo que vamos conhecendo, lendo e relendo os contextos da nossa vida. “Na medida, porém, em que me fui tomando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na ‘leitura’ que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo” (Freire, 1989, p. 11,), resgatar meus passos até aqui e andarilhar a partir de uma leitura viva. Será um desafio; construirei o mundo que vivi a partir da minha ótica, baseada, é claro, nas enriquecedoras pesquisas e citações de grandes autores, na certeza dos mesmos falarem aquilo que gostaríamos de ter dito de modo melhor e reflexivo.

Na perspectiva que o memorial de formação é um discurso narrativo, descritivo e argumentativo, embora o discurso narrativo venha predominar, isso significa que podemos expor, contar e relatar nossas próprias histórias sendo, nós mesmos, o protagonista das nossas vidas, colocando-as em contextos, ao narrar acontecimentos memoráveis passamos a refletir melhor pelo qual e o porquê passamos pela aquela situação, com isso até compreendemos melhor nossa história e as dos demais, com isso podemos observar o crescimento da intimidade com a escrita, registrando nossas experiencias e reflexões, dando inicio a produção de texto que é o memorial de formação.



Na busca de facilitar minha construção narrativa criei um tema central para nortear de forma construtiva meu texto, buscando através do tema escolhido motivações para expor toda minha trajetória pessoal, social, educacional e acadêmica com base de referência familiar.

MEMÓRIA CONSTRUTIVA: INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E ESCOLARIDADE

Chamo-me Ana Paula Dias da Câmara. Nasci no dia 22 de julho de 1986, na cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte. Ao relatar este memorial e sistematizar o percurso da minha carreira escolar e vivencial dei conta como seria emocionante reviver momentos únicos e inesquecíveis sobre toda minha vida, trazendo para mim de forma gratificante uma reflexão resgatada de uma história concretamente construída por uma mulher de grande referência, sobre todos os aspectos de vida, chamada Ana Maria da Silvia Dias, minha grandiosa mãe, falecida em 27 de Janeiro do ano 2020, porém será com grande satisfação que terei a honra de poder reviver e relatar grandes recordações de momentos absolutamente decisivos para essa jornada na qual busquei semear na vida profissional.

Meu pai, Ivan Soares da Câmara, também teve seu significado e contribuição em minha formação, a ele inclino os meus agradecimentos e respeito, fruto da união dos meus pais tenho dois irmãos, Paulo Eduardo e Ivan Júnior, o primogênito; por todas nossas vidas moramos em Natal/RN, residimos sempre entre os bairros das Quintas e Alecrim, na Zona Oeste.

Quando criança, eu e meus dois irmãos vivemos a essência do mundo infantil, mundo esse apresentado com disciplina, respeito, carinho e muito amor. Cursei as séries iniciais do Primeiro Grau (1ª a 4ª série), na Escola Estadual Felizardo Moura (rede pública), localizada no bairro das Quintas, entre os anos de 1992-1996. Lembro-me de algo que me frustrava muito em sala de aula, algo que me deixou triste, em pensar na existência de pedagogas(os) tão incapazes de não dar a voz a uma criança, de não deixá-la expressar-se, recordo que sofria por ser uma criança calada e muito tímida, acabei



sustentando por muitos meses ou melhor por vários anos letivos esse bloqueio, e ainda resistindo a ameaças, agressões e tantos outros absurdos de uma outra criança, que por grande ironia sentava ao meu lado, obedecendo ao mapa de sala, relato hoje no memorial com lagrimas nos olhos no dia em que a própria, por pura maldade, me feriu que tirou sangue de mim com as unhas, ao relatar a professora o acontecido, falou que eu mesmo fiz tal ato.

Porém, no ano seguinte para minha grande sorte, tive o prazer e a honra de ser aluna da professora mais gentil e profissional, chamada tia Rosa, na qual pude extrair dela grandes desenvolvimentos de aprendizagens, grandes buscas pessoais, como: o meu querer, minha opinião, segurança de si. Tia Rosa foi para mim, a segunda referência pedagógica, passando aos seus alunos como ter uma opinião formada, como enxergar uma situação com sua opinião crítica, passar pelos desafios encontrados no dia-dia. A mesma ensinou-me a compreender e a diferenciar símbolos, sinais e letras. Com a participação gloriosa do meu irmão Paulo Eduardo consegui rapidamente a lê e escrever, uma vez que a referência de professor em nossa educação é materna.

Entre os anos de 1997 a 2001, cursei as séries finais do Primeiro Grau (5ª a 8ª série) na Escola Municipal 4º Centenário que, nesta época, tinha parceria e vínculo com a Universidade Potiguar – UNP, situada na Av. Floriano Peixoto, Bairro de Petrópolis.

Ao relatar minha passagem pela E.M. 4º Centenário posso compreender a postura de um pedagogo como receptor e executor em sua prática pedagógica, não se era notável uma vista crítica e reflexiva nessas práticas, não proporcionavam a inclusão e a diversidade em sala de aula e nem tão pouco na colaboração e implementação de projetos pedagógicos.

De acordo com Rubem Alves (1980) o objetivo da educação é explorar a capacidade da imaginação, de fugir do comum, de criar e deixar o aluno ter voz e pensamentos livres, seu papel como professor era de não ensinar conteúdos, mas que ativasse a curiosidade do estudante. “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo” (Alves, 1980, p. 25).



Na orientação e concepção do pedagogo e escritor e tantos outros títulos Rubens Alves defende a necessidade de ouvir e valorizar a perspectiva e as experiências dos alunos no processo educativo, para ele o foco está na descoberta e na exploração, permitindo que os alunos façam perguntas, testem suas ideias e tirem suas próprias conclusões. Refletindo sobre sua fala, posso perceber que infelizmente durante meu processo de aprendizagem foi retirado de mim a oportunidade de ser a protagonista do meu próprio conhecimento, tardando uma visão crítica do mundo ao meu redor.

Iniciei o Segundo Grau no ano 2002\2003 na Escola Paula Frassinete pelo período noturno, tendo um vínculo com a Escola Imaculada Conceição (CIC), voltada tradicionalmente para o publico feminino, situada no centro da cidade, Natal RN. Por parte dos conhecimentos adquiridos posso afirmar a facilidade de compreender todo o Segundo Grau, conforme toda metodologia, projetos pedagógicos, práticas pedagógicas comuns de toda caminhada e processo de aprendizagem. Porém só pude concluir de fato minha jornada alguns anos depois, quando escolhi antecipar minha maturidade, minha responsabilidade em uma experiência precoce: viver uma experiência adulta (gravidez na juventude).

Conclui meu Ensino Médio no ano de 2011 na mesma escola que estudei o ensino infantil, na Escola Estadual Felizardo Moura, no bairro das Quintas, consegui compreender e refletir diante da minha realidade de vida daquele momento o que defende Friedrich Nietzsche, o filósofo alemão, conhecido por suas ideias sobre o super-homem, a vontade de poder e a crítica á moral tradicional, um termo usado para descrever um tipo de ser humano que transcende as limitações das moralidades convencional e das crenças herdadas, vivendo de acordo com sua própria vontade e valores, diante desse desfecho posso conceituar que busquei a capacidade de criar meus próprios padrões morais, em contraste com a conformidade com as normas sociais pré-estabelecidas.

A ideia do super-homem é central em uma de sua obra mais famosa, intitulada “Assim falou Zaratustra” (Also Sprach Zarathustra). Neste livro, Nietzsche apresenta a figura do super-humano como um símbolo da superação das limitações impostas pela moralidade convencional e como um modelo de realização pessoal e liberdade. “O



homem chega á sua maturidade quando encara a vida com a mesma seriedade que uma criança encara uma brincadeira” (Nietzsche, 1883, p. 32).

A ESCADA DOS OBJETIVOS

Com sonhos a serem resgatados fui tentando me encontrar (profissionalmente) diante de alguns tempos adormecidos, fui para área da saúde, cursando um técnico em enfermagem para poder suprir com o tempo remansado, pensando eu, por ser um curso técnico e ser mais breve para atuar, iria ficar bem-sucedida diante da profissão. Porém percebi que ali não era o meu lugar, era algo muito ilógico daquilo que parecia ser teoricamente, algo que me fazia sentir insegura diante de tal tarefa.

Anos foram se passando, fui observando o lado bom da educação com mais entusiasmos, com boas referências vindas da minha mãe que realizou o seu sonho de lecionar, cursando e concluindo o 2º Grau do curso profissionalizante do Magistério com luta e dificuldade, à noite, na escola Paula Frassinetti, que também fez parte da minha história, prédio do tradicional colégio da Imaculada Conceição no centro de Natal. Esta sua conquista nos era contada envolta de muita emoção e realização.

Era visível o sentimento de professora e educadora, realizada e feliz, resultando no intenso respeito e carinho da nossa parte pelos nossos professores, uma vez que a referência de professora(a) em nossa educação é materna. Diante dessa vivência meu irmão do meio Paulo Eduardo, fez sua escolha pela educação, cursou Letras Português e hoje sendo responsável por transmitir não apenas conteúdos curriculares, mais também valores, habilidades e competências fundamentais para a formação integral dos estudantes.

Após a sua formação concluída, também fiz minha escolha, em cursar pedagogia, no entanto, como sempre fui apaixonada pela área da (saúde) em específico psicologia, entrei na pedagogia com a intenção de a partir da formação, estudar mais um pouco e ser psicopedagoga, mas fui desenvolvida em um conceito completamente complexo naquilo que eu tinha como um pedagogo, hoje com todo esclarecimento dessa profissão posso



afirmar que fiz uma escolha certa, mesmo não dando continuidade para ser uma psicopedagoga, tenho a certeza que busquei e alcancei está no caminho que sonhei, sou completamente fascinada pela minha profissão, com grande parte da teoria e principalmente pela prática (Estágios) pude concretizar, tornar aquilo visível e alcançável diante dos meus olhos, me apaixonei pela modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) que visa atender a pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade regular, seja por motivos pessoais, profissionais ou sociais.

A EJA oferece a oportunidade de Educação básica (ensino fundamental e médio), estarei passando mais essa minha experiência com mais afeto e intensidade na vivência dos estágios obrigatórios, onde tive o prazer de me encontrar em sala de aula como profissional. Com tudo penso em prolongar ainda mais em alguns sonhos a serem conquistado, que é a especialização em psicopedagogia.

REFERÊNCIA MATERNAL

Uma das principais referências que me fez chegar ate aqui, sem nenhuma dúvida foi a parte materna. Como professora do magistério, chegou a ensinar no colégio Reis Magos, localizada no Alecrim, Natal /RN e Reinado Infantil, por ela fui totalmente influenciada a idealizar planos, sempre ao contar de suas trajetórias profissionais em sala de aula, com muita realização e satisfação.

No caso do magistério exige formação específica e qualificação profissional. Professores geralmente passam por cursos de pedagogia ou áreas específicas para se tornarem aptos a ensinar. Infelizmente, foi seu encerramento em sala de aula, no tempo que exigiu a formação, a mesma era esperançosa para aprofundar-se nesta maravilha chamada pedagogia.

Procurava sempre incentivar a ter uma formação superior, sempre me instigando a ser professora, mesmo na sua doença, procurava aconselhar, para concluir enquanto havia tempo de conquistar os meus objetivos. Sabendo ela que quão agradável é atuar nesta área, como é prazeroso, posso refletir com total convicção sobre sua vida



profissional, sobre seu êxito ao manusear tarefas educacionais, e seu compromisso no dia-dia.

Desfecho esse pequeno tópico, refletindo que pelo seu amor de mãe, tinha total consciência que um dia eu poderia sentir muito mais do que o magistério tinha proporcionado, sabendo que seguindo por esse caminho seria muito feliz. Minha grande e gloriosa mãezinha, saiba que foi por você e para você, que hoje posso afirmar: sou totalmente realizada e feliz por ter chegado até aqui, porém, faltando um pouquinho mais a ser conquistado. Serás sempre meu norte, minha grande referência.

DESCOBRINDO O TESOURO: FORMAÇÃO NO INSTITUTO KENNEDY

O ano de 2020 foi muito marcante, pela perda, pela coragem, decisão, medo, enfim, foram misturas de sentimentos extraordinários, foi assim que cheguei para estudar e trilhar novos horizontes no Instituto Presidente Kennedy.

No início do ano 2020, minha grandiosa e eterna mãezinha veio a falecer, por uma enfermidade que o fez lutar a mais de anos em sua vida, conhecida como trombose, causados pelos trombos, até atingir seus pulmões (trombo pulmonar) seu falecimento foi no dia 27 de janeiro. Neste mesmo ano meu irmão estava se preparando pra se formar em Letras na mesma Instituição, antes de sua formatura realizar e findar-se todo o processo, fui convencida pelo mesmo a fazer minha inscrição no curso de pedagogia, pois estava sem condições alguma para tal coisa, porém, sua exultação para o curso era de extrema motivação, decidi fazer a inscrição com o seu apoio, quando me dei conta estava realizando a matrícula para ser uma futura professora, sem muita empolgação, pela grande perca que tinha sofrido. Antes de termos nossa primeira aula presencial, tivemos que passar por meio a uma pandemia histórica, Covid-19, fazendo várias pessoas relatar episódios comuns por ter passado pela dor da perca.

Após se passarem quase dois anos de aulas remotas com muitos desafios tecnológicos, em frente as telas de computadores, celulares e tantos outros meios, vivenciei este período de isolamento e angústia até voltarmos a convivência de forma bem



restrita, retornamos com diversas regras a bendita sala de aula, como nunca foi tão desejada, como nesta época.

De maneira tradicional, cheguei ao Kennedy ainda em busca de algo, como se ainda estivesse alguma coisa a descobrir, mais iria todas as noites como um grande compromisso e obrigação. Como é de grande importância associar a prática com a teoria, quando começamos a pagar o componente curricular Ensino Infantil I, com a professora Denise em aula online, nunca que poderia imaginar como seria na prática e presencial, contudo, me chamou atenção como seria em sala de aula, não poderia imaginar o cotidiano daqueles pequeninos, chegando nos Estágios Supervisionados, primeiro sendo no Ensino Infantil, o segundo no Ensino Médio (EJA: modalidade de jovens e adultos), o terceiro Gestão e o quarto e último nos Espaços não escolares (igrejas, escolas etc.). Assim fui passando por etapas, chegando mais próximo da grande descoberta que o Instituto Presidente Kennedy me ajudou a desvendar.

Como é importante e indispensável os Estágios Supervisionados para todos aqueles que buscam sua descoberta na atuação da educação, ou concretizar sua escolha, é uma etapa importante na formação acadêmica, tendo como objetivo proporcionar ao discente uma experiência prática no ambiente profissional, permitindo que ele aplique os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso.

ESTÁGIO I: ENSINO INFANTIL

Como foi difícil essa jornada de formação em minha vida, posso considerar a parte mais delicada do curso, a decisão mais essencial que poderia tomar naquele momento. Considero o primeiro Estágio Supervisionado como uma porta aberta para minha descoberta, para finalmente revelar que de fato o porquê estava na instituição todas as noites. Fui para a prática (estágio) pagar o Ensino Infantil, que na teoria esse componente curricular já estava cumprindo com a professora Denise, conseguindo associar a parte teórica e a prática de forma satisfatória. Colocando na prática tanto como o professor e a Instituição precisam estar com seus papéis bem definidos na Educação Infantil, pois deve cuidar e educar as crianças, sem diferenciar estas ações, uma vez que nos momentos da



alimentação e higiene o professor está educando e quando está estimulando a leitura, também está cuidando, estas atuações (cuidar e educar) na Educação Infantil devem estar integrados, para promover o desenvolvimento global da criança.

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas de acordo com o DCNEI (interações e a brincadeira) e as competências gerais da educação básica propostas pela BNCC, seis são os direitos de aprendizagem e desenvolvimento: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, asseguram, na Educação Infantil, as considerações para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

Sob a orientação das professoras formadoras Lorena Gadelha de F. Brito e Wguineuma Pereira A. Cardoso, que tive a honra das motivações, dos seus conselhos e da minha parceira de dupla, que por sinal me acompanhou em todos os Estágios minha amiga Juciara Ribeiro, onde minha dificuldade era sair durante o dia pra estagiar na escola, devido meu trabalho atual, como o componente curricular era Ensino Infantil, só poderia ser no turno da manhã ou pela tarde, comprometendo totalmente minhas tarefas do dia-dia (trabalho) diferentes dos demais estágios futuros. Foi frustrante revelar para minha chefia que teria que sair do expediente para esse Estágio, na qual nem sabia que estava cursando nível superior; tudo fluiu e deu certo, graças a preocupação, dedicação, interesse e tantas outras motivações que recebi da professora Wguineuma, quantas vezes fui parada nos corredores da Instituição com suas abordagens, com as mesmas perguntas: “já conversou com sua patroa, vá fazer, pense direitinho, se você não fizer com a turma, não conseguirá concluir o curso com sua turma, vai ser mais complicado”. Hoje sem dúvidas estaria arrependida pelo fato de não ter feito o Estágio. Pela grande atitude, posso nomeá-la por ter sido responsável pelo meu sim para dar continuidade para a longa jornada dessa graduação, apesar que não me identifiquei com o ensino Infantil, mais pude vivenciar de forma real esse contato de professor e aluno, como foi gostoso, como foi



gratificante, foi um dos momentos mais mágicos que vivi, esse primeiro contato e isso só tem um nome, gratidão por você Wguineuma, obrigada por tanto.

O estágio foi concluído na Instituição Municipal do CMEI Saturnina Alves de Lucena, localizada na rua Dantas Barreto, número 625, no bairro Cidade Nova, na capital de Natal\RN. Pelo turno vespertino, com crianças da faixa etária de 2 até aos 4 anos do nível 2.

ESTÁGIO II: ENSINO FUNDAMENTAL (EJA)

Sensibilizada do primeiro Estágio Supervisionado (Ensino Infantil) iniciamos mais uma outra etapa de estágio, Ensino fundamental (EJA, nível I), na Escola Municipal Professora Emília Ramos, localizada na rua Dantas Barreto, número 419, bairro de Cidade Nova em Natal RN, tendo todas as motivações possíveis para enfrentar mais um desafio, o componente da grade curricular Estágio II, atuamos na educação do Ensino Fundamental (EJA, nível I), recebendo as orientações dos professores Elen Dóris Barros C. de Amorim e Paulo Roberto L. de Souza, como os coordenadores desse estagio II, onde foi permitido manter o contato direto com a realidade escolar, passando de forma dinâmica um ensino de aprendizagem.

A Educação de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade de Ensino e componente constitutivo da Educação Básica, o artigo 9394\96 da LBD define que: “A Educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade”. A EJA foi constituída pelo governo Federal com o principal objetivo de promover a inclusão social e o acesso de jovens e adultos a educação.

O papel do docente que trabalha com essa modalidade em sala de aula é estimular jovens e adultos lhes proporcionando concepções e conceitos em sua organização pedagógica, considerando as especificidades desse segmento, onde o aluno se sinta realizado. Contudo isso o educador deve entrar numa concepção de ensino que, valoriza esse aluno, fazendo-o sentir-se valorizado, capaz de aprender com os desafios



encontrados no seu dia-dia, em busca de uma qualidade de ensino, como por exemplo, a diversidade cultural, a diferença de idades entres eles (alunos), equacionando dificuldades de estabelecerem boas relações, a superação do analfabetismo, o cansaço do dia-dia. Como da mesma forma os educadores também encontram alguns desafios para desenvolver suas práticas docentes, como heterogeneidade, a evasão, a juvenilização da turma, a falta de materiais didáticos específicos, a baixa estimula dos educandos, a rigidez institucional.

Posso considerar e concluir de forma satisfatória meu relato do Estágio II com a modalidade da EJA como uma experiência única que levarei para minha vida pessoal e profissional, tive o grande prazer de me encontrar identificando que estou na escolha certa diante da minha atuação futura, encontros esses que me levaram algo além do que poderia esperar, diante da experiência do Estágio I, pude ter a certeza de que essa nova experiência me trouxe algo indescritível, algo sublime. Eu e minha amiga Juciara fomos agraciadas pela professora Maria Luiza, pela qual era amada e respeitada por todos, a mesma me apresentou de forma mais fascinante, sua turma, nos passando todo seu compromisso e seu amor, fazendo percebermos e ter a sensibilidade com a educação e aprendizagem de cada um, e acima de tudo o seu bem estar, usando de sua metodologia uma troca de experiência entre aluno e professor, com esse domínio em sala de aula, Maria Luiza (professora) nos passou uma nova forma de se trabalhar com amor especificamente na modalidade da EJA.

Sua forma de ensinar era simplesmente encantadora, ela buscava em suas aulas meios singelos de passar conhecimentos, porém usando sempre diálogos e a conscientização, na esperança que pelo diálogo os estudantes podem entender suas realidades e lutar por mudanças e usando da conscientização através do diálogo possa contribuir para uma transformação social. Lembro-me que durante o ano letivo a mesma escolhia um livro com a turma para no inicio da aula lerem juntos, ao terminar um, sempre tinha em mente o outro, lendo sempre mais de uma página, ao terminar, iriam debater alguns parágrafos de forma construtiva, usando o diálogo e a conscientização na realidade de cada um, usando palavras chaves para cada um. Sua intimidade era linda, como um



dos seus alunos, e assim percebiam seus desenvolvimentos na aprendizagem. Como amei essa experiência.

ESTÁGIO III: GESTÃO

No terceiro Estágio Supervisionado, da grade curricular Gestão Escolar, com orientação da professora formadora Ma. Liz Araújo e professor e formador Me. Rafael Roseno nos permitiu ter um contato direto com a realidade escolar pedagógica e administrativa.

Eu e Juciara, mais uma vez atuamos na Educação de jovens e adultos (EJA), na Escola Municipal Celestino Pimentel, localizada na AV. Pernambuco, número 145, no bairro cidade da Esperança, Natal/RN. A instituição é composta por dois gestores sendo eles Jeane Maciel como gestora pedagógica e Airton como gestor administrativo, a professora Keila como coordenadora pedagógica atuando na modalidade da EJA.

Estávamos em um único objetivo de adquirir conhecimentos da realidade escolar e visualizar barreiras encontradas pela equipe pedagógicas para juntos buscar maneiras de somar e desenvolver uma intervenção de uma forma clara e ampla com uma continuidade aplicada.

Ao passar alguns dias na observação, podemos destacar alguns pontos relevantes de acordo com a necessidade da modalidade da EJA. A realidade escolar que a EJA estava passando era uma insatisfação do seu público com a diferença da faixa etária, alunos mais velhos misturados com os mais jovens, causando neles, falta de estímulos, e vontade de desistir dos estudos, pelo fato dos objetivos não serem comuns, com isso procuramos somar com a coordenadora e os gestores para colocar em prática formas de inserir para eles palavras chaves no seu dia-dia como: respeito, tolerância, discriminação, bullying e cultura diferentes. Criamos um subtema através do tema que a escola já tinha construído para podemos exercitar nossa prática. Tema: Olhares do cotidiano: A arte e a cultura na construção do ser. (criado pela escola). Subtema: A arte e a cultura como ferramentas para a inclusão e a valorização da diversidade. (subtema criado por nós duas estagiárias).



Na nossa intervenção trabalhamos primeiramente de forma bem interna, primeiro com os professores e a gestão sobre aquilo que iria ser plantado para os estudantes, por orientação dos gestores e coordenação pedagógica não seria aconselhável realizar quaisquer tarefas em salas, e sim que fosse algo coletivo, e em salas os docentes iriam prepará-los para tal dia, como cartazes feitos pelos próprios estudantes na qual ficaram com o tema: descriminação, de paz, de respeito e entre outros.

De forma bem cautelosa organizamos uma palestra, onde convidamos o palestrante Paulo Eduardo, professor de Língua Portuguesa e Teologia, o mesmo nomeou em seu discurso como norte a serem exemplos as figuras de Malala e Carolina Maria de Jesus, trabalhando o tema e sub tema citados, com uma dinâmica inicial dos balões que tinha seu proposito de alcançar seus sonhos iniciamos nossa programação, também organizamos e pensamos em diversificar culturas trazidas pela arte dos próprios estudantes, como apresentação de poemas criados pelos alunos, reflexão da letra da música trem bala e muitos louvores, foram momentos bem construtivos. A equipe administrativa ficou bem satisfeita com os envolvimentos dos alunos.

Finalizamos nosso penúltimo Estágio de forma satisfatória com o componente curricular Gestão escolar, na modalidade EJA, deixando a mensagem que podemos transmitir de forma lúdica pela arte (poema, música, pintura em cartolinas e etc), pela cultura, palestra do nosso convidado onde o mesmo relatou sobre a vida e obras das personalidades femininas Malala e Carolina Maria de Jesus, que devemos respeitar as diferenças de cada um, estimulando aos estudos e sonhos.

ESTÁGIO IV: A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS (NÃO ESCOLAR)

No IV Estágio Supervisionado, com o componente curricular Espaço não Escolar, ministrado pelas professoras Ilnete Porpino e Mariza S. de Araújo, atuamos na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias, localizada na rua Interventor Mário Câmara, número 1924, no bairro Dix-Septo Rosado, na capital de Natal RN.



Esse último Estágio na minha visão foi essencial, para concretizar todo o aprendizado e experiências vividas nos três estágios que são em ambientes escolares, esse ultimo nos faz ter mais autonomia e segurança mesmo sendo fora do ambiente escolar, nos trás mais conforto nas práticas devido os conhecimentos, nas aplicações educativas, pois independente da instituição escolhida temos que manter nosso papel de educador com dinamismo, comprometimento, assumindo nossa identidade profissional e buscando a sua valorização.

Nossas coordenadoras e professoras Ilnete e Mariza passou um filme em sala de aula antes de irmos para a prática, o filme “Patch Adms - O Amor é Contagioso” lançado em 1998, é uma comédia dramática que relata a história de Hunter Patch Adams (Robin Willians) que procura ser internado dentro de um hospital para pacientes psiquiátricos após um episódio de tentativa de suicídio. Independente se for área de saúde, educação e tantas outras, deveremos trabalhar com alegria e irreverência, rompendo barreiras, crenças e tradições, devemos fazer com muito amor. Não dá para fazer apenas por dinheiro. Com essa grande referência estávamos sentindo preparadas para encarar o que poderia ser encontrado nos estágios. Tanto eu como minha companheira e amiga de Estágio Juciara dos Santos, que por sinal é membro da Igreja, segue essa doutrina desde os seus 15 anos de idade. Com um grande apoio e atenção dos professores Jair e Juciane, na qual são entre os dois são divididas as tarefas, com a missão de convidar todos os filhos de Deus a seguir a Jesus e a sentir a alegria que podemos alcançar graças a Ele.

Como foi maravilhoso conhecer essa doutrina, poder se aprofundar um pouco, na crença, cultura, na rotina e o funcionamento diário da igreja. Todo o envolvimento dos Jovens em busca dos conhecimentos através de todo contexto trabalhado e explorado pelo assunto semanal através dos encontros, todos os dias da semana de segunda a sexta é apresentada uma passagem bíblica e em seguida uma reflexão, associado a vida de cada jovem daquele, policiando seus comportamentos cristãos, para ser sempre do agrado de Deus.

Aos meios de palavras chaves pelas passagens bíblicas, ditas através dos seminários (encontros), chegamos a conclusão que nossa intervenção teria o objetivo de



incentivar os jovens a participar ativamente dos encontros por meio de atividade lúdicas, perguntas interativas e discussões construtivas. Fortalecer a compreensão dos princípios religiosos.

Como foi relevante esse último estágio, como faz ser significativo para alguns componentes curriculares que concluímos, como encaixa, como concretiza a teoria junto com a prática. Em hipótese alguma não existe teoria sem prática, e nem prática sem teoria, uma delas é sobre a diversidade cultural, sendo fundamental para a riqueza da experiência humana trazendo muitos benefícios, é uma fonte de aprendizado contínuo e crescimento humano.

Como é de suma importância chegar neste último estágio e perceber alguns componentes curriculares sendo contribuintes para melhor compreensão do desenvolvimento pessoal e todo um contexto, assim é a importância crucial do letramento na vida de um ser. O Letramento permiti que as pessoas tomem decisões informadas, que possas exercer seus direitos e contribuam para a comunidade, impactando diretamente a qualidade de vida das pessoas. E assim usamos a importância do Letramento em todos os Estágios que concluímos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o seu maior objetivo e missão o IFESP nos ensina a ser educadores e professores capacitados não somente para o mercado, mais preparados para atuar na sociedade. Somos capacitados e orientados como enfrentar os desafios do dia-dia, com opiniões construídas e formadas para quaisquer situações. Quem neste espaço habita, considera-se feliz e agraciado pela sorte de poder compartilhar relações humanas e acadêmicas.

Espero concluir essa graduação e atuar de forma satisfatória sobre toda a referência que foi vista em sala de aula, em estágios e em minha vida educacional, em especial na minha jornada da infância, espero realizar almejando todo meu engajamento contra toda forma de opressão e preconceito, seja qual for sua natureza. Almejo ter aquele



perfil da minha professora tão amada e querida da “Tia Rosa”, que me passou segurança sobre minhas emoções, liberdade de pensamento, autonomia sobre minhas opiniões, sendo críticas ou construtivas, e respeitando a diversidade e cultura de cada um, assim como deve ser, de modos, de uma dança, uma música, como andar, de sorrir, de falar, de cantar, enfim, que se possa ter igualdade e colaboração entre todos. Tenho sede de lutar, suar e buscar nas palavras e conceitos de Paulo Freire quando enfatiza e acredita, “fazer nascer em nós mesmos o homem novo e a mulher nova” (Freire), para ele a educação deve ser um meio soberano e conscientização, que possa promover mudanças não apenas no indivíduo, mais na sociedade como um todo, libertando-se de opressões, preconceitos e limitações impostas pela sociedade. Ressalta também a importância da conscientização no processo educativo, isso envolve a capacidade de entender a realidade á sua volta, visando não apenas formar indivíduos competentes, mas cidadãos conscientes e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A herança que a formação acadêmica estar deixando para minha vida vai além de conhecimentos científicos e específicos, é um valor incomparável, incalculável. Profissionalmente o sentimento é de plena segurança, na qual fui capacitada e orientada a atuar para o mercado de trabalho com responsabilidade e consciência. Ser ativa e atuante com meus objetivos e sonhos.

“A prática educativa deve ser um ato de liberdade, onde o diálogo é o caminho para a conscientização”. citação de Paulo Freire, obra “pedagogia da Esperança”. Através dessa citação que terei como norte, me apoio para ser um agente participativo da vida comunitária dos alunos e da instituição, propondo agir para além de professora, uma formadora de jovens e adultos (EJA), facilitando a troca de conhecimentos, mais também promovendo a liberdade e a autonomia dos educandos.

Encerro essa reflexão na certeza de que busquei relatar todo minha trajetória estudantil, profissional e acadêmica de forma satisfatória, manifestando neste Memorial de Formação sentimentos de gratidão, felicidade e realização.



REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Alegria de ensinar. São Paulo, SP: Papirus, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

DIAS, Paulo. **Antologia essas mulheres**. Poema 08 de março. Goiânia, GO: Antologias Brasil, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo, SP: Cortez editora, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 17ª ed. 1970.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2006.

TOLEDO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer história**. Campinas, SP: Alínea editora, 2007.



UMA TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO ACADÊMICA: DESAFIOS E CONQUISTAS

Geane Miranda do Nascimento Santana
Ana Paula Leão Maia Fonseca

O capítulo intitulado “Uma Trajetória de Superação Acadêmica: Desafios e Conquistas”, escrito por Geane Miranda do Nascimento Santana, é uma verdadeira ode à perseverança e ao triunfo sobre as adversidades. Nesse memorial de formação, somos convidados a acompanhar uma jornada profundamente humana, marcada por desafios, mas também por conquistas que resplandecem como estrelas no firmamento acadêmico.

Geane, com uma sensibilidade ímpar, nos revela suas raízes simples, cercada por uma família que, embora não alfabetizada, soube nutrir seus sonhos com amor e esperança. O ambiente humilde de onde partiu não limitou sua visão; ao contrário, foi o ponto de partida de uma travessia que ecoa como um grito de vitória. Cada passo de sua formação foi pavimentado com esforço, sacrifício e uma vontade inabalável de transcender as dificuldades.

Ao relembrar os dias da infância, Geane nos transporta para um mundo de lutas e esperanças, onde o analfabetismo familiar parecia ser um obstáculo intransponível. No entanto, como a água que esculpe montanhas, sua determinação foi moldando um caminho de superação, mostrando que o conhecimento é, de fato, a chave que abre as portas para horizontes ilimitados.

Neste capítulo, Geane não apenas narra sua trajetória estudantil e profissional, mas faz de cada palavra um testemunho de resiliência e fé no poder transformador da educação. Sua timidez, a dislexia e os momentos de incerteza são descritos com a delicadeza de quem reflete sobre o passado não com pesar, mas com gratidão por cada lição aprendida.

A formação acadêmica, para ela, não é apenas um título, mas um símbolo de todas as batalhas vencidas, tanto internas quanto externas. E assim, sua história inspira,



mostrando que ser professora é, acima de tudo, um ato de amor e transformação. Geane Santana prova que as cicatrizes do caminho podem se transformar em medalhas de honra, e que a educação é a verdadeira alavanca capaz de mover o mundo.

TRAJETÓRIAS: INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

> "A educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui".
>
> Jean-Jacques Rousseau

Nasci no dia 11 de fevereiro de 1981, na maternidade Belarmino Monte, em São Gonçalo do Amarante – RN. Vivi toda minha infância em Uruaçú, povoado desta mesma região. Atualmente essa cidade ficou muito conhecida devido ao turismo religioso, por possuir o momumentos dos mártires de Uruaçú.

Fui registrada no cartório 1º Ofício de notas e registros da cidade, filha do casal Reinaldo Matias do Nascimento e Elma Maria Miranda do Nascimento. Meu pai casou aos vinte anos e minha mãe aos dezesseis anos. Dessa união, tiveram três filhos: duas mulheres e apenas um homem, eu sendo a *primogênita do casal, que depois teve* uma filha de coração.

Meus pais não foram alfabetizados, pois, neste periodo de alfabetização, priorizaram mais o trabalho infantil que a formação na educação básica. Para eles, os afazeres familiares eram primordiais, visto que existiam divisões de tarefas e regras a serem seguidas, estabelecidas pelos meus avós. Desta forma, o respeito, a obediência, união e compreensão eram essenciais na família. Naquele tempo, eramos felizes, com o pouco que tínhamos: uma mesa farta de comida era regozijar-se de alegria.

Tínhamos um relacionamento harmonioso com todos. E assim, vivíamos. Com a chegada da TV em nossa casa, meus pais começaram a ver o mundo grande que poderíamos alcançar, nas programações de jornais, nas novelas. Isso criava estímulos para seus três filhos buscar conhecimentos, visto que passavam a ver nos programas de televisão a evolução que o mundo tinha, com acesso aos meios de comunicação.



Adoravam falar dos noticiários, contar as histórias das novelas, do sítio do pica-pau amarelo, pois tinham uma facilidade de narrar tudo como se fosse real.

As histórias, tudo aquilo para eles, eram uma luz para um mundo obscuro que viviam. Mas não faltavam formas de vencer a obscuridade do mundo, com a sabedoria deles, as dinâmicas, o diálogo aberto e a certeza de que seus filhos poderiam ir à escola buscar conhecimentos como quem procura um tesouro, pois, para eles, era bonito ver pessoas letradas.

Assim, começaram a se ver como cegos em um mundo tão grande de oportunidades para pessoas que dedicavam tempo nos estudos. Diante do meio de comunicação, construíram sonhos que seus filhos iam aprender a ler, para que não sofressem no futuro próximo com uma sociedade para a qual não estavam preparados. Não aceitavam que pudéssemos viver a mesma história e vida deles. Focaram no propósito de que seus filhos iriam para a escola para aprender e para ter oportunidades de vencer e superar os limites do analfabetismo familiar. Meus pais abriram as portas da escola para mim, com a ideia de que o estudo era um instrumento que poderíamos levar além dos horizontes, que desejássemos alcançar, chegar aonde eles não haviam chegado por falta de estímulos e que seus filhos não iriam ter o direito de estudar negado.

Diante desse ambiente familiar fui crescendo e aprendendo valores que carrego comigo até hoje. Com eles, aprendi a valorizar e a respeitar todos os seres, independentemente de raça, cor ou religião, bem como a ser honesta em qualquer situação. Segundo Schimtz (1994, p. 41), “a família é o primeiro ambiente humano natural em que o homem nasce, se cria, se educa e se realiza”. Portanto, é na família que acontece a educação informal na qual os pais ensinam noções de valores que servem como base para a formação do cidadão como ser humano.

A educação doméstica se constitui como base na formação cidadã, assim como o que aprendemos na escola. Nessa última, convivemos com conhecimentos científicos, aprendemos a desenvolver o pensamento crítico, importante ao nos depararmos com problemas sociais, e, dessa forma, sermos capazes de distinguir o que é certo, para poder fazer a diferença na sociedade.



As lições de vida que compartilharam comigo como objetivo de que me tornasse uma pessoa íntegra, capaz de dar amor ao próximo, foram essenciais para que eu desenvolvesse o senso de justiça para com todos. Ao refletir acerca da família, como Instituição social e a importância da formação da identidade do indivíduo, percebo que a mesma é um alicerce preditor para o desenvolvimento da criança. [...] “em todos os grupos sociais, mesmo culturalmente diversos, encontramos a instituição família”. (Schimtz, 1994, p. 41). É na família que conseguimos o apoio e o equilíbrio necessários para o desenvolvimento biológico, psicológico e emocional (Morrish, 1975, p. 24). Desse modo, a família se apresenta como a base estrutural de toda a formação humana, podendo contribuir, durante toda a vida, tanto para equilíbrio, quanto para o desequilíbrio emocional.

Tive uma infância tranquila, saudável e muito feliz. Apesar das dificuldades financeiras, nossa família superou inúmeros desafios com a união de todos. Minha mãe sempre se dividiu entre os trabalhos na agricultura e suas tarefas domésticas. Meu pai, por sua vez, trabalhava na roça e como ceramista. Ambos os analfabetos, porém sábios no educar, definiram metas para seus filhos alcançarem, mesmo sendo de berços de analfabetos. Sempre deram muita importância à educação dos filhos.

Desde nosso nascimento, lembro-me de muitos planos que meus pais faziam com fé e esperança de realizar, como nossa primeira casa, nossa grande conquista, realizando o sonho de sair do aluguel. É bom compartilhar um pouco dessas lembranças e reviver todos os momentos da minha infância, resgatar fatos da minha história, de quem sou eu, de onde vim, das minhas raízes e origens, desde a infância até a fase de adulta.

Para Kramer (2006, p. 13) “A infância é entendida como período da história de cada um, que se estende na nossa sociedade, do nascimento até aproximadamente dez anos de idade”. Infância que deve ser vivida como criança, respeitando-se seus direitos de brincar, aprender e se desenvolver, ser cuidada, respeitada e protegida.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, são direitos da criança: Direito à Vida e à Saúde; Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade; Direito à Convivência Familiar e Comunitária; Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao



Lazer. Portanto, olhar para esses direitos é compreendê-los como conhecimento inerente a minha profissão de futura Pedagoga.

A respeito da minha adolescência, esse cuidado da família para comigo continuou. Meus pais continuaram me apoiando sempre com o objetivo de que eu aprendesse e me desse bem nos estudos. Mais à frente, discorrerei sobre esta etapa da minha vida.

TRAJETÓRIA ESTUDANTIL: ALFABETIZAÇÃO E ENSINO FUNDAMENTAL

Iniciei minha trajetória estudantil da 1ª a 4ª série, em 1988, na Escola Estadual Padre Ambrósio Ferro, situada na rua Ex. Combatente Miguel Lúcio do Nascimento, pequeno povoado rural de Uruaçú, bairro de São Gonçalo do Amarante-RN. Faço uma ressalva que iniciei os estudos fora de faixa, ou seja, entrei não na alfabetização e sim direto na 1ª série, mesmo sem saber ainda ler e escrever. A escola era pequena e conservadora aos costumes tradicionais. Nosso uniforme era uma saia plissada azul marinho, blusa branca, sapatos colegiais pretos com meias brancas. Este uniforme marcou muito a minha vida, pois foi o primeiro presente que ganhei ao chegar à escola, mas também nunca soube quem me presenteou. Nem meus pais procuraram saber, só sei que ficaram muito gratos e agradecidos.

Naquele momento, meus pais não tinham como me dar um uniforme, a situação financeira de nossa familia era difícil, para suprir necessidades extras. Ao longo da vida, tinham se dedicado mais ao trabalho do que aos estudos, mas haviam prometido a si mesmos que seus filhos teriam uma vida diferente frente ao analfabetismo.

Comentavam com todos a seguinte fala: “Somos analfabetos, porém não queremos o mesmo para nossos filhos”. Aplicaram estímulos em nossas vidas. Buscamos estudar, como quem busca luz num mundo escuro e nos apresentaram a um mundo competitivo. Éramos apenas crianças, mas precisávamos saber como eram as oportunidades da vida.



Nesta dinâmica, sempre tivemos o diálogo aberto, para buscarmos o estudo, como quem busca um tesouro, e nesta busca, teríamos tempo e hora para tudo. Iríamos aproveitar nossas fases da vida, uma de cada vez, sem perder a essência de brincar e aprender. Achavam bonitas as pessoas letradas, as famílias que tinham professores. Mesmo sendo de berços analfabetos, sonhavam com o melhor para os filhos. Não queriam que vivêssemos como cegos em um mundo tão grande de oportunidades.

Diante dessa situação, construíram sonhos que seus três filhos aprenderiam a ler, para que não sofressem, em um futuro próximo, com uma sociedade para a qual não estaríamos preparados. Não aceitavam que pudéssemos viver a mesma vida, vivida por eles, e que ninguém nos tirasse o direito de aprender. Focaram no propósito de que seus filhos iriam para escola aprender a ler e a escrever, para terem a oportunidade de vencer e superarem os limites do analfabetismo familiar.

Meus pais abriram as portas da escola, com base na educação trazida de casa de analfabetos. Não teria chegado a lugar nenhum sem incentivos dos meus pais, que lutaram por uma educação digna para seus filhos. A escola era a certeza de que não poderíamos chegar a lugar nenhum sem essa base. Foi um caminho longo, dificultoso, cheio de incerteza, e certezas de que poderíamos ir muito além de onde quereríamos chegar, bastava acreditar. Meus pais, além do estímulo aos estudos, também incentivavam a prática de atividades físicas, com brincadeiras ativas, passeios pela manhã, andávamos de bicicleta modelo monareta, pulávamos corda, brincávamos de jogos de perseguir, jogos de memória, construíamos castelos de areias, curral cheio de animais feito de argila no quintal de casa, práticas vivenciadas que foram fundamentais e necessárias para nosso crescimento e desenvolvimento motor, psicológico e social, ainda que não possuíssemos instruções e conhecimentos nessa área.

Paralelamente a essa breve explanação, retorno sobre o conhecimento aprendido em meus primeiros anos de vida. Como mencionado acima, em 1988, aos 8 anos de idade, iniciei meus estudos na 1ª série, na Escola Estadual Padre Ambrósio Ferro, porém como não era alfabetizada, foi um ano como ouvinte apenas. Passava mais tempo na biblioteca da escola do que na sala de aula, o ambiente me deixava quieta a folhear livros, e ali



fantasiava minha imaginação. Foi um ano que passou sem eu perceber. Não sei como foi, mas havia sido aprovada. Apenas no ano seguinte, na 2ª série, com 9 anos, a professora iniciou meu processo de alfabetização, na qual comecei as primeiras aprendizagens de tentativas de leitura e escrita, a partir do método sintético, que consiste na apresentação de letras, sílabas e formação de frases. Tive muitas dificuldades. Não conhecia as letras. Por não conhecê-las, não conseguia juntar sílabas e formar palavras.

Nessa época, se aprendia através da repetição de sons e uso das cartilhas nas escolas, método sintético utilizado na fonação e a soletração pelo qual não evoluí, pois tinha muitas dificuldades com as letras, e minha professora nesta época era muito exigente. Ela escrevia muito no quadro verde com giz, depois mandava juntar as palavras para lermos. Isso se realizava de maneira descontextualizada e mecânica, fazendo com que o aluno identificasse imagens e relacionasse ao som das letras. Quando todos esses códigos (letras) eram memorizados e a criança tinha capacidade de formar palavras e lê-las, era considerada alfabetizada.

Dessa forma, percebo que esse método colaborou, em parte, frente a esse processo tão complexo de alfabetização. Conforme Borges (1998), o método sintético consiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre som e grafia. Neste sentido, todos os procedimentos metodológicos estão ligados à letra, do fonema ou sílaba, e apresenta a aprendizagem inicial da leitura como algo mecânico. Trata-se, portanto, da aquisição técnica para decifrar o escrito em sons. Assim, o mesmo autor observa que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita é uma questão que exige mecanismos e se trata da obtenção de uma técnica para decifrar o texto lido, porque se concebe a escrita por meio da transição gráfica da linguagem oral, e ler equivale a decodificar o escrito em som (Borges, 1998).

Além disso, também eram utilizadas as cartilhas do ABC, rigorosamente, contrariando o que afirma Freire (1996, p. 62): “aprender a ler e escrever não significa a memorização de sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre esse processo e sobre o verdadeiro significado da linguagem”.



Particularmente, foi muito difícil para mim a fase da alfabetização na referida escola, porque não conseguia aprender as letras do alfabeto nem decodificar as sílabas, e isso me inquietava muito em sala de aula. A professora explicava o conteúdo naquele momento e tínhamos que prestar atenção, porque ela não explicava uma segunda vez. Quando íamos tirar alguma dúvida, ela falava que já tinha explicado e mandava que fôssemos ler o conteúdo dado.

A “pedagogia tradicional” é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria (BRASIL, 1997). Ela tinha todo o controle da turma e ministrava bem as disciplinas, porém era pouco afetiva com os alunos. A falta de afetividade se dava pelo medo de que os alunos viessem a perder o respeito por ela, o que acabava prejudicando o resultado final de seu trabalho.

Acredito que professor tem que interagir com os alunos, com afeto para gerar a confiança e a aceitação necessárias ao aprendizado, e para haver um convívio harmonioso e prazeroso na sala de aula.

Ao final do ano letivo, na mesma escola, alguns dos meus colegas já sabiam ler e eu não. Lembro o quanto isso me deixou triste, pois todos haviam recebido um cartãozinho com algum escrito. Liam felizes suas mensagens, e eu não sabia o que estava ali escrito no meu. Corri para o pátio do colégio, não queria que ninguém soubesse que não sabia o que estava escrito ali. Recordo que os colegas me perguntaram “o que tem no seu”, mas eu ali, quieta e tímida, escondia o meu, falando que tinha “parabéns, você é capaz”. Sabia que estas palavras não estavam ali, porém tinha que acreditar em mim, já que a professora não acreditou.

Certa vez, cheguei em casa, falei para minha mãe que era cega e surda, não conseguia vê as letras e não escutava elas. Lembro que naquele dia minha mãe ficou inquieta por horas, até que meu pai chegou. Estava tão nervosa que esqueceu que eu estava ali almoçando. Falou: “Olha, nossa filha não consegue acompanhar seus amiguinhos da sala. Como poderemos ajudá-la, se não sabemos ler?”. Ali começara a



batalha para ajudar os filhos, pois não queriam que os mesmos adotassem a herança do analfabetismo.

Conversando com vizinhos, seguiram conselhos de nos colocar na aula de reforço com uma catequista da igreja. Naquela época, muitas moças lecionavam em casa, por valores acessíveis. Meus pais não pensaram duas vezes: decidiram fazer uma pequena economia, mesmo sabendo que o que tínhamos era pouco. Conseguiram uns trocados para me colocar no reforço, na casa de tia Albanira, como era chamada.

Era uma sexta-feira, quando fui conhecer minha professora de reforço. Lembro que era uma casa com uma varanda grande: mangueiras, coqueiros, cajueiro, goiabeira, um pé de seriguela e muitas flores. Achei lindo aquele lugar. Nos primeiros dias, tudo era maravilhoso, os problemas estavam resolvidos. Tinha alguém para acompanhar minhas atividades escolares e não estava mais só, em meio a tantos livros, pensei comigo mesma.

Meses passavam e eu ali não evoluía. As dificuldades no aprendizado eram as mesmas, o reforço não tinha êxito, as cobranças só aumentavam, estava com duas professoras e não era fácil dedicar tanto tempo em aprender a ler e escrever, no reforço e na escola. Permanecer em uma turma com alunos já alfabetizados era desesperador, me deixava inquieta por não conseguir realizar as atividades no tempo como os outros.

Esse fato de vir de um lar de pais não alfabetizados me limitou em muitas coisas em sala de aula, não era vista como uma aluna normal, me sentia rejeitada, deixada de lado para todas as atividades e meus porquês não tinham respostas, apenas tinha que ficar calada para não atrapalhar os colegas na aula. Toda semana era mandada para biblioteca da escola, onde ficava na maioria das aulas de português. Lá, brincando com os livros, adorava arrumá-los e fazer grandes pilhas de livros. Lá conseguia ser eu mesma. Sozinha, ninguém me cobrava nada, até conseguia dormir, acordando com a merendeira e sua filha a me chamar. Já era hora de ir para casa.

Assim, passavam dias e meses. Até que um dia, nas minhas aulas de reforço, minha professora catequista, chamou a minha mãe e disse que não dava mais para me ensinar, pois não conseguia encontrar um caminho para seguir com minha leitura. Não tinha preparação para respeitar o meu ritmo e não sabia como lidar com essa diferença.



Vi minha mãe olhar para mim triste: “Vamos para casa, amanhã voltaremos”. Essa manhã esperei como todas as manhãs, e nunca chegou. Eu não voltei mais às aulas de reforço. Com muita tristeza, perguntei a meus pais por que não iria mais. Eles resolveram virar a página e falaram: “com um pouco de tempo a mais, vais aprender”. Fiquei assustada e falei: “vocês não imaginam as páginas que viro na escola, e mesmo assim, ainda não sei o que tem num livro”.

Naquela hora, os dois me olharam falando: “amanhã é sexta-feira, já é final de semana. Não vais para escola. Vamos para o roçado, colher feijão e milho. Sábado vamos ao açude e pescar. Domingo, vamos à missa. Na segunda-feira, você vai à escola, e vais ter a oportunidade de reescrever novas páginas. Quando menos você esperar, vais aprender a ler. Vai ser fácil na escola, lá se aprende tudo. Ela foi construída para adquirirmos saber”.

Assim, aceitei aquele fim de semana, era nosso lazer em família. Afinal, na sexta-feira, na escola, eram só cantados os Hinos, Nacional, da Bandeira e o do Município de São Gonçalo do Amarante. Recordo-me sempre da fila, que a professora organizava. Eram comuns as brigas nesta hora, pois todos queriam ficar na frente. Eram filas enormes que as turmas faziam. Aproveitávamos o momento para nos encontrar e nos divertir. Todos cantavam os Hinos, sem ter a real noção de sua importância. Sabíamos, apenas, que era parte da rotina semanal, em todas as escolas da rede pública, que cumpriam uma determinação superior.

Hoje percebo que o erro consistia na realização mecânica desta atividade e não na realização da atividade em si mesma. O que faltava era um trabalho afetivo de conscientização social e política, respeitando os limites de compreensão dos alunos, permitindo uma melhor compreensão daquela prática cívica, com o objetivo de incentivar o patriotismo entre os alunos. Hoje, quando o Hino é cantado e a bandeira hasteada fico muito emocionada e tenho a sensação de poder voltar ao passado e reviver aquelas experiências que me marcaram tão profundamente na escola em que passei minha infância, desejando que esta prática volte a ser vivida por esta nova geração de alunos, agora de forma mais contextualizada e pedagogicamente sistematizada.



Ao passar por tudo aquilo, meus pais me motivaram a ter mais um pouco de calma, acreditavam não ser fácil este processo. Vendo que meus pais não haviam desistido de mim, aos 9 anos e seis meses, após a minha professora de reforço ter desistido de tentar me ensinar a ler, decidi pegar minha cartilha e estudar sozinha. Eu havia decidido que estudaria até conseguir ler algumas palavras. Todos os dias, eu parava para aprender sozinha, após o horário escolar.

Para Zabala (1998), a perspectiva 'tradicional' atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender, e o exercício é entendido como cópia do modelo, até que seja capaz de automatizá-lo. Segundo a tendência da pedagogia tradicional, o aluno é um mero receptor de informações, um ser passivo.

Devido a imaturidade e inexperiência de muitos professores, o pensamento de muitos alunos é desprezados em sala de aula, desvalorizado, bem como seu senso crítico. Acredito que esse tipo de educação reprime o prazer de aprender. Eu era uma criança muito tímida. Muitas vezes, ficava com dúvidas durante a aula que estava sendo ministrada, mas não tinha coragem de perguntar, por medo de ser repreendida pela professora.

Hoje, percebo o quanto isso afetou minha vida escolar. Minha timidez atrapalhava muito, geralmente, nas aulas de língua portuguesa e matemática. Meu silêncio resultou em notas baixas. Por isso, tive muitas dificuldades em concluir atividades, principalmente, na disciplina de matemática. As aulas me deixavam muito apreensiva, porque, muitas vezes, não entendia nada e minha timidez atrapalhava muito.

Os professores também adotavam a pedagogia tradicional, sendo fundamental em suas aulas a ordem, o silêncio e, essencialmente, o respeito. Sobre isso, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) "[...] a metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição de conteúdo, numa sequência predeterminada e fixa, independentemente do contexto escolar; enfatizava-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos" (Brasil, 1997, v. 1, p. 39). Portanto,



pelo que recordo as atitudes adotadas pelos professores seguiam exatamente o que é relatado nos PCN's. A metodologia de ensino baseava-se em atividades de cópias, ditados e memorizações, principalmente, da tabuada.

Acreditava-se que, por meio da prática da repetição, se levariam os discentes à aprendizagem mais facilitada. Acredito que a prática da repetição não contribui muito com a aprendizagem das crianças, pois se elas aprendem brincando, pelo lúdico, é possível assimilar o conteúdo de forma mais significativa, por exemplo, nas aulas de matemática.

Assim, debaixo de muitos desafios, conclui a 4ª série do ensino fundamental na Escola Estadual Padre Ambrósio Ferro, no ano de 1993, onde aprendi a ler. Depois de muitito esforço e força de vontade, estava alfabetizada, para minha felicidade e dos meus pais.

Seguindo minha trajetória escolar, o restante do Ensino Fundamental foi na Escola Estadual Pedro Gomes de Souza, em Macaíba, de 1994 a 1996, onde estudei a 5ª, 6ª e 7ª séries (nessa escola não havia a 8ª série). Meus pais a escolheram por ter uma boa referência, queriam que eu começasse uma nova jornada em minha vida, começando por uma nova escola. Foi uma boa experiência, me intentifiquei com a escola, acolhedora e com ensino de excelência, e com os novos amigos. Em 1997, estudei a 8ª série, na Escola Municipal Dom Joaquim Victor de Almeida, Anexo – São Gonçalo do Amarante, onde os ensinos também privilegiavam o método tradicional. Nisto, hoje compreendo que:

> Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido (Freire, 1996, p. 25).

Percebo assim, em meu percurso como professora, que desejo estabelecer com meus alunos um ensino diferente, que passe por várias instâncias da vida deles, de modo



que faça sentido, tenha ludicidade e não apenas atividades conteudistas, ou seja, espero proporcionar aulas em que as memórias afetivas sejam resgatadas na vida de cada um, trazendo um aprendizado prazeroso e com historicidade a cada indivíduo.

ENSINO MÉDIO: MAGISTÉRIO

Em 1998, iniciei do 1º ao 3º ano do Curso de Magistério, na Escola Estadual Dr. Severiano, na cidade Macaíba – RN, situada na rua Dr. Heráclito Vilar, 100. Nessa época existia a possibilidade de cursar o ensino médio para o curso de Contabilidade ou para o curso de Magistério. Com expectativas, escolhi o curso de magistério, que me daria oportunidade maior ao mercado de trabalho. Estava feliz em estar próximo de tornar realidade meu grande sonho, que almejava desde criança, de me tornar professora.

Recordo que quando crianças me perguntavam: "Você vai ser o que quando crescer"? Aí respondia: "ser professora." E assim todas às vezes em sala de aula pediam para apagar o quadro. Aquele "sim" me deixava muito realizada. Meus colegas brincavam, dizendo: "só quer ser professora". O poeta Fernando Pessoa afirma:

> Vive a tua vida. Não sejas vivido por ela. Na verdade e no erro, no gozo e no mal-estar, sê o teu próprio ser. Só poderás fazer isso sonhando, porque a tua vida-real, a tua vida humana é aquela que não é tua, mas dos outros. Assim, substituirás o sonho à vida e cuidarás apenas em que sonhes com perfeição. Em todos os teus atos da vida real, desde o de nascer até ao de morrer, tu não ages: és agido; tu não vives: és vivido apenas (Pessoa, 1989, p. 223).

Assim, acreditei, sonhei e reguei este sonho na esperança, simplesmente, que a vida me mostraria o caminho da educação. Tudo começou na escolha que fiz no curso de Magistério, me proporcionando muitas descobertas e oportunidades. Passei a compreender melhor às práticas educativas e o espaço educacional.

Nesta jornada, passaram excelentes professores que fizeram grande percurso na trajetória do magistério em minha vida, professores estes que foram de suma importância para minha formação. Em especial, o professor Pedro Justino (*In memoriam*) e o professora Graça Feitosa, com as disciplinas de Prática de Ensino, Didática e



Metodologias. Eles sempre trouxeram palavras de incentivo, para que continuasse a carreira de Magistério, como passo para uma formação contínua, a ser realizada após a formação inicial. Essas palavras marcaram minha trajetória.

Hoje, compreendo aqueles defensores da escola pública e dos direitos educacionais, professores que desempenharam um papel importante na minha formação, para o exercício do magistério com as disciplinas de Didática e Prática de Ensino, me dando embasamento teórico e científico para a prática docente. Assim, compreendo que, Segundo Libâneo (1994), didática é essencial para o professor seguir o processo de aprendizagem e para que o educando aprenda com maior facilidade, na construção dos conhecimentos. A formação do professor requer criatividade e reflexão da sua prática pedagógica de forma sistematizada.

No decorrer do 2º ano do Magistério, tínhamos que cumprir com o estágio supervisionado, a fim de aperfeiçoar nossa prática. A primeira etapa foi a observação, em seguida, a regência que consequentemente foi uma experiência nova e enriquecedora, pois nunca estive como docente antes, era meu primeiro estágio. A professora Solange Varela (*In memoriam*) me deixou à vontade. Assumi uma turma da 2ª série do ensino fundamental com confiança, graças a Deus. Conclui o estágio e alcancei meus objetivos. Senti que estava no lugar certo, ao ouvir a professora dizer que eu tinha o dom. Era aquele caminho que queria e desejada seguir.

No ano de 2000, consegui concluir o curso de Magistério. Ao chegar ao final do curso, me senti estimulada a aplicar tudo o que adquiri na teoria, na minha prática pedagógica. Estava com uma bagagem vasta de conhecimentos. Queria ressaltar que cheguei a esse nível de ensino com muita motivação e com a certeza de que meus pais acreditaram em minha alfabetização. Continuar estudando era a certeza de que meu profissionalismo dependia dessa formação, pois o professor deve buscar viver em constante formação.

Estava entrando na área da educação e buscaria dar continuidade ao processo de formação, tais como: congressos, cursos, reuniões pedagógicas, seminários, estágios, pesquisas; variadas opções de formação de professores, no processo que deve ser



permanente e constante, de modo a garantir um ensino de qualid ade aos alunos, ajudando a evoluírem as suas capacidades e fornecer o apoio necessário aos estudantes na construção do conhecimento, no exercício do magistério.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

> Os sonhos trazem saúde para a emoção, equipam o frágil para ser autor de sua história, renovam as forças do ansioso, animam os deprimidos, transformam os inseguros em seres humanos de raro valor.
>
> Augusto Cury

Minha trajetória profissional teve início muito cedo, porque queria ter minha independência financeira e não ficar tão dependente de meus pais. Desejava conquistar meu espaço, comprar minhas próprias coisas. Comecei cedo sendo babá, experiência essa que marcou muito minha vida. Foram anos maravilhosos, onde me dedicava a cuidar de crianças. Durante este período tive o prazer de conhecer Valério Mesquita (*in memoriam*) que estava selecionando professores com magistério para lecionar em sala de aula. Tinha terminado meu curso, precisava adquira experiências em sala de aula. Nesse momento, me envolvi no meu primeiro trabalho com a educação, um serviço prestado no CAIC – Centro de Atenção Integrada à Criança, em Macaíba – RN. Era um desejo que estava ao meu alcance, um ano de experiência positiva, e nas horas vagas, conseguia conciliar sendo revendedora de cosméticos Avon e Hermes.

Estava vivendo a melhor fase da minha vida. As portas do mercado de trabalho haviam se aberto para mim. Surgiam novas ideias. O comércio me levou a vender doces artesanais e a fazer diversos cursos na área de artesanato. Entrei para o mercado de festas infantis, uma coisa impulsionava outra. Estava perdendo o controle do que queria. As experiências em sala de aula não eram tão boas. Não conseguia conciliar minha atenção.

Estava me dedicando mais a cursos artesanais, como terapia ocupacional, do que ao trabalho em sala de aula. Tudo era novo pra mim, as experiências estavam modificando minha vida, minha maneira de pensar, falar e agir, tendo sempre como foco principal o meu objetivo que era vencer os obstáculos seguindo em frente. Neste trajeto, adquiri



novos conhecimentos para a minha vida profissional. Vivências que acrescentaram na vida, que me fizeram refletir, e através dessa análise, é que fui alargando os horizontes e possibilitando novos olhares para o que ia enfrentar pela frente, sem medo de errar, por amor à profissão, que exigiam mais de mim, e assim, diante de tantos envolvimentos no mercado de trabalho, desisti da sala de aula.

Decidi viver do mercado de decoração de festas infantis e fabricação de peças decorativas para as mesmas. Era um ramo que podia conciliar com tudo que gostava de fazer. Acreditava no meu potencial, e por acreditar que nada acontecia por acaso, pois para Deus tudo é possível, tudo tem um propósito na vida, vivi momentos de realizar as festas dos sonhos de cada pessoa, com amor e dedicação. Assim, com muito esforço, abri uma pequena empresa GM Comércios e Serviços e vivendo os melhores momentos de minha vida.

Os anos se passaram, e comecei a pensar em ter minha independência financeira sem estar sob os cuidados dos meus pais (quem administravam meu salário), não deixando de ajudá-los, porém percebi que precisava dar um passo na maturidade, ou seja, cortar o cordão umbilical, sair e conhecer pessoas, que até então só vivia num ambiente reprimido às minhas vontades. Assim, o desejo de ser mãe falou mais alto. Não tinha mais tanto tempo para viver tudo aquilo sem pensar em constituir uma família. Me desliguei daquele ramo profissional, por um pouco de tempo, casei, fui para minha própria casa, tive um filho e passei a dedicar mais tempo em cuidar da minha família. Sou grata a Deus pelo prazer de ser mãe. Quando meu filho cresceu, retornei ao mercado de trabalho, não mais no ramo de festas infantis, mas como secretária paroquial, funcionária da Arquidiocese de Natal, em que descrevo mais adiante essa trajetória.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

> “Todos estamos matriculados na escola da vida, onde o mestre é o tempo”.
>
> Cora Coralina



Diante da minha trajetória no magistério, surgiu o desejo de ingressar em uma faculdade pública, em 2001, mas o valor alto das passagens, vindo do interior, não me permitia arcar com elas, seis passagens necessárias para ir e retornar para casa, de Uruaçu para São Gonçalo, de São Gonçalo para Igapó e do Igapó para Natal.

A cada ano, o desejo de ingressar em um curso acadêmico aumentava, porém a dificuldade era a mesma. Fazia cálculos, planos, porém a vida no interior era cada vez mais difícil. Nessa época, não tinha casado ainda, vivia com meus pais. Muitos ali, naquele pequeno interior, acreditavam que a melhor forma de ter um bom futuro era pelo casamento. Aprender a ler, apenas, era suficiente sendo este o pensamento predominante naquele pequeno bairro remoto. Faculdade era para filhos de ricos da cidade grande. Naquele povoado todos pensavam da mesma forma: não viam a grandeza que os estudos podiam nos trazer.

Anos passavam, e como descrevi na minha trajetória estudantil, aprendi a ler com muitas dificuldades, conclui os estudos em total ano de greve de professores, no municipio de Macaiba, porém, aquilo não era o fim deseja o essencial, queria mais. Assim como mencionado anteriormente, em minha trajetória profissional, tinha meus planos, queria minha independência financeira, correr atrás das minhas metas. Não conclui o magisterio por concluir. Continuei seguindo, e nada mudava em minha vida, continuava no mesmo lugar. Os desejos, com o passar do tempo, foram deixados para trás, adormecidos, me acostumando com a vida que estava vivendo naquele momento.

A renda apenas garantia o pão de cada dia, as despesas familiares mensais eram altas, o orçamento descontrolado. Segui a minha vida. Esqueci o desejo de cursar uma faculdade. Dediquei-me a servir ao Senhor, em grupo de jovens e a catequese, infância missionária. Assim, fui preenchendo aquela lacuna, esqueci o desejo de ser universitária. Nesse percurso da minha história, do desejo de construir minha vida independente dos meus pais, de conhecer pessoas, foi o momento que conheci o meu esposo e me casei. Vim para cidade, como mencionado anteriormente, agora em minha própria casa e durante minha vida conjugal, tive um filho. Mas, aquele desejo da faculdade sempre vinha em meus pensamentos.



Em 2010, tentei o Enem. Minha nota de ingressar na tão desejada faculdade estava ali. Eu ia voltar com o incentivo do meu esposo. Tudo pronto, eu estava prestes a ser universitária, mas, tudo ficou mais uma vez no desejo. Meu avô foi diagnosticado com câncer. Não podia seguir com aquele desejo de ingressar na faculdade. Queria acompanhar todo tratamento não poderia deixar minha mãe naquele momento sozinha ela não ia saber se deslocar do interior para Natal, minha avó tinha um encaminhamento com urgência para começar quimioterapia e radioterapia na Liga Contra o Câncer, era um momento difícil. Todos os procedimentos familiares sempre foi eu que resolvia, queria ser só filha, mas naquele momento era a mãe de todos. Mais uma vez, renunciei meu desejo por forças maiores.

Anos depois, voltei a pensar, fortemente. Agora minha avó diagnosticada com a mesma doença. Era a mesma situação. Anos passavam, perdas e acontecimentos iam acabando com meus sonhos, não queria mais pensar em faculdade. Achava que meu tempo havia passado. Até que uma amiga me falou que tinha concluído Pedagogia no Instituito de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP e que iria fazer o curso de Letras, pois havia aberto novo processo seletivo. Era uma oportunidade para ter meu curso superior, saí dali pensativa.

Em casa, fiquei inquieta. Até que, no final daquela tarde, me inscrevi para seleção. Foram dias de ansiedade e incerteza. Como eu ia encarar a volta aos estudos depois de anos? Meu pensamento foi cortado, ao ouvir meu esposo dizer “respira, você é capaz”. Chegou o dia. Fui ao IFESP, participei do processo seletivo e, para minha surpresa, passei. Estaria preparada? Ainda não. Mas, segui em frente sem olhar para trás e aqui estou eu, realizada por estar concluindo esse curso, com muito esforço e dedicação, finalizando esse percurso.

A escolha pelo curso de Pedagogia já estava bem clara na minha vida. Sabia que iria encontrar muitos obstáculos, nessa nova jornada. Trabalhar o dia todo em uma secretaria paroquial e estudar à noite não seria nada fácil saindo da zona norte. Acredito que quanto mais lutamos para superar os obstáculos, mais valorizamos nossos esforços e conquistas. Por tudo isso que venci. Tive muita garra e força de vontade para chegar até



aqui, em buscar outros conhecimentos, aprofundar mais meus estudos, minha leitura, pesquisar assuntos relacionados à educação, para ter a oportunidade de melhorar minha expressão, escrita e postura em sala de aula.

É diferente a vida acadêmica. Uma experiência sem igual, de autoconhecimento. Não estava brincando de estudar. A responsabilidade aumentou. Cada professor tem sua forma de ministrar seus respectivos componentes curriculares, envolvendo os discentes com suas metodologias, motivando-os a buscar novos conhecimentos. Falar da importância e das contribuições dos componentes curriculares deste curso é gratificante para mim. Considero que hoje minha postura de educadora é bem diferenciada do passado e me mantenho na busca contínua de alcançar avanços em termos de competência no campo da Pedagogia.

MEMÓRIAS SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA DO IFESP

Iniciamos a nossa primeira aula com o componente de Educação, Sociedade e Cultura I. Foi um momento dinâmico em que fizemos uma redação recordando a infância, brincadeiras e jogos que brincávamos nessa época. Nesta aula tivemos a oportunidade de viajarmos no túnel do tempo. Esta viagem nos trouxe lembranças, nos transportou ao passado, dando-nos a oportunidade de recordar cada momento vivido através da redação escrita.

As disciplinas que me foram mais significativas serão mencionadas no decorrer das minhas reflexões. A primeira foi à disciplina de Tópicos Linguísticos, ministrada pelo Professor Me. Arandi Robson Martins Câmara. Foi muito significativo para mim, porque me proporcionou muito aprendizado sobre as questões linguísticas e a prática docente, levando-me a compreender os aspectos da linguística, como fundamentos importantes para o professor, que muitas vezes desrespeita os seus alunos no que se refere à oralidade desses, por achar que eles falam errado, quando na verdade eles apenas não seguem a norma culta.



Perini (1997) afirma que não podemos considerar “falar certo” ou “falar errado”, na verdade, podemos dizer que a pessoa fala de forma “adequada” ou “inadequada”, dependendo do contexto de uso. Ou seja, não fala como rege a norma culta, em ambientes que dela necessite, pois a norma culta é uma das variantes linguísticas.

> Qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E [...] esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas (Perini, 1997 *apud* Bagno 1999, p. 113).

O professor precisa fazer essa distinção. Nessa disciplina em discussão, tive acesso a esses conhecimentos, da aprendizagem da língua, superei um drama de infância em relação ao falar.

É muito importante o conhecimento e a comunição o trabalhar do professor com o estudante em sua oralidade, respeitar a fase do desenvolvimento infantil e suas especificidades. Ao conhecer as características de cada faixa etária, é possível compreender que cada um tem o seu ritmo de aprendizagem da língua. É necessário valorizar e respeitar seus sentimentos, emoções, diferenças sociais e culturais, e assim, se sentirão mais motivados a aprender. Hoje cursando pedagogia vejo a importância de uma preparação de práticas pedagógicas para atuar em sala de aula, sou reflexo dessa carência onde professores não levaram em consideração o ambiente e o contexto em que cada aluno vivia.

Toda criança, tem sua origem, seu histórico familiar e cultural que poderá interessar a um professor que tem seu olhar pedagógico, observando as necessidades da criança, o que pode interferir em toda sua vida estudantil.

Outro componente que me chamou atenção a refletir a minha prática foi Educação Especial me mostrou como agir frente ao aluno com necessidades especiais. Ao refletir, percebi o quanto esta disciplina foi significativa para meu estudo e minha formação. “A



educação especial está [...] baseada na necessidade de proporcionar a igualdade de oportunidades, mediante a diversificação de serviços educacionais, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos, por mais acentuadas que elas sejam" (Mazzotta, 1982, p. 10). Junto a isso, é possível compreender a importância da Educação Especial, como observamos na seguinte afirmativa:

> [...] desenvolvimento [...] está estreitamente ligado à preocupação dos educadores com o atendimento das necessidades educacionais daqueles alunos que não são beneficiados com os recursos educacionais comuns e que precisam de recursos especiais para suplementarem os existentes. Desta forma, a educação especial não se justifica a não ser como facilidades especiais que não estão disponíveis na escola comum e que são essenciais para determinados alunos (Mazzotta, 1982, p. 11).

A partir do conhecimento de autores que esclareceram o diferencial do aluno especial, aprendi bem mais a lidar com esse tipo de aluno. Foi muito gratificante estudar sobre autismo.

Na disciplina Corporeidade e Educação, ministrado pela professora Tereza Cristina Bernardo da Câmara, todas as aulas eram iniciadas com uma vivência, onde éramos provocados a sentir e a pensar. Através de todos os conteúdos estudados, aprendi a ter um olhar reflexivo em relação ao outro. Percebi que sem humanescência, não há educação para a vida coletiva. Pois o amor é a base de tudo, o mais sublime dos sentimentos. Não se pode amar apenas por palavras, mas de fato e de verdade, em suas aulas procurava nos envolver de corpo e alma me sentia bem leva depois de um dia cansado de trabalho. Lembro que uma aula ela falou. "A mente não existe sem o corpo e o corpo não existe sem a mente. Mente e corpo coabitam e coexistem num mesmo ser. Corporeidade é corpo vivenciado". Essas palavras foram para mim de suma importância, era como energias positivas que me mandava.

Temas como Sentipensar, autopoiese, transdisciplinaridade, educar na biologia do amor e da solidariedade, teóricos como Maria Cândida Moraes e Saturnino de La Torres, Humberto Maturana, Paulo Freire, Hugo Assman. Era me transportar a vivenciamos diferentes experiências, registrávamos no diário de bordo os nossos sentimentos e



pensamentos, como um instrumento de intervenção crítica e respeito ao processo de vivência.

Assim, aprendi que a atividade educativa sólida somente pode realizar-se através do amor, “O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na co nvivência” (Maturana, 1998, p. 67).

Moreira (1999) nos inspira a pensar que:

> Uma escola que educa na perspectiva centrada na vida, busca problematizar sua função social e compreender os fenômenos e processos que constituem as relações humanas no cotidiano. Educar na biologia do amor e da solidariedade implica a integração entre o sentir, o pensar e o agir, a integração entr e razão e emoção, o resgatedos sentimentos como expressão de nossa verdade interior. É educar visando a restauração da inteireza humana e conspirar a favor da multidimensionalidade do ser.... é cuidar do desenvolvimento do pensamento e das inteligências e, ao mesmo tempo, educar para a escuta do sentimento e abertura do coração[...] é necessário criar um espaço acolhedor, desafiante, amoroso e não competitivo, um espaço onde se corrija o fazer em contínuo diálogo com o ser (Moreira, 1999, p. 02).

Nesse processo um dos mediadores responsáveis é o professor, uma pessoa que deseja esta responsabilidade de criar um espaço de convivência, este domínio de aceitação recíproca que se configura no momento em que surge o professor em relação com seus educandos, e se produz uma dinâmica na qual vão mudando juntos. Cuidado, confiança e respeito pela diversidade são três fatores que influenciam na identidade docente, e, se bem trabalhado na graduação possibilitam uma escolarização positiva para Educação Básica.

Como educadores, devemos sempre estar revendo nossa prática pedagógica, ensinando valores como cooperação e respeito por meio da vivência, trabalhando o emocional dos educandos, porque são as emoções que movem as ações para atingir as transformações necessárias à formação do indivíduo crítico-reflexivo. Podemos perceber diariamente, as transformações na educação com uma linguagem unida à experiência do sentir.

Diante das provocações discutidas nas aulas, pude refletir que está disciplina contribui muito nesta trajetória de minha formação.



O professor precisa se preocupar em formar cidadãos que valorizem os sentimentos e emoções e respeitem o outro, independente das diferenças sociais e culturais. A produção do conhecimento tem tudo a ver com a experiência do prazer. Quando essa dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo meramente instrucional. Precisamos pensar a educação, colocando em foco a corporeidade viva, na qual necessidades e desejos formam uma unidade. É educar não somente para o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, mas, sobretudo para a "escuta dos sentimentos" e abertura do coração. "É educar para a evolução da consciência e do espírito, para que o ser humano atinja um estado de plenitude, onde já não será mais preciso reprimir ou negar a experiência da comunhão, a experiência do coração, a experiência do sagrado, reprimidas durante séculos em nome da chamada ciência." (Moraes; Torre, 2007, p. 16).

Embarcar nesta viagem, nas linhas desse diário do sentir/pensar, que a professora sugeriu construir, foi deixar fluir, sentimentos e pensamentos sobre o vivido na vivência de minha vida acadêmica. O que vejo? O que escuto? O que sinto? O que penso? Deu-nós a oportunidade de refletir teorias, de fazer um mapeamento interno e completo a partir desse perceber de quais devem ser nossas ações e aonde elas vão nos levar; de se autoconhecer, a fim de compreender cada detalhe que se passa em nós mesmos, pensamentos emoções e nossos anseios; de aceitar-se; de procurar conhecer nossos limites, aprender a dizer não às coisas e às situações que não nos agradam; e de ampliar nosso vocabulário emocional, beneficiando no autoconhecimento.

Essa missão é nosso maior desafio, porque se não nos conhecemos, não nos movemos bem pelo mundo e também não conseguimos ajudar os outros de verdade. Porque o que nos torna humanos é a capacidade de nos relacionarmos. E a vida acadêmica exige e cobra esse todo. O autoconhecimento emocional é essencial, representa toda a sabedoria e compreensão que nós temos a respeito de si mesmo. Basicamente, seria entender quais são seus pontos fortes, ou aqueles que merecem mais atenção para se desenvolver, e quais são nossas características sabotadoras.



A forma de desenvolver e fortalecer a nossa autoestima, por meio da identificação das nossas competências, pontos de melhoria, medos e limitações e controle de emoções, de acordo com cada cenário. Com todo esse processo, o indivíduo potencializa suas habilidades e toma consciência de si, tornando-se capaz de lidar com as diversas situações às quais é exposto no dia a dia.

Ao assistir aos vídeos de autoconhecimento, resgatei um processo de minha vida interrompido, que não consegui ultrapassar por fraquezas, frustações e falta de conhecimento e estímulo. O vídeo conseguiu provocar conflitos entre razão e emoções, essa ânsia contínua despertou em mim o buscar por conhecimentos e desejo de enfrentar meus conflitos. Nestas provocações consegui me libertar do medo de me entender, me analisar, sentir minhas emoções, razões, foi uma prática simples desenvolvida com a ementa de um componente curricular que passou por minha vida onde o ingrediente foi atenção na busca por conhecimentos.

O texto de Moraes e Torre, “Sentipensar sob o olhar autopoiético: estratégias para reencantar a educação” me marcou muito, me ajudando a explorar minha prática, a leitura, e sentir prazer em ler.

Dando continuidade aos componentes curriculares que marcaram minha trajetória acadêmica, a disciplina Psicologia do Desenvolvimento, ministrada pela professora Adalgisa, foi de suma importância para meu processo de aprendizagem. A dedicação e perfeição das aulas eram notáveis visualmente no amor da professora em sala de aula. Receber suas exposições dialogadas representava um momento muito prazeroso para ela e para nós que estávamos ali na condição de “aprendentes”, de tal forma que, quando ela começava a explicar o assunto, olhando no olho de cada um de nós, ficávamos todos atentos à aula. Era tão gostosa de um jeito que, perdíamos a noção do tempo.

Ela nos encantou em cada aula. Foi uma ponte para compreendermos que a psicologia tem um papel importante na educação, pois contribui para o entendimento do comportamento humano, das fases do desenvolvimento das crianças. Com base nas teorias da psicologia, os educadores podem desenvolver estratégias eficazes de ensino que melhoram o aprendizado dos alunos.



Segundo Piaget (1973) cada período é caracterizado por aquilo que de melhor o indivíduo consegue fazer nessas faixas etárias da vida. No componente curricular “Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Infantil I” nos foi mostrado as concepções da infância ao longo da história com objetivo para uma educação de qualidade, em como educar, cuidar e brincar.

Foram prazerosas e encantadoras as aulas. Estudar Piaget deu ênfase em meus estudos, para o caráter construtivo do conhecimento, ou seja, das construções realizadas pelo sujeito. Vygotsky (1984) deu ênfase aos processos de trocas, ou seja, de interação do sujeito com seu meio, principalmente seu meio social e cultural. Em especial ela me marcou muito, não desmerecendo os outros professores, que são profissionais muito competentes, e que muito contribuíram em minha formação, com diferentes formas de ensinar e conquistar seus alunos.

Em citação, Vygotsky (1984) afirma que a linguagem possui uma função básica de intercâmbio social, bem visível nos bebês, uma vez que conseguem, por meio de gestos, expressões e sons, demonstrar seus sentimentos, desejos e necessidades.

Cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a desejar relacionando os seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel na brincadeira e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas pelo brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação e moralidade (Vigotsky, 1984, p. 114).

Analisando todo o curso de Pedagogia do IFESP, posso afirmar que cada componente curricular teve sua contribuição para melhoria do meu fazer pedagógico. Aprendi com cada professor, em cada disciplina ministrada, o valor dessa profissão que escolhi, adquirindo um novo olhar sobre a minha vida profissional e refletindo na minha prática pedagógica, sempre procurando trabalhar com amor e solidariedade.

ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS

O Estágio Supervisionado - ES é um cumprimento à exigência da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96 (Parecer CNE/CES nº 518/98), nos



cursos de formação de professores. No entanto, é muito mais do que o cumprimento de exigências acadêmicas legais. É uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal, pois, contribui para um maior aprofundamento teórico-prático que nos possibilitam vivenciar situações e experiências práticas para o aprimoramento de nossa formação profissional. Esse dispositivo [...] “não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente [...] Deve, sim, assumir a sua função prática, reservada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de responsabilidades de abertura para mudanças” (Kulcsar, 1994, p. 65).

O Estágio Curricular Supervisionado l, sob a supervisão pelo docente José Avelino, com o objetivo de desenvolver a inserção na Educação Infantil, foi realizado em uma sala de aula de Nível V, no Centro Educacional Pré-Escola Hamilton Santiago Junior, Rua Bacanal, Amarante – São Gonçalo do Amarante-RN. Na análise de observação, pude perceber que o brincar está sempre presente por ser de extrema importância para a formação psicossocial da criança e através de atividades lúdicas, o professor pode ter uma visão dos processos de desenvolvimento da aprendizagem de cada criança.

O Estágio Curricular Supervisionado ll foi realizado em dupla, com minha amiga Karla Luciana, sob a supervisão dos docentes José Avelino e Paulo Roberto, no Ensino Fundamental – séries iniciais, numa turma de 4º ano, na Escola Municipal Professora Maria das Neves, no Amarante, São Gonçalo do Amarante - RN. A professora desenvolvia um trabalho excelente, preocupava-se em formar cidadãos críticos e participativos, sempre instigando os alunos por meio da discussão e reflexão, a fim de prepará-los para o exercício da cidadania de maneira consciente e ativa. Vivenciar essa fase foi uma experiência enriquecedora, ímpar, para a minha formação. Ver a professora atuar como mediadora, como facilitadora do aprendizado, me fez refletir sobre a minha prática, e senti a necessidade de reformular o meu fazer pedagógico.

O Estágio Curricular Supervisionado lIl, sob a supervisão da docente Regina Lúcia, dirigiu-se na Gestão Escolar. Foi realizado na Escola Municipal Professora Maria das Neves, no Amarante, São Gonçalo do Amarante - RN. Desenvolvemos o Plano de



Ação para a Biblioteca Escolar, com a finalidade de despertar tanto professores quanto os alunos a utilizarem o acervo disponibilizado na biblioteca daquela escola e, em especial, a Literatura Brasileira e seus autores. Percebemos a necessidade de organizar aquele espaço e torná-lo mais atrativo e acolhedor. Conseguimos despertar a curiosidade dos alunos, os quais passaram a visitar a biblioteca com mais frequência. Esse projeto foi bem aceito pela comunidade escolar, alcançando dois turnos: matutino e vespertino, e os professores continuaram com esse trabalho iniciado por nós, o que nos deixou muito satisfeitas.

Estágio Curricular Supervisionado lV, em espaços não escolares, sob a supervisão das docentes Regina Lúcia e Ana Paula Leão. Foi realizado no 8° período, em dupla com minha colega Karla Luciana, na Paróquia São Lucas, Conjunto Amarante - RN, na Capela São Francisco de Assis, rua Raimundo Mendes, conhecida em desenvolver trabalhos Catequéticos, com crianças, jovens e adultos.

Fomos recebidos pelo padre José Moreira, o qual cita a importância desse trabalho sem fins lucrativos para a comunidade, onde é composta por professores já aposentados e jovens recém-formados que desenvolvem seu trabalho por amor. Trabalham com contação de histórias, estímulo da criatividade por meio da arte, e atividades manuais e jogos, que são algumas formas de atender as crianças. Na catequese, são recebidas diariamente crianças com algum tipo de necessidades especiais, crianças com distúrbios emocionais, outras que as famílias trazem porque o psicólogo informou que deveriam procurar tratar o espírito para libertação da mente, e também atendem crianças que estão em tratamento de oncologia e outros casos.

É nesse cenário que surge a figura do pedagogo, para nortear, reagrupar as possibilidades de um aprendizado coerente com a necessidade de cada indivíduo, olhando o contexto que eles estão inseridos. Na sala com jovens e crianças fomos supervisionadas pela Pedagoga Francisca Liliane Cunha e Psicóloga Mirille Soares, ambas desenvolvem trabalhos voluntários para paróquia São Lucas, que está dividada em seis comunidades que compõem seus setores, legado deixado por *Padre Tiago Theisen* (*in memoriam*), hoje patrono da educação infantil em Natal.



O contato com os espaços não escolares foi essencial para nosso aperfeiçoamento, é diferente da prática escolar. Neste estágio adquiri muito conhecimento o qual desejo um dia pôr em prática.

O estágio em gestão e em espaços não escolares nos mostrou que a educação vai além do espaço delimitado pelos muros escolares e salas de aula. Eis a importância do estágio para os futuros docentes. O estágio supervisionado permite, ao futuro professor, conhecer e experienciar momentos ímpares de aprendizado e o faz refletir sobre seu ambiente de trabalho. Os benefícios são inúmeros, e propiciará ao estagiário uma melhor qualificação em sua práxis. “É dessa forma que o profissional conseguirá sempre fazer a ligação entre teoria e prática” (Filho, 2010).

É no estágio que colocamos em prática tudo quanto foi estudado na graduação, e no estágio que o futuro professor enfrentará a realidade, do que será feito e executado em sala de aula, na gestão e em espaços não escolares. Dessa forma, “considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental” (Pimenta; Lima, 2012, p. 29).

Portanto, quero enfatizar que o estágio não deve ser visto apenas como um momento de preenchimento de fichas ou de dias que devem ser realizadas atividades; é preciso haver reflexão, envolvimento, tomada de decisões, observação quanto à prática e à teoria. De modo geral, de acordo com Barreiro e Gebran (2006), os estágios têm se constituído de forma burocrática, com preenchimento de fichas e valorização de atividades que envolvem observação participação e regência, desprovidas de uma meta investigativa. Dessa forma,

> Por um lado, se reforça a perspectiva do ensino como imitação de modelos, sem privilegiar a análise crítica do contexto escolar, da formação de professores, dos processos constitutivos da aula e, por outro, “reforçam-se práticas institucionais não reflexivas, presentes na educação básica, que concebem o estágio como o momento da prática e de aprendizagens de técnicas do bem-fazer (Barreiro; Gebran, 2006, p. 26-27).



Gostaria de discorrer que educação fora da escola, que acontecem em ONGs, instituições religiosas, iniciativas particulares e programas sociais públicos, é necessária e importante, quando se pensa em um processo educacional que priorize a prática de atividades que favoreçam atividades culturais, de criação, esportes, rodas de conversas, relações de trocas de vivências, entre diversas outras atividades educacionais.

Segundo Frison (2006, p. 07):

> [...] Entende-se por espaços não escolares a atividade educacional organizada e sistemática, realizada fora do sistema de ensino formal, visando proporcionar aprendizagem sistemática e continuada a educandos trabalhadores que foram assim denominados porque além de executarem tarefas do trabalho estão em constante processo de formação e aprendizagem no local de trabalho.

Dessa maneira, no espaço não escolar o estagiário vai atuar com vistas a aprender e aperfeiçoar seu aprendizado; para sua atuação vai precisar organizar as ideias para uma ação educativa que promova o aprendizado. Diante disso, Frison (2006, p. 24) pontua que

> O Trabalho do pedagogo nos espaços não-escolares, no mundo contemporâneo, parte de pressupostos mais exigentes e complexos do que os das décadas passadas, demanda outras ações, embasadas em outro paradigma, porque estes ambientes educativos encontram-se sob forte pressão, exigem respostas alternativas e rápidas e privilegiam a lógica da aprendizagem autorregulada.

Desse modo, é preciso desmistificar a ideia de que pedagogo só está ligado ou só atua em espaços escolares. O estágio nos mostrou a importância e a real necessidade de pedagogos em espaços não escolares, e como esse pedagogo pode contribuir, atuar em benefício destes espaços não formais. Foi muito gratificante e extremamente significativo o estágio em espaços não escolares. Concordo com Franco, Libâneo e Pimenta (2011, p. 61), quando afirmam que: “a formação profissional de pedagogos extrapola o âmbito escolar formal devendo abranger, também, esferas mais amplas da Educação, a não formal e a informal, ou seja, toda atividade docente é atividade pedagógica, mas nem toda atividade pedagógica é necessariamente atividade docente”.

Percebo, com isso, que a atuação do pedagogo em espaços não formais é muito abrangente em suas ações, podendo contribuir de várias formas para execução de



atividades, organização, planejamento. Pode também ser ponte para ligar a família às ações, outrora desenvolvidas neste espaço. São inúmeras formas de atuação. Ao pensarmos na diversidade da atuação deste profissional, precisamos nos reinventar enquanto futuros pedagogos, e assumir um perfil além daquele da formação específica.

Lembro que em sala de aula as professoras Regina e Ana Paula, em uma atividade de debate e estudo de textos sobre educação em espaços não escolares, nos oportunizaram um momento ímpar, onde cada grupo falou sobre suas experiências, e nós vimos a importância de pedagogos nesses espaços não escolares.

Diante dessa importância constatei que a Paróquia São Lucas, que atende à comunidade e seus entornos, cuidando das famílias em seus muitos aspectos e das crianças e jovens, em suas diversas necessidades, e os que atuam neste cenário o fazem voluntariamente, observamos o grande desafio que essas organizações enfrentam para atuarem da melhor maneira possível, para garantir alguma dignidade ao público que deseja alcançar.

Surgiu então a proposta de, através das mídias sociais, fazer uma ampla divulgação dos trabalhos da Paróquia, conscientizando o público das necessidades que enfrentam e conscientizando-os de como podem ajudar, através de doações ou parcerias, se tratando de uma instituição sem fins lucrativos, que atende toda uma comunidade carente, com assistência para as crianças e jovens, contando com trabalhos que atingem desde alimentação à assistência à saúde, como assistência oncológica, e atende crianças com diversos transtornos e outros.

Fizemos uma investigação acerca das mídias utilizadas pela paróquia e fomos informadas que há um Instagram, da paróquia central, onde traz as informações gerais dos acontecimentos que envolvem todas as demais paróquias. Nossa proposta foi a de criação de um Instagram local, visando a divulgação do trabalho que é realizado neste ambiente. Visamos com essa intervenção, ampliar a divulgação dos trabalhos que são realizados, a fim de conseguirmos mais recursos, doações, e parcerias, pois sabemos que as dificuldades encontradas são diversas. Não há ajuda do estado, tudo quanto se consegue são donativos e através das parcerias.



Vivemos na era da tecnologia, e utilizar as redes sociais, através de ferramentas como o Instagram, pode ajudar na promoção e divulgação do trabalho realizado pela igreja local. Um bom planejamento confere transparência na atuação institucional, podendo levar ao aumento do fluxo de recursos destinados a ações sociais e consequentemente fortalecer parcerias já existentes ou parcerias futuras. Sobre as mídias sociais, concordo com Cerqueira e Silva (2011), que enfatiza que cada pessoa é um ponto nesta rede, a qual está ligada a diversas outras pessoas, que por sua vez estão ligadas a outras múltiplas pessoas, e assim por diante, independentemente de classes e grupos sociais.

Continuando o pensamento, Jue, Marre Kassotakis (2010) relatam que essas ferramentas são espaços para compartilhamento de informações a respeito de pessoas, que buscam por pessoas, para trocarem conhecimentos ou construírem relações de interesses em comum. Sabendo disso, e acreditando no grande potencial que tem as redes sociais e o universo digital, é possível apropriar-se dessas ferramentas para alavancar projetos, promover propagandas e muitas outras ações. Uma boa estratégia de divulgação poderá fazer a diferença para essa instituição. Todos os envolvidos neste trabalho o fazem por dedicação sem remuneração, (pedagogos, psicólogos, e outros que fazem parte da equipe).

O público-alvo são crianças e jovens, que recebem assistência. A proposta de intervenção seria na igreja local. Colocar alguém que tenha afinidade com as mídias sociais, com disponibilidade de atuar interinamente neste projeto de um Instagram para divulgação dos trabalhos realizados pela paróquia, mantendo as informações sempre atualizadas (aniversariantes datas comemorativas, avisos importantes etc.). Essa pessoa não atuaria sozinha, estaria sob a supervisão do pároco/administrador ou alguém que ele indique.

No Instagram, estariam as informações da instituição, o trabalho realizado por eles (fotografias das ações realizadas). Seria necessário que contassem ao público a história, os valores e os propósitos da organização, sendo um espaço para aqueles que desejam fazer doações ou parcerias. Para a execução deste projeto, é preciso ter internet e o



aparelho pelo qual se utilizaria essa rede social (computador, celular, tablet). Um bom trabalho de divulgação poderá trazer parceiros e ou pessoas que desejam ajudar neste trabalho humanitário.

Concluí o estágio com a certeza de que estou disposta a fazer a diferença. Nas experiências vivenciadas, pude ampliar a minha visão sobre a necessidade de informar as pessoas de que ser um pedagogo vai muito mais além do que se é dito, e é preciso reconhecer e fortalecer a atuação desse profissional nos ambientes não formais e a importância destes em espaços escolares e não escolares.

Neste período que vivenciei este estágio me senti segura. A supervisão das docentes Regina Lúcia e Ana Paula proporcionou muita aprendizagem, o que naturalmente me levou a refletir sobre minhas práticas. Posso registrar, sobre meu percurso no IFESP, que foram quatro anos vividos com muita intensidade, em que a cada dia eu era desafiada a superar meus próprios limites. Para isso, precisei me dedicar aos estudos, pesquisas, leituras, dialogar com os autores trabalhados e fazer minha autorreflexão diante das aprendizagens e conhecimentos adquiridos em cada componente curricular do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever aqui sobre toda a minha trajetória, desde a infância até os dias de hoje, nos quais concluo a minha graduação em Pedagogia, foi uma oportunidade para refletir a respeito da minha prática que desejo estabelecer com meus alunos. Aquela menina do passado, que teve muitas dificuldades em aprender a ler, poderia ter sido poupada de seus sofrimentos se o ensino à época tivesse priorizado métodos mais libertadores de alfabetização, e com professoras mais sensíveis e profissionais. Ao crescer, me tornei uma ótima trabalhadora, que carregava seus valores por causa de uma família, pai e mãe, com histórico de analfabetismo. Esses valores foram fundamentais e formaram a pessoa que sou, sendo este ponto muito importante na vida da criança e do adolescente.



Desde cedo me encontrei na educação, entretanto, não pude exercer a profissão como queria, pois vários fatores me impediram. No tempo certo, consegui ingressar no IFESP e realizar o sonho que tanto esperava.

Ser professor exige muitos atributos, no qual destaco a capacidade de criticidade e de estar em formação permanente, visto que é algo que daqui para frente quero assumir. Para isso, faço das palavras de Freire (1996) as minhas, que dizem:

> Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu "distanciamento" epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela "aproximá -lo" ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também (Freire, 1996, p. 21).

Sendo assim, da mesma forma, como tive aqui a oportunidade de refletir sobre a minha prática por meio da escrita deste memorial de formação, desejo continuar, sob outras ferramentas, ao longo do meu percurso, estar pensando sempre sobre tudo que promovo em sala de aula com meus alunos, bem como naquilo que eles trazem para sala de aula, pois seus saberes e anseios devem ser o foco de minha prática. Quero ter em mente que o aluno é um sujeito que tem muito a contribuir e que o conhecimento deve partir de suas necessidades.

Concluo este memorial de formação com a certeza de dever cumprido comigo mesma, com meu autoconhecimento, e com a sociedade que faço parte, tendo em mente também o compromisso mútuo com meus alunos e com a sociedade.

Portanto, nessa caminhada no curso de Pedagogia do IFESP, foi possível aprender a refletir a educação e suas mudanças ao logo dos tempos, as transformações que saem



do pessoal e passa para o coletivo, na pespectiva que consigo alcançar mais pessoas com o que aprendi e aprendo, logo multiplico aprendizagens, discernindo o professorado como veículo de mediação no processo de formação acadêmica, pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. 21. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BARREIRO, Iraíde M. de F.; GEBRAN, Raimunda A. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BARREIRO, Iraíde M. de F.; GEBRAN, Raimunda A. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

BARREIRO, Iraíde M. de F.; GEBRAN, Raimunda A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores.** São Paulo: Ed. Avercamp, 2006.

BORGES, Tereza M. **Machado ensinando sem silabar**. Campinas: Papirus, 1998.

BOSI, Ecléia. **A pesquisa em memória social**. Psicologia USP, v. 4, São Paulo, 1993, p. 277-284.

BRASIL. **Lei N° 4024, de 20 de dezembro de 1961**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/I4024.htm. Acesso em: 08 de maio de 2022.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Educação Física – 1º e 2º ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério Da Educação. **Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996**.

BRASIL/MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília 1997.

CAVALCANTI, Katia B. **Apresentação.** In: Katia Brandão Cavalcanti. (Org.). Pedagogia Vivencial Humanescente: para sentipensar os sete saberes na educação. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2010, v. 1, p. 5-10.

CERQUEIRA, RENATA; SILVA, TARCIZIO. **Marcas e engajamento digital:** algumas considerações. In: GOMES, Wilson; REIS, Lucas (Org.). Publicidade Digital: Formatos e Tendências da nova fronteira publicitária. Salvador: P&A Editora, 2011.

FILHO, A. P. **O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente**. Revista P@rtes. 2010.



FRANCO, Maria Amélia Santoro; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. **As dimensões constitutivas da Pedagogia como campo de conhecimento.** Conferência de Abertura do IV Fórum Nacional de Pedagogia (FONAPE), Belo Horizonte, p. 55-78, 21 set. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 6 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 8.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz de Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18. Ed. São Paulo: Paz e Terra. 1988.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **O pedagogo em espaços não escolares:** novos desafios. Ciência; Letras. Porto Alegre: n.36, p. 87-103, jul. /dez.2004.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **Autorregulação da aprendizagem: atuação do pedagogo em espaços não-escolares**. 2006. 342f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre.

JUE, L. A.; MARR, J. A.; KASSOTAKIS, M. E. **Mídias Sociais Nas Empresas.** São Paulo:Évora, 2010.

KRAMER. Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade. Brasília: FNDE, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. A **Didática e as exigências do processo de escolarização:** formação cultural e científica e demandas das práticas socioculturais, 1994.

MATURANA R., Humberto **Emoções e linguagem na educação e na política**. Humberto Maturana; tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação especial no Brasil:** história e políticas públicas. 5. ed.. São Paulo: Cortez, 2005 _____. Fundamentos de Educação Especial. São Paulo: Pioneira, 1982.

MORAES, M. C. **Sentipensar sob o olhar autopoiético** – estratégias para reencantar a educação. São Paulo: PUC, 2001.

MORAES, Maria C., TORRE, Saturnino de La. **Sentipensar sob o olhar autopoiético:** estratégias para reencantar a educação. 2007.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOREIRA, Antônio Marcos. Teorias da aprendizagem. São Paulo: EPU, 1999.

MORRISH, I. **Sociologia da educação:** uma introdução. 2. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1975.



PIAGET, Jean, 1896 – 1980. **A epistemologia genética**. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971. 110p.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M. S. L. **Estágio:** diferentes concepções. In. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2004, p. 06.

PRADO, Guilherme, do Val, Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. ...In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura, Angélica (Org.). **Porque escrever é fazer história; revelações, subversões, superações.** Campinas, SP: Graf, 2007.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZABALA, Antoni. As relações interativas em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos. In: _____. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.



POSFÁCIO

MEMÓRIAS FORMATIVAS: UM PERCURSO AUTOBIOGRÁFICO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O ato de formar-se professor é, em essência, um movimento contínuo de busca, reflexão e reinvenção. Não se trata apenas da aquisição de conhecimentos técnicos e pedagógicos, mas de uma construção identitária que entrelaça memórias, desafios e conquistas.

A docência é uma travessia que se constrói na interseção entre a experiência e a reflexão. Ser professor não é apenas ensinar, mas revisitar a própria história para transformar o presente e projetar o futuro. O e-book "Memórias Formativas: um percurso autobiográfico no processo de formação de professores" emerge dessa travessia, lançando luz sobre a trajetória de educadores que ressignificam sua identidade profissional por meio da escrita e da pesquisa. Cada memorial aqui registrado é mais do que um relato pessoal – é um testemunho da potência da educação como prática emancipatória.

Nessa tessitura de saberes e experiências, o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) ocupa um papel central. Como guardião da formação docente no Rio Grande do Norte, o IFESP não somente prepara professores para a sala de aula, igualmente desperta neles o olhar investigativo e a consciência crítica sobre sua própria prática. Em um cenário no qual a formação continuada se impõe como necessidade incontornável, a instituição se fortalece como um espaço de construção coletiva do conhecimento em que a pesquisa se entrelaça ao exercício da docência.

Este e-book é um reflexo desse compromisso. Ao valorizar o memorial de formação como estratégia metodológica, o IFESP reafirma a importância da autobiografia como um ato de reflexão e reinvenção. Cada narrativa contida nesta obra evidencia que a formação de um professor não se dá apenas pelo acúmulo de conteúdos teóricos, mas também pelo mergulho profundo na própria história, na busca de sentidos para o ato de educar. Ao narrar suas trajetórias, os autores não apenas compartilham suas vivências,



tecem de igual modo uma cartografia de desafios, aprendizagens e conquistas que ressoam na coletividade.

A pesquisa, nesse contexto, se revela como ferramenta essencial para o aprimoramento da prática pedagógica. O IFESP, ao incentivar a escrita acadêmica, amplia as fronteiras da formação inicial e continuada, promovendo um ambiente no qual a produção científica não é um fim em si mesma, mas um meio para a transformação da realidade educacional. Os textos aqui reunidos são prova de que a escola não deve ser apenas um lugar de reprodução do conhecimento, mas, sobretudo, de criação e questionamento, o professor assumindo o papel de pesquisador de sua própria prática.

Mais do que um conjunto de memórias, este e-book é um convite à reflexão. Ao revisitar suas experiências, os professores aqui representados narram suas trajetórias e oferecem aos leitores um espelho no qual outros educadores podem se reconhecer, inspirar-se e continuar sua caminhada. Que estas páginas sirvam como sementes para novas investigações, novas inquietações e novas descobertas.

Pois ensinar é também narrar-se, e narrar-se é um ato de resistência e transformação.

Prof. Dr. Nednaldo Dantas dos Santos



INFORMAÇÕES SOBRE OS ORGANIZADORES

Prof. Dr. Nednaldo Dantas dos Santos



Possui licenciatura (2004), bacharelado (2005) e mestrado (2007) em Ciências Biológicas; doutorado em Ciências da Saúde (2012) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Licenciado em matemática (2020) e pedagogia (2021) pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde com o desenvolvimento de Produtos Nanotecnológicos na UFRN (2013). Atualmente é professor formador do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP). Tem experiência na área de Botânica, com ênfase em morfologia externa, extração e purificação de polissacarídeos sulfatados de vegetais marinhos e dulcícolas, avaliação de atividades biológicas *in vitro* e *in vivo*, desenvolvimento e avaliação de nano e microssistemas e suas aplicações biotecnológicas e farmacêuticas. Possui experiência com formação de professores nas áreas de ciências da Natureza e Ciências Exatas. Desempenhou atividades como coordenador do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Projetos Especiais e Pesquisa no IFESP. Participou do GT de Formação do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED). Foi pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa Profissão Docente: Formação, Saberes e Práticas (GEPPESP) da Universidade de Brasília (UNB) e do Grupo de Pesquisa Ciência, Tecnologia e Formação Docente (IFESP). Participou de projetos financiados pelos CNPq e CAPES. Destaque para atuação no projeto/subprojeto de Residência Pedagógica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

http://lattes.cnpq.br/3538940359754089
http://orcid.org/0000-0003-2617-7261



Profª. Dra. Sayonara Fernandes da Silva



Doutora em Educação (2020) e Mestre em Educação (2015) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN na linha de pesquisa: Educação, Comunicação, Linguagens e Movimento. Membro do grupo de pesquisa Ensino de Leitura e Literatura-GPELL/UFRN-CNPq e do Grupo de Pesquisa Linguagens, Diversidade e Autoformação-GPLIDA/IFESP-CNPq, pesquisando os seguintes temas: políticas públicas de leitura com ênfase no PNBE/PNLD; alfabetização e letramento nas séries iniciais; a competência recepcional do leitor de narrativas por imagens, ilustração do livro para infância; literatura infantil; mediação de leitura, literatura negra e a formação do leitor na Educação Infantil. É Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Potiguar UNP (2003) e em Educação Infantil pelo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy-IFESP (2010). Realizou Estágio Doutoral na Universidad Complutense de Madrid com estudos sobre leitura e escrita criativa na Facultad de Educación do Centro de Formación del Profesorado - UCM (2018). Possui licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (1997), e em Pedagogia - Licenciatura Plena pela Universidade Vale do Acaraú - CE (2012). Experiência profissional docente com ênfase em Linguística, Leitura, Redação, Produção de texto e Literaturas e na área da Educação Infantil. Professora Formadora do Instituto de Ensino Superior Presidente Kennedy - IFESP/ SEEC/ RN. Professora e Assessora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação/Natal/RN, Formadora do Curso Cenas de Leitura.

http://lattes.cnpq.br/0453523519779680
http://orcid.org/0000 0002 6377 9766



Profª. Ma. Maria Tereza Penha de Araújo Silva



Psicóloga há mais de trinta anos e licenciada em Psicologia (UFRN) e professora há mais de quarenta anos por escolha. Mestre em Ciências Sociais (UFRN), especialista em Educação Especial (UFRN) e Psicopedagogia (UNP). Atualmente é professora formadora do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), instituição onde ensina e aprende desde o ano de 2010. Possui experiência nas áreas relacionadas à escuta e aconselhamento terapêutico, docência no ensino superior e orientação de memoriais de formação acadêmica. Estudiosa da espiritualidade enquanto atributo da personalidade de cada sujeito, amante da natureza, da música e da poesia, fruto da junção sertão e mar, origens que a constituíram enquanto ser.

http://lattes.cnpq.br/8214176336397507



Profª. Ma. Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral



Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB); Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Potiguar (UNP); especialista em Gestão Ambiental Urbana pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na atualidade é Professora Formadora no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) atuando na formação docente nos cursos de pedagogia, matemática e como coordenadora do curso de especialização em educação ambiental. Líder do Grupo de Pesquisa Formação Docente: ciência, linguagens e tecnologias da mesma instituição. Membro do Grupo de estudos e pesquisa profissão docente: formação, saberes e práticas (GEPPESP) pela Universidade de Brasília e do grupo de pesquisa da UFRN: Formação e profissionalização docente junto a Rede Tisse: Territórios Inteligentes e Sustentáveis no âmbito Social e Educativo. Participou da equipe de gestão que desenvolveu atividades de redação e formação para a implementação da Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil e ensino Fundamental - ProBNCC no Estado do Rio Grande do Norte em parceria com o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação e Cultura do Estado - SEEC- RN.

http://lattes.cnpq.br/2231355321077098
https://orcid.org/0000-0002-7904-7041



EDITORA AMPLAMENTE

ISBN: 978-6-58992-894-2

9 786589 928942